A GIOCONDA

Os srs. Luis Cavenaghi, Conrado Ricci e Poggi, examinando o celebre quadro. na occasião em que foi pela Italia restituido á França.

PROPRIETARIO
Joaquim Antonio Pereira Villela.
DIRECTOR
Dr. Francisco de Sousa Gomes Velloso.
EDITOR
Antonio José de Carvalho.
ADMINISTRADOR
Clemente de Campos A. Peixoto.

Illustração Catholica
Revista litteraria semanal de informação graphica
Redacção, administração e typographia
83, R. dos Martyres da Republica, 91
BRAGA

CONDIÇÕES D'ASSIGNATURA
(PAGAMENTO ADEANTADO)
Portugal e colonias (1 anno) . . 2$400
» » (6 mezes) . 1$200
» » (3 mezes) . 600
Sendo a cobrança feita pelo correio, accresce o importe das despezas.
Estrangeiro (1 anno) . . . . . . 3$000
» (6 mezes) . . . . . 1$500
Numero avulso 60

Numero 27 Braga, 4 de janeiro de 1914 **Anno I**

ILLUSTRAÇÃO CATHOLICA

Revista litteraria semanal de informação graphica

CHRISTUS VINCIT. CHRISTUS REGNAT. CHRISTUS IMPERAT.

Proprietario, Joaquim A. Pereira Villela. Director, Dr. F. de Sousa Gomes Velloso

EDITOR Antonio José de Carvalho. ADMINISTRADOR Clemente de Campos A. Peixoto.

Braga, 4 de janeiro de 1914 | REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E TYPOGRAPHIA *83, R. dos Martyres da Republica, 91* (Antiga R. da Rainha—Braga) | Numero 27—Anno I

Adoração dos Reis Magos

(Quadro de M. de Vos—1592)

Chronica da semana

XXV

DEBRUÇADOS sobre o mysterio, os homens interrogam-no, procurando arrancar-lhe o segredo do novo anno. E a soturnidade do mysterio apenas faz gerar no seu espirito o receio de novos males, e balouçar-lhes a alma inquieta na redouça das incertezas presagas...

No emtanto, os kalendaristas tomam o cusio barato de versejar em rima pauperrima os seus *juizos do anno,* que vêm afinal a ser desmentidos por um anno... sem juizo!

Anno novo! Todos desejam uma novidade feliz, escassamente expressa e vaticinada nas iniciaes *B. A.* que subscrevem os cartões de visita!... Anno novo!... Quem o poderá adivinhar?

Entrajada nos ouropeis de modernas formulas, a fatalidade, a consciente previsão das tristezas, traceja macabramente nas frontes humanas uma verruga de tedio, a accrescentar a tantas outras! Andam os moços cogitando prematuramente o seu futuro, como anciãos discutindo o destino dos seus. Os adultos param a meio da encosta e a si mesmo inquirem:—valerá a pena continuar a marcha?...

Os velhos volvem da terra para o céo o olhar puido de tanto vêr...

Hoje, como hontem, o fanatismo, o horror do destino ignorado, continua a ser o farcista de mau gosto, o fantasista temivel que brinca e ludibria os nossos raciocinios e presentimentos, mal defendidos.

«Este *Deus ex-machina* do paganismo cria singulares contrastes entre as ficções e as paisagens. O mais bello recanto do mundo vê a eclosão das mais hediondas concepções — escrevia Emilio de Saint-Auban. A limpidez do ar banha as façanhas do homem. Soes d'apotheose illuminam innumeraveis crimes. Brisas perfumadas acariciam assassinatos. O pavor expande-se na magia das puras radiações. As almas são simultaneamente nocturnas e luminosas. O azul sorri a obras-primas dramaticas, cujas peripecias semelham pesadêlos d'um *Grand Guignol* magnificado pelo genio.»

Eis o que era o Anankê da mithologia antiga: eis com pouca alteração, o Anankê de hoje,—um e outro, obscuros, atrozes e illogicos, pondo em desbarato as sensibilidades normaes.

Comparêmo-los, porém, á Providencla, ao destino pagão baptisado, como alguem lhe chamou! E o mysterio dilue-se como as névoas matinaes ante o cantico forte do sol que vem despontando, para fazer apparecer, e depôr o seu poder ante a esperança.

No destino christão não ha a taciturnidade dos desesperos, nem se ouve o cruel ranger de dentes dos condemnados á morte. Ha uma santa resignação, feita de amor e de graça!

A Providencia é a vontade do Pae que está nos céos, que nos dá o pão quotidiano e perdoa as nossas offensas. O *estava escripto* do propheta de Allah,—que vale elle contra o sublime ensinamento christão que João de Deus traduziu: *espera, vive e crê?...*

Povo de folgares descuidosos, entitulam o nosso; e todavia, quanta desillusão lhe entorva o coração, e não palpita e modula o som dos seus cantares!

Quem canta, seus males espanta, diz elle, n'um amargo sorriso de desenganado e inditoso.

E' assim a nossa raça: — agora no limiar do anno que começa, é capaz de trovar n'um *fado* as desditas do que morreu, como um crepusculo de treva ameaçante, e ir depois á egreja da freguezia rogar a Deus por melhores dias...

Ella tambem, carece de quem lhe insufle uma jovialidade sadia, uma esperança consoladora e beneficente, tal como a por ella possuida nas horas supremas da sua prestigiosa existencia antiga, quando a eminencia d'um grande perigo, imprimindo-lhe á alma um violento abalo, fazia reflorir as qualidades ancestraes e heroicas!

A crença na Providencia divina presidiu aos seus gloriosos feitos. A morbida indolencia de decrepitos adoradores da fatalidade irremediavel, arrastou-o ao patibulo das suas grandes desgraças.

Restituamos a alegria, o reconforto christão á alma popular e armá-la-hemos com o mais forte broquel contra a desesperação e o luto, a adversidade e a morte! Acceitemos as provações da vida com a serenidade de quem aguarda o premio subido dos seus esforços, porque só a ideia christã valorisa e engrinalda o trabalho honrado.

«*Soyez gais*»—recommendava o humorismo de Capus. Sejamos alegres, sim, mas da alegria dos soldados bisonhos que antes da batalha decisiva, cantam as suaves canções da sua terra, brunindo o aço percuciente das espadas vingadoras!

Sejamos alegres, sim, mas da alegria sã dos nossos camponezes, quando nas tardes estivaes regressam das suas fainas cantando, e em meio dos seus canticos, ouvindo as badaladas do *Angelus,* suspendem a voz... para rezar!...

Anno novo! E' preciso dar a estas duas palavras um sentido christão.

Debruçados sobre o mysterio, os homens interroga-lo-hão, procurando arrancar-lhe o seu segredo. Mas a soturnidade do mysterio já não fará gerar no seu espirito o receio de novos temores, nem balouçar-lhes a alma inquieta na redouça das tristezas presagas...

F. V.

Deve-se fazer grande caso de um livro, que foi bastante para adquirir uma grande reputação ao seu auctor; e do auctor, que soube adquiril-a com um só livro.

O Cardeal portuguez

D. JOSÉ SEBASTIÃO NETTO

Nasceu em Lagos, a 8 de fevereiro de 1841, estudando no Seminario de Faro; ordenado em 1865 foi pouco depois nomeado coadjuctor em Boliqueime; parocho em 1873, renunciou em 1875 para entrar na Ordem dos Franciscanos. Preconizado bispo d'Angola e Congo em 27 de setembro de 1879, foi promovido patriarcha de Lisboa em 26 d'abril de 1883, sendo creado no Consistorio de 24 de março de 1884, por S. S. Leão XIII, Cardeal presbytero dos SS. XII Apostolos; é agora decano d'essa ordem e o mais antigo dos Cardeaes. Renunciou o patriarchado em 1908, vivendo agora em conventos da sua ordem, em Hespanha

FIGURAS DA BEIRA

XIII

Antonio Augusto da Fonseca Aragão

I

FILHO adoptivo de Lamego, Antonio Aragão foi para a velha cidade de Echa Martim um dos mais verdadeiros e ardentes, um dos mais prestimosos amigos. Ninguem lhe desconhece, nas boas terras da Beira, o nome, e raros são alli os lares onde tão bella e pura memoria não tem, ainda hoje, um culto deveras religioso.

E Antonio Aragão nunca teve ambições de destaque. A sua idiosyncracia era fundamentalmente singela e modesta. N'elle tudo era antes retrahimento e abnegação, uma purissima vontade de ser util sem esperar, comtudo a menor, das recompensas.

N'isso parecido adoravelmente com um saudoso filho de Lamego, com Manuel Pinheiro d'Oliveira Chaves, Antonio Aragão viveu para a sua terra adoptiva com uma devoção que chegava a parecer o cumprimento d'um voto sagrado, d'um juramento d'honra.

Nunca lhe dava enfado o pedido mais impertinente d'um lamecense.

Sollicitação de quem quer que fosse, logo que natural de Lamego, ou mesmo só residente de ha poucos annos na cidade das primeiras côrtes, valia para elle uma ordem imperiosa, a designação d'um dever imprescriptivel, superior a todos os deveres habituaes.

E logo Antonio Aragão se afanava todo para satisfazer o pedido, para apoiar a reclamação, para servir em tudo o dilecto amigo que d'elle era qualquer lamecense. Não trabalhava, porém, sequer com o ar afadigado, natural em quem, como elle, tão tomado tinha todo o seu tempo com multiplos que-fazeres: em todas as suas ardentes diligencias transparecia sempre um jubilo tão d'alma, uma satisfação tão enternecida, que os obsequiados, mesmo que nada conseguissem por causa de obstaculos invenciveis, deixavam-no como seus credores perpetuos, penetrado d'um reconhecimento sem par, indelevel, motivo e estimulo do culto lendario que todos os lamecenses rendiam e ainda rendem ao notavel e bondoso cidadão.

Mosteiro de Leça do Balio

Em Lamego passou Antonio Aragão a sua primeira mocidade. Inclinado por indole ás armas, o seu espirito cavalheiresco depressa lhe deu, na vida lamecense, uma linha inconfundivel de brio e valor. Mas, nem nos ademanes nem nas acções, revelou elle nunca a impetuosidade truculenta de tantos pequenos espadachins e rufiões da provincia. Nem com a lingua, arma descomedida, aliás, de tantos e irrequietos agitadores, explosivos ao sabor de todas as circumstancias, propicias ao estridor e ao escandalo, nem com a lingua — dizia eu — teve um só desmando n'um tempo como aquelle, em 1842, tempo de anarchia politica, a incorrigivel anarchia

que vem até hoje, apesar das apparentes victorias da ordem e da pura moralidade.

A juventude escaldada d'aquella epocha não deixou o menor vinco na pura alma de Antonio Aragão. Tinham-no todos sempre ao seu lado em todas as emprezas nobres e fidalgas, em tudo que pedisse altruismo, amor da arte e amor da sciencia, amor da patria e dos principios que ingenuamente julgaram então como infalliveis para o sonhado resurgimento da vida nacional.

Perfeito cavalheiro, com predicados de completo varão, assentou praça quando tinha apenas 17 annos, no glorioso regimento de infantaria 9, e que era commandado então pelo marechal de campo Bernardo Pereira de Gouveia.

Este regimento revoltou-se, dias depois, por manejo do major Freitas, e Aragão encontrou-se, com os mais soldados, e alguns raros officiaes, na velha e historica praça de Almeida.

que pôde esmagar, graças ao poder do triumpho e mais ainda á crueldade facciosa que não faltava áquelle caudilho.

O Natal d'aquelle anno passou-o no triste presidio da fragata *Diana*, surta no Tejo. Vinte e quatro annos antes, na mesma fragata seguira seu pae, um militar heroico, tambem ingenuamente liberal, e acompanhado pela devotada e modelar esposa, para as nossas colonias da Africa, a firmar o dominio do goveruo, tão romantico e empirico, de 1820.

Esta coincidencia—assim chamo agora ao que é dictado pelos designios da Providencia — parece que o pungiu para sempre com uma profunda, embora muito resignada, melancholia.

Os seis mezes de reclusão á tona das aguas vincaram-lhe o rosto e a alma com rugas que ficaram para sempre, principalmente porque, posto em liberdade a 25 de junho de 1847, o despediram ásperamente da vida das armas, tão sua predilecta

Mosteiro de Leça do Balio

(Clichés de J. Azevedo, phot. da «Ill. Cath.»)

desde os annos mais verdes, como se elle fôra indigno de defender a Patria, a dôce e infeliz Patria que julgava servir com a verdade e com a justiça dentro dos ideaes revolucionarios.

E até 1848, anno em que já fazia parte do regimento de infantaria 14, o brioso militar bateu-se varias vezes, com indiscutivel brio, nos frequentes lances que dilaceraram—tão esterilmente! — a vida portugueza até ao anno de 1851.

Revoltado, como todo o 14, pela insurreição do Porto em 1848, foi derrotado com aquelle movimento que mais parecia apenas um capricho da famosa Junta. Alistado nas hostes do conde de Bomfim, foi prisioneiro na rude batalha de Torres Vedras, ganha pelo valor e estrategia do duque de Saldanha, e soffreu então o rigor das masmorras que o barão do Zezere, Joaquim Bento, impoz a todos

JOSÉ AGOSTINHO.

Para que se nos falla tanto dos progressos das luzes e tão pouco dos da felicidade? E' porque é facil persuadir a um louco qne tem espirito, mas não se persuade da mesma sorte a um miseravel que é feliz.

VIDA INTENSA

(PAGINAS D'ALÉM FRONTEIRAS)

A politica, hoje, o noticiario agitado da semana, fertil em decepções, alegrias e incertesas cede reverentemente o logar ás recordações e á saudade.

N'esta noite fria de dezembro, na solidão do meu quarto, — onde vagamente chega o ruido do salão em festa, a alegria clara dos que riem, dos que vivem entre os seus o seu natal feliz, o meu espirito apenas fixa lembranças e amarguras, incapaz d'uma ironia, debil para vincar um commentario, fixar um pormenor tão embebido anda na recorção amarga d'aquelles tempos já distantes, que não voltam mais e que hoje, Deus louvado, piedosamente revivem, approximam-se e vem acompanhar como amigos velhos a minha consoada do desterro.

N'esta hora dôce d'enternecimento e de poesia, em que no canto da minha terra não ha lar onde não cante uma fogueira, coração onde não crepite a chamma viva d'uma saudade, a minha phantasia vae anceada, longinqua, até junto dos meus e volta, vem, caminha, vôa incerta e commovedora, trazer-me a consolação suprema de os ter visto, surprehendido, tacteado tambem, nas suas recordações e nas suas saudades e o espirito volta facil a vibrar e a entrever, muito embora tocado d'aquella tristeza fria que me envolve e nem sei bem se mortifica ou ampára...

POVOA DE VARZIM
Monumento ao Cego do Maio

O achado theatral da Gioconda n'uma alfurja de Florença, os preparativos ruidosos do cortejo inedito que a vae repor no Louvre, a mobilisação d'artista, criticos, escriptores que vão saudar a sua hospedagem d'acaso, no museu «offices», os incidentes que surgem ao derredor do caso, na alegria d'uma nação que vae de novo admirar a mais bella expressão de côr d'um sorriso, fogem-me, dilluem-se n'uma nevoa densa que só a saudade penetra e sabe entender.

A morte de Rampolla, a perda irreparavel d'essa gigantesca figura do catholicismo e da diplomacia, a mais pujante synthese humana da subtileza e do espirito, passa-me quasi despercebida ante este vacuo triste e immenso que eu sinto em volta de mim, n'esta noite commovedora.

E no entanto, o grande Cardeal, como justissimamente lhe chama a imprensa do mundo, é uma das figuras de genio e de largueza moral, que hão-de marcar no futuro, o caracter inconfundivel d'um seculo. Diplomata, mas diplomata pontificio, o que na carreira, é sempre uma qualidade mais, a sua passagem pelas nunciaturas europeias, é um amontoado brilhante de triumphos e de conquistas. O seu nome tem uma reputação mundial, a sua intelligencia, a sua argucia, o seu tacto habil e subtil, a consagração reverente de todos os cerebros, de todos os matizes de politica e de raça. Junto de Leão XIII, o Papa admiravel e sublime da conciliação e da bondade, da politica genial que enraiza em todos os paizes a força da Egreja, o seu papel é unico, a sua obra admiravel tambem. E' debaixo da sua acção de Secretario pontifiio que se consolidam as relações da Egreja, se promulgam as mais sabias leis, se avança admiravelmente até á onda do socialismo, retemperando-a, adaptando-a como força, n'essa Encyclica que é um assombro e que francamente não sei se mais provoca a admiração pelo brilho dos conceitos se pela perspicacia ponderada do fim.

Morto Leão XIII, o seu nome é indicado para o solio papal e chegou a ter no conclave muitos votos. Valia a pena resumir os incidentes d'essa eleição mas o coração foge ainda uma vez, para a tristesa e por mais que queira, a minha alma sombria não póde esquecer que é noite de natal.

Natal! que sublime encanto esta palavra encerra desde

O bicho da sardinha.— «Lernæniscus Sardinæ»
(tamanho natural; obtido por photo-impressão)

Este curioso parasita tem sido observado na pescaria portugueza; não tem perigo algum.

á poesia que lhe cede a tradicção religiosa á poesia da nossa tradicção, poema admiravel e simples onde as estrophes fossem haustos de ternura fundidas em hemistichios de carinho, n'uma brochura bisarra d'emoção, mordida d'um symbolo que fosse um abraço e com uma significação, que fosse afinal, o elo commovedor de sentimento da familia. Noite de tranquilidade, de paz, de visões lendarias na alma simples das creanças, de agri-doces recordações no coração regelado dos velhos! Noite d'alegrias, d'encantos, de surprezas, onde a minha alma como a arvore da tradicção, tem em cada ramo uma saudade, uma recordação, uma amargura, com que eu vou brindar as minhas llusões e as minhas lembranças, que dentro d'ella, hoje se agrupam, egualmente juvenis como aquellas creanças, que a esta mesma hora de tristeza para mim, se agrupam chalreiras e felizes, sob os olhos compadecidos dos paes, ao redor da arvore do Natal, que em cada ramo tem para ellas, uma illusão e um prazer...

Toda a tarde, eu vi as estradas da minha terra coalhadas de bandos alegres de raparigas, saia nova de ramagens, arrecadas brilhando ao sol, cantando, rindo, a caminho dos lares; velhos e novos por veredas e encostas, vindos de longe para junto dos seus; vi a minha aldeia á hora do crepusculo, semeada de casas, fumegando alegres, na meia tinta do entardecer; vi a minha casa, vi os meus, o meu logar vasio, mas senti-me alli, vi-me no meio dos meus livros, dos meus amigos e das minhas flôres, o velho preguiceiro coberto d'adamascada toalha, e sobre ella, entre os crystaes e as flores, nas largas travessas azues, os mexidos, as rabanadas minhotas, as mil guloseimas do Natal, a olharem-me compadecidas e boas...

E' por isso, que eu adoro esta noite sublime, que fazendo-me soffrer mais do que as outras, me acerca mais tambem de tudo aquillo que eu amo e choro, cá longe, no isolamento do meu exilio, que n'esta amargura intensa, que só sabem sentir, aquelles que o amor por uma ideia, a fé n'um principio, empurram para longe de tudo e collocam n'a situação cruel de banidos.

Natal, Natal, devo-te hoje horas desesperadas, mas devo-te tambem a delicia unica de me ter appoximado dos meus, de ter deixado o espirito vaguear pela minha terra e ir até junto d'aquelles que amo e que hoje me lembrarão entre lagrimas, que eu sinto, que eu guardo dentro do coração. E só, tristemente só no isolamento do meu quarto, eu lembro tambem amigos, e desconhecidos, que no isolamento das prisões, na tristeza do exilio, hão-de sentir, como eu, esta amargura, esta saudade, hão-de experimentar este prazer cruel das lembranças idas, das recordações, — as suas casas, os seus paes, as suas noivas, as suas mulheres, os seus filhos, com as mesmas lagrimas, a mesma mortal anciedade, que eu agora choro e sinto, n'esta noite de tristeza e de poesia.

Para elles a minha saudade; e se o acaso permittir que estas linhas lhe vão parar ao alcance dos olhos humidos ainda das lagrimas choradas, que elles saibam, que n'esta noite, alguem que como elles soffre, anceia e lembra, com elles consoou feliz quasi, entre recordações e saudades os olhos da alma voltados para todos os martyres da mesma ideia, o espirito vagueando dentro d'essa patria querida que por tanto amar, tanto lhe sacrificou já...

José de Faria Machado.

POVOA DE VARZIM—Capella de S. Roque. Rua da Junqueira

PONTE DA BARCA—Ponte sobre o rio Lima

Dois lacedemonios, Buris e Sperts, instados por um dos capitães do rei da Persia e por sua ordem, para ficarem ahi, onde receberiam o mais vantajoso tractamento, responderam: Parece-nos que tu não sabes o que é a liberdade, porque quem sabe o que ella é, estando em seu juizo, não a trocaria pelo reino mesmo da Persia.

BRAGA == Collegio de S. Thomaz d'Aquino

Na capital do Minho e mòrmente depois do desapparecimento do Collegio do Espirito Santo, é esta a casa de educação e ensino que de maiores creditos gosa, continuando a merecer plena confiança de todas as familias que teem filhos a educar. E bem merece essas preferencias aquelle modelar estabelecimento d'instrucção que tem á sua frente um director zelosissimo, pedagogo de alto valor, verdadeiro pae espiritual dos seus alumnos a quem proporciona um ensino em harmonia com os mais modernos processos e programmas em vigor, e uma educação completa, sob o ponto de vista physico, intellectual e moral.

BRAGA—Frontespicio do Collegio de S. Thomaz d'Aquino

Para o auxiliar n'esta obra de bemfazer, porque o nosso prezado amigo rev. Peixoto Braga, apenas cuida de dar á nossa juventude uma orientação segura, equilibrada e uma instrucção cuidada e racional, que não dos seus interesses materiaes, dispõe elle de preciosos e dedicados collaboradores. escolhidos dentre os professores mais distinctos da cidade de Braga.

E para se provar que assim é, basta attender aos magnificos resultados finaes que todos os annos aquelle collegio colhe nos diversos cursos alli professados: instrucção primaria, curso lyceal, curso commercial, etc,

A alimentação, a hygiene, os jogos e recreios considerados como distração do espirito e avigoramento physico, portanto os diversos «sports» infan-

Grupo de alumnos internos do Collegio de S. Thomaz d'Aquino

tis, o vestuario, a] educação litteraria e artistica, tudo emfim que urge ensinar aos nossos jovens, para os transformar, ámanhã, em homens validos e conscientes, merece especiaes cuidados ao director d'este collegio, que por isso recommendamos instantemente a todas as familias do norte do paiz.

BRAGA—Collegio de S. Thomaz d'Aquino. Alumnos, da divisão dos grandes, em recreio

Bilhetes Postaes

I

A Gioconda

Paris, 17 de dezembro de 1913.

O operario italiano Peruggia teve o condão de desannuviar, por momentos, a pezada athmosphera internacional. Em Italia a questão politica que se debatia vivamente nas camaras foi completamente abandonada pelo publico e os socialistas que se preparavam para um violento obstrucionismo veem-se desajudados da opinião do povo.

As relações entre a França e a Italia que os jornalistas dos dois paizes se empenhavam em embrulhar, cordealizam-se com a apparição da «Gioconda» a celebre téla de Vinci, roubada do Louvre em agosto de 1911.

O ministro da França na Italia tem sido alvo das maiores attenções do governo italiano, n'este

BRAGA—Collegio de S. Thomaz d'Aquino. Os alumnos em gymnastica sueca

caso celebre da «Monna Vanna» e os jornaes italianos vêm n'estes ultimos dias cheios de amabilidade e elogiosas referencias aos francezes.

Com effeito a apparição da «Gioconda» tem fóros de acontecimento artistico mundial.

Um jornal allemão diz mesmo que foi «um bom presente de Natal feito á Europa.»

O celebre quadro continúa em exposição no museu «Offices» em Florença onde milhares e milhares da pessoas o teem visitado.

Claro que está guardado... e bem guardado.

D'ahi seguirá para Roma onde será feita a sua entrega, na Villa Médicis, aos delegados do governo francez que o acompanharão até Paris.

e assim o ministro da Belgica nos Estados-Unidos offereceu um premio de 20.000 francos para quem o encontrasse ou denunciasse.

Mas neste meio tempo, a alguns kilometros apenas de Bruges um policia que por acaso vigiava um bando de ciganos tem a fortuna de, no momento em que um dos carros que os acompanhava se voltou, num solavanco da estrada, vêr rolar a seus pés um rolo de tela que os bohemios a todo custo pretenderam esconder. Era nem mais nem menos que o quadro roubado. O quadro de Rosenthal, «L'Elaine» foi roubado um pouco antes do precedente, pelo chefe d'um bando de ladrões internacionaes, John Curran, que, numa noite, o surripiou de

BRAGA—Collegio de S. Thomaz d'Aquino. Um aspecto dos exercicios gymnasticos

Aqui todos os jornaes trazem, diariamente, columnas cheias de noticias referentes ao roubo, nas vitrines das livrarias não se vê senão a reproducção do celebre quadro e nos *boulevards* os *camelots* apregoam, estridulamente, folhetos em que se festeja «o regresso de Monna Lisa ao seio do seu bom povo de Paris.» Não é a primeira vez que um quadro celebre foi roubado.

Ha seis annos o famoso quadro de Van Dyck «A Elevação da Cruz» foi roubado em circumstancias extraordinarias da egreja de Nossa Senhora, em Bruges, na noite de 6 de dezembro de 1907. A policia pensou ao principio — como tambem agora na occasião do roubo da «Gioconda» — que o ladrão tinha enviado a tela para a America do Norte onde os amadores de pintura são muitos... e millionarios;

uma exposição em S. Francisco da California, onde a sua proprietaria o tinha exposto. Mas o bandido era tambem amador d'arte e resolveu por sua vez mostrar a preciosidade aos seus amigos e foi precisamente no momento em que todos os malandrins o admiravam que a policia o apanhou e os apanhou. A «Magdalena» de Murillo que fora roubada por Adam Warth foi por este dada pouco antes da sua morte, a um amigo que a entregeu.

«A Virgem Mãe» de Corregio foi descoberta em casa do bandido marroquino El Raisuli, por denuncia do propio individuo que a tinha roubado.

«A Venus e o espelho» de Velasquez foi encontrada, ha sete annos, por um antiquario n'uma casa em Londres, depois de ter estado ignorada nas

mãos dos seus possuidores durante cento e oitenta e seis annos.

Agora a «Gioconda» apenas se conservou exilada pouco mais de dois annos. Creio bem que quando de novo voltar ao seu antigo logar, uma romaria de admiradores e curiosos invadirá o Louvre e desfilará, religiosamente, perante o seu «sorriso impenetravel».

JOÃO DA ROCHA PARIS.

Reliquia maravilhosa

Á Ex.ma Snr.a D. Maria de Noronha de Portugal e Menezes

DIAS, mezes, longos annos hão decorrido, e jamais poderemos esquecer o espanto que o nosso cerebro extasiado recebeu n'uma visita à camara das reliquias no Vaticano. Foi no anno de 1908, em Roma, e reinava já nos corações de tantos milhões de fieis o insigne Pio X que tão suave impressão deixa a todos que d'Elle se aproximam. Obtivemos a graça rarissima da nossa entrada n'esse sanctuario unico no mundo. Era a terceira vez que visitavamos a Cidade Eterna, a cidade maravilhosa que reune á grandeza do passado a belleza do presente. Tudo nos fascina alli onde tantos heroes e martyres do Christianismo deixaram impressa em monumentos immorredouros a sua historia que a edade dos tempos nunca envelhece, qual phenix que renasce das suas proprias cinzas, a cidade dos Cezares, dos Pontifices que tão fundos traços deixaram da sua grandeza, olha-nos vaidosa do seu esplendor. Tantas commoções já tinhamos sentido nas differentes visitas á capital do mundo catholico, onde estão reunidas as principaes reliquias da Palestina, que Santa Helena, a piedosa mãe de Constantino Magno d'alli trouxera; mas em nenhum dos sanctuarios do mundo que tinhamos visitado, nem ao beijar a pedra da Uncção onde o Crucificado fôra ungido e amortalhado no sudario, nem junto do tumulo do Redemptor, nem na doce crypta de Belem onde Jesus nasceu para nos salvar, tivemos impressão semelhante á que sentimos quando o venerando sacristão-Bispo abriu as portas do Sanctuario e nos fez ajoelhar e orar; os nossos labios emmudeceram e todo o nosso ser estremeceu... Deante de nós appareceu Jesus Nazareno que com os seus formosos cabellos annelados caindo-lhe sobre os hombros e os olhos avelludados côr d'avelã com uma expressão de indefinivel doçura nos fitava com tristeza e nós, com a alma ajoelhada de compunção O contemplavamos maravilhada, tremula d'amor. O mundo passaria com todo o seu brilho e feitiço que d'elle não mais nos lembrariamos se a voz cavernosa do Bispo nonagenario nos não chamasse á triste reali-

BRAGA—Collegio de S. Thomaz d'Aquino. Outro aspecto dos exercicios gymnasticos

(Clichés de João Jorge Guimarães.)

dade, o céo fechava-se e a terra reabria-se... O veneravel sacristão-Bispo, (tal era a maravilha da reliquia santa que só ao Bispo competia ser o guardião d'aquelle admiravel sanctuario) olhou-nos com ternura e levando-nos para a sua camara contou-nos com voz tremula a historia que procuraremos escrever.

que o Cordeiro Immaculado tanto amara, e Jesus tudo deixara, a paz do seu lar, a doce Galileia com o lago côr de saphira, onde em noites calmas as ondas Lhe embalaram a Infancia, e tudo, tudo, Jesus largava para ir cumprir a Sua missão.

E lá vae Elle curar os leprosos, resuscitar os mortos, dar vista aos cegos e só com um olhar, uma

BRAGA—Direcção da Associação Catholica,
que promoveu na egreja dos Terceiros, juntamente com as outras associações congeneres d'esta cidade, a grandiosa festa do dia 8 de dezembro em honra da Immaculada Conceição

Quando a impiedade fazia gemer a terra debaixo dos seus grilhões de ferro, surgia a figura resplandecente do Messias para a destruir sem espada nem lança.

Os Magos tinham levado a feliz nova para terras longinquas e a estrella refulgente que os conduzira a Belem a adorarem o Deus Infante, luzia já nos corações da humanidade soffredora. A victoria vinha breve, mas oh, porque preço!

As sombras iam rareando e o horizonte ao longe resplandecia côr d'oiro, era a esperança que rompia as trevas pois Elle já lá vinha das terras onde as palmeiras se erguem sobre os prados matisados de lirios

ANCORA—Estação do caminho de ferro
(Cliché do dist. photographo snr. Felix Cruz).

palavra benefica dos seus labios mais doces que o mel da Lybia. Jerusalem veste-se de galas para receber o seu rei, arcos triumphaes adornam os seus porticos de marmore, palmas e flores cobrem as ruas da cidade de David. Os hossanahs retumbam, a natureza brilha d'alegria, o astro-rei resplandece com mais ardor. Os echos formidaveis repetem até aos confins da terra, hossanah, hossanah, bemdito o rei d'Israel, que vem em nome do Senhor. Hossanah, paz, gloria ao maîs alto dos Ceos! A terra estremece, a esperança revive os corações mortos e o universo aclama o seu Creador.

Ao longe por entre as ondas humanas que entoam hymnos e cantos triumphaes, avista-se, vindo d'Alem Jordão, um cortejo magnifico e ao passo cadenceado dos dromedarios, percebe-se que vêm de longe. N'esses pacificos filhos do deserto apparecem montados homens de face bronzeada; as riquezas das suas vestes denotam serem emmissarios d'algum grande rei. E' Elle, exclamam, é Elle, que ha longos tempos procuramos.

E com effeito um potentado da India os mandara buscar por toda a parte o Ente extraordinario cuja fama correra o mundo. Leproso, desamparado da medicina só no Rabbi da Galileia tinham esperança. Mas os canticos triumphaes continuam, as flôres e as palmas bordam o caminho por onde o Rei dos reis vae passar, e o cortejo phantastico segue unindo os seus canticos aos da turba judaica, não pára, são torrentes, são ondas que crescem e arrebatam os corações d'um povo cego d'amor por Aquelle que tanto bem lhes fizera, tanto bem lhes ensinara... As ingratidões essas viriam mais tarde...

O Divino Mestre apparece-lhes em toda a majestade, em toda a magnificencia da sua gloria! Mas Jesus lembra-se d'Aquelle que o chama e a quem a lepra rasga as carnes putridas, e esquivando-se á pompa imponente, chama a si os emmissarios do principe enfermo que ao vêl-o junto d'elles se rojam a seus divinos pés pedindo-Lhe que O deixem levar no palanquim d'oiro resplandecente de pedrarias, para curar seu amo o mais poderoso rei do Oriente, que Lhe abrirá os

AÇORES—Bahia de Angra do Heroismo

AÇORES—Manto. (Costumes da Ilha Terceira)

seus thesouros e O fará assentar no seu throno. Jesus olha para o Calvario, que as sombras da noite vão roxeando e onde morte affrontosa O espera, vê o calix doloroso da amargura, Gethsemani regado com o suor do seu sangue, a Via dolorosa do seu cruciante martyrio, a corôa d'espinhos cravando-se na sua formosa cabeça, a triste pompa da turba ullulante que o vae acompanhar ao Golgotha, maltratando-O, insultando-O, o açoite que lhe vae rasgar o seu corpo exangue; não, não póde ir curar o pobre leproso, não tem tempo de voltar para morrer na Cruz infamante. A colera de Seu Eterno Pae jà não espera mais; ficará, mas, hade enviar ao misero infermo talisman precioso que o ha de sarar. Desenrolando dos seus formosos cabellos um tecido mais alvo que as neves do Hermon toca-o no Seu divino rosto e oh, milagre! n'elle apparece estampada com as côres vivas do natural, a vera effigie do Salvador com toda a formosa expressão do Seu Semblante, que não tem egual. Os emissarios prostram-se de joelhos e beijam as sandalias do Rei dos judeus, olhando tristes para o palanquim d'oiro resplandecente de pedrarias que volta solitario para terras longinquas, e nos seus coxins de brocado collocam o maravilhoso talisman que vae curar o seu amo e senhor.

Elles como outr'ora os Magos, levam a luz fulgurante da esperança, que jamais se apagará da alma humana. E o cortejo luzido com o palanquim d'oiro resplandecente de pedrarias lá vae desapparecendo no silencio do deserto...

A historia maravilhosa chegou até aos cruzados e um dos seus feitos mais gloriosos foi a conquista da reliquia que trouxeram aos pontifices romanos, os quaes a conservam como o mais precioso thesouro da vida terrestre do Salvador. O veneravel Bispo emmudeceu: as lagrimas embargaram-lhe as palavras e nós embebida por aquella voz gemebunda sentiamos a alma chorar de funda magoa por ir deixar este canto esquecido do mundo onde a visão sublime de Jesu-Christo Redemptor nos fez ajoelhar o coração em arrebatamento deslumbrante.

Braga,
1—1—913.

MARIA SALOMÉ.

D. Julia do Valle Barbosa (já fallecida)

Senhora de peregrinas virtudes, cujo primeiro anniversario do seu fallecimento se passou no dia 30 de dezembro ultimo. Era esposa do snr. José Antonio d'Araujo Barbosa, estimado capitalista bracarense.

Não se deve julgar dos homens, como de um quadro ou de uma figura, por uma primeira e rapida vista. Ha um interior, que é necessario penetrar; um coração, que é preciso sondar. O véo da modestia encobre o merecimento, a mascara da hypocrisia encobre a perversidade. Não é senão pouco a pouco, e com o auxilio poderoso do tempo e das occasiões, que o vicio consumado, assim como a virtude perfeita, vem emfim a declarar-se.

SANTO THYRSO—Estatua do Conde de S. Bento

VIANNA DO CASTELLO—Os naufragos da chalupa «Rasoilo»

que na manhã do dia 11 de novembro, depois de se verem dois dias á mercê das ondas, foram salvos pelo vapor "Scawby„ que os conduziu a Newport, d'onde regressaram ha dias a Vianna do Castello. N'esta ultima cidade mandaram cantar uma missa, em acção de graças, á Virgem d'Agonia.

(Cliché do phot. am. sr. Eusebio da Rocha)

Egreja Parochial de Santa Maria de Abbade do Neiva—Apoz um baptisado

(Cliché do phot. am. sr. Francisco Soucasaux)

NOTAS DO ESTRANGEIRO

Em.^{mo} Cardeal Oreglia di Santo Stefano

Este purpurado foi Nuncio em Lisboa e elevado ao Sagrado Collegio por S. S. Pio IX. Foi de muito peso a sua opinião entre os seus collegas e, camarlengo então, desempenhou um papel primacial no conclave que elegeu Pio X. Falleceu santamente em 6 de Dezembro.

Em.^{mo} Cardeal Mariano Rampolla del Tindaro

A 16 de Dezembro falleceu este eminentissimo Cardeal que foi secretario de Estado de S. S. Leão XIII. A sua habilissima diplomacia desagradou á Austria que lhe oppoz o que chamavam *veto*. Foi n'essa occasião que Rampolla exclamou: «Sinto profundamente esse attentado commettido contra a liberdade da Santa Egreja; quanto a mim, nada me seria mais agradavel do que ser objecto d'esse *veto*.» Estas palavras, proferidas em latim correcto e incisivo, calaram bem fundo no coração do Sagrado Collegio que, como protesto contra o *veto*, fez, no seguinte escrutinio, augmentar a votação do Cardeal Rampolla.

MADRID—Muley-Hafid, ex-sultão de Marrocos, no regresso da sua viagem a Meca

ESTUDO

(Simili-gravura de Marques Abreu)

(Quadro de João Augusto Ribeiro)

PROPRIETARIO
Joaquim Antonio Pereira Villela.
DIRECTOR
. Francisco de Sousa Gomes Velloso.
EDITOR
Antonio José de Carvalho.
ADMINISTRADOR
Clemente de Campos A. Peixoto.

Illustração Catholica
Revista litteraria semanal de informação graphica
Redacção, administração e typographia
83, R. dos Martyres da Republica, 91
BRAGA

CONDIÇÕES D'ASSIGNATURA
(PAGAMENTO ADEANTADO)

Portugal e colonias (1 anno) . .	2$400
» » (6 mezes) .	1$200
» » (3 mezes) .	600
Sendo a cobrança feita pelo correio, accresce o importe das despezas.	
Estrangeiro (1 anno)	3$000
» (6 mezes)	1$500
Numero avulso	60

Numero 28 Braga, 10 de janeiro de 1914 **Anno 1**

Chronica da semana

XXVIII

VÀ de sujeitarmo-nos á corrente geral da curiosidade indigena e lardear de alguns commentarios o rocambolesco caso policial—que não deixa de ser tambem um caso moral—em que figura como protagonista um tal Homero de Lencastre, visado por nós já n'estas chronicas, quando apoz o logrado movimento revolucionario d'outubro, tentamos determinar as causas das excrecencias de espionagem surgidas no morboso campo da consciencia nacional.

Não desfiemos de novo a consabida narrativa de suas façanhas, dos seus ardis, das suas artimanhas, que atiraram para os carceres da republica com um cheio punhado de cidadãos utilissimos ao paiz, por variados titulos.

Enfrentemos um outro aspecto d'esta questão que, não sendo digna do cantor grego, tem feito tresuar os *reporters* e gastar a tinta das parangonas e das interjeições admirativas.

Em torno, se não no fundo, da discussão que acalora a imprensa politica, monarchica ou republicana, debate-se uma outra que é afinal a razão de ser da primeira.—Homero de Lencastre tem justificação para os seus actos? A moral commum ou simplesmente a moral, concede-lhe attenuantes, ou verbéra-o implacavelmente?

Perante uma pergunta d'esta ordem, recua a segundo ou terceiro plano o pormenor do jantar offerecido pelo snr. presidente do ministerio ao agente policial, e aquell'outro dos elogios que lhe foram dirigidos no parlamento pelo snr. dr. Alexandre Braga e nos orgãos officiosos da imprensa, pelos jornalistas do governo.

Não se trata de deslocar um problema, mas de descer á sua essencia.

Antes e depois da fuga de Homero de Lencastre para a Galliza, aquelles que successivamente o aproveitaram e estão aproveitando *como instrumento*, cifraram mais ou menos a defesa do agente-espião n'uma subalternisação da sua vontade aos designios da policia secreta do regimen, e consequentemente na acceitação d'uma formula que é commummente e refalsadamente attribuida á Companhia de Jesus:—os fins justificam os meios.

A policia valendo-se da leiloada consciencia do agente, e manejando-o como um traidor, não póde ser culpada.

Quantas vezes não paga ella a gatunos para descobrir e capturar quadrilhas de industriosos cavalheiros?... Homero, acceite este argumento, operou como uma total desresponsabilidade, e attentos os recursos da astucia humana, tambem não pode ser injuriado nem accusado.

Ao lado da moral verdadeira, indefectivel e rigorosa, existe, no entender d'aquelles raciocinadores, — uma moral policial. O corpo de investigação policial tem um fim. Não deve olhar a meios, sob qualquer regimen em que trabalhe.

Embora com muito de paradoxo, esta opinião offerece a Homero de Lencastre attenuantes tão ponderosas que foram por este invocadas como fundamento de um pedido de perdão emittido nas suas declarações tão graves perante um notario gallego.

Será assim?

Em primeiro logar semelhante theoria estabelece uma injustiça flagrante: um individuo é ou não traidor, é ou não uma consciencia aviltada, consoante trabalha a favor d'esta ou d'aquella parcialidade. D'esta sorte, não é difficil explicar o facto verificado de os republicanos o titularem defensor do regimen, o que é muitissimo honroso para a familia, e logo depois o apodarem de cynico farçante, a soldo da reacção, o que por certo lhe tirará o somno...

Em segundo logar, ensinar, orientar o corpo de segurança publica no culto dos fins e no desprezo da escolha dos meios, é torna-lo par d'aquelles a quem persegue, no respeitante a sentimentos. Ao mal não é licito responder com o mal. A astucia humana, as audacias humanas, teem seu limite. A segurança publica não reclama que a defendam *a outrance*, sem escrupulos de honestidade. Entre ella e o crime, que a perturba e fere, ha um fosso intransponivel e insupprimivel. Eis o que de um modo geral, é o dictamen da moral social.

Quando, porém, o crime ou o delicto deixa de assumir o caracter commum e reveste a feição politica, como nos casos presentes, então muito menos é admissivel que se utilise a venalidade d'alguem com o fim de o combater. Um traidor é sempre um traidor. Mas uma conspiração de revolucionarios politicos, aprestando-se a realisar, a alcançar pela força das armas o triumpho das suas ideias e convicções, não é de modo nenhum a mesma coisa que um concerto de quadrilheiros combinando o assalto d'um cofre e o assassinato do seu possuidor.

Os regimens fortalecidos não descem a taes processos de comparação: aguardam a hora do embate e jogam as forças com que contam. A arte do revolucionario não é descansar a certeza da victoria na palavra, no compromisso de alguem, mas adunar os elementos, adestra-los, preparando-se para uma guerra sem quartel e decisiva.

N'estas condições, nós julgamos que Homero de Lencastre arrasta comsigo na mesma condemnação de vergonha e de opprobrio, todos aquelles que se aproveitaram das traficancias do seu caracter retorcido.

Perante a moral, o caso Homero é um crime. Não lhe concede ella attenuantes; aggrava-o, verbera-o implacavelmente. Não differença o mandado do mandante, envolve a ambos no mesmo veredictum, pertençam elles a qualquer dos partidarismos politicos que dividam o pensamento nacional.

... Ha dias no parlamento francez, Jean Dupuys exclamou, dirigindo-se á sinistra figura de Caillaux:—*Je denonce le desordre:* eu denuncio a desordem. Recordamos esta phrase e approximamo-la do caso Homero. E' que elle tambem revela uma desordem, a peor de todas as desordens, a desordem moral que flagella a nação portugueza!...

F. V.

E' preciso que o mal da pena exceda o ganho do delicto; porque o ganho ou o interesse é a força que impelle os homens ao crime, e a pena é a força empregada para d'elle os desviar. Se a primeira d'estas forças fôr maior, o delicto se commetterá; se a segunda o fôr, elle deixará de se commetter. Ao contrario o mal da pena não deve exceder o mal do delicto. Se o exceder, comprar-se-ha a isenção de um mal, por outro ainda maior.

Os nossos Bispos

D. Sebastião Leite de Vasconcellos

(Venerando Bispo de Beja)

Nasceu no Porto em 3 de maio de 1859 e em 19 de dezembro de 1907 foi eleito Bispo de Beja

O que chorava

(NOVELLA)

O sol de junho envolve por toda a parte nos seus raios d'ouro pallido o ouro escuro das searas. Ouve-se, cada vez mais confuso, o zumbir do mosquêdo nos carvalhos; nas varzeas flavescentes, onde as hastes vergam ao peso das espigas, continuam os grilos, como em sonho que se desvanece, a eterna monotonia do seu canto...

O ar vibra, tudo parece adormecer... apenas se ouve murmurar o regato que passa embalando os juncos...

Já fica longe a aldeia, mas a villa não se vê ainda; porque ficam distantes—mais d'uma légua! —e com aquelle ceo de fogo e o ar abafado, é muito, é tanto para perninhas tão pequenas!

E depois, se soubessem como ella vae, a pequenita, áquelle recado, com o coração em ancias! Deixou a mãe doente em casa, oh, tão doente, com aquella maldicta febre que lhe põe olheiras, lhe cerra as palpebras, lhe agita os nervos e lhe escalda o sangue ha oito dias!

Precisamente, o telegramma é para avisar o pae, que anda por longe, e é isso o que mais a tortura.

Partiu ha tres annos. Ha tres annos que ninguem tornou a ver na aldeia o pobre tio Ambrosio: para desterrar a miseria, desterrou-se elle! Acabado o seu trabalho de pedreiro, encontrou ainda tra-

VOUZELLA—Inauguração do caminho de ferro
O comboio passando na ponte e o povo esperando na estação.
(Cliché do phot. am. J. M. Batalha)

Meu Deus, que calor e que estrada tão comprida! A sua fita branca parece atar-se, lá ao longe, nos prados, como serpente que se enrosca...

Nem viv'alma! Nem um pastor atraz dos bois! Nem uma pastorinha vigiando o gado na pastagem!

E lá vae a Miguelinha, por aquelle calor, que torna a campina silenciosa e deserta, tragando pó, a passos miudinhos e apressados.

Vae correndo, da sua aldeia de Aiquillage, onde o fumo parece um sopro azulado por cima dos arvoredos, levar um telegramma a Mas d'Aval, correndo, correndo...

balho em Paris; a esperança de comprar, com o que ganhasse, em voltando á terra, algumas leiras de trigo, foi-o por lá retendo n'aquelle exilio, adiando o regresso cada inverno para o verão e cada verão para o inverno seguinte.

Entretanto lá anda, tão longe, para além do horizonte envolvido em brumas doiradas, que Miguelinha, trotando, contempla na sua frente. Não sabe que a mãe está de cama, talvez com a sua ultima doença, e que é preciso voltar, e depressa! Se ella tiver de morrer, tenha elle tempo, ao menos, de a abraçar pela ultima vez.

Quando partiu era Miguelinha muito pequeni-

LIVRAÇÃO — Sanctuario de Nossa Senhora da Livração e egreja parochial da freguezia de Toutosa

(Cliché do phot. am. snr. A. Santos)

dos e desgarrados pela angustia que a pequena, não o reconhecendo, tivera medo e não se deixara sequer beijar, a mázinha...

Depois, Miguelinha cresceu. Ahi a temos já com os seus sete annos e um coração consciente. E' já uma mulherzinha a quem a tristeza do lar, onde era tão grande o vácuo deixado pelo ausente, anticipara a madurez.

Com o seu espirito, já reflexivo, adivinhou todo o drama horrivel e doloroso que se passa em casa. Por isso corre o mais que póde, oh, como ella corre, de cabeça baixa, a suar, vermelha, esbofada, pela estrada da villa, poeirenta, á torreira do sol...

—Onde vaes tu a correr, pequena?

Ora! Que te importa a ti, Linon, velha mendiga!; mais curiosa que interessada? Bebe sombra, ao pé desse arbusto, almoçando a tua côdea, e dei-

LIVRAÇÃO—Interior da egreja parochial na festa do Sagrado Coração de Jesus

na, mas lembrava-se muito bem da manhã em que, ao alvorecer se ouviu a voz rude do companheiro d'elle que o chamou ao passar:

—Eh, tio Ambrosio!

O pae suspendeu na ponta d'um varapau um lenço de xadrez em que atara alguns farrapos, pô-lo ao hombro e gritou:

—Lá vou.

Fóra, o companheiro assobiava como um melro. Despediram-se o pae e a mãe com um longo abraço, silencioso e entrecortado por soluços. Depois, elle aproximou-se do leito onde dormia Miguelinha: chorava sem receio, julgando-a dormida, e tinha o rosto tão descomposto, os olhos tão fun-

xa correr a pequena! Ella tambem, muito sensata, apenas olhou para traz, disse duas palavras, e seguiu.

Ainda um quarto de legua! Que estrada tão comprida!... Parece que não acaba... Vae, volta, alarga-se, estreita-se, parece parar entre os prados em flôres...

Tudo respira aromas; é de crer que sim. O sol absorve e esparge o cheiro estonteante do feno. Mas o que sobretudo ha é calor, que faz rebentar os botões da giesta... E demais, não se trata hoje de uma *gazeta* pelos campos... Miguelinha vae apoquentada... tem pressa...

Finalmente, lá reluzem os telhados de ardosia

da villa, brincando entre a folhagem verde os seus reflexos azulados... Lá desponta, sobranceira a todos, a agulha do campanario... Lá andam á roda as andorinhas, em volteios endiabrados, marcando quadrilhas sobre quadrilhas, e soltando a cada reviravolta um piosinho penetrante...

Só faltam duzentos passos,... cem,... cincoenta... Na primeira volta á esquerda é a estalagem, «*Ao bom vinho*» cujo macisso de junipero parece mariposear ao sol; depois, a casa do tabellião, com o seu portão alto, cinzento e as taboletas douradas; mais além as casinhas do alquilador, do carteiro, do pregoeiro... Mais além ainda, a da tia Benedicta, parecendo inclinar-se para a rua em oração... Finalmente, ao lado, a do correio, muito fresca, com a sua porta envidraçada, cortinas de renda, geranios flammantes á janella e os fios do telegrapho, e as chavenas isoladoras de porcelana, e o letreiro: letras brancas sobre fundo azul...

Até que emfim chegou Miguelinha! Tintrintintin!

Miguelinha entrou tão depressa que a campainha, atada a um fio de aço, bimbalhou como doida. A' sua voz penetrante acordou em sobresalto toda a casa, desde a menina Angelina, que dormia sobre um registo aberto, até á Grisette, a gata, que amezendada no sofá, muito quieta, parecia um novello de lã, e aos canarios, que dormiam a sesta na gaiola, com o ventre apoiado sobre as patinhas e o bico escondido na plumagem...

—Menina Angelina, um telegramma...

—E's tu que o trazes, Miguelinha? Para quem?

—Para avisar o meu pae de que a mãe está muito, muito mal.

—Que dizes, Miguelinha? Então é certo?

—Ai, é certo, é, menina!... E não se esqueça de pôr que venha depressa... percebe?... que venha já... não ha tempo...

E emquanto a pequena desafóga em lagrimas a sua angustia, a menina Angelina, deante d'ella, á mêsa do *guichet*, redige o telegramma com uma penna que se ouve raspar.

Depois ouve-se o crá... crácrácrá... crácrá do telegrapho, transmittindo ao longe a noticia, e que, com o seu ruido quasi sinistro como um crocito, rompe o silencio da sala.

Assim que Angelina deixou o botão de osso e cessou o craquejar do apparelho, Miguelinha atirou á pressa o dinheiro, agradeceu e sahiu correndo... E lá foi, temendo, a cada passo, encontrar a mãe já com as mãos frias e os olhos fechados...

* * *

No dia seguinte, quando o sol se escondia detrás das nuvens avermelhadas, estava a pequena apascentando a sua cabrinha no campo... Então! Era preciso...

Não tinham que lhe dar, pobre animalzinho, e a cabra, coitadita, deante da manjedoura vazia ha dois dias, balia que dava pena. Bastante soffreu! Dois dias sem comer! Por isso: meée... meée... meée...—chamava do fundo do estábulo, com um

LIVRAÇÃO—Grupo de creanças da freguezia de Toutosa,
que ultimamente receberam com toda a solemnidade a Primeira Communhão. Ao centro o rev. abbade da freguezia.

(Cliché do phot. am. snr. Eduardo H. de Faria).

balido queixoso em que ás vezes havia cólera.

Tinha razão para agitar a barba e ameaçar com os chavelhos a quem chegava... Por estar doente a dona, era justo que ella jejuasse? Não tinha jeito nenhum que assim se esquecessem d'ella...

E os seus olhos meigos tornavam-se maus; vibrava golpes tão sonoros e fortes na manjedoura, que até parecia, santo Deus! que se queria matar... Já era tempo de que alguem tratasse d'ella, ou derramava-se, pobre animal...

Então Miguelinha, que gostava d'ella, da sua cabrinha, pegou na corda e levou-a ao campo... Farta de boa herva, deixará dormir melhor a doente esta noite, se a doença o permittir. Porque a doença abrandou. E' certo que a mãe de Miguelinha ainda tem a testa a escaldar, a pelle humida, os olhos brilhantes, d'um brilho ficticio, e a respiração muito afanosa, mas ainda assim nota-se que vae indo melhor. E alguma melhorazinha, já é muito, quando se espera.

Já se respira em casa um ar menos triste e pesado. Além d'isso o pae deve ter recebido o telegramma; vem já, talvez, a caminho...

O pasto é perto de casa; a cabra, empinada para a sebe, de paus no ar e barba ao vento, vae derriçando nos rebentos novos e nas amoras.

A pequena, ao pé, de corda na mão, contempla com um olhar vago e sonhador a faminta que se farta e vae acariciando o sonho que lhe enche o coração: a mãe vae melhorando... vae sarar...

Passa um homem, de fato pardo, com um embrulho atado n'um guardanapo. Parece cansado. Traz as botas cheias de pó e tropeça em cada pedra.

APULIA—Entrada da praia

Descobriu elle, não longe da aldeia aonde se dirige, cujos colmados se destacam, na descida para o valle, entre a folhagem verde e viçosa dos castanheiros, a pequenita que guarda a cabra, á beira da estrada, á sombra do vallado.

E como traz o coração inquieto, pára e pergunta-lhe apressado:

—Olha lá, pequena: tu és da aldeia de Aiguillade? Conheces a Miguelinha? Sim,uma rapariguita da tua edade, que tem o pae longe? Como está a mãe d'ella?

Sem esperar as primeiras respostas, faz-lhe perguntas sobre perguntas, até que parou, com o coração aos pulos, depois da ultima, a unica importante para elle!

Miguelinha, atonita, fitou-o um instante sem responder. Quem é aquelle homem que se interessa pela sorte da sua pobre mãe e que parece trazer tambem tanta angustia nos olhos?

Aquelle nariz fino... aquelles zigomos salientes... aquellas faces cavadas... aquelle bigode pontiagudo e já grisalho... aquelle aspecto de marinheiro que parece vir de tão longe, tão cansado de levantar pó por tantas estradas... Não, nada d'isso falla á Miguelinha... E' sem duvida forasteiro... a não ser que seja algum amigo do pae, companheiro na mesma officina, de volta talvez, a alguma das aldeias dos arredores, e a quem o pae terá pedido que lhe levasse noticias...

Mas então o pae não vinha?

APULIA—Apanha do sargaço

E temendo que não, a pequena começou a tremer e cravou no desconhecido os seus dois grandes olhos arrasados de lagrimas.

Mas não proferiu palavra, e o caminheiro, que a observa, vendo como tarda em responder e que a sua figurinha, em annos de alegria, parece tão atribulada, começou tambem a temer...

—Morreu!... Morreu!

E gemeu alto, com o coração angustiado, emquanto o seu olhar, um olhar demorado e supplicante, implora de Miguelinha uma resposta.

E a pequena recebe aquelle olhar e cada vez se convence mais: a pobre chamma semi-apagada que bruxoleia no fundo d'aquellas pupilas afogadas em pranto, despertou de repente na alma de Miguelinha toda a recordação da partida de tres annos antes, quando o pae desappareceu n'uma manhã de abril...

Sim, é aquelle mesmo rosto, escalavrado pela dôr... a mesma attitude de abandono, de miseria, de desconforto infinito... Sim, são as mesmas lágrimas, nos mesmos olhos...

— Oh, papá — exclamou.

E num arranque de alegria e emoção, atirou-se impetuosamente aos braços do caminheiro attónito, exprimindo-lhe n'um grito toda a sua esperança:

— Oh, papá... E's tu...! A mamá está salva!

E a pequenina chora e ri... porque não duvida já: é elle, sim, é elle, é o pae!

As lagrimas que seus beijos limpam fizeram-lhe por fim reconhecer, no homem que passava, n'aquelle que chorava, — o pae.

JEAN NESMY.

VIDA INTENSA

(PAGINAS D'ALÉM FRONTEIRAS)

UM amigo meu, versado na phantasia dos reportorios, que são todos—quer vestidos pelos andrajos do Borda d'Agua ou pelos velludos hieraticos do Gotha —da mesma humana fallibilidade, o meu amigo afinal, homem culto e vivido, dizia-me ha tempos, espirituoso e solemne, como quem vae ajuizar dos

CIDADELHE—(Mesão Frio). Vista geral

BRAGA—Lyceu Sá de Miranda. Commissão Promotora dos festejos do Primeiro de Dezembro

1 Antonio da Silva Rosa, 2 Luiz Augusto de Novaes e Sousa 3 Antonio Augusto David, 4 João Leitão d'Azevedo e Sousa, 5 Fernando Augusto Moreira, 6 Joaquim Pacheco, 7 Antonio Abel d'Oliveira Araujo Pinto.

destinos d'alguem, que os annos velhos ou novos, são todos eguaes, sempre novos para os velhos e sempre velhos para os novos, afinal.

Ora o meu amigo falhou e a sua sciencia de que tanto blasona, é tão incerta e transitoria, como o juizo das luas do meu velho seringador.

Os annos, são sempre novos; tenho pelo meu lado a chronologia e a tradicção. O meu amigo póde indignar-se, atirar-me cá para baixo, com o seu despreso olympico de propheta, que hei-de ficar na minha, sem hesitar n'uma lettra, sem arredar um commentario, a vêr cabellos brancos onde elle vê mocidade, a vêr decrepitude e fraqueza onde elle vê enthusiasmo ainda. Convenho, que mal despontam no horisonte do tempo, os juvenis 365 dias de nossos futuros tormentos, surjam tão cansados de açular o vosso interesse, de estimular a vossa curiosidade, na sequencia possivel de tudo quanto

COIMBRA—Aspecto da ornamentação da Sé por occasião das exequias do snr. Bispo Conde

nos enthusiasmou e feriu, que tragam já o ar cachetico d'um velho, que vem apenas receber dos braços dos que partem, a herança pesada do futuro.

Assim, talvez, o novo anno não mostre na essencia dos factos, que vão desenrolar-se, novidade alguma mas ha de traze-la fatalmente nas minucias, nas mil circumvagações dos incidentes, que de novo, de positivo, de concreto, o bom 914 será apenas um anno a mais para alguns, um anno a menos para muitos. Mas o inicio d'um anno é sempre um *étape* d'esperança radiosa para aquelles mesmo, a quem a vida corre facil e mansa, sem surpresas possiveis, sem inesperados contratempos.

Que espera por exemplo a França na sua melindrosa situação, de incalculado, de novo? Ella bem sabe que os fados hão-de cumprir-se, que a guerra—o seu pesadello—é quasi um mytho ante os interesses europeus, que a sua emmaranhada existencia politica, ha-de soffrer um duro golpe. No emtanto, o bom Poincaré, fiel á tradicção como todo o pacato burguez, que vae subindo, no meio do seu *reveillon* protocollar (a republica tem d'estas leviandades) espera com anciedade, enthusiasmo, um novo anno facil e correntio, que seja propicio á realisação dos seus desejos.

A Inglaterra, que não póde esperar mais das suas ferozes *suffragettes*, dos seus mineiros revoltados, differentes na ideia, mas unificados no mesmo fim destruidor,—expressão avassalladora de força, que se não domina com o augmento dos quadros navaes ou a eloquencia fria do snr. Asquith, esfrega, maliciosamente, as mãos, contente das mil tranquibernias diplomaticas que o fatidico 913 lhe proporcionou e sorri com esperança, tambem, ao pequenote 914, manhosamente confiada nas suas traquinices.

A Russia, a braços com a questão asiatica—problema grave de raça—desespera, a ver fugir mais uma occasião de resolver o assumpto, contenta-se com o platonismo dos gestos pacificadores e deixa a Austria, sempre velha e manhosa, mexer e remexer da sombra, o rescaldo dos Balkans.

A Allemanha, receia uma nova traquinice do Kronprintz e um novo cheque dos socialistas, um augmento nos seus effectivos já collossaes e algumas dominaveis insurreições nos estados do norte, mas calma e serena, espera tambem que o novo anno lhe seja propicio.

Ovar--Um grande melhoramento

A casa da central geradora da illuminação electrica, ainda em construcção

Os 2 motores verticaes e 4 dynamos geradores da electricidade

A Hespanha lá está *salerosa*, alegre, supersticiosa como uma boa andaluza, a vêr se Dato consegue singrar, se Marrocos lhe rouba mais mil soldados, lhe promove mais cem generaes e se o *bluff* politico dos reformistas, liquida afinal, em qualquer desmando oratorio do caudilho asturiano.

Todos esperam e desesperam, tocados da mesma esperança, ansiosamente voltados para o berço do pequerrucho, a quererem adivinhar-lhe as ideias, tactear-lhe as intenções, com o ar mexeriqueiro das visinhas soalheiras da nossa terra, a remexerem roupas de creança, em dia solemne de baptisado.

OVAR—Pessoal empregado nas installações particulares
De pé: *Joaquim Costa, Eduardo Santos, Aurelio Lourenço dos Santos e Illidio Pinto Ferreira.* Sentados: *Miguel Rodrigues Amor, Manuel Pereira Maia—chefe technico da central geradora—e José Pereira da Costa—fiel.*

(Clichés do dist. phot. sr. Ricardo Ribeiro)

O meu amigo, não tem razão. Um anno novo é sempre uma fimbria d'anciedade, uma paragem deliciosa de consolo. Todos nós, temos ainda a face pagã da superstição, apagada já pelo entendimento e pela fé, mas ainda a pesar no nosso espirito, semelhante ao modo como o instincto actua junto da nossa intelligencia. E esse resto d'agouro, que é sempre uma inferioridade, faz alimentar esperanças e surpresas, ante o inesperado do futuro, remexe a nossa vida, agita-a e transtorna-a com futilidades que não comprehendemos, mas que não sabemos ou não queremos repellir.

E' por isso que ao findar o aziago 913, que o balanço do futuro ha-de serenamente archivar, como quadra movida de guerras, e de convulsões, de catastrophes, de incertezas, de luctas, a nossa alma palpita anciada d'esperança e alegremente sauda o novo anno, que a nossa imaginação quer julgar pacifico e conciliador.

O velho, deixou-nos muita decepção, muita amargura, mas galante, não quiz partir sem nos ter deixado com o seu bilhete de despedida, uma nota alacre da sua originalidade.

Madame de Saint-Point, a propagandista do futurismo, essa louca geração de degenerados, dansou atrevidamente, ha dias, n'um dos palcos do *boulevard* os seus poemas rythmicos. Esta mulher que é poetisa e pintora revolucionaria, inventora d'uma moral propria e de phantasias doentias, lançou agora uma nova excentricidade.

OVAR — Uma paisagem do rio

(Cliché do phot. am. sr. José Anahory Letie)

E' uma dansa, que segundo ella affirma—dá fórma geometrica aos rythmos, synthese d'esthetica, onde a lascivia não entra—o que já é para louvar—e a que ella pittorescamente chama *metachoria*.

A imprensa assignala o successo, reclama o acontecimento, com o mesmo enthusiasmo com que sempre recebe uma excentricidade, venha ella mascarada pela loucura artistica dos futuristas (hei-de um dia fallar-lhes d'estes senhores) ou pela perversidade d'um *apache*.

Um chronista em voga, chama-lhe dansa ideista—eu sei—onde os movimentos são ora rapidos, ora compassados, rythmos plasticos, mansos como o estremecer das pennas, o arfar carinhoso dos velludos, linhas esculpturaes que se baloiçam leves—amalgama artistica de sonho, visão, grandeza, onde se juntassem todos os sentimen-

Conego Amaro Antonio da Gama

Acompanhado de auctoridades civis e militares, assistiu em Lobito á inauguração e como delegado do senhor Bispo de Angola, abençoou solemnemente o inicio de trabalhos, para a construcção da via ferrea da Africa central que agora chegou a 530 kilometros, sendo aberta, em 20 de outubro ultimo, a exploração ao publico até Chinguari.

Despendeu quasi dez contos de réis e restaurou a egreja da cidade de Benguella, parochia do porto de Lobito e da estação principal d'esta linha ferrea.

Com 62 annos de edade e 28 de serviço no ultramar se acha aposentado este illustrado conego.

C. P.

tos, todas as emoções, n'uma reunião bisarra de todas as artes. Chama-lhe tudo isto, chama-lhe até musica cerebral; eu chamar-lhe-hei excentricidade, loucura. O espirito cansado dos francezes recebeu-a como recebe todas as loucuras: com loucura tambem.

O que é certo é que o decrepito 913 deixou no seu ultimo arranco de vida uma nota galante d'excentricidade doentia. E se a bisarria não consola, este fim d'anno deu-nos outra impressão mais sã, mais agradavel, mais compensadora para o espirito na edição luxuosa dos *Annales* onde vem intercallada n'um pequeno caderno-separata, mordido de flôres, as confidencias dos grandes homens de França.

Alli depõe tudo que ha de bom e de conhecido em Paris, — poetas, artistas, politicos, cantoras, actrizes e mundanas, esse esturdio turbilhão que se diverte, pensa e vive, com os seus idolos e os seus escandalos, como se fosse a cadeia galante que ligasse o imbecil de Fouquières á nobresa authentica da senhora Duqueza de Rohan...

N'esse pequeno livro, que eu tenho agora ao lado, ha uma nota consoladora, de supremo conforto para as almas crentes, que no meio de todas as loucuras, de todas as excentricidades, nos penetra o espirito como um raio de sol, acariciador e manso. E' que alli está, evidente, palpavel, a prova flagrante do progresso crescente do espirito religioso na França, a França das revoluções e dos desmandos, das intransigencias demagogicas, que agora bate contricta no peito, a sua culpa e o seu arrependimento.

Com raras excepções, desde a grande Bartet, a *diseuse* adoravel da *Comedie* ao surprehendente Lemaitre, todos affirmam a sua fé religiosa, a sua crença christã, como refugio de suas amarguras, amparo das suas tristezas, força da sua força, chamma viva do seu genio, que os acompanha, resigna e conforta.

A fé religiosa em França, augmenta consideravelmente e a ella se deve já a orientação moderada, a politica conservadora, que é hoje a aspiração da patria e pode ser, será a sua unica salvação.

As *confidencias* publicadas pelos *Annales* são por isso consoladoras e vem dizer—embora pese ao meu amigo—que os annos nem são tão maus como pensa, nem tão eguaes, como aferradamente affirma. Velhos ou novos elles interessam pelo que significam, pelo que representam, pela consolação que nos deixam, pela surpresa consoladora que nos trazem e como aquelle velho capuchinho da Arrabida, que fugido ao mundo e á paz da sua cella, foi soffrer mais, só, entre penhascos e fraguas, a vida christã do sacrificio, olhos postos no passado, a aprender a licção do futuro, nós tambem, n'esta hora incerta balanceamos as alegrias e as tristezas

PORTO -- Exercicios desportivos

PORTO—1.º «team» do Boavista Foot-Ball Club

que partirão, a querer perscrutar a incognita do que ha-de vir.

Todos esperamos mais ou menos anciosos, mais ou menos preoccupados; as familias ao derredor dos mundos, debruçadas para os problemas, unidas pelo mesmo receio, mordidas pela mesma desconfiança.

E Portugal? Espera? No meio da sua desgraça, das suas luctas, da sua incerteza, separado, perseguido, n'um fim d'anno tragico, com centenas de familias em luto, carceres atulhados, filhos homiziados, foragidos, Portugal, o meu querido Portugal, que eu tanto amo, espera tambem, quieto, resignado, triste:—espera, cobardemente, o fim.

JOSÉ DE FARIA MACHADO.

Fastos do Catholicismo

A Colombia christã

Convem recordar aqui o bello exemplo de fé catholica, dado pela florescentissima republica colombiana á Europa do respeito-humano, n'uma eloquente apotheose a Jesus Christo Redemptor.

O texto da lei votada pelo Senado, e por elle mandado gravar em placa de marmore à custa do Erario Publico é sublime, e traduzido em linguagem diz assim:

«Por occasião do primeiro Congresso Nacional Eucharistico que vae realizar-se; em solemne e perpetuo testemunho da fé e sentimentos catholicos do povo; e para impetrar os favores do Alto para a paz definitiva e solido engrandecimento da republica, a nação colombiana, pelos seus representantes, presta homenagem de adoração e reconhecimento a Jesus Christo Redemptor no augusto mysterio da Eucharistia.»

Julieta Adão

A conhecida escriptora franceza cujo nome, deveras notavel no mundo litterario, encima esta notula, acaba de chegar ao termo da sua conversão.

Como todas as intellectualizadas teve as suas jornadas, ou, como agora sóe dizer-se com menospreso da lingua, *ètapes*. De anti-christã que o foi acerrima passou a indifferente; mais tarde abalançou-se a dar manifestas provas de sympathia, ás quaes, disciplinado e illustrado o seu petente espirito, succe deu a a dhesão humilde, tornando a sua intelligencia escrava de Jesus Christo.

PORTO—1.º «team» do Foot-Ball Club

Juliette Adam tem na sua obra de escriptora estudos philosophicos, sociaes, criticos e politicos: a sua conversão foi racionada. Abraçou a verdade, portanto, não conduzida por phantasioso illusionismo de um sentimento, mas por um trabalho puramente intellectual. De posse agora da verdade, que procurou sinceramente, a graça divina fez o resto e assim hoje nos podemos rejubilar com a entrada da escriptora insigne no gremio do catholicismo.

PORTO—Um insucesso n'uma defeza

Echos do centenario Constantiniano.

Foi já erigida em Roma, cerca da ponte Milvia, a basilica que comme-

mora o centenario de Constantino e tem a invocação de Santa Cruz.

Na sua construcção gastaram-se dez mezes.

Semelha a egreja de S. Lourenço pelo estylo architectonico.

No dia da benção houve uma linda procissão na qual tomaram parte os seminaristas de todas as nações que em Roma estudam. Os americanos conduziam uma cruz de bronze, de tres metros de altura que foi fixada no altar-mór durante a missa pontifical celebrada pelo cardeal Cassetta.

R. C.

PORTO—Um aspecto da assistencia

PORTO—Patinagem. Saltando em patins

PORTO—Outro aspecto da assistencia

(Clichés de J. Azevedo, phot. da «Ill. Cath.»)

ARCOS DE VAL-DE-VEZ—Castello dos srs. Marquezes de Ponte do Lima

(Cliché do phot. am. sr. Luiz do Souto)

Vida colonial -- ANGOLA. Lubango

Festa da primeira communhão

Grupo de creanças que receberam a primeira communhão com o seu parocho o missionario rev. Souza

(Cliché do phot. am. sr. Telles Grilo)

S. SEBASTIÃO

Quadro de Guido Reni (Vaticano — Roma)

PROPRIETARIO
Joaquim Antonio Pereira Villela.
DIRECTOR
Dr. Francisco de Sousa Gomes Velloso.
EDITOR
Antonio José de Carvalho.
ADMINISTRADOR
Clemente de Campos A. Peixoto.

Illustração Catholica

Revista litteraria semanal de informação graphica

Redacção, administração e typographia
83, R. dos Martyres da Republica, 91
BRAGA

CONDIÇÕES D'ASSIGNATURA
(PAGAMENTO ADEANTADO)

Portugal e colonias (1 anno) . .	2$400
» » (6 mezes) .	1$200
» » (3 mezes) .	600
Sendo a cobrança feita pelo correio, accresce o importe das despezas.	
Estrangeiro (1 anno)	3$000
» (6 mezes)	1$500
Numero avulso	60

Numero 29 Braga, 17 de janeiro de 1914 **Anno 1**

ILLUSTRAÇÃO CATHOLICA

Revista litteraria semanal de informação graphica

CHRISTUS VINCIT CHRISTUS REGNAT CHRISTUS IMPERAT.

Proprietario, Joaquim A. Pereira Villela. Director, Dr. F. de Sousa Gomes Velloso

EDITOR Antonio José de Carvalho. ADMINISTRADOR Clemente de Campos A. Peixoto.

Braga, 17 de janeiro de 1914 | REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E TYPOGRAPHIA *83, R. dos Martyres da Republica, 91* (Antiga R. da Rainha—Braga) | Numero 29—Anno I

PORTO—Altar-mór da capella de N. Senhora da Graça do Collegio dos Orphãos

(Cliché do dist. phot. am. sr. Augusto Chaim)

Chronica da semana

XXIX

A excitação dos espiritos, procurando concretisar-se n'um gesto ou n'uma phrase, encontrou-os em Zola: no parlamento e na imprensa, todos traduzem o *j'accuse*, desde os deputados da opposição aos advogados e aos jornalistas; todos se arvoram em juizes, sentenciando o mesmo réo —o ministerio.

Este facto que á primeira vista parecerá extraordinario, é simplesmente normal. Accusações se vêm fazendo desde os primeiros dias da Republica, e ninguem olha para ellas. A differença entre aquelles tempos não muito longinquos, e os de hoje, consiste em as accusações haverem sido feitas em voz baixa e hoje haverem encontrado alguem que desassombradamente as proclama.

Os tres ultimos annos da politica portugueza resumem-se afinal n'uma accusação, n'um libello, e esta accusação e este libello é não só produzido pelos vexados, pelos vencidos, pelos jugulados, mas tambem pelos detentores do poder. A acção governativa tem sido accusar. E' accusando que os governos perseguem. E' accusando que tripudiam sobre o texto das leis. E' accusando que abrem excepções para melhor exercicio de violencias. Do campo opposto a tactica é só uma—accusar, sob pretexto de defender.

No fundo a acção de uns conjuga-se á dos outros—e o resultado é identico: a reconstrucção, a reforma, a reorganisação ficam por elaborar, porque accusar é viver as disceptações do soalheiro. Accusar sómente redunda no mesquinho prazer da maledicencia.

Verberar a immoralidade e a indisciplina, é necessario; mas concomitantemente, deve-se-lhes oppôr a honestidade e a disciplina, e estas são, em derradeira analyse, um principio essencial para a bôa ordem d'um povo.

Em Portugal ha, por exemplo, uma tendencia monarchica, mas não ha um programma monarchico, commum, abraçando o interesse nacional, desfazendo todas as dissidencias. E por seu lado existe um partido republicano, embora fragmentado, mas partilhando do mesmo ideal e da mesma educação, que no capitulo de reorganisação do paiz offerece um espectaculo desolador.

Combater *contra alguem* é alguma coisa; combater *por alguem* é tudo.

E' por isto que a indifferença alastrou, o desanimo e a descrença ennoitaram a alma e o espirito dos velhos republicanos, e a enorme corrente da opinião monarchica ainda não poude vibrar, com applauso de todo o paiz, o grande golpe de audacia que lhe entregará de novo o poder.

Fallam aquelles n'uma *outra republica* e não dizem o que ella virá a ser, e estes, n'uma *monarchia nova* que vagamente é definida, á maneira do Wenceslau Banana,—sem não ser a antiga.

J'accuse! E' bom lembrar que o processo Dreyfus, foi o processo infamante da terceira Republica franceza...

F. V.

Além da morte

(Após a leitura do livro «Les dieux ont soif» ...)

Passava então na França um sopro de cratera,
Que o solo estremecia, em convulsões de fera.
Tudo era sangue e dôr: e do alto do vulcão,
Cabeças atirava a atroz revolução.
A historica carreta ajuntou certo dia,
Dois noivos e um amigo, a que a sorte reunia.
Ridente mocidade, a morte se encaminha,
Tentando libertar a pobre da Rainha;
Lirios brancos do val que um beijo do sol doura
E cahem sem salvar, essa cabeça loura!
A rêde de Tinville, infame e traiçoeira,
Tinha enlaçado os tres, sem culpa verdadeira;
E entre a grita do povo, altivos e christãos,
Seguiam a sorrir, entrelaçando as mãos.
Voava uma andorinha: em saudação, de leve
Beijou-os ao passar, com sua azita breve.
Ao longe o sol morria. A viração serena
Lhes trouxe a ciciar, perfumes de verbena.
Tinham chegado á praça. A multidão domina
Alto esqueleto informe: a machina assassina.
Sóbe primeiro o amigo; alegre e jovial
Cahe sorrindo ao algoz, soltando um madrigal!
Por fim chegam os dois. Audaz, bello e ardente
A noiva elle conduz nos braços docemente;
E treme a pobre flôr, bem junta ao coração.
Olhar prezo a olhar, vibrando de paixão.
—Amo-te!... Amo-te!—diz. Vaes morrer minha bella!
Na terra, foste flôr; no céo, serás estrella!...
E na prancha fatal deita-a devagarinho,
Como a mãe conchegando o filho no bercinho...
—Amo-te!—ella então diz... E é findo o seu martyrio;
Tinha descido o disco a ceifar mais um lirio.
—Amei-te!...—elle diz agora... E n'esse ultimo instante,
Presta a linda cabeça á foice scintillante...
Do seu catre d'horror ainda a ama lá fita:
—Amei-te!... Amei... O fim cortou-o aspa maldita...

E a cabeça a rolar, foi n'um supremo almejo,
Depôr na face amada o derradeiro beijo!

1913.

V. CLELIA.

"PARSIFAL"

A 26 de julho de 1882 representava-se no theatro de Beyruth a suprema obra de Ricardo Wagner, *Parsifal*.

A familia do genial compositor oppoz-se a que a opera fôsse representada em outro theatro. Terminou, porém, no dia 31 de desembro de 1913 o prazo de trinta annos que a lei concede aos direitos inviolaveis de propriedade, e no dia 1 d'este mez de janeiro, os theatros lyricos do mundo abriram as suas portas com a sublime e ideal obra wagneriane.

Wagner expirou seis mezes depois da representação da sua opera em Beyruth.

Não cabe n'esta revista uma analyse ainda que succinta da personalidade estranhamente assombrosa do grande musico allemão. De toda a sua obra, *Parsifal* attinge a suprema belleza, o esforço titanico do artista ao realisar emfim o seu ideal.

Foi n'uma noite de primavera, em Zurich, que Wagner se lembrou do heroe das canções do Santo Graal, e este thema artistico saciou por completo o seu desejo, manifestado desde os primeiros compassos da Tetralogia, de pôr em musica a Paixão do Salvador. "N'aquelle momento, escreveu elle mais tarde, eu ouvi esse suspiro da mais profunda piedade que outr'ora se ouviu sobre a Cruz do Golgotha, e que, d'esta vez, se escapou do meu proprio peito."

N'essa mesma noite escreveu elle os versos com que um dos seus heroes, Gurnemanz, explicaria mais tarde como a Redempção é um mysterio de encanto:

"Homem, d'onde vens? De qual
Escuro mundo pagão?!
Que dia é o de hoje? Não sabes?
E' o dia da Redempção!"

Wagner encontrava com effeito no sagrado e augusto mysterio, uma veia inexgottavel de inspiração, de poesia, de sentimento e caridade infinitos!

Embora protestante, Wagner era profundamente religioso e elle soube comprehender a verdade historica que aponta na lenda celtico-bretã do Santo Graal reminiscencias, adulteradas é certo, de personagens, feitos e acontecimentos do christianismo. Assim é que a consagração do Graal rememora a Ceia Eucharistica: Kundry, a joven que serve abnegadamente ao velho Klingsor, que rouba a graça a Amfortas, que pretende seduzir a Parsifal e logo se arrepende e chora, ungindo-lhe os pés com balsamo e enxugando-lh'os com os cabellos, é uma directa allusão a Santa Maria Magdalena.

A lucta travada por Klingsor para resgatar o Sagrado Vaso que os cavalleiros do Graal possuem, e cuja posse só aquelle que resistir á tentação, aquelle que se mantiver no estado de Graça, alcançará,—envolve a ideia mesma da Redempção.

A concepção poetica de Wagner corresponde á grande reacção contra o positivismo. E' por isso que o insuspeito Fierens-Gevaert escreve que «o seu principio superior contribuiu para a renascença do espirito christão.» *Parsifal* é em ultima analyse uma esperança da sua alma, que o pessimismo ennoitara, n'uma ardente e arrebatada renascença mystica!

E é bom recordar que subjugado pela riqueza de sciencia, de poesia, de religiosidade e de inspiração da obra Wagner, o altissimo espirito de catholico que foi Menendez y Pelayo não duvidou chamar a *Parsifal — uma grande epopeia do christianismo!*

Damos a seguir o argumento da opera, traduzido do hespanhol e devido á penna de um illustra critice d'arte:

«Ao subir o panno, cinco escudeiros, um d'elles Gurnemanz, repousam no bosque do castello onde se guarda o Graal, o vaso sagrado em que foi recolhido o sangue de Christo. Dentro em pouco resoam trombetas: annunciam que o Rei Amfordas, filho e successor de Titurel, a quem os anjos entregaram o precioso thesouro, se dirige a um lago, que se vê ao fundo da scena, e onde quotidianamente se banha, para purificar a tremenda ferida que lhe causou o feiticeiro Klingsor, pretendente ao throno que Amfortas occupa. A ferida sempre dolorosa e sangrenta é incuravel.

Foi rasgada com a sagrada lança, a mesma com que Longuinhos feriu o peito e as costas do Salvador, que é guardada tambem no castello de Monsalvato, e que Amfordas seduzido pela formosa Kunduy, faltando ás recommendações de Titurel, deixou roubar.

COIMBRA—Vista geral da cidade

Antes do Rei, chega a seductora Kundry que arrependida traz um balsamo para a chaga da sua victima. Gurnemanz encarrega-se de entregar o balsamo ao Rei, e assim faz quando o soberano, estendido no seu leito, passa pouco depois por aquelle sitio para o banho. Kundry fatigada pela longa caminhada que em busca do balsamo fez, n'um arroubo de piedade que contrasta com o seu caracter perverso, deita-se a descansar sobre uns matagaes do bosque. Os escudeiros querem obriga-la a sahir d'alli mas Gurnemanz defende-a.

Entretanto ouvem-se da banda do lago vozes airadas; um caçador desconhecido feriu um cysne, sagrado como todos os animaes que no bosque vivem. Cahe moribundo o cysne aos pés de Gurnemanz. O caçador, um rapaz ignorante dos prodigios do Santo Graal, é Parsifal.

Gurnemanz interroga-o. O moço, innocente e candido

COIMBRA—Universidade

,COIMBRA—Lapa dos Esteios

só sabe responder o nome de sua mãe, Herzeleida, e dizer que foi creado no bosque.

Kundry reconhece-o: é o filho do cavalleiro Gamuret, morto na Arabia, e de Herzeleida, que ao morrer o seu esposo levou o menino para logar recondito, longe da vida, afim de que jamais pudesse sentir o desejo de aventuras nem a ancia de ser cavalleiro como seu pae. D'esta maneira, Herzeleida julga conservar sempre comsigo o filho adorado.

— Vem commigo, diz Gurnemanz a Parsifal. Se o teu espirito é puro, o Graal será teu alimento.

E' que o escudeiro julgou ver no moço innocente o heroe que, entrevisto em luminosas prophecias por Amfortas, ha-de resgatar a sagrada lança das mãos de Klingsor para curar assim as dores irrefragaveis do Rei. Parsifal não comprehende o que Gurnemanz lhe diz; porém, segue-o atravez do bosque até uma sala ampla de elevadissima cu-

COIMBRA—A' borda do lago da quinta da Portella. Um grupo de academicos

(Clichés do distincto phot. sr. J. M. dos Santos)

Tal proposito, porém, não se realisa. Um dia Parsifal vê no bosque um grupo de cavalleiros que seguem uma pista. Resplandecem nas suas armaduras brilhantissimas, e Parsifal julga achar-se em presença da divindade.

— Sois deuses? — pergunta.

E em seguida, para ser como elles, abandona a Her zeleida, construe um arco e umas flechas e busca aventuras. Com essas flechas, Parsifal, cheio de valor vence os gigantes e os malfeitores. Com uma d'ellas feriu o cysne sagrado.

A narrativa de Kundry termina por dizer a Parsifal que sua mãe, Herzeleida, morreu. Parsifal ao ouvir isto, maltrata a desditosa Kundry e obriga-a a fugir.

O dia vem crescendo. E' a hora em que Amfortas deve officiar, e o Rei, com o seu sequito, regressa do banho.

BRAGA—Bando precatorio promovido pela Associação dos Bombeiros Voluntarios por occasião do Natal em beneficio dos tuberculosos

pula. Veem-se duas mezas de marmore e sobre ellas os calices que hão-de conter o sangue do Salvador. Por uma porta, ao fundo, entram os cavalleiros, cantando mysticas

Ricardo Wagner, celebre compositor allemão, auctor da opera «Parsifal»

orações, envoltos em seus mantos. Lá dentro resoam vozes mais juvenis; do alto da cupula desce o echo de vozes infantis. E' solemne o momento. Dois meninos depõem sobre um altar de marmore a caixa de oiro que guarda o Santo Graal.

Momentos antes, os creados de Amfortas transportaram o seu senhor n'uma liteira e deitaram-o sobre um leito. Faz-se um silencio solemnissimo. E subito irrompe a voz de Titurel que sahe de um nicho occulto na penumbra:

— Officia, meu filho, diz. Deixa-me ver, mais uma vez, antes de morrer, o divino Graal.

Amfortas resiste supplicante. A' vista do Graal, mais terrivel se torna a sua dôr, a dôr da culpa, que lhe inflamma a ferida: porém, a voz de seu pae, cada vez mais imperiosa, obriga-o, e por fim, levanta-se em silencio e segura a sagrada taça. Entretanto, da cupula desce, em torrente de harmonias, a phrase prophetica:

— Espera o innocente, o puro, que illumina a luz da piedade! . . .

Na taça, o sangue resplandece arroxeado e exhala mysteriosos perfumes. As vozes célicas repetem as palavras sacramentaes:

— *Tomae, este é o meu corpo. Bebei, este é o meu sangue.*

Amfortas eleva o calix; a voz de Titurel dá graças ao Senhor.

Depois, a taça é guardada: de novo a luz decresce. Os calices estão cheios de vinho e cada cavalleiro tem junto do seu um pão alvissimo. Sentam-se todos e o sagrado festim da Eucharistia começa.

Parsifal permanece em extase . . . Os ais de Amfortas, cuja ferida ainda brota sangue, fazem-no estremecer e levar a mão ao coração, dorido de immensa piedade. Terminada a ceia os cavalleiros sahem com Amfortas levando a taça.

MARCO DE CANAVEZES — Edificio da camara municipal

Parsifal fica sósinho.

— Comprehendeste? — pergunta-lhe Gurnemanz; e perante o silencio do moço, grita-lhes: «Vae-te d'aqui e não voltes a caçar no bosque!» e fa-lo sahir.

Entretanto das alturas desce de novo a prophecia: «Espera o innocente, o puro...»

E assim termina o primeiro acto.

O segundo desenrola-se nos dominios do feiticeiro Klingsor. Este procura, ajudado por Kundry, a quem o seu preverso instincto leva a trabalhar pelo mal, a perdição dos cavalleiros do Graal. Kundry, obedecendo a um esconjura de Klingsor, apresenta-se com resplendores fatidicos. Klingsor recommenda-lhe a seducção de Parsifal, que, perdida a sua pureza, já não poderá ser o salvador de Amfortas, porque não resgatará a lança sagrada. Kundry nega-se a obedecer. N'este momento entra Parsifal no jardim. Luctou com Parsifal a recordação das torturas de Amfortas reaccende-lhe a piedade. O heroe leva de novo a mão ao coração, dorido de compaixão. Tem a intuição do seu destino sublime e repelle a Kundry, em cujo peito germinou repentinamente uma paixão ardentissima pelo mancebo.

Kundry furiosa por se ver regeitada, chama em seu auxilio a Klingsor e o mago apparece na muralha brandindo a sagrada lança que arroja de subito contra Parsifal. O ferro, porém, não fére o heroe que o esperou impassivel; fica suspenso sobre elle. Parsifal segura a lança, traça com ella o signal da cruz e diz a Klingsor:

— Está resgatada a lança! Com este signal vencerei teus esconjuros.

O jardim e o castello desabam. Klingsor desapparece com elles: ficam em scena Parsifal erguido, e Kundry, que cahe, aterrada, a seus pés.

MARCO DE CANAVEZES — O snr. Rocha Pinto, administrador do concelho, á janella do seu gabinete. Fóra do edificio veem-se alguns proprietarios do Marco e varios empregados da camara

os guardas que lhe impediam a entrada e venceu-os forçando-os a fugir. Klingsor, que desejava a sua presença, conta regosijado os incidentes da lucta. Quando Parsifal entra, a escura torre, cheia de cabalisticos ornamentos, em que o feiticeiro trabalha, desaba estrepitosamente. As mulheres-flores despertam ao ouvirem o estrepito e invadem a scena curiosamente. Vêem Parsifal, sabem que elle feriu os seus guardas e increpam-no; o moço responde-lhes amavelmente, e logo ellas mudam de attitude: tratam de seduzi-lo. Parsifal repelle-as e escapa ao maleficio. Procura fugir, mas uma voz que lembra a de sua mãe, retem-no alli por mais tempo. Aquella que fallara, porém, não era Herzeleida, era Kundry, disposta a cumprir as ordens do mago. Manda retirar as mulheres-flores e fica sósinho eom Parsifal, para seduzi-lo. Começa a lucta entre as trevas e a luz. No espirito de

— Se queres redimir-te, já sabes onde está a redempção!

No terceiro acto, a acção volve de novo aos dominios do Graal. O bosque e os jardins teem um aspecto primaveril, esplendido. Amanhece. Gurnemanz, velho e triste, contempla o bello espectaculo da Natureza. Ouve-se um gemido: é Kundry, que desmaiada pelos ultimos frios, desperta, annunciando-lhe que já chegou a primavera, o seu calor suave e benefico. Gurnemanz interroga-a e Kundry responde-lhe com monosyllabos e com pausados gestos, que contrastam com a sua braveza anterior.

Um sombrio guerreiro entra em scena. Negra armadura o cobre, e a viseira do seu elmo occulta-lhe o rosto. Nas mãos sustenta uma lança e anda solemnemente. E' Parsifal.

—Não quer saudar-me? pergunta-lhe com affectuosa doçura o escudeiro.

— Não sabes que hoje é Sexta-feira Santa? Depõe as tuas armas e resa A'quelle que deu o seu proprio sangue para nos redimir!...

Então, o heroe crava a lança na terra, despoja do elmo a sua cabeça e ora em silencio, de joelhos, ante a reliquia. Gurnemanz comprehende por fim: o cavalleiro é Parsifal, e aquella é a lança, a divina lança, resgatada por suas mãos puras. Parsifal, acabada a oração, saúda-o.

— Para onde vaes? pergunta o escudeiro.

— Vou procurar aquelle homem que vi soffrer, para levar-lhe a saude!

Gurnemanz explica-lhe então. Funda tristeza domina os cavalleiros e escudeiros, privados do alimento divino da Eucharistia. A taça encerrada, já não pode rebrilhar com seus fulgores ante os avidos olhares dos seus guardas. Amfortas chama pela morte, e como sabe que ella ha-de chegar, privando-se do excelso alimento do pão e do vinho, nega-se a officiar. Titurel morreu. As almas desfallecem. Sobre os esplendores do recinto sagrado correm brumas de profunda tristeza.

— E tudo isto porque tu não soubeste comprehender a missão a que o ceu te destinava!... Parsifal, emocionado, desfallece: Kundry e Gurnemanz levam-no até a um manancial e tiram-lhe a couraça e as sandalias: Kundry lava e unge-lhe os pés, renovando o milagre da salvação pelo amor de Magdalena: enxuga-os com os proprios cabellos e prostra-se deante d'elles: então Parsifal estende a ampulla que encerra o oleo a Gurnemanz, para que unja tambem a sua fronte, como Rei soberano do Graal: assim fez o escudeiro, exclamando: «Cumpra-se a prophecia!»

Já Rei, Parsifal toma agua na sua mão, humedece os cabellos de Kundry, e beija-a com ternura ao ver que ella chora cheia de doce emoção. Gurnemanz conduz Parsifal á sala em que se verificou o milagre. Aquelle logar variou de aspecto: está escuro, silencioso, sem mesas nem calices. Entra solemnemente um prestito funebre: é Titurel, morto, privado da divina graça, que chega sobre o funebre athaude, seguido pelos tristes cavalleiros. Outro cortejo acompanha Amfortas e o Santo Graal, encerrado n'uma caixa: ambos se cruzam perguntando os do segundo ao primeiro:

— Que levaes com tanta dôr?...

Ao que responderem os outros, Amfortas, preso de remorsos, soluça e supplica a seu pae que rogue ao Senhor o fim dos seus soffrimentos: anceia a morte, e para a alcançar privou seu pae da vida. Os cavalleiros pedem de novo a Amfortas que seja descoberto o Graal, porém aquelle, com terrivel dôr, rasga os seus vestidos, dilacera a sua sangrenta chaga, e diz-lhes:

Officiar nunca! Deixae-me morrer!

Parsifal, occulto até agora entre os cavalleiros, avança para o Rei, toca com a lança na ferida, e exclama:

— Só a lança que abriu a tua chaga a pode fechar!

MARCO DE CANAVEZES—Mirante da quinta do snr. A. Araujo Freitas

MARCO DE CANAVEZES—Cruzeiro junto da residencia parochial

Entretanto, Amfortas, transportado de suprema felicidade, desfallece no braços de Gurnemanz; e o novo Rei sóbe os degraus do altar em seguro passo, e ordena:

— Mostrae o Santo Graal!

A taça divina surge de novo: de novo se inflamma de mystico resplendor, levando força e ventura ao animo dos cavalleiros: Parsifal prostra-se, arrebatado n'um extasis sublime, emquanto dos céos, entre um raio de luz branca, desce mansamente uma pomba que vem poisar deante d'elle . . .

MARCO DE CANAVEZES—Sahindo da egreja parochial de Rio de Gallinhas, apoz um baptisado

(Clichés do distincto phot. am. snr. Maximiano Dias Carvalho)

COIMBRA—Grupo de presos politicos actualmente na Penitenciaria, que não pediram o indulto em 1913

Em pé: José Gonçalves da Conceição, Manuel Bernardes, P. Antonio Vieira, Manuel Antonio Santos de Carvalho, dr. Armando Cordeiro Ramos, P. Avelino Simões de Figueiredo, P. Joaquim Ferreira Maneta, Francisco Antonio Ferreira, Manuel Teixeira da Cunha, Antonio d'Oliveira Leite Reis, Carlos Marinho de Queiroz, Pedro Gonçalves, Antonio da Silva, Bernardino da Cunha. *Sentados:* Adriano Bernardes, Manuel Nogueira Jordão, P. Abel da Conceição e Silva, Antonio Miguel, D. Vasco Antonio da Camara (Belmonte), Alfredo Augusto Samuel Santos, Antonio Monteiro Borges d'Araujo, Arthur de Vasconcellos de Veiga Faria, P. Antonio Martins d'Oliveira, e Eugenio Tavares d'Almeida e Sousa.

VIDA INTENSA

(PAGINAS D'ALÉM FRONTEIRAS)

AGRADAVEL leitora: Vou responder ao seu bilhete anonymo, mais para condescender com a sua gentileza immerecida, que por transigir com a cerrada logica feminil, das suas accusações.

Queria então politica? Qualquer nota velada, qualquer insinuação ao estado do meu paiz?...

—E com certo criterio, que me faz advinhar, debaixo da gentileza feminina do seu anonymato a critica rude d'um homem de bom senso affirma, que a nossa terra, tão preoccupada no presente, pelas desgraças proprias, não quer saber das alegrias ou das tristezas alheias.

Tem e não tem razão. A politica portugueza, que no actual momento tem um unico aspecto a considerar, não está, a meu ver, na indole d'esta revista e menos está, francamente, na minha propria indole. Desconheço a transigencia e enveredando pelo caminho que me aponta, teria de transigir. A situação é grave e para conjurar o perigo, não se pode, não se deve, platonicamente divagar nas chronicas d'uma illustração, mas ir abertamente ao fim, pela conferencia, pelo *meeting*, pelo jornal. Aqui, é que não pode ser. Já vê que tendo razão, foi injusta commigo.

Eu confesso-lhe, sou contrario a que as senhoras intervenham na politica mas quero reconhecer-lhes o direito de o fazerem. A minha amiga—deixe-me chamar-lhe assim—poderia entreter o seu tempo, nas mil futilidades agradaveis, em que as mulheres d'hoje se entretêm, tanto mais que é solteira, como diz, e não tem os deveres sagrados do lar. Mas não quer e faz bem. Sou eu quem lh'o digo, eu, que não concordo com a mulher na politica mas que entendo que no instante actual, é uma vergonha, é um crime, essa esturdia alegre em que se envolvem todas as suas amigas, de norte a sul, arrastadas na mesma farandola de divertimentos, alheias ao perigo que ameaça, esquecendo quasi, que no exilio, nas prisões, todas, todas, tem alguma pessoa querida, algum noivo, algum amigo ao menos.

Estas, sim, que nem mesmo agora têm o direito de pensar em politica. Poderiam dançar mais ainda—perdoe-me a franqueza, mas não patinarem tanto no *skeating* da nossa terra, usurpado a uma Ordem que tantos serviços prestou á sua patria e muito menos, honrarem-se com o epitheto de canastras.

Ser canastra, leitora, não é sómente exhibir nos vestidos o azul e branco sagrado da bandeira ou usar irreligiosamente como *bentinhos*, o retrato do

PORTO—Vista da cidade do alto do Paço Episcopal ╳ onde se encontram os presos politicos

(Cliché do dist. phot. am. sr. Augusto Chaim)

seu Rei e andar por todas as festanças a transigir com tudo, a parar por medo, aos primeiros accordes da marcha demagogica e pensar depois em intransigencias politicas, vir até forçar—em nome d'esse direito—o meu dever profissional de chronista do extrangeiro. Não; todas o fazem, dirá... Nem todas, direi eu, porque entre as mulheres portuguezas, algumas ha, que na elegancia moral dos seus actos, souberam affirmar a elegancia moral d'uma raça. Ha senhoras como D. Julia de Brito e Cunha, D. Constança Telles da Gama, D. Anna Pinheiro de Mello (Arnoso), que são admiraveis symbolos de grandeza e de piedade, da alma de nossa terra.

PORTO—Grupo de alumnos da Tutoria de Infancia

Ninguem as pode egualar, porque não se attinge com facilidade tanta abnegação, tanto desassombro, mas podem, devem, ser imitadas, seguidas, na sua obra piedosa.

No dia em que a minha leitora—que já tem a qualidade de não ser como as outras—o fizer, eu terei o prazer, de lhe reconhecer a qualidade honrosa de *canastrinha* com que assigna o seu postal. Por agora, perdão, causa-me a mesma viva pena, que sempre me provocam as pessoas que não sabem cumprir o seu dever, seja por fraqueza como a anonyma gentil, seja por leviandade como aquellas pobres ludibriadas *misses* pela celebre agencia de Chicago.

O «New York Herald» conta pittorescamente o escandalo provocado ha dias por uma agencia americana, que se fartou de ludibriar dezenas de *yankees snobs*, que alli iam procurar noivos aristocratas.

A agencia de Mr. Fulkant, que agora está a contas com a policia, encarregava-se de arranjar titulos de nobreza aos clientes da sua agencia matrimonial. Qualquer aventureiro, que se entregasse nas mãos do habil agente, a tanto por dollar por avô, arranjava estirpe nobiliarchica como se fôra um Montmorency e via com gosto, o seu nome burguez, entroncar no costado d'oiro d'alguma linha do «Gotha». Titulos, mercês, passado, historias e aventuras, tudo emfim, que bem cabe nos ramos heraldicos d'uma arvore, alli se forjava de momento, para habilitar o feliz possuidor de tanta nobreza, ao coração e ao dote d'alguma exotica millionaria.

PORTO—Os alumnos da Tutoria de Infancia fazendo gymnastica

(Clichés de J. Azevedo, phot. da «Ill. Cath».)

Mas a policia teve que intervir. Um dos favorecidos de Mr. Fulkant, recusou pagar a avultada somma exigida pelo seu titulo (tratava-se d'um duque)—e o caso depois d'uma *étape* ousada pelos tribunaes, foi parar ás mãos da policia.

Esta agencia tem afinal o valor da novidade. Havia-as para tudo em Paris, com todos os fins, com todos os processos, mas o exotismo americano vem bater ousadamente o *record*. E a proposito d'agencias, vou contar-

lhe um incidente picaresco, ouvido algures e moldado tambem, na burla d'uma agencia.

Um dia, um bordelez, ousado, forte, vivendo tranquillo nas suas terras a existencia feliz d'um agricultor, ouviu d'um amigo moribundo, a confissão vaga d'umas minas de cobre no Egypto. Dotado d'uma certa viveza d'espirito e d'uma desmedida ambição, o bordelez, morto o amigo e liquidados os haveres que generosamente lhe deixára, vendeu as suas terras, a casa onde vivera feliz e lançou-se na aventura. O professor da terra, dera-lhe vagas informações, procurara inicia-lo nos

PORTO -Festa infantil no Palacio de Crystal

PORTO—As creanças cantando em orpheon

PORTO—Aspecto do palco onde as creanças cantaram sob a direcção do distincto professor snr. Alfredo Borges

segredos dos grandes negocios e á despedida, com um ultimo abraço animador, deu-lhe uma carta de recommendação para um amigo de Paris que—dizia orgulhosamente—lhe abriria as portas da alta finança! O nosso homem partiu, sem uma hesitação, sem uma saudade pela vida tranquilla que abandonava e animado da resolução cega, que impulsiona os inconscientes, lançou-se na lucta.

Em Paris logo soffreu as mais duras decepções. A carta do professor abrira-lhe, apenas, as portas d'um merceeiro d'um bairro afastado, que approvou tambem o negocio, mas que logo o aconselhou, interessado, a collocar o dinheiro na sua casa, que estava prospera e onde produziria mais que todos os cobres imaginarios do Egypto. O bordelez recusou e lá foi bater todos os cantos de Paris, á procura de banqueiros para a sua empreza. Desanimou. Levava um mez correndo por todos os lados, sem o menor resultado e chegou a duvidar do negocio.

— Nada, — dizia — o negocio é bom, é magnifico... o que me falta é auctoridade para o impor; reputação commercial; ninguem me conhece — e lá foi para novas correrias.

Uma tarde o acaso, fe-lo passar por uma ruella escusa de bairro pobre e por cima das portas estreitas d'um casebre, descobriu, em lettras d'ouro desbotado, o nome pomposo de: *«Agencia Internacional d'Informaçoes»* com a rubrica solemne: «fazem-se e desfazem-se reputações, garantem-se pessoas»... Estacou, leu novamente, e com uma alegria intraduzivel, bateu satisfeito na testa e entrou resolutamente no pateo escuro. Subiu um pequeno lanço d'escadas e encontrou-se n'um cubiculo estreito, cortado por um mostrador carunchoso, jubilosamente recebido por um velho alegre, embrulhado n'um roupão de ramagens, que solemne o convidava a passos por uma porta pequena, encimada pelos luxuosos dizeres: «Gabinete do Director». Alli, o bom bordelez, contou, confiado, toda a sua historia, forneceu todos os esclarecimentos, divulgou todos os projectos e obteve do velhote,—em troca de uma nota de mil francos,—a promessa de que 24 horas depois, lhe forneceria os documentos necessarios á sua apresentação nas grandes casas de Paris.

PORTO—Orchestra que tomou parte no festival

No dia seguinte, correu á agencia onde recebeu um grande enveloppe lacrado e, louco d'alegria, sem se despedir, abalou para a rua. N'essa tarde, o acaso ou a impertinencia com que variadas vezes entrara no Banco, fizeram com que um banqueiro o attendesse. Expoz o seu negocio, — attribuindo a sorte inesperada á agencia admiravel — e quasi no fim da conversa, que ia longe, com visivel enfado do interlocutor, desabotuou-se, tirou theatralmente do interior do casaco o enveloppe mysterioso.

— «Aqui tem — affirmou—

PORTO—Grupo das creanças que tomaram parte no concurso de belleza

PORTO — Aspecto da nave central do Palacio

as provas de quem sou e a garantia do exito — e esperou altivo pela resposta. O banqueiro quebrou os lacres, leu á pressa a preciosa documentação, que logo devolveu assegurando entre pasmado e trocista :

—Mas isto não vale nada ; é a copia afinal do que o senhor me disse . . . Não ha uma garantia... Não pode ser bem vê . . . O bordelez correu desvairado para a meza, arrancou os papeis ao banqueiro, viu com tristeza a burla e acabrunhado, abatido, perante o pasmo d'este, cahiu desmaiado no chão» . . .

Aqui tem a minha agradavel leitora uma historia veridica, — que o escandalo de Chicago me suggeriu, que tem a sua moral e que representa uma transigencia da minha parte com o seu pedido, porque é — rejubile — uma nota politica . . .

Aproveite-lhe a lição e verá, que o caso alegre do bordelez tem sua relação com as *boutades* economicas de certo estadista ousado, que ha tempos, opprime e humilha uma nação inteira. Estou a vêr a sua curiosidade de mulher, a insistir pelos nomes do estado opprimido e do tyrannete oppressor. Mas não insista. N'essa é que eu não vou cahir . . .

JOSÉ DE FARIA MACHADO.

ANGOLA—Lubango. O sr. Telles Grilo, distincto photographo da «Illustração Catholica» na sua egua SAPHIRA

NOTAS DO ESTRANGEIRO

1. FRANÇA—O Snr. D. Manuel de Bragança e sua augusta esposa D. Augusta Victoria, na sua chegada a Paris

2. INGLATERRA—O rei Jorge V passando revista ao material de campanha em «Althorp Park»

HESPANHA. Badajoz—Entrada triumphal do novo bispo D. Adolpho Muñoz na capital da diocese

Aspecto do cortejo na sahida da cathedral

Alimentando-se

(Cliché do phot. am. sr. J. A. Rodrigues de Carvalho).

PROPRIETARIO
Joaquim Antonio Pereira Villela.
DIRECTOR
Dr. Francisco de Sousa Gomes Velloso.
EDITOR
Antonio José de Carvalho.
ADMINISTRADOR
Clemente de Campos A. Peixoto.

Illustração Catholica
Revista litteraria semanal de informação graphica
Redacção, administração e typographia
83, R. dos Martyres da Republica, 91
BRAGA

CONDIÇÕES D'ASSIGNATURA
(PAGAMENTO ADEANTADO)

Portugal e colonias (1 anno) . .	2$400
» » (6 mezes) .	1$200
» » (3 mezes) .	600
Sendo a cobrança feita pelo correio, accresce o importe das despezas.	
Estrangeiro (1 anno)	3$000
» (6 mezes)	1$500
Numero avulso	60

Numero 30 Braga, 24 de janeiro de 1914 **Anno 1**

"Illustração Catholica,,

COBRANÇA

D'esde o dia 20 do corrente, em deante, expedimos pelo correio para cobrança *os recibos do 1.º semestre de 1914.*

Rogamos aos nossos presados assignantes o obsequio de satisfazerem os respectivos recibos, logo que recebam o aviso da estação postal, pois assim nos evitarão a despeza com nova cobrança que fazemos por este meio, visto não termos outro mais proprio.

*

Já mandamos fazer a cobrança das assignaturas dos concelhos de Cabeceiras de Basto, Celorico de Basto, Fafe, Mondim de Basto, Melgaço, Monsão e Paredes de Coura, pelo nosso novo cobrador sr. Manuel Correia, a quem os nossos estimados assignantes d'aquelles concelhos farão o obsequio de satisfazerem os recibos das suas assignaturas.

Bibliographia

Delenda est Carthago! por **Eduardo Pereira,** Funchal, 1913.

Ha cinco annos, proferiu o auctor este discurso n'uma Academia de jovens, do Funchal, e nem por isso as suas palavras soffrem de extemporaneidade.

O sr. Eduardo Pereira verbera, n'uma linguagem tersa, a educação social do nosso tempo. E' um valoroso soldado da Cruz contra a perfida doutrina da Revolução.

Bem haja pelo seu documentado e brilhantissimo trabalho, justificativo do bom nome que já grangeou nas hostes da juventude catholica portugueza e nos gremios litterarios.

A edição honra o trabalho typographico do Funchal.

Agradecemos o exemplar enviado, e a amavel dedicatoria do auctor.

Zara, scenas da reconquista, acto unico em verso, pelo Padre **Donaciano d'Abreu Freire.**

A *Illustração Catholica,* pela penna brilhante d'um seu collaborador, o sr. dr. **Ruella Ramos,** já disse do muito valor d'este trabalho em que a fé christã e a litteratura se abraçam para formarem conjuncto.

Nada mais accrescentaremos além dos nossos agradecimentos pela offerta do bello livro e pela penhorante dedicatoria do nosso amigo e collaborador.

Coração de mulher, pelo Padre **Francisco Sequeira,** 1913.

E' um sentimental episodio de amor. O auctor não o explica claramente, do que resulta não sêr comprehensivel o seu significado a quem o lê.

Isto todavia, não impede que digâmos do valor litterario de mais esta producção ao vosso collaborador, padre Francisco Sequeira.

Alma de poeta christão, o rev.º Sequeira reafirma n'este opusculo as suas tradições impeccaveis de litteratura.

Agradecemos, penhorados, o exemplar offerecido.

ILLUSTRAÇÃO CATHOLICA

Revista litteraria semanal de informação graphica

Proprietario, Joaquim A. Pereira Villela. Director, Dr. F. de Sousa Gomes Velloso

EDITOR
Antonio José de Carvalho.

ADMINISTRADOR
Clemente de Campos A. Peixoto.

Braga, 24 de janeiro de 1914

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E TYPOGRAPHIA
83, R. dos Martyres da Republica, 91
(Antiga R. da Rainha—Braga)

Numero 30—Anno I

VIANNA DO CASTELLO—Altar-mór da egreja de S. Domingos

(Cliché do phot. am. sr. Antonio José Gonçalves)

Chronica da semana

XXX

PASSAVAMOS n'um dos ultimos domingos junto d'uma casa industrial, na capital do norte, quando o estrepito de ferragens nos chamou a attenção: as forjas crepitavam rubras — trabalhava-se.

Trabalhar ao domingo! Trabalharem ao domingo, precisamente aquelles que mais carecem de descanço para os seus labores, alli, n'um dos bairros mais aristocratisados da cidade, emquanto os ditosos da fortuna, talvez á mesma hora, se refastellam resupinos em divans acolchoados, esperando o termo de suporosas digestões. . .

E qual o coração que a um tempo não sinta colera e surpreza, vendo os *damnés de la terre*, tresuando no seu labor de termites!

Todavia, o descanço semanal já foi decretado. Porque não se cumpre?

A falta de educação civica, que obriga o espirito á obediencia das leis, não pode explicar aquella trangressão. O duello foi prohibido no texto das leis; comtudo, a todo o momento, quando a força bruta do instincto animal recrudesce, ninguem respeita a interdição.

E' que as leis dos homens nada valem, se não repousam, se não são assistidas d'uma auctoridade e d'uma convicção moral sufficientemente provada.

Quem me obriga a não acceitar o duello, se eu não acreditar e cumprir a maxima do Decalogo, *não matarás*, e fôr para mim palavra estulta aquella do Sermão da Montanha, *amae-vos uns aos outros?*

Quem me obrigará a respeitar o domingo, para commigo ou para com os meus servidores, se uma lei moral e religiosa me não designar esse dia para meu repouso, para a reparação das minhas forças, a fim de melhor servir a Deus?

Não, as leis humanas não subsistem, se não veem escudadas por uma outra lei moral, que as robustece e faz perdurar durante o espaço de tempo preciso.

. . . E todavia aquelles operarios trabalham . . . ao domingo, sobre a lama gelada das officinas escuras, com a morte suspensa sobre as suas cabeças, horrenda e salteadora! Cá fóra, ao ar puro das ruas espaçosas, exhibiam-se *toillletes* luxuosas, e pelles e conchegos de estação estremeciam ao sopro leve e frio das brizas d'estas tardes de inverno, deliciosamente . . .

Elles, os condemnados ao trabalho deshumano do domingo, tambem teem suas familias. . . . E reparamos que á porta da fabrica meia duzia de mulheres e pouco maior numero de creanças, sentadas nos degraus da soleira, pareciam esperar a terminação do trabalho, entretendo-se a fitarem os que gosavam um socego a que elles não haviam sido votados . . .

Lembramo-nos, então, d'aquella prece do ferreiro, que Veuillot escreveu:

Sois béni, vieux dimanche! Je te dois les saintes joies de ma vie. Quand j'avais lavé à grande eau sur ma figure et mes bras la suie de la forge, quand j'avais pris mes beaux habits et que, rasé de frais, j'allais, ma bonne femme au bras, à la messe de paroisse, j'etais plus heureux qu'un roi!. . . Mon Dieu, si ça ne contrarie pas vos projects et que ça ne dérange personne, faites-moi mourir un dimanche.

Vieux dimanche, sois béni!

Velhos domingos, eu vos abençôo! Velhos, porque um materialismo barbaro, sem coração nem piedade, substituiu o *equilibrio pacifico das classes* pela *guerra das castas*, e expulsou do espirito publico e das leis o nobre espiritualismo das edades da fé! Velhos, porque hoje o operario foi e é considerado machina por um industrialismo voraz e por uma legislação paganisada!

A tradição do repouso dominical não é applaudida pela nossa civilisação, de requintes ferinos. Para a vivermos bem sentida, é preciso que Jesus Christo volte a assumir o seu logar proeminente de arbitro social, porque os povos sem fé são fatalmente condemnados á servidão do corpo e ao lucto amargo das almas!

Velhos domingos de paz e de oração! . . . Dava-se graças a Deus, n'esse velho tempo!

Hoje, o velho domingo refugiou-se na paz das nossas aldeias. Mas quem não prevê que lá seja tambem escarnecido, — se nós ouvimos já a copla infame e procaz das revistas, substituindo a toada meiga e suavissima dos descantes regionaes, nos labios de romã das camponezas? . . .

Vieux dimanche, sois béni!

F. V.

SENTIDO DE VIVER

Para viver, então, busca o sentido
Exacto, verdadeiro, de soffrer
E ainda viverás sem ter vivido
Que mil vezes se vive sem viver!

Recorda-te e vês tudo percorrido
O amor, illusão, sonho, prazer;
Tudo que é bom e tudo que é fingido
Estremece, palpita, no teu ser . . .

Assim viveste? Não. — Mas quanto encerra
A vida, dizem, de feliz na terra,
Eu vivi, eu gosei ardentemente . . .

N'uma alegria doida, incomp'rendida,
Posso gritar: Vivi. Gosei a vida» —
. . . E não terás vivido finalmente . . .

(Epigraphe d'um livro inedito).

JOSÉ DE FARIA MACHADO.

FIGURAS DA BEIRA

XIII

Antonio Augusto da Fonseca Aragão

II

Expulso do serviço militar, como se fôra um desqualificado—e a expulsão era relativa clemencia, porque os seus companheiros na desgraça tinham seguido, como degredados, para Angola—Antonio Aragão, vendo sua mãe casada em segundas nupcias com o commerciante de Lamego Joaquim Augusto Rodrigues da Silva, refugiou-se na terra natal de seu pae, na deliciosa aldeia de Fagilde, perola verdadeira da linda e verdejante, apesar de tão alpestre, região de Mangualde.

Com a alma, pois, complexa e profundamente pungida, Antonio Aragão devotou-se á cultura das modestas herdades que seu pae lhe deixára. Alli pretendeu esquecer tantas e tão cruciantes decepções, offerecendo sempre ardentemente os seus prestimos, devotando-se, do fundo d'alma, a todos os infortunios.

Ainda hoje ha velhos em Fagilde que rememoram a sua bella, nobre e galharda figura, o seu coração d'ouro sem liga.

Mas, ao movimento de 1851, o seu ardor militar, ingenuamente sectario, lançou-o de golpe nos braços do barão da Batalha, merecendo ao marechal Saldanha a consideração de ser incluido na lista dos alferes, como aconteceu a outros, reintegrados pelo famoso caudilho da chamada regeneração.

Collocado em caçadores 5, batalhão celebre em que servira o seu pae, tão romanticamente liberal como o filho, voltava, decorridos poucos mezes, para as fileiras de infantaria 9 onde esteve até 25 de fevereiro de 1859. N'este anno, accedeu ás instancias vivas de José Maria de Magalhães, coronel de caçadores 5, tornando a servir no famoso batalhão como tenente-ajudante, cargo que deixou em 1868 para entrar, como adjuncto, no gabinete do mi nistro da guerra. Entretanto, o seu brio puro e o seu raro altruismo eram assignalados calorosamente por todos. Na ordem regimental de 26 de abril de 1868, João Pedro Valladas, talentoso e honrado tenente-coronel de caçadores 5, celebrava a *honra, lealdade de caracter e a intelligencia* do illustre militar, dando-o como espelho e norma d'aquelles que succedessem ao distincto tenente-ajudante, classificado como *um dos melhores ajudantes de todo o exercito portuguez.*

BRAGA—Os professores primarios na residencia do inspector escolar snr. Manuel Justino Pereira da Cruz, em Tadim, por occasião da manifestação de apreço, ultimamente realisada.

E, ao mesmo tempo, eram constantes os serviços que Aragão prestava em Lisboa a todos os filhos de Lamego, sempre sensivel a todas as reclamações, zelando com lealdade e ardor os interesses da sua terra adoptiva, de tudo que tivesse o cunho de lamecense.

O ministerio Lobo d'Avila confiou-lhe em 1870 uma espinhosa commissão de serviço na 2.ª divisão militar, então com a séde em Lamego. Desempenhou-se da commissão com tanto escrupulo e talento, que foi promovido ao posto immediato como lhe pertencia pela escala, e ficou sub-chefe interino da 1.ª repartição da direcção geral da secretaria da guerra.

Saldanha dominando o paiz e o paço com a revolta de 19 de maio, confirmou-lhe o posto de capitão.

Mas foi nas repartições do ministerio da guerra que Aragão mais prestimoso e deveras modelar se affirmou.

Immaculado, d'uma intelligencia rara, admiravelmente pratica, tão honesto como activo e perito, Antonio Aragão teve sempre ensejo, e tambem raro prestigio, para fazer o bem, enthusiasmando-se com singular fervor pelas minimas reclamações, pelas dos mais humildes, em tudo que fosse de indiscutivel e genuina a justiça.

E, entretanto, a sua indole cavalheirosa e heroica a cada passo dava de si resplandecentes e honrosas mostras. Condecorado em varios feitos de guerra, nenhuma condecoração o orgulhava tanto, e com tão perfeita justiça, como a que lhe deram pelos serviços notaveis, prestados por elle, quando um incendio enorme, verdadeiramente pavoroso, destruiu os edificios do Banco de Portugal e da Camara Municipal de Lisboa.

Mas a enfermidade, que o ia victimar, começou a molestá-lo muito antes do desenlace funebre. Sentindo-se alquebrado, pediu transferencia para a 5.ª repartição, menos trabalhosa do que a 1.ª onde servia.

BRAGA—Grupo de professores primarios com o inspector escolar snr. Manuel Justino Pereira da Cruz

A sua vida, tão combalido como se sentia, continuava, porém, activa, integralmente prestimosa. Abandonavam-no, dia a dia, as forças physicas, mas a intelligencia, o coração e o caracter não enfermavam. Dir-se-hia antes que o aprimorava e valorizava a cruel pungencia da enfermidade. O seu sorriso amargo tinha uma doçura tão acolhedora, que mais parecia supplicar trabalho e canceiras do que o repouso, naturalmente devido a um organismo tão trabalhado de corpo e alma.

A sua doença, porém, ia-o empolgando até o prostrar no leito. A lucta que o doente travou então com o seu mal foi digna do denodado e brioso combatente que sempre fôra. E chegou a parecer que a tinha vencido, incomparavel na resignação, na firmeza de vontade, na pura fé religiosa com que supportava todas as agonias.

Parecendo livre de perigo, seguiu então para a sua querida e poetica Fagilde, á procura de aguas e ares puros, de tranquillidade revitalizante.

Mas Deus chamava-o. A enfermidade, que lhe déra treguas tão docemente illusorias, recrudesceu. O estio ia quasi no seu termo.

Havia já na perfumada athmosphera d'aquelle bello rincão da Beira o sopro melancholisante e morbido do outomno. E Antonio Aragão sentiu-o dentro do organismo, quasi dentro da alma, como um punhal inexoravel que não perdoa áquelle em quem toca.

GUIMARÃES—Jardim Publico

GUIMARÃES—O mercado

Entrou depressa na agonia com sentimento indizivel dos que o rodeavam, pois quasi todos eram seus devedores de balsamos e até remedios para as amarguras mais profundas e escabrosas.

Expirou, emfim, como um christão adoravel, baixando ao cemiteriosinho de Fornos de Maceira-Dão, n'um baque lugubre que sobresaltou, pouco depois, Lamego. A velha e melancholica cidade ainda hoje chora, no seu passamento, a perda d'um dos seus melhores e mais abnegados amigos, d'um dos seus mais queridos, mais prestigiosos e gloriosos filhos adoptivos.

JOSÉ AGOSTINHO.

NOTAS—Filho de Simão Antonio da Fonseca Aragão, official ferido de morte no ataque de Arcosa, cêrco do Porto, onde batalhou nas fileiras constitucionaes, e de D. Delphina Adelaide de Freitas Aragão e Silva, Antonio d'Aragão nasceu em Vizeu a 29 de abril de 1825. Morreu a 7 de setembro de 1886, pelas 7 horas

da tarde, com 45 annos de serviço militar, e no posto de tenente-coronel. Era cavalleiro das ordens de N. Senhora da Conceição de Villa Viçosa e de S. Bento d'Aviz e commendador de Carlos III, de Hespanha. Tinha medalhas de Salvatori, de Napoles, e da Real Sociedade Humanitaria, do Porto.

Um exemplo para imitar

DOIS factos memoraveis assignalam o anno de 1870: a queda do imperio napoleonico e a constituição do imperio germanico.

Orgulhoso com os louros da victoria intendeu Bismark que, para firmar o nascente imperio allemão, o meio de mais seguros resultados era declarar guerra sem treguas ao que elle suppunha ser o mais terrivel inimigo da Allemanha victoriosa, o catholicismo.

N'esta convicção errada, o chanceller de ferro açolou contra a Egreja todo o odio do fanatismo sectario. Inaugurou-se o *Kulturkampf*. O deus Estado arvorou-se em supremo pontifice do culto catholico.

Expulsaram-se os jesuitas, pouco depois os redemptoristas, os lazaristas, os Padres do Espirito Santo e as Damas do Sagrado Coração, como filiadas, diziam, na Companhia de Jesus. Como se tudo isto não fosse bastante para saciar o odio sectario do chanceller contra a Egreja catholica, foram promulgadas as famosas leis de maio, perante as quaes a Egreja ficava reduzida á aviltante condição de escrava do Estado. Foi então que o heroico episcopado allemão se ergueu cheio de nobilissima coragem oppondo tenaz resistencia á politica anti-catholica de Bismark. O clero allemão seguiu o exemplo dos seus Prelados. Nem os carceres, nem o exilio, nem a confiscação do patrimonio da Egreja, logrou afrouxar o zêlo e a coragem de tão benemeritos confessores da fé. N'esta crise temerosa para a Egreja, que fizeram os catholicos? Deixaram-se dominar pelo medo? Limitaram-se a vãos protestos? Assistiram impassiveis ao algemar da sua Mãe a Egreja? Não, nada d'isto fizeram. Uniram-se, organisaram-se e trataram de formar no parlamento allemão um nucleo de deputados catholicos que contivesse em respeito os inimigos da Egreja e os obrigasse mesmo a reparar as injurias com que a tinham perseguido. Windthorst foi a alma, mais a energia indomavel d'esta heroica phalange. O socialismo era então um perigo para a Allemanha e tinha no parlamento elementos importantes. Bismark viu-se na dura necessidade de pedir o auxilio do centro catholico para que fossem approvadas certas leis de grande momento para a prosperidade do imperio.

O centro, como catholico, e, conseguintemente, amante da sua patria, não recusou o auxilio solicitado, mas sob a condição de se-

GUIMARÃES—Um trecho da cidade e quartel d'infantaria 20

GUIMARÃES—Fabrica de Fiação e Tecidos do Minhoto

(Clichés do phot. am. snr. Luiz do Souto.)

rem derogadas as leis oppressivas da consciencia catholica e contrarias à liberdade e independencia da Egreja.

Bismark foi a Canossa, quer dizer, aceitou a condição imposta (é o termo) pelo centro catholico, e reorganisaram-se as dioceses, os seminaristas foram dispensados do serviço militar, restituiram-se á Egreja os bens confiscados pelo *Kulturkampf*, as ordens religiosas foram readmittidas, n'uma palavra: o catholicismo perseguido alcançava uma esplendida victoria n'um imperio poderosissimo e sobre um dos mais ferozes inimigos da Egreja de Deus, no ultimo quartel do seculo XIX.

N'esta brilhante pagina da historia da Egreja ha dois nomes immortaes: o de Leão XIII e o de Windthorst; o do grande Pontifice e grande diplomata, e o do *leader* do centro catholico allemão sempre obediente ás instrucções da Santa Sé.

Que fazem os catholicos portuguezes perante a crise actual? Porque não se unem, porque não se organisam, porque não trabalham para levarem ao parlamento um nucleo d'homens verdadeiramente catholicos e de cujo auxilio o governo necessitasse, exigindo em troca d'esse auxilio que fossem derogadas as leis oppressoras da consciencia catholica? E' assim, e só assim que a Egreja em Portugal poderá conquistar a liberdade a que tem direito.

Só com esta revolução pacifica, ordeira e legal é que nós os catholicos poderemos triumphar dos nossos inimigos.

Não percamos de vista o brilhante exemplo dos nossos irmãos da Allemanha.

DR. SILVA RAMOS.

COIMBRA—Grupo de presos politicos implicados no celebre «complot» de Evora

1.º plano (sentados): Dr. Armando Cordeiro Ramos, capitão Francelino Pimentel, major Antonio Rodrigues Montez, tenente Antonio Domingos Ferreira, Joaquim da Motta Capitão. *2.º plano (em pé):* Joaquim d'Almeida, Antonio Jeronymo, Sebastião Affonso (2.º sargento), João Rodrigues, Porphirio da Conceição (2.º sarg.), José Affonso e Joaquim Pereira.

Serões eruditos

II

Um quadrado magico

VAE o leitor ver agora mais algumas das interpretações, que têm sido apresentadas, do nosso quadrado mysterioso. Copio da revista *Minerva*:

«A's já mencionadas interpretações, cuja insubsistencia o snr. Pétridés facilmente demonstra, accrescenta elle mais esta, muito engenhosa, ideada mais recentemente pelo snr. G. Deonna e exposta por elle na *Revue des études grecques* de 1907 (tom. XX, Pag. 364. Tendo o snr. Deonna encontrado a inscripção em certas medalhas velhas, de bronze, em que tambem estavam inscriptas as letras IC. XC. N. K, conhecidissima abreviatura do (grego) *Iesou Xristous nika*, muito commum nos conventos gregos, sustentou que se trata simplesmente de um preceito monastico latino, no qual algumas palavras foram mutiladas para poder precisamente produzir

o verso cancrino (1): *Sator arepo tenet opera rotas* que, para mais, é assim um perfeito verso trimetro jambico tonico. Elle reconstruiu assim o tal preceito monastico:

SAT OR | AREPO | TEN ter ET
OPERA re | Rati O Tu A Sit

que quer dizer: «seja o teu officio rezar bastante e trabalhar muito *sat orare, potenter et operare, ratio tua sit.)*

«Para todos aquelles que attribuem a paternidade da inscripção a algum monge da edade media, a engenhosissima explicação de Deonna é sem duvida sobremaneira satisfactoria; mas, observa Pétridés, já não póde satisfazer tanto aos que não ignoram que esta inscripção remonta a uma epocha muito anterior á que viu surgir o monaquismo. A conclusão portanto do dito padre é que, apezar dos estudos de tantos eruditos, a famosa inscripção continúa sendo um enigma.

«Mas Pétridés, como já disse, não conhece outra explicação, isto é, a de Manuel Delorme...» no estudo a que já nos referimos no primeiro *Serão*, onde fallamos da medalha do museu ethnologico de Lisboa. Eis a explicação de Delorme:

«A inscripção do Semeador *(Sator etc.)* posta no reverso da medalha, forma um quadrado magico que devia ter seu fundamento n'uma combinação de numeros, representados por signaes phoneticos. Já Heis, como vimos, pensara o mesmo, mas Delorme não se deteve, como aquelle allemão, pretendendo descobrir o valor numeral d'aquelles signaes, porque, diz elle, a forma latina por que é geralmente conhecido aquelle quadrado magico está muito alterada, de modo que em muitos d'esses signaes já não existe o valor numeral. Para os achar seria, portanto, necessario, antes de mais nada, descobrir a forma primitiva da inscripção, e, para o conseguir, devem orientar-se as pesquisas para as formulas da antiga cabala hebraica. Muito mais importante que as combinações numericas é a ideia que n'aquelles quadrados phoneticos numeraes se exprimia sempre, e que servia de signal de reconhecimento entre os adeptos d'uma mesma doutrina; porisso, mesmo atravez das varias linguas em que era traduzida, essa ideia permanecia sempre a mesma, ainda quando a concordancia entre os valores numeraes e os signaes phoneticos desapparecia; e esta necessidade de unidade e relação entre os membros dispersos d'uma associação é a razão de ser da traducção latina que transformou uma desconhecida fórmula cabalistica hebraica na inscripção *Sator*, etc.

«Ora Delorme, tentando penetrar no significado d'esta inscripção, para obter a ideia philosophica expressa no quadrado magico originario, observa que o

PORTO. Aljube—Presos politicos accusados de terem tomado parte no celebre movimento de 21 d'outubro
Dr. Jayme Duarte Silva.—1 Dr. Figueirinhas.—2 Sargento Ferraz. 3 Dr. Barbedo Pinto.

PORTO. Aljube—Presos politicos. Da esquerda para a direita: *Dr. Figueirinhas, Dr. Lobo d'Avila Lima (ex-lente de Direito) e o Dr. Barbedo Pinto.*

(Clichés do phot. am. sr. A. Braz d'Araujo)

(1) Versos que dizem a mesma coisa lendo-os da direita para a esquerda e vice versa. N'outro serão trataremos d'estes versos curiosissimos.

semeador, o *arado*, a *terra*, a *seara*, representam um acto unico que se propaga do mundo superior ao inferior para produzir a vida. Estendendo a imagem á universalidade dos seres teremos o mechanismo philosophico da vida universal, que se concretiza na fórmula da gnose hebraica, expressa por Aba Ezra, precursor directo de Spinoza, d'este modo: «Tudo está no Uno em potencia; o Uno está no tudo em acto», e é, pouco mais ou menos, aquillo que a sciencia moderna tambem repete, quando affirma que a Energia é una e que todo o universo é Energia.

«Mas, pergunta n'esta altura Delorme: Que tem que ver esta fórmula da cabala hebrica com a bandeira do Santo Officio? Eis aqui, resumindo-as tambem brevemente, as suas conclusões.»

Mas o leitor, que no primeiro artigo, quando lhe fallei do meu fasciculo da *Encyclopedia das Familias*, estava muito longe de suppôr que tanta gente tivesse suado as estopinhas para decifrar a tal inscripção, pede-me que não resuma demais, e que acabe, n'outro serão, esta interessante caturreira erudita.

Pois seja feita a sua vontade. Lá verá então como o snr. Delorme explica a presença do mysterioso *Sator arepo tenet opera rotas* na medalha-sello do Santo Officio, conservada no Museu Ethnologico de Lisboa.

ARTHUR BIVAR.

BRAGA—Calix, colher e patena, offerta da direcção da Associação Catholica ao Ex.mo e Rev.mo Sr. D. Antonio Barbosa Leão, venerando Bispo do Algarve.
(*Manufacturados nas officinas do snr. Manuel J. da Fonseca*)

P.e Luiz Maria d'Abreu Campo Sancto

Sacerdote muito illustrado e distincto membro da Companhia de Jesus ultimamente fallecido na Belgica.

Conego Senna Freitas
Illustre escriptor e polemista catholico, fallecido recentemente no Brazil.

VIDA INTENSA

(PAGINAS D'ALÉM FRONTEIRAS)

A Albania, vae emfim ter um rei e parece ter assegurada, por momentos, a sua integridade territorial, que a Turquia, sincera ou hypocritamente promette respeitar. Deveria portanto iniciar-se para o novo estado uma era tranquilla de serenidade e de paz e natural seria, que depois da guerra, com todos os seus excessos e os seus desmandos, se entrasse prudentemente n'um periodo quieto de reorganização. Mas não. A Albania, depois de se ter agitado n'um hausto patriotico, que nobilita uma raça e lhe vale a propria independencia politica, no desfazer da feira sangrenta dos Balkans, revolve-se, agita-se, agora, á mercê da ambição desvairada de Essed-Pachá, que, tendo-se proclamado rei, quer impor os seus... direitos.

As potencias, designaram, entre a extensissima lista dos pretendentes á corôa albaneza, o principe

José de Souza Monteiro
(pae)
O grande jornalista catholico do «Bem Publico»

de Wied, que vae com a sancção do mundo, presidir aos destinos d'aquelle povo.

O que será o reinado d'um principe que não aprendeu a reinar, mas que leva das realezas para a realeza, a impressão nitida de quem as tratou de perto, e, da vida, a deducção exacta d'uma intelligencia clara, que viveu e soffreu, que sentiu e amou longe das frias malhas d'um protocollo severo, perto dos homens e das desgraças, que desceu aos corações e ás ruas, não é facil prever. De positivo, apenas resalta já, que vae ser sob o ponto de vista pessoal—um reinado infeliz.

Esse principe, que as nações impõem como rei e que todos dizem intelligente, ponderado, culto, affirmando alguns, que a essas qualidades, deve bem mais a corôa que vae cingir que propriamente aos interesses das casas onde entronca a sua familia,—troca pelo prazer deslumbrador mas ephemero d'um throno a sua felicidade d'homem livre. Descansado, tranquillo, dispondo d'uma fortuna pessoal que lhe permitte manter, com brilho, os deveres do seu nome, vae ter nas mãos os destinos d'um estado na hora incerta e grave, em que esse estado juvenil se agita e perturba nos mesmos vicios dos velhos... Troca as responsabilidades relativamente leves do seu nome e da sua consciencia, pelas responsabilidades pesadas d'um throno, o que pode ser fascinador, mas que tem positivamente, como todas as alegrias, o seu reverso amargo.

Pela gloria de reinar sacrifica a sua liberdade, adapta os seus sentimentos, os seus gostos, á conveniencia do seu dever, arrasta a familia para debaixo do jugo pesado d'uma dynastia, regulamenta os seus habitos, disciplina as suas predilecções, transforma-se, comprime-se, perde a liberdade

José de Souza Monteiro
(filho)
Illustre escriptor catholico portuguez, cujo elogio academico acaba de ser feito na Academia das Sciencias

emfim, a liberdade que agora só poderia ter para si e para os seus no recanto mais intimo do seu palacio de Scutari. E alli, sómente, gosará d'essa liberdade ephemera, que se limita ao espaço estreito d'uma saleta, nos confins d'um enorme casarão, cercado e vigiado por sentinellas fieis, não para encarcerarem o homem mas para lhe lembrarem, mesmo alli, com as suas soturnas *alertas*, o peso dos seus deveres. Cada brado marcial, que corte o silencio commovedor da noite, ha-de ser um rebate no

coração d'esse Rei, que áquella hora recolhida, desejaria sentir-se apenas homem. Pode parecer, dentro da maior ou menor parcella d'ambição que todos temos, que as glorias da corôa compensem todos os dissabores como se realmente o deslumbramento de reinar não tivesse escondidas nas dobras hieraticas do manto realengo, tantissimas amarguras!...

O principe de Wied vae talvez feliz para o seu destino a pensar como D. Luiza de Gusmão pensou no salão ducal de Villa Viçosa que «*mais vale uma hora rainha que Duqueza toda a vida*», sem attentar que annos depois, terá como a boa Rainha, horas tristes e desesperadas que a fizessem — amortecidos já pela edade e pela experiencia, os devaneios deslumbradores — modificar o sentido d'aquella phrase, que a historia registou apenas, como traço indelevel d'um caracter.

A Albania afinal, terá um rei, que cuidará zeloso dos seus interesses e que vae iniciar um reinado perigoso no meio da mais profunda agitação. E' um estado novo, recemnascido, mas, sem a traquinice infantil, que seria natural, eivado já dos vicios e dos erros censuraveis dos velhos e dos velhos manhosos. Póde ter mocidade na forma mas tem decrepitude nos processos. Dir-se-hia uma creancinha que nascesse com rheumatismo... Os mesmos defeitos, as mesmas paixões, revolvem aquelle pequeno estado bem digno agora de momentos tranquillos de paz e de trabalho. Mas quanto tempo, quanto sangue custará ainda a attingir esse desideratum? O paiz caminha para um destino incerto; o rei, dentro de dias subirá as escadas sumptuosas da cathedral de Scutari onde será coroado, para iniciar um reinado que vae desenrolar-se incerto tambem, á mercê d'uma revolução ou d'uma bala.

Será isto enfermidade dos novos, um facto isolado apenas, uma nota vaga na engrenagm dos mundos ou um desgarrado aspecto d'uma crise geral, a consequencia inevitavel d'uma epocha que pittorescamente poderá chamar-se d'ebulição?

Comparando o estado mais infantil com o mais velho, vêem-se as mesmas revoltas, as mesmas ambições, estejam ellas personificadas na loucura epica do pretenso dictador da China, ou na ambição, do agitador d'agora, á corôa d'Albania.

Tudo acabará bem. O principe de Wied cingirá a corôa albaneza, depois de mais ou menos lucta. Essed Pachá, se escapa de tanto enredo, tem o destino pouco amargo d'um exilio em Paris e o necrologio politico, n'uma *trouvaille* do *boulevard*...

José de Faria Machado.

PORTO—"Match„ official de 1.ª cathegoria

"Team„ do Foot-Ball Club do Porto

"Team„ vencedor do Boavista Foot-Ball Club

Fastos do Catholicismo

Fraternidade universal

Descancem os leitores que não vamos fallar-lhes do feriado do dia 1 de Janeiro, mas tão sómente de uma festa realizada recentemente em Londres.

Na populosa capital do Reino-Unido funcciona com regularidade a Associação Catholica da Paz, e

foi essa quem promoveu a festa a que nos referimos, e que foi destinada a exaltar a fraternidade entre as nações.

Na cathedral de Westminster o Padre Nicholson, da Companhia de Jesus, elogiou esta magna instituição, e os Rev.mos Bispos Benson e Crosch n'outros Centros religiosos.

O Cardeal Bourne é um dos principaes protectores d'esta humanitaria Associação.

Terceiro franciscano

Foi ha dias admittido na Veneravel Ordem Terceira da Penitencia, o illustre parlamentar hespanhol e um dos directores do partido legitimista D. João Vasquez de Mella.

O cordão que n'essa occasião cingiu o insigne politico pertenceu a D. Isabel, a angelica irmã de Luiz XVI, de França, e foi herdado pelo pretendente hespanhol D. Jaime de Borbon, o qual o offereceu ao senhor Mella como prova de admiração e affecto.

Assim a Ordem Franciscana pode gloriar-se de contar entre os seus filhos um dos maiores genios hespanhoes e D. João Vasquez de Mella pode orgulhar-se com vestir o mesmo habito que tem vestido os maiores reis, sabios, philosophos, litteratos e artistas de grande nome.

Consoladora estatistica

A que recentemente publicou o Vaticano accusa um augmento consideravel de catholicos na Italia. Indicação segura no-la dão os Seminarios, onde o augmento é tal de candidatos que para attender todos se fundam cincoenta e duas d'essas casas de educação.

PORTO—Uma phase do jogo

As propagandas do Outomno que os catholicos realizaram; a sua lucta triumphal nas eleições; a tenaz opposição á lei do Divorcio, repellida por grande maioria e as iniquidades do syndico maçonico Nathan, abriram ao catholicismo um largo campo na Italia.

Preparam-se em varios pontos actos de propaganda, que serão realizados pelas Juventudes Catholicas.

PORTO — Aspecto da assistencia

(Clichés de J. d'Azevedo, phot. da «Ill. Cath.»).

Uma cathedral catholica

A *Obra de Africa* presidida pela duqueza de Uzés determinou construir uma cathedral em Dakar, capital do Senegal, em memoria dos francezes mortos pela patria no continente negro.

Para realizar o seu

PORTO--Palacio de Crystal

O "HYMNO DO PORTO"

PORTO—Grande festival no Palacio de Crystal para inaugurar o «Hymno do Porto»

PORTO—Um aspecto da assistencia na nave central do Palacio

proposito que vae custar mais de 500:000 francos, abriu uma subscripção nacional, que já reuniu metade da quantia necessaria, grande parte da qual é devida á generosidade do Episcopado francez, e espera que não tardará em completar-se esta obra, simultaneamente patriotica e religiosa.

que pretende supprimir a missa do Espirito Santo, que tambem subsiste nas praticas militares do seu exercito,

«Allah il Allah» na Republica franceza

A França republicana supprimiu, como é sabido o nome de Deus em todos os logares

A assistencia dirigindo-se á avenida das Tilias

(Clichés de J. d'Azevedo phot. da «Illu. Cath.»)

Costumes christãos

No reino visinho existe ainda, nas espheras officiaes a pratica de costumes christãos, muito commovedores n'esta epocha infeliz, em que a apostasia social lavra profundamente. A Academia Hespanhola, por exemplo, começa as suas sessões pela *Veni, Sancte Spiritus*, e a *Actiones nostras*, e termina os seus trabalhos com a *Gratias agimus*, antiphona e orações da lythurgia.

A orientação do governo actual é que não é tão delicadamente religiosa; consta

VIZEU—Um grupo do curso commercial do Collegio do rev. Padre Barreiros

(Cliché do phot. am. snr. Joaquim M. Batalha.)

onde figurava junto com a Patria; nos livros, nos barcos, e nas moedas cuja divisa era; «Deus proteje a França».

Ora bem, o Banco de Argelia que está submettido á inspeção do governo francez, trocou essa inscripção christã pela seguinte invocação do Alkorão; «Em nome de Allah, o clemente, o misericordioso, ai dos que commetteram fraudes!»

E o caso é que embora a impressão haja sido feita com previa approvação do governo, nenhum sectario livre pensador se lembrou de protestar contra essa inscripção religiosa.

R. C.

Visconde de Gonçalves Guimarães

generoso benemerito e fundador das duas escolas primarias na freguezia de S. Thiago de Guilhofrei, concelho de Vieira

Escola José G. Guimarães (sexo masculino) **Escola Luiza Martins Guimarães (sexo feminino)**

Alberto Madureira, poeta bracarense e auctor do romance «Alma enamorada»

Padre Eduardo Pereira

Illustrado sacerdote do Funchal e distincto litterato

NOTAS DO ESTRANGEIRO

1. M. Rabindranatts Tagore, poeta indio, a quem foi conferido o premio Nobel de Litteratura.— 2. Werner, da faculdade de sciencias de Zurich, que obteve o premio Nobel de Chimica.—3. Dr. Carlos Richet, professor de Phisiologia da faculdade de medicina de Paris, a quem coube o premio Nobel de Medicina. 4. H. Kamerlingh Onnes, professor da Universidade de Leiden, que obteve o premio Nobel de Phisica.

O rei Constantino da Grecia em familia. O almoço.—Da esquerda para a direita: *A princeza Irene, o principe herdeiro Jorge, a rainha Sophia, o rei Constantino XII, a princeza Helena, os principes Alexandre e Paulo*

Deitando o grão ás gallinhas

(Cliché do phot. am. sr. Luiz do Souto)

PROPRIETARIO
Joaquim Antonio Pereira Villela.
DIRECTOR
Dr. Francisco de Sousa Gomes Velloso.
EDITOR
Antonio José de Carvalho.
ADMINISTRADOR
Clemente de Campos A. Peixoto.

Illustração Catholica

Revista litteraria semanal de informação graphica

Redacção, administração e typographia
83, R. dos Martyres da Republica, 91
BRAGA

CONDIÇÕES D'ASSIGNATURA
(PAGAMENTO ADEANTADO)

Portugal e colonias (1 anno) . . 2$400
» » (6 mezes) . 1$200
» » (3 mezes) . 600
Sendo a cobrança feita pelo correio, accresce o importe das despezas.
Estrangeiro (1 anno) . . . . . . 3$000
» (6 mezes) . . . . . 1$500
Numero avulso 60

Numero 31 Braga, 31 de janeiro de 1914 **Anno 1**

CHRISTUS VINCIT. CHRISTUS REGNAT. CHRISTUS IMPERAT.

ILLUSTRAÇÃO CATHOLICA

Revista litteraria semanal de informação graphica

Proprietario, Joaquim A. Pereira Villela. Director, Dr. F. de Sousa Gomes Velloso

EDITOR Antonio José de Carvalho. ADMINISTRADOR Clemente de Campos A. Peixoto.

Braga, 31 de janeiro de 1914

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E TYPOGRAPHIA
83, R. dos Martyres da Republica, 91
(Antiga R. da Rainha—Braga)

Numero 31 —Anno I

PORTO — Gondomar. Egreja parochial de Jovin

(Cliché do phot. am. sr. Armando M. Cruz)

Chronica da semana

XXXI

Embora cada vez mais adentre os espiritos a necessidade de uma reorganisação profunda do nosso modo de viver, e todos reconheçam a existencia d'um reflorescimento de esperança, de fé, que, alliado ás circumstancias especiaes da hora presente, póde vir a expandir-se vigorosa e promettedoramente—ainda é difficil affirmar que a passagem dos dias 31 de janeiro e 1 de fevereiro provoque em cerebros e almas luzitanas uma meditação profunda sobre o passado e sobre a vida actual.

O portuguez, atido a piamente crêr no Estado-providencia, deshabituou-se de meditações, quer n'ellas lhe seja guia um padre quer, um politico. Quando muito, espera pela leitura do artigo de fundo do jornal incolor para se dar uns leves tons de animal raciocinante. De resto, o brioso luzitano realisa com approximada fidelidade a definição do philosopho:—é um animal implume que ri...

Ha até quem considere a sua melancholia ou sisudez habitual um pretexto para não pensar.

Seja, porém, como fôr, certo é que o estribilho mais commum dos plumitivos, sobretudo em momentos de crise, é perguntar por onde param o brio, a honra, e a dignidade do paiz, indignadamente, com uns ares de Diogenes da lanterna apagada, por falta de azeite.

«Se o povo tivesse a consciencia dos seus direitos...» perorava um dia José Estevam no Parlamento, n'uma catilinaria contra o ministerio de Rodrigo da Fonseca, a raposa velha da politica. Infelizmente, o povo não tinha a consciencia dos seus direitos, e—hoje como hontem—o ministerio morreu «impenitente»!...

Soe verberar-se a propaganda revolucionaria por haver ensinado ao povo os seus *direitos* em detrimento dos seus *deveres*. Quer-nos porém, parecer que nem aquelles lhe ensinou, e o desenrolar dos factos contemporaneos vem-nos justificando esta opinião...

Não, o portuguez desacostumou-se de pensar, e é esta a razão de tanta bastardia em materia de coragem e de convicções. Uma voz de alarme tem como resposta um cauto aviso de prudencia.

Uma acção heroica suscita apenas o commentario d'uma leviandade.

E na iminencia do perigo commum ninguem cuida em cerrar fileiras, antes, não se sabe d'onde, se faz ouvir uma só prevenção: «estejam quietos, senão... morremos todos!»

Passada a tormenta, é vêr como rugem as embofias sonoras, os olhares parecem devorar o inimigo que já não existe, e as linguas, á falta de insultos contra o tyranno, se destravam contra os mesmos opprimidos. Depois... tudo serena: o exercito encalamistra os bigodes bellicosos, e os contubernaculos de burguezes volvem á vida rotinaria dos automatos. Adoravel povo immortal!...

Ha dias dizia-nos um bello espirito catholico, depois de fazer a critica da situação portugueza:—«Mau é que os senhores, os novos, venham a sêr os bodes expiatorios de tantos erros, quando afinal, era aos senhores, á sua galhardia, á sua pervicaz audacia que deveriam sêr entregues os destinos d'uma causa tão bella como é a da Patria!

Nós, os velhos, que já vimos tudo, apenas devemos voltar para casa, depois de contarmos aos batalhões que vão partir, a tactica e os lances dos combates em que fomos soldados!...»

Ha muito de verdade nas palavras do nosso illustre amigo!

Disse Vieira que a mocidade desenganada era a maior victoria da razão. Os desenganos accudiram em tropel. Dar-se-ha agora o caso de os jovens do nosso paiz serem destinados a confirmar aquelle verso do poeta Prudencio, no seculo IV:

—Flôres de martyrios, que apenas abotoadas, o ferro da oppressão já vem ceifar?

F. V.

No abandono

Como velha cabana, a capellinha
Guarda na solidão Nossa Senhora,
Zagala terna, virginal Pastora,
A que não vem a gente que antes vinha...

O musgo, a lepra verde, a verde tinha,
Das ruinas a praga assoladora,
Manchou o largo que foi liso e fôra
O "rendez-vous„ da povoação visinha.

Só eu lá vou ás tardes outonaes
E alguem que não descrê e não descreu:
O bando piedoso dos pardaes...

E, quando volto á noite, já se deu
Pedir com zelos: "Virgem não queiraes
Voar com elles de manhã p'ra o ceu!„

Porto—Collegio Almeida Garrett.

P.e DONACIANO D'ABREU FREIRE.

RESUSCITADA

ARDIAM os quatro ciriaes derramando gotas de cêra. Um morcego, desprendendo-se da aboboda, começou a descrever pelo ar curvas irregulares, emquanto uma pequena massa negra deslisou rapida por sobre as louzas e subiu com sombrio cuidado, por uma das dobras do panno mortuario. N'esse instante, Dorothea de Guevara, extendida no athaude, abriu os olhos.

Bem sabia que não estava morta mas um veu de chumbo, um cadeado de bronze, impediam-a de vêr e de fallar. Ouvia, sim, comprehendia—mas como se comprehende sonhando - as mil voltas que lhe

BRAGA — Nossa Senhora da Luz

(Que se venera na egreja de S. Vicente)

deram ao lava-la e ao amortalha-la... Escutou os soluços do marido e sentiu as lagrimas dos filhos sobre as palpebras rigidas. Agora, na solidão da egreja fechada, recuperava os sentidos e sentia-se fnvadida de sombrio espanto. Não era pesadello, não, era bem a realidade... Alli estavam o caixão e as tochas, ella propria envolta na branca mortalha o peito coberto pelo escapulario das Mercês.

Reanimada já, a alegria de viver sobrelevou a tudo... Vivia!... que delicioso é viver, reviver, não cahir no escuro poço!! Em logar de ser levada, pela madrugada, aos hombros dos creados, para a crypta, voltaria ao seu dôce lar e ouviria o clamor alegre dos que amava e agora a choravam sem consolo. A ideia deliciosa da felicidade que ia levar á sua casa, fez bater-lhe o coração, ainda debilitado pela syncope. Tirou as pernas do caixão, d'um salto atirou-se para fóra e com a rapidez dos momentos difficeis, organisou o seu plano.

Chamar, pedir auxilio, a taes horas, era inutil... Esperar na egreja solitaria pelo amanhecer, não seria capaz, minguava-lhe o valor. Na penumbra da nave, julgava vêr assomar, caras trocistas d'espectros, apercebia queixas dolentes d'almas penadas. Tinha outra solução: sahir pela capella do Christo.

Era sua; pertencia á sua casa em padroado. Dorothea tivera sempre allumiado com rica lampada de prata rodeada de cirios a imagem triste de Nosso Senhor da Penitencia. Em baixo da capella estava a crypta, sepultura tradiccional dos Guevara Benevides. A alta grade rendilhada ficava á esquerda, mordida de rosetas d'oiro fulvo, ennegrecido... Dorothea elevou desde o intimo da alma uma prece fervorosa ao Christo:—Senhor!... que eu encontre as chaves postas... e tacteou. Lá estavam as tres, penduradas do molho. A da grade, a da crypta para aonde se descia por uma escada de caracol sumida na parede e a terceira, que abria a porta que escondida nas talhas do retabulo, dava para a ruella estreita, onde erguia sua fachada nobre, o casarão salarengo dos Guevara, flanqueado de torreões. Pela porta occulta sem crusar a nave costumavam os Guevara entrar para a missa. Dorothea, abriu, empurrou... Estava fóra da egreja... Estava livre!...

Dez passos apenas e chegou a casa. O palacio levantava-se grave, silencioso, como um enygma. Dorothea apertou a aldraba, tremendo como se fôra uma mendiga que pede pousada n'uma hora de desamparo. A minha casa?! pensou batendo com mais firmeza uma pezada aldraba.

... A' terceira pancada ouviu-se ruido no interior da casa muda, solemne, envolta n'um retrahimento de luto, e a voz de Pedralvar, o escudeiro, resoou resmungando:

PORTO—Grupo de presos politicos detidos no Paço Episcopal

Na 1.ª fila, da esquerda para a direita: *Jacintho Duarte Dias de Souza, Fernando Lobo d'Avila Lima, Julio Cesar Eugenio, dr. José Caetano Lobo d'Avila Lima, João Moraes Machado e D. Antonio d'Albuquerque.* Na 2.ª fila, pela mesma ordem: *João dos Santos Gomes, dr. Luiz Antonio Correia de Noronha, Antonio Maria de Noronha Vasconcellos, Antonio Ribeiro Gonçalves Basto, Domingos Pereira Campos e dr. Carlos de Souza Rego.*

(Cliché do phot. am. snr. Antonio Cruz d'Araujo.)

—Quem? quem chama a estas horas seja comido dos cães...

—Abre, Pedralvar, pela tua vida... Sou a tua senhora, sou Dona Dorothea de Guevara... Abre presto...

—Vae-te em má hora borracho!... Se saio... por minha fé, que te rebento.

—Sou Dona Dorothea... Abre. Não me conheces pela voz?...

N'uma praga enrouquecida, de medo, Pedralvar respondeu, resmungando, e em vez d'abrir subiu novamente a escada... A resuscitada tornou a bater. O austero casarão pareceu reanimar-se ante o terror do escudeiro que o atravessava transido com um calafrio pela espinha. A aldraba insistiu apressada e logo no pateo se ouviram passos, correrias, cochichos... Afinal, o portão marchetado de ferro range nos gonzos abrindo-se de par em par, emquanto um grito de espanto sahiu da bocca vermelha da aia Lucigüela que segurava um pesado candelabro, que deixou cahir apavorada, quando frente a frente, encarou com a defuncta...

Passado algum tempo, Dorothea, vestida já de velludo genovez, a coma entrançada com perolas, sentada no escabello almofadado, ao pê da janella larga, recordava que tambem Henrique de Guevara, seu marido, gritou ao encontra-la; gritou e retrocedeu!... Não era d'alegria o grito, mas de pasmo... De pasmo, sim... a resuscitada não podia duvidar. Não, tinham afinal, seus filhos, Dona Clara, de onze annos e Dom Felix, de nove, chorado de susto quando a viram regressar do tumulo?... E' com mais pezar, com pranto mais afflicto, que o derramado no dia do enterro.

Causa pavor!... Ella, que pensara ser recebida entre exclamações d'alegria. E' certo, que dias depois, se celebrou uma festa em acção de graças, que se deu um faustoso banquete a parentes e amigos e que os Guevara fizeram o possivel, por demonstrar a sua alegria perante o extranho acontecimento que lhes devolvia a esposa e a mãe.

Mas, Dona Dorothea, com o cotovello apoiado na borda da janella e o queixo repousando na mão, pensava d'outra maneira.

Desde o seu regresso ao palacio, dissimuladamente todos lhe fugiam. Dir-se-hia que o frio do esquife e o ar glacial da crypta, adejavam em torno do seu corpo. Emquanto comia, notava que os olhos dos servidores e dos filhos olhavam de revez as suas mãos pallidas e quando levava aos labios seccos, a taça de vinho, os creados estremeciam, como se achassem extranho que as almas penadas, comessem e bebessem.

Dona Dorothea voltava d'esse paiz mysterioso que as creanças desconhecem mas que apavoradamente advinham... Se as suas mãos pallidas procuravam affagar os corações loiros de Felix, o pequeno, retrahia-se, desviava-se, sem côr, a evitar com

MACAU—Grupo de seminaristas e professores do Seminario de S. José com o Ex.mo e Rev.mo Senhor Bispo

medo, aquelle contacto que lhe gelava o sangue, e á hora sinistra do anoitecer, quando parecem dançar as figuras dos *tapices* se Dorothea se cruzava no pateo, com Dona Clara, a creança, corria espavorida, como se fugisse d'uma visão maldita.

Por seu lado, o marido, — embora mostrasse por Dorothea um respeito e um carinho que espantavam—jamais voltára a enlaçar com o seu braço orte, aquella cintura delicada. Em vão a pobre re-

A sua ideia, devia realisar-se por tal fórma, que jamais fôsse suspeitada e para sempre ficasse no eterno segredo... Procurou o molho das chaves da capella e mandou fabricar outras eguaes, a um joven ferreiro que na manhã seguinte partiria com o tercio de Flandres. Quando teve nas mãos as chaves do seu sepulchro, sahiu uma tarde sem ser vista, coberta com um manta e entrou na egreja pela porta falsa, escondendo-se na capella do Chris-

MACAU—Depois de pontifical celebrado por occasião do 50 anniverario da fundação da Confraria de N. Senhora da Esperança na parochial chineza de S. Lazaro

Entre alguns membros do clero e da communidade chineza vê-se S. Ex.ª Rev.ma o Senhor D. João Paulino, venerando Bispo de Macau. A' frente a banda do rev. P. Jacob Lau.

suscitada alegrava o azul doce dos seus olhos, semeava de perolas as suas tranças, e ungia o seu corpo com perfumes do oriente...

Atravez do carmim transparecia a palidez da cera no rosto immobilisado da mesma expressão cadaverica e d'entre os perfumes, sobresahia um cheiro humido de morte. Certo momento, a resuscitada, acarinhou seu marido a vêr se seria repellida e D. Henrique, embora se deixasse abraçar passivamente, não pode evitar que os olhos dilatados de pavor, mostrassem com magua sua, o terror do seu espirito. E n'aquelles olhos, outr'ora galanteadores, atrevidos de luxuria, adivinhou Dorothea uma phrase que lhe bailava no cerebro invadido já pelos primeiros rebates da loucura.

—D'onde voltaste não se volta...

Tomou cuidadosamente as suas precauções.

to... Quando o sacristão retirou, fechando o templo, Dona Dorothea, tomou um cirio do altar, e desceu lentamente á crypta... Abriu a porta que em seguida fechou por dentro, apagou a tocha com um pé e estendeu-se no chão...

CONDESSA DE PARDO BAZAN.

BILHETES POSTAES

II

O TANGO

Paris, 12 de janeiro de 1914.

O reinado do tango, a celebre dansa de origem argentina mas nacionalisada franceza, acaba de soffrer um rude golpe. Como, ha pouco mais ou menos

中華民國頌

The Chinese National Anthem.

SUGGESTED BY TSE TSAN TAI.
謝纘泰

Words by U Lai Un
胡禮垣

Music by Rev. J. Lao.
劉雅覺

Canto

Marcial

Piano

mf *p* *f* *ff*

當日人心知反正 太平萬歲三旬定 狂瀾倒挽海隅清 戾氣齊祛寰宇淨

公理強權天下平 變通久大時中聖 豈徒中國 中國復光華 將使六洲 六洲來善慶

MACAU—Hymno Nacional da Republica chineza, composição do rev. padre Jacob Lau e por elle offerecido ao Presidente da Republica, Yuan Shih Kai

uma centena d'annos o alto clero francez fizera para a valsa, agora o Cardeal Amette, Arcebispo de Paris acaba de condemnar o tango e hontem em

MACAU — Padre Jacob Lau, illustrado professor de musica e da lingua anglo-simica no Seminario de S. José e auctor do primeiro methodo de musica europeia para chinezes

todas as egrejas, os padres, ao fim da missa transmittiram aos fieis a ordem de Sua Eminencia.

E como a grande maioria dos francezes é catholica e os parisienses catholicos praticantes e amadores ferventes do tango creio bem que nos salões mundanos em que elle se dançava com furor, a desolação será enorme.

O tango entrára nos costumes parisienses; era mais *boulevardier* que argentino e conta-se mesmo que, quando elle começou a ser dansado, *alguem n'um baile*, pediu a um rapaz argentino, dansarino de fama, chegado de fresco a Paris para dansar o tango com uma das mais gentis artistas parisienses, alegando que sendo elle argentino o devia dansar na perfeição, ao que elle retorquiu: ha poucos dias ainda cheguei a Paris e não tive portanto *tempo* para aprender... a dansa do meu paiz!

Por toda a parte, nos cafés, nos *restaurants*, nas casas de chá, nos theatros, em «Montmartre» e nos «boulevardes», no «faubourg Saint Germain» e no «quatier-latin» o tango tem admiradores ferventes e não se póde calcular o desprezo que as graciosas parisienses sentem por quem não «tanguizar» um pouco. Creou-se mesmo o verbo «tanguer» para a nova dansa e o immortal João Richepin, o poeta do «Chemineau», fez a sua apologia brilhante n'um discurso proferido nem mais nem menos que na Academia Franceza, e acaba de fazer representar no «Athenée» uma comedia intitulada «Tango» de collaboração com M.^me Richepin. Os dois personagens principaes da peça, os principes de Lusignan, dois jovens recem-casados... muito pouco amorosos um do outro, acabam por se adorar depois de terem dansado uma só vez o tango.

Os imperadores da Allemanha e Austria já tinham prohibido os seus officiaes de o dansarem fardados e creio que os Bispos catholicos norte-americanos tambem prohibiram já o tango como sendo uma dansa immoral.

Na Inglaterra apenas no verão passado se começou a dansar o tango, nos theatros e *restaurants* mais em voga, mas na maior parte dos salões da austera aristocracia britannica nunca elle teve entrada.

Debateu-se mesmo nos jornaes entre senhoras das mais illustres familias londrinas, o facto de não deverem ser frequentadas as casas onde se dansasse o tango.

Agora o Cardeal Amette deu-lhe o golpe de morte mas creio bem que os professores de dansa muitos dos quaes enriqueceram á sua custa, inventarão uma nova dança que venha substitui-lo. A não ser que adoptem o nosso «fado» e não me es-

MACAU — O rev. Dr. Antonio José Gomes,
vice-reitor do Seminario de S. José, e seu sobrinho o distincto alumno Adolpho Maria Tarroso Gomes, natural dos Arcos de Val de Vez

pantarei se no proximo inverno o «fado» tiver as honras de dansa «Chic» e o «Pintor» e mais socios e socias montarem aqui cursos de fado a 100 francos a hora e fizerem conferencias nos chás da moda.

JOÃO DA ROCHA PARIS.

Arêna dos Novos

PELA ALDEIA

A natureza é mestra da arte.

JULGO tambem sêr,—desculpem-me se assim não pensam,—a panaceia de todos os males, o encanto da alma e dos sentidos...

Como não é ambiciosa, confia ao observador attento as provas inilludiveis e seguras de uma correcção esthetica de linhas e de angulos, mostra ao natural a severidade e escrupulosidade das formas e do claro-escuro, o relevo frisante ou levemente esbatido das mais pequenas coisas, as côres carregadas e proprias, os effeitos e disposições das imagens.

E' toda uma gamma de graduações de luz e de severa precisão.

E' um scenario magico, extenso, um kaleidoscopio brilhante, que instiga ao aperfeiçoamento e que insinua expressão. Na configuração dos objectos, na uniformidade rigorosa das particularidades a concepção clara da perfeição e da realidade. Ha formas bellas, ideias variadas, segredos de effeito, assumptos de sonho e imaginação. Mil encantos de arte. Tudo eloquente e magistral.

PELA ALDEIA—Um semeador

Cantos de aves, choros de agua, aromas de flôres, murmurios de levadas, aspectos de esguias arvores, a solidão dos cerros, o deserto dos montes, são delicias que encantam a alma e os sentidos, que inspiram e que commovem...

PELA ALDEIA—Ponte romana

A tocante e simples vida do campo sensibilisou de tal maneira o espirito incomparavel de Virgilio, o grande mestre, que o levou a as signalar n'um assentamento firme e investigador nas suas *Georgicas*, todos os trabalhos, todas as impressões, todos os effeitos.

A luz esparsa em tonalidades, a graça, o rithmo, o colorido, revelam em perfeição uma clareza, uma sublimação de sentimento.

Revive-se e sente-se uma vida agitada:

Despertai, pois, ó ágeis campo- [nezes,
instruidos na bella Agricultu- [ra...

O meu companheiro quebrando o silencio que nos acompanhava, principia na sua linguagem clara e simples de estudante exemplar, recordando passagens empolgantes e epicas dos Lusiadas, accentuando com emphase e enthusiasmo uma pequena phrase que de certo impressionou o seu espirito poetico e romantico: —*vêr os berços onde nasce o dia.*

Vamos vêr, amigo, n'este olympico retiro do Minho, (mesmo sem consentimento de Baccho), os berços onde nasce o dia e onde repousa socegadamente a noite, velada do alto pela *façuda* lua.

Esses berços são de plumagens macias e de albalas de vidrilhos de prata e rosa, de fôfo arrelvado, beijados pela branda aragem e bafejados pelo quente Apollo.

PELA ALDEIA—Um moinho

Solicitando a companhia d'um amigo, d'aquelles amigos seguros que fazem a verdadeira felicidade, *kodak* severo e indiscreto em riste, prompto a colher qualquer flagrante fracasso ou involuntario delicto, partimos em tarde branda e lavada, por caminhos marginados de pequenas casas de telhado chato, por onde espumeia uma neblina densa e baixa, correndo ao longo das campinas humidas, seguidos de outros encobertos, devido ás pódas, por laços perigosos de videiras seccas engatadas por espiraes seguras de gavinhas, á mistura de garavetos e guissos, onde mirra alguma folha teimosa, ainda presa.

Cabeças erguidas ao sol que brilha como polida patena de ouro, vamos admirando o que mais agradavel se nos apresenta.

PELA ALDEIA—Lavrando

Enlaçando o braço do meu companheiro, seguimos calados a presenciar esses claros e lisos campos, desbravados a custo pelo seu amigo, amigo que se desdobra em cuidados, e que lhes dedica uma parcella do seu amor.

Atravez os logares alargados onde se perdem as harmonias, no intimo aconchego dos pequeninos logarejos alvurados pelo debil viver do sol, como *formigos* de festa, no enleado das simples casas, em verde carregado das trepadeiras, no desmantelado de um muro onde pelos intersticios foge a hera em saudades, no triste arido dos montes, parece ouvir-se a voz mystica das ruinas, assombrar o respeito divino, e dominados, magnetizados vamos contemplando surpresos a maior e mais incomparavel obra d'arte e de belleza, onde ha te-las deslumbrantes, vivas e frescas, harmonias puras, eclogas, idylios, tragedias, e onde os maiores artistas copiaram as suas melhores creações.

PELA ALDEIA—Margeando

Paramos.

O *kodak* apanhou rapido um quadro formoso de luz e vida, de frescor e graça:—uma lavragem.

Examinemo-la.

Com diligencia homens lavram um campo de estrume espalhado, onde sobem, enxotados pelo chover da semente arremessada aos punhados por toda a extensão do campo, bandadas de passaros que cruzam desordenados o limpido espaço, saturado já de um cheiro activo de curral. Dois bois magrotes pucham pesada charrua de alveca larga, soterrando na dura terra a negra relha que a esbrava em grandes sulcos, envolvendo no seu seio quente e procreador as sementes e sustentos, guiada na rabiça com proficiencia, como *chauffeur* o seu «auto», por lavrador córado, de suissas em fórma de bacalhau, claro na sua camisa de linho bordada aos favos e desapertada no pescoço, para com os seus berros estimular ao trabalho os mansos bois, que do lado são estugados por um rapazola sadio e gorducho.

Quando transpunhamos, na retirada, uma velha ponte,—desdentada e feia, onde em baixo, atravez a sua garganta pequenina, a agua côr de porphyro brilhante pelo acceso do sol, gargarejava ruidosamente,—uma guapa lavradeira deteve-nos, com um pedido:

—Senhores; tiram-me o retrato?...

—Para que deseja a menina o retrato?—inquirimos.

—E' para... o meu...

—Namorado. Muito bem. Mas em paga do trabalho que vamos ter, ha-de nos dar essa linda flôr, que orna o seu peito. Sim?!

PELA ALDEIA—Um trecho do rio

Fixou o seu olhar languido de amor no correr manso das aguas, inclinou o corpo levemente ao lado esquerdo, arcou lenta-

mente o braço direito meio arremangado, com o pollegar apontou no peito a flôr e com um sorriso que lhe trouxe ás faces o carmim legitimo disse:

— Esta flôr é . . . um precioso thesouro!

LISBOA--A parede ferro-viaria

ALCANTARA—A Guarda Republicana guardando a linha

Com um saltinho de pega desviou-se sem dizer mais, roçagando pelas areias finas, após cada passinho seu, a cauda pregueada da sua saia de flanella riscada, embrenhando-se como dryade perseguida n'uma coutada frondosa e verde . . .

Tinhamos percebido.

A agua côr de porphyro gargarejava sempre . . .

No alto, ao longe, principiava a ouvir-se voz atenorada e suave . . .

Ao fundo, no occaso, uma listra ignea projectava esbatidos ardentes . . .

A. V.

VIDA INTENSA

(PAGINAS D'ALÉM FRONTEIRAS)

A lucta eleitoral, em Hespanha, promette ser agitada, fertil em violencias e desmandos, attingindo talvez, dentro de breves dias, um aspecto de inquietante gravidade para o governo.

Romanones, caça e propagandeia as suas manhas; as juventudes mauristas, agitam-se irritadas n'uma lucta tenaz; Garcia Prieto — grande de Hespanha e marquez de Allucemas por graça regia — aperta effusivamente as mãos democraticas... reformistas, de

ALCANTARA—Um descarrilamento

Melquiades Alvarez, preparando-se para a lucta e este, por sua vez, que affirmára, no banquete celebre de Madrid, o seu ingresso no monarchismo, declarou ha dias em Alicante, que por *disgustos electorales* se conservaria no campo republicano. Conta-se um caso curioso acerca d'este *rigodon* politico do caudilho Reformista. O seu encontro com Affonso XIII estava sendo habilmente preparado. Uma senhora de Madrid, titular, palatina, daria uma grande festa, por estes dias, honrada com a assistencia de el-rei e para a qual, seria convidado o *intransigente* D. Melquiades, que n'um dado momento, casualmeute, claro está, seria apresentado ao monarcha

CAMPOLIDE—A Guarda Republicana accendendo fogueiras

hespanhol. Pois na volta d'Alicante, o propagandista asturiano, fez discretamente constar á dona da casa que seria prudente adiar a festa. Este facto, que nada tem d'extraordinario, dá no entanto a justa medida das profundas dissenções que a abertura da campanha eleitoral está provocando.

O proprio ministro da *Gubernación*, viu-se na cruel necessidade de levar aos tribunaes alguns jornalistas, que fizeram publicar ardilosamente uma carta sua, dirigida ao ex-ministro liberal Suárez Inclán. Esta carta que é falsa, habilmente forjada para produzir escandalo, aconselha aquelle homem publico a fazer todas as tranquibernias possiveis, na eleição d'Asturias.

CAMPOLIDE — Os grevistas empurrando as carruagens para o desvio

BRAÇO DE PRATA—Os ferro-viarios e a Guarda Republicana guardando o material do «Sud-Express»

O conde de la Mortera, o filho querido de Maura, parlamentar illustre, que ha tempos se notabilisou com o seu discurso sobre a questão marroquina, affirma n'um artigo com toda a auctoridade do seu nome e da sua situação que a união com Dato é impossivel, que os conservadores estão como sempre, sob a egide politica de Maura, e termina, atacando vivamente o presidente do conselho.

Em Hespanha, está-se produzindo, agora, um phenomeno politico, a que poderia chamar-se a incineração dos partidos, egual ao que se produziu ha annos em Portugal. Ali, os partidos esphacelaram-se por questiunculas pessoaes, ambições, odios, paixões mesquinhas, que apartavam os homens; aqui decompõe-se pelas mesmas razões mas com a aggravante de ser o proprio rei que, com a sua politica contemporisadora—fomenta e ampara essa differenciação.

O partido liberal está desfeito, esquartejado, decomposto em grupelhos; o conservador, unico que até agora mantinha a sua integridade, está profundamente dividido e assim todas as *nuances* partidarias, soffrem do mesmo mal, não fallando já nos republicanos onde cada caudilho tem a sua facção.

A lucta vae ser renhida, perigosa para o regimen, tanto mais, que todas estas divergencias surgiram do crite-

MALVEIRA—A estação guardada pela Guarda Republicana e um grupo de ferro-viarios

rio politico d'Affonso XIII, na solução leviana da ultima crise. Maura ficou de fóra, porque o Rei com toda a sua valentia indiscutivel, não se atreveu a entregar-lhe o poder, para condescender com os avançados e não resolveu a questão. Deixou-se ir nas aguas turvas da transigencia e mais uma vez adiou a solução politica.

A Hespanha, está n'este momento a braços, com graves problemas, que a questão partidaria entrava e difficulta. A sua aproximação com a Inglaterra, que lhe abriu as portas do *concerto* europeu obriga-a implicitamente, ao augmento dos seus reduzidos effectivos navaes, o que sobrecarrega extraordinariamente os seus orçamentos. O accordo com a França impõe-lhe, quasi, uma mobilisação constante de tropas no Riff, que é superior ás suas forças economicas e que o paiz não quer. A guerra de Marrocos, é positivamente uma das mais graves questões que preoccupam o governo de Madrid.

A Hespanha inteira, quer socego, quer trabalhar, quer progredir. Os milhões que a quixotesca aventura absorve, fazem falta á immensa *steppe* castelhana, inculta, ardente, abrasada de séde!... E o problema assume agora um delicado e perigoso aspecto, com a transferencia dos recrutas para as guarnições da Africa.

Todos os dias, os comboios levam centos de rapazes para a guerra e por todas as estações, por onde passam cantando, rindo, victoreando a Patria e o Rei, n'essa inconsciencia admiravel que é o germen dos heroes, o povoleu que se agglomera para vê-los—mães, mulheres, noivas, amigos e indifferentes—tem esta unica phrase, que muitas vezes, muitas, vem cortada de lagrimas:

—*Pobritos, van al matadero!...*

Elles, lá seguem cantando a sua *prabiana*, as suas *jotas*, a *muiñèra*, as *guactras*, despreoccupados felizes, dando um grande exemplo de sacrificio aos maioraes da politica, que pelos *mentideros* de Madrid, cuidam mais da egrejinha eleitoral, que dos interesses da Patria.

E essas canções, esses risos, que escondem tanta saudade, tanta lagrima, são a garantia de que Hespanha dominará a crise, porque não liquida, não abate, n'uma nação que tem caracter, e aquella abnegação, aquella alegria perante o dever a cum-

MAFRA—A machina descarrilada

SACAVEM—O comboio que seguia para o Porto, descarrilado

SACAVEM—Mais carruagens descarriladas

prir, é uma poderosissima manifestação de caracter collectivo...

JOSÉ DE FARIA MACHADO.

Fastos do Catholicismo

A egreja anglicana vae desapparecendo.

No seio do anglicanismo succedeu recentemente um facto que deve causar muito regosijo aos catholicos, e que demonstra o estado de dehiscencia em que actualmente vive a seita anglicana.

Para ampliar os trabalhos de propaganda na Africa Central, os bispos protestantes de Uganda e Monbaça c convocaram uma conferencia á qual accudiram missionarios de cinco seites independentes da egreja anglicana. O bispo de Zanzibar protestou perante o arcebispo de Canturaria, e é apoiado pelo que chamam «alta egreja», e os dois bispos mencionados teem a seu favor a parte «evangelica» da que é conhecida com o nome de «baixa egreja».

Os fieis da alta egreja procuram occasião propria de chegar a um accordo com a Egreja romana e unir-se a ella: emquanto que a outra combate intransigentemente tal união.

Agora a Egreja anglicana está dividida em dois campos hostis. A «alta Egreja» dêu já, e motivou, muitas conversões á egreja catholica sendo considerada filha prodiga da romana, á qnal não se atreveu ainda a fazer acto de completa submissão.

O catholicismo vae desapparecendo... pois não vae?

SACAVEM—A locomotiva inclinada sobre a linha

(Clichés do nosso cor. phot. em Lisboa.)

PORTO—O primeiro comboio de exploração que sahiu de Gaya

(Cliché de J. Azevedo, phot. da «Illust. Cath».)

Dois mil annos depois

Um dia visionei, n'um sonho, n'um delirio,
O corpo de Jesus, em pé, sobre o Sinai;
Aureolava-lhe a fronte o nimbo do martyrio,
Ia por sobre a terra a dôr qu'inda ora vae.

Amortecia a luz... E a pallidez d'um cirio
Banhava tristemente a terra, que o attrahe;
E ao vêr o mundo assim, franzino como um lirio
O meigo sonhador soluça, treme e cae...

P'ra que préguei então o amôr á humanidade?
E dizendo assim—ia cahindo a tarde—
O pallido Rabi, o lyrico Jesus

Desfaz-se commovido, angelico, innocente,
N'um pranto convulsivo, electrico, fremente
Como outr'ora Maria chorando junto á Cruz...

Braga.

RAMALHO DE BARROS.

MATTOSINHOS — A questão da Camara com a Companhia Carris

Apesar de todos os esforços empregados, ainda não teve solução o conflicto aberto entre a Companhia Carris e a Camara Municipal de Mattosinhos.

Os carros electricos na est ada de circumvallação

O povo gosando espectaculo

(Clichés do phot. am. sr. Manoel Gama.)

FUNDÃO--Uma estatua de neve

(Cliché do phot. am. sr. Bartholomeu Monteiro)

PROPRIETARIO
Joaquim Antonio Pereira Villela.
DIRECTOR
Dr. Francisco de Sousa Gomes Velloso.
EDITOR
Antonio José de Carvalho.
ADMINISTRADOR
Clemente de Campos A. Peixoto.

Illustração Catholica
Revista litteraria semanal de informação graphica

Redacção, administração e typographia
83, R. dos Martyres da Republica, 91
BRAGA

CONDIÇÕES D'ASSIGNATURA
(PAGAMENTO ADEANTADO)

Portugal e colonias (1 anno) . .	2$400
» » (6 mezes) .	1$200
» » (3 mezes) .	600
Sendo a cobrança feita pelo correio, accresce o importe das despezas.	
Estrangeiro (1 anno)	3$000
» (6 mezes)	1$500
Numero avulso	60

Numero 32 Braga, 7 de fevereiro de 1914 **Anno 1**

ILLUSTRAÇÃO CATHOLICA

Revista litteraria semanal de informação graphica

Proprietario, Joaquim A. Fereira Villela. Director, Dr. F. de Sousa Gomes Velloso

EDITOR Antonio José de Carvalho. ADMINISTRADOR Clemente de Campos A. Peixoto.

Braga, 7 de fevereiro de 1914

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E TYPOGRAPHIA
83, R. dos Martyres da Republica, 91
(Antiga R. da Rainha—Braga)

Numero 32—Anno I

VIANNA DO CASTELLO—O altar-mór da egreja de S. Domingos no dia da festa da Immaculada

(Cliché cedido pelo rev. José M. d'Abreu, Prior de Monserrate).

Chronica da semana

XXXII

ESTALADA a crise politica, quasi todos perguntam o modo de a resolver, o ministerio que sobrevirá, as probabilidades d'um golpe de audacia, todo o conjuncto de sensacionaes surprezas que ainda possam provocar pasmos e decepções: poucos, porém, tratam de inquirir qual a origem da crise, como se fosse superfluo sabe-la.

Desviar esta pergunta é não resolver a crise.

Uma crise ministerial é no fundo um dos mais banaes problemas postos e offerecidos á argucia dos chefes de Estado e dos chefes de partido. Nos systemas parlamentares existem sulcos já lavrados, roldagens já installadas, que permittem concertar, em mais ou menos tempo, o apparelho complicado dos governos da nação.

Uma recomposição ministerial, uma quéda de gabinete, por si mesmas, nunca lançarem por terra um regimen. A preoccupação de buscar competencias para gerir os negocios publicos não atemorisa os magistrados, porque os collegios parlamentares estão inçados de ambições e pelos atalhos do caciquismo politico vagabundeiem mendigos de honrarias e benesses.

As crises ministeriaes não apresentam, pois, d'um modo geral, uma gravidade insuperavel.

E' certo que a sua frequencia causa instabilidade á ordem do progresso nacional e faz o descredito dos regimens. Mas esta instabilidade, esta quebra de continuidade na acção governativa não é originada, em ultima analyse pela frequencia das mudanças de gabinetes. Ha periodos de transição na vida das nações; durante elles fraccionam-se partidos para logo depois surgirem reformados, sob novas organisações e parallelamente a estas ininterruptas sequencias de quadros, desfila tambem nos tablados do poder, uma serie de ministerios, traduzindo no alto as oscillações de baixo. A phrase de Girardin é verificada dia a dia: — a plena anarchia, se está no governo, é porque está na rua.

A Hespanha vem mostrando ha annos o fundamento d'estas asserções...

A interrogação deve portanto, visar, não a solução da crise mas a sua origem, as suas causas historicas e sociaes. E' provavel que a não façam os sectarios fanatisados, que consideram o seu alistamento politico como arma das suas invejas e veem no poder um telonico immenso em que elles, espectadores, compraram o direito de fartar os avidos estomagos.

Isto, porém, não impede que os homens incumbidos de registar os lances da historia não subordinem a sua critica á simples curiosidade de investigar quem succedeu a este ou áquelle ministerio.

E invertidos os termos, substituida a pergunta, *como se resolveu a crise*,—por est'outra *qual a origem de todas as crises*,—o problema torna-se evidentemente mais logico, mais profundo e mais importante.

Se no primeiro caso a forma de governo sae illesa e a forma de governar sae verberada, no segundo é a propria organisação geral do governo que fica exposta á analyse dos espiritos, descendo o facto accidental das transmutações de scenario á cathegoria d'uma particularidade que, embora attendivel, não pode tornar-se determinante d'uma epoca historica, d'um movimento de opinião, da direcção social de todo um povo.

Assim explicamos nós o apparecimento subitaneo do *gachis* politico actual. Mais cedo do que muitos previam, elle desvendou-se e as palavras do rei D. Carlos ao jornalista do *Temps* em 1907 revivem hoje em toda a crúa verdade, com manifesta surpreza de cainhos cerebros que não souberem observar com acuidade um problema, que não é de hoje, mas dos primeiros tempos em que a fallencia dos parlamentarismos liberaes se estadeou em Portugal.

...E aquelles mesmos que na Assembleia Constituinte se indignaram com a dissolução das Camaras facultada aos poderes do Chefe d'Estado, reconhecem alfim o erro commettido!

E' sem remedio o arrependimento? Os acontecimentos historicos darão resposta a esta duvida, em cujas tenazes se estorce toda a incerteza d'aquillo que a imprensa liberal ingleza vem chamando—a anarchia da patria lusitana...

F. V.

SONHANDO

Na soidão da minha aldeia
Vejo a mêdo, entre a folhagem,
Perpassar a tua imagem,
Em noites de lua cheia.

Mas o vulto, que me enleia,
Esvae-se, foge na aragem,
Como longinqua miragem
Na soidão da minha aldeia.

Pomba de brilhante alvura,
Aonde vaes tão ligeira?
Sobe mais alto e procura

A sua imagem fagueira;
Mas, não voltes d'essa altura,
Sem o ramo d'oliveira...

ZULMIRA DE MELLO.

FIGURAS DA BEIRA

XIV

Alexandre de Lemos

ALEXANDRE Maria de Lemos era, á primeira impressão, apenas um homem de elegancia rigida, um homem alto e magro, excessivamente moreno, que nas suas linhas muito nervosas accusava uma estranha, até impertinente, affectação.

Hirto, irreprehensivel no janotismo requintado, grave de semblante, com o olhar muito negro atravez as lunetas de grande cordão, lembrava alguem que não se esquecia nunca das vistosas exterioridades dos diplomatas nos grandes e deslumbrantes saraus cortezãos.

Quando fallava, a impressão era identica — era d'uma superioridade, um pouco pretenciosa, que se impõe com grandes mostras de mal disfarçada ironia intima. O gesto era como que automatico e frio, a voz desdenhosa, acompanhada constantemente por um rasgado arquear de sobrancelha, exprimindo ou tedio ou vaga misericordia por um ser inferior.

Para os simples, e talvez para os intensamente intelligentes, para os inimigos de artificios, era á primeira vista mais exotico e irritante do que sympathico.

Comtudo, na intimidade, Alexandre de Lemos era um bom, um modelar chefe de familia e amigo, uma boa mentalidade, com grande e fina cultura artistica. O seu primor nas salas, não era frivolo, tinha antes relampagos inesperados da melhor graça portugueza, notaveis fulgores de bom-senso e de fidalguia puramente lusitana.

Na sua profissão, tanto era modelo de pontualidade e capacidade como de excellente, digna, perfeita, camaradagem. Ao mesmo tempo, insupportavel de prestimo, de devoção pelos que soffrem, a sua alma estava constantemente aberta a todas as abnegações que lhe merecia sempre a desgraça, o infortunio fosse de quem fosse.

E, afinal, no seu intimo havia tristezas pungentes, muito profundas. Viuvo muito cedo, ficando com um filho que tanto amava—o mallogrado dr. Sebastião de Lemos, tambem finado ha annos — Alexandre de Lemos, nas suas ironias e graças, mais disfarçava o que o alanceava do que dava largas á crueldade sangrenta de quem de tudo zomba.

A sua linha, rigida e distincta, impunha-se a quem o conhecia como uma envergadura de martyr que padece heroicamente a sua incuravel dôr. Mas, dentro d'aquella magua lancinante, palpitava um generoso e ardente prestimo. Aquella rigidez era, quando preciso, boa fraternidade, solidariedade sincera.

Secretario, durante annos, da Camara Municipal de Lamego, foi depois recebedor do concelho de Almeida e, por fim, funccionario do antigo ministerio da fazenda em Lisboa, patenteando sempre grande lucidez de intelligencia, uma actividade rara e fecunda, um puro e digno caracter.

Por isso, quando falleceu, teve na imprensa da capital e das provincias verdadeiras e commovidas homenagens, como eram devidas a um dos mais dignos e prestigiosos amigos do visconde de Guedes

VIANNA DO CASTELLO—Capella-mór da egreja de S. Domingos

(Cliché do phot. am. snr. Antonio J. Gonçalves.)

Teixeira, de Peito de Carvalho, de Carlos Lobo d'Avila, e a um dos cidadãos mais prestadios e honrados, e um dos mais irreprehensiveis funccionarios do seu tempo.

Mal diria elle, ao finar-se, tão heroico diante da frialdade do tumulo, que lhe sobreviveria tão poucos annos o filho, o dr. Sebastião de Lemos, medico que na capital, onde falleceu, teve uma vida cruel de provações, prostrado como foi, emfim, pela tuberculose que raras vezes poupa os arruinados pelas mais acerbas angustias, incluidas a de se ter inutilmente um diploma, porque o proprio pão escasseia!

Mal o diria elle que, viuvo viveu sempre, enternecidamente, só para o seu querido e desditoso filho! E quem sabe se o presentiu? Mas a serenidade

VIANNA DO CASTELLO—As prendas distribuidas na festa da Immaculada ás creanças da catechese a expensas do grande bemfeitor sr. Antonio dos Santos Pinto.

(Clichê cedido pelo rev. José M. d'Abreu, Prior de Monserrate)

PORTO—Grupo de presos politicos detidos no Paço Episcopal

Da direita para a esquerda—*Dr. Oliveira Lima (lente de Medicina), Pedro Valladas, Dr. José Lobo d'Avila Lima (lente de Direito), Dr. José Figueirinhas, Abel dos Santos Ferreira, Fernando Lobo d'Avila Lima (terceiranista de Medicina), Dr. Barbedo Pinto, Dr. Carlos Rego, Antonio Cicioso de Mello e Souza, Dr. Moreira d'Almeida e José Augusto Moreira d'Almeida.*

extranha do seu rosto no leito mortuario, e tão celebrada pelos que o viram pela derradeira vez, parece assegurar que o não sonhou sequer.

JOSÉ AGOSTINHO.

NOTAS—Alexandre de Lemos foi filho do dr. Sebastião Maria de Lemos, administrador do concelho de Lamego durante annos, e de D. Ignez de Castro Lemos, senhora de alto bom senso e rara illustração. Foi irmão de Augusto Maria de Lemos, homem de raro talento e iniciativa, finado quando, depois dos mais crueis azares, conquistara o logar de agente financial portuguez no Rio de Janeiro. Alexandre Maria de Lemos nasceu em Lamego a 27 de dezembro de 1843, e falleceu em Lisboa a 4 de janeiro de 1904.

Serões eruditos

III

Um quadrado magico

VAMOS concluir, n'este serão, o relato da explicação que o sr. Manuel Delorme dá da mysteriosa inscripção *Sator arepo tenet opera rotas*, que elle encontrou n'uma medalha sello da Inquisição, conservada no museu ethnologico de Lisboa.

Se, como elle explicou já, o *Sator* é uma fórmula da cabala hebraica, como figura n'uma bandeira do Santo Officio?

«Se na sua origem — prosegue a revista italiana, resumindo a Delorme — aquella fórmula era simplesmente o symbolo distinctivo ou signal de reconhecimento d'uma sociedade secreta, assumiu depois caracter de amuleto, e nos mais antigos amuletos christãos o *Sator* (Semeador) encontra-se quasi sempre relacionado com nomes de martyres, semeadores da verdade. Mas nos *vexilla* e *sigilla* da Inquisição não podia ter esse caracter de amuleto, e, por conseguinte, deve ter sido collocado alli por qualquer outro motivo especial, assim como foi posto, por exemplo, n'uma Biblia carolingia, como allusão a Jesus Christo, redemptor e cultivador das almas, e até nas *fiches* das contas da thesouraria austriaca, de 1572, provavelmente como allusão, mais ou menos apropriada, aos beneficios do trabalho que cria a riqueza: *Absque labore gravi non venit ulla seges.*

«Segundo Delorme, a Inquisição tinha visto, na fórmula pantheística do *Sator*, o *Credo* da heresia, quer dizer: o seu symbolo mais comprehensivo, porque a ideia philosophica que ella exprime era, como já dissemos, a ideia gnostica por excellencia e porque o gnosticismo era, para a Inquisição, o typo mais perfeito da heresia, a propria fonte d'onde todas as heresias brotavam.

«Por isso a inquisição, assim como tinha posto d'um lado das suas medalhas, dos seus sellos e das suas bandeiras, a Cruz Coroada — isto é: o *Credo* da fé — assim puzera tambem do outro lado o quadrado magico do Sator, o *Credo* da heresia. Philippe De Limborck, na sua *Historia da Inquisição*, publicada em Amsterdão em 1692, e o seu contemporaneo Luiz Parano, na sua obra sobre as origens e

PORTO — Os presos politicos, srs. Apparicio de Miranda e dr. Santos Motta, professor do lyceu de Braga, á janella do Aljube

(Clichés do phot. am. sr. Antonio Braz d'Araujo)

VIZEU — Presos politicos detidos na cadeia civil como implicados nos acontecimentos de 21 d'outubro

Sentados: *Abbade de Ribafeita, Dr. Luiz Ferreira de Figueiredo (medico), Padre Francisco Paes Pereira*
De pé: *Eduardo Maia (professor), Padre Antonio Casanova, Dr. Luiz Fructuoso Ferreira de Figueiredo.*

progressos da Inquisição, descrevendo as procissões dos *acta fidei*, nome que se dava á execução pelo fogo das sentenças de morte dos herejes (autos de fé) mostram-nos n'aquellas procissões os herejes marchando divididos em dois grupos, o dos confessos e arrependidos, e o dos impenitentes, em cujo sambenito estavam pintadas linguas de fogo, symbolisando as chammas que os esperavam. Ao grupo dos arrependidos, a bandeira ou estandarte da Inquisição, que acompanhava a dolorosa comitiva, mostrava a Cruz Coroada; mas a vista d'esse symbolo era denegada aos relapsos, aos condemnados. Para estes ia voltado o outro lado da bandeira, aquella em que não havia mais que reprovação e desesperança. Como eram representadas estas coisas é que nem Limborck nem Parano, nem nenhum outro historiador da Inquisição no-lo dizem; mas é licito suppor que para esse fim servisse precisamente o execrado symbolo do semeador pantheista, negador de Deus e blasphemador de Christo, visto que o encontramos no reverso de um sello d'aquelle terrivel tribunal.»

VIZEU—Presos politicos detidos na cadeia civil como implicados nos acontecimentos de 21 d'outubro

Sentados: *Vigario de Boa Aldeia, Vigario de S. João de Lourosa, Abbade de Cepões.* De pé: *Manuel Pereira, José Gonçalves d'Ascenção, Eduardo Soares, Faustino Maia, Francisco José Pinto.*

Ora agora, antes de deixar de vez o famoso *Sator arepo tenet opera rotas*, para abrir, no proximo serão, deante da leitora estarrecida, o *Diccionario infernal* (brrr!!!) diremos com o autor do artigo da *Minerva*, que a explicação de Delorme, sem ser decisiva, parece ter indicado uma boa pista a quem pretenda excogitar a verdadeira significação d'este mysteriosissimo quadrado magico. E não nos despedimos de vez dos quadrados magicos, porque este não é o unico que existe; longe d'isso. O infatigavel vasculhador italiano conclue o seu artigo com estas indicações preciosas para os nossos futuros serões:

VIZEU—Presos politicos detidos na cadeia civil como implicados nos acontecimentos de 21 d'outubro

Sentados: *Augusto Paes de Figueiredo (pharmaceutico), Candido M. d'Aragão e Costa (secretario da administração), Antonio de Figueiredo Alves (empregado da Secretaria da Camara Municipal).* De pé: *P. Victorino Marques, Arthur da Silva Rebello (empregado da administração), Joaquim de Figueiredo (secretario da Camara Municipal), Candido d'Almeida, Agnello Maldonado e Florido Marques.*

VIZEU—Presos politicos detidos na cadeia civil como implicados nos acontecimentos de 21 d'outubro

Sentados: *Padre José de Paiva Coelho (vigario de Abravezes), Anthero Correia, Padre João Correia d'Almeida (abbade de Bodiosa), Antonio Domingos Maia.*
De pé: *Antonio Rodrigues do Quental, João Ferreira da Ponte, Padre Avelino Rodrigues dos Santos (abbade de S. Cypriano), Henrique Simões d'Oliveira, Padre Luiz Ferreira da Ponte (abbade de Fail).*

VIZEU Presos politicos detidos na cadeia civil como implicados nos acontecimentos de 21 d'outubro

1.º plano: *Fradique Rodrigues Fernandes.* 2.º plano: *Padre Abel d'Abreu Vouguinha (Vigario d'Orgens), Dr. José d'Almeida Correia (conego).* 3.º plano: *Padre Joaquim Coelho de Mendonça (abbade de Couto de Baixo), Bernardino Rodrigues Martello, Casimiro Dias Mendes.*
4.º plano: *Antonio Marques Dionysio, Henrique Pereira dos Santos, Manuel Marques.*

«Quem desejasse, alem das interpretações que referi, buscar outras, pode ser que as encontre folheando as muitissimas obras que se occupam dos quadrados magicos, desde as *Acta Eruditorum* de Kochausk e o *De occulta Philosophia* de Cornelio Aggripa até á *Theory of magic squares* de F. A. P. Bernard, publicada no 4.º vol. das *Memorias of the National Academy of Sciences* (Washington, 1888); no fim d'esta ultima obra o autor accrescentou uma bibliographia completa dos livros sobre os quadrados magicos, bibliographia que reserva não poucas surpresas aos investigadores...»

Pois sim, mas isso será mais tarde. No proximo serão quero espavorir as leituras com o *Diccionario infernal...*

ARTHUR BIVAR.

VIZEU—Presos politicos detidos na cadeia civil como implicados nos acontecimentos de 21 d'outubro

Sentados: *Justino Lopes Pinheiro, Evaristo Routar, José Fernandes d'Amaral, Albano Albino.*—De pé: *Abel Rodrigues dos Santos, Antonio Rodrigues Barbosa, Manuel Fernandes Novo, Antonio d'Almeida Routar.*

(Clichés do phot. am. sr. Alipio da Silva)

Conto do Natal

TINHAM acabado de jantar. O creado, discreto, entrara com o café e com os ultimos jornaes. Paulo triste, irritado, aproximou-se do fogão, accendeu um cigarro e estendeu-se, bocejando, no *maepler* acolhedor. Trude viera encostar-se receosa ao respaldo do *fauteiul*, a vigiar como sempre aquelles instantes aborrecidos.

—Não. Não. Estou farto, amor! principiou o pae inclinando a cabeça para cima:

—Farto e cansado... Esta melancholia mata-me; aquella recordação chicotea-me os nervos — e voltando a cabeça para o peito, n'um soluço quasi continuou:

—Quero ainda uma hora junto dos meus,... um

accendeu um cigarro e estendeu-se, bocejando, no *maepler* acolhedor...

vislumbre de conforto... Depois... Tenho saudades, tenho...

Trude rodeou a cadeira, colheu o pelo pescoço e entre carinhosa e gaiata reprehendeu:

—Quizeste ficar?! Poderiamos ter feito o nosso *reveillon* em qualquer restaurante alegre...

—Gostavas? interrogou, risonho Paulo de Sá.

—Por ti, voltou rapida entre caricias; — por ti, por esse *splee.n*.. e corada, n'uma supplica, segredou-lhe qualquer coisa, que o fez estremecer contrariado.

—Não, não, vae-te deitar. Tens que esperar pelo velhinho. Não te prometteu lindas coisas?

Eu ficarei aqui no *reveillon* amargo das minhas

brincando com ella na praia...

saudades, das minhas tristezas, dos meus remorsos. Não acabou. Um estremeção de tosse, fez avermelhar entre os beiços que se apertaram a medo, uma lista de sangue. Trude correu para elle n'um abraço:

—Meu Deus!

—Não é nada, vae-te deitar. Amanhã, cedinho, quero vêr se estás contente com as mil coisas que o velho natal te deixou nas botas. Vaes contar-me, como sempre, a tua visão, a eterna descida pela chaminé, do velho mysterioso, os seus conselhos... e olhando-a triste, receosa ainda, Paulo ajuntou sorrindo:

—Não é nada. Anda, amor, vae-te deitar. Eu vou d'aqui a bocado... Vamos a esse beijo...—e foi para ella de braços estendidos.—Tontinha, anda— e beijou-a, commovido quasi, empurrando-a para a porta que em seguida fechou.

Depois, hesitou, olhou tristemente os quadros, os *bibelots*, as flores, o todo elegante d'esse interior confortavel, onde a mão adolescente d'uma creança já punha o seu que de attractivo mas como sentisse vasio, extranho, tudo aquillo encolheu os hombros e novamente se foi sentar junto ao velho fogão onde uma chamma viva crepitava inquieta.

—Não, não posso mais... Expiei já todas as loucuras — e deixou cahir a cabeça no almofadão macio, as palpebras corridas, para que os olhos melhor vissem a alma desesperada...

*

Paulo de Sá tivera uma mocidade alegre e agitada. Diplomata, rico, aos trinta e cinco annos encontrara-se cansado já, gasto, sem interesse pela vida, sem uma esperança, sem um fim, tendo gosado e vivido tudo, a olhar esse passado inutil de viagens e *flirts*, d'aventuras levianas, de incidentes tristes, devaneios e loucuras, perfidias e triumphos, atravez do mesmo bocejo, do mesmo tedio, do mesmo cansaço. Em Bruxellas, onde então servia, deixou inconscientemente, pelo prazer da novidade, que um *flirt* ingenuo com a filha do embaixador rumano, se convertesse n'uma paixão violenta.

Aquelles desoito annos simples, seduziram-o então. O homem acostumado a triumphar, a dominar as almas pelo ardil, pelo espirito, pela manha, sentia-se infantil, timido, perante aquella alma simples e delicada. Por seu lado ella, encantava-a aquella vida agitada de loucuras e sentia a vaidade de poder avivar n'aquella bocca, que o tedio immobilisara, um novo sorriso de prazer. Casaram.

Paulo conseguira uma transferencia para Constantinopla e levara-a confiada, feliz, para o idylio amoroso d'uma lua de mel, na placidez amiga de uma casa retirada, nas costas do Bosphoro, onde a monotonia poetica da vida os juntava mais. N'esses primeiros tempos, tiveram horas alegres d'amor e de felicidade, d'enthusiasmo mesmo, mas dois annos mais tarde, quando a promoção os fez regressar a Paris, os dois ainda que apparentemente en-

Tomou-a nas mãos quasi despeitada...

cantados--traziam as almas arrefecidas já. Não se tinham amado. Paulo deixara-se arrastar pelo encanto d'um sentimento novo, o mesmo doentio prazer do *gourmand* que açula o appetite perante uma

iguaria arrevesada. Ella, enthusiasmda com o cadastro galante d'aquelle homem vivido, vira-o, senhor de todo o dominio, de todo o encanto, n'aquella leviana cegueira da adolescencia perturbada de romantismo. Um dia, o encanto desfez-se, o tedio voltou a immobilisar o sorriso e o vasio fez-se na alma da tresloucada mulher.

Paulo tentou ainda resistir e dissimulando, mentindo, illudindo-se aos dois na vida incerta das festas, dos theatros, das corridas e dos prazeres

Fundão—Aspecto geral da villa depois da nevada

Fundão—Capella da Senhora do Miradouro

vendo-se ao fundo a egreja do antigo convento de Santo Antonio

Fundão—Em frente á capella de S. Sebastião. Ao cahir da neve

Fundão—Divertindo-se com a eve

conseguiram enganar-se uns mezes mais, mas inevitavelmente, tempos depois, voltava á sua vida antiga, ás suas loucuras, aos seus vicios e tendo exgotado mais este prazer, lançava-se desvairado no jogo, á procura da derradeira sensação.

A mulher, coitada, aborrecia-se, desesperava-se, suspeitando apenas da verdade, mas soffrendo já do terrivel logro em que cahira.

Um anno depois nasceu a filha e por momentos, pareceu que tudo ia mudar mas como fôra ainda o prazer ephemero da novidade, que desenterrara e encanto perdido, Paulo voltou logo á sua vida desregrada d'aturdimento, de prazer. A mãe, ficou menos só mas mais triste, mais desesperada, sem encontrar no amor da filha, — que não era infelizmente a visão do seu primeiro amor, — a natural recompensa, mas vendo-o apenas como uma fatalidade do acaso, que talvez a viesse ligar mais estreitamente ao homem, que já não podia supportar.

Vieram logo os desgostos, as discussões o horror da existencia desgraçada. A fortuna de Paulo não podia resistir muito mais a tantas loucuras e um dia, a pretexto da saude de Trude, que definhava n'aquelle turbilhão, elle sugeriu uns mezes na Bretanha, d'ar lavado, de socego e de paz. Mary acceitou animada.

Fundão—Uma lucta de neve

A lembrança d'aquelles annos d'amor na calma do Bosphoro tranquillo, lisongeava aquella belleza despresada, que não conseguira dominar mais que nas horas fugidias do tresloucamento. Mas apenas se installaram Paulo voltou a Paris e a decepção então surgiu de novo, o despeito feriu, aguilhoou mais intensamente.

Pouco tempo depois, Paulo liquidava os ultimos restos da fortuna dissipada e escrevia-lhe uma carta cruel. Pela primeira vez Mary chorou, experimentou um sentimento exacto, teve uma impressão clara de vida— o abandono. E humilhada, offendida, escreveu ao pae, descançando já a sua velhice n'uma reforma amparadora, n'um canto longinquo do seu paiz.

Fundão — Admirando os effeitos da nevada

Fundão—Um lindo aspecto do nevão
(Clichés do phot. am. sr. Bartholomeu Monteiro)

Paulo veio despedir-se. Partia tambem para Pekim e como o homem correcto, não a abandonou sem uma fria desculpa d'educação. Ella levaria a filha; tinha o seu dote intacto; poderia ser feliz. Não houve uma lagrima; não houve uma recriminação.

felicidade, dedicando-se inteiramente á pequena, infantil quasi, brincando com ella na praia, sempre solicito ás suas perguntas, cercando-a de carinhos e lisongeando-lhe os caprichos; e tanto se affeiçoou, tão devotadamente se identificou com a alma d'aquella creança, que era afinal o encanto desconhe-

PORTO -- Ainda a parede ferro-viaria

No Oriente, passados os primeiros tempos de surpreza, d'encanto, que a vida diversa provocava, Paulo começou a sentir a primeira saudade, o primeiro rebate do arrependimento. Lembrava-se vagamente da filha. Mary escrevia algumas vezes. A pequena ia crescendo... Tres annos, um amor e viva... dizia a mãe laconicamente e Paulo mordia-se de saudades.

Na primeira licença voltou a Paris e não resistiu a uma viagem a Bucarest. Foi recebido friamente mas Trude, apenas soube que era o pae, correu para elle e estendeu-lhe os braços enthusiasmada.

A estação guardada por forças da Guarda Republicana

cido, o unico prazer da sua vida, a sua redempção tranquilla, que mezes depois, quando terminou a licença não póde leva-la á mãe, que a reclamava anciosa e sem pensar, vendo apenas a sua felicidade, levou-a orgulhoso comsigo.

Desde esse momento uma só idéia dominou aquelle espirito: viver para ella... Te-la bem sua, para sempre, e n'um egoismo feroz, só procurava apagar na alma de Trude, a recordação da mãe. Era o seu grande crime!

Mary, reclamou, supplicou mas nada conseguiu... Pobre mãe! As leis ajudavam aquella desgraçada, sanccionavam aquelle roubo.

O tenente Rodolpho Novaes dando as suas instrucções

(Clichés de J. d'Azevedo, phot. da «Ill. Cath».)

Habilmente conseguiu que lhe deixassem a filha por uns mezes. Começou então para Paulo uma existencia nova. Em Nice para onde fôra receoso da saude debil da filha, passou dias admiraveis de

Trude foi crescendo. O pae vivia para ella e ella vivia devotada para o pae, mas no meio da felicidade que agora realmente disfructava, Paulo começou a entristecer... Adoeceu. A vida agitada

d'outros tempos arrasára-lhe a saude, e quando a felicidade chegou a penetrar n'aquella existencia, encontrou simplesmente uma ruina. Os medicos aconselharam descanso e o regresso immediato á Europa.

Trude ia crescendo. Era uma mulhersinha! Loira, miuda como a mãe, a mesma melancholia no olhar, a mesma infantilidade de boneca. Algumas vezes, vagamente primeiro, lembrava-se da mãe mas Paulo, mudava de conversa, distrahi-a, en-

LISBOA==Echos da ultima parede ferro-viaria

Os paredistas no Rocio

A Guarda Republicana tentando afastar os paredistas do Rocio

ganava-a e a pobre creança terminava afinal por se convencer. Entretanto com a edade, foi-se lembrando mais nitidamente e não deixava de manifestar o seu pesar, o seu desgosto por não a poder vêr.

Voltaram a Paris. A doença seguia lentamente mas a melancholia apossava-se rapidamente da alma de Paulo de Sá.

No meio d'aquelle turbilhão que elle conhecia, que elle agora odiava, a filha, aquella adoravel mulhersinha de doze annos, que era todo o seu encanto, estava sob uma ameaça constante e por isso, mais e mais, elle se dedicava, escondendo-a quasi, rodeando-a de desvellos, de attenções, querendo furta-la a todo o custo, a todo o perigo... Trude vivia feliz apenas agora, muitas vezes, perguntava pela mãe, pedia um retrato, supplicava um indicio...

*

O relogio do fogão preludiando um minuete despertou-o das suas recordações. Paulo levantou-se e foi para o pequeno armario onde escondera de manhã as prendas do natal que olhou distrahidamente.

- Se eu? E porque não? Ainda ha pouco me pediu... como ella gostava!—e resoluto avançou para o pequeno contador marchetado. Abriu uma das gavetas que remecheu, reflectindo commovido ao apparecimento d'uma carta, d'um papel, d'um retrato, ora triste ora alegre, n'aquelle revolver amargo do passado. De repente um ah abafado, incomprehensivel, talvez de magua, talvez de prazer, cortou o silencio da sala.

A Guarda Republicana e a policia dispersando os paredistas que tentavam impedir a circulação dos electricos

Tirou para fóra um retrato. Era o retrato de Mary, o primeiro que lhe déra. Como lhe parecia Trude! Limpou uma lagrima e sahiu para o corredor.

A' porta do quarto da filha detevesse ainda como se hesitasse, mas logo n'uma resolução abriu de manso a porta e entrou. Trude dormia. A lampada azul, suspensa do tecto, projectava uma luz mansa sobre as rendas dos lenções que recortavam aquella carita viva, coroada pela mancha fulva dos cabellos. Sobre a cama, emmoldurada em bronze, uma copia da Madona de Murillo, parecia guardar aquelle somno tranquillo. Paulo sentiu os olhos arrasados de lagrimas mas não hesitou e dirigindo-se ao fogão onde na plataforma d'amianto descansavam as botas de Trude curvou-se para cellas, e sem uma duvida, n'uma attitude inexplicavel, deixou dentro d'uma o retrato de Mary. Olhou ainda para a cama mas do

Os paredistas assaltando um carro electrico

(Clichés do nosso corresp. phot. de Lisboa.)

minando a tosse que aquelle esforço acirrára, sahiu apressado, contente.

Trude não conseguira dormir. Esperára tres longas horas a visita de sempre, n'aquella curiosidade infantil qne soubera affastar-lhe o somno. Mal o pae sahiu, levantou-se apressada e correu para o fogão. Lá estavam... mas quasi teve uma decepção... Esperava o relogio, a pulseira, os brincos... e via apenas, uma moldura de prata!!... Tomou-a nas mãos quasi despeitada e veio para baixo da lampada, para ver melhor...

—Meu Deus! Sou eu!...—Mas não póde ser; o coração batia-lhe forte n'um aviso... Depois, o vestido senhoril, o decote, as joias...—que loucura!—e recolhendo o espirito por um momento, forçando a memoria logo exclamou n'uma explosão d'alegia.

—E' a mamá!...

Agora lembrava-se bem e beijou-a muito soffregamente, n'uma commoção intraduzivel.

Um calafrio fê-la voltar á cama e alli, ajoelhando, os olhos fitos na virgem que do alto da moldura lhe sorria, mimalhou:

—Hoje não veio o velho, não... Foste tu. Obrigada!—mas cansada de tanto esperar, resvallou pela cama, não podendo aguentar-se nos joelhos...

—E' a mamá!...

Deitou-se e já meio adormecida, pôz o retrato junto ao peito, juntou as mãos n'uma supplica agradecida, resou e adormeceu...

Dezembro de 1913.

José de Faria Machado.

Nos tempos de perturbações, o homem, que se não liga a algum partido, fica descoberto de todos os lados, e corre duplicados riscos; mas quanto mais vale, para a paz da consciencia, estar assim exposto, que procurar um abrigo aviltante, debaixo da salva-guarda das facções?

A "Illustração Catholica,, no Brazil

O casamento do snr. Presidente da Republica Brazileira

O marechal Hermes da Fonseca e a sua noiva madame Nair de Teffé na escadaria do Palacio Rio Negro, em Petropolis, acompanhados do eminentissimo Cardeal Arcoverde.

NOTAS DO ESTRANGEIRO

HESPANHA—As ultimas nevadas

NAVACERRADA—**Aspecto dos arredores do «Club Alpino»**

NAVACERRADA—**Vista do porto, depois da nevada**

Cardeal Domingues Ferrata,
que succedeu em varios cargos ao Cardeal Rampolla ultimamente fallecido

REINOSA — A praça Maior coberta de neve

O principe Guilherme de Wied,
que foi elevado ao throno de Albania

MADRID—**D. Antonio Maura, director da Real Academia Hespanhola e os convidados para um banquete offerecido em sua casa**

Grupo allegorico para o monumento da Guerra Peninsular a erigir em Lisboa

(Esculptura de José d'Oliveira Ferreira)

(Cliché de Marques Abreu)

PROPRIETARIO
Joaquim Antonio Pereira Villela.
DIRECTOR
Dr. Francisco de Sousa Gomes Velloso.
EDITOR
Antonio José de Carvalho.
ADMINISTRADOR
Clemente de Campos A. Peixoto.

Illustração Catholica

Revista litteraria semanal de informação graphica

Redacção, administração e typographia
83, R. dos Martyres da Republica, 91
BRAGA

CONDIÇÕES D'ASSIGNATURA
(PAGAMENTO ADEANTADO)

Portugal e colonias (1 anno) . .	2$400
» » (6 mezes) .	1$200
» » (3 mezes) .	600
Sendo a cobrança feita pelo correio, accresce o importe das despezas.	
Estrangeiro (1 anno)	3$000
» (6 mezes)	1$500
Numero avulso	60

Numero 33 Braga, 14 de fevereiro de 1914 **Anno 1**

CHRISTUS VINCIT. CHRISTUS REGNAT. CHRISTUS IMPERAT.

ILLUSTRAÇÃO CATHOLICA

Revista litteraria semanal de informação graphica

Proprietario, Joaquim A. Pereira Villela. Director, Dr. F. de Sousa Gomes Velloso

EDITOR Antonio José de Carvalho. ADMINISTRADOR Clemente de Campos A. Peixoto.

Braga, 14 de fevereiro de 1914 | REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E TYPOGRAPHIA *83, R. dos Martyres da Republica, 91* (Antiga R. da Rainha—Braga) | Numero 33—Anno I

FIGUEIRA DE CASTELLO RODRIGO — Egreja matriz da freguezia de Freixeda do Torrão

(Cliché do phot. am. sr. Guerra Maio)

Chronica da semana

XXXIII

ooo

QUANTAS claras verificações de psychologia politica não poderiam tirar-se da recente crise, que fructuosos em exemplos não são os dias de hoje, se o espirito os compara aos de hontem, aos de sempre, no devolver da historia do mundo!

A estatua de Nabuco tombando pela fragilidade do pedestal, o rocha Tarpeia, o premio de todas as tyrannias, o grito anciado de todas as plebes,—como elles revivem cruamente nos factos transcorridos!...

Affonso Costa pode n'esta hora de vexame e de derrota, paraphrasear os versos do *D. Carlos*, na opera da Verdi:

—«Ah! se a realeza nos deixasse o poder de ler no fundo dos corações!...»

O fogo crepitante das funestas paixões do egoismo, o acicate das vaidades desmedidas cegam, porém, a razão dos homens, e rujam embora as coleras irrefreaveis d'um povo acalcanhado e opprimido, recresça a todo o momento a hispida selva das revoltas, nas aridas terras do exilio ou no arido e sepulchral isolamento dos carceres;—coleras e revoltas resvalam pela bronzea couraça de estupenda e archaica cubiça de mandar, que veste o peito de todos os oppressores, enregelando-lhes o coração.

Nunca elles fartam os seus instinctos de malvadez, nunca lhes basta o ultimo requinte de tortura, imaginado n'um delirio atroz de perversidades doentias.

São leis fataes recopiadas em cada pagina dos fastos do mundo, em que a palavra Direito se occulta sob os coagulos d'uma nodoa de sangue ou sob as côdeas d'uma mancha de lodo!

...Os senhores, porque são ingenuos, acreditaram n'uma ampla amnistia que abrisse os portões de ferro das cadeias e arrancasse da linha das fronteiras o decreto de irradiação, dos criminosos politicos. Vãs utopias! Disse um dia um pensador que n'uma democracia, a palavra *lei* era a mais inquietante e a mais perigosa, e continuamente o vemos comprovado. Em nome da *lei*, a justiça social torna-se espada de dois gumes; em nome da *lei*, outras leis se prostergam; em nome da *lei* o individuo e o seu direito são apenas e simplesmente zero, perante a vontade soberana dos demagogos sombrios!

Que temos visto? A *lei* e seus esbirros ferindo e anarchisando, em vez de organisar e defender. Sob o pretexto de salvação publica, para salvar a democracia, de que se julgam unicos defensores, os dominadores tyrannicos de um dia usam de todas as violencias e de todas as dolosas especies de traições, e vêmo-los, agora como sempre, desde que as doutrinas revolucionarias se arvoraram em systema governativo, appellando para ellas, com o fim de profundar ainda mais a divisão do paiz estremando os seus filhos, n'uma arbitraria destrinça, legitimos e renegados.

Assim é que á ultima hora, se vem allegar as qualidades de *chefes* e *subordinados* para atirar para o estrangeiro com um punhado de valiosos portuguezes... como se fosse ainda exiguo o numero d'aquelles que penam em terras estranhas as desolações d'uma vida de condemnação. As ideias puras não logram realisar-se, quando o criterio das democracias revolucionarias norteia o espirito dos governantes!...

O vicio é de origem. Não se destroe com mudanças de ministerio, rotulados embora com o distico de moderados.

E' preciso descer á raiz do mal, e combate-lo energica e decisivamente.

...O sr. Bernardino Machado forma governo? Que importa? se o desejo do Chefe do Estado já apparece malsinado nas notas officiosas, e vamos assistir de novo a um espectaculo que briga com a bondade congenita e respeitavel do nosso povo, e que simultaneamente escarnece dos principios de humanidade, da lei immutavel da Justiça e do fundamental principio da Liberdade?...

F. V.

NO MONTE

ooo

Debaixo d'uma azinheira,
Eu, muitas vezes, me sento,
Ouvindo o gemer do vento
N'uma corrida ligeira...

E, alli, feita pegureira,
Nas azas do pensamento,
Eu percorro, n'um momento,
Toda a minha vida inteira.

Compraz-se-me o coração
Aqui, n'esta solidão,
Tão funda e mysteriosa...

A vida, aqui, é tão calma...
E a paz é para a minha alma
O que o orvalho é para a rosa.

FRANCISCO SEQUEIRA.

Serões eruditos

IV

Aventuras do alphabeto

TINHA concebido o projecto de consagrar o nosso quarto serão ao *Diccionario infernal*. Brrr! Mas por deferencia para com as amaveis leitoras escolhi assumpto menos pavoroso. Não quero amedronta-las n'esta quadra festiva do anno.

Aventuras do alphabeto! Mas que aventuras podem ser essas? Haverá maneira de escrever um artigo de erudição amena sobre as lettras do alphabeto? Ha. Até dão materia para volumes. Podem ficar certos os leitores de que consagraremos varios serões ás lettras do alphabeto. Hoje, para começar, vamos apenas olhar para a forma exterior das lettras e notar as aventuras litterarias de algumas d'ellas.

O A, por exemplo, anda como o fado, *virado da cabeça* para os pés. Que a fallar verdade o A não tem pés: é só cabeça: cabeça de boi. No alphabeto phenicio, do qual foi tomado, escrevia-se A, e representava a cabeça d'um boi; queira o leitor reparar bem nos dois pausinhos que antes de se *virar* a lettra eram bem visiveis. E, com effeito, os *nomes* das lettras teem sua razão de ser, como veremos um dia com mais vagar. Por hoje direi apenas que o nome do A em phenicio significava *boi*—o que vae á frente, chefe, guia, capitão, em summa. Porque o A é por assim dizer o guia, a primeira das 24 lettras (ou mais, n'outros alphabetos, como o russo, que tem 36) o capitão d'esses 24 soldados das grandes batalhas litterarias.

Aqui não sei se siga pelas vogaes ou pela ordem alphabetica. E' melhor ir pelas vogaes. O *E* é uma lettra muito seria, amiga de sua casa e bastante sympathica. Ha lettras que teem uma chronica escandalosa, como veremos do *L*, que teve atravez dos seculos varias uniões illicitas. O *E* não, senhores. Ninguem lhe põe bocca! O mais que se póde dizer é que é amiga de penduricalhos e enfeites —como em geral as senhoras são. Assim, conforme as linguas em que apparece, usa plumas ou *aigrettes* de varios feitios, è—é — ê - ë. Houve um tempo em que os philologos quizeram attribuir a cada lettra uma significação especial,

BRAGA—Egreja de S. Vicente. *O altar de N. Senhora da Luz no dia da festividade realisada em 2 do corrente*

construindo sobre essa base, bastante engenhosa, theorias sobre interpretação das linguas. Assim o fez Davis para o celta e Astarloa para o vasconço. Ora o *E* segundo Astarloa significa *doçura, suavidade,* e quadrou magnificamente ao nome da primeira mulher, da nossa mãe *Eva*. Por isso lhe chamei sympathica.

O *O*, pela sua figura, entra no estylo e diz-se: gordo como um O. E quando se quer significar que uma coisa está muito bem feita diz-se: *como o O de Giotto,* porque este pintor italiano tinha a mão tão segura que traçava uma circumferencia perfeita sem auxilio de compasso. Conservo do O gratissimas recordações, porque era ouvindo cantar *ó ó* que eu fazia ó ó no regaço de minha mãe.

Tambem não desgosto do *U*, apezar de se prestar, como exclamação, pelo seu som soturno, a metter medo. *U papão!* Em compensação um bello banquete parece muito mais chic se a mesa estiver disposta em *U*, como se costuma dizer.

Sortêlha—Entrada para a villa

Mas as minhas predilecções são para o *I*. Oh! O *I*! Que modesta lettra! Um simples traço. Já um auctor, na antiguidade, lhe chamou *semilittera:* meia lettra. Serve-nos o seu som para a admiração e a alegria: *Ih! — Ih! Ih! Ih!* — Serve tambem para tudo que significa *pequenino.* Assim, tendo-se chamado outr'ora iota — vemos que na Biblia se diz que não passará «nem um jota»: *iota unum* para significar um pequenino pormenor. Quando um hespanhol vos disser: *No comprendo ni jota:* quer dizer: nada. E noto que a phrase franceza *je n'y comprends goutte* é talvez uma adaptação do *jota* hespanhol. Porque não sei como se *comprehende*... uma gotta. Uma gotta de Porto, ainda se comprehende!

Um poeta francez, creio que Musset, fez uma poesia em que, descrevendo a lua que campeava no ceu por cima d'uma torre parecia um ponto sobre um I—*i*, por causa do ponto que esta sympathica lettra arranjou, ahi por volta do seculo XIII.

Sortêlha—Egreja matriz e o campanario romano

O qual ponto sobre o I serviu a outro poeta para uma comparação muito vulgarisada em França:

Le baiser est un point rose
Qu'on met sur l' i du verbe aimer.

Junto com outras lettras, o I offereceu sempre a imagem d'uma dama. Assim o casal d'um marido gordo e d'uma mulher magra, afigurou-se a varios autores um *BI*... O celebre romancista hespanhol José Maria de Pereda, no seu romance *El buey suelto,* ao descrever o solteirão *Gedeon* de passeio com a sua ex-creada, disse que elle ia pela rua inclinado sobre ella como um *f* sobre um *i: fi.*

Com ser tão pequenino o *i*, ha linguas em que tem, só por si, varias significações: em portuguez o som *i* representa a conjun-

Sortêlha—Monte de Santa Catharina

Sortêlha — Costumes populares

Sortêlha

Foi villa, comarca e concelho, sendo hoje apenas freguezia.

Está situada na Beira Baixa a 12 kilometros do Sabugal, 24 da Guarda, 275 a E. de Lisboa, 230 fogos.

Em 1768 tinha 211.

Bispado e districto administrativo da Guarda.

E' uma povoação antiquissima.

D. Sancho II deu-lhe foral sem data.

O rei D. Manuel, deu-lhe novo foral em Santarem, no 1.º de junho de 1510.

cção copulativa; em dinamarquez, *i* quer dizer *em*. Em russo, *i* é tambem a conjunção copulativa; em latim, *i* é o imperativo do verbo *ire* e significa *vae*...

E eu, effectivamente, *vou*... pôr ponto, porque os leitores podem juntar o *a* com o *i* e exclamar: *ai* que maçador! E eu não quero ser maçador, porque lá estaria o director da revista para pôr os pontos nos ii...

Colonia (Allemanha), 29—12—913.

ARTHUR BIVAR.

Sortêlha—Arrabaldes. Quinta da Cosodoura pertencente á familia Saccadura Botte

Foi cabeça de concelho do seu nome com 1:300 fogos, sendo suprimido depois de 1834.

A villa está situada sobre um alto penhasco, e perto da origem do rio Côa.

Foram seus alcaides-móres os barões de Quintella, depois condes de Farrôbo.

Sortêlha, é corrupção de sortija, palavra castelhana, que significa annel.

Tambem antigamente se dizia Sortêlla.

Deu-se-lhe este nome porque as suas armas são um castello com um annel.

Antigamente era uma meia lua.

A posição d'esta villa, que é forte

Sortêlha—Castello

Sortêlha—Outro aspecto do castello

BRAGA—Direcção da Congregação Academica dos Filhos de Maria

por natureza, o foi tambem por arte cercada de muros, com um fortissimo castello.

Hoje está tudo desmantelado.

Como em 1187 estivesse abandonada, D. Sancho I mandou-a povoar, reedificando as fortalezas que eram obra dos mouros (e tambem dos romanos).

O territorio d'esta freguezia é fertil em todos os generos agricolas do paiz, cria muito gado e ha abundante caça.

Os seus arredores são cheios de pittorescas evocações da vida de outras eras.

Os costumes do povo, a falta com-

VIANNA DO CASTELLO—Os corpos dirigentes da Juventude Catholica

Sentados: *Padre Domingos Affonso do Paço, Manuel Martins Dantas de Brito, dr. Jayme Esteves Fernandes, dr. Arthur Cardoso da Silva, Joaquim Cunha Reis e João Antonio Fernandes.* De pé: *João Pinto Campos Varaja, Joaquim Pereira Ribeiro, José Benvindo d'Araujo, Manuel Martins de Santo Amaro, Abel da Rocha Amorim, Herculano Costa, Joaquim Amaro Cardoso da Silva e Avelino José Cerqueira Marques.*

(Cliché do phot. am. snr. Eusebio Rocha.)

pleta de estradas e de todo o conforto moderno, tudo nos transporta aos tempos medievaes cuidando a cada passo cruzarmos com os guerreiros de fulgente couraça que outr'ora guarneciam a altiva fortaleza.

Coimbra—Cellas, 5—1—1914.

JOÃO M. SACCADURA CORTE REAL.

Vida intensa

(PAGINAS D'ALÉM FRONTEIRAS)

Ha dias, um jornalista madrileno depois d'entrevistar Galdoz, horrorisado com a mediania do mestre, que no fim da vida, quasi cego, trabalha para viver, veio para o seu jornal reclamar o auxilio dos escriptores hespanhoes. O apello do jornalista, — dirigido apenas aos intellectuaes, — fez echo em todo o paiz.

GUIMARÃES — **A ex.ma snr.a D. Amelia da Costa Guimarães,** *prendada filha do snr. Simão da Costa Guimarães, dirigindo-se á egreja pelo braço do snr. Narciso Ferreira, pae do noivo. No 2.o plano vê-se o pae da noiva e o noivo snr. Alfredo Ferreira.*

GUIMARÃES—Os noivos sahindo da egreja
(Clichés do phot. am. snr. Luiz do Souto)

A Hespanha, tem ainda o culto das suas glorias e das suas tradicções, dos seus poetas e dos seus heroes, que despertam na alma popular uma commovida admiração que é, sempre, o reverso amavel dos povos que tem caracter. O povo talvez não distinga entre a bravura d'um soldado e a sentimentalidade inspirada d'um poeta, mas ama-os, aprecia-os, egualmente, no que tem de admiravel e de grande, porque simplesmente vêem atravez da sua gloria e da sua grandeza, a patria gloriosa e engrandecida. Tambem em nenhum paiz existe mais arreigado o culto do que é seu — resto d'orgulho andante de Quixote, que alimentam essa força invencivel que é indiscutivelmente o reducto seguro d'uma nacionalidade.

Ha tempos um poeta hespanhol, respondia a um amigo, que lhe aconselhára uma viagem de estudo a Paris:

— *Si quieren aprender algo, que vengan los franceses; yo estoy en mi casa...*

E o poeta, a despeito do seu jaquetão inglez, sentia a alma ainda dentro d'um gibão negro e marcava altivamente as palavras, com orgulho, com altivez, taconeando no chão como se vincasse pimpão, com as espo-

ras de prata, qualquer affronta e se fosse depois galante e nobre, no *tercio de Flandres.*

A resposta do poeta, com todo o sabor orgulhoso e brigão d'um passado de gloria, era afinal uma feição nitida do caracter hespanhol. Eu creio, mesmo, que nenhum outro povo existe, com mais physionomia moral e que melhor saiba ligar o orgulho com a bizarria, que seja mais galhardo e mais altivo, n'uma reunião de sentimentos diversos, que são o traço indelevel na sua propria razão de ser.

Mas vivendo, assim, do passado, sendo quasi um anachronismo psychico, no meio da friesa exacta dos sentimentos modernos, como nenhum outro tambem, caminha voltado para o futuro, avido de progredir, de se engrandecer. O culto das suas glorias é o culto da sua patria, venham ellas da ousadia d'um soldado nos trigaes scenographicos do Gharb ou da estancia admiravel d'um poeta ou d'um romancista commovendo a multidão, das paginas d'um livro. Para ella, a mesma grandeza as irmana, impõe, os vae coroar de gloria na mesma febre d'admiração.

Se Galdoz fosse portuguez, morreria de fome ou teria a offerta d'um amanuensado, unico premio consolador d'uma patria agradecida e se um apello viesse ao paiz, seria improficuo, inutil, porque raros seriam os que soubessem pronunciar o seu nome. Gomes Leal, o grande poeta, acaba na miseria, a sua velhice desamparada. Galdoz com a sua mediania, que commove a patria, mas que lhe permitte possuir uma casa e um coupé, vae ter dentro de breves dias uma pensão do estado, reclamada, imposta, por um paiz inteiro, que venerando as suas glorias, não comprehende, não quer, que ellas soffram as contingencias da vida.

E é no meio da turbulencia das eleições, que se avisinham, agitando e remexendo a nação que o povo acode ao chamamento do jornalista e pensa com enternecimento, nos seus poetas e nos seus heroes.

A lucta vae ser agitada, sangrenta mesmo.

Dato, terá que luctar com uma colligação perigosa dos liberaes e dos reformistas; com o justo resentimento dos mauristas despeitados; com os republicanos de todos os matizes, mas ha-de vencer, porque os governos vencem sempre, a não ser que a Hespanha adopte o invento sensacional do engenheiro rumano, que acaba de construir e fazer experimentar em Bucarest, com grande exito, uma machina de votar.

Dizem os jornaes que o apparelho é uma maravilha e que quando adoptado corrigirá os proces-

A "Illustração Ca

NICTHEROY — Grupo tirado apoz o «pic-nic» levado a
Veem-se n'este grupo os s
Alvaro Leite, Manuel Mattos, Abili
José Ferreira e José

sos lamentaveis de exercer o direito do voto.

O invento é curioso, sobretudo pela novidade. Até aqui tudo estava methodisado, mechanisado e na precisão automatica dos movimentos exactos, a nossa existencia desenrolava-se egual, sem interesse, aborrecida. Mas agora, o sr. Lusso, vae mais longe e prepara-se para dominar as convicções.

E' ao menos uma garantia da sua firmeza.

Na Rumania está certo; é natural que um engenheiro ousado tenha a velleidade scientifica de querer mechanizar as convicções; no nosso pobre Portugal onde ellas infelizmente são tão estaveis, seria um epigramma para muitos, um insulto para alguns...

O inventor diz ter resolvido com o seu invento todas as mil fraudes eleitoraes pois que a sua machina maravilhosa não consente uma tranquibernia.

Quando o eleitor faz pressão no botão correspondente ao nome do candidato preferido, esse acto é tão rapido e fielmente registado que não pode dar logar a uma fraude...

Porque não adopta o governo d'ahi — que parece preoccupado tambem com as proximas eleições geraes — essa maravilha moderna?

Era um processo até de realizar com fidelidade o suffragio promettido. Mas tenha cuidado, que apesar da reclamada precisão scientifica do apparelho, o nosso cacique, com toda a sua manha eleiçoeira, ha-de habilmente arranjar um botão especial para a *chapelada*...

JOSÉ DE FARIA MACHADO.

atholica,, no Brazil

a effeito pelo sr. Alvaro Leite no Sacco de S. Francisco.
seguintes rapazes de Braga:
io Cunha, Manuel Alexandre Pereira,
de Souza (Zé Petiz)

Figuras da Beira

XV

Dr. Vellado da Fonseca

ANTONIO Affonso Maria Vellado Alves Pereira de Fonseca foi uma figura singular do brilho e de desditas esmagadoras.

A precocidade dos seus talentos impoz o seu nome a Lamego como o de uma das mais legitimas e invulgares glorias da historica e pittoresca cidade.

Logo nas primeiras lettras, Vellado da Fonseca era um assombro de intelligencia e saber. Mais adivinhava do que aprendia, parecendo repetir as agudezas clarividentes do famoso e grande Braz Pascal.

Vivo, rapido de penetração, vigorosamente logico, com que instinctivamente presentidor da melhor pedagogia moderna, a sua mentalidade mais orientava do que seguia as lições dos melhores pro-

fessores. Porisso todos esperavam d'elle um novo Pie de la Mirandola, mas talvez menos prodigioso humanista do que profundo e grande philosopho.

O sr. Augusto Chaim Junior,
distincto photographo amador e assiduo collaborador artistico da "Illustração Catholica„

Assim chegou á Universidade de Coimbra, opulento dos melhores louros escolares, e na Universidade conquistava com gloria a cathedra de lente de philosophia, quando apenas contava 23 annos!

Vinte e tres annos, mas, infelizmente, n'um organismo franzino e nevrotico, que os desgostos da vida de familia abalaram mortiferamente.,.

A mãe, antes que elle concluisse o curso, deixara o lar, ferindo-o tanto no coração como ao desditoso pae, o insigne jurisconsulto dr. Antonio Alves Pereira da Fonseca. E, ausente a mãe, o esposo abandonado pouco tempo viveu junto d'aquelle moço, ferido tão cedo por uma tragica orphandade.

Valeu-lhe, é certo, o amor, a devoção, a ternura do tio, Monsenhor D. Francisco Alves Pereira da Fonseca, sempre disposto a todos os sacrificios para que elle valorizasse os legitimos triumphos do seu talento e do seu trabalho. Foram seus ardentes e nobres cyreneus os doutores Teixeira Bastos e Daniel de Mattos, professores e admiradores de tão illustre e radioso academico.

Mas a dor intima nunca a soffreou até a exterminar e calar. Apoderou-se d'elle, empolgando-o em abalos nervosos, progressivamente destruidores da sua melhor vitalidade.

Entretanto, tendo publicado uma these notavel —*Tecidos liquidos dos animaes* — e outras dissertações, lançadas a lume em 1897, com o titulo generico de *Oscillações Electricas* e o sub-titulo *Optica das Oscillações*, e inconfundiveis pela profundeza do saber e pela sobria e castiça nitidez da linguagem, parecia que o seu cerebro nada soffrera com tantas amarguras e angustias.

BARCELLOS—S. João de Villa Boa
Entrada e parte do palacete da Castanheira pertencente aos snrs. Viscondes de Godim, onde ultimamente esteve de visita o Ex.^mo Snr. D. Antonio Barroso, venerando Bispo do Porto.

Na cadeira de zoologia, que foi reger depois de jubilado o dr. Manuel Paulino d'Oliveira, resplandesceu, pela intensidade da essencia e pela clareza da linguagem, a sua lição geralmente considerada como modelar e invulgarmente conscienciosa. E não deixou de inclinar-se á vida politica, sendo deputado progressista por Idanha-a-Nova em novembro de 1899, com 25 annos de edade.

Como parlamentar, manifestou-se deveras brilhante e invulgar de senso pratico nas questões mais arduas do ensino. Dissolvida a camara de 1899, foi novamente eleito deputado por Penafiel, merecendo de Hintze Ribeiro, a cujo gover-

BARCELLOS — S. João de Villa Boa
Salão nobre do palacete da Castanheira

BARCELLOS—S. João de Villa Boa

Altar-mór da capella da Castanheira onde o Rev.^mo Sr. D. Antonio administrou o Chrisma.

res intimas. Já as não podia esconder, porque o devoravam todo.

Com terror, sentiu elle as primeiras derrocadas da intelligencia. Foi nos fins de 1899. A memoria atrophiava-se-lhe. Amnesias dolorosas precediam verdadeiros estados de inconsciencia. Depois, vieram os symptomas claros da morte da razão. Acudiram-lhe, paternaes, os seus amigos d'alma drs. T. Bastos e Daniel de Mattos. Mas nada poderam fazer.

Resolveram-se a leva-lo para uma casa de saude de Paris para onde seguiu a 17 de fevereiro de 1900. Decorridos 5 mezes, celebrava o proprio doente as suas melhoras. O dr. T. Bastos, que o acompanhara á capital franceza foi busca-lo com enthusiasmo santo.

Voltou, parecendo quasi restabelecido. O mesmo santo amigo dr. T. Bastos o acompanhou a Vizella onde a sciencia esperava a cura radical. E o doente veio melhor das famosas thermas. Com o dr. Bastos sempre ao seu lado, foi repoisar em Lamego, em casa do tio, Monsenhor Alves da Fonseca.

Estava salvo! O enfermo ostentava um aspecto quasi excellente, discernia com a antiga lucidez, recompensava com ternuras captivantes a familia e os amigos que o acarinhavam quasi em extasis.

Mas, de subito, vem o golpe cruel d'uma congestão cerebral. Em tres dias o acommetteu, prostrou e immobilisou. Ungiu-o o illustre sacerdote P. Manuel Augusto Lemos que chorava silenciosamente como todos os circumstantes.

E o sahimento funebre foi, depois, sob a direcção do velho e nobre amigo da familia, o poeta

no desassombradamente se oppunha, as mais honrosas homenagens de verdadeiro respeito.

Depois, representou um dos circulos do districto do Porto, ao mesmo tempo que o governo progressista o nomeava director das Escolas Normaes de Lisboa.

Mas a doença, que ha tempos o empolgava, progredia sem treguas.

Os excessivos trabalhos mentaes aggravaram lhe os abalos d'ordem moral, porque a infeliz senhora, que abandonara o lar, não desistia de envenenar a alma do filho com ligeirezas tão dignas de censura como lastima.

Começou o desditoso moço a revelar na face, prematuramente enrugada, as mais pungentes do-

BARCELLOS—S. João de Villa Boa

O Rev.^mo Sr. Bispo do Porto e alguns convidados no pateo do palacete da Castanheira.

COIMBRA—Penitenciaria. Grupo de presos politicos e algumas pessoas de suas familias:

Ao centro, sentadas e de chapeus, vêem-se as ex.^mas^ sr.^as^ D. Mecia Mousinho d'Albuquerque Pimentel e D. Fernanda Mousinho d'Albuquerque, que no dia 9 de janeiro foram servir aos mesmos presos uma abundante refeição, distribuindo depois tabaco e roupas.

Antonio Albino d'Andrade, uma homenagem de unanime e raro sentimento, d'essas homenagens em que as collectividades põem menos pompa do que lagrimas, menos esplendor do que saudades de sempre.

JOSÉ AGOSTINHO.

NOTAS—O dr. Vellado da Fonseca nasceu em Lisboa, na rua do Ouro, a 3 de maio de 1874, e morreu em Lamego, na rua das Côrtes, em casa de Mons. Alves da Fonseca, a 11 de outubro de 1913, minutos antes das 5 da tarde. Foram seus paes o dr. Antonio Alves Pereira da Fonseca e D. Laurinda Vellado da Fonseca, filha dos barões do Freixo.

Foi interno do Collegio Militar da Luz. Assentou praça aos 15 annos em lanceiros da Rainha. Desavindo-se com um professor, matriculou-se na Universidade. Defendeu brilhantemente these a 26 e a 28 de junho de 1897.

Fastos do Catholicismo

O catholicismo na Inglaterra

Vamos trasladar ao nosso idioma um resumo das indicações do «Catholic Directory» para 1914, sobre os progressos do catholicismo na Inglaterra.

O Reino Unido está dividido em cinco provincias ou arcebispados, dezasete bispados suffraganeos e cinco bispos auxiliares. Total 27 prelados.

Existem 2:264 templos, 82 sagrados este anno, dos quaes 42 em Inglaterra e 40 na Escossia.

Ha no Reino Unido 4:449 sacerdotes; 48 mais do que em 1912; 2.871 pertencem ao clero secular e os restantes 1:578 ao regular.

COIMBRA — Penitenciaria

Mimoso Ruiz, redactor do jornal "A Nação", na sua cella transformada em gabinete de trabalho, burilando as suas "Notas do carcere"

PORTO — Rio Leça

(Cliché do dist. phot. am. snr. Augusto Chaim.)

O annuario de Hickmann, conta 13.386:565 catholicos em todo o reino britannico.

O catholicismo vae desapparecendo... pois não vae?

D. Antão Vaz d'Almada

Nasceu este illustre fidalgo do Minho em 9 de novembro de 1831 e falleceu em 6 de fevereiro de 1914, no Palacio dos Condes d'Almada em Vianna do Castello.

Era o 7.º filho de D. Antão Vaz d'Almada, 2.º Conde d'Almada, Mestre Sala da Casa Real, capitão de cavallaria, Commendador da Ordem de Christo, Ajudante de Campo d'El-Rei D. Miguel I, e da Senhora Condessa d'Almada D. Maria Francisca d'Abreu Pereira Cyrne Peixoto, senhora da Casa de Lanhezes e da Alcaidaria Mór de Ferreira.

Morreu com todos os sacramentos da Egreja, tendo manifestado sempre durante a enfermidade que o victimou a maior resignação christã.

O seu funeral foi o maior testemunho do quanto era estimado, bem como toda a sua familia, tendo-se n'elle encorporado, apesar da chuva, innumeras pessoas de todas as condições sociaes não só de Vianna como de Lisboa, Porto, Braga, etc.

No funeral, que se realisou na egreja de S. Francisco em cujo cemiterio privativo ficou sepultado, achava-se representado o Partido Legitimista Portuguez e a «Nação» pelo snr. Antonio Pereira da Cunha de Lobo e Castro Vaz d'Almada, que foi quem dirigiu o funeral e fechou o caixão.

O saudoso finado militou sempre no partido miguelista do qual era um dos mais nobres ornamentos.

LISBOA -- A recepção do Senhor Patriarcha

A numerosa e escolhida assistencia sahindo da Sé depois de realisado o «Te-Deum» commemorando a sua entrada na cidade. Na gravura veem-se os snrs. Condes de Bertiandos, Tarouca, E. de Perestrello, Dr. Mello Breyner, etc.

LISBOA—Os catholicos, sahindo do templo, levantam enthusiasticos vivas á Religião, á Patria e ao Senhor Patriarcha

Um aspecto da grandiosa manifestação catholica fóra do templo. Entre os manifestantes destacam-se as Ex.[mas] Snr.[as] D. Maria Francisca de Menezes e M.[me] d'Orey, etc.

(Clichés do nosso correspondente phot. de Lisboa).

NOTAS DO ESTRANGEIRO

Hespanha—Chegada do Ex.mo Sr. D. Manuel Torres y Torres, novo bispo de Plasencia, ás portas da cidade.

Plasencia—O novo prelado, revestido de pontifical, dirigindo-se á Sé.

Espalhando o feijão

(Cliché do phot. am. sr. Luiz do Souto)

PROPRIETARIO
Joaquim Antonio Pereira Villela.
DIRECTOR
Dr. Francisco de Sousa Gomes Velloso.
EDITOR
Antonio José de Carvalho.
ADMINISTRADOR
Clemente de Campos A. Peixoto.

Illustração Catholica
Revista litteraria semanal de informação graphica
Redacção, administração e typographia
83, R. dos Martyres da Republica, 91
BRAGA

CONDIÇÕES D'ASSIGNATURA
(PAGAMENTO ADEANTADO)

Portugal e colonias (1 anno) . .	2$400
» » (6 mezes) .	1$200
» » (3 mezes) .	600

Sendo a cobrança feita pelo correio, accresce o importe das despezas.

Estrangeiro (1 anno)	3$000
» (6 mezes)	1$500
Numero avulso	60

Numero 34 Braga, 21 de fevereiro de 1914 **Anno I**

ILLUSTRAÇÃO CATHOLICA

CHRISTUS VINCIT. CHRISTUS REGNAT. CHRISTUS IMPERAT.

Revista litteraria semanal de informação graphica

Proprietario, Joaquim A. Pereira Villela. Director, Dr. F. de Sousa Gomes Velloso

EDITOR Antonio José de Carvalho.

ADMINISTRADOR Clemente de Campos A. Peixoto.

Braga, 21 de fevereiro de 1914

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E TYPOGRAPHIA
83, R. dos Martyres da Republica, 91
(Antiga R. da Rainha—Braga)

Numero 34—Anno I

LISBOA—A recepção do Senhor Patriarcha. Aspecto da Sé durante o "Te-Deum,,

Chronica da semana

XXXIV

MUITO se tem fallado ultimamente sobre conciliação nacional!

Ninguem, ninguem pensou em tal nos dias turvos do primeiro anno da republica, dias de terror, de incerteza e de panico. Ninguem fallou em tal, já muito mais tarde, quando do chamado carro triumphal do regimen implantado, eram apostas e engrenadas as rodas dos partidos politicos mais ou menos organisados. Ninguem ousou clamar pela conciliação quando a garra do odio e da vindicta atirava para o crepusculo das masmorras cidadãos livres, apenas culpados de haverem realisado ou procurado realisar praticamente os seus ideaes, quando o tresvario de vencedores rojava o pensamento austero dos principios supremos do regimen actual. Ninguem!...

Mas nos campanarios das capellinhas politicas tocou a rebate; a demagogia pompeava os laureis da sua victoria brutal, ignorando que rolava pelo declive da derrota, e arrastava no delirio da sua autolatria, nas dobras do seu manto enodoado o proprio regimen que servia; estava a estalar o raio fulminador e começavam de surgir nas filas tresmalhadas pelo desalento e pelo pavor os primeiros *salve-se quem puder*, — e então acode um nome, chega o homem da situação, e a conciliação nacional é o *mote d'ordre* indicado pelo paço de Belem ao Terreiro do Paço, ao Parlamento, á imprensa, e a eminencia do perigo rasga nos espiritos uma clareira de senso... A conciliação nacional!

Vale bem a pena o espaço d'uma chronica uma ideia tão sagrada e tão alta como esta!

A ideia de conciliação envolve a de desavença, e esta existe tão funda que é de si mesma o maior problema nacional. Fez-se da incompatibilidade uma norma de conducta.

Occorre, porém, perguntar. — quem provocou a desavença? D'onde se levantou o gesto de discordia? Quem inoculou o veneno da dissolução? A massa geral do paiz ou os seus dominadores? Os vencidos ou os victoriosos?

Não nos dêmos attitudes de acrobaticos commodistas pretendendo solver a interrogação com a frivolidade d'um encolher d'hombros, distribuindo razão a ambas as partes. O Direito é só um. A verdade não é bifronte como a estatua de Jano. O signal de scisão veio de cima, o grito de guerra rompeu das guelas dos omnipotentes, a culpa do cahos, da desordem pertence aos poderosos!

Pois bem! Cabe-lhes tambem o grito de paz, o gesto de concordia, o exemplo da serenidade, o signal arrependido, da conciliação; mas grito vibrante e contínuo, gesto rasgado e perfeito, exemplo que suggestione e convença...

E será possivel tudo isto?

Vel-o-hemos agora. Acompanhem-nos os leitores ao norte da Europa á Suecia, onde se acaba de dar um facto eloquente e assistir a um commovente espectaculo de fé e união nacional, que nos indicará o verdadeiro caminho. Tratava-se de augmentar os effectivos e as despezas militares, assegurando á Suecia uma garantia de integridade territorial na ameaçadora conflagração europeia, que é pesadelo de todos os verdadeiros homens d'Estado. O ministerio porém, não acceitava esta necessidade urgente, perfilhada e reconhecida pelo rei Gustavo V.

Que fez o soberano, ante colisão tão grave? Não hesitou; appellou para o povo, e o povo ouviu o seu chamamento. Setenta e um mil camponezes compareceram no palacio de Stockolmo e acclamaram enthusiasticamente a petição do rei, declarando-se promptos ao sacrificio por amor da terra patria! Aquelles 71.000 homens representavam as varias regiões do paiz! Que impressão grandiosa de unidade nacional!...

D'onde partiu o appello? Do soberano. Quem se dirigiu ao povo directamente, transcurando os obstaculos erguidos pela conveniencia burocratica do programma ministerial? Quem estilhaçou a relutancia dos partidos? O Chefe d'Estado.

— Mas... — começo já de ouvir atalhar os leitores. No emtanto, para supprir a objecção, e ir de encontro a ella, vou traduzir-lhes a conclusão que a imprensa da Suecia saccou d'aquelles gestos do povo e do rei.

"O regimen monarchico é preferivel, nos casos graves e durante as crises nacionaes, ao regimen republicano. Appoiado no povo, o rei é invencivel; elle sabe fazer respeitar o seu paiz com segurança entre os escolhos que o ameaçam. Em tempo normal, um rei impede que as crises nasçam e vela com prudencia pela sorte do seu paiz. Collocado acima dos partidos, é o defensor da patria. Ninguem pode supprir um rei, isto é um chefe permanente e hereditario.„

Transcrevendo taes periodos e narrando tal episodio, não queremos mais do que salientar o que forma a these d'esta chronica, que a iniciativa dos movimentos de união nacional deve vir dos que governam e que para a alcançarem devem elles appelar directamente para o povo, para a alma nacional, desprezando as observações dos partidarismos estreitos.

O caso passado na monarchia da Suecia é uma alta lição politica para o nosso paiz. Quizemos lembra-la sem outros intuitos diversos dos que apontamos.

...Sempre é bom declara-lo, não vá o faro de qualquer scarpia descobrir na tinta em que molhamos a penna, um certo *virus reaccionario, traidor* ou *jesuitico* de que fallava ha dias um um jornalista radical...

F. V.

A Dom João d'Almeida

o penitenciario illustre

Não morre o canto onde vibre a lyra
Não morre o nome onde vive a gloria.

GOMES LEAL.

TEMPOS idos, longinquas eras apparecem-nos hoje em nuvens doiradas no meio do vendaval tempestuoso que de nascente a poente, de norte a sul, vae sacudindo este outr'ora decantado reino, onde as musas faziam o seu retiro, como as monjas nos seus claustros medievaes. Grande foi este paiz, que teve heroes como nenhum outro se poderá jactar e, volvendo os olhos atravez os seculos, vemos um rosario de herculeos feitos, que nos trazem á memoria as palavras do epico:

«E julgareis qual é mais excellente
se ser do mundo rei se de tal gente.»

Narrações ha que nos fazem chorar a alma de commoção, mas nenhuma é mais bella, mais sublime, que a do Infante Dom Fernando, que allia á santidade da sua vida immaculada o martyrio de bem soffrer. E quem ha ahi que não saiba que pelo sangue dos martyres se resgatam os erros das nações?

Mal sahido da infancia quizera o Rei seu Pae dar-lhe a mercê tão appetecida então—das esporas d'oiro; mas o juvenil Infante loiro como os anjos de Raphael, pede uma espada e, ajoelhando, a beija e diz que só a ella deverá as esporas de cavalleiro—a nobreza da sua vida; e segue a carreira das armas, onde a gloria do martyrio o espera, lá n'essa masmorra, onde os infieis lhe vão agrilhoar os pulsos tão affeitos no manejar das armas.

Mal sentindo os ferros que lhe golpeiam as carnes d'onde jorra sangue em fio...; porque a saudade da patria querida e a dôr de não pelejar mais por ella nos campos da batalha era o que mais lhe doía, mal sabendo quiçá o heroico principe que vale mais padecer, que batalhar.

(Assim nos ensinou o Grande Martyr salvando a humanidade).

Elle reunia á fé dos Santos a fortaleza das almas peregrinas. Quando na Mourama os terriveis guerreiros do Islam, aos gritos d'Allah, arrancaram em furia tigrina contra os descendentes dos vencedores d'Ourique, que no fragor do combate luctaram com arrojo e valentia sem par, essa pleyade d'heroes portuguezes cahiu emfim exhausta crivada por milhares de lanças dos infieis sarracenos, volvendo ao morrer, um olhar de implorar perdão para o sagrado emblema de Portugal, por não terem mais sangue para lhe offerecer.

Dom Fernando a quem a morte poupara para maior sacrificio, foi qual outro Isaac offerecer- em holocausto vivo pela patria amada quando e ao longe lhe sorria agradecida.

Fez foi o campo da peleja onde os filh de Mafoma levados por satanico furor contra Cruz quizeram tombar o sacrosanto pendão d Quinas, mas elle, o nobre Principe, qual naufr go luctando contra as vagas em furia, olha para Pharol que o chama e lhe aviva a esperança e ve do n'elle as chagas de Christo não pára.

Ante seus olhos passa a visão d'outros comb tes, em que elle e seus gloriosos irmãos, rodean o Santo Condestavel, fizeram pelas suas façanhas espanto mundial.

Fez foi tambem o calvario onde o sangue inn

LISBOA—Palacio no Campo dos Martyres da Patria onde actualmente reside o Senhor Patriarcha

(Clichés do nosso corresp. phot. de Lisboa.)

cente do leal Infante correu gotta a gotta do s coração martyrisado.

Quem poderá descrever o martyrio de Dom Fe nando ao ver-se sem a gloria dos luctadores cobe tos de louros!

Jazia n'uma prisão, onde a luz desmaiava illuminar o triste olhar do real captivo, cujas esp ranças iriam gelando se não fôra o facho que fé lhe accendera no coração varonil.

Neto d'uma raça triumphante, não tremia n seus grilhões, o rugido da vingança não lhe ap

vorava os negrumes do carcere, o calix que tragara submisso dava-lhe alento para soffrer.

Elle foi um vencido mais heroe que os vencedores, não ouviu os canticos da victoria, mas na lucta renhida em que jogara a vida, ganhara a palma

D. João d'Almeida

do sacrificio e no Horto regado com tão nobre sangue offerecera a sua liberdade para que o pendão d'Ourique não perdesse o brilho da sua gloria offuscante.

No deserto da sua vida passavam-lhe em doce miragem os annos felizes d'outrora, quando seus reaes progenitores lhe davam ensinamentos tão grandes a elle e a seus notaveis irmãos mostrando-lhes o que a Patria d'elles esperava.

E melhores discipulos não houve de taes mestres!

Em noites de luar quando um fio prateado lhe entrava pela fresta do ergastulo parecia-lhe ouvir ao longe ais doloridos da patria e com os olhos velados pela saudade julgava estar vendo o doce paiz onde nascera, com o céo tão puro, tão azul como o diaphano manto dos Cherubins, e o sol beijando a terra, cobrindo-a de purpura e as aguas crystallinas do Tejo cantando em doce murmurio balladas de guerreiros e os floridos laranjaes e os valles solitarios onde os rouxinoes cantam e as montanhas ao fundo de verdes outeiros erguem-se magestosas, e os paços reaes onde a sua infancia correra amena e carinhosa...

Tanta belleza, tanta gloria lhe apertam o coração de saudades e são ellas que n'uma doce illusão lhe fazem ver o pavilhão das Quinas bem alto, bem erguido a tremular no azul extenso do Céo e Dom Fernando estende-lhe os braços ensanguentados pelos grilhões de ferro e n'um grito d'amor immenso lhe offerece o seu longo martyrio.

Os teus irmãos d'armas, ó inclito Principe, não passarão sem ajoelhar deante do athaude da tua gloria que é o sacrificio que a Portugal fizeste durante os annos do teu cruciante captiveiro.

Inclita raça, altos Infantes!...

Fevereiro, 914.

MARIA SALOMÉ.

BILHETES POSTAES

III

A morte de Déroulède

Paris, 6 de fevereiro de 1914.

A morte de Paulo Déroulède, o grande patriota, veio provar que o coração nacional vibra ainda no peito de muitos bons francezes; pelo menos no peito dos que o acompanharam, piedosamente, até ao seu jazigo.

BRAGA — Grupo de presos politicos

Da esquerda para a direita: *Joaquim Augusto Pinto Cardoso, Manuel Pinto Cardoso, Padre Victorino Marques e Daniel José da Costa Leão*

Os funeraes foram imponentes. O dia estava lindo; o ceu d'um azul de ceu de Portugal, cobria Paris, n'um esplendor soberbo de luz e as arvores das avenidas e os arrelvados floridos dos jardins pareciam estremecer de prazer ao contacto caricioso do sol suave do inverno.

A multidão estendia-se em longas filas pelas ruas por onde o cortejo devia passar. Em todos os rostos se notava claramente uma triste emoção. E' que Déroulède era um symbolo; é que Déroulède tinha sido, durante toda a sua vida o apostolo fervente da Desforra *(ravanche)* e toda a sua energia, vigor e intelligencia a consumia elle, o grande parisiense, em educar o espirito dos jovens, pela propaganda de facto, no culto do sentimento patriotico de rehaver as duas irmãs perdidas desde a guerra de 70: a Alsacia e a Lorena.

BRAGA—Grupo de presos politicos de Vizeu

(Clichés do phot. am. sr. Bento Rodrigues.)

Paulo Déroulède

E assim se comprehende bem que quando o athaude passava, todos se descobriam e a dôr confrangia os rostos, e as lagrimas enchiam os olhos de todos, homens, mulheres, velhos, creanças!

Mas um momento houve em que a multidão vibrou, unanimemente, n'uma explosão irreprimivel: foi quando o carro funebre diminuiu a marcha ao passar em frente á estatua de Strasburg, na praça da Concordia, onde cada anno Déroulède vinha dizer aos seus amigos da Liga dos Patriotas, á França inteira, as suas esperanças de «desforra» e do resurgimento definitivo da Patria, e Mauricio Barrés, o grande escriptor nacionalista e catholico, com Tournade e Habert se affasta do carro, tira de cima d'este um grande ramo de cravos vermelhos e os deposita no pedestal da estatua.

Então um grito enorme, sentido, vibrante, electrico, sahe do peito de muitos milhares de patriotas: *Viva a França. Viva a França* e esta acclamação immensa, metalicamente resoa no ar quieto envolvendo a estatua como que a pedir-lhe que a prolongasse até a essas terras queridas da Alsacia onde os homens e as paisagens teem ainda o coração francez.

*

Era realmente curiosa a situação que occupava aqui Paulo Déroulède. Acreditam que um homem da sua envergadura moral nem era deputado, nem senador, nem academico?

Pois era apenas cavalleiro de Legião d'Honra, distincção que brilhantemente conquistara nos campos de batalha.

Foi uma personalidade collocada fóra de todos os partidos; era *o poeta dos soldados e o soldado dos poetas*, na phrase do grande escriptor inglez G. K. Chesterton. Ha alguns annos já que Déroulède se conservava affastado da vida publica, sobretudo depois do caso dos papeis Norton, mas occupava sempre um logar enorme no espirito e no coração da nação.

Desde 1882, data em que a Liga dos Patriotas foi fundada, que Déroulède ia todos os annos a Champigny-la-Bataille, onde em frente do monumento erigido á memoria dos tres mil e quinhentos francezes mortos na guerra de 70, elle discursava, arrebatando o publico com a sua eloquencia.

Apenas deixara de cumprir esta piedosa peregrinagem quando estivera na prisão no exilio.

A doença que ha uns mezes o retinha no leito fazia suppôr que este anno, elle seria obrigado a não ir a Champigny. Muito reservado, apesar do seu feitio franco; habituado a planear todas as suas acções sem transmittir a ninguem as suas intenções, elle concebera, este anno, a ideia de apesar de tudo ir visitar os seus queridos mortos e assim na manhã da manifestação metteu-se n'um automovel cheio de cravos amarellos, adornado com as côres da *Liga dos Patriotas* e acompanhado pelo seu medico e varios amigos lá seguiu para Champigny onde, como de costume, fallou; e a sua voz repercutiu-se pela ultima vez pela quebrada dos valles; e as suas palavras de recordação e esperança pareciam resoar mais commoventes que nunca!

O esforço fôra enorme e quando retirou, Déroulède vinha exhausto e triste. E' que elle, no automovel, quando sahira de casa tinha dito ao medico: *Si j'ai la chance d'avoir là-bas une syncope ne me tirez pas d'affaire.*

Pas de tractions sur la langue,

GUIMARÃES—O rev. Antonio José de Carvalho, de Serzêdo,

que acaba de ser posto em liberdade depois de cumprir a pena de 18 mezes de prisão, imposta pelo tribunal marcial de Braga.

PORTO—O illustre diplomata sr. Constancio Roque da Costa detido no paço episcopal como implicado nos acontecimentos do celebre 21 d'outubro

GUIMARÃES—O estimado negociante sr. José Joaquim Vieira de Castro,

ultimamente posto em liberdade depois de cumprida a pena de 18 mezes por motivos politicos.

O distincto «sportman» João Hitzmann na sua motocyclete «Wanderer»

pas de gilet déboutonné. Fichez-moi la paix eternelle.
Grande patriota, enorme, sublime coração!

JOÃO DA ROCHA PÁRIS.

Anniversario de um benemerito

A «Illustração Catholica» publica a seguir, um inspirado hymno offerecido, pelas creanças da Escola Commendador Souza Lima, de Prado, ao benemerito ex.^mo snr. Francisco Lopes Ferraz, no seu dia natalicio, em 1913.

A offerta suppõe, necessariamente, uma somma de actos generosos e altruistas, já louvados em portaria, pelo Estado, porém, como grande numero dos leitores da «Illustração», estendida como está em todo o territorio portuguez e brazileiro podem ignorar esses delicados actos de caridoso auxilio, vamos apontar alguns, e fazendo d'est'arte o nosso preito ao ex.^mo sr. Ferraz, desejariamos despertar em muitos o desejo de imitarem tão uteis iniciativas.

O ex.^mo sr. Francisco Lopes Ferraz, generoso benemerito

Pela sua terra, que já dotou com um explendido fontenario, de grande utilidade para aquelles povos, está sempre o ex.^mo sr. Ferraz prompto em coadjuvar todas as iniciativas, animar todos os melhoramentos.

Mas é, sobretudo, na escola, que se mostra mais claramente o espirito do sr. Ferraz: depois de ter dotado o edificio com um calorifero de systema circular, importado directamente da Baviera, depois de ter pago medicamentos a creanças pobres, por muitas vezes auxilia os estudos d'estas, vestindo-as, esmolando-as, soccorrendo de mil formas amigas as suas necessidades.

Eis porque a gratidão inspirou esse hymno, que nos comprazemos em publicar.

Hymno offerecido pelas creanças das escolas de Prado, ao ex.^mo sr. Francisco Lopes Ferraz

(Melodia de L. Teixeira) *(Lettra de F. Ludovino Alves)*

Introducção
Marcial

D.C.

Pequeninos embora, senhor,
Nós sabemos ser gratos a quem
Quiz dignar-se de vir até nós
Espalhar a semente do Bem.

Esta sala onde nós tiritamos,
Ao influxo do vosso carinho
Transmudou-se n'um lar caricioso
Semelhando o conchego d'um ninho.

E nós todos que, ha muito soffremos
A penosa algidez d'esta casa
Te nos hoje, quaes aves implumes
Sobre nós o calor da vossa aza.

Nossos paes não conseguem vestir-nos
(Com que magua) de pobres que são
O constante labor do seu braço
Quantas vezes mal chega p'ra pão.

Commoveu-nos a nossa desdita
E a vossa alma ao Bem sempre aberta
Sobre nós adejou compassiva
E a nossa nudez foi coberta.

CÔRO

Abençoado o ouro d'aquelle
Que norteado por principios sãos,
Não se esquece na sua opulencia:
De que os homens são todos irmãos.

VIDA INTENSA

(PAGINAS D'ALÉM FRONTEIRAS)

HA dias, a policia de Paris prendeu, perto da Opera, um pobre louco, vestido de brocado e embrulhado n'um manto theatral, que dormia tranquillamente no passeio, tendo ao lado, uma corôa doirada e um sceptro crivado de pedras... falsas. Ao ver a policia—que o tomou por uma mascara tresnoitada—o pobre louco cahiu de joelhos e gritou n'uma supplica:

— «Não quero voltar... Fugi do meu reino longinquo, porque suffocava, porque me não deixavam viver»—e entrou n'uma crise de furia assustadora.

O jornal pouco mais accrescenta, mas é de suppor que horas depois na perfeitura, os nervos mais refeitos, affirmasse ser o Rei poderoso d'um estado distante, que farto do seu duro mister, abandonou glorias e riquezas, para levar uma vida tranquilla. Pesava-lhe ter abandonado o seu paiz mas como alli, os deveres, os mil interesses do seu povo, o não deixassem livremente gosar e viver fugiu certa noite, sem deixar uma palavra de despedida e sem uma explicação, sumiu-se mysteriosamente.

A sua fuga é uma odyssea, o que esse homem soffreu—claro está, atravez da sua phantasia de louco—para se libertar do peso d'uma corôa, é engenhoso, é tragico, é sublime!...

PRADO—Escola Commendador Souza Lima

N'uma noite de festa, quando os jardins do seu palacio estavam cheios de gente, no meio da sua corte e das suas cem mulheres coroadas de perolas e de flores, seguido dos seus ajudantes e dos seus ministros, o Rei, desceu solemne a escadaria illuminada. Em baixo, sobre as palmeiras, gottas luminosas d'electricidade, coruscavam como gemmas, mordendo o verde carnoso das folhas. Nas aleas areadas a cores em arabescos de mosaico, havia tambem luzes polychromas e nos tanques de marmore rosa, onde bebiam pombas, a agua jorrava colorida, em reverberos electricos tambem, celebrava-se o centesimo advento da sua dymnastia...

Acudiram principes, embaixadores e poetas de longes terras; nobres e militares de todo o reino, que vinham saudar o Rei feliz e amado do seu povo. Não tinha um inimigo o bom do Rei. Quando sahia pelas ruas arborisadas da sua capital magnifica, semeada de palacios e cathedraes, desacompanhado d'honras e d'escoltas, o povo ajoelhava á passagem e saudava-o humilde e feliz, n'um côro unisono de bençãos e louvores. Soubera sempre perdoar; para todos tinha palavras de conforto e a ninguem jamais negara justiça.

BRAGA — Hospital de S. Marcos
O snr. dr. Alfredo Machado fazendo uma operação, coadjuvado pelos seus collegas Camillo Guimarães e Balthazar Ribeiro.

ma attitude complacente e boa. Voltaram as danças e os coros, queimaram-se os primeiros fogos, perante a feeria do momento, phantastico de sonho, de visão, de indiscriptivel, a multidão desinteressou-se do Rei e o Rei desappareceu...

N'um vapor ancorado no grande caes, conseguiu—a troco d'uma fortuna—ocultar-se, e na manhã seguinte, olhando a confusão da cidade espantada, lacrimosa, á sua procura, pela nesga estreita da escotilha, ordenou o levante dos ferros.

Partiram; dias largos, incertos, navegaram atravez de temporaes e de calmarias, até um porto d'Italia onde o deixaram. D'alli, sem uma ideia que não fosse viver, anceado da felicidade, errou pelas costas romanticas e polvilhadas de sol do Adriatico, fazendo a vida simples dos pescadores. Correu aldeias e cidades,—noma-

VIANNA DO CASTELLO—Meadella.

Festa de Santo Amaro. O arraial. Em frente á capellinha de Santo Amaro está a egreja parochial. E' a primeira festa do inverno.

Tinha uma riqueza immensa em palacios e florestas, pelles e joias fabulosas. Adivinhavam-lhe os desejos, realisavam-se os caprichos mas o Rei entristecia, estiolava, fugindo ao convivio e ás diversões. Ministros, conselheiros, cortezãos, cançavam-se procurando explicar a razão d'aquella tristeza que a côrte notava, que o reino inteiro, lamentava e sentia.

N'aquella noite de festa, todos o olhavam desconfiados e quando o Rei desceu a escadaria, por entre as alas reverentes dos guardas, ensaiando um sorriso, a multidão, que já desanimava, rompeu em aclamações. O Rei sorriu novamente.

Começaram as danças. Desoito bailadeiras hindus envoltas em mantas bordadas de joias, representando as desoito provincias do seu reino, dançaram um pequeno poema, composto expressamente pelo grão-maestro da côrte, deante do throno de marmore, para onde o Rei subira. Vieram depois as mensagens e as saudações. Ouviu discreto, o mesmo sorriso cortez a brincar-lhe nos labios, a mes-

VIANNA DO CASTELLO—Meadella

Festa de S. Vicente. Um aspecto do arraial.

(Clichés do phot. am. snr. Eusebio Rocha.)

da extranho á busca da felicidade, hoje embrulhando ainda no manto como uma mascara tragica, semeando terror entre as creanças e os velhos, ámanhã *condottieri*, cicerone, creado de café, estroina, histrião, rufia...

Foi vivendo ora descendo, ora subindo, a mesma ancia de liberdade a domina-lo, a impeli-lo e emquanto o seu povo o chorava, os seus Ministros o procuravam por todos os cantos, elle, Rei sem prole, reinando ausente n'esse paiz distante, foi atravessando a Europa até cahir nas mãos da policia.

N'aquella noite, dormira na neve, o seu primeiro somno feliz!...

E aqui teem, como a laconica noticia d'um jornal, relatando a prisão d'um louco que se diz rei, fugido para viver,—Rei extranho sem ambições, sem caprichos, sem desejos, que repudia os que os outros disputam e soffregamente guardam—sugeriu á minha phantasia inquieta, a chronica d'hoje.

GUIMARÃES—Mascotellos. Romaria de Santo Amaro; um aspecto do arraial

GUIMARÃES—Mascotellos. A egreja parochial
onde se realisou a festa a Santo Amaro

O curioso de resto, é que a seguir á nota da policia que relata succintamente o facto, vem — como uma vergastada d'ironia—um telegramma noticiando a partida d'um porto italiano, a bordo d'um cruzador comboiado de torpedeiros, do principe de Wied que vae para Scutari, cingir a corôa d'Albania.

E eu fico a pensar na loucura realenga do pobre doido de Paris, que na sua imaginação morbida, tudo abandonou pela liberdade, a querer—valendo-me do acaso do jornal—relaciona-la, n'um contraste doloroso, com a felicidade d'esse principe livre e feliz,

que troca a liberdade e a felicidade até, pela gloria ephemera de reinar...

JOSÉ DE FARIA MACHADO.

Fastos do Catholicismo

Para a cidade eterna

Um dos ultimos numeros da explendida revista «Roma» diz que desde 6 de janeiro a 26 de dezembro de 1913 o Santo Padre foi visitado por 159:930 catholicos de todas as partes do mundo.

Consoladora noticia é esta que demonstra de que modo a sociedade actual dirige o seu olhar para a Cathedra de Pedro, e quão inefficazes são os esforços titanicos e desesperados do judaismo e maçonaria internacional para impellir o povo a nova Porta Pia.

Os que decretavam para curto praso a morte do Papado hão de assistir á sua glorificação e presenciar o seu triumpho sobre todas as demagogias e ver como o scepticismo e a incredulidade fracassam ruidosamente. Passam os erros e a verdade prevalece.

O catholicismo vae desapparecendo... pois não vae?

Pois parece que não e que pouca vontade mostra de morrer.

Albania e Roma

O principe de Wied, que vae ser o soberano da nova nacionalidade albanesa e se prepara a ir tomar posse do espinhoso cargo que as potencias lhe entregaram, irá, em breve a Roma, onde sua Santidade o receberá.

E' de prever que a orientação, necessariamente tolerante, do governo albanez será proveitosissima aos interesses do catholicismo noOriente, e essa visita ao Papa não póde deixar de influir grandemente no procedimento futuro do governo.

Grande Deus! Ha tanto tempo que os inimigos da Egreja apregoam para em breve o seu exterminio, e, todavia, o Papado é ainda hoje uma das maiores forças do mundo.

R. C.

GUIMARÃES—Mascotellos. Alliviando os merendeiros

GUIMARÃES—Mascotellos. Uma taverna ao ar livre

GUIMARÃES—Mascotellos. Outro aspecto do arraial

(Clichés do phot. am. snr. Francisco P. Mendes

S. PEDRO DO SUL====A nova linha ferrea

Ponte de S. Pedro do Sul, sobre o Vouga, ultimamente construida

Outro aspecto da ponte sobre o Vouga vendo-se o comboio em marcha

S. PEDRO DO SUL — Ponte do caminho de ferro do Valle do Vouga, obra admiravel pela sua construcção

(Clichés do phot. am. snr. Joaquim M. Batalha.)

PORTO — Palacio de Crystal. Aspecto da nave central durante a exposição das aves

(Cliché de J. d'Azevedo, phot. da «Ill. Cath.»)

VIANNA DO CASTELLO -- Festa em honra dos recrutas, promovida pela Fraternidade Militar

Aspecto da parada dos recrutas durante o canto coral

A assistencia durante um salto em altura

O jogo da rosa a cavallo pelos sargentos de artilharia 5

Um aspecto do volteio a cavallo

(Clichés cedidos obsequiosamente pelo snr. Tenente Mamede)

Estudando a lição

(Cliché do phot. am. sr. J. A. Rodrigues de Carvalho)

PROPRIETARIO
Joaquim Antonio Pereira Villela.

DIRECTOR
Dr. Francisco de Sousa Gomes Velloso.

EDITOR
Antonio José de Carvalho.

ADMINISTRADOR
Clemente de Campos A. Peixoto.

Illustração Catholica
Revista litteraria semanal de informação graphica

Redacção, administração e typographia
83, R. dos Martyres da Republica, 91
BRAGA

CONDIÇÕES D'ASSIGNATURA
(PAGAMENTO ADEANTADO)

Portugal e colonias (1 anno) . . 2$400
» » (6 mezes) . 1$200
» » (3 mezes) . 600
A' cobrança feita pelo correio e pelo cobrador, accresce o importe das despezas.
Estrangeiro (1 anno) . . . . . . 3$000
» (6 mezes) . . . . . 1$500
Numero avulso $60

Numero 35 Braga, 28 de fevereiro de 1914 **Anno 1**

ILLUSTRAÇÃO CATHOLICA

Revista litteraria semanal de informação graphica

Proprietario, Joaquim A. Pereira Villela. Director, Dr. F. de Sousa Gomes Velloso

EDITOR Antonio José de Carvalho. ADMINISTRADOR Clemente de Campos A. Peixoto.

Braga, 28 de fevereiro de 1914 | REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E TYPOGRAPHIA 83, R. dos Martyres da Republica, 91 (Antiga R. da Rainha—Braga) | Numero 35—Anno I

PORTO — Aguas Santas. Altar-mór da capella da Quinta da Granja

Chronica da semana

XXXV

NA revisão dos factos da semana, o chronista d'esta vez não tem mãos a medir. A questão d'amnistia revelando um systematico proposito de malsinar ideias alevantadas, por parte dos systemas politicos que falsamente se pavoneiam com o titulo de democracias; o Carnaval, dando expansão descarada ás hypocrisias embiocadas nos demais dias do anno, e revelando a inconsciencia do povo, bailando como um funambulo em delirio louco, sobre os farrapos das suas desgraças; a Cinza que é a voz da Egreja reprehendendo os desvarios, proferindo as palavras que fazem com que as consciencias dobrem sobre si mesmas, n'uma reflexão pausada acerca da inanidade das alegrias estovanadas e das fumacentas glorias da terra, — formam um bello thema para apontoar considerações.

Qual escolher? Melhor e mais util é a nenhum escolher, antes a todos abraçar, por que todos teem sua importancia.

Os leitoros viram ou leram o que se passou na Camara dos Deputados, quanto á amnistia, para que descarreguem o chronista da tarefa aborrecida de o relatar.

Aquillo que aqui previramos, teve sua realisação. A amnistia sahiu das inexpertas mãos dos paes da patria como um aleijão, e contra tal facto nem valeram os protestos dos mais asizados nem os rumores de desapprovação geral que surdamente annunciam coleras atabafadas no peito da nação.

A divisão continua, o anathema permanece, a injuria não desappareceu. Ficam os libertos dos carceres ainda presos pelas algemas dos tribunaes militares ou pelo banimento do territorio nacional. Era de esperar...

Affirmada desde o primeiro dia da victoria, a *intangibilidade* das instituições, os seus sacerdotes pharisaicos não podem acalmar os rancores e indignações que lhes causa a divergencia de opiniões alheias. Na jactancia da sua missão privilegiada, sonhando-se mandatarios d'uma vontade popular, que não se manifestou, — acordam sobresaltados ao menor arruido que se faça, a um isolado grito que se erga, a um inoffensivo parecer que se emitta e respondem com o carcere, a tortura, o exilio a tudo aquillo que possa constituir um desagrado justo, uma justa e legitima revolta contra o seu ideal politico e a sua maneira de governar. O primeiro acto de todas as democracias é uma renegação da liberdade. Isto é um facto historico que ninguem póde negar.

A amnistia morreu devido a este acto de renegação — porque não pode chamar-se amnistia á ultima lei votada no parlamento... Ella não abrandará o rigor das perseguições nem o terror atroz dos supplicios, não aplacará a tempestade dos espiritos, não cicatrizará as chagas dilaceradas nem adormentará a raiva dos vingativos... Sahem homens dos tumulos de loucos que são as penitenciarias. Perguntae-lhes se algum sente gratidão pela liberdade provisoria que lhe concedem, e ouvireis que essa liberdade não é mais do que devida, e nunca foi ordenada por um impulso do coração generoso! A amnistia!... Mais uma farça apenas... No poder farçanteia-se com uma ideia de perdão, e na rua farçanteia-se com a miseria e a dôr, em jogos carnavalescos. Governantes e governados quizeram deitar o entrudo fóra. Os dictos insulsos dos xésxés, a esturdia brava d'estes dias d'entrudo, dando-nos antes a impressão nauseante d'uma insania do que o signal d'uma despreoccupação feliz. Riem aquelles que não escutam os vagos rugidos da cratéra sobre que bailam e se espojam!

Na cegueira d'uma folia estupidamente desregrada e inopportuna, elles não attendem a que não é nas horas tragicas que os povos devem entregar-se á libertinagem doida das suas alegrias grosseiras. Se alguem fosse apresentar ao noctivago que celebra com amigos a data do Carnaval, a noticia da partilha fatal das nossas colonias... elle a rir, entornaria sobre ella a sua ultima taça de champanhe!...

Compare-se, porém, esta multidão que se entorpéce com aquell'outra que, olhando enojada, os grotescos do mundo, acorre aos templos para rezar... pelos que se divertem; e os resaibos de paganismo, barbaro, immundo, coádos atravez da joeira dos tempos para a definada civilisação de nossos dias, — que são elles perante a piedade, o amor, a humilhação sancta, a paz interior que Jesus ensinou como degraus que ascendem a eternos gosos?...

Folhas mirradas que o vento açoita em turbilhão pelo arruamento d'um cemiterio... O pó, a cinza, o nada que a Egreja repéte aos ouvidos dos homens e aos corações dos fieis!...

O' edades cégas! O' gentilezas enganadoras! — dizia o P.e Vieira. Vive a edade como se não houvera morte. Vive a gentileza como se não passára tempo!...

F. V.

Porque suspiraes?

Aguas puras do ribeiro,
Sempre correndo e chorando,
Porque ides vós suspirando,
N'esse correr tão ligeiro?

Beija-vos o Sol fagueiro
Com um beijo puro e brando
E continuaes soltando
Um suspiro derradeiro...

Correndo e sempre correndo,
Porque ides assim gemendo
Sobre os seixos, a saltar!

Basta de tanto gemer,
Que se augmenta o meu soffrer
De assim vos ouvir chorar.

FRANCISCO SEQUEIRA.

Serões eruditos

IV

Aventuras do alphabeto

2.º

Alguns leitores terão cuidado que no primeiro *Serão* ficaram narradas todas as aventuras do alphabeto. Puro engano! Inda agora a procissão vae na egreja!

Por exemplo: a propria palavra *alphabeto*, que acima escrevi, dará motivo para eu consagrar este segundo *Serão* ás aventuras do alphabeto, provocadas pelo nome das suas lettras. Quem não sabe que este nome: *alphabeto* foi formado dos nomes das duas primeiras lettras do alphabeto grego a: *alpha* e b *beta?* Como em portuguez tem a mesma origem a palavra abecedario: *a b c d*... ario...

Ha linguas então que se prestam a innumeras adivinhas feitas com as lettras do alphabeto. Por ora citarei apenas o francez, e tão sómente algumas de que me lembro n'este momento. Porque ha milhares...

Por exemplo: quaes são as lettras mais altas? São *L V*... porque são *élevées:* altas...

Quaes são as lettras mais quentes? São as lettras *D T*... porque são lettras *d'été*... de verão!

Quaes são as lettras mais proprias para figurar em moedas? São *F I J*, com effeito são... *effigie.*

PORTO — Aguas Santas. Quinta da Granja, propriedade do exc.^mo^ snr. dr. Magro

Tinha-me esquecido outra: quaes são as lettras mais baixas? São A B C, porque são... *abaissées:* baixas.

Não fica mal ao leitor d'uma illustração catholica preguntar-me quaes são as lettras menos religiosas. Pois são as desgraçadas A T, porque teem o infortunio de ser *athéos*: atheias.

E as mais velhas? Oh! São sem duvida N E, porque não é segredo para ninguem que são *aînées:* as mais velhas.

E quaes serão as lettras mais ligeiras? Quem duvida que são *L E*, visto que são *ailées:* aladas?

Se me preguntam quaes são as mais sadias, não hesito em responder que são *A R E*, porque são *aérées:* arejadas...

Algumas soffrem maus tratos. Assim as mais maltratadas são *H E*, porque são *hachées:* migadas!

As lettras mais difficeis de se ler são, com certeza *F A C*, porque são *effacées:* apagadas.

Ha lettras mais espertas que outras; assim as mais estupidas são *E B T*, porque são *hébétées:* parvas!

As mais trabalhadoras são *O Q P*, porque são *occupées:* occupadas...

Ha umas que são muito mais respeitaveis que outras; por exemplo *A G*, porque toda a gente vê que são *âgées:* edosas!

Até as ha que são mais ricas que as suas companheiras; por exemplo *U P*, porque são *huppées*... ricas.

Algumas, coitadinhas, já deram a alma ao Creador: são *D C D: décédées:* mortas!

Ha lettras que, mesmo isoladas, são muito interessantes. Assim o *R* é a mais subtil... porque é *l'air:* o ar; a mais molhada é o *O: eau:* a agua; a que muitos deviam tomar em pequenos é o *T: thé:* chá e a mais util para as costureiras é o *D*, naturalmente, porque é *dé*: dedal... Em grupo, então, ha phrases inteiras! Por exemplo: uma dama que se abespinha tem *L F H E* porque *elle est fâchée:* está zangada... E continue quem quizer...

Agora preguntará o leitor: em portuguez tambem haverá d'essas aventuras do alphabeto? Ora essa! Ha menos que em francez, porque os sons da nossa lingua são muito mais claros. Ainda assim, ahi vão alguns exemplos de que me recordo:

As lettras melhores com feijão branco são X P: chispe! E as mais engraçadas são X T, porque são o proprio *chiste*. Os bombeiros levam *K C T*: capacete, sem fallar na melhor lettra para o frio que é indiscutivelmente K, capa... E ha um grupo de 4 lettras, que não escreverei aqui, porque formam uma phrase inteira, mas pouco limpa...

O alphabeto tem tido aventuras bem mais curiosas, como veremos n'outro serão. Por hoje, faço uma pregunta aos leitores da *Illustração*, a ver se algum me satisfaz uma curiosidade. Qual é a origem da phrase com que exprimimos em portuguez que uma coisa é excellente, dizendo que é X. P. T. O.?

E para terminar, duas adivinhas ainda sobre o alphabeto lido á portugueza. Qual é o grupo de lettras mais desprezivel? E' com certeza: *R L L* porque *é réles!* E qual é a lettra mais antipathica, se a benzerem? E o *S* porque um *S* bento... *é sebento...*

ARTHUR BIVAR.

PORTO—Aguas Santas. Um grupo de meninas da Quinta da Granja no seu gabinete de estudo, bordando e pintando. Da direita para a esquerda: D. Beatriz (professora), Alcina, Mimi, Amelia e Maria Margarida

PORTO—Aguas Santas. A capella da Quinta da Granja que serviu de egreja parochial emquanto em Ermezinde existiu a cultual

Notas da Hespanha

Esta Hspanha que por causas de natureza patriotica temos desdenhado, merece hoje, para nós, um estudo muito proveitoso. Pomos de parte, por agora, o resaibo historico dos dois povos, para attentarmos o paiz visinho, n'alguns aspectos da sua vida collectiva.

A quem viaje pela Hespanha e repare um pouco no modo de ser do seu grande povo, logo notará, para si, a fórma como elle conserva devotadamente a integridade admiravel da sua feição caracteristica, dos seus costumes, das suas tradições, das suas crenças. Constata, além d'isso, em flagrante contraste com o que succede entre nós, a defeza obstinada, reaccionaria, que este povo oppõe á invasão do extrangeirismo pretencioso e dissolvente.

O hespanhol cultiva uma instinctiva aversão por tudo quanto possa alterar os seus costumes, não consentindo innovações n'aquillo que elle considera um attentado á sua originalidade, á sua indole caracteristicamente popular e nacional.

Fortemente cioso do *que é seu*, leva o seu bairrismo ao excesso de só julgar bom o que possue—e mau o que vem dos outros. Os divertimentos publicos que são uma das manifestações mais impressivas do caracter d'um povo, são typicas, *sui generis*, e difficilmente deixarão de o ser, por mais que a prodigiosa imaginação dos figurinos extrangeiros se lembre de inventar e propagar...

Na musica, não ha composição verdadeiramente hespanhola que não soffra d'um forte cunho nacional, original, inconfundivel. E tudo o que não venha impregnado d'esse caracter, perde para o povo o interesse, o gosto, a alma que elle sabe emprestar, consagrar ás suas creações, ás suas exquisitas canções.

Basta assistir, n'um café-concerto, á execução de peças d'auctores extrangeiros e d'auctores nacionaes e notar como os ouvintes as *distinguem* e as *sublinham*...

PORTO—Aguas Santas. Um aspecto da Quinta da Granja

PORTO—Aguas Santas. Quinta da Granja. Terra lavradia

Se alguma coisa surge do extrangeiro que se imponha pela sua utilidade e vantagem, o hespanhol, ainda assim, não abdica d'aquella proverbial arrogancia castelhana. E em vez de *extrangeirar*, nacionalisa.

Por isso, raro é deparar com o fabrico propriamente extrangeiro, em Hespanha. Tudo o que puder fazer, imitar, arranjar dentro das suas fronteiras, não vae buscar lá fóra: repelle-o systematicamente.

Procuram-se vinhos, champagnes, licores, cervejas, conservas, queijos, etc., mais afamados no extrangeiro, o hespanhol tudo apresenta e tudo serve ao freguez—mas escusado será dizer que tudo isso do extrangeiro apenas tem o rótulo: Elle tudo imita, tudo arranja *do que é seu*.

E debalde se procuram os productos legitimos e authenticos que se pretendem.

Nas industrias hespanholas não se encontram extrangeiros como nos outros paizes. Talvez possuam pouco desenvolvimento, a esse respeito: mas

nas fabricas, emprezas, minas e caminhos de ferro que possuem não entra o elemento extrangeiro como desaforadamente entra em Portugal.

Chega a um ponto tal a sua ingenita repugnancia pelo extrangeiro que raramente se encontra quem, n'este paiz, conheça uma palavra, sequer, de qualquer lingua extrangeira, incluindo mesmo a lingua do povo francez que lhe fica visinho.

Nos cursos secundarios e superiores não se estudam linguas. Poucos são os cathedraticos de medicina, direito, ou lettras, que lêem ou comprehendam o francez. Tudo o que de melhor se publica em lingua extranha, é immediatamente vertido para o hespanhol. De fórma que raro se encontram nas livrarias de Hespanha, livros extrangeiros.

O que dissemos, sobre diversões, musica, industrias e linguas, o mesmo podemos e havemos de dizer, sobre questões de religião, de tradições, de arte, institutos locaes, organisação politica, militar, judicial e admnistrativa, etc., em que o caracter profundamente nacional se defende corajosamente das influencias extranhas, deleterias e sobretudo, desnacionalisadoras.

PORTO — Collegio dos Orphãos. Altar lateral, 1.º da direita, da capella de N. Senhora das Graças

(Cliché do dist. phot. am. sr. Augusto Chaim)

Hoje, porém, não desejo alongar mais estas notas para desde já fixar a necessaria conclusão.

*

Um povo assim, pode, em certos pontos, ser digno de censura e de critica, e caminhar, mais demoradamente, na senda do progresso e da civilisação.

Mas, por outro lado, a verdade é que um povo assim, jamais desapparece, como unidade respeitavel e considerada, do concerto dos povos.

MONSÃO — Vista da Praça Deu-la-Deu e egreja da Misericordia

MONSÃO—Palacio e jardins da Brejoeira, propriedade do exc.^mo^ snr. conselheiro Pedro d'Araujo

Tal modo de ser, taes normas de conducta, representam uma barreira insuperavel contra qualquer attentado á sua soberania. O seu amor de patria é fortissimo, porque os elementos que o formam são naturaes, derivam da propria structura nacional, assentando, portanto, em bases indestructiveis. As fronteiras do seu territorio são inabalaveis, porque a necessaria assimilação para qualquer conquistador, torna-se absolutamente impossivel. Um povo assim, repito, vae indubitavelmente, ou em massa, até ao ultimo dos sacrificios para salvaguardar *o que é seu*, as suas regalias, a sua autonomia.

MONSÃO — Gruta, cascata e lago da Quinta da Brejoeira

MONSÃO—Barca de passagem para Hespanha sobre o rio Minho

E um povo com um espirito nacional assim fortalecido, assim avigorado, jamais desapparece do mappa do mundo, sejam quaes forem as crises politicas ou economicas porque atravesse, sejam quaes forem as suas perturbações ou convulsões internas.

Ha de ser sempre um grande povo, um povo admiravel—até na desgraça! N'isto, como em tudo, nos dá o paiz visinho um grande exemplo.

Isto mesmo, não podemos, nem devemos occultar, muito embora com isso soffram os resentimentos patrioticos do nosso povo, resentimentos que nós, de resto, compartilhamos e respeitamos.

JOAQUIM SALDANHA.

Secção historica

Succinta historia dos sinos do relogio e da Camara de Villa Viçosa

O primitivo sino do relogio do concelho, que estava na **Torre de Homenagem** do Castello, d'esta villa, bem como o sino de **correr** da Camara, que houve no torreão da *Porta de Evora* foram partidos em estilhaços pelos canhões da artilharia do marquez da Caracena, D. Luiz de Benevides, por embirrar com elles visto as sentinellas que estavam na fortaleza os tangerem sem cessar, para assim precaver ou avisar os habitantes da villa e chama-los em seu soccorro contra o inimigo (hespanhoes) que, estando proximo, empregava os mais titanicos esforços para forçar a render-se o Castello, conseguindo comtudo entrar na almedina na noite de 15 para 16 de junho de 1665 indo fortificar-se na egreja matriz, apezar da denodada resistencia dos soldados da guarnição d'esta villa.

Por tal motivo ficaram feridos trezentos d'estes juntamente com os capitães José da Silva e Antonio Gomes e morreram tambem mais outros dois (capitães) Manuel da Rocha e Manuel Nogueira Valente. Decorrido um anno apenas, em 1666, resolveu a Camara refundir ou restaurar o sino do relogio, o que foi difficil por falta de elementos pecuniarios, não obstante ter já pedido antecedentemente auctorisação régia para vender dois traços do terreno; um, na coutada do Pinhal e o outro,

MONSÃO—Lapella-Vista desde Hespanha atravez o Minho. A' esquerda a estação do caminho de ferro

(Clichés do phot. am. D. Lorenzo Lemos)

junto á Tapada de Estevão Mendes, em Valle da Rabaça.

Chamando, mais tarde, a camara o fundidor Francisco Pinheiro, por ella foi combinado com elle o concerto não d'um sino, mas dos dois; devendo elles pezar a totalidade de 120 arrobas pela quantia de 100$000.

A camara encarregou-se de fornecer-lhe as 120 arrobas de bronze e mais 12 para quebras.

Como os estilhaços dos sinos se achavam dispersos, no poder de varias pessoas e soldados, determinou a camara dar metade do valor d'esses fragmentos ás pessoas que os possuissem e d'esta forma conseguiu ainda haver ás mãos umas trinta arrobas d'aquelle metal!...

Porém um alferes do Terço, por nome André Fernandes Miguens, que tenazmente se recusou a entregar o metal que tinha, foi obrigado a faze-lo judicialmente por intermedio do advogado da camara. Ainda assim teve esta de comprar novo, a maior parte do bronze que ainda lhe faltava. Pelo que se lê n'uma acta da sessão camararia de 2 de janeiro de 1668 já n'esse tempo estava prompto o sino e o machinismo do relogio cujo concerto foi concluido pelo serralheiro Salvador Gomes, pela quantia de 80$000 reis; começando então a dar-se o nome de **Caracena** indistinctamente, tanto a este como ao sino de *correr* da camara, o qual foi collocado, não na sineira ou torreão da antiga porta de Evora, onde havia sido despedaçado; mas provisoriamente na torre da egreja parochial de S. Bartholomeu d'esta villa, pelo motivo da camara estar installada até 1757 no adro d'essa egreja n'umas casas d'aluguer fronteiras aos actuaes paços do concelho, visto haverem sido demolidas as proprias no anno de 1664 por determinação do governador interino d'esta praça Christovão de Brito Pereira, para se concluirem as obras exteriores do castello moderno.

O serralheiro Francisco Ignacio ficou incumbido, em substituição do tangedor João Rodrigues Tinoco, de repicar o sino do concelho todos os sabbados durante a missa que era e ainda é costume cantar-se a N. Senhora da Conceição na egreja matriz; obrigação esta que vigorava desde o anno de 1717, em

TORRES VEDRAS—Fernandinho. Altar-mór da capella de N. Senhora de Lourdes

que El-rei D. João V, ordenou a festividade á Immaculada Conceição, como Padroeira do reino.

Em 1673 tinha sido já incumbido de tratar d'este relogio o aferidor do concelho Francisco Simões. Em 1734 rachou-se de novo este sino que era o do unico relogio official da villa quando o estavam a repicar durante uma festividade a N. Senhora da Conceição, promovida pela respectiva confraria. O dia certo em que se deu tal facto não se sabe; mas presume-se que fôra em julho ou em outro mez não muito afastado d'este, por uma acta que se encontra nos livros guardados no archivo municipal, da qual consta que sendo Antonio Marques da Silva, morador em Portalegre por este fôra dito á camara que já estava contractado com a regia confraria dos Tres (nome porque era conhecida a de N. Senhora da Conceição d'esta villa) para fundir o referido sino e que se havia responsabilisado a vir iniciar este trabalho a 25 de julho d'esse anno.

Todavia surgiram dificuldades para a consecução d'esta obra, por a referida regia confraria não querer pagar só, á sua custa, a despeza total, desejando tambem que esta fosse coadjuvada pela camara, ao que esta não accedeu; e por tal motivo não se effectivou o mencionado contracto.

Passou mais algum tempo, poucos mezes apenas e a camara tenta então outra vez realisar o dicto concerto, porque reconhecera a grande necessidade de haver um relogio por onde os trabalhadores se regulassem, pois não existia ainda o da Capella Ducal.

Assim foi. A camara mandou chamar o serralheiro João Antonio Solano, residente em Badajoz, que se comprometteu a fundir um sino novo, egual em tamanho, ao *rachado*, pela quantia de vinte moedas (96$000 réis); marcando o principio da obra para o dia 25 de agosto d'esse anno; a qual tambem não se effectuou devido a novas divergencias entre a regia confraria e o municipio.

Correram mais alguns mezes até que os procuradores dos mistéres, já cançados de insistir perante a Camara pelo concerto do relogio e tambem já aborrecidos de nada conseguirem, resolveram mover uma execução á regia confraria perante o ouvidor d'esta villa, Felix da Fonseca d'Azevedo que a decidiu a favor do povo, segundo affirmam uns, e, segundo outros, foi esta execução mandada sustar por ordem d'El-Rei, que pagou as despezas feitas com o referido concerto evitando assim futuras contendas.

O sino do relogio que foi fundido em 1666 tinha a seguinte quadra allusiva á sua primeira fractura ou quebra:

Caracena me quebrou
Sendo de grandeza tal (1)
Que em todo o Portugal
Nenhum outro me igual.

(1) Segundo o autor do «Parnaso de Villa Viçosa» o primeiro sino do relogio do concelho era de tal grandeza que se ouvia a tres leguas de distancia, em Villa Boim, que era o maior de Portugal e que fôra fundido em anno anterior a 1618, seculo XVI.

VILLA VIÇOSA—**Praça Infante de Lacerda, o Caracena novo (actual relogio do concelho) e o Pelourinho**

Esta quadra foi reproduzida no actual sino que é o terceiro, e está antecedida por uma decima allusiva á segunda quebra que n'elle fizeram e diz:

Duas vezes em meu damno
Em silencio me puzeram
As quebras que me fizeram
Um bebado e um castilhano.

D'este segundo e tirano
Quebranto e escuro destino
Um ouvidor peregrino (2)
Me trouxe á luz outra vez
Feliz é, feliz me fez
Sol que entrou n'este signo.

A' volta do rebordo está uma legenda que diz que a fundição d'este sino foi levada a effeito por meio d'um arresto feito á regia confraria no juizo da ouvidoria, sendo ouvidor Felix Azevedo da Fonseca. Tem os nomes dos fundidores Juan Antonio Solana Riba e Pedro d'Azevedo Manique.

V. Viçosa.

P. Alberto Gonçalves.

(2) Peregrino quer dizer que era de fóra.

Vida intensa

(PAGINAS D'ALÉM FRONTEIRAS)

Vi hontem a primeira mascara, inexpressiva, suja,— a mesma graça rebuscada e sediça a animar-lhe a bocca escancarada, o mesmo espirito socz a justificar o insulto—e vislumbrei com tedio o carnaval tradiccional, o entrudo borracho, salpicado de lama e de miseria, que a estas horas cruzará como uma gargalhada d'insulto, as ruas, as praças, as viellas das cidades portuguezas, extranhas, alheadas áquella farandola de loucura e de miseria, no meio de tanta desgraça, de tanta desillusão, de tanta incerteza.

O entrudo suppõe sempre brutalidade. Com o pó arreliador, o tremoço selvagem ou o *confetti* civilisado, é sempre um desabafo, mas um desabafo aggressivo, que a impunidade da tradicção estimula e ampára. O Xéxé, na mesma velhaca tessitura de riso, fére, magôa, insulta, liquida velhas richas, salda contas antigas. O dominó em qualquer baile, valendo-se do espirito—quando o tem—não perde o ensejo de ridicularisar, do fundo do seu anonymato, aquelles com quem antipathiza. São absolutamente eguaes. Differença,—se a ha, entre os dois—reside somente no disfarce e esse mesmo, não corresponde a um intuito: obedece a uma circumstancia. Um, porque anda nas ruas, vem mais cheio de lama; como o outro, vagueando pelas salas, envolto em velludos e rendas, vem talvez mais limpo mas contém muito mais veneno. No fundo, irmana-os a mesma sêde d'insulto, o mesmo desejo canalha de ferir, sem responsabilidades...

Dizem, que á mesa da comida e á mesa do jogo, se avalia da educação das pessoas e francamente, nada mais flagrante e verdadeiro, que o conceito ingenuo d'este adagio. Entretanto, o commentador, de-

VIANNA DO CASTELLO--Ainda a festa em honra dos recrutas promovida pela Fraternidade Militar

Corrida de bicycletas

Lucta de tracção

via ter accrescentado que perante uma mascara, se pode ajuizar dos instinctos e das convicções com a mesma certeza, com que avaliamos dos habitos e da correcção d'uma pessoa, vendo-a empunhar delicadamente um garfo ou perder discretamente um *robert* de *bridge*.

Vejam o fulaninho chistoso que amarrota, a murro, o côco do visinho que detesta, ou o garôto remendado e sujo, que atira mãos cheias de lama e de pó, para o fato limpo do transeunte inoffensivo...

O que fizeram estes dois animaesinhos mascarados? Divertiram-se sómente? Se o fizeram, fraco indicio de caracter é divertir-se incommodando os outros e só revela preversidade. Satisfizeram com mais ou menos espirito, as praxes selvagens do entrudo folião? Evidentemente não. Ambos se serviram da impunidade para desabafarem as suas iras, os seus despeitos, as suas invejas, manifestem-se ellas na guerra mortal ao côco janota ou traduzam-se na inveja mal contida dos andrajos, pela superioridade dos fatos novos.

O entrudo, emfim, é o estimulo do anonymato, é o incitador da cobardia...

Volteio a cavallo

A sua expressão é o vexame. Manifeste-se na assuada, no pó, na *cochichada* alfacinha, na galantaria picante á senhora que passa, no empurrão atrevido e mau, ao velho tropego que mendiga; não tem outra significação, não conhece outra formula.

E' um resto de selvajaria, que a tradicção aguenta, é uma velharia sensaborona que os homens conservam, porque os tres dias de carnaval são tres dias á margem da correcção e da lei, tres dias de liberdade, de loucura, d'estouvamento — chamem-lhe

Um aspecto da assistencia

A assistencia durante um salto em comprimento

(Clichés cedidos obsequiosamente pelo snr. Tenente Mamede).

como quizerem — mas tres dias em que o insulto se justifica e não tem resposta.

Nice, com os seus cortejos theatraes, não foge inteiramente ao selvajismo, quando a *Pierrette* joga, mesmo atirando flores, teve antes o preverso instincto de lhe metter no meio alguns tremoços. As suas mascaras não tem, convenho, a brutalidade por exemplo, do entrudo alfacinha; ha talvez mais espirito, desprende-se a aggressão com mais galantaria mas o insulto, com punhos de renda ou com calças de bocca de sino, lá está patente, dominador, altivo...

A estas horas, devem descer o Chiado, os mesmos carros com tulipas desbotadas de papel, as mesmas galeras engalanadas de verduras, — automoveis transformados em *yachts*, bicycletas transformadas em cysnes d'algodão em rama, dominós sensaborões, xéxés atrevidos, a malta anonyma dos rotos e dos facinoras fadistas, *dandys*, brincalhões e mendigos—e o extranho que passar, sem tempo para descer até ás paixões, hade julgar pela rama, que tudo aquillo é bizarra loucura foliona d'um povo satisfeito, brincando, rindo, hiante de felicidade e de gozo, cantando uma epopêa á alegria e ao prazer, sem vêr que esses risos, esses canticos, essas alegrias, mascaram almas transbordando veneno, olhos chispando odio e indignação, a desabafarem, a vingarem-se impunes.

E então, no meio d'essa amalgama mi-

NO CAMPO—Grupo da familia do snr. D. Antão José Maria Vaz de Almada
Fallecido em 6 de fevereiro de 1914

seravel, o xéxé borracho, remendão, cabelludo, fingindo alegria, á cata dos dezreisinhos do salsa, que sem a mascara ridicula, tem nos olhos lagrimas amarguradas, lembra-me a patria dentro do entrudo, fóra do entrudo, mascarada da alegre — carcassa grotesca, fatiota berrante d'histrião — agitando o cascavel da gargalhada e da loucura, tambem á cata da complacencia das nações e chorando do intimo, como o xéxé nacional, lagrimas amarguradas, ante o seu destino tempestuoso e incerto.

E' por isso, que eu vi com tedio, com nojo, a primeira mascara d'este anno, que revelando-me, uma vez mais, a feição cobarde do entrudo, vem dar-me tambem uma imagem desanimadora da patria querida, mascarada de feliz,

LISBOA—Penitenciaria. Grupo de presos politicos

Padre Antonio Joaquim Leite Barroso, zelosissimo abbade de Rio Douro, Cabeceiras de Basto. Entrou na Penitenciaria em agosto de 1912. D. João d'Almeida Correia de Sá, distincto capitão da Guarda Imperial Austriaca e fidalgo da primeira nobreza de Portugal. José Pereira da Silva Sabrosa, prosador e poeta distincto tem dedicado toda a sua actividade a bem da causa catholica. Foi preso em agosto de 1911.

LISBOA—Penitenciaria. Grupo de presos por motivos politicos

tranquilla e confiada, na hora irremediavel do perigo...

JOSÉ DE FARIA MACHADO.

A mocidade, que é quem tem mais necessidade de conselhos, é a menos disposta a recebê-los; a velhice, que é quem mais os sabe dar, nem sempre attenta em bem os collocar.

COIMBRA—Penitenciaria.
P.e Avelino Figueiredo, preso politico

BRAGA—Manuel Ignacio da Silva Braga

Catholico convicto e poeta humoristico muito apreciado, fallecido em 19 do corrente

COIMBRA—Penitenciaria.
José de Magalhães Alves Costa, preso por motivos politicos

BRAGA — Grupo de presos politicos de Vizeu e Mangualde detidos na cadeia civil

NOTAS DO ESTRANGEIRO

BARCELONA — O snr. Sitiar, presidente da Juventude Catholica, apresentando aos socios e convidados o laço que a mesma associação offereceu ao «Orfeon Catalão»

LAUTARET (Alpes francezes)—A inauguração do monumento em honra do explorador capitão Scott. Um arco do triumpho na neve

Abrindo o portal

(Cliché do dist. phot. am. sr. João San Romão)

PROPRIETARIO
Joaquim Antonio Pereira Villela.

DIRECTOR
r. Francisco de Sousa Gomes Velloso.

EDITOR
Antonio José de Carvalho.

ADMINISTRADOR
Clemente de Campos A. Peixoto.

Illustração Catholica

Revista litteraria semanal de informação graphica

Redacção, administração e typographia
83, R. dos Martyres da Republica, 91
BRAGA

CONDIÇÕES D'ASSIGNATURA
(PAGAMENTO ADEANTADO)

Portugal e colonias (1 anno) . .	2$400
» » (6 mezes) .	1$200
» » (3 mezes) .	600
A' cobrança feita pelo correio e pelo cobrador, accresce o importe das despezas.	
Estrangeiro (1 anno)	3$000
» (6 mezes)	1$500
Numero avulso	60

Numero 36 Braga, 7 de março de 1914 **Anno 1**

ILLUSTRAÇÃO CATHOLICA

Revista litteraria semanal de informação graphica

Proprietario, Joaquim A. Pereira Villela. Director, Dr. F. de Sousa Gomes Velloso

EDITOR Antonio José de Carvalho. ADMINISTRADOR Clemente de Campos A. Peixoto.

Braga, 7 de março de 1914 | REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E TYPOGRAPHIA *83, R. dos Martyres da Republica, 91* Não se restituem os originaes | Numero 36—Anno I

PORTO— Collegio dos Orphãos. Altar de N. Senhora da Rocha, 2.° da direita, da capella de N. Senhora das Graças

(Cliché do dist. phot. am. sr. Augusto Chaim).

Chronica da semana

XXXVI

SUJA do lôdo das enxurradas, no recanto d'uma sargêta, já a carnavalesca mascara apodrece...

Quem a afivelaria ao rosto? Esse anda hoje talvez de braço dado com aquelle que crivou de sarcasmos, e alta noite, fatigado de a tantos outros ludibriar, arranca o disfarce e intimamente maldiz a alegria fugaz em que viveu trez dias! E a mascara lá fica, abandonada á propria inutilidade, no recanto d'uma sargêta, suja do lôdo das enxurradas, descomposta, desconjuncta e mirrada;—dentro em pouco é cinza...

Era inexpressiva, sem arte, a pobre e inutil mascara. Ninguem poderia ler nos seus relevos o gracejo, a severidade ou o terror. Mas era na verdade o proprio symbolo do Carnaval que passou...

Ha mascaras de todos os feitios; ha a de seda, de Colombina, a de cartão, de Polichinello, e a mascara empoada de Pierrot. Aquella que nós vimos, a nenhuma d'estas semelhava sequer.

A mascara sempre teve o seu reinado, porque a hypocrisia não desappareceu ainda da face e do coração do homem. Desde as de cobre que os *facchini* de Milão usavam nas pasquinadas, desde as de cêra, muito apreciadas em Roma, e que por vezes eram moldadas pelos traços das estatuas, ellas foram sempre o encobrimento dos falhos de coragem, patrocinaram o crime e o insulto. *Je te connais, beau masque!*

A mascara é sempre a traição. Se a traição for bannida, a mascara não torna a ser utilisada.

E' o engano de um dia, a illusão d'um momento! Quantos os tristes que teem a sua mascara de alegria! Quantos os mansos que cingem á face a do terror! Quantos os perversos que trocam os sorrisos da perfidia pelos da affabilidade! Sempre a mascara.,.

Até que um dia a onda dos cansaços vem banhar e espraiar-se na alma, os verdadeiros sentimentos não podem já soffrear-se sob a contensão irrespiravel do cartão, do pó, ou do setim... e a mascara cahe, o encanto quebra-se, a bondade ou a malignidade patenteiam-se.

Esse dia de decepção é um dia amargurado, cheio de tédio, d'aquelle mesmo tédio que invade a alma do truão quando, depois gritar e gargalhar facecias, recolhe a casa aborrecido e tôrvo, a mioleira azuada e o olhar embaciado!

Quem não tem já assistido ao cahir de qualquer mascara? Ha no homem uma força occulta que não acceita rebôcos, entrages ou disfarces, e o que hontem nos appareceu jocundo, não o sendo, mal conseguirá equilibrar na curva tenue d'um sorriso toda a arte do seu fingimento!

O publico muitas vezes não devassa o verdadeiro sentir que a mascara esconde e quando ella cahe, pasma e protesta!..

... Foi o que aconteceu agora na politica. A mascara que velava a face do regimen, cahiu, e como no revelho conto infantil,

toda a gente se espantou!

D'esta decepção, porém, ninguem pode dizer o que virá, mas seria optimo que se arrancasse a esta palavra *decepção* tudo o que ella tem de melancolia e que ella apenas significasse o inicio d'uma actividade fecunda!

F. V.

Aventura

Navegador que fui, as marés cheias
Eram a dura estrada que eu trilhava:
Errei de amor no canto das sereias...
Horizontes remotos desvendava...

P'las enxarcias—nauticas ameias
O meu desejo, erratico, vagava
Sonhando praias, mythicas areias
Longes que um sonho virgem sepultava...

Raça do largo mar! O' meus avós!
Sonho de Alem!... espero, como vós,
Ir á conquista, desvendar, partir...

Nauta que fui, sou hoje como outr'ora:
Marés altas... neblina... azul em fóra,
Parto a buscar as Indias do porvir...!

Outubro, 913.

ARMANDO CRUZ.

A VIDA

Vi os homens na vida embriagados
Por um licôr de quentes alegrias
A procurar, em lúbricas orgias,
Na terra, um céo de bemaventurados.

E passavam na terra sem cuidados,
Bohemios a cantar noites e dias,
Não suspeitando o fel das agonias
Que a vida tem nos calices doirados.

Engano! Em sua mentirosa paz
Vi aninhar-se a perfida inimiga,
A dôr calada e lugubre e vivaz

Como nas tardes em que o sol castiga
Se enrosca, se espreguiça e se refaz,
N'um tronco pôdre, alguma cobra antiga...

Porto, Collegio Almeida Garrett.

PADRE DONACIANO D'A. FREIRE.

Varões assignalados

O CARDEAL NETTO

As salas dos retratos dos velhos pousadouros senhoriaes não são apenas uma vaga ostentação de avoengos illustres, mas uma concretisação da tradicção familiar em appêllo constante á honra e ao valor militar, intellectual ou moral, da descendencia.

O homem que olha para a tela a oleo onde está fixada a sombra humana do ante-passado que viveu a hora epopaica de Aljubarrota ha por força de sentir outra elevação do que aquelle a quem sómente teem para mostrar a photogravura d'um seu maior que a mereceu da bisbilhotice dissolvente da gazeta por feitos criminosos.

No pantano das ambições politicas quadram e medram bem as figuras damninhas dos pygmeus.

Vindo a fugir da lagôa politica, por este terreno enxuto e rijo, alto, não poremos o pé no lôdo politico.

Andaremos em companhia do ar sadio, de olhos em elevados panoramas, e só revendo-nos nos explendores da vida que, seja ao sorrir das madrugadas seja ao meigo desfallecer dos poentes, enxergada das serras nunca lembrará a terra baixa e os seus instinctos inferiores.

Denegrir, accusar, questionar, condemnar, afundar póde ser util quando a belleza, o triumpho ou a missão esteja em reduzir o horizonte a um cemiterio.

Erguer os olhos para uma bella aurora ou descança-los gratamente n'um fim de dia é rezar a oração da esperança, é dar as graças ao santo dia que vivemos, é considerar os grandes quadros com que

LISBOA—O Senhor D. Antonio Mendes Bello, Patriarcha de Lisboa, no solio com os conegos assistentes durante a ceremonia da Cinza

As galerias dos grandes homens d'um povo são para essa nacionalidade a sala dos retratos das velhas familias.

Para que um povo erga o braço á altura d'um generoso pensamento, não ha como pôr-lhe ante os olhos as figuras dos seus grandes homens.

Se atravessa horas de esplendor, retractar-lhe os vultos illustres é não deixar que a vista e o nivel moral da grei baixe; se soffre horas de decadencia, é fornecer a esse povo modelos de apogeu, um alto ponto de mira por onde afferir a sua marcha collectiva.

a natureza decóra os seus salões e alevantar a alma, meditar assumptos elevados.

Grande homem novo ou grande figura do passado, madrugada ou poente, tudo é caminhar de olhos postos n'uma estrella; a estrella da manhã ou astro do occaso.

Por mim prefiro o divino e discreto espectaculo dos poentes aos alvoroços inexperientes da aurora.

Os poentes teem a candura reconciliadora de um acabar da vida, lembram a velhice, o repouso resignado e definitivo de uma vida que cede o lo-

gar e a tarefa a outra, que passa o corcel e a espada a um descendente que continue a batalha e a fama.

Teem mais ternura, evocam o declinio de uma figura magestosa que morre a perdoar e a suggerir grandeza.

Um fim de dia foi sempre para mim a imagem do finar de uma vida humana. Nunca olhei sem commoção e respeito para um poente; jamais fitei sem respeito e enternecimento os derradeiros bruxuleios de uma vida.

Os velhos, desde que elles não sejam a cryptogamica egoista e desconjunctante que se embrechou nos muros da patria, teem o meu respeito e a minha ternura. Adoro os velhos, e sempre lhes fallo com a voz vellada como se faz ás creanças, porque os velhos soffrem tanto ou mais do que as creanças com os modos rudes. E tambem antes me quero, para conversar e me gozar do convivio humano, na companhia dos velhos do que andar com a mocidade. A vida de um velho quando não fôr um livro de historia, ha sempre de ser uma taboa de leis, um foral de ensinamentos.

Aqui me occuparei, pois, dos nossos grandes velhos, dos varões assignalados d'esta epocha, para descançar a vista e alevantar a alma.

Na hora presente, em que Lisboa acaba de festejar o regresso do Senhor Patriarcha Mendes Bello á sua diocese, cuido que é apropositado evocar a figura do antigo Patriarcha de Lisboa que n'uma humilde cella de um mosteiro de Sevilha conserva e de cada vez mais augmenta a sua grandeza moral— o Cardeal Netto.

N'este Principe da Egreja, com quem nunca tive a fortuna nem a honra de avistar-me, concorrem, diz-m'o a bocca verdadeira da tradicção, a majestade da dignidade que exerceu no Patriarchado e a humildade severa do franciscano. Soube como poucos ser Patriarcha; sabe, como os mais humildes, observar as pesadas regras da Ordem.

LISBOA—O Senhor Patriarcha sahindo da Sé depois de realisada a ceremonia da Cinza

Em duas ou tres notas se desenha a completa figura do Cardeal, que á sua veneranda condição de professo melhor vae o retrato descarnado e espiritual que a tela com as purpuras da sua auctoridade prelaticia.

Quando D. Luiz I entrou na agonia, apresentou-se na cidadella de Cascaes o Cardeal D. José Netto que fallou assim á Rainha D. Maria Pia:

—«Sua Magestade está abandonado dos medicos. O seu estado é muito grave. Doloroso me é fallar com este desengano a Vossa Magestade, mas tanto El-Rei como eu temos deveres a cumprir. Venho para confessar e ministrar a Extrema-Uncção a El-Rei.»

—«El-Rei não está tão mal

LISBOA—Penitenciaria—As familias dos presos politicos aguardando a sahida dos amnistiados

(Clichés do nosso corresp. phot. de Lisboa).

como o Cardeal julga, e nós vamos assusta-lo...» — disse a Rainha.

— «Estou bem informado, real senhora! El-Rei está perdido. E' chefe d'uma nação catholica, El-Rei tem deveres a cumprir; eu sou o Patriarcha de Lisboa tambem tenho deveres a cumprir. Não saio d'aqui sem o confessar e lhe dar a Extrema-Uncção.»

E assim fez.

O Cardeal Netto, qne assim era rigoroso para com os mais, era-o egualmente com elle proprio. Uma vez estando ao Santo Sacrificio da Missa, na occasião de commungar achou-se mal, teve uma ancia e rejeitou a Sagrada Hostia. Ajoelhou, purificou e obrigou-se a retomar a sagrada particula, continuando a officiar.

O Eminentissimo Cardeal Netto

No tocante a direitos era tão stricto como na observancia dos deveres.

Quando exercia o Patriarchado, nunca cedeu ao throno um palmo do seu logar. O Patriarcha tinha, de direito, um pé no primeiro degrau do throno. Nas recepções, a primeira dignidade que formava a «parede» era o Cardeal; cruzava os braços, pousava o pé no primeiro degrau do sólio régio, e d'ali não o arredava, durasse a cerimonia, como no beija-mão do dia de Anno-Bom, duas ou tres horas.

Os officiaes e dignitarios palatinos que faziam parte da «parede», mudavam de posição, descançando o corpo, ora n'uma perna ora n'outra. O Cardeal D. José Netto onde punha o pé, ao começar da cerimonia, era onde o tinha ao acabar. Quando se retirava, notava-se que arrastava a perna, dormente do exforço a que a sua vontade de ferro se obrigara...

Despedindo-se das grandezas do seu divino principado, e recolhido á sua estamenha de varatojano, a prelibar do paraizo, o Cardeal nunca extranhou a severidade da Ordem, nem se deu por desacostumado dos seus rigores.

Ainda o verão passado, no castello de Sygmaringen, onde foi casar o Senhor D. Manuel, o Cardeal Netto deixou uma prova da obediencia ás durezas da sua Regra.

Haviam-lhe destinado um quarto magnifico, com um leito de docél, colchão fôfo e de mólas, installação de principe.

Sua Eminencia chegou, entrou no quarto, e só disse :

— «Peço desculpa, mas a minha Ordem não me permitte utilisar este leito.» — E immediatamente, elle pegou d'um lado, o famulo do outro, tiraram os colchões e enxergão, e o Cardeal dormiu estreme nas tabuas, como uma d'essas estatuas jacentes que, sobre a pedra tumular, abençoada pelo braço cruzeiro das cathedraes, descançam d'esta vida, eternamente.

Grande do Reino da Fé, a vida do Cardeal Netto contém grandes exemplos para grandes e pequenos que queiram com elevação praticar os seus deveres de catholicos.

O radicalismo chamou-lhe jesuita.

E' natural que a historia do Patriarchado de Lisboa algum dia lhe chame Santo.

Paris, fev. 914.

JOAQUIM LEITÃO.

Não vêr senão o que é, é sabedoria: não querer senão o que se póde, é prudencia: não desejar além do que se possue, é felicidade.

A ultima parede ferro-viaria

LISBOA—Um descarrilamento em Xabregas

O prisioneiro de Fontainebleau

HÁ cem annos.

O Imperador acaba de abraçar no berço essa creança, esperança do seu orgulho dynastico, cuja debil fronte é esmagada sob o pezo da corôa de rei de Roma.

Nervoso, passeia no seu gabinete. O quotidiano boletim da policia que acaba de percorrer n'um relance, informa-o de que os thuriferarios, atterrorisados com a sua agonia politica, começam a tractar abertamente com os conspiradores, e que a massa do povo assignala nos seus propositos um cansaço que espera, não sabe de que providencial intervenção, o termo das repetidas angustias que succederem á confiança delirante dos dias que a victoria illuminára.

Sobre a meza, desdobra-se um plano de operações. Diz-lhe elle as defecções successivas da Prussia, da Austria, da Baviera e das tropas saxonicas que decidiram as dos principes da Confederação. A Suecia e a Russia arrastaram a Dinamarca, ultima alliada da França no norte. A Hollanda proclamou a sua independencia sob a protecção prussiana. A neutralidade da republica helvetica foi entregue aos austriacos pela aristocracia suissa. A Inglaterra que chegou a cimentar esta coalisão, já não se limita a pagar os serviços dos alliados, a dirigir, a corromper os seus gabinetes: levanta exercitos e torna-se potencia militar. A Italia, cuja regeneração era a sua lisonja, ergueu-se contra o seu *libertador*, e Murat, o seu cunhado Murat, que elle fizera rei para acalmar os seus resentimentos pessoaes e satisfazer as suas ambições dera-se á coalisão europeia.

Como enfrentar os elementos vingadores? Como suster a vaga d'esta invasão formidavel? Um milhão de inimigos, menosprezando o seu poderio oscillante, transpõe as fronteiras e vem ao seu encontro nas planicies da Champagne. Estão em Cherburgo, em Vesoul, em Langres, em Dijão, em Chalon-sur-Saône. Visam Paris, approximam-se de Fontainebleau.

Fontainebleau!

Fontainebleau onde está prisioneiro, por imperial vontade, o mais illustre dos soberanos d'este mundo: o Soberano Pontifice, Pio VII. Vae elle abandonar aos inimigos vencedores a honra e a alegria de o libertarem?

*

Este pontifice que, cedendo a artificiosas palavras, no seu desejo de restabelecer a auctoridade da religião e dar a paz á Egreja, consentira em verter os santos oleos sobre a fronte do soldado feliz, havia-o elle accusado de imaginarias affrontas, e atormentado com uma brutalidade cada vez maior, a cada uma das suas victorias, depois d'Austerlitz e de Tilsitt. Vangloriando-se de ser o herdeiro de Carlos Magno, dissera-lhe: «Vossa Santidade é o soberano de Roma, mas eu sou o seu imperador.»

Rei de Italia, protector da Confederação germanica entendera que podia intrometter-se em questões espirituaes. Reduzira a soberania temporal do Papa a um phantasma:—«Senhor, dizia Pio VII, se é assim que eu devo viver, se a minha vida deve tirar seu alento d'estas afflições, é bem verdade que, sob a apparencia da paz, eu soffro uma amargura maior que qualquer outra.»

Depois, foi, pela callada da noite, o assalto do palacio pontificio, a antecamara invadida pela soldadesca, a porta, forçada a machadadas, que cahe e mostra, assentado, angusto e calmo, o Papa, que lentamente, se volta e diz ao auctor d'esta expedição sacrilega:

—Porque me vindes, a tal hora, perturbar na minha morada e no meu repouso?

E como o general dissesse ao Papa a ordem do seu dono, de renunciar á sua soberania temporal, senão seria preso, o Papa responde-lhe:

—Nós não podemos! Nós não devemos! Nós não queremos...

E viu-se então o Vigario de Jesus Christo a subir o seu calvario sobre os caminhos do exilio, arrastado para Florença, arrastado para Alexandria, arrastado para Grenoble, encerrado em Savone. Este exilio e este captiveiro duram cinco annos. O seu ultimo termo será em Fontainebleau.

*

Lá está, esse prisioneiro, cuja doçura, serenidade e firmeza na moderação nenhuma brutalidade nenhuma injustiça, nenhuma caricia alteraram.

LISBOA—Descarrilamento de um comboio de mercadorias em Alcainças

Lisboa—Um descarrilamento na linha da Povoa

Napoleão, que a fortuna atraiçoou, dirigiu-lhe emissarios para lhe fazer saber que agora não era impossivel derrubar os obstaculos do seu regresso aos seus Estados. A taes propostas, o Papa respondeu que um acto de justiça não podia depender nem dimanar d'um tractado, e que tudo o que elle fizesse fóra dos seus Estados pareceria effeito da violencia e seria causa de escandalo para o mundo catholico.

—E' possivel, dizia elle a Mgr. Falot de Beaumont, um dos enviados pelo Imperador, que os meus peccados me tornem indigno de tornar a vêr Roma, mas sêde certo de que os meus successores recuperarão todos os Estados que lhes pertencem.

Esta resistencia áquillo que elle sabia sêr o mais querido desejo do Soberano Pontifice, surprehendera o Imperador, incapaz de comprehender os principios d'uma sabedoria que sómente se inspira em necessidades permanentes e eternas.

LISBOA—Mercadorias damnificadas pelo descarrilamento na linha da Povoa

(Clichés do nosso corresp. phot. de Lisboa).

Comtudo, elle tinha pressa de chegar ao fim; tinha pressa de fazer crêr, em face dos acontecimentos que se precipitavam, n'uma reconciliação que lhe podia ser util. Porque não era por effeito nem da sua justiça nem do seu arrependimento que elle convinha em devolver esses bens usurpados que estava sob ameaça de perder: é que o re de Napoles entrara na coalisão com esperança de poder eventualmente reunir Roma ao seu reino. Antes o Papa liberto do que Roma para Murat!

As supremas negociações tropeçaram na intelligencia inspirada de Pio VII, e se Napoleão estava tão agitado n'aquella manhã de 21 de janeiro—sinistra data que lhe recordava o sangue de que lhe adviera a sua corôa—era que é de habil politica parecer abandonar a preza na vespera de a perder. E elle escreve ao general Savary:

— «Fazei partir esta noite, e antes das cinco da manhã, o Papa, para se dirigir a Roma... O ajudante conduzi-lo-ha a Savone... O adjuncto do palacio dirá que o leva para Roma aonde tem ordem de o fazer chegar como uma bomba... Chegado a Savone, o Papa será tractado como d'antes.»

A execução da ordem foi retardada; teve logar na manhã de 23 de janeiro de 1814. Não era uma sahida, era um rapto. O cardeal Pacca traçou a scena dos adeuses de Fontainebleau que em pouco precedeu aquella: «Muitos verteram lagrimas, e todos nós promettemos obediencia e fidelidade. Em seguida, no mesmo quarto, o Papa tomou algum alimento continuando a conversar comnosco», mostrando sempre «a mesma serenidade» e «essa antiga alegria que Deus se dignára dar-lhe».

Seguido por todos os cardeaes, quiz ir á tribuna da capella fazer uma curta oração, «abençoou a assistencia, depois, dirigiu-se para o pateo e ahi, no meio dos soluços de tantas passoas que perguntavam a que sorte elle estava reservado, subiu para o carro de viagem com Mgr. Bertollozi, e, ao abandonar-nos, a sua mão estendeu-se ainda para nos abençoar».

*

A viagem pelas estradas da França foi de caso pensado prolongada; «a fortuna é voluvel e o imperador perguntava se algum acontecimento lhe permittiria reter ainda o Papa sob a sua oppressão dolorosa», diz Mayol de Suppé que escreveu, n'um livro admiravel, a historia definitiva do captiveiro de Pio VII em Fontainebleau. Gastou-se vinte e cinco dias para fazer uma viagem que em 1812 apenas exigira seis.

Por mais vagorosa que fosse a marcha, não tinha surgido o acontecimento que permittiria ao Imperador manter o Papa sob o seu dominio. Apoz a tomada de Sissons, que lhe mostrou que tudo estava perdido, fez elle saber ao seu agente que consentia em que o Papa voltasse aos seus Estados, mas accrescentava, levando ao ultimo extremo o seu jogo de duplicidade «que seria preciso muito cuidado tanto em o reconhecer como em não o reconhecer».

Que espera elle para que assim reserve o meio de recubrar a palavra dada? Uma mudança da sorte? A Chabral-Crouzol, funccionario imperial em Alexandria,

PIO VII

que offerecera hospitalidade a Sua Santidade ao passar por essa cidade, e que dizia contar ainda com uma d'aquellas ideias geniaes que eram habituaes ao imperador:

—Não, não, meu filho, respondia o Papa, elle póde ter ainda tropas numerosas e valentes, mas o gladio embotou-se-lhe. Deus já não está com elle, desde que voltou contra a sua Egreja o poder que d'Ella recebeu!

Era uma prophecia.

*

N'esse mesmo castello de Fontainebleau onde o Papa estivera prisioneiro, o dominador, ebrio do seu poderio sustentado apenas por espadas, abdicava dos thronos da França e da Italia, e, colosso, desabava aos pés dos seus inimigos.

Ia, fugitivo por seu turno, tomar a rota do exilio abandonado, renegado e trahido, sob a indifferença e os ultrages. «Que espectaculo e que contraste, diz Mayol de Luppé: aqui, o Imperador, hontem victorioso, deante do qual a Europa estremecia; hoje, no abandono, curvado sob a humilhação d uma corôa irrisoria que do *successor de Carlos Magno*, como elle gostava de dizer, fez um rei da ilha d'Elba. Além, o Papa, hontem captivo, ebasqueado e desamparado, hoje glorificado, acclamado, encaminhando-se para a cidade sancta, na sua marcha triumphal, por entre um povo prosternado. Jamais foi dado aos homens o meditar em maior lição!»

O soldado filho e vencedor da Revolução, no seu vão orgulho, julgára possivel ao homem deslocar o dominio da razão soberana e adjudical-o ao seu imperio. Escarnecendo, aperreando, ultrajando a mais alta auctoridade moral que existe sobre a terra, julgára envolver o reino da ordem nas unicas regras arbitrarias da sua auctoridade, apenas

PORTO -- O Carnaval dos estudantes

Carro do "Arrinca,,

Decorreram brilhantes as festas carnavalescas em homenagem ao "Arrinca Christos,,. A seguir publicamos alguns clichés do grandioso cortejo.

Carro do Homero

Carro das formigas brancas e pretas

sustentada pela gloria. O despertar, foi Fontainebleau. Fontainebleau onde no Papa, elle imaginára encadear a Egreja escrava ao seu carro victorioso; Fontainebleau onde, um dia d'abril de 1814, deprimido, consternado, incoherente deante d'esse papel que é a acta da sua abdicação, primeiro recusando-se a assignal-o, depois, subitamente, tomando a penna como se um clarão tardio fuzilasse no seu espirito, pronunciava, vencido, humilhado e submisso, deante dos seus tenentes que atterrados o contemplam: «*Deus não quiz!*»

JORGE MONTORGUEIL.

Carro do Parlamento

Carro Leilão da Carris

Carro dos Adhesivos

VIDA INTENSA

(PAGINAS D'ALÉM FRONTEIRAS)

SEM uma palavra de saudade, sem uma flôr, sem uma unica referencia no noticiario vulgar dos grandes jornaes, enterrou-se ha dias em Londres a viuva de Wilians Morris, o poeta amavel do *The Esthly Paradise*.

A sua morte foi, como a sua velhice, uma expressão amarga d'isolamento e abandono.

Esta boa velhinha, que agora dorme tranquilla no talhão geometrico d'um cemiterio inglez, teve na mocidade horas perturbadoras de gloria e de dominio. Inspiradora dos versos do marido, ella foi tambem a musa bizarra dos *prae-raphaelistas*, a belleza admiravel e juvenil que animou as telas delicadas de Rossetti e os *panneaux* magistraes de Burne Jones.

Se um acaso, inexplicavel mesmo, atravez da mais bizarra phantasia, resuscitasse por momentos, aquelles artistas, seria doloroso ver como aquella ruina de belleza longinqua fugiria amargurada aos olhos horrorisados dos seus pintores. A *Francesca* de Rossetti ou a Venus de Burne, não

seriam reconhecidas n'aquella velhinha corcóva e desdentada, que, ha pouco ainda, arrastava os seu noventa annos pelas tumultuosas ruas de Londres.

O que essa mulher deve ter soffrido ao ver-se poupando ao mundo a desillusão de ver a velhice da *Proserpina* ou da *Beata*, não quebraram o encanto lendario d'essa mulher, que hade perdurar nas télas magistraes dos *prae-raphaelistas*, como

Grupo diplomata

Fanfarra dos 3333 reis (senadores)

demudada e velha, não o diz o unico chronista que refere laconicamente a sua morte. Deverá ter sido um pequeno drama de saudade, d'amargura, de *coquetterie*, de vaidade e de raiva — cortado apenas pelo prazer raro que experimentamos que viveram e revivendo remechem as cinzas—a decrepitude da musa e interessante tambem seria surprehende-la em frente do espelho, a ver-se ainda como fôra, porque, — eu iria jura-lo, — essa mulher remirou-se até á morte, não no crystal lavrado do seu *bondoir* discreto, mas no espelho lisongeiro das suas recordações.

Burne, Rossetti ou o proprio marido, não a teriam reconhecido, como ella de resto se não reconheceria no seu ultimo retrato. Os jornalistas foram piedosos;

Carro dos ratos

A estatua de prata

um vivo exemplar de belleza admiravel.

O acaso traz-me á memoria outra pequena tragedia d'emoção: é a historia commovedora d'outra velhice dramatica, a visão acabrunhadora d'outra belleza em ruina, d'outra illusão tristemente desfeita.

Mademoiselle Clairon, a estrella da *comedie*, que deslumbrou Paris com a sua belleza e a sua voz musical, adorada pelos reis, cantada pelos poetas, idolatrada pela multidão, morreu desamparada, esquecida, na mais dolorosa miseria.

Essa admiravel mulher, que foi uma das mais celebres actrizes francezas, que teve a suprema honra de ser pintada por Fragonnard, — o retratista inegualavel da belleza feminil — n'uma téla

que o proprio Rei mandou emoldurar em oiro, morreu com fome. Ha na sua miseria um episodio tragico, que eu não sei recordar sem amargura e que hade merecer uma lagrima dos olhos compassivos e lindos d'alguma leitora. No meio da sua gloria, um principe russo apaixonou-se doidamente por ella. Põe-lhe aos pés o seu nome, os seus castellos, as mil *verstas* do seu senhorio, e Mademoiselle Clairon recusa. Ama-o tambem mas não lhe sacrificará a sua arte que ama muito mais. O principe foge desalentado, ella segue na sua gloria e lá longe, entre a neve, dominando feroz os seus möujiks submissos, vae seguindo, amoroso, os triumphos do seu idolo perdido. Muitos annos depois, o principe volta a Paris e procura-a por toda a parte. Corre, investiga, anceia, para encontrar o unico amor da sua vida, mas quasi ninguem a conhece já e ninguem sabe onde pára... Um dia, a sua antiga porteira indica-lhe a morada.

Mademoiselle Clairon vive para os lados do Sena, n'uma trapeira sem luz, mendiga quasi...

O principe sobe os cinco andares do casarão e bate á porta carunchosa. Apparece uma velha horrenda, o lenço atado á volta da cabeça, apertando umas farripas grisalhas, o corpo trémulo, embrulhado n'um chaile em farrapos, sem um vestigio da antiga belleza; irreconhecivel no meio d'aquella miseria...

— Mademoiselle Clairon?... — pergunta o principe, sem suspeitar que aquelle lenço de ramagens desbotadas cobre a cabeça viva d'aquella linda mulher, que Paris adorou e que foi uma das glorias da arte franceza...

A velha, que o reconheceu com alegria e com pesar, que o amou e ama ainda, passando pela imaginação as horas do triumpho e do prazer, com os olhos accendidos n'um derradeiro brilho, a bocca tremula pelos soluços, endireitou-se nervosa, teve um ultimo lampejo de *coqueterie* e ao abrir-lhe os braços, vendo a sua miseria, — por vergonha, por orgulho, por uma d'estas inexplicaveis razões que só as mulheres justificam, dominou a intima alegria e respondeu entre amargurada e azeda:

—*Mademoiselle Clairon est sortie*... — e fechou resolutamente a porta...

JOSÉ DE FARIA MACHADO.

Carro das suffragistas

Clichés de J. d'Azevedo phot. da «Ill. Cath.»)

BRAGA—Presos politicos de Vizeu ultimamente amnistiados

Da esquerda para a direita: *Padre José d'Oliveira, Padre Luiz Ferreira da Ponte, Padre Francisco Paes Pereira e Padre Victorino Marques.*

Congresso eucharistico

O ex.^mo e Rev.^mo Bispo de Namur, Belgica, presidente do futuro congresso internacional eucharistico, que se realisará em Lourdes, dirigiu ha dias uma carta a todos os bispos do mundo convidando para elle os fieis.

Os dias 22 a 26 de julho são os destinados para o Congresso que certamente será um triumpho de Jesus Sacramentado como os congressos precedentes, o tem sido.

Depois das memoraveis jornadas de Londres, de Madrid e de Vienna, a de Lourdes ha de ser não menos memoranda, e espera-se fundadamente que os fieis de todo o mundo concorram a esse congresso em grande numero.

Martyres do Apostolado

A necrologia das Missões no anno passado comprehende 10 Bispos e 137 sacerdotes.

Dos bispos, 2 eram italianos; francezes os restantes. Quanto aos sacerdotes eram 109 os francezes, 22 italianos, 15 hollandezes, 12 belgas, sendo os restantes de varias nacionalidades.

As «Missões extranjeiras» de Paris, viram mor-

S. PEDRO DO SUL—A nova linha ferrea—*Um aspecto da nova ponte sobre o Vouga. A'* direita *vê-se a povoação de S. Pedro e á* esquerda *o antigo Palacio Real.*

Outro aspecto da nova ponte sobre o Vouga

(Clichés do phot. am. snr. Joaquim M. Batalha.)

rer 34 religiosos, 16 os Padres do Espirito Santo e 15 a Companhia de Jesus.

Estes infatigaveis trabalhadores da vinha espiritual sacrificam a sua vida e commodidades pelo bem espiritual e progresso da civilisação nos paizes longinquos. Quando é que esses philanthropos que os censuram se sacrificarão d'este modo pela humanidade?

Camara modelo

A camara municipal, ou, como lá dizem, *ayuntamiento* de Noez, provincia de Toledo, constituiu-se ha pouco tempo.

O primeiro acto official da corporação foi assistir á missa parochial. O parocho felicitou o procedimento da nova camara, consagrando-lhes uma parte da sua pratica.

Talvez algum espirito irreflexivo sorria da carolice d'aquella edilidade.

Pois a nós fica-nos o direito de pensar que a regeneração social do mundo seria facil de realisar com camaras municipaes que fossem á missa.

Dispôr dos segredos, que se nos confiam, é um roubo mais grave e mais consequente, que o da propriedade, pela traição que o acompanha e pela impossibilidade da restituição.

A "Illustração Catholica,, no Brazil

MINAS GERAES—Collegio de S. José, na Formiga

MINAS GERAES—Padre Manuel José Lopes, director do collegio de S. José

MINAS GERAES—Formiga. Grupo de alumnos do collegio

LISBOA == O movimento revolucionario de 27 d'Abril

No tribunal de guerra, em Santa Clara, principiou o julgamento dos individuos implicados nos acontecimentos de 27 d'abril.

Entre os accusados encontra-se o capitão Lima Dias, de infantaria 5.

1—O Conselho de guerra que ha de julgar os accusados. 2—O Capitão Lima Dias, sargentos e alguns soldados accusados de entrar no movimento revolucionario. 3—Outro grupo de accusados.

Centenario de Pio VII

Os catholicos da França estão preparando o centenario do glorioso Papa Pio VII, victima da revolução coroada.

Um dos jornaes de Paris escreve que o facto que vão celebrar é o triumpho da santa *intransigencia*. Recorda de que modo hoje em dia, outro Papa, prisioneiro da revolução de novo bebe o seu calix de amargura, e que os intransigentes, sempre unidos ás doutrinas do Pontificado, não cedem, reconhecendo a auctoridade papal, emquanto bebem tambem o mesmo calix da perseguição, no qual a traição de uns e a incomprehensivel cobardia de outros verteram a mesma amargura.

Esta a lição que desejam vulgarizar no povo catholico, contra os *opportunistas* de todas as classes.

Em Versailles vão celebrar-se actos expiatorios, e um triduo solemne em Nimes.

A obra dos Religiosos

Um recente decreto concedeu a medalha franceza de Epidemias a varios Religiosos premiando os seus heroicos trabalhos na ultima guerra balkanica, em casas que estabeleceram para soccorrer os cholericos.

Affirma o decreto que tal serviço foi prestado nas mais difficeis e meritorias condições.

Os religiosos condecorados são: Monsenhor Guenard, dos Assumpcionistas, director do Collegio de Santo Agostinho em Philippópoli (Bulgaria).

Monsenhor Heissel, director da Escola Franceza de meninos em Sophia (Bulgaria).

(Clichés do nosso corresp. phot. de Lisboa)

Alfredo Augusto Samuel Santos

Socio fundador da Liga de Defeza Monarchica de Lisboa e ex-redactor do jornal «A Defesa Monarchica», condemnado como conspirador pelo tribunal marcial de Braga em dois annos de prisão maior, e ultimamente amnistiado.

Luigi Negrini

A Madre Maria Bernard, superiora de um collegio de meninas em Philippópoli; e a madre Josephina Tudo que exerce cargo semelhante em Sophia.

Esta é a obra meritoria dos religiosos, que algumas vezes reconhecem os seus proprios inimigos.

R. C.

Luigi Negrini

(Professor e jornalista catholico italiano)

Partiu ha dias a bordo do «Principe der Nederlander» o professor e nosso illustre collega o snr. Luigi Negrini que havia vindo a Lisboa para fazer o reconhecimento d'uma das victimas do naufragio do barco veleiro «Elvo» da Praça de Genova, facto que se deu nas nossas costas do Algarve em novembro do anno findo. S. Exc.ª veio acompanhado por um tio da victima tendo reconhecido o cadaver que foi transportado a Lisboa onde teve officios funebres na egreja do Loreto e mais tarde enviado para a Italia.

O nosso illustre collega foi muito satisfeito pela forma como foi recebido no nosso paiz cujas bellezas muito elogiou, tendo phrases muito amaveis para a nossa obra catholica que muito nos penhoraram, havendo-nos cedido a sua photographia que, como homenagem á sua intelligencia e á sua envergadura como catholico e como jornalista que o é brilhante no seu bello paiz, aqui publicamos.

João Leitão d'Azevedo

(Distincto alumno do 7.º anno de sciencias e um dos dirigentes da tuna academica do lyceu de Braga)

Armando Cruz

(Distincto collaborador da "Illustração Catholica,,)

Maximiano Dias de Carvalho

(Distincto photographo amador e collaborador artistico da "Illustração Catholica,,)

NOTAS DO ESTRANGEIRO

HESPANHA—Tarragona. Banquete offerecido pelo Rev.^mo Sr. Arcebispo D. López Palaez, ás auctoridades e representantes do notariado

Manifestação catholica

Realisou-se ha dias no Mexico uma imponente e grandiosa manifestação catholica que percorreu as principaes avenidas da capital. Os manifestantes dirigiram-se á cathedral onde foram recebidos pelo Ex.^mo Snr. Arcebispo D. José Mora.

Depois de prostrados aos pés de Jesus Christo juraram fidelidade eterna ao mesmo tempo que pediam paz e misericordia para a Republica.

MEXICO — Aspecto da manifestação catholica

INGLATERRA—O rei Jorge V e comitiva dirigindo-se ao Palacio de Buckingham para a solemne abertura do parlamento

Vianna do Castello -- Na praia. O pôr do sol

(Cliché do phot. am. sr. Manuel Affonso)

PROPRIETARIO
Joaquim Antonio Pereira Villela.
DIRECTOR
[...]r. Francisco de Sousa Gomes Velloso.
EDITOR
Antonio José de Carvalho.
ADMINISTRADOR
Clemente de Campos A. Peixoto.

Illustração Catholica

Revista litteraria semanal de informação graphica

Redacção, administração e typographia
83, R. dos Martyres da Republica, 91
BRAGA

CONDIÇÕES D'ASSIGNATURA
(PAGAMENTO ADEANTADO)

Portugal e colonias (1 anno) . .	2$400
» » (6 mezes) .	1$200
» » (3 mezes) .	600

A' cobrança feita pelo correio e pelo cobrador, accresce o importe das despezas.

Estrangeiro (1 anno)	3$000
» (6 mezes)	1$500
Numero avulso	60

Numero 37 — Braga, 14 de março de 1914 — Anno 1

CHRISTUS VINCIT. CHRISTUS REGNAT. CHRISTUS IMPERAT.

ILLUSTRAÇÃO CATHOLICA

Revista litteraria semanal de informação graphica

Proprietario, Joaquim A. Pereira Villela. Director, Dr. F. de Sousa Gomes Velloso

EDITOR Antonio José de Carvalho.

ADMINISTRADOR Clemente de Campos A. Peixoto.

Braga, 14 de março de 1914

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E TYPOGRAPHIA
83, R. dos Martyres da Republica, 91
Não se restituem os originaes

Numero 37—Anno I

A cathedral de Burgos — (HESPANHA)

(Grandioso monumento architetonico ultimamente ameaçando ruina)

Chronica da semana

XXXVII

A velha ambição da Hespanha aventureira renasce, os hombros de Affonso XIII sacodem-se como se as mãos da Historia dentro em pouco os acobertassem com os arminhos d'um manto imperial!

O alarme foi já gritado pelas gazetas *soi-disant* imparciaes e bem informadas e nos meios das conversas politicas aventa-se a hypothese funebre d'uma dominação castelhana, ficando nós integrados com a visinha provincia gallega n'um regimen de *mancommunidades* recentemente decretado pelo governo de Madrid com esse fim occulto...

O alarme espalhou-se. O perigo torna-se cada vez mais imminente.

Mas do alto do poder não sôa uma voz de protesto, mas no corpo do paiz ninguem percebe um gesto crispado de revolta nem da alma portugueza exsurge o clamor sagrado que annuncia o reverdecimento dos seus brios! E nós paramos a meio d'estas vertentes da historia por onde rolamos, esgarçando a pelle nas urzes bravas e nas penedias rudes, e perguntamo-nos pela nossa consciencia nacional, interrogamos ao menos as gerações que chamaram altivas á velha Albion, *a cynica imprudente*, e arrastaram o seu pavilhão pela lama dos esgotos,—e apenas ouvimos no alto o remoer das maxillas e em baixo o ralo torporoso dos moribundos!...

Ha no paiz uma perversão doentia de ideias, de caracteres e de sensibilidade. As ideologias romanticas amolleceram-nos os musculos, empastaram-nos o cerebro, roubaram ao olhar portuguez uma fria e austera luz que reflectia a fria e austera tempera da sua alma d'antes quebrar que torcer, como dizia a classica quintilha—e hoje nós pedimos ao cerebro aquella ideia culminante e formidavel que fez a nacionalidade e scintillava como um Sant'elmo de gloria no gladio dos nossos reis illustres, mas não a recebemos! Palpamos os braços, e os braços já não teem o vigor d'aquelles que fluminavam os montantes sobre as mós dos infieis! Tentamos dar á alma uma contensão energica que dispare pelas retinas um ardor de bravura, em ascuas sanguineas de vingança, e ella apenas responde o chôro lamechas d'um fado, como se a *lua de Londres* ou os versos da Severa pudessem ser a divisa d'um povo que não quer morrer!

Quem ha ahi que repita o *Não!* de Pereira da Cunha?

Com razão diz Lesigne no seu ultimo e admiravel livro *O flagelo romantico:*—«O romantismo é bem mais do que uma revolução litteraria, mais do que adjectivos invadindo a prosa, liberdade introduzida nos versos, riqueza accrescentada ás rimas, frementes emoções no drama. O romantismo é uma transformação geral da alma nacional, nas suas maneiras de pensar, de sentir, de comprehender a vida e de a viver».

A educação classica perdeu-se para nós e infelizmente não ha quem poderosamente a reconstrua. Não se tracta de archaismo, de velharia, de coisas obsoletas. A educação classica é muito mais e infinitamente superior a tudo isso. E' a cultura do espirito e da alma na tradicção litteraria dando á linguagem patria toda a propriedade fulgurante d'uma pagina de Fernão Lopes e d'uma pagina de Vieira; na tradicção artistica, suggerindo o pensamento monumental que embrincou de lavôres graciosos e atirou para o céo os Jeronymos e Santa Maria das Victorias; na tradicção religiosa, vendo no catholicismo o cimento de unidade moral da nossa raça; na tradicção politica postulando uma independencia nacional vigorosa, uma unidade sem dentadas, uma hierarchia seleccionada, uma ordem governativa honestissima e proficiente, um progresso continuo e logico! Eis a educação classica que, essencialmente liberal, não trova em noites de luar a uma liberdade impraticavel e estulta; fundamentalmente popular, não proclama o imperio das mediocridades pela porta falsa das maiorias eleitoraes; vibrantemente patriotica... não teria respondido ás arremettidas dos imperialistas de Madrid com a vergonhosa apathia dos covardes, o resonar dos preguiçosos, á indolencia morbida que caracterisa a debilidade moral e physica das raças!

F. V.

As minhas predilecções

(Versos traduzidos de H. Bramtot)

Eu amo o bello dia, a noite vaporosa,
Qual sementeira d'ouro as estrellas no céo;
Amo a argentina lua ao vir mysteriosa
O mundo adormecido envolver no seu véo.

Eu amo da manhã o aroma embalsamado,
A fronde pelo rócio a scintillar, coberta,
Da viração amena o folgo perfumado
E no florido bosque uma ave que desperta.

Logo que a noite desce e com melancholia
Tremúla pelos ar's a brisa harmoniosa,
Amo do rouxinol a doce melodia
Par'cendo vir do Céo, suave, deleitosa.

Amo da loura infancia o rosto delicado,
O seu travesso olhar, alegre, folgasão.
Ornando-lhe o pescoço o cabello annelado,
E seu phrasear ingenuo, encanto do serão.

Mas um beijo de mãe me enleva mais—d'aquella
Cujo sorriso aquece, anima, é salutar—
E a simples oração, cadenciada e bella,
Que ao seu filho mais novo ensina a balbuciar.

Braga, 1914. ELVIRA NEVES PEREIRA.

BILHETES POSTAES

IV

O precursor de Hégésippe Simon

Paris, 24 de fevereiro de 1914.

A historia de Hégésippe Simon, inventada por Paulo Birault, jornalista do *Eclair* é a mais espirituosa farça dos ultimos annos e ao mesmo tempo a prova mais cabal da leviandade e ligeireza (chamemos-lhe assim...) de espirito dos parlamentares e politicos da republica franceza.

Calculem os meus leitores que aquelle jornalista lembra-se de organisar um «comité» de honra para celebrar o centenario de Hégésippe Simon precursor, que nunca existiu senão na sua imaginação e para isso dirige uma circular aos cem primeiros deputados do partido radical, sem escolha nem eliminação de qualquer nome.

No alto da circular lia-se:

Comité d'initiative du Centenaire
d'Hégésippe Simon

e por baixo esta... soberba phrase, profundamente philosophica :

Les ténèbres s'evanouissent quand le soleil se lève!
Hégésippe Simon.

Depois em termos simples, e frizando o facto de os fundos necessarios para a obra terem sido fornecidos por um generoso collaborador, pedia-se a adhesão ao «comité» de honra e tambem um discurso para a inauguração da estatua d'este *educador da democracia.*

Pois meus caros leitores, apezar da phrase acima citada em que Hégésippe immortalisava o grande principio de que *as trevas desapparecem quando o sol nasce,* passados alguns dias começaram a chegar as adhesões vindo em primeiro logar a de P. Meunier, deputado de Aube, e a seguir as de Dalbiez, e Felix Chautemps.

Como demorassem as respostas dos restantes deputados visados, Paulo Birault manda-lhes nova circular, sempre encimada pelo luminoso e profundo pensamento do precursor, annunciando as tres primeiras respostas e pedindo de novo a adhesão á justa homenagem a prestar *a uma das mais puras glorias da democracia.*

MARVÃO — Egreja e convento de N. Senhora da Estrella

Chegam então as adhesões enthusiasticas de René Besnard, antigo ministro; Binet, deputado de Creuse; H. Cosnier, deputado de Indre : A. Dalinier deputado de Seine-et-Oise; Handos, deputado de Marne ; A. Le Roy, deputado do Norte.

Como veem já está na lista um antigo ministro !

Mas não contente ainda com os resultados obtidos, Birault dirige a sua verve contra o Luxemburg, accrescentando á circular sempre acompanhada pela *divisa luminosa,* em *post-scriptum: o monumento elevado á memoria do nosso illustre compatriota será erigido em...* e aqui uma localidade do departamento representado pelo senador.

O effeito foi soberbo. Em dez dias quinze adhesões: as de Cremieux; Darbot; Genoux; Beaupin; Razimbaud; Aimond, relator da commissão do orçamento e auctor do projecto de lei do imposto sobre o rendimento, discutido no Senado; H. David; Mauricio Faure, vice-presidente do Senado, antigo ministro de instrucção publica; o conde de

Aunay; Cazeneuve; Sarrien, antigo presidente do Conselho; Segros; o erudito Lintilhac; Mollard e Pédelidan.

Dos vinte e cinco camaristas de Paris a quem tinham sido enviadas circulares, apenas responderam tres: Brécet, Moret e Chérioux.

Pelo facto de lhes escrever em terça-feira gorda não fiquem suppondo que eu invento ou mesmo augmento. Não; isto passou-se precisamente assim e passo a transcrever as passagens mais interessantes das respostas que vieram publicadas em numeros successivos do *Eclair*, acompanhadas das photographias dos signatarios e que depois foram reunidas em folheto. Recommendo-vos toda a attenção.

A resposta de Brécret, camarista, é optima: promptificava-se a fallar por occasião da inauguração do monumento do *grande democrata* Hégésippe Simon.

O senador Sarrien, antigo presidente do Conselho, acceitava de bom grado a nomeação para o convite de honra destinado a celebrar o centenario de Hégésippe Simon, mas devido ao estado precario de sua saude lamentava não poder fazer longas viagens nem assistir a banquetes.

De modo que este antigo presidente de ministros já se preparava para mandar o telegrammasinho durante o banquete adherindo á festa...

E o deputado Besnard? Esse quando se referia a Hégésippe chamava-lhe *gloria da nossa democracia!*

Mas vejamos agora a resposta do vice-presidente do Senado, antigo ministro de instrucção publica (notem bem — instrucção publica!) e bellas-artes, Mauricio Faure: «acceito *de tout coeur* fazer *parte do «comité» d'iniciativa do centenario de* Hégésippe Simon» e em *post-scriptum: «Seria bastante amavel se me enviasse uma noticia sobre a obra de* Hégésippe Simon».

De modo que este antigo ministro da instrucção publica promptificava-se *de tout coeur* a fazer parte de um «comité» fundado para glorificar um homem cuja obra elle desconhecia por completo!

O dr. Pédelidan, senador, estava prompto a discursar na inauguração do monumento.

O deputado Binet adhere á homenagem que vae ser prestada *á memoria do grande democrata* Hégésippe Simon e o senador H. David, associa-se *aos discipulos fervorosos de* Hégésippe Simon lamentando que o estado de sua saude lhe não permitta *pronunciar o elogio do educador da democracia!* Extraordinario!

Que pena que Paulo Birault não tivesse conti-

Senhor Jesus dos Passos

(Cliché do phot. am. snr. dr. Theoderico Collaço, fallecido).

Esta antiquissima e devota imagem venera-se no antigo mosteiro dos Santos, de Lisboa, da Ordem Militar, que foi, de S. Thiago da Espada.

A sua irmandade é constituida de illustres senhoras da antiga nobreza portugueza, que sustentam ao peito, por insignia, a medalha modello d'este exemplar.

Desde 26 de março de 1705 em que foi estabelecida esta irmandade até ao presente faz-se annualmente, percorrendo os claustros do mosteiro, a procissão, na quarta sexta-feira da quaresma, conduzindo as irmãs e as senhoras recolhidas na casa, pendão, ciriaes, cruz, tochas, lanternas, andor e varas do pallio.

Esta tradicional procissão de illustres commendadeiras de Santos é mais conhecida por procissão das fidalgas.

nuado a comedia e obrigasse estes farçantes a pronunciar discursos inflammados diante de um monumento que poderia representar um *burro*, e collocado *ad hoc*, em qualquer sitio!

Como veem o caso é picaresco e elucidativo da incompetencia, falta de senso, e de instrucção dos parlamentares e politicos que actualmente governam a França encaminhando-a para a ruina!

JOÃO DA ROCHA PÁRIS,

gnatismo, thorax estreito,—eis os traços principaes da sua figura, que em tudo, tinha inconfundiveis ares de familia.

Mentalmente, era, acima de tudo, consciencioso, methodico, pratico. Tinha horror ao imaginoso, á poesia, ao devaneio. Era amigo da concisão, da firmeza, da energia, do caminho directo e rasgado.

Não voava nunca. Da arte fazia a conta que nos merece um passatempo inoffensivo.

Não voava nunca, nem mesmo dentro das mais

Mêda—Vista geral

FIGURAS DA BEIRA

XVI

Dr. José Correia de Menezes

RISPIDO de gesto como seu pae, o dr. Correia de Menezes tambem o era de voz, mas sem o vigor sonoro do velho José Correia.

Tinha uma voz sêcca, imperiosa, como que enfadada com as pessoas que a ouviam, mas fraca, difficil de emissão, embora com nitidas tonalidades de maneira coimbrã.

E o gesto egualmente era menos vigoroso, mais academico. E assim toda a sua figura, mediana, muito franzina, era um tanto a miniatura da de seu pae. Rosto pequeno, branco, rosado, bigode louro escuro, olhos pequenos e scintillantes, cabello annellado, os labios prejudicados por um nitido pro-

positivas lucubrações da sciencia, que versava sempre segundo a capacidade do meio em que vivia.

Para elle não havia horisontes enormes: havia os que cada um tem para a sua realidade pura. Assim, medico proficiente, admiravel operador, era um physiologista ferrenho, sim, mas sem grande cuidado com a copia e brilho das theorias, dentro da sua esphera d'acção n'um pequeno centro provinciano.

A sua clinica era quem lhe indicava até onde devia ir no estudo. A não haver um caso novo, firmava-se no que de mais moderno lhe ensinara a Universidade, e assim fazia prodigios de verdadeiro tacto medico.

Como professor, era o mesmo. Seguia rigidamente os programmas, desenvolvendo-os sem espavento, como regras que se ensinam dentro d'uma rapida e fria demonstração.

Além d'isso, era inflexivel de caracter. Não

pendia para benevolencias sentimentaes. Era examinador como era operador: cortando com energia o que é nocivo e aproveitando o que é util, é que elle ensinava e julgava.

Mas nem por isso deixava de ser bom, e principalmente com os enfermos.

Mas a sua bondade era sempre feita de austera justiça. Extremoso com os doentes, soccorria-os —até em esmolas—com modos serenamente frios. Devotado d'alma aos discipulos, quanto mais os prezava, mais lhes exigia trabalho e methodo.

Era um forte de espirito, mas, infelizmente, um candidato á tuberculose.

E o terrivel mal não se esqueceu d'elle em plena mocidade. Acabava de construir o bello palacete onde esperava viver largos annos, quando o peito o avisou sinistramente n'uma pequena apotheose.

E começou a lucta do homem forte. Nem um só desalento. Obediencia heroica a todo o regimen de ferro que lhe impozeram. Dentro em pouco, notou que estava irremediavelmente perdido, e de então em diante mostrou-se cheio de confiança que em todos queria ver.

O mal progredia, e elle sorria, julgando todos que estava completamente illudido. Os illudidos eram os que o visitavam, mal disfarçando a amargura.

Emfim, rompeu uma linda madrugada de maio. Cercavam-no o pae, a esposa, as irmãs, suffocando as lagrimas. O doente, ha dias franqueara a sua opinião, e todos viam já que elle ha muito sabia tudo.

—Vamos morrer!—murmurou o dr. Correia de Menezes, ao primeiro clarão da aurora cantante d'aquelle dia. E então o seu sorriso foi bastante triste.

Mas logo, sereno de rosto, sem uma crise de nervos; repetiu:

—Vamos morrer.

E immobilisou-se na maior calma, sorrindo, commovido de expressão como nunca ninguem o tinha visto.

JOSÉ AGOSTINHO.

NOTAS—O dr. Correia de Menezes nasceu em Lamego a 24 de abril de 1853, sendo seus paes o dr. José Correia da Silva Menezes e D. Olinda de Menezes. Formou-se em philosophia e medicina na Universidade de Coimbra, tendo concluida a ultima formatura a 30 de julho de 1880. Foi professor de physica no Lyceu de Lamego desde 1882 e, desde 1887, medico da Santa Casa da Misericordia, da Associação dos Bombeiros e do Asylo de Mendicidade. Foi presidente da Camara Municipal de 1887 a 1892. Deixou viuva D. Josephina Marques Guimarães Menezes, senhora da illustre familia Bernardinos Guimarães.

Mêda—Castello em dia de neve

VIDA INTENSA

(PAGINAS D'ALÉM FRONTEIRAS)

...... A vida tem sempre o seu reverso amargo. No meio das maiores alegrias e das maiores felicidades, ha sempre a nota amargurada d'uma saudade ou d'uma tristeza. Ninguem pode considerar-se absolutamente feliz, ninguem póde sentir-se completamente satisfeito. Eu não vou tão longe como o

extranho colorista inglez, affirmando que o riso era sempre o disfarce da dôr, a formula resignada do soffrimento mas vejo tambem que alegrias e tristezas andam sempre tão intimamente relacionadas, tão estreitamente reunidas que difficilmente se abandonam. Na vida das nações, na vida dos estados, na vida das sociedades, que é a reflexão collectiva da vida do homem, a alegria não abandona a tristeza e, juntas, disfarçadas bizarramente na convulsão e na paz, na serenidade e no tumulto, são a expressão distante do dualismo agitador, da meta entre o bem e o mal, entre a força e o esforço. Apparentemente, na vida do homem como na vida das sociedades, esta constante lucta parece uma manifestação de desiquilibrio mas descendo até ás paixões e aos interesses ha-de ver-se, que é perfeitamente o equilibrio d'estas duas forças que gera a nacionalidade de vida social e politica.

A multidão é cobarde, é passiva, dominavel mas nem por isso deixa de ser perigosa quando se embriaga de prazer ou quando se apavora de desanimo e de mêdo e faz ouvir o côro dos seus hossanas e dos seus protestos áquelles, que acima das paixões, não devem permittir-se a leviandade de se apaixonarem por tudo isso. Um homem d'estado para dirigir, para guiar os destinos incertos d'uma na-

Mêda—Avenida

NAGOZELLO — Vista geral (Clichés do phot. am. snr. P. Ivon Brandão)

pendia para benevolencias sentimentaes. Era examinador como era operador: cortando com energia o que é nocivo e aproveitando o que é util, é que elle ensinava e julgava.

Mas nem por isso deixava de ser bom, e principalmente com os enfermos.

Mas a sua bondade era sempre feita de austera justiça. Extremoso com os doentes, soccorria-os —até em esmolas—com modos serenamente frios. Devotado d'alma aos discipulos, quanto mais os prezava, mais lhes exigia trabalho e methodo.

Era um forte de espirito, mas, infelizmente, um candidato á tuberculose.

E o terrivel mal não se esqueceu d'elle em plena mocidade. Acabava de construir o bello palacete onde esperava viver largos annos, quando o peito o avisou sinistramente n'uma pequena apotheose.

E começou a lucta do homem forte. Nem um só desalento. Obediencia heroica a todo o regimen de ferro que lhe impozeram. Dentro em pouco, notou que estava irremediavelmente perdido, e de então em diante mostrou-se cheio de confiança que em todos queria ver.

O mal progredia, e elle sorria, julgando todos que estava completamente illudido. Os illudidos eram os que o visitavam, mal disfarçando a amargura.

Emfim, rompeu uma linda madrugada de maio. Cercavam-no o pae, a esposa, as irmãs, suffocando as lagrimas. O doente, ha dias franqueara a sua opinião, e todos viam já que elle ha muito sabia tudo.

—Vamos morrer!—murmurou o dr. Correia de Menezes, ao primeiro clarão da aurora cantante d'aquelle dia. E então o seu sorriso foi bastante triste.

Mas logo, sereno de rosto, sem uma crise de nervos; repetiu:

—Vamos morrer.

E immobilisou-se na maior calma, sorrindo commovido de expressão como nunca ninguem o tinha visto.

JOSÉ AGOSTINHO.

NOTAS—O dr. Correia de Menezes nasceu em Lamego a 24 de abril de 1853, sendo seus paes o dr. José Correia da Silva Menezes e D. Olinda de Menezes. Formou-se em philosophia e medicina na Universidade de Coimbra, tendo concluida a ultima formatura a 30 de julho de 1880. Foi professor de physica no Lyceu de Lamego desde 1882 e, desde 1887, medico da Santa Casa da Misericordia, da Associação dos Bombeiros e do Asylo de Mendicidade. Foi presidente da Camara Municipal de 1887 a 1892. Deixou viuva D. Josephina Marques Guimarães Menezes, senhora da illustre familia Bernardinos Guimarães.

Mêda—Castello em dia de neve

VIDA INTENSA

(PAGINAS D'ALÉM FRONTEIRAS)

...... A vida tem sempre o seu reverso amargo. No meio das maiores alegrias e das maiores felicidades, ha sempre a nota amargurada d'uma saudade ou d'uma tristeza. Ninguem pode considerar-se absolutamente feliz, ninguem póde sentir-se completamente satisfeito. Eu não vou tão longe como o

extranho colorista inglez, affirmando que o riso era sempre o disfarce da dôr, a formula resignada do soffrimento mas vejo tambem que alegrias e tristezas andam sempre tão intimamente relacionadas, tão estreitamente reunidas que difficilmente se abandonam. Na vida das nações, na vida dos estados, na vida das sociedades, que é a reflexão collectiva da vida do homem, a alegria não abandona a tristeza e, juntas, disfarçadas bizarramente na convulsão e na paz, na serenidade e no tumulto, são a expressão distante do dualismo agitador, da meta entre o bem e o mal, entre a força e o esforço. Apparentemente, na vida do homem como na vida das sociedades, esta constante lucta parece uma manifestação de desiquilibrio mas descendo até ás paixões e aos interesses ha-de ver-se, que é perfeitamente o equilibrio d'estas duas forças que gera a nacionalidade de vida social e politica.

A multidão é cobarde, é passiva, dominavel mas nem por isso deixa de ser perigosa quando se embriaga de prazer ou quando se apavora de desanimo e de mêdo e faz ouvir o côro dos seus hossanas e dos seus protestos áquelles, que acima das paixões, não devem permittir-se a leviandade de se apaixonarem por tudo isso. Um homem d'estado para dirigir, para guiar os destinos incertos d'uma na-

Mêda—Avenida

NAGOZELLO — Vista geral (Clichés do phot. am. snr. P. Ivon Brandão)

ção, precisa evidentemente da consagração da massa mas precisa tambem de viver acima d'ella, sem se lisongear com os seus triumphos, sem se apaixonar pelos seus protestos, couraçado d'aquelle cynismo politico que é necessariamente preciso á friesa ponderava com que deve encarar as questões. Se desiquilibra, se afinal se enthusiasma, a sua acção é um perigo, a sua missão póde ser uma fatalidade. Só aquelle que mantiver o equilibrio das suas predilecções na administração d'um estado com a mesma ponderada friesa que mantem o equilibrio dos seus sentimentos, póde fazer feliz a nação que dirigir mas, se, ao contrario, é na vida social o que é na vida do espirito, um fraco e um timido, apaixonando-se pelas alegrias, desanimando-se com as tristezas, embora se julgue identificado com a multidão, nada mais poderá fazer que arrasta-la a um destino incerto e perigoso.

VIZEU—Os bombeiros municipaes depois dos exercicios feitos sob o commando do snr. A. Sena

(Cliché do phot. am. sr. Joaquim M. Batalha).

Um historiador allemão, evidentemente inimigo de Bismark, conta que o grande chanceller, procurava como nenhum outro estadista conhecer o caracter differente da população do imperio, para precisamente a contrariar nas suas aspirações. A cegueira da inimisade annullou, a meu vêr, a imparcialidade da critica. O que o historiador aponta perfidamente, como um defeito, é uma apreciabi-

VIZEU—Curso commercial do collegio da Via-Sacra

No 1.º plano os professores: P. Antonio Barreiros, Bernardino de Figueiredo, P. Flôr e Mario Paes de Souza

(Cliché do phot. am. sr. Alipio da S. Vicente).

lissima qualidade. Esse pequeno detalhe, é uma licção brilhante da sciencia de governar, é positivamente a mais pujante affirmação, d'essa subtil qualidade, que é a grande força dos que dirigem e que póde chamar-se visão politica. Raros a tiveram em tão alto grande perfeição como Bismark, a quem a sua patria deve as horas mais gloriosas de triumpho. Quando n'um gesto de humanidade a Allemanha quasi se enternecia, perante o retalhar da Polonia, o grande homem não se compadeceu, não hesitou, contrariou a massa, foi, até ao fim e foi annos volvidos, a massa agradecida que com a mesma sinceridade, lhe veio trazer os seus louvores. A multidão mudára de pensar. Um mediano teria satisfeito os seus desejos; um homem de genio faria o que Bismark fez - contraria-la para o bem da patria mas poupar-lhe uma nova convulsão, quando ella, em face das consequencias, avaliasse, sincera, a grandeza do seu erro.

E tudo isto vem a proposito da conferencia realisada ha dias por um advogado russo, na academia de Mouscow, sobre a felicidade dos homens publicos, conferencia que despertou um vivo successo e que a imprensa do mundo elogia calorosamente. Conheço-a simplesmente pelos extractos das revistas mas hei-de conseguir ainda ler esse admiravel trabalho e d'elle novamente voltarei a fallar.

E' que, na mediania intellectual a que desceu, nos ultimos annos, a politica portugueza, um trabalho sobre a visão politica, que é coisa totalmente desconhecida por ahi, talvez tenha a vantagem d'abrir os olhos a *alguem* que obstinadamente os fecha para não vér...

JOSÉ DE FARIA MACHADO.

VILLA NOVA DE GAYA. A ultima cheia do rio Douro

1—O largo dos Marinheiros completamente innundado

2—Aspecto do mercado durante a ultima cheia

3—Um guindaste submergido

(Clichés de J. d'Azevedo, phot. da «Ill. Cath.»)

Convento de S. Christovão de Lafões

(Ligeiras investigações da sua origem).

ACHA-SE este convento como suspenso sobre um despenhadeiro ao sopé d'uma collina, que se eleva n'um semi-circulo do rio Barroso, que, a pequena distancia, vae desaguar no Vouga, quasi no extremo da região denominada Lafões.

E que bello sitio escolhido para a vida comtemplativa a que se destinara! Por entre arvoredos que o circumdam apenas se descobre um pequeno horisonte, limitado por collinas e montes, que convidam a elevar, com a vista, o pensamento ao alto.

S. Christovão de Lafões—Vista geral do convento.
No cume do monte vê-se a ermida de N. Senhora da Boa Morte

S. Christovão de Lafões —Fachada principal da egreja do convento

Foi aqui que viveu, segundo referem notaveis chronistas antigos, o celebre João Cirita. D'este se lê na *Europa Portugueza*, de Manuel Faria de Sousa, tomo 2.º pag. 32... «parece ter sido natural d'entre Douro e Minho. Havendo seguido as armas portuguezas, resolveu depo-las para seguir a vida penitente. D'outros pontos para isso escolhidos, passou a fazer companhia n'aquellas montanhas do Vouga a eremitas, que então já tinham grande nome.

Fallecidos alguns dos companheiros, usando da auctoridade que aos restantes merecera, formou nova Ermida n'aquelle notavel Monte. Aqui foi visitado mais tarde pelo conde D. Henrique, que, encantado de suas virtudes, o protegeu para mais tarde alli ser implantada a Ordem de Cister.»

Anteriormente diz a seu respeito Fr. Joaquim de Santa Rosa de Viterbo, no seu Elucidario, artigo «Cirita»: «Por doações de que ha memoria certa feitas a esta e outras Ermidas suas annexas, é João Cirita designado como reformador e como Prelado Geral dos Eremitas que abraçaram a Regra de S. Bento, e depois passavam para a reforma de Cister. O mesmo escriptor no artigo «Abbade», diz: "Annuindo ao que diz o auctor da «Benedictina Lusitana», já no anno de 865 alli existia mosteiro; e documentos assás notaveis inculcam que Christovão João e sua mulher Maria Ribaldis, pessoas illustres e de familias distinctas, restauraram este mosteiro. E talvez d'aqui procedesse o intitular-se de *S. Christovão*, cuja imagem se acha collocada no altar-mór a par da de S. Bento, e de S. Bernardo apenas ha um painel em altar lateral.

S. Christovão de Lafões—Vista d'uma parte do aqueducto junto ao cruzeiro

fizera aos frades de S. Christovão da Ermida de S. Donado com suas pertenças com assentimento de D. Affonso principe de Portugal. D'esta mesma Ermida bem como do conto de Valladares, fez o mesmo Affonso Henriques couto a João Cirita, Prior, e mais frades de S. Christovão delimitando-lhes terrenos.

De doações do referido bispo do Porto, D. João Peculiar, se vê como elle ordenou e promoveu que se reedificasse o mosteiro de S. Christovão, doando terras para sustentação dos seus religiosos, e foi este um dos primeiros de S. Bernardo em Portugal.

No anno de 1161 tambem D. Affonso Henriques doou o couto da Trapa e Paçô que ficaram pertencendo a este convento.

Taes são em resumo os germens d'onde surgiu este edificio monumental. O convento com amplo claustro, refeitorio, cosinha e mais compartimentos annexos, e em cima espaçosos corredores em toda a roda com portaes em forma de sacada para o lado interior, e para o exterior aposentos adequados para cellas e outros usos; annexa uma espaçosa egreja, cujo corpo se eleva até rematar em elevado zimborio, e tudo frequentado por pessoal destinado a entoar noite e dia louvores ao Creador. Por fóra em terreno culto ao correr do rio, fertilisado com duas açudes e no alto da cerca uma forte nascente, que fertilisa o terreno culto e corre em aqueducto na extensão d'uns mil metros até ao convento junto ao qual se deposita n'um grande tanque. Assim aquelle monticulo de despenhadeiro que d'antes era, se tornara em terreno culto, em pomares de deliciosa fructa, ramadas de bellas videiras a sombrear os passeios, productivos olivêdos, e na parte inculta espessas mattas de sobreiros, carvallos e freixos e mais ao longe matagaes a cobrir os montes, onde se apascentavam rebanhos. Que encantadora prespectiva! E assim foi no volver dos seculos até 1834. Mas desencadeou-se então o vendaval que tudo abalou e transtornou, e desde então agora que triste transformação se não ha operado! Tudo o que havia de bello e encantador desappareceu. No interior reina a solidão do tumulo interrompida pelo pipilar das corujas, e no exterior o melhor do arvoredo foi abatido á cata de ganancia e o resto da matta foi devorada por repetidos incendios. Tem-se facilitado para alli a viação e visitam-o muitos curiosos principalmente quando é no dia da festa de S. Christovão, que é concorridissima por todos os povos circumvisinhos e mesmo de muito longe.

Os sensatos lamentam os seus destroços como lamenta o cadaver em ruinas d'uma pessoa que foi bella e nos era querida; os insensatos e espiritos avariados, riem com riso alvar e selvagem como os que encontram estendido na terra o viandante que seus companheiros despojaram, feriram e ultrajaram.

O primeiro que desde então não sei porque titulo o possuiu e se orgulhava da sua opulencia, terminou

S. Christovão de Lafões — Portico no aqueducto que conduz as aguas para o convento tendo sobre elle, do lado interior, as armas do convento e do lado exterior o escudo real

Como quer que fosse, diz elle ainda, no jazigo dos ossos d'este veneravel em S. Christovão de Lafões se abriu este epitaphio: — «*Joannes Cirita rexit monastarium S. Christophori, clarus vita, clarus meritus, clarus miraculis, claret in cœlis.—Obiit X kalend.—Januaris E. MCCII.*»

Do Catalogo dos Bispos do Porto consta ter havido uma doação que D. João Peculiar, bispo d'aquella cidade

Lafões — Ermida de N. Senhora da Boa Morte (Clichés do sr. Tono Eiza)

PORTO -- Grande "match,, de "Foot-Ball,,

Realisou-se ha dias no Porto um grande "match,, de «foot-ball» que despertou o maior interesse.

Entraram na lucta disputando a — Taça da Associação — o primeiro e segundo "team,, do «Foot-Ball Club do Porto» e o Boavista «Foot-Ball Club», sahindo vencedor o segundo "team,, do «Foot-Ball Club do Porto».

1—Primeiro «team» do Boavista «Foot-Ball Club».

2—Primeiro «team» do «Foot-Ball Club do Porto».

3—Segundo «team» do «Foot-Ball Club do Porto» — «team» vencedor.

descahido do fausto que ostentava, e deixando mendigos os seus filhos, um dos quaes me disse que só a nossa crença o impedia do suicidio. Passou então em hasta publica a outrem e vae passando já a quarto possuidor. Serão estes mais felizes? Oxalá não continuem a fulmina-los as excommunhões que comminam aos usurpadores de taes bens, quem os doou, destinando-lhe o fim para que se acham applicados.

UM VELHO PAROCHIANO DA LOCALIDADE.

Fastos do Catholicismo

Um ministro catholico

Um dos ministros do actual governo da União Norte-Ammericana, o snr. Dawidson, é catholico pratico. Entrou no gabinete por expresso desejo do presidente Wilson, logo que este tomou posse do seu cargo, e não perde occasião de mostrar a sua fé religiosa.

Eis um facto recente e de memoravel eloquencia. Celebrava-se ha pouco o conselho de ministros na Casa Branca, e o presidente propoz a celebração de um conselho extraordinario para resolver negocios de urgencia.

Indicou, a pedido dos ministros, o dia 25 passado, ás 10 da manhã.

E logo replicou Mr. Dawidson: «A 25 de fevereiro celebra a Egreja Catholica a festa de Cinzas. Por madrugadores que sejamos, se houvermos de receber a cinza sobre as nossas cabeças, meditando o *memento homo,* difficilmente estaremos ás dez horas na Casa Branca.

Um aspecto da assistencia

Outro aspecto da assistencia

(Clichés de J. d'Azevedo, phot. da «Ill. Cath.»)

Eis o que podem, e o que valem os catholicos que manifestam sem tergiversações as suas crenças.

E que damno não causam os catholicos que se deixam prender pelos respeitos hamanos!

Daniel José da Costa Leão

preso por motivos politicos e um dos beneficiados pela amnistia

—Isso é com os catholicos, — replicou outro dos ministros.

—E tambem com os protestantes, — accrescentou o snr. Dawidson.

—E muito especialmente com os ministros, — interveio o presidente da Republica.

O resultado da discussão foi marcar-se as seis horas da tarde para a reunião.

PEDRAS SALGADAS—Aspecto de uma romaria em Lago Bom

(Cliché do phot. am. snr. Guerra Maio).

Dr. Manuel de Sá Costa Reis

distincto advogado ultimamente nomeado sub-delegado em Santo Thyrso.

José Luciano de Castro

antigo chefe do extincto partido progressista e um dos maiores vultos da politica portugueza. Falleceu na sua casa de Anadia em 9 do corrente.

NOTAS DO ESTRANGEIRO

Cardeal Gennari

Falleceu no sabbado, 31 de fevereiro, no palacio Borghése, que habitava, em Roma, Sua Em.ª Rev.ᵐᵃ o Cardeal Casimiro Gennari, prefeito da Congregação do Concilio.

Tinha nascido em Maratea, diocese de Policastro, a 27 de dezembro de 1839—diz o *Annuario Pontificio*—sendo educado com os jesuitas de Napoles. Ordenado, fundou em sua terra natal o *Monitore Ecclesiastico*, revista cujo reconhecido merito tem fama universal. Foi preconizado bispo de Conversano, e mais tarde nomeado assessor do Santo Officio. Foi tambem conego de S. Pedro e arcebispo titular de Lepanto, sendo creado cardeal por S. Santidade Leão XIII, no Consistorio de 15 de abril de 1901, com o titulo de S. Marcello. O Em.ᵐᵒ Cardeal Gennari era um canonista de grande auctoridade. Ainda recentemente publicou um commentario ao decreto *Quam singulari*, sobre a communhão das creanças, que logo foi traduzido em varias linguas: entre ellas a portugueza.

MADRID—O Alcaide impondo cruzes de Merito Militar aos bombeiros que mais se distinguiram na extincção do incendio do quartel de El-Pardo

Cardeal Gennari

Em Lisboa reside um sobrinho do Em.ᵐᵒ Gennari, Rev.ᵐᵒ Sr. Dr. Biagio Rotondano, Conego Reitor do Loreto, tão illustrado como piedoso, e orador muito distincto, qualidades que o tornam querido da melhor sociedade de Lisboa, onde o Rev.ᵐᵒ Rotondano gosa a mais elevada reputação.

A S. Ex.ª apresentamos a expressão sincera do nosso sentimento.

ALBANIA—O antigo cemiterio de Durazzo

Meninas albanezas á porta de sua casa

Na volta do mercado

(Cliché do phot. am. sr. Luiz do Souto)

PROPRIETARIO
Joaquim Antonio Pereira Villela.
DIRECTOR
Dr. Francisco de Sousa Gomes Velloso.
EDITOR
Antonio José de Carvalho.
ADMINISTRADOR
Clemente de Campos A. Peixoto.

Illustração Catholica

Revista litteraria semanal de informação graphica

Redacção, administração e typographia
83, R. dos Martyres da Republica, 91
BRAGA

CONDIÇÕES D'ASSIGNATURA
(PAGAMENTO ADEANTADO)

Portugal e colonias (1 anno) . .	2$400
» » (6 mezes) .	1$200
» » (3 mezes) .	600

A' cobrança feita pelo correio e pelo cobrador, accresce o importe das despezas.

Estrangeiro (1 anno)	3$000
» (6 mezes)	1$500
Numero avulso	60

Numero 38 Braga, 21 de março de 1914 **Anno 1**

BREVEMENTE — 2.ª Oração funebre — **Conego B. Chouzal**

D. Manuel Baptista da Cunha Arcebispo Primaz de Braga

Defendendo-O e Defendendo-me

José Garrido & Salazar

Grande deposito de motocycletas, bicycletas, accessorios e artigos de «Sport»

Agencia das celebres motocycletas "WANDERER"

Officina de reparações

Rua de Passos Manoel, 16, 18 e 20 — — PORTO

HISTÓRIA DA IGREJA EM PORTUGAL

por Fortunato de Almeida

Bacharel formado em Direito, Professor do lyceu Central de Coimbra, Sócio do Instituto da mesma cidade, da Sociedade de Geographia de Lisboa e da Sociedade Portugueza de Estudos Históricos

Volumes publicados

Tomo I —Desde as origens do christianismo na península até á morte de D. Dinís (1325). Um volume de 800 pág., 2$500 reis.

Tomo II —Desde a acclamação de D. Affonso IV até á morte de D. João II (1325-1495). Um volume de 812 pág., 2$500 reis.

Em publicação

Tomo III —Desde a acclamação de D. Manuel I até á morte de D. João V (1495-1750). Dois volumes. Estão publicados sete fascículos.

Tomo IV —Desde a acclamação de D. José I até á proclamação da república (1750-1910). Um volume.

Tomo V —Os acontecimentos no tempo da república. Um volume illustrado com grande número de photogravuras, e com muitos documentos.

Cada fascículo de 80 páginas; 250 reis. A cobrança é feita pelo correio por grupos de dois fascículos depois de distribuídos.

Toda a correspondéncia deve ser dirigida á

Imprensa Académica

157, Rua da Sophia -- COIMBRA

ILLUSTRAÇÃO CATHOLICA

CHRISTUS VINCIT. CHRISTUS REGNAT. CHRISTUS IMPERAT.

Revista litteraria semanal de informação graphica

Proprietario, Joaquim A. Pereira Villela. Director, Dr. F. de Sousa Gomes Velloso

EDITOR
Antonio José de Carvalho.

ADMINISTRADOR
Clemente de Campos A. Peixoto.

Braga, 21 de março de 1914

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E TYPOGRAPHIA
83, R. dos Martyres da Republica, 91
Não se restituem os originaes

Numero 38—Anno I

Nossa Senhora do Perpetuo Soccorro

(Esculptura de João Evangelista Vieira, artista bracarense)

Chronica da semana

XXXVIII

ooo

MAIS do que a nomeação das auctoridades administrativas e do que a fusão dos pseudo-moderados partidos republicanos, a discussão do decreto de separação da Egreja do Estado preoccupou e preoccupará as attenções do paiz.

Pela primeira vez, desde a proclamação da republica, os catholicos se manifestam mais ou menos organisados, como uma corrente de opinião, na vida publica. Nos seus jornaes debate-se o problema da sua situação em face das leis, n'uma representação ao parlamento, elles fazem saber o *minimum* das suas reclamações no acto da revisão do referido decreto e as suas associações secundam o movimento. Esboça-se, pois, finalmente uma acção conjugada e disciplinada das forças catholicas portuguezas.

Este o facto essencial que convém registar e fixar, e facto tão importante que de si mesmo accusa a poderosa vitalidade da crença catholica do paiz. Não houve infelizmente, como seria de desejar, o levantamento em massa, mas o simples gesto de altivez e desassombro que acaba de fazer-se é um indicio seguro da poderosa força que está latente e — estamos certos — com o andar dos tempos e a indispensavel presidencia dos activos chefes, se ha-de expandir indomavelmente.

No parlamento dois discursos se pronunciaram já e ambos de notavel importancia: o do auctor da lei e o de um padre deputado. O primeiro accusa além de um temperamento doentio, um orgulho ignaro que se vale da trapaça para salvar da corrente de reprovação geral o proprio texto da lei. O segundo revela mais alguma coisa: — por um lado a voz da crença resistindo aos preconceitos liberaes, por outro lado, o mal que estes mesmos preconceitos fazem em espiritos que não hesitam em expôr-se á sua acção maligna. O sr. P.e Fontinha disse grandes verdades, mas não disse todas aquellas que como padre catholico deveria proclamar e defender. Um padre defendendo a neutralidade do ensino em materia religiosa, não se explica senão por uma aberração intellectual ou por contagio...

O espirito revolucionario deforma todos os cerebros e a ideia mais alevantada quando cahe no vortice das discussões d'uma assembleia que o perfilha, tem de sahir de lá mutilada e malsinada se um corpo de crentes, illustrados e audazes, a não defende e a vem salvar. Desde 76 que no Parlamento francez um nucleo de verdadeiros talentos tem illustrado as paginas da historia da Egreja; e todavia, até á hora presente, não tem conseguido com os seus esforços mais do que crear na opinião uma corrente pequena, comprehendedora dos deveres eleitoraes, convicta da necessidade d'uma acção energica.

E' que na essencia de todos os regimens, directamente filiados na maçonaria, está uma irreductibilidade flagrante entre a Fé e a Revolução. No meio d'estes dois credos não ha logar para transigentes e accomodaticios. Nas sociedades modernas a palavra de Christo — quem não é por mim é contra mim, — tem o maximo da sua realidade.

Os catholicos portuguezes teem atraz de si exemplos insophismaveis da inanidade da acção, quando ella é desajudada d'uma intervenção politica organisada, poderosa e immediata.

O seu procedimento no futuro e no presente, constitue uma das grandes interrogações do problema nacional porque d'ella pende a sua solução e a salvação do paiz.

F. V.

Os meus dias

ooo

Coberta pelo rosal,
Passo tardes a coser,
Até ao anoutecer,
Na varanda do quintal.

De um canario sem rival
Seu canto me dá prazer
E, a ouvi-lo, chego a esquecer
A fina agulha e o dedal.

Logo que batem Trindades,
— Hora de amor e saudades —
Rezam-se as Avé-Marias.

E, assim, passam em socego,
N'um encanto doce e meigo,
Quasi todos os meus dias.

FRANCISCO SEQUEIRA.

A quem vos dirigieis vós ha pouco? perguntou maliciosamente um americano ao incredulo Volney, admirado de o vêr orar fervorosamente, quando, navegando ao longo da costa de Baltimore, se considerou, como todos os seus companheiros, em perigo de naufragar. Póde-se ser philosopho, lhe respondeu o auctor das *Ruinas* confuso, no fundo de um gabinete; na presença de uma tempestade, não.

Fidelidade

SEIS mezes depois da morte do marido, Helena Alvari, a joven viuva, deixou a casa materna, onde se recolhera fugindo a uma solidão cheia de recordações e saudades, e voltou á casa conjugal. Encontrou-a mais fria e só; eram mais acabrunhadores os vestigios da desventura, como que dissecados e mumificados pelo tempo; vagava ainda no ar o cheiro funebre dos remedios e das flôres fenecidas; todos os moveis estavam cobertos de pó: a cinza dos dias que se consomem em vão.

Raymundo Alvari, o morto, fôra um musico delicado, de grande valor embora de pouca fama, e morrera aos trinta e dois annos, de pneumonia, angustiado pela ideia de abandonar aquella mulher, nova e livre a todas as lisonjas tentadoras da vida que lhe fugia a elle. A viuva panteava-o ainda, passados seis mezes, e n'aquella casa, entre aquelles objectos lembrados do que viram, sentia-o ainda mais junto a si, amante ávido e louco.

Um dia, ao pôr em ordem as cartas e telegrammas de condolencias, guardados aos montes n'aquellas horas funebres, pegou n'um sobrescripto ainda por abrir. Eram algumas paginas de affectuoso conforto, não suggeridas por uma convencional ostentação de dôr, mas por um pesar verdadeiro e sentido, que lhe recordavam um Raymundo creança que ella não conhecera, e uma longinqua amizade de adolecentes, cheio de carinho e ternura. Escrevera-lh'a um primo de Raymundo, pouco mais novo que elle, que vivia ha quinze annos no estrangeiro, occupando um logar importante n'uma sociedade industrial de Londres. O marido raras vezes lhe fallara d'elle e do seu exilio; o pequeno fôra um dia bruscamente affastado pelo pae, e obrigado a viver sósinho e longe. Helena ouvira correr entre os parentes vagas allusões a uma culpa materna, descoberta tarde, e ao respectivo castigo, soffrido ao mesmo tempo pela creança innocente e pela mãe culpada, que viveu para dura expiração. Até então, por uma viva predilecção que o pae de Raymundo tinha pelo sobrinhos as duas creanças, embora parentes remotos, haviam vivido quasi fraternamente, e as recordações d'aquelles tempos reviviam na carta de Fred Alvari, como uma dolorosa saudade. Não conhecia a prima, senão por alguma photographia vista casualmento, e pedia desculpa de lhe escrever sendo para ella um desconhecido, esperando indulgencia da bondade que parecia transparecer nas linhas puras do seu rosto.

PORTALEGRE—Sé. O altar de N. Senhora das Graças

(Cliché do snr. dr. Francisco Antonio Malato).

A carta, que chegara talvez nos momentos de maior confusão, perdéra-se por abrir entre as outras já abertas, e ninguem a lêra nem ella lhe respondêra, embora fosse talvez, de todas, a que mais o merecia. A viuva julgou dever remediar a involun-

taria omissão e escreveu ao joven um bilhete cordealmente cortez, referindo-se ao estravio e ao atrazo, e agradecendo-lhe commovida a fraterna recordação que conservava de Raymundo.

Passado algum tempo Fred Alvari tornou a escrever, professando-se summamente agradecido ás suas boas palavras, e pedindo-lhe que lhe dissesse alguma cousa de Raymundo, dos seus trabalhos e da doença, de que elle, desterrado, recebêra apenas poucos echos, indecisos. Helena não lhe recusou,

Grupo de exilados politicos em Vigo
Manuel Maria d'Oliveira Carvalho, Capitão Martinho Cerqueira, José de Faria Machado e Mario Ferreira Neves.

Grupo de exilados politicos em Vigo
1.º plano: *Capitão Martinho Cerqueira, Padre Sá Pereira (reitor de Caminha), José de Faria Machado e Francisco Xavier Quintella (Farrobo)*. 2.º plano: *Francisco Castello Branco, Mario Ferreira Neves, dr. João Cunha Barbosa, Manuel Maria d'Oliveira Carvalho e Domingos Vital.*

nem a si mesma, o conforto de reevocar o desapparecido, de exaltar o seu magnifico temperamento de artista, de se enternecer até ás lagrimas, revivendo os sete dias atrozes que bastaram ao mal para o matar.

O desterrado tornou a responder. Estava sedento de ternura e confidencias, e aquella mulher, longinqua e quasi desconhecida, que vivia em logares queridos das suas recordações, aquella creatura que estava unida por subtis liames sentimentaes e materiaes á sua adolescencia feliz, induzia-o a uma expansividade de affecto qne o alliviava da privação de vinculos de familia, da grave rigidez das amizades inglezas, e de um adormecido sentimento nostalgico que despertava obscuramente no seu espirito meditativo.

Inicia-se assim entre os dois uma correspon-

BRAGA — *Amigos de* **José da Costa Vidal** † *que no passado dia 8, por occasião da sua partida para o Porto, onde foi dedicar-se á vida commercial, lhe promoveram uma manifestação de estima e de affectuosa despedida.*

CERVÃES—A familia Bacellar e os membros da J. C. de Braga que alli foram inaugurar uma nova associação

dencia amigavel, que a distancia continha nos limites d'uma freguezia moderada, mas que a intensidade sentimental do joven encaminhava, com progressão quasi imperceptivel mas segura, para uma forma de amizade apaixonada.

Quando Helena reparou que consagrava demasiado tempo e interesse áquella especie de beneficencia affectiva e de caridade intellectual, espacejou as suas cartas e tentou reconduzi-las a um tom de cordeal amabilidade, serenamente benevola.

Perturbava-a a ideia de que a correspondencia iniciada e estimulada pela lembrança, viva em ambos, do morto que ambos amavam, poderia extraviar-se até ao esquecimento momentaneo do fi-

CERVÃES—O rev. padre José Bacellar e seus sobrinhos com alguns membros da J. C. de Braga na gruta do parque da casa da Costariça

CERVÃES—Commissão fundadora da nova associação da J. C.

CERVÃES—Um cruzeiro manuelino

nado, dar-lhe ainda que não fosse mais do que a ephemera apparencia e a ligeira emoção d'um sentimento que ao extincto teria sido doloroso. Censurou a si mesma o renascimento egoista d'uma vitalidade que o dever e a vontade condemnavam á renuncia. Ao receber de Tred uma carta mais terna e algo implorativa já, impôz-se Helena a interrupção das relações e não respondeu.

Mas a correspondencia durava ha tres mezes, e o remedio chegou tarde. O homem deixára-se arrastar ávidamente por aquella attracção e ella consentira-o involuntariamente, prestando-se ao ambiguo jogo. Ella mesma o havia animado, e o seu silencio repentino, incoherente e baldado, incitou e irritou, mais do que qualquer palavra suave, o ardor latente d'aquella paixão.

A solidão que o luto vidual lhe impunha e ella procurava com um habitual e quasi orgulhoso enfado do proximo, creava em torno d'ella uma atmosphera espiritual favoravel ao sonhar perigoso, de modo que quando Tred Alvari, após algumas férvidas e amargas cartas sem resposta, lhe escreveu improvisadamente: *Se me não responde ainda d'esla vez, parto e vou vê-la*— Helena replicou com um telegramma que era um grito de pavor e uma confissão em quatro palavras: *Não venha, seria mau.*

Elle comprehendeu e agradeceu-lhe com apaixonada tristeza, vendo n'aquelle impeto repentino m propo sito tenaz de fidelidade e, ao mesmo tempo, a vontade ainda firme, mas já não tão confiada, que o repellia e soffria já talvez da repulsa.

Tranquillizou-a com sagaz delicadeza, assegurando-lhe que não queria affasta-la da querida recordação; que elle mesmo amava e recordava bastante o seu querido companheiro de infancia para não offuscar voluntariamente a sua memoria; mas que, apesar d'isso, o desejo de a conhecer, a curiosidade de vê-la com olhos puros e bons de amigo o impelliam para ella e para a sua terra longinqua, com uma sêde a um tempo ardente e suave.

Ninguem da sua familia, finada ou dispersa, o esperava na patria; só ella o atrahia, representando ao seu coração todas as doçuras melancholias das cousas perdidas.

A viuva não se obstinou em negar-lhe licença para vir; fingiu, para elle e para si mesma, que achava natural e simples aquella subita saudade. mas no mais recondito e obscuro da sua consciencia que sentiu algo decisivo da sua vida futura se preparava—e esperou-o. Esperou-o como uma necessidade, mais desejada pelo destino que por ella, tão imperiosa e dominadora que a sua fidelidade permanecia ainda incontaminada. Mas o encontro com Tred Alvari era a prova do fogo d'essa fidelidade, e embora o ella a si mesmo não confessasse, para não temer o perigo, todavia, interiormente, estremecia.

Annunciou-se-lhe elle uma noite por telephone, do hotel em que estava e aquella voz alterada pelo apparelho resonante, ligeiramente arrastada pela

Echos do Carnaval em Mattosinhos

Carro da folia

Mattosinhos—Carro colla tudo...

cadencia ingleza, deixou-a indifferente como a voz d'um extrangeiro ou d'um desconhecido.

Respondeu-lhe ella quasi alegremente que o esperava sem demora, com viva curiosidade de o conhecer.

Quando entrou na saleta onde a esperava Tred, observando um bronze artistico collocado em cima do piano, só o viu pelas costas; mas apenas elle, dando fé dos passos, se voltou. O coração de Helena teve tal sobresalto que ella julgou suffocara de coração.

Era o mesmo rosto de Raymundo, pallido e barbeado, a mesma curva aquilinado nariz sobre a bocca pequena, as mesmas sobrancelhas direitas, unidas na testa sobre os olhos penetrantes. A estatura do vivo era mais alta e mais rigido o andar; e era distincta a voz quando lhe disse, curvando-se para lhe beijar a mão.

— Porque olha assim para mim?

Helena dominou-se, sorriu-se ligeiramente, pediu-lhe que se sentasse junto d'ella, mas não ousou, não poude dizer porque olhava assim.

Era uma simples e casual semelhança de parentesco que gravara os mesmos traços n'aquelles dois perfis — ou fôra um mesmo sangue que plasmara os dois rostos na mesma materia humana? O obscuro drama que desterrara a creança innocente, a predilecção do pae de Raymundo pelo pequeno Tred, voltariam confusamente á memoria de Helena, sem nada lhe revelarem do velho segredo. Os protogonistas haviam morrido silenciosos e os sobreviventes ignaros, continuavam, como elles, a soffrer e a luctar pelo seu quinhãosinho de felicidade.

Mattosinhos—Carro da Élite

Tred fallava da viagem com o accento levemente guttural da pronuncia extrangeira e ella acompanhava o gesto parcimonioso da mão que sublinhava a phrase. Era a mão d'um homem de negocio, fina mas forte e torneada, não como a de Raymundo, sensitiva e eloquente, emmagrecida pelo excesso de espiritualidade, semelhante a um instrumento musical, com as cordas visiveis, levantadas e vibrantes.

Dizia Tred:

— Comprehende bem, deve ter comprehendido que o fim da minha viagem não é uma missão de amizade, mas uma missão de amor.

Mattosinhos—Carro da Primavera

Helena levantou os olhos e fitou-o. Fitou aquelle rosto, pallido pela espectativa e pela commoção, e viu outro rosto conhecido, sentiu outra espectativa e outra commoção expressas n'aquella mesma attitude, e disse com um esforço violento:

—Não torne a pronunciar, supplico-lhe, essa palavra.

—E quando poderei pronuncia-la? —perguntou elle, com ancia implorativa.

-Nunca.

Helena não poderia nunca fitar o rosto, d'aquelle homem sem lhe sobrepôr o rosto d'outro homem, morto. Jamais poderia ama-lo com esquecimento e sem remorso. O novo amor havia de evocar, censurar e lançar-lhe em rosto, sem tregua nem fim, fatalmente a sua infidelidade consciente, com aquella duplicidade horrenda de olhares, de sorrisos, de expressões, de caricias.

Tred perguntou:

—Então uniu-se a *elle* para sempre? Ainda *o* ama tanto?

Helena respondeu com a cabeça que sim, mas nem a si mesma poude dizer quanto de mentira e quanto de verdade exprimia aquella affirmação.

Para Tred exprimia uma recusa e um adeus. Comprehendeu-o. Beijou-lhe silencioso a mão, e sahiu.

AMALIA GUGLIELMINETTI.

Mattosinhos—Fanfarra politica

Mattosinhos—Um biplano

(Clichés de J. d'Azevedo, phot. da «Ill. Cath.»)

Serões eruditos

VI

Aventuras do alphabeto

3.º

PALPITA-ME que quem me lêr ha de achar d'esta vez a linguagem um nadinha mudada, talvez até mais suave e clara que a minha linguagem habitual.

Se assim succeder, leiam e releiam bem, sem pressa, nem se deitem a adivinhar, que eu mais adeante lhes darei a chave d'esta enigmatica mudança...

Li nas gazetas belgas que a amnistia ahi é já uma realidade, e apesar de que muita gente está insatisfeita, eu... Das paginas d'esta revista está excluida certa da-

MONSÃO—Casa do Hospital, propriedade do sr. Conde de Azevedo

VIZEU — Conferencia de S. Vicente de Paulo

1.º plano—Da esquerda para a direita. *Tristão Rodrigues de Souza*, vogal *(alumno da 7.ª classe de sciencias)*, *P. Augusto José da Trindade*, director espiritual, *P. Luiz Ferreira Alves*, vice-presidente, *Conego Manuel Damasceno da Costa*, presidente, *Abilio Augusto Lolitario*, thesoureiro, *Alipio da Silva Vicente*, vogal, *(alumno da 6.ª classe de sciencias)*.
2.º plano (idem)—*Antonio Dias (estudante)*, *Manuel Luiz Martins (alumno de theologia)*, *Manuel Lopes Correia (idem)*, *Francisco Alves Velloso (idem)* e *Antonio de Figueiredo e Silva*, secretario.

(Cliché de Alipio da Silva Vicente.)

ma, cuja graça, derivada da lingua grega, serve muitas vezes de etiqueta a tratantadas que deixam a gente verdadeiramente grega... Mas emfim, á mingua de justiça, ha amnistia, ha liberdade, ha luz e ar para tantas creaturas que se mirravam nas cellas humidas, frias, escuras e infectas das cadeias e penitenciarias. Regressaram já ás santas alegria da familia aquelles a quem uma tyrannia sem precedentes na patria luzitana, sempre fidalga e branda, privara barbaramente da liberdade. . . Regressaram já tambem alguns d'aquelles que uma altiva intransigencia arremessara para estranhas terras, a curtir saudades da patria estremecida...

Entre as aventuras das lettras uma das mais interessantes é sem duvida, a das lettras emigradas, exiladas, banidas de certas linguas e de certas paginas impressas... Assim na lingua arabe faltam as meninas A, E, I, etc. Na lingua chineza é inutil buscar a lettra *r*, que lhe falta tambem.

Esta mesma lettra *r* teve mais aventuras. Um padre de Italia deu á estampa duas series de pratfcas evangelicas em que nem uma unica vez apparece empregada a lettra *r* que elle tinha difficuldade em repetir.

Sem sahir de casa, aquelle Alcalá y Herrera, pae de um celebre *Jardim* de anagrammas que eu manuseei varias vezes n'uma livraria bracarense, tambem deu á luz, na lingua de Bernardes e Vieira, umas narrativas em que faltavam, na primeira, a lettra *A*, na segunda, a lettra *E*, na terceira, a lettra *I*, etc. Se eu ahi estivesse teria a paciencia de reeditar essas paginas interessantes, e salva-las da traça que as invade e aniquila.

Mas já que se deu a amnistia geral, amnistiarei aqui tambem uma lettra, injustamente banida...

Que lettra? Banida de que parte?

Esta pergunta indica bem que quem a faz vae ficar de cara á banda, se lhe eu fizer reparar em que esta parlenda, inteirinha, está escripta, e em

COIMBRA—Um grupo de academicos monarchicos integraes

linguagem castiça e fluente, sem uma lettra que, á primeira vista, parece ser das mais indispensaveis.

Vejam lá—e aqui vae a annunciada chave da mudança enygmatica da minha linguagem n'esta palestra erudita—vejam lá se acham aquì, uma vez apenas que seja, a bella, a sympathica, a regularissima lettra... nada, hei de passar ainda d'esta vez sem a escrever!...

PORTO—Vista da Ribeira, Fontainhas e ao fundo o edificio dos Orphãos

(Cliché do dist. phot. am. snr. Augusto Chaim.)

VIDA COLONIAL

ANGOLA—Lubango. Vista parcial

Trata-se, em summa, d'aquella lettra que uma ingenua lenda diz que se acha gravada na tamara, desde que a Virgem, na fuga da Palestina, a exclamara para exprimir a suavidade d'aquella fructa dulcissima...

Já sabem qual é? Bem queria escrevê-la aqui; mas a gente deve ser de palavra. Disse que evitaria essa lettra n'esta palestra, e ei-la acabada sem que uma vez sequer a malfadada lettra figure n'estas paginas.

E... até para a semana!

ARTHUR BIVAR.

Vida intensa

(PAGINAS D'ALÉM FRONTEIRAS)

PARA quem olhe o problema politico hespanhol com imparcialidade e com frieza, muito acima dos interesses e das paixões que, n'este momento grave, perturbam a vida nacional, ha-de positivamente encontrar, no desenrolar dos factos d'actualidade, uma intima correlação com os successos que precederam, em Portugal, a defecção de caracteres de 1910. A lucta eleitoral, que foi renhida, longe de constituir um triumpho para o governo, veio trazer-lhe a convicção de que os seus dias estão contados e de que, em politica, as dissidencias, mesmo aquellas que se produzem em consequencia d'uma logica divergencia de ideias, são um desagradavel symptoma de fraqueza, que vae sempre reflectir-se no regimen.

A votação em Madrid foi um triumpho para os republicanos, pela mesma razão que as ultimas eleições monarchicas em Lisboa, foram d'optimos resultados para os demagogos alfacinhas, não pela força propria mas pela profunda divisão dos adversarios. Dato, tentou todas as formas conciliadoras para realizar uma colligação monarchica, que poderia vencer. Não o conseguiu. Os mauristas e tradicionalistas trabalharam por conta propria e lá foram em guerra aberta á conjuncção liberal dos prietistas, dos reformistas e dos governamentaes, combatida tambem

ANGOLA—Lubango. Um passeio a N. Senhora do Monte. Na frente o ex.mo Bispo de Angola e Congo, Senhor D. João Evangelista

ANGOLA—Chibia. Costumes coloniaes. Duas raparigas solteiras

(Clichés do phot. am. sr. Telles Grillo)

por alguns liberaes de Romanones e o resultado viu-se — para os republicanos pescarem mais uma vez nas aguas turvas e aproveitando-se da natural confusão, arrancaram ás urnas cinco candidatos ultra-radicaes.

O sub-secretario da *gobernación*, entrevistado

A "ILLUSTRAÇÃO CATHOLICA„ NO BRAZIL

RIO DE JANEIRO—O progresso da engenharia brazileira. O caminho de ferro aereo para o conhecido môrro—Pão de Assucar—ha mezes inaugurado.

O caminho aereo para a Urca e Pão de Assucar. Estação inicial—A caminho da Urca

Chegando á Urca (200 metros de altitude)

por alguns jornalistas, attribuiu esta derrota ao facto dos mauristas não terem appoiado o governo e as suas palavras, parecem uma reproducção exacta das declarações de Teixeira de Sousa de negregada memoria, no dia seguinte ao seu desastre eleitoral.

Não quero dizer com isto, que a Hespanha caminhe para a republica, que seria a sua morte politica e a sua ruina economica. Deus me livre de tal! Se para alguns dos mais novos a lembrança da primeira republica se tivesse apagado bastava a nossa desgraça actual para sufficientemente lhe dissipar as ultimas illusões. A republica em Hespanha, dada a sua extensão territorial e a heterogeneidade do seu povo, só poderia surgir sob o aspecto federal que seria o rastilho tragico e perturbador das velhas e tradicionaes aspirações separatistas. Seria a ruina, seria a desmembração, a morte. Retalhada assim, cada um dos pequenos estados — afóra a Catalunha, — não teria recursos proprios para viver.

Não, não é para a republica que a Hespanha caminha porque segue apressada para aquelle doloroso momento politico, que nós infelizmente já atravessamos e que mereceu ao sr. João Arroyo, aquelle espirituoso conselho: *baralhar e dar de novo*.

n'aquella phase de jogatina usada, que inspirou a belliscadura sangrenta, do grande parlamentar,

Ha, porém, uma differença; os nossos politicos jogavam despreoccupadamente a manilha e entallavam o rei, emquanto os homens publicos de Hespanha, jogam o *tutti* tradicional e sacrificam todas as cartas ao triumpho do Rei, que elles veem felizmente como a mais radiosa aspiração da vontade nacional.

Subindo para a Urca

Maura, embora affastado por momentos, ha-de voltar e será, a meu vêr, quem resolverá o problema hespanhol. Mas só voltará em determinadas circumstancias. Ha-de subir ao poder, reclamado pela nação inteira, no dia proximo, em que os campos estiverem irreductivelmente extremados. Triumphará? Creio-o firmemente, porque a Hespanha não poderá liquidar por uma republica e o fracasso de Maura, seria positivamente a liquidação...

Ha quem tenha esperanças no reformismo de D. Melquiades Alvares, como a solução messianica do problema, mas o tempo ha-de desfazer mais esta illusão. O caudilho asturiano, que é um grande orador, não tem persistencia nas suas opiniões; é um homem de meios termos, d'hesitações constantes e o que lhe sobeja em eloquente firmeza, falta-lhe positivamente, em serenidade pratica.

Da Urca ao Pão de Assucar (400 metros de altitude)

A incineração dos partidos é um facto consumado e a politica hespanhola soffrendo, como está soffrendo, as consequencias do que poderia chamarse a pulverisação partidaria, parece querer entrar

Este verão, em Gijon, uma senhora illustre, tentou, uma manhã apresentar-me na praia, ao celebre reformista que, com os seus secretarios seguia magestoso e cordeal repartindo cumprimentos e sor-

risos e perante a minha recusa accrescentou:

—*Habla divinamente y está casi monarchico!*...

Discretamente, recusei ainda, com o eterno recurso de para outra vez... e fiquei a olhar o tribuno hespanhol, que seguia solemne, entre saudações e risos, com a convicção quasi mudada e o seu republicanismo quasi perdido.

E afinal, D. Melquiades que é assim em tudo, quasi tudo, com a sua messianica missão de reformar a patria, esteve quasi para perder o seu logar de deputado, se *el articulo 29* lhe não estende os braços salvadores.

JOSÉ DE FARIA MACHADO.

Costumes do Minho

BRAGA—A caminho do Bom Jesus. A actual viação que vae ser substituida pela tracção electrica

BRAGA—Kiosque Central, de José Ignacio Prata, *onde se encontra á venda a "Illustração Catholica„*

Manuel José de Carvalho

Proprietario na freguezia de Castellões, concelho de Guimarães: Completou ultimamente cem annos e, apezar da sua avançada edade, conserva a maior lucidez de espirito e uma optima saude.

NOTAS DO ESTRANGEIRO

Hespanha—O ex.[mo] sr. Bispo de Madrid-Alcalá

No dia 1.º do corrente mez realisou-se na Real Academia da Historia a recepção solemne do novo academico o ex.[mo] Bispo de Madrid-Alcalá.

Presidiu ao acto, que teve uma concorrencia extraordinaria, D. Affonso XIII tendo á sua direita o Nuncio de S. Santidade, o Marquez de Vadillo e os srs. Perez de Gusmão e Herrera; e á sua esquerda o presidente da Academia, P. Fita, o sr. Bispo de Sion e os srs. Ugarte e F. Bettencourt.

Cardeal Merry del Val

França—M. Charles Prevet,
director do «Petit Journal» e antigo senador, fallecido em 25 do passado mez.

Cardeal Merry del Val

Na Basilica de S. Pedro celebrou-se no dia 2 a solemne ceremonia da consagração do illustre Cardeal Merry del Val como Arcypreste da mesma basilica. Assistiu ao acto S. S., secretario particular do Papa, prelados do Vaticano, pessoal ecclesiastico e muitos fieis. Merry del Val offereceu para a Basilica objectos no valor de 4 contos.

JAPÃO—A agitação politica em Tokio. Os chefes do movimento lendo ao povo as suas reclamações

Cabeça de estudo

(Desenho de Domingos Antonio de Sequeira)

(Cliché do distincto phot. am. sr. João San Romão)

PROPRIETARIO
Joaquim Antonio Pereira Villela.
DIRECTOR
. Francisco de Sousa Gomes Velloso.
EDITOR
Antonio José de Carvalho.
ADMINISTRADOR
Clemente de Campos A. Peixoto.

Illustração Catholica

Revista litteraria semanal de informação graphica

Redacção, administração e typographia
83, R. dos Martyres da Republica, 91
BRAGA

CONDIÇÕES D'ASSIGNATURA
(PAGAMENTO ADEANTADO)

Portugal e colonias (1 anno) . .	2$400
» » (6 mezes) .	1$200
» » (3 mezes) .	600

A' cobrança feita pelo correio e pelo cobrador, accresce o importe das despezas.

Estrangeiro (1 anno)	3$000
» (6 mezes)	1$500
Numero avulso	60

Numero 39 Braga, 28 de março de 1914 **Anno 1**

Cinco Visitas a Jesus Sacramentado

(Com approvação (ecclesiastica)

PREÇO 5 REIS

Resumo da Doutrina Christã

Em prosa e verso, sendo a parte em verso composta pelo

Rev.mo P.e Carlos Rademaker

Methodo muito facil para ensinar, por meio de canto, as cousas mais necessarias da Doutrina Christã.

Edição accrescentada pelo P. Villela & Irmão.

Preço: Brochado, 10 rs. Cartonado, 40 rs.

Comprem os Bordados

Schweizer

franco de porte a domicilio

Vestidos desde Fr. 11.80

Blusas desde Fr. 3.95

Vestidos para Crianças desde Fr. 5.90

Do melhor bordado suisso, sobre cambraia, voile, crêpon. toile e sobre sedas novidade.

Peçam a nossa collecção 82 de figurinos novos com amostras bordadas.

Os nossos bordados são por fazer, mas remettemos os padrões cortados em todas as medidas a quem os requisitar.

Schweizer & Co. Lucerne · Suissa ·

Está hoje sobejamente demonstrado que pela excellente qualidade das materias primas empregadas e meticuloso cuidado no acabamento e ajustagem de todas as suas peças

As machinas de costura 'Naumann,, são as melhores.

A sua fama estende-se a todo o mundo por causa da sua elegancia, do seu trabalho leve e silencioso e da sua longa duração. Especiaes para bordados artisticos A elevada cifra de

Um milhão e setecentas e cincoenta mil machinas de costura

que por nós teem sido fabricadas e vendidas, quantidade que nenhuma fabrica da Europa ainda conseguiu attingir, prova evidentemente quanto tem sido lisongeira a acceitação que

A machina de costura "Naumann,,

tem encontrado em todos os mercados. Quem adquirir a machina de costura «Naumann» pode ficar certo de que ella lhe prestará proveitoso serviço durante muitos annos.

Dão-se as mais amplas garantias

Deposito em Braga: **Armazens da Caixa Penhorista Bracarense**

PREÇOS SEM COMPETENCIA

Chronica da semana

XXXVX

EM Portugal, constata-se o recrudescimento dos odios canibalescos, vascolejados no chapeu alto do sr. Bernardino Machado e borrifados depois sobre o paiz; e o assassinio de Calmette, director do *Figaro*, absorve todas as outras attenções... que não se prenderam aos momentosos problemas internacionaes da mudança d'auctoridades administrativas e do fracasso da fusão unionista-evolucionista, é claro... O primeiro facto exemplifica-se na jantarada de Loures, nas selvaticas e sangrentas aggressões do Gymnasio e na violencia abjecta dos liberaloides vulgares da Luza-Athenas contra a liberdade de reunião dos catholicos da cidade. Fomentada por elementos que desceram as espiraes do vicio e mumificaram o caracter e a face ao bafo da grande peste que vem putrefazendo os corpos e almas, — a desordem apresenta nos trez locaes a mesma carêta hiante de megera. Excrescencia abastardada porejando nos flancos do escanzelado borrego portuguez, essa horda amaltada das cafurnas de caco onde se vasam os detrictos sociaes, apoderou-se da inercia dos cidadãos e sobre ella tem saltado o seu batuque, n'um delirio de opprobrio e de sangue. Nem é de pasmar o seu irrespeito pelas senhoras, em Coimbra, e a sanha com que as alvejava de pistolas em punho, em Lisboa, pois que habituada ao contacto impuro das rameiras, assoldadada para a execução de violencias, a titulo de defeza do regimen já decrepito, ella não pode, por aleijão mental e moral, comprehender a boa educação, quanto mais a delicadeza fina do arabico proverbio...

Todavia, os seus desacertos já aborrecem, e compellem os menos medricas a tomar a defensiva, verificado como está, que n'este paiz a policia só serve para ladear enterros de magnates, e fazer de tyranna nas macabras tragedias das prisões politicas.... Em Loures em Lisboa e em Coimbra, monarchicos e catholicos resolveram-se á defeza e deram a meias, como sóe dizer-se. A' segunda prova de energia physica que appareça, passam a dar de cima, e muito cuidado terão então os senhores do Terreiro do Paço em que na avalanche da fuga, os correligionarios os não arrastem de cambulhada, mais aos symbolos que adoram e que muito dignamente representam.

Tudo isto tem unica explicação plausivel no estado d'anarchia moral e desorganisação social a que a virulencia dos mais radicaes e o sorriso hypocrita dos *soi-disant* mais moderados governos republicanos reduziram este paiz; e a esta anarchia e a esta desorganisação se deve ainda a indecente admiração tributada á terceira mulher do plutocrata-demagogo Caillaux pelo seu gesto infame de vingança. Houve derrancados articulistas, com manias de originalidade accentuada, que nada acharam de menos elogioso do que chamar *divina* á assassina de Calmette, e, com desfaçatez assombrosa, forjaram n'um trocadilho de palavras sem sentido, uma nova moral que, em zumbaias de cafre, se prosterna deante de Sua Magestade a browning salvadora!...

Calmette era um homem cheio de amabilidade, d'uma indulgencia que confinava com a generosidade, qualidades estas que, alliadas ao seu fino talento, lhe grangearam estima de todos os que o conheceram. Desde a *Croix* á *Humanité*, a imprensa é unanime em declarar que G. Calmette era incapaz de se lançar n'uma campanha injusta, pelo estranho prazer de saccudir as escorralhas d'uma infamia. E tão fundo era o vinco da honestidade no seu caracter, que elle repete sempre *c'était mon devoir... mon devoir...* quando as garras da morte lentamente lhe cravejam a gorja...

Voga por ahi a atoarda de que Calmette usara d'uma carta intima. E' certo, mas só porque ella referia um facto de alta significação politica que denunciava a duplicidade do vendedor do Congo! ...Que vem fazer a estas luctas implacaveis entre dois homens a intervenção subita d'esta mulher? Este crime é inexplicavel, mas provoca a abominação. Madame Caillaux operou com sangue frio. Não viu então que os tiros da sua pistola eram a condemnação fatal de seu marido, tanto mais que a carta publicada não se referia a ella? Adivinha-se muito, dizia Judet no *Soleil*, e saber-se-ha tudo...

O que se passou n'aquella mulher é o que se passa em toda a França. O desprezo da pessoa moral leva ao desprezo da vida humana. Os cerebros devastados e amollecidos por uma tolerancia culposa, são o melhor terreno ao apparecimento das loucuras malsãs, ao triumpho da immoralidade que um nervosismo de costumes deliquescentes auxilia. A terceira esposa de Caillaux é um exemplo «d'essas existencias entregues á mercê das mais abominaveis paixões, de insensatos amores, de laços desatados, de divorcios sobre divorcios!»

Derrubaram-se as crenças, cuspiu-se sobre as tradições, deturpou-se o sentimento da honra e do dever. Que resta? — A browning!

Mas ao lado d'este symptoma de degenerescencia moral, surge um outro, irrecusavel, de degenerescencia politica.

Calmette morreu assassinado quando ia a fulminar, como Syveton, o cancro purulento do radicalismo francez. E esta coincidencia leva logicamente a perguntar tambem, com Mayer, que regimen é esse em que as mulheres dos ministros matam os homens que não approvam a politica ministerial!...

E ouve-se de novo das eras agitadas da Communa, a voz de Thiers prophetisando — *la Republique finit dans le sang copieusement mêlé à la boue!...*

F. V.

Notas de Hespanha

No aspecto religioso, ainda o povo hespanhol nos leva uma notavel superioridade. O livre-pensamento, o atheismo, nas suas diversas modalidades, difficilmente fazem carreira e antes perdem terreno a olhos vistos.

E' que os nucleos anti-religiosos que nos grandes centros de Madrid e Barcelona, por vezes, se revelam criminosamente, salientam-se mais pelo fanatismo e pela audacia, que pela sua importancia social. E, se a sua força é, d'um certo modo, apreciavel, pela coragem e pertinacia d'alguns dos seus mais exaltados agentes, a verdade é que elles encontram sempre, pela prôa, organisações magnificas de catholicos e de conservadores, disciplinadas e fortes, que os fazem entrar na ordem, punindo-os como merecem, e não lhes permittindo avançar, tanto no campo da propaganda, como no campo da acção.

A profissão religiosa é para o povo hespanhol um attributo indispensavel a uma vida regrada, util, e bem inspirada. Mesmo nas cidades, é raro deparar com uma familia que não cumpra, regularmente, com os deveres christãos.

Nos domingos e dias santificados, as egrejas regorgitam de fieis de todas as classes sociaes. Ha uma differença enorme entre a assistencia a uma missa n'uma cidade de Portugal, e a assistencia a uma missa n'uma cidade de Hespanha: pelo numero, pelo respeito, uncção e fervor dos assistentes.

Ao domingo, ninguem fica sem missa. E' um preceito tão necessario, como o proprio pão.

Durante todo o dia os templos se conservam abertos ao publico. De tarde, principalmente, encontram-se nas egrejas numerosos catholicos, praticando largamente os preceitos do bom e zeloso catholico.

N'esta cidade onde resido, ha para cima de 50 templos abertos ao publico e em todos elles, ao domingo, se realisam praticas e serviços do culto. O serviço é regularmente distribuido, de forma a não haver repetição na mesma área.

E assim, n'uns templos realisam-se novenas, n'outros conferencias, n'outros catechese, e n'outros ainda *Lausperennes*, etc. Todos os sabbados se publicam largamente boletins religiosos que fixam e determinam esses serviços e praticas do culto, segundo as localidades, horarios, pessoal, etc.

E, como disse, os templos são durante a tarde largamente concorridos por gente de todas as classes e cathegorias. E' admiravel a concorrencia das creanças á catechese. Os respectivos parochos, antes de principiar o ensino da doutrina, dividem-nas em grupos ou classes, segundo a edade e o adean-

BRAGA—Nas margens do rio Este
(Cliché do phot. am. sr. Manuel da Silva Isidoro.)

tamento de cada uma. A' frente de cada classe, e dispostos os grupos, em diversos logares, dentro do templo, encontra-se, um seminarista, uma zeladora, frade ou freira, que pacientemente, vão ensinando e preparando as creanças do seu grupo, passando á classe superior aquellas que se acham habilitadas no programma respectivo.

Vimos creanças de 5 e 6 annos, persignarem-se e rezarem o Padre-Nosso e a Salvé-Rainha, com uma correcção verdadeiramente encantadora...

O parocho preside a todo este serviço, percorrendo os diversos grupos, demorando aqui e além, animando, acariciando, dando pequenos premios, tratando a todos com uma familiaridade insinuante e docemente paternal. Mães e paes acompanham os filhos, assistindo de fóra ao ensino, e por certo que não deixam de, em casa, lhes rememorar a doutrina, para no domingo seguinte não fazerem fraca figura.

Tenho já presenceado processões ou cortejos religiosos, e impressionou-me o facto de ver encorporadas n'elles, personalidades distinctas do mundo official e social, envergando habitos, ou usando ao pescoço laços ou fitas com bentinhos ou medalhas pendentes, e por cima das sobre-casacas irreprehensiveis... N'esses cortejos, encorporam-se tambem frades e freiras, senhoras e creanças, atravessando as multidões respeitosas, e d'onde não sae a minima referencia desagradavel.

Um povo que assim se manifesta e comporta, é sem duvida um povo crente, fiel e disciplinado, e como tal, um povo forte, invencivel na sua phisionomia caracteristica, que é a melhor condição de nacionalidade.

E não se diga que o povo é ferrenhamente conservador, no sentido que vulgarmente se costuma dar ao termo.

N'esta cidade de Salamanca, capital da provincia e séde d'uma universidade famosa, ha muitos republicanos. E é tal a sua importancia, que, contra os partidos monarchicos, venceram aqui a eleição municipal na ultima legislatura. E é um facto que o seu numero augmenta, n'esta região, dia para dia. Devemos dizer, porém, que estes republicanos da provincia, se não parecem em nada, com os que, em geral, predominam na nossa terra.

Mas esta carta vae já longa — e o resto ficará para outro numero.

JOAQUIM SALDANHA.

LISBOA—O principe Henrique da Prussia e sua esposa a princeza Irene ao desembarcarem no Caes das Columnas onde eram aguardados pelo povo e pessoas da colonia allemã

(Cliché do nosso corresp. phot. em Lisboa)

FIGURAS DA BEIRA

XVII

Dr. Cassiano Pinto d'Oliveira

O dr. Cassiano Neves é, como o Visconde de Guedes Teixeira, uma figura de uma psychologia tão complexa e empolgante, que não póde limitar-se á simplicidade d'um perfil.

Homem dos mais illustres da minha terra, elle foi, comtudo, mais apreciado e conhecido no que chamarei a sua *personalidade* do que na sua *individualidade*— na accepção rigorosa do termo — e esta individualidade não foi, quanto a mim, brilhante, foi excepcional de brilho e valor, mal avaliada mesmo em todo o seu poder e luz.

Não occulto a difficuldade flagrante no destacar justo e perfeito de uma figura assim. A difficuldade provém tanto das linhas geraes como do significado, por assim dizer, de cada uma d'ellas, porque no dr. C. Neves não havia uma feição, um traço, uma ruga, que não accusasse uma das modalidades da sua vida psychica. Ousarei até dizer –e perdoarão os competentes— que elle era, como poucos, um organismo transparente da alma, a exterioridade physica mais constituida ao sabor do espirito do que segundo os cunhos da hereditariedade e do atavismo.

O seu corpo não era muito membrudo; era mediano. Eram pouco volumosos os seus musculos. Não tinha piethoras caudalosas nas vei s e arterias. Mais pallido do que córado, poderia parecer quasi propenso á anemia, ou, pelo menos, atacado de lymphatismo. Isto ao primeiro aspecto, quando repousava, quando ouvia os clientes, quando tomava a respiração no meio da sua faina sem treguas.

Mas, vibrado, movido pelo trabalho, pelo pensamento ou pelo sentimento — os seus trabalhos eram sempre a ideia e o amor—, aquelle corpo gigantizava-se, o braço parecia herculeo, a face illuminava-se-lhe de sangue vivo e impetuoso; como que mudava de temperamento, ou o revelava então, temperamento ardente, indomavel nos rasgos, na vontade operosa, na ancia constante de vida nova, cheia de luz e de fecundidade.

O dr. Cassiano então parecia de estatura muito alta, com um peito largo e poderoso d'onde vinham rajadas, tempestades, torrentes de calor e vigor. Os olhos, mais vivos do que grandes, reflectiam, porém, com verdade e nitidez tudo que ia dentro d'aquelle organismo, convulsionado pelo pensamento e pelo sentimento. Nem um só musculo da face, nem o sorriso, nem um gesto, offerecia qualquer expressão de duvida, mesmo que se

CELORICO DE BASTO—Vista geral

(Cliché do dist. phot. am. sr. Augusto Chaim)

FUNDÃO—Capella da Senhora da Luz

dido de confiança, timido ao pé dos que valiam muito menos do que elle.

Como crente, era devéras catholico, defendendo a Egreja, os seus Prelados, os proprios canones, como um theologo eminente, o que não o livrava de ser romanticamente liberal, chegando a admittir um curioso regalismo.

Como opportunista, era sensato, cheio de tolerancia, de capacidade expectante, o que o não impossibilitava de ter verdadeiros rasgos subitos de innovador e até iconoclasta, golpes rigidos de quem não espera pela reconsideração dos outros.

Como religioso, era naturalmente o crente, cumprindo na pratica o que lhe ensinava a fé, mas não obstava isso a que, levado por um impulso mundano, parecesse ás vezes arrastado pelas seducções terrenas, como se ellas fossem, ou podessem ser, em tão grande espirito um objectivo com primazia absoluta.

Emfim, passional talvez até á fraqueza, era um chefe de familia modelar, adoravel, commovendo-se todo só de pensar na mulher e nos filhos, quando, no meio da sua lide sem descanço, alguem lhe lembrava a companheira santa, ou os fructos tão bellos e auspiciosos do seu ardente amor conjugal.

Contradictorio, pois? Não, *humano*, verdadeiro. Se outros assim se não impõem ao espirito de analyse, é porque poucos foram tão integramente sinceros como elle, mesmo quando as circumstancias da vida lhe exigiam ou recommendavam o contrafazimento da sua indole.

FUNDÃO—Cruzeiro da Senhora da Luz

ratasse da politica, no lance mais exigente das discrições que não pódem excluir uma boa dose de fingimento. A sua figura exteriorisava integralmente a sua alma, embora a voz, as palavras, a hesitação prudente, revelassem que a conveniencia partidaria o enleava... e sabe Deus quantas vezes o não infelicitava como poucos dos seus muitos infortunios!

Vou-me abeirando talvez do paradoxo. Pois seja! Cassiano Neves era um forte dentro d'um desalentado, um sincero dentro d'um politico, incorrigivelmente conciliador, um santo dentro de um mundano. Dentro d'elle feriase, constantemente, e até cruentamente, um duello feroz como que entre dois individuos—o luctador e o pessimista, o crente e o opportunista, o religioso e o passional.

Como luctador era leal, ousado, consciencioso, o que o não impedia de ser prudente, até opportunista, muitas vezes ecceletico. Como pessimista, era ás vezes brusco, suspeitoso, impulsivo, o que não obstava a que fosse ingenuo frequentemente, can-

FUNDÃO—As lavadeiras na margem do rio Zezere

(Clichés do phot. am. sr. Bartholomeu A. Monteiro)

*

Mas vejamos a sua mentalidade. Em seu espirito, e intelligencia era tão penetrante como elevada. Era dos intelligentes que mais adivinham do que ponderam. Entendia logo que observava. E, de-

PRADO—Entrada da «Praça Commendador Souza Lima» onde se acha installado o Collegio Dublin

pois de entender a generalidade, deduzia as consequencias como que por instincto. Não analysava muito, porque generalizava depressa, mas, ao procurar a base da synthese, descobria tudo que lhe escapara á vertiginosa analyse.

Tinha uma memoria solida, mas a variedade de trabalho e canceiras dava-lhe mais á memoria um como que valor cinematographico do que altos-relevos de esculptor paciente. Comtudo, em momentos de repouso, essa memoria servia-o com abundancia, segurança e até brlho, e os homens e os factos surdiam nitidos, luminosos, vivos, na sua palavra fallada ou escripta.

Como entendia depressa, argumentava com vivacidade. Como penetrava sem esforço, desarmava com antecipação victoriosa os argumentos do adversario. Como synthetisava com brilho, interessava muito, e depressa persuadia.

PRADO—Edificio do Collegio Dublin

O que evocava, como a memoria era animada e commovida, tinha o poder dramatico da novidade e, ao mesmo tempo, da realidade.

Conclue-se facilmente o que seria o advogado —vehemencia, dialectica, rasgos imprevistos, ironia brilhante, lição substancial e concisa.

E facilmente se vê o tribuno, pois tambem o olhos—boa analyse, mas facil influencia da paixão —na malicia bondosa, embora nitida, do sorriso — dôr subjugada, piedade pelos inferiores, facil perdão, bastante delicia com o fracasso dos grotescos —e, emfim, na attitude do corpo, e cabeça levantada, como que a impôr-se... quando o que significava era a necessidade de respirar livremente no era: vigor, graça, conceito, paixão muito a bem com os enthusiasmos politicos, mas grande logica a favor dos principios, quando estes não eram esquecidos pela vibração, quasi sensual, do sentimento — se me permittem a phrase.

Emfim, logicamente se encontra o publicista e jornalista: periodos curtos, ou harmoniosamente syntheticos, critica amavel, mas com ironia penetrante, argumentos rapidos e simples, qualquer coisa d'um desabafo e d'um conselho dentro d'uma leve malicia, ás vezes.

Mas tal mentalidade foi subsidiada e até corrigida constantemente pelo coração, como este pelo caracter. Esta verdade liase-lhe no escampado da fronte com bossas harmoniosas — intelligencia, memoria, elevação, saber — na viveza humida dos

PRADO—A ponte sobre o rio Cavado

PRADO—Outro aspecto da ponte sobre o rio Cavado

no meio de tanta lide, e, ás vezes, amargura devorada com valor e, porfim, com horror.

Ora, no dr. Cassiano Neves, o coração era o seu maior amigo e o seu maior inimigo, a sua gloria e a sua tristeza, a sua virtude e a causa dos seus defeitos. Por causa do coração se contradizia

PRADO—Alumnas do collegio Dublin

PRADO—Exposição de trabalhos executados pelas alumnas do collegio Dublin

apparentemente na personalidade, e era ao coração que devia todos os progressos da sua tão grande como invulgar individualidade, naturalmente desconhecida não só pelo vulgo como por quem mais privava com o seu exterior pessoal.

JOSÉ AGOSTINHO.

Collegio Dublin

Installado, recentemente, em Prado, n'um dos melhores predios da povoação, adrede adaptado a esse fim e admiravelmente situado á margem do Cavado, n'um local sobremaneira hygienico, este collegio é destinado á educação de meninas.

PRADO — O carnaval no Collegio Dublin. Saudando os circumstantes

Sob a direcção proficiente da Ex.^ma Snr.^a D. Maria José Ogando, senhora illustradissima, a quem são familiares os mais recentes processos pedagogicos, o referido collegio veio preencher uma lacuna que ha muito, se fazia sentir n'esta villa suburbana; e do quanto será capaz a iniciativa intelligen-

PRADO—O carnaval no Collegio Dublin. A Fada da Ventura e o jogo Arc-en-ciel

(Clichés de J. Jorge Guimarães.)

te e ousada d'esta senhora, deu já eloquente testimunho um sarau litterario-musical, ha dias realisado pelas alumnas, cujo desempenho foi superior a todos os encomios, e, simultaneamente, uma exposição de lavores femininos em que nos foi dado admirar verdadeiros mimos.

Eram quadros a crayon, pintura a oleo, oriental e em alto relevo, talha em madeira, trabalhos em pyrogravura e photominiatura, flôres, tudo realisado com uma segurança de factura e um tão delicado senso esthetico que bastariam a consagrar os elevados meritos da illustre educadora.

D. Margarida Emilia Ferreira da Silva

Mercê do local entre aldeão e citadino e da competencia do pessoal docente, que é selecto e em nada inferior ao de estabelecimentos similares dos grandes centros, auguramos que ha de fructificar este emprehendimento, a todos os titulos digno de applauso e incitamento.

D. Margarida Emilia Ferreira da Silva

OOO

Na sua casa da Manta, em Cucujães, onde nascera em 12 de setembro de 1827, falleceu em 19 de fevereiro ultimo, com 86 annos de edade, a senhora D. Margarida Emilia Ferreira da Silva.

Fóra casada com Antonio Joaquim Ferreira da Silva, da proxima freguezia de S. Thiago de Riba d'Ul, e enviuvara em 24 de abril de 1869, ficando com quatro filhos, sendo o primogenito o actual professor da Faculdade de Sciencias, do Porto, conselheiro A. J. Ferreira da Silva.

Depois do fallecimento de seu marido, dedicou-se inteira e exclusivamente á educação de seus filhos e á administração meticulosa de sua casa.

Era uma senhora fervorosamente religiosa, e affligiam-na os ataques ás nossas crenças tradiccionaes e a hostilidade a Egreja em que nascera e vivera. Assim, quando em 1901 as auctoridades, sob a influencia de um falso espirito liberal, mandaram fechar uma capella annexa ao Asylo de Cegos que havia na freguezia, foi á sua influencia que se deveu a reabertura da capella, em fevereiro de 1902, facto que constituiu uma das suas maiores alegrias. Não faltou quem a denominasse — «senhora fanatisada por frades» — e adivinhasse

CUCUJÃES—Casa da Manta onde falleceu D. Margarida Emilia Ferreira da Silva

CUCUJÃES—Aspecto da povoação. Ao lado nascente a egreja matriz e ao lado direito o cemiterio

que graves inconvenientes adviriam da resolução governativa. A freguezia viu de boa sombra e com manifesto regosijo a reabertura do templo. e os inconvenientes da solução nunca ninguem deu por elles.

O illustre prelado portucalense, Exc.^{mo} Snr. D. Antonio Barroso, quando da sua excursão pastoral á diocese, tendo em grande estima as suas virtudes, honrou-a com a sua visita; e, agora que soube do seu fallecimento, celebrou, em Remelhe, por sua alma.

Os seus funeraes, realisados em 21 de fevereiro, foram muito concorridos, não obstante a inclemencia do dia, e demonstraram a muita e sincera consideração e estima em que era tida. Do Porto vieram expressamente os srs. professores Bento de Souza Carqueja e José Pereira Salgado e o sr. Fortunato Cardoso da Costa Guimarães e fizeram-se representar os snrs. professores dr. Alberto de Aguiar, da Faculdade de Medicina e dr. Antonio de Andrade Junior.

Pessoa muito respeitavel, que com ella tratara de parte, dizia: «Era, sinceramente o digo, a mais veneranda senhora que conhecia em Cucujaes».

E outra, que de tradição a apreciava, escrevia: «Deus, sempre justo e bom, deve ter já acolhido a piedosa alma da santa velhinha. Não deixou a virtuosa senhora malquerenças em ninguem; e essa é uma das suas glorias. Praticou o Bem; e a sua caridade, sem ostentação, estancou muitas lagrimas».

E estancou, de facto. Era a advogada de toda a gente desvalida da freguezia, que a ella recorria com confiança, certa que por elles se interessaria com solicito desvelo.

O *Commercio do Porto* referindo-se ao seu passamento escreve: «Descance na paz do tumulo aquella que foi a melhor das mães, pela virtude em que soube educar os seus filhos, tendo a suprema ventura de se ver rodeada de affeições e carinhos até os ultimos momentos».

CUCUJÃES — Claustros do antigo convento

VIZEU—Seminaristas de Vizeu e Coimbra que receberam ordens no dia 7 do corrente na Sé Cathedral

VIDA INTENSA

(PAGINAS D'ALÉM FRONTEIRAS)

A approximação do debate politico, que dentro de alguns dias se iniciará em Madrid, vem trazer á politica hespanhola um novo aspecto de gravidade e augmentar a incerteza amarga do futuro parlamentar. Dato tem os seus dias contados como chefe de governo e a sua resposta, — até certo ponto espirituosa, — á intimação de Weiler, não é mais do que uma affirmação ousada de desconfiança e fraqueza.

Todas as grandes figuras do partido conservador estão ao lado de Maura, que se prepara galhardamente para a lucta. As eleições excitaram os animos e accirraram os odios a tal ponto, que não ha maneira de desentroviscar o horisonte politico. O debate que se vae iniciar será o golpe de morte vibrado com firmeza, á situação actual. O ministerio vae

cahir ruidosamente e o que é curioso é que abandonará as cadeiras do poder dispondo de uma maioria disciplinada.

Entretanto não me surprehenderá que uma nova situação conservadora se apodere dos sellos do estado e consiga realisar a necessaria pacificação no seio do partido. Besada que foi o organisador do actual gabinete e que teve a habilidade necessaria de se intrometter na questão, sem ferir as susceptibilidades de Maura, será o futuro presidente do congresso, o que representa uma indicação segura para a presidencia do conselho.

Organisará um gabinete com as grandes figuras do partido que n'esta situação se retrahiram systematicamente, — alguns amigos de Dato e dará a pasta dos extrangeiros ao conde de La Mortera, o filho querido de Maura, que na discussão do tratado de Marrocos se affirmou brilhantemente um diplomata e um parlamentar.

A situação, portanto, ha-de modificar-se no futuro. Quanto ao presente, que é agitado e incerto, não lhe vejo solução. O debate parlamentar ha-de excitar mais as paixões e portanto distancear mais os homens, já sufficientemente distanceados por rreductiveis discussões mas a imprensa de Madrid, parece preoccupar-se mais com a platonica phantasia do *malagueño pan-iberista* que propriamente com a situação.

Os latinos tem sempre d'estas inconsciencias e d'estas leviandades. Nos momentos mais agitados ou mais graves da sua vida politica, deixam-se levar arrastados por phantasias irrealisaveis. *En esto*

Visconde de S. Carlos
(ultimamente fallecido no Porto)

A "Illustração Catholica" no Brazil

TAUBATÉ—Commissão das festas da Immaculada Conceição no Seminario Episcopal e Collegio Diocesano

GUIMARÃES — Infame sacrilegio

Já quasi toda a imprensa periodica se referiu ao nefando sacrilegio commettido na cidade de Guimarães por um grupo de bandidos que levaram a sua desvergonha a ponto de despedaçarem uma imagem de Jesus Christo crucificado que n'um oratorio, se encontrava exposta á veneração dos fieis.

A «Illustração Catholica» ao publicar as gravuras de tão vil sacrilegio deixa expresso o seu protesto mais vehemente por um crime que tão duramente feriu os sentimentos religiosos do bom povo vimaranense.

A imagem de Jesus Christo despedaçada

si, que somos hermanos!... como dizia pittorescamente Galdoz, referindo-se á leviandade latina.

Tambem agora, por ahi, n'esse grave momento, que uma cordealidade perfida não disfarça inteiramente, ha boas alminhas de Deus que se perdem em phantasias e illusões. A doutrina de Maurrás, parece que infelizmente vae ter repercursão em Portugal. Digo infelizmente, porque a *Action Française* com o seu anti-parlamentarismo e o seu *Rei-presidente*, é inadaptavel á nossa tradição e aos nos-

A inscripção deixada pelos que commetteram o attentado sacrilego

A FESTA ESCOLAR

GEREZ — Aspecto da festa escolar

sos interesses. A nossa politica futura ha-de girar em moldes bem differentes das theorias de Maurrás. Quando se produzir a necessaria transformação salvadora da sociedade portugueza, que eu não posso nem devo esclarecer nas colunmas platonicas d'esta revista, não se tratará—Deus louvado — de copiar doutrinas, que boas ou más, para nada nos servem, mas muito s implesmente reatar e manter as normas tradicionaes que representam a vontade do paiz.

Querer impor ideias anti-parlamentaristas a um estado constitucional que feliz progrediu e viveu dentro do constitucionalismo é cortar a tradição e contrariar a vontade collectiva. A formula parlamentar, para nós, tem vantagens, porque está nos nossos interesses e, repito, está na nossa tradição.

Tem defeitos o parlamentarismo? Tem, mas faceis de modificar e de corrigir. A politica pessoal que desgraçadamente se sobrepoz—nos ultimos annos da monarchia — á politica dos principios desvirtuou a acção parlamentar como o chamado engrandecimento do poder real, que fechou no Terreiro do Paço as energias nacionaes, viciou e deturpou a sua expressão politica, mas esses defeitos e esses erros não são tão grandes, tão irreductiveis, que o possam incompatibilisar com a nação. Os erros dos homens poderiam ter desvirtuado a sua acção mas não a podem inutilisar como expressão admiravel de liberdade.

O povo portuguez tem a tradição parlamentar. Os Reis, com todo o seu divino poder de eleitos de Deus, jámais ponderam — mesmo nos tempos mais ferozes do absolutismo — imporem-se inteiramente á nação. O que são, afinal, os tres estados ou as cortes historicas de Lamego, senão uma balbuciação infantil de parlamentarismo? As doutrinas de Maurrás serão magnificas para os francezes mas não servem para nós. Embora pese aos apostolos da *Action Française*, Maurrás traduzido, não servirá mais — no nosso paiz—do que para dividir e separar homens.

Muito ha ainda que dizer, e ao assumpto hei-de voltar na primeira opportunidade. Por hoje, convençam-se, a tal acção é inutil. é dispensavel, com as suas deias e os seus homens, porque no momento doloroso que atravessamos. Portugal não precisa de doutrinas nem de acções mais ou menos philosophicas, precisa muito simplesmente d'homens de acção...

José de Faria Machado.

GEREZ—Promotores da festa escolar

(Clichés do phot. snr. Francisco Gomes Marques.)

PORTO—Um grupo de creanças cantando na festa escolar

PORTO—Creanças que tomaram parte no cortejo

PORTO—Um dos carros ornamentados para o cortejo da festa escolar

(Clichés de J. d'Azevedo phot. da «Ill. Cath.»)

VIZELLA -- Margens do rio

(Cliché do phot. am. sr. Francisco Alves)

PROPRIETARIO
Joaquim Antonio Pereira Villela.
DIRECTOR
Dr. Francisco de Sousa Gomes Velloso.
EDITOR
Antonio José de Carvalho.
ADMINISTRADOR
Clemente de Campos A. Peixoto.

Illustração Catholica
Revista litteraria semanal de informação graphica
Redacção, administração e typographia
83, R. dos Martyres da Republica, 91
BRAGA

CONDIÇÕES D'ASSIGNATURA
(PAGAMENTO ADEANTADO)

Portugal e colonias (1 anno) . .	2$400
» » (6 mezes) .	1$200
» » (3 mezes) .	600

A' cobrança feita pelo correio e pelo cobrador, accresce o importe das despezas.

Estrangeiro (1 anno)	3$000
» (6 mezes)	1$500
Numero avulso	60

Numero 40 Braga, 4 de abril de 1914 **Anno 1**

ILLUSTRAÇÃO CATHOLICA

Revista litteraria semanal de informação graphica

Proprietario, Joaquim A. Pereira Villela. Director, Dr. F. de Sousa Gomes Velloso

EDITOR Antonio José de Carvalho.

ADMINISTRADOR Clemente de Campos A. Peixoto.

Braga, 4 de abril de 1914

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E TYPOGRAPHIA
83, R. dos Martyres da Republica, 91
Não se restituem os originaes

Numero 40—Anno I

S. JERONYMO

Esculptura em madeira existente na capella de Infias

(Cliché do dist. phot. am. sr. João San Romão)

Chronica da semana

XL

ENTRE vendavaes, taciturna e desgrenhada,
a primavera rompe a custo
o plumbeo véo,
como a custo o rompia a lua de Londres que fez as nostalgias de João de Lemos..,

Comprazem-se os nossos olhos em seguir o reverdecer dos copados, e a nossos ouvidos vem chegando o murmurio ascensional das seivas, estuantes e fecundas. Mas os aguaceiros succedem-se em rajadas, fustigando as vidraças, os tons crassos e turbidos dos ceus esmagam-nos e opprimem-nos, e se a momentos o gazear de alguma ave nos accorda do melancholico pezadello d'estes dias e erguemos para o ar a vista, interrogando, vêmo-la fugir acossada, errante, d'umas para outras nuvens, pobre vagabunda desilludida...

Os nossos lavradores, não vendo sol no eirado, miram os horisontes, abanando as cabeçorras, o olhar vago e disperso, e, por fim, teem o gesto cançado dos desalentados:

—«Raio de tempo! Torto cá em baixo, torto lá em cima!»

Esta philosophia simplista do povo traduz com fidelidade o estado do tempo e o estado dos costumes, que nem já podemos, a respeito dê uns e outros, exclamar como o velho bardo romantico:—*os bons dias tornam*.

A anarchia revolucionaria começa de revelar os seus perniciosos effeitos. O ministro da guerra declara que temos um exercito de figurinos, sem material, sem unidade, sem aquelle espirito guerreiro que em fremitos de vingança, faz estremecer nas raizes, os sentimentos e as ideias patrioticas,—isto ao cabo de mirabolantes reformas sem plano que as gazetas apontavam como produzindo dentro em breve, o levantamento em massa d'um exercito de 600:000 homens...

Por seu turno o ministro do fomento descreve no parlamento um cortejo de tres mil operarios com fome e sem trabalho, isto ao fim de leis sociaes decretadas como salvaterio infallivel do problema economico que nos aterra...

E como se tudo não bastasse para completar o quadro negro das esperanças decahidas—as folhas d'outomno da politica—n'uma hora fatal, o *superavit* exhala o derradeiro suspiro a dentro dos cofres publicos, esmagado sob o pezo de novos creditos extraordinarios! A vigilancia, a declaração infame dos esbirros volta a collear pelas ruas e pelos logares de reunião, na peúgada dos exilados que a amnistia trouxe á terra patria. O sr. Affonso Costa vê por terra a sua obra de expedientes financeiros, receando não vá por deante a estatua de prata promettida pelo seu estrénuo admirador do Porto. Os picarescos conservadores republicanos entoam de novo a aria das balas misturadas a agua raz. E—digno remate de tão estupenda obra!—Cunha e Costa adhere á monarchia!...

O chronista toma largo folego ao acabar de annunciar esta serie impressionante de acontecimentos, e os nossos lavradores, não vendo sol no eirado, miram os horizontes poalhados de nevoas pardacentas, como uma cortina de mysterio velando o futuro, e, por fim, teem o gesto cançado de todos os amargurados de desalento:—«Raio de tempo! Torto cá em baixo, torto lá em cima!»

F. V.

Desejo santo!...

(Ao meu presado amigo *Higgs*)

Sobre o teu seio, oh! mãe immaculada,
Dona da graça, luz do meu olhar:
Quizera suavemente reclinar
A minha face em lagrimas banhada.

E enlevado na voz abençoada
D'esses anjos que habitam no teu lar...
Quizera um puro beijo collocar
Em tua mão bemdita e perfumada!

Então, nas niveas azas d'esse beijo,
Mais púdico e subtil que o meu desejo,
Mais terno e calido que os prantos meus:

Quizera, alegre, em sonhos de jasmim,
Evolar-me comtigo, p'ra o jardim
Do filho teu! do meu supremo Deus!

Lisboa, Março de 1914.

JOAQUIM MARQUES MENDES.

(Do livro em preparação «Acerba Dor»)

SONETO
A Mulher

Vi-a cantar, em fulgida manhã,
—Linda creança de feições maguadas—
A adormecer bonecas amuadas
Com ingenuos cuidados de mamã.

Depois, cresceu. Formosa castellã,
De olhar doirado pelas alvoradas,
Viu a seus pés mil almas torturadas,
Qual deusa alyntiga, ompica, pagã.

E teve o culto que uma deusa tem.
Mas as rosas entraram de murchar
E a luz do seu olhar murchou tambem.

Ora, ha pouco, n'uma noite de luar
Tal qual a vi creança, vi-a mãe
Embalando as bonecas... do seu lar!

Porto—Collegio Almeida Garret

P. DONACIANO D'A. FREIRE.

Serões eruditos

VII

Aventuras do alphabeto

4.º

VEREMOS n'outro serão que as lettras do alphabeto correram fados varios quando exerceram as funcções de numeros. Hoje quero entreter os leitores com uma das aventuras mais sympathicas das lettras. Refiro-me ao papel que desempenham em mathematica, *substituindo* os numeros. Seria curioso historiar as origens da algebra, mas isso levar-me-hia para muito longe dos modestos limites impostos a estes serões.

Sabido é que as damas procuram sempre occultar a sua edade, sobretudo se é já avançadita. Todos sabem aquella resposta do juiz, que tendo perguntado a uma senhora, no tribunal, quantos annos tinha, e vendo que ella tardava em responder, exclamou: Senhora, não aggrave a sua situação!...

Ora certo dia encontraram-se n'um baile duas senhoras, por signal que novas, e uma d'ellas perguntou á outra:—Quantos annos tem?

A outra, que apesar de nova não queria revelar a edade, respondeu:—Ora! Eu devo ter tres vezes a edade que Vocencia tinha quando eu tinha a edade que Vocencia tem! Ora Vocencia que edade tem?

—Eu—respondeu a outra, que provavelmente não percebeu o intrincado problema — não sei ao certo. Mas quando Vocencia tiver a edade que eu tenho, a somma das nossas duas edades excederá de 40 annos a edade que Vocencia tem!

Puzeram-se as duas a matutar, dando tratos aos aos leques e ás cabeças, e ás 4 horas da manhã, á sahida do baile, ainda não tinham achado a edade uma da outra. Mas um cavalheiro algebrista já tinha resolvido o problema... Como? Muito simplesmente: substituindo a edade d'uma por x, a da outra por y, e atirando para o baile das equações algebricas com as duas sympathicas lettras. E assim achou que uma das damas tinha 16 e a outra 24 annos. Com effeito: a que tinha 24 annos tinha tres vezes a edade que a outra tinha (8 annos) quando ella tinha a edade actual da outra, isto é oito annos antes, aos 16. E quando a que tem 16 annos tiver a edade da outra 24, esta terá 32, e a somma das duas—24 mais 32—será 56 annos, que vem a ser 40 annos mais, além da edade da que tem 16.

Isto, agora que está resolvido parece simples. Mas se a leitora quizer experimentar, dê o problema para resolver a uma das suas amigas, e verá como ella é muito capaz de envelhecer deveras sem atinar com a solução. Ao passo que o algebrista achou as duas incognitas em 5 minutos, escrevendo n'uma mortalha de cigarro esta sarabanda de lettras e numeros.

PORTO—Collegio dos Orphãos. Altar do Senhor Jesus, o 1.º da esquerda da capella de N. Senhora das Graças

(Cliché do dist. phot. am. sr. Augusto Chaim)

Agarrou no *x* e:

$$x=3\ [y-(x-y)];\ x=3(y-x+y)$$
$$x=6y-3\ x;\ x+3\ x=6y;\ 4\ x=6y;$$
$$x=\frac{6\ y}{4};\ x=\frac{3\ y}{2}$$

E depois agarrou no *y* e marcou est'outra quadrilha:

$$y+40=x+(x\text{-}y)+y+(x\text{-}y);$$
$$y+40=x+x+x-y;\ y+40=3\ x-y;$$
$$2\ y+40=$$

aventura das lettras, era facil resolver o problema, aqui lhe proponho outro, sem dar a solução:

Em 1897 havia decorrido desde a morte de Newton o dobro do tempo que este sabio viveu. Ora Newton tinha 8 annos quando morreu Descartes. Se este ultimo tivesse morrido 14 annos mais tarde, teria vivido oito decimas partes da edade que viveu Newton. Por ultimo, 23 annos depos da morte de Newton completava-se um seculo desde a morte de Descartes. Terá a minha joven leitora a bondade de me dizer em que annos nasceram e

VIZELLA—Cascalheira

e aqui deixou o *x* e seguiu na dança com o seu valor já achado:

$$2\ y+40=3\ (\tfrac{3}{2}y);\ 2\ y+40=\tfrac{9}{2}y;$$
$$2\ y-\tfrac{9}{2}y=-40;\ \tfrac{4}{2}y-\tfrac{9}{2}y=-40-\tfrac{5}{2}y$$
$$=-40;\ \tfrac{5}{2}y=40;\ 5\ y=80;\ y=\tfrac{80}{5}=16$$

E portanto, sendo, como já tinha achado

$$x=\tfrac{3}{2}y,\ \text{era:}\ x=\tfrac{3\times 16}{2}=24$$

Ora eu, que andava de lapis jornalistico bisbilhoteando no baile, ouvi dizer ao algebrista que, para profissionaes, nem eram precisas tantas passagens. Elles jogam com as lettras nas equações como as damas com a bola do *tennis*, mandando-as e remandando-as, com destreza assombrosa, de um para outro lado da rêde, que é como quem diz do signal de egualdade.

Como póde ser que alguma das leitoras, mais presumida, cuide que mesmo sem esta sympathica

morreram aquelles dois grandes mathematicos?

Desde já a advirto, antes de passar a outro serão, sobre aventuras, d'outro genero, das lettras do alphabeto, que se não tiver Espirito Santo de orelha, e quizer decifrar o problema sem ellas, quando m'o mandar resolvido corre risco de já não encontrar marido...

A não ser que tenha muito bom dote.

ARTHUR BIVAR.

Até á morte

ENTRE todas as vitellas da manada era a favorita do soberbo animal. Era uma novilha morena, estrellada de branco na cabeça, malha que parecia imprimir-lhe o signal visivel da intelligencia. Nos seus mo-

vimentos vagarosos e languidos, quasi meigos e suggestivos como passo de mulher, o pêllo dos vigorosos flancos reverberava lindos reflexos sob as cambiantes de luz.

Ora reverberava o tenue azul das fontes da montanha, de cujo seio assoma a espaços, e sorri, um pallido rosto de olhos extranhos, talvez o rosto da nympha que alli vive occulta ha tantos annos, desde que o homem se tornou sabio de mais para crêr nos mythos da poesia. Ora era a sombra verde e serena dos bosques profundos, que suggere tão viva ao pensamento a ideia das musgosas cavernas em cujo perfumado mysterio moços e rouxinoes fallam de amor. Ora era, emfim, a lucilação candida e scintillante das cascatas, de cuja queda vertiginosa se esparge sobre as fragas, os seixaes e as florestas um explendor de sonho.

Nos seus grandes olhos glaucos, tão limpidos na ausencia absoluta de pensamento, passava de vez em quando um raio de luz cerulea, acaso a larva d'uma ideia, e desapparecia subitamente, não sem deixar na physionomia uma expressão particular de sagacidade e reflexão.

Era bella a novilha, e sabia-o, talvez. Ha na propria materia bruta certa consciencia da propria belleza, como se o sentimento typico do bello lhe fosse infundido ao mesmo tempo que a forma. Assim, flôr ha que apenas deixa emergir das hervas a corolla melancholica e pobre; certos animaes preferem rojar-se no pó a revelar ao sol a sua deformidade. E' justo que tambem haja o bem e o mal na sublime compensação da esthetica, mas que o mal tenha pelo menos a percepção da sua fealdade.

O soberbo animal amava-a. Nos seus olhos crueis, onde coruscava em sinistros fulgores o instincto sanguinario da féra, que jamais a educação ou a força lograriam domar, havia sempre para ella o raio d'um sorriso intimo e terno, assim como as flôres, os arroios, as plantas, deante da deusa Venus que, sob qualquer forma—meigo rosto de mulher, alvôr de astro ou agil figura de féra –passa enre as plantas, as margens dos arroios ou o aroma das flôres, se inclinam commovidos e murmuram: «Ei-la, adoremos, é a Belleza!»

Ao sahir de manhã da malhada, era a ella a quem primeiro convidava, com um acêno, para os pascigos da olorosa mangerona; e junto ao pequeno lago, verde e escuro sob a sombra irrequieta dos pinheiros lariços, punha-se ao pé d'ella, espelhando nas aguas transparentes, ao lado da bella estampa da bezerra, a sua, poderosa, de movimentos felinos, em que não faltava á força uma certa graça selvagem. E era um grupo esculptorio, do qual emanava a voluptuosidade acre do amor brutal, do amor simples e irresistivel como a força de de attracção, aquelle que não raciocina, que se não discute, que é venerando e terrivel, que existe em tudo, nos homens e nas cousas, como travejamento secreto da natureza: era, digo, um grupo esculptural: a novilha, inclinada casquivanamente, derriçando hervas e flôres; o touro, em pé, ali perto, em attitude altiva de sultão, contemplando entre as odaliscas do

VIZELLA—Ponte nova e entrada do Parque

VIZELLA—Um aspecto do rio

VIZELLA—Lago do Parque (Clichés do phot. am. sr. F. Alves)

seu pacifico harem a bella favorita morena, estrellada de branco na frente.

Se é certo que o acercar-se da desgraça semelha o da procella, e, como ella, se sente no ar, o touro havia de certo presentido n'aquelle dia a mysteriosa ameaça. Permanecera muito tempo longe da pastagem, junto d'uma cascata, da qual espiravam em chuva scintillante em continua milhões de pérolas que o sol irizava em seus raios brancos; de narinas dilatadas, olhos tôrvos, d'aquella profunda inquietação instinctiva que, não perturbada por fallazes raciocinios, não combatida por illusorias esperanças, é tão infallivel como a certeza, parecia farejar no ar, na agua, na vizinha matta, o perigo occulto.

As cousas que existem e saboreiam a inconsciente voluptuosidade da vida na plenitude do vigor, não podem acercar-se ao termo sem que antes uma secreta revolta, um arcano terror, lhes sacuda as fibras mais intimas. Parece-me que a flôr deve sentir no caule gracil o frio da foice antes de lhe haver visto brilhar o relampago entre as hervas.

Os boieiros, como a inquietação do touro ia crescendo, temeram a explosão d'alguma d'aquellas espantosas coleras de semelhantes animaes, meio selvagens meio domesticados, coleras que semelham o rebentar d'um vendaval. Rodearam-no cautelosamente, ligando-o com uma forte corrente a um carvalho. O touro não oppôz resistencia: cedeu, baixando um pouco o focinho tôrvo, e ficou, como pensativo. Comprehendia talvez que não devia esperdiçar as forças antes do tempo.

Anoiteceu. A pouco e pouco, pelo mais bello luar que se póde conceber, as vaccas foram cedendo ao somno. Ouvia-se a sua respiração regular e poderosa, diffundindo-se no amplo bosque, levan-

VIANNA DO CASTELLO—Imagem de S. José
(Que se venera na egreja de S. Domingos)

Devotas que offereceram o estandarte de S. José

Mgr. José Maria de Barros, *natural de Braga e saudoso parocho da freguezia da Monserrate, fallecido em 21 de dezembro de 1901 e instituidor d'um legado para no dia de S. José, annualmente, se realisar na egreja parochial de S. Domingos a ceremonia da 1.ª communhão das creanças.*

Grupo de creanças da freguezia de Monserrate, que receberam a 1.ª communhão, no dia de S. José, na parochial egreja de S. Domingos (Cliché cedido pelo sr. Prior de Monserrate)

VILLA NOVA DE CERVEIRA

De repente percorreu o bosque um fremito, que se propagou de planta em planta, parecendo apressar o curso dos regatos: um fremito de terror e espanto, que iad'uma cousa a outra, como se todas, estremecendo e apertando-se, repetissem: Eis o inimigo! Os cães estacaram. Erriçava-lhes os caracoes das brancas jubas um ligeiro estremecimento de espanto; fariscavam ao longe, para os lados do pinhal, como se quizessem aspirar algo

V. N. DE CERVEIRA—Rua Queiroz Ribeiro

do a toda a parte, com uma suave e forte impressão de paz, a sonora harmonia d'aquelle bello somno tranquillo que jámais um sonho, uma ancia, uma recordação poderiam perturbar. Apenas os dois cães de guarda, tambem inquietos, repetiam a ronda vigilante, cada um por seu lado, parando um instante quando se encontravam e fitando-se bem nos olhos, como se dissessem: Então, nada de novo?

V. N. DE CERVEIRA—Largo de S. Cypriano

ignoto, uma arcana ameaça.

O touro, que se deitara, ergeu-se com um relampago de fogo nas pupillas glaucas. Começava talvez a perceber. E de repente pareceu abrir-se o bosque; uma massa negra, grande, informe, da qual despediam raios dois olhos chammejantes, appareceu e precipitou-se para a manada com um bramido avido de fome e prazer. E logo se ouviu um urro de angustiaq uasi humana, um mugido de terror que se apagou n'um ronquido, diffundindo-se em roda; e o echo despertado das cavernas repercutiu muito longe aquelle rouco som doloroso. Debruçado sobre o ventre aberto da bella novilha morena, estrellada de branco na testa, o urso immergia-lhe nas

V. N. DE CERVEIRA—Hospital

ladrando, saltaram na fera, demasiado forte para os temer. Mas o touro, preso ao carvalho, reconhecera o mugido da favorita: deu um salto, um puxão e a cadeia de ferro, que dez homens não teriam estalado, rebentou como fio de lã.

O urso, ao rumor semelhante ao aproximar da procella, sentindo que chegava o forte, preparou-se

V. N. DE CERVEIRA—Altar-mór da egreja Matriz

V. N. DE CERVEIRA—A habitação do sr. José da Costa Pereira, em Loivo

visceras o focinho e os dentes, sorvendo a longos haustos aquelle sangue morno e virgem, inebriando-se d'aquella carne fresca e saborosa, perfumada de mangerona, com um bramido prolongado e contido de voluptuosidade, da voluptuosidade do odio que tanto semelha á do amor. As vaccas, loucas de terror, agitavam-se mugindo, emquanto do outro lado do cerrado rebentava a furia tempestuosa dos cães que, d'um salto,

para o embate; e quando o touro chegou, baixando a fronte das hastes formidaveis, saltou-lhe em cima, cravando-lhe as garras no espinhaço, que se partiu com um estalejar horrendo de ossos. O touro permaneceu immovel um instante, quasi saboreando a aguda voluptuosidade do espasmo: depois, com um impulso que nenhuma palavra poderia descrever, atirou ao chão o inimigo, lançando-se a elle, calcando-lhe o ventre com as patas poderosas, lacerando-lhe o peito, o pescoço, a testa, com um furor que as garras e os dentes da féra enlouquecida só excitaram ainda mais. E quando o urso, reduzido a uma massa repellente de carne pisada e sanguinolenta, pareceu alargar a gonilha com que as suas patas cingiam o pescoço vigoroso do adversario, o touro enterrou-lhe os paus nas visceras, saccudiu-o no ar como trouxa de trapos e recebendo-o de novo nas armas cravou-o contra o tronco d'uma arvore.

Da garganta rasgada do urso sahia, entre golfadas de baba sanguinea, um mugido lento, terrivel, não já de colera, mas de dôr suprema, que a pouco e pouco enrouqueceu perdendo-se n'um estertor, depois n'um gemido, n'um suspiro, debil e timido, como o ultimo aboquejo d'um moribundo.

V. N. DE CERVEIRA—Entrada do Castello

Mais tarde, quando o touro que com o sangue ia tambem perdendo a vida, tentou retirar-se, o outro cahiu-lhe em cima com o peso dos corpos inanimados; e o touro, n'um accesso renovado de furor, voltou mais impetuoso ao assalto, recravou-lhe no ventre os chifres ponteagudos, pregando-o de novo no tronco ensanguentado; e isto duas, tres vezes ainda, até que, como se tomasse uma resolução definitiva arqueou, com esforço desesperado o dorso flexivel, e ficou.

De manhã, quando os boieiros ousaram approximar-se, ambos, o urso e o touro, estavam frios; o primeiro com a bocca immunda de baba e sangue, os olhos exorbitados, mais temeroso, mais repellente, mais apavorante n'aquella horrivel distensão dos membros; o outro, firme ainda, as pernas que a morte podera inteiriçar mas não dobrar, com o lucido dorso que parecia partir-se sob o esforço persistente, com os flancos proeminentes e os musculos que pareciam ainda fremir. E mais além perto, a novilha morena, jazia sobre um flanco; com os grandes olhos semicerrados, nos quaes uma lagrima, a ultima, crystallisara; conservava ainda na morte o que quer que fosse da sua graciosa belleza; mas no pêllo tornado opaco passava a luz sem accender os seus vagos reflexos; as morbidas coxas, os flancos, o dorso flexuoso, iam-se relaxando n'uma inercia que annunciava o desapparecimento do suave espirito gaio que os animara.

O touro enamorado não tornaria a seguila, a primeira entre todas, aos pastos da olorosa mangerona, nem tornaria ella a ver, ao lado da sua galharda estampa, reflectida a d'ella, airosa e gentil no olho crystallino do lago...

E comtudo fôra-lhe benevolo o destino, porque é suave o morrer n'uma bella noite de luar quando, as plantas e o ar se enviam murmurosas harmo-

V. N. DE CERVEIRA—Loivo. Outro aspecto da casa do sr. Costa Pereira

V. N. DE CERVEIRA—Loivo. A sala de jantar da casa do sr. Costa Pereira

LISBOA—Monsenhor Carlos Alberto Martins do Rego, *antigo secretario da Camara Ecclesiastica e actualmente Conego da Sé Patriarchal, chanceller do Patriarchado, Prior da Pena e presidente do Circulo Catholico da Immaculada Conceição.*

nias, e vibra em todo o sêr o gozo da vida, ao unisono com o gozo são do amor. Suave é o morrer na plenitude da força e da belleza, quando a lima do tempo, que deixa nas cousas o seu vestigio corrosivo, ainda não tem desgastado tudo: força e belleza...

E do grupo commovedor e horrendo emanava mais uma vez o acre perfume da paixão, odio ou amor que fosse: era a profunda verdade do direito, cuja consciencia está infundida nas cousas como primeira lei natural; e, por sobre tudo, a verdade, egualmente profunda e solemne da morte, pela qual vencidos e vencedores, os que tiveram razão e os que a não tiveram, se unem n'um mesmo amplexo glacial, amplexo indissoluvel em que cessam de existir razão ou sem razão, e em que a materia volta á boa paz, sem rancores, do nada.

No alto, o sol sorria na sua gloria impassivel. As mattas, alegremente reverdecidas, repetim a canção dos arroios de prata, dos ninhos escondidos, das folhas rumorejantes, por cima de tudo o que passa hymnejando áquelle eterno principio de vida, que tem na morte o seu termo, é certo, mas tambem a sua nascente.

FRANCISCA LAFFRANCHINI.

FIGURAS DA BEIRA

XVIII

Dr. Cassiano Neves

II

O coração do dr. C. Neves pedia-lhe, acima de tudo, a fraternidade. Todo elle era a familia e a sociedade. Anhelava a paz, a ordem, a sinceridade n'uma convivencia de perfeição utópica, perdoando todos os erros, absolvendo todas as fraquezas em nome da ventura que o amor dá principalmente aos que amando, fazem felizes e livres os outros.

Mas tambem era exigente. Exigia lealdade, devoção e pura justiça. Pretendia que o amigo sentisse a sós tudo que lhe exteriorisava no convivio. Não queria uma só ruga, uma só reticencia, uma só intolerancia contra si.

Este coração ia mais além: reclamava a mesma lealdade a favor da intelligencia inherente, a favor do caracter. O dr. C. Neves reputava dentro de si impeccavelmente solidarios e eguaes o entendimento, o sentimento e a vontade.

Quem lhe ferisse, portanto, a intelligencia ou o caracter, feria-lhe profundamente o coração que pa-

A "Illustração Catholica„ no Brazil

S. PAULO—Grupo de creanças e catechistas que tomaram parte na procissão realisada no dia da Immaculada Conceição, em Torrinha, diocese de S. Carlos, onde actualmente é vigario o padre portuguez Luiz Augusto da Costa Veiga

recia accudir sempre, melindroso e ingenuo, ao primeiro golpe vibrado á alma. E, ferido o coração, as demais faculdades ficavam-lhe em logar secundario, temporariamente, sim — porque o bom-senso, o dever, a verdade impeccavel, sempre triumphavam, e

Diniz Salgado, fundador da «Nova escola de dança no Porto»

porque o coração era adoravelmente propenso a perdoar — mas dando entrada facil ou a um pessimismo rispido, ou a um desalento profundo, ou a actos interluctantes e nocivos da vontade. Affluiam então os pequenos defeitos d'aquella radiosa individualidade. Havia passageiramente ouvidos para as más suggestões, duvidas, quasi injustiças, crises em que Cassiano Neves era a principal e atormentada victima. Póde ser que mesmo com colera exteriorisasse a sua dôr, ás vezes, mas a vivacidade do movimento, parecendo excessiva então com os outros, apenas provava que o feria muito a elle, e tanto

PENAFIEL—Collegio de Nossa Senhora do Carmo

que depressa onde se vira um lampejo de hostilidade ou magua, estava nitido, a offerecer-se generosamente, o olvido, um como que remorso pela demasiada susceptibilidade, uma resignação perfeita com a maior injustiça.

Mas o que deve dar boa luz sobre a sua vontade, o seu caracter, é o seguinte facto, verificado indiscutivelmente em toda a sua vida: quando trabalhava pelos outros, era certo e brilhante o seu exito, se-

PENAFIEL—Edificio da Juventude Catholica

guro o caminho que tomava, directos e arrojados os processos; trabalhando em beneficio de si proprio, vacillava, deixava-se empolgar por duvidas e escrupulos, raras vezes triumphava.

Isto prova ainda a grandeza do seu coração e como o coração por vezes lhe prejudicava, afinal, o poder da grande mentalidade e da extraordinaria força volitiva que tinha, quando livre e rigido, o que só lhe succedia ao tratar dos outros.

Isto explica por ventura porque é que este verdadeiro homem illustre era um forte e parecia, em lances até simples, um pusillamine, era um infatigavel trabalhador e em certas occasiões dava mostras de não ver a realidade singela e evidente.

O vulgo chamava-lhe talvez romantico. Os egoistas chamavam-lhe ingenuo. Não faltou quem o calumniasse de mal dissimulado ambicioso. Acertaram os ultimos. O dr. Cassiano Neves era ambicioso do bem de todos, dos seus proprios inimigos, aos quaes só pedia que o deixassem lidar honestamente pelos interesses legitimos da santa esposa e dos filhos queridos. Outras ambições não teve o illustre advogado, publicista e professor, homem que, chegando a ter como o incontestado chefe da politica local, nem sequer pensou em ser deputado, quanto mais em qualquer sinecura que a politica do seu tempo concedia quasi com tão escandalosa facilidade como hoje.

N'estes traços geraes fica, sincera e irreductivel, toda a minha humilde consciencia. Quasi criança quando o dr. Cassiano vivia e resplandescia, eu fui seu amigo com devoção e gratidão. Assignalou-me elle generosamente por ter eu escripto umas palavras commovidas sobre o tumulo, aberto de subito, do Visconde de Guedes Teixeira. Foi no tempo em que o dr. José de Alpoim teve em Lamego um prestigio devido essencialmente ao dr. Cassiano, seu generoso e incondicional amigo. O dr. Rozeira, prudente e vacillante, oscillava. O dr. Cassiano determinou-o, furtando assim ao conselheiro José de Azevedo Castello Branco o apoio do velho Deão, o apoio politico que, mais tarde ou mais cedo, daria ao seu antigo discipulo e sempre amigo entranhado. José de Alpoim correspondeu com dedicação ao seu correligionario, não ha duvida, embora n'essa dedicação houvesse constantemente o predominio das conveniencias politicas. Mas ah! ignorou sempre — talvez hoje o saiba — os sacrificios heroicos que o dr. Cassiano padecia, a assombrosa lucta d'aquelle grande espirito em conciliações dignas, mas cheias de surprezas e sobresaltos, as noites de vigilias e desalentos passados a applacar animosidades e intrigas, a serenar descontentamentos, a explicar até

PENAFIEL — Associação Commercial e estação telegraphica

PENAFIEL — Praça Municipal

(Clichés no phot. am. sr. Braz Ferreira de Souza)

o silencio do seu politico dilecto ás cartas e reclamações da mais perfeita justiça. Ignorou muito tempo o dr. José de Alpoim, tão jogado depois pelos acontecimentos e afinal tão illudido ainda por um romantismo liberal que morre de anemia e impotencia, ignorou muito tempo que, melhor do que viver em Lisboa, assignalando-se parlamentar e jornalista de eleição ao lado do conselheiro José Luciano, melhor até do que conhecer a finura talentosa de Marianno de Carvalho e a energia luminosa de Emygdio Navarro, lhe teria sido voltar a Lamego onde fôra administrador do concelho, e retemperar-se na fé e verdade de homens como o dr. Cassiano, com defeitos, como todos nós, mas incapaz de invejas politicas ou litterarias, prudente mas sincero, liberal mas, ao menos, disciplinadamente religioso, e emfim ensinando, como ninguem, na sua devoção pelo bem commum e até pelos amigos que podiam

O cortejo ao chegar ao Largo de S. Domingos

parecer mais ingratos, como se póde e deve fazer a verdadeira, a unica politica deveras fecunda para os homens e para as nacionalidades.

Pois emfim amigo do dr. Cassiano Neves, quando elle era assim um mestre que, por signal, os grandes politicos talvez julgassem apenas um *Rodrigo da Fonseca da provincia*. Houve um regenerador pançudo que o classificou tal. E comtudo, politico por dilettantismo como eu então era, e sem ambições nenhumas que me envergonhassem, eu notei sempre, sem o desmentido d'um gesto, e muito menos d'um facto, que o dr. Cassiano, amando os homens em destaque, amava principalmente a sua terra para a qual esperava d'elles beneficios que o

O cortejo desfilando em frente á C. Municipal

VIANNA DO CASTELLO-A festa escolar

A organisação do cortejo na rua Candido Reis

commoviam até ás lagrimas, quando n'elles pensava, quando lhe parecia vel-os dotando a velha Lamego, reduzida pelo novo regimen a uma aldeia triste, com uma linha ferrea, um quartel-general, uma séde de districto...

Que enternecidas confidencias elle me fazia, a mim, tão criança ainda, tão impulsivo e despreoccupado, mas tão devedor á sua bondade de favores e estima, que, ao ouvil-o, ganhava a sisudez dos velhos, vivia a realidade, aprendia, sentia... chorava até as primeiras lagrimas da juventude!

Quantas paginas de verdade e sentimento que espero escrever um dia, desvaliosas em tudo, mas cheias de sinceridade e profundo ensinamento!

Um aspecto do cortejo no Campo d'Agonia

(Clichés do phot. am. sr. Domingos Roriz)

Pois, apezar d'isso, ou por isso mesmo, eu não occulto nenhuma das manchas d'aquella grande figura.

Devo esta rudeza á paz da minha consciencia.

Devo-a ao meu tempo e á minha fé. O meu tempo é de hypocrisias, intrigas e invejas. Cumpre dizer a boa verdade para desarmar a seducção da mentira. A minha fé impõe-me a sinceridade e o desdem pelos respeitos humanos.

Devo, emfim, a mesma rudeza ao culto que voto ás cinzas do grande extincto. O dr. Cassiano Neves — tenho a certeza — applaude-me do seu tumulo a

franqueza austera que com elle aprendi, e que Deus permitte brotar-me da alma tanto como justa homenagem como em guisa de serena justiça.

JOSÉ AGOSTINHO.

Vida Colonial

1. ANGOLA — Humpata. Costumes boers. No acampamento preparando o almoço.

2. Humpata — Costumes boers. Carreira de tiro e corridas.

3. Humpata — Costumes boers. As senhoras assistindo a um exercicio na carreira de tiro.

(Clichés do phot. am. sr. Telles Grilo)

NOTAS DO ESTRANGEIRO

BERLIM—A morte do Cardeal Jorge Koop. O cortejo funebre atravessando as ruas da cidade

Cardeal Jorge Koop

José Caillaux

Gastão Calmette, *Director do* Figaro, *assassinado por M.me Caillaux*

M.me Caillaux

Conselheiro José Fernando de Souza
(Nemo)

(Engenheiro distinctissimo de indiscutida auctoridade, nosso primeiro apologeta, catholico fervorosissimo)

PROPRIETARIO
Joaquim Antonio Pereira Villela.
DIRECTOR
Dr. Francisco de Sousa Gomes Velloso.
EDITOR
Antonio José de Carvalho.
ADMINISTRADOR
Clemente de Campos A. Peixoto.

Illustração Catholica
Revista litteraria semanal de informação graphica
Redacção, administração e typographia
83, R. dos Martyres da Republica, 91
BRAGA

CONDIÇÕES D'ASSIGNATURA
(PAGAMENTO ADEANTADO)

Portugal e colonias (1 anno) . .	2$400
» » (6 mezes) .	1$200
» » (3 mezes) .	600

A' cobrança feita pelo correio e pelo cobrador, accresce o importe das despezas.

Estrangeiro (1 anno)	3$000
» (6 mezes)	1$500
Numero avulso	60

Numero 41 Braga, 11 de abril de 1914 **Anno 1**

ILLUSTRAÇÃO CATHOLICA

Revista litteraria semanal de informação graphica

Proprietario, Joaquim A. Pereira Villela. Director, Dr. F. de Sousa Gomes Velloso

EDITOR
Antonio José de Carvalho.

ADMINISTRADOR
Clemente de Campos A. Peixoto.

Braga, 11 de abril de 1914

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E TYPOGRAPHIA
83, R. dos Martyres da Republica, 91
Não se restituem os originaes

Numero 41—Anno I

CHRISTUS VINCIT. CHRISTUS REGNAT. CHRISTUS IMPERAT.

JESUS COROADO DE ESPINHOS

(Cliché do dist. phot. am. sr. João Sau Romão)

Reproducção de um desenho, a carvão, de Domingos Antonio de Sequeira

Chronica da semana

XLI

ABRIU agora a *Republica* um inquerito intitulado: *Qual é o mais bello livro?* e já obteve resposta d'alguns escriptores contemporaneos. Um numero d'esse jornal que temos á nossa frente publica o parecer do sr. João Bonança, escriptor e professor, que sem rebuço e sem receio de escandalo, declara que o mais bello livro de ha 30 annos para cá, é nem mais nem menos do que a sua *Historia da Iberia*, entre varias razões porque n'ella mostrou as façanhas da raça lusitana, vingando-a de detracções affrontosas, e porque a opinião da nossa illustrissima critica saudou o apparecimento da referida *Historia* como a melhor obra de todo o seculo XIX. Estes dois ponderosos motivos auctorisaram o sr. João Bonança a atirar para as ortigas com a modestia, que fica bem a toda a gente, e a apresentar-se martyr do esquecimento ingratissimo d'este seculo XX, que teve a infelicidade de não assistir ao sensacional acontecimento da publicação do livro do mesmo senhor.

Temos a vaga recordação de que o sr. Bonança já saracoteou no proscenio da politica os primeiros regamboleios de chefe de partido, e, sendo assim, não é muito de espantar o desassombrado arreganho com que alcandora o seu livro nos cumes deslumbrantes da gloria immorredoira, visto como hoje, em Portugal, os homens grandes accodem em tropel, estendendo para a turba extatica uma certidão de genios em primeira mão, incubados durante o tenebroso periodo da dominação tyrannisante, inquisitorial, fradesca e ominosa do regimen desfallecido em 5 d'outubro nos alentados e felpudos braços do sr. Teixeira de Souza...

O sr. Affonso Costa, não podendo, por um simplicissimo acaso, declarar-se fundador da nacionalidade, reputa-se o maior estadista do paiz; o sr. Brito Camacho arvora-se em scintillante pensador, arbitro argucissimo dos destinos portuguezes, mesmo sem licença da Providencia divina; o sr. Antonio José d'Almeida, não aspirando a homem d'Estado, avança de palmito e capella, symbolo de toda a Virtude e prodigio da tribuna; o sr. Machado dos Santos enxerta parentesco na arvore genealogica de João Pinto Ribeiro e olha cá de baixo, por não poder olhar do alto, a *estatua de Affonso d'Albuquerque*; o sr. Bernardino Machado suspende na palma da mão todo o futuro da Europa, impõe á ignorancia crassa do seu paiz adoptivo um novo criterio de imparcialidade que consiste em dar pancada para ambos os lados, e ameça o imperador da Russia com a publicação dos telegrammas de parabens pelo seu anniversario, que recebeu d'uns sujeitos do Rio; e *ainsi de suite*, como nos folhetins do *Matin*...

Habituados, pois, a estes casos typicos de hypertrophia, não temos razão de nos irritarmos com o sr. Bonança. O inquerito da *Republica* presta, sob este ponto de vista, um altissimo serviço aos psychologos que se deem paciencia de nos esmiuçar as parvoices.

Todavia, por outro lado, o inquerito nada trará de util nem de interessante, vindo a ter o mesmo destino que um outro acêrca da sublimidade da lei de separação, em que ao lado do dr. Pinto Coelho appareceram o sr. Grainha, uma professora primaria, e depois um sr. operario Lucas apontoando varias considerações pittorescas.

Escolher um *bello livro* é das preoccupações mais difficeis, se nós não *especialisarmos* a belleza a que nos referirmos. Bello porquê e em quê?

Na escripta, nas ideias, em prosa, em verso, na encadernação, na impressão typographica? Ninguem sabe. E assim foi que o dr. Eduardo de Sousa opinou que era *bello livro* um simples trecho da *Velhice do Padre Eterno*, e a maior parte dos inquiridos afina pelo mesmo tom elogioso apenas no campo litterario, n'uma pequena escala que vae do *Só*, de Antonio Nobre, á *Paixão de Maria do Céo*, de Carlos Malheiro Dias.

Dando, porém, como assente a belleza no terreno litterario, as opiniões emittidas accusam ainda uma educação intellectual curiosa, e de todas ellas fica apenas a conclusão de que, mesmo na litteratura, não se procurou o mais puro mas o de maior effeito. As obras indicadas são na verdade perfeitissimas nos seus generos, excepto a do sr. Bonança, porque a não conhecemos, infelizmente. Mas, antes do *Só* não ha nada mais bello? E os nossos classicos, e Vieira, e Camões, e Sá de Miranda, e Bernardim, e Gil Vicente, e Bernardes, e Rodrigues Lobo, e A. de Macedo, e Bocage, e Camillo, e tantos outros?

Estas defficiencias não revelam falta de gosto artistico, mostram apenas uma perversão *rafinée* do mesmo gosto. Busca-se a impressão de momento, não a perfeição que perdura e fica como um modêlo. Procura-se uma simples excitação de sensibilidade, não a consoladora paz das obras que o tempo não derruba e que encerram, para nós, os verdadeiros reflexos da pujante intelligencia do homem.

E' uma questão de temperamento e de educação, mas na qual reside a explicação bem dolorosa de vivermos n'um paiz descebrado e desorientado, que, na politica, na arte e na religião, transviou da sua linha tradiccional. E quando tal acontece, não ha receio de se fallar em decadencia.

F. V.

Serões eruditos

VIII

Aventuras do alphabeto

5.º

AS lettras do alphabeto tiveram tambem as suas aventuras financeiras!

Nenhum leitor que se preze desconhece o valor de certas lettras na chamada numeração romana ; mas creio que poucos sabem que muitas outras lettras do alphabeto, que não teem valor n'essa numeração o tiveram n'outras. Vamos, pois, n'este serão passar uma revista ao valor de cada uma d'ellas.

O *A*, que hoje não empregamos na numeração romana, teve n'ella o valor de 500, hoje representado pelo *D*, e com uma linha horizontal sobreposta valia 5:000. E entre os gregos valia... a unidade, com uma virgula ou apostrophe sobreposta, e com o mesmo signal infraposto valia 1:000.

O *B*, para os gregos e hebreus, valia 2, e para os latinos 300 com um traço ou til sobreposto e 3:000 com o til por baixo. O *C*, na numeração romana vale 100, e com um til sobreposto 100:000, e depois d'um X vale 90. Os gregos, sobrepondo-lhe ou subpondo-lhe a virgula davam-lhe respectivamente o valor de 3 e 3:000 (ao *gamma*, é claro, porque o c não existia no alphabeto grego).

O *D*, com um I anteposto e mais elevado, valia 1:000 entre os romanos e com o traço sobreposto 5:000, e entre os gregos, com a costumada virgula, 4 e 4:000. O *E* (é psilón) na Grecia, segundo a posição do apostrophe, 5 e 5:000; mais tarde, quando foi introduzido o *é* longo, ou *eta*, este valeu 8 e 8:000. O *F*, na edade media equivalia a 40 e com um traço horizontal por baixo a 40:000. Quanto ao G, encontro n'um diccionario hespanhol, que foi lettra usada com o valor de 400, e com um traço por baixo, de 4:000. O mesmo traz Domingos Vieira mas nem um nem outro dizem onde teve o G esses valores.

O *H*, coitado, que nos alphabetos latinos e neo-latinos representa tambem o *eta* grego, valia entre os romanos 200, e sob um traço horizontal 200:000. Esta desventurada lettra baixou de tanta opulencia á miseria de não valer nada, ou peor, de equivaler a *nada*... em italiano. Os italianos, não contentes com terem desterrado impiedosamente o *h* da sua lingua, conservaram-lhe apenas o nome *ácca* nas expressões *non valere un'acca, non capire un'acca: não valer um h, não perceber um h*: quer dizer: *nada!* O *I* tambem empobreceu; na antiga numeração romana valia 100 e na moderna 1. Para se vingar do proximo, quando topa adeante de si outra lettra mais rica, rouba-lhe uma unidade; assim X valle 10 e IX: nove. O *J*, que eu saiba, nunca teve cotação na bolsa,

A oração no Horto *(Quadro de Nicolo Pussino)*

70:000; entre os romanos 11 e com uma linha por cima 11:000. E quanto a tempo, era entre os antigos emblema da eternidade, por não ter principio nem fim. Nos calendarios do anno republicano francez representava o 8.º dia da década; posto um travessão de nordeste a sudueste entre dois *oo* passam estes a representar 100: 25 °/₀ vinte e cinco por cento...

O *P*, na antiga numeração romaa valia 400 ou 400:000 infraposta a um traço horizontal; entre os gregos, segundo a accentuação 80 e 80:000. Nos bancos significa *protestada*, lettra protestada, o que é muito menos agradavel que encontra-la, com um g, n'uma conta: *pg*. paga! O *Q*. valeu entre os romanos 500, e abrigado por um traço horizontal 500:000. O *R* grego, segundo o costume, valia 100 ou 100:000. Nos exames, em Portugal, não vale grande coisa, como inicial de reprovação e *rapoza*... O *S* (signa) na Grecia valia 200 ou 200000, e não deve confundir-se com o outro signal de sigma, chamado *sti* em grego, que valia 6 a 6:000.

O T, já foi abreviatura de 160 e, com um traço por cima, de 160.000. O *U*, propriamente, nunca teve, que eu saiba, valor numeral; mas como elle corresponde ao *y*

Ecce Homo
(*Quadro de Correggio*)

por motivos que levariam muito tempo a explicar aqui.

O *K*, diz Domingos Vieira, n'alguns antigos escriptores significava 250 e com uma linha horizontal por cima valia 250:CCO. O L, nas mesmas condições, designa 50 e 50:CCO. — Tomo aqui uma pitada, para responder a uma senhora, chamada Laura, leitora da *Illustração Catholica*, zeladora do bom nome da lettra L, da qual eu disse n'um dos serões que tem uma chronica escandalosa. Pois minha rica senhora ficam-lhe muito bem esses sentimentos, mas creia que fez mal em sahir á estacada para defender a reputação da inicial do seu lindo nome. Desde já lhe prometto que serei indulgente para com as fraquezas das outras lettras, que emfim, são mulheres... Mas hei-de pôr a calva á mostra a essa desavergonhada *L*, que tem escandalisado toda a gente, não só em Portugal, mas tambem em Hespanha, França, Italia, etc. Verá, verá.

O felizardo *M*, valia e vale na numeração romana 1:0CO e montada n'um traço vale 1 milhão! Em grego, 40 com apostrophe em cima, 40:000 com apostrophe em baixo, e subposta a outras lettras numeraes indicava as centenas de milhar. O *N*, na Edade Media, segundo uns autores, valeu 90, segundo outros 9CO, e com um traço em cima 90:000 ou 900:000.

O *O*, que hoje representa um zero, valia entre os gregos 70, e com a virgula infraposta

Mater Dolorosa (*Quadro de Murillo*)

grego *(é psilon)*, valia lá, como sempre, 400 ou 400:000 e já não era barro! O *V*, que lhe correspondia em Roma, vale 5 ou 5:000 com um traço por cima. O *X*, é a lettra mais feliz, porque não só valia em Roma 10, e com um traço por cima 10:000, mas mesmo na cama tinha valor; quer dizer: deitado valia 100. E hoje, em problemas, o X vale tudo o que a gente quizer... Quem portanto mais se lhe aproxima é o *Z*, que como numeral valeu 2:000, e á sombra d'um traço 2 milhões...— que era o que o leitor queria agora, depois d'esta estafadorissima excursão financeira.

Pois não me queira mal, que se o assumpto era arido, não é culpa minha e no proximo serão recompensarei a sua paciencia. E para terminar e o consolar, dir-lhe-hei que se eu quizesse teria levado mais longe esta espiolhação, sahindo dos ambitos latinos, gregos e phenicios. Assim, em arabe, o *elif*, equivalente ao e (no arabe, já o dissemos, não ha propriamente vogaes) vale hoje *1*, o *B*, (ba) 2; o *T*, (ta) 400, o *Ts* (tsa) 500, o *Dj* (djim) 3, o *H* (h'a) 8, o *Kh'* (kh'a) 600, o *D* (dal) 4, o *Dz* (dzal) 700, o *R* (ra) 200, o *Z* (zaim), o *T'* (ta') 9 etc,, pois ha bem 26 letras com valores numeraes!... E mais lhe digo que a respeito da maneira de contar e exprimir os numeros, dos outros povos, muito teremos que conversar ainda, e então saberá o leitor coisas mirabolantes...

ARTHUR BIVAR.

LONDRES— Ceremonia inaugural da Festa de Dickens, realisada na sala da Camara de Ealing, pelo rei D. Manuel e rainha Augusta Victoria.

(ao centro D. Manuel e D. Augusta ladeados pelo presidente da Camara de Ealing e Sir William Treloar)

Primeira apparição de uma noiva real em publico

OOO

A Rainha Augusta Victoria fez uma excellente impressão, no Salão Victoria, de Ealing, na ultima semana, quando ella procedeu á abertura da Festa de Dickens a favor do Asylo dos Entrevados de Alton. A Rainha, que está de luto pelo fallecimento de sua avó, vestia uma charmeuse preta, com longo casaco de pelle escura, e ostentava um elegante chapeu preto com pennas brancas.

Miss Ivy Hawkesley, segunda neta de Charles Dickens, offertou a sua Magestade um formoso bouquet.

A Rainha Augusta Victoria, com bella voz, e na mais pura e cuidada phrase ingleza, declarou aberta a solemnidade, e desejou á fête o maximo exito.

O Rei Manuel, que a acompanhava, percorreu todas as installações com sua regia esposa e realisou muitas compras.

(Extrahido do importante jornal de modas *«Lady's Pictorial»*).

VIDA INTENSA

(PAGINAS D'ALÉM FRONTEIRAS)

A questão irlandeza do **home rule,** aggravada agora, com a attitude hostil dos protestantes e dos inglezes, parece assumir um aspecto inquietante. As pretenções dos *homerulistas* sinceramente appoiadas pela maior parte dos conservadores, callam tão profundamente na convicção irlandeza que, se por infelicidade não são satisfeitas, a Irlanda irá até ao fim. Depois da greve monstro dos mineiros, dos constantes e perigosos desmandos das *suffragettes* ousadas, a Inglaterra está a braços com um novo perigo, uma nova desgraça: a guerra civil.

A agitação é enorme e aquella calma disciplinada e fria, que realisava a felicidade politica dos inglezes, parece, que por encanto, se transformou n'uma irascibilidade perigosa. Odios velhos, profundos, reaccenderam-se de momento e com tal intensidade, que não ha calma ou ardil que possa apagar o brasido intenso das aspirações recalcadas...

A Inglaterra atravessa um momento perigosissimo, tanto mais, que uma das caracteristicas da lucta que vae desenrollar-se é evidentemente o odio religioso, aquelle que mais cega e mais exalta. Os protestantes querem dominar, impôr principios e leis, aos catholicos irlandezes que são a maioria e que são portanto a fôrça. Ninguem pode prever as consequencias do conflicto... sob o seu ponto de vista interno e muito menos se poderá avaliar, até que ponto, no campo internacional, o facto pode constituir uma horrorosa ameaça.

Declarada a guerra, a Inglaterra que não dispõe d'um grande exercito, terá evidentemente que distrahir algumas das guarnições dos seus barcos e ficará portanto, com varios dos seus monstros immobilisados, nos seus portos militares, não sendo d'extranhar, porque em politica, infelizmente, tudo se justifica, que *alguem* aproveite d'essa momentanea fraqueza, não para um golpe bellico, que seria impossivel n'esta quadra revolta da paz armada, mas para impôr á orgulhosa Gran-Bretanha, transigencias e concessões, que não poderá recusar na sua situação tão critica.

Tenho esperanças de que o governo, que agora obteve uma grande votação, ha-de saber dominar-se e animado do mais alto patriotismo, resolverá essa gravissima questão. E' que ninguem pode, d'animo leve, prever até onde chegará a irritação, o desespero da Irlanda, ferida no que tem de mais sagrada: as suas crenças e o seu destino politico.

LISBOA — Trasladação dos restos mortaes de S. M. a rainha de Inglaterra Dona Catharina de Bragança para o Pantheon

LISBOA — A' sahida da egreja das Chagas depois d'uma conferencia Quaresmal do eminente orador sagrado P. Fernandes de Castro

(Cliché do phot. am. sr. Pedro Sotto-Mayor)

LISBOA—O funeral de Ramiro Pinto, que foi morto á porta do Gymnasio no dia do espectaculo de caridade em beneficio dos amnistiados politicos pobres. O cortejo funebre a caminho do cemiterio.

E já que hoje lhes fallo só de coisas internacionaes nada alegres, nada consoladoras, porque o destino assim quer, não posso deixar de dizer-lhes que me enche d'amargura e de incerteza tambem o convenio commercial firmado, ha dias, entre a Hespanha e a Italia. Depois do fracasso ruidoso das negociações do tratado de commercio entre os gabinetes de Lisboa e Madrid, este facto constitue uma seria ameaça para os nossos interesses, tanto mais, que os productos favorecidos pelo novo convenio são precisamente aquelles, que constituem a base da nossa exportação para o reino visinho.

A cordealidade arrasta-nos a esta melindrosa situação. Depois d'outubro de 910 a republica levou-nos para o isolamento politico no

LISBOA—Outro aspecto do cortejo funebre.

(Clichés do nosso corresp. phot. de Lisboa.)

campo internacional, como agora mais preoccupada com o formigar dos seus adeptos e as suas luctas intestinas nos arrasta inconsciente para o isolamento economico.

O que tem feito afinal a chancellaria demagogica no sentido d'estreitar as nossas relações commerciaes com os outros paizes? E' certo, que a imprensa, logo a seguir á revolução, reclamou, cantou pela tuba da fama, a diplomacia vermelha, que negociara o accordo com a França, que o pobre na sua cegueira facciosa ou no seu impudor profissional, atirava ao mundo, como beneficio do novo regimen. Mas nem isso foi obra sua. A Monarchia deixara-lhe já o accordo negociado, como lhe deixara tambem assignados e firmados convenções e tratados, que constituiam a garantia dos nossos interesses e que são o mais insuspeito testemunho, da habilissima politica internacional dos ultimos annos, que Portugal viveu feliz e considerado, no conceito das nações, graças á intelligencia d'um grande Rei e d'um grande desventurado...

Desde então, todos os Bismarks republicanos, tem-nos collocado n'esta triste situação de isolamento que só verdadeiramente sente quem anda cá por fóra a ver com verdadeira magua

RIO TINTO--A festa a S. Bento

A egreja onde se festejou S. Bento

Por motivo da extincção da cultual realisou-se este anno na parochial egreja de Rio Tinto a festividade a S. Bento que teve uma concorrencia deveras consideravel.

RIO TINTO — Um aspecto da romaria

como nos julgam e como nos consideram, nos centros europeus.

Triumphos diplomaticos, embora peze á cordealidade perfida do actual Presidente do Conselho, só actualmente conheço dois:—a demolição do monumento de Camões e o facto alegre, das *habitués* equivocas do *Luna-Park*, terem batido, ha noites, perante o Paris das emoções e das pandegas o fado nacional.

Valha-nos ao menos isso...

JOSÉ DE FARIA MACHADO.

Perdido!

DE Saint-Malo a Paimpol, ou melhor, em toda a costa bretã, raro se vira marinheiro melhor, mais delicado que João Maria Le Gouelen. Os velhos lobos do mar apontavam aos novos a superioridade de João Maria, confirmando-a. Era novo: vinte sete annos apenas, e comtudo as auctoridades nunca hesitaram em lhe confiar o governo d'um salvavidas.

RIO TINTO—A compra da louça

(Clichés de J. d'Azevedo phot. da «Ill. Cath».)

O pae de João Maria, valente marinheiro,

BRAGA == A festa dos Passos em Crespos

A procissão sahindo da egreja parochial

Devido aos esforços de Mgr. Manuel Joaquim Arantes, zelosissimo parocho de Crespos, realisou-se domingo da Paixão, n'aquella freguezia, uma imponentissima procissão dos Passos.

A concorrencia de fieis foi extraordinaria indo de Braga muitas familias assistir áquella festa religiosa.

tambem morrera, annos antes, em noite de borrasca, que lhe despedaçou o barco nos rochedos de Kermor. João Maria ficou só com a mãe, e bem que lograssem certo confôrto, porque era feliz na pesca e possuia uma das melhores chalupas dos arredores, João Maria entrou de se enfastiar.

Com os annos veiu-lhe o desejo de crear familia, de perpetuar a raça dos Gouelen, pescadores intrepidos, de coração de bronze e musculos de aço. Pouco depois boquejava-se que João Maria casava em breve com a Ivonne, uma rapariga de Paimpol. Os proprios invejosos, que sempre os ha, não podiam deixar de admirar a escolha. Nunca se vira par mais ajustado, assim no physico como no moral. Perdurou em Paimpol o echo da bôda d'estes dois mancebos, geralmente estimados.

Prestes augmentou a felicidade do casal o nascimento d'uma pequenita, e, embora o pae tivesse preferido um filho, continuou reinando no lar a mesma atmosphera de tranquillidade feliz.

Uma noite, noite bem funesta, desencadeou-se de improviso uma terrivel tempestade. O mar, perfido e mau, embraveceu. Fogo do ceu e ondas pareciam querer abraçar-se n'um amplexo destruidor. Na manhã seguinte a praia estava juncada de destroços revessados pelo mar.

Precisamente na vespera embarcara João Maria na chalupa, para uma campanha no alto mar, resistindo aos rogos e supplicas da mulher e da filha. Conhecem, com certeza, a pesca de arrasto, de que vivem tantos marinheiros francezes nas costas da Mancha. O arrasto é uma rêde sólida e immensa, immergida por meio de pesos a grande profundidade. Um bom arrasto pode custar uns cem mil reis. A chalupa é um barco, solido e resistente, capaz de aguentar o mar, por furioso que esteja.

João Maria, desde que possuia a chalupa, via-se muitas vezes obrigado pelo mau tempo, a bolinar na costa antes de entrar no porto. Mas

CRESPOS — O encontro

CRESPOS — Um aspecto da procissão

CRESPOS — O andor do Senhor dos Passos

CRESPOS — O andor da Virgem

tempestade como aquella nunca elle vira. Ivorne não pregou olhos em toda a noite. De madrugada desceu á praia, a ver se entre os destroços havia algum da *Esperança*. Explorado tudo bem, e convencida de que se enganara, voltou a casa onde Joanninha, a pequenita, dormia confiada á guarda d'uma vizinha.

Vinha mais animada. João Maria, apanhado pelo vento no mar, voltaria decerto á tarde ou no dia seguinte. Mas voltaria, com certe-

CRESPOS — O rev. parocho conduzindo sob o pallio o Santo Lenho

LEÇA DO BALIO -- A procissão dos Passos

O povo esperando a sahida da procissão

za... Não se chamava *Esperança* a chalupa?

Ah, a *Esperança* não voltou! Esperou em vão todo o dia, e o seguinte, e todos os outros; em vão os olhos de Ivonne, queimados pela febre e pelas lagrimas, procuraram no horizonte a vela bem conhecida. Nada apparecia que semelhasse a *Esperança!*

Impossivel conservar a menor illusão: a chalupa perdêra-se no mar, despedaçada pela tempestade contra algum rochedo ou revessada á praia, longe, muito longe... Ivonne, perdidas as esperanças, vestiu luto, consagrando-se toda á educação da filha, muito nova ainda para avaliar a perda enorme que acabava de soffrer.

A viuva, em pequena, aprendera a costurar. Entregou-se ao trabalho, a ver se encontrava lenitivo, á dôr, ao desespêro que a invadira dêsde aquelle transe imprevisto.

Rodaram annos. Ivonne, viuva aos vinte, ia chegando aos trinta; a educação de Joanninha estava concluida. A pouco e pouco, o tempo foi suavizando a dôr profunda, e o veu do esquecimento foi cahindo sobre o marinheiro per-

Os estandartes que iam à frente da procissão

Um grupo de raparigas aguardando a passagem de procissão

dido. Decerto a recordação do marido perdurava gravada no coração da viuva; mas os contornos da querida imagem foram-se esbatendo com o tempo, ennevoando-se lentamente, até desapparecer de todo.

Chegou um dia em que um raio de felicidade subiu do coração ao rosto da joven viuva. Foi quando um vizinho, da guarda fiscal, um bello moço, lhe deu a entender que seria muito feliz unindo o seu destino ao d'ella. O primeiro impulso de Ivonne foi recusar. Não jurara ella consagrar toda a sua vida á memoria do morto

Andor do Senhor dos Passos

e á educação de Joanninha? Mas a ideia de tornar a casar foi penetrando como gôtta em rocha, senão o cerebro, pelo menos o coração da viuva.

Até que, vencida na lucta interior, a mão de Ivonne pousou um dia na do valente e garboso rapaz. Consentiu. Pouco depois casaram, sem ruido nem festa. E na pequenina vivenda onde reinara tanto tempo a tristeza, raiou nova

Andor da Virgem da Soledade

aurora de felicidade. Até Joanninha, encantada com a bondade do padrasto, não tardou em fazê-lo quinhoeiro da affeição que guardara para o desapparecido.

(Continúa)

A. DE ROCQUE.

Fastos do Catholicismo

Monumento a Palestrina

Sabem que a Egreja é accusada, intransigentemente, de anti-esthetica, de retrograda e de outras coisas mais.

Uma prova do contrario acaba de nos dar Sua Santidade. Na cidade em que nasceu Palestrina, vae-se erigir uma estatua, em honra do grande mestre da musica classica, do eminente contrapontista, creador da polyphonia sagrada, gloria, por isso, do Catholicismo cujo culto tanto embellezou com os altissimos recursos da sua arte.

A Commissão encarregada de levar a effeito essa consagração recebeu de Sua Santidade, para as despezas que é necessario fazer, a quantia de umas mil liras, (quatro centos mil reis).

Um aspecto da procissão

O Pallio sob o qual é conduzido o Santo Lenho

(Clichés de J. d'Azevedo phot. da «Ill. Cath»).

LISBOA—Tribunal marcial. O conselho de guerra que julgou o general sr. Fausto Guedes, capitão de mar e guerra Gomes Andrea e o tenente Lobo Pimentel, accusados de terem tomado parte nos acontecimentos de 27 de Abril

(Cliché do nosso corresp. phot. de Lisboa)

No Instituto Biblico

Para remedear o grande mal da preversão do sentido do Sagrado Texto, que alguns criticos se atreviam a fazer, especialmente os philosophos modernistas, os modernistas exegetas, creou Pio X em Roma um Instituto Biblico Pontificio, que muitos trabalhos de investigação escripturistica tem feito já.

Entre esses deve citar-se as proposições analysadas e duvidas resolvidas acerca dos Evangelhos, e de outros livros; e, n'outra ordem de trabalhos a dissertação que no dia 1 d'este mez leu n'esse Instituto o rev. P. Lino Murillo, jesuita hespanhol, teve por thema: «As pretensas phases, no pensamento, ou concepção doutrinal, paulina.»

BRAGA--A visita do snr. Ministro da Justiça

1—Aspecto geral da «gare» da estação do caminho de ferro por occasião da manifestação feita ao snr. dr. Manuel Monteiro, ministro da justiça e deputados drs. Domingos Pereira e Joaquim de Oliveira.

2—O cortejo seguindo pela rua do Côrvo em direcção á Camara Municipal.

Este estudo que reconhece em S. Paulo unidade de pensamento, foi uma bella conferencia exegetica, que com razão captivou a attenção do egregio auditorio que unanimemente encheu de elogios e felicitações o sabio dissertante.

Um archipelago convertido ao catholicismo

O archipelago de Tuamotu, situado a Este de Tahiti comprehende umas oitenta ilhas que apenas se elevam sete ou oito metros acima do nivel das aguas. Vistas de longe parecem deliciosos oasis de verdura no meio das aguas do oceano, ainda que realmente constituem escolhos perigosissimos que os homens mais experimentados receiam. Apezar d'isso os missionarios do S. Coração conseguiram lá penetrar. Uma das ilhas merece especial menção; chama-se Hereheretol. Foram dois homens fugidos de um presidio que lhes levaram a fé. Conseguiram escapar á vigilancia dos seus carcereiros e n'uma fragil barquinha se entregaram á mercê das ondas. Vogaram mais de 600 milhas, sem mais alimento do que um pouco de côco. Extenuados chegaram ao archipelago, onde reinava o paganismo.

Os recem-chegados não levavam comsigo riquezas nem thesouros nem sciencia que constitue o orgulho do mundo civilisado, mas melhor do que isso levavam a sciencia das sciencias, que é o conhecimento do verdadeiro Deus.

Na pequena povoação ainda submersa nas superstições idolatras fizeram conhecer, amar e servir a Jesus Christo. Ensinaram aos seus hospedes as orações e o pouco cathecismo que sabiam, conseguindo desthronar os idolos, e fazer d'aquelle povo uma pequena christandade «de desejo», á espera de que viesse um missionario regenera-la com o santo baptismo como afortunadamente não tardou muito em succeder.

Os missionarios do Sagrado Coração continuaram a sua obra de evangelisação, extendendo-a a todo o archipelago.

R. C.

BRAGA—O snr. dr. Manuel Monteiro, ministro da justiça á janella da carruagem, despedindo-se dos seus amigos

BRAGA—Partida do comboio que conduziu ao Porto o sr. dr. Manuel Monteiro, vendo-se na rectaguarda o deputado snr. dr. Domingos Pereira despedindo-se dos seus correligionarios

NOTAS DO ESTRANGEIRO

HESPANHA—S. Sebastião. Morte de um aviador
O aeroplano depois da queda

O aviador Hanouille

MADRID—D. Gabriel Maura + com os seus amigos e correligionarios depois de ter realisado uma conferencia no Centro Maurista

Frederico Mistral

(Genial poeta catholico da Provença e inspirado auctor do poema *Mireya*)

PROPRIETARIO
Joaquim Antonio Pereira Villela.
DIRECTOR
Dr. Francisco de Sousa Gomes Velloso.
EDITOR
Antonio José de Carvalho.
ADMINISTRADOR
Clemente de Campos A. Peixoto.

Illustração Catholica
Revista litteraria semanal de informação graphica
Redacção, administração e typographia
83, R. dos Martyres da Republica, 91
BRAGA

CONDIÇÕES D'ASSIGNATURA
(PAGAMENTO ADEANTADO)

Portugal e colonias (1 anno) . .	2$400
» » (6 mezes) .	1$200
» » (3 mezes) .	600
A' cobrança feita pelo correio e pelo cobrador, accresce o importe das despezas.	
Estrangeiro (1 anno)	3$000
» (6 mezes)	1$500
Numero avulso	60

Numero 42 Braga, 18 de abril de 1914 **Anno 1**

ILLUSTRAÇÃO CATHOLICA

Revista litteraria semanal de informação graphica

CHRISTUS VINCIT. CHRISTUS REGNAT. CHRISTUS IMPERAT.

Proprietario, Joaquim A. Pereira Villela. Director, Dr. F. de Sousa Gomes Velloso

EDITOR Antonio José de Carvalho. ADMINISTRADOR Clemente de Campos A. Peixoto.

Braga, 18 de abril de 1914 | REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E TYPOGRAPHIA *83, R. dos Martyres da Republica, 91* Não se restituem os originaes | Numero 42—Anno I

BRAGA—Egreja dos Congregados. O altar-mór e o da Virgem das Dôres por occasião da ultima festividade

Chronica da semana

XLII

ooo

ALLELUIA! Que melhor, mais cheia de vida, mais vibrante saudação poderia imaginar o chronista para endereçar aos seus leitores? Alleluia! Palavra irmã da alegria dos corações, brado que d'elles nasce, sonoro e forte como o sol d'estas manhãs fragantes d'abril! Palavra que traduz o florido dos copados e o embrechado sem egual dos campos, tão meigo aos olhos, que repercute o melodioso trilo das aves, voando á luz azougante, na tonteria da sua estovanada inquietação de jubilo!

E quem mais claramente o sente e comprehende do que nós, christãos e catholicos, que vestimos o luto da Egreja nas commemorações dolorosas e plangentes do sacrificio redemptor do Homem Deus, que meditamos na atrocidade que O crucifica no Calvario, a sublimidade do Seu amor divino,—e que na hora salvadora em que as lages do sepulchro se estilhaçam e retroa pelos seculos em fóra o grito triumphal da Resurreição, o ouvimos extaticos, como se uma nova era de paz reflorisse, fazendo reflorir tambem a natureza?... Parece que a primavera se torna mais jocunda e mais garrida, que o jubilo dos corações tem seu echo no jubilo das coisas, e contemplamos, firmes nas convicções que brotaram dos nossos berços de infancia, a trajectoria fulgurante da Egreja de Christo no plaino intermino da historia!

E' esta a gravissima constatação que fazem intimamente aquelles que abraçam a Cruz com um fervor de filhos, e beijam a nudez de seus braços como um thesoiro magnificente de glorias, de amor e de esperança!

Que importa que o céo da patria se enevôe, se na alma dos seus filhos a religião depoz o irrefragavel germen d'uma luminosa resurreição futura?...

Ha dias, no salão da Associação dos Estudantes do Porto, por occasião da visita do ministro da instrucção, um individuo teve a triste coragem de affirmar que o christianismo perverteu a indole da nossa raça, introduzindo n'ella—pasmae ó gentes! — a flacida morbidez das religiões orientaes! Custa a acreditar em tamanha ousadia, embora sejam conhecidos os pruridos renovadores de certos emphaticos cultores de lettras que a si mesmos se apregoam como a floração mais bella da alma da nossa raça, baptisada com titulos estramboticos, e apresentam como seu philosopho poderosissimo, cheio de ideias novas, um cidadão que cerziu a seguinte curiosa definição: — *a transcendencia vertigica é a transcendencia do galope, exaltada até á volatilisição das proprias ferraduras.*

Muitos dos leitores não penetrarão a sabedoria de tal phrase, mas isto não obsta a que a patria espere de tal gente a renascença salutar e redemptora... Ahi por 1892, Fialho d'Almeida escreveu nos *Gatos* umas palavras candentes, que accodem a talho de foice:

«... São uns rapazinhos joviaes e bem portados, com a digestão facil, a alegria prompta e o coração sujeito a um tic-tac de que nenhuma commoção violenta altera o rythmo. A sua historia pergressa dá-lhes um socego de vida e uma benignidade de educação e leituras, que de fórma alguma predispõem á nevropathia seus encephalos d'adolescentes. Isto se reconhece na maneira methodica com que elles fazem já, sendo tão novos, suas edições d'obras completas, no ideal de conforto burguez forrado a papel, que todos teem da vida civica, na fórma correcta de vestir e d'apartar o cabello, e até na calculada artificiosidade com que aos vinte annos (a edade das grandes fomes de Verlaine e das vagabundagens de Rimbaut atravez de todos os acasos da bohemia mendicante das velhas cidades da França e d'Allemanha) elles buscam para propalar seus nomes uma extravagancia poetica que os ponha em fóco nas esquinas da apathia litteraria da sua geração.» Referia-se o pamphletario aos nephelibatas innovadores d'esse tempo, que, como os symbolicos symbolistas de hoje, tambem para a turba espalmavam as mãos, n'um pudico gesto de affastamento, e diziam: *não tenteis comprehender-nos!...*

Dizer que o christianismo perverteu a indole da raça, que toda se argamassára no classicismo da velha Grecia, é desconhecer o que é o christianismo e o catholicismo, e muito mais ignorar o classicismo.

Classicos puros, de linhas harmoniosas, foram Vieira e Fr. Luiz de Souza. Acaso alguem verá nas suas obras uma preversão do espirito portuguez? E deixaram elles de cultivar os classicos gregos e romanos, e de, por causa de taes fontes, demostrar a belleza do ideal christão? Não; precisamente porque foram classicos, é que elles interpretaram melhor a aspiração e as modalidades da raça, aspiração em que teve e tem larguissima parte a religião de Christo que foi o signal da sua bandeira, nas horas supremas da victoria, e lenimento de suas dôres, nas crises dos mais agros infortunios.

O christianismo é a mais positiva de todas as religiões. Não aconselha a immobilidade, a indolencia; ensina que a vida é um campo de batalha e que o trabalho terá condigno premio das misericordiosas e justas mãos do Senhor.

Comparar o christão ao fakir ou ao bonzo, é afinal... um predicado excelso dos innovadores! E devemos concordar que é um predicado excellente n'esta sazão de tristezas...

F. V.

O luto das cigarras

ESTÃO de luto as cigarras da Provença!

O doce e bondoso Mistral, o Virgilio da Provença, o poeta da *Mireya* morreu!

Eu estou de luto tambem e commigo todos os adoradores d'aquelle grande exemplo.

Amei sempre a sua obra porque ella fôra escripta á luz do sol, sob uma apotheose de perfumes agrestes, de attitudes virgens, de graça primitiva e sagrada — toda a phisionomia material da Provença.

Porque ella reanimando aos olhos dos provençães a phisionomia expontanea da sua terra, restituiu-lhe todos os encantos phisicos e espirituaes . . .

Revelação prestigiosa d'um deposito maravilhoso, de dois aspectos — trabalhado pela natureza, um; trabalhado por gerações successivas, outro.

A Provença é uma composição explendida d'essas duas estheticas, d'essas duas phisionomias encantadoras — a material e a espiritual.

Mistral recolhera a alma dispersa, confusa e inconsciente da Provença, para a avigorar e d'ella compoz uma alma perfeita, uma alma ideal — a sua alma.

Essa *alma* recolhida amorosamente por elle é transmittida a seus filhos espirituaes — toda a gente da Provença — que amanhã vae exalta-lo no murmurio d'uma prece á beira do tumulo, e n'uma affirmação de fé na Victoria.

Não é a passagem da Morte; é a Vida a circular a Vida que por uma irradiação magnifica se desprende da sua obra.

Chorando esse homem, os provençaes, todos os mistralianos mesmo, proclamam uma Ideia que no coração é chamma e na vida pratica é Energia activa.

Provença reviveu em Mistral, continuará vivendo d'elle, d'essa alma que elle compôz.

Que os homens da minha terra, que os moços poetas deixando os seus encantamentos pantheistas e pagãos vae recolher na obra de Mistral o segredo dos poemas claros, perfeitos e verdadeiros por serem tradiccionaes e portanto nacionaes.

*

* *

Estas linhas escriptas á pressa, em viagem e sob a impressões dolorosa do acontecimento, apesar da sua insignificancia, deixarão adivinhar a tristesa intima de um mistraliano portuguez,

Bruxellas, 27 — 3 — 914.

DOMINGOS DE GUSMÃO ARAUJO.

Mistral em frente á sua casa em Maillane

Lendo-se pela primeira vez um bom livro, experimenta-se o mesmo prazer, que se experimentaria se se adquirisse um novo amigo: relê-lo, é um antigo amigo que se recebe.

BELGICA—Séde do Circulo Catholico Portuguez de Lovaina

Na Paschoa

FRAGMENTO

VIERA cêdo, n'aquelle anno de temporaes desabridos, de luto e de desgraça, a Paschoa florida como uma benção de carinho suave e perfumada caricia á terra convulsa e soffredora.

Um pó de oiro, tenue e leve, coloria as paisagens que ia perdendo gradualmente a côr cinzenta e parda do inverno triste, emplumado de moles e friorentos nevoeiros, a alastrar em vôos de sombra, a amaciar as arestas das altas collinas, de perfis encarvoados e barbaros.

Viera cêdo, mas fragrante de aromas, branca de rosas, fulva de sol, fremente do trinar dos passaros, agora que findara o doloroso poema da Semana Santa e aquella doce figura de mulher me segredava, pelas tardes em flôr, a maguada elegia da sua alma heroica.

Debruçava-se sobre o muro que as glycinas emmolduram em cachos, a offerecer-me nas suas mãos nervosas, ramos de lirios roxos.

— Vê? Parece que chora e treme, na sua côr pisada e lutuosa, a alma ardente das raparigas sem macula . . .

— Como a sua . . .

— Como a de todas que amaram o encanto de uma chimera azul e por ella souberam padecer e morrer.

— A todos chega, breve ou tarde, a hora grande do sacrificio . . .

— Quando no deserto do nosso coração tombam e cahem, melancholicamente, como folhas mortas pelos outomnos tristes, as illusões creadas no explendor de uma hora breve, mas que deixa em nós, na nossa vida, um rastro de luz tenue, indecisa e pallida como uma via-lactea de sonho! . . .

E ficara-se a olhar, serena, enlevada, absorvida, os lirios que guardara para si, laivados, pintalgados de um roseo agonisante.

— Devia ter sido assim a tunica de Christo que fluctuou drapejante nas escarpas de Tiberiades e lhe enxugou o suor da morte . . .

BELGICA—Reunião da Juventude Catholica Portugueza em Lovaina. (Após o jantar)

(Clichés de Antonio d'Antas de Barros)

— Como os lirios da Palestina . . .

— E os sonhos das raparigas tristes, que vão deixando pelas arestas dos caminhos, retalhos do coração, lagrimas da sua magua.

E na côr roxa que choram, tremem todas as agonias.

N'ella esvoaça, florida e apaixonada, a tinta com que o sol escreveu o poema eterno da belleza ao afagar-se no berço branco das aguas . . .

Na côr roxa do lirio ha o luto das violetas e o oiro das madrugadas.

A humildade dos musgos e o brilho das estrellas; o azul do lilaz e a brancura innocente das açucenas...

Mas como appareceriam os lirios roxos?

Nasceram das lagrimas que Jesus chorou quando orava, recolhidamente, no Jardim das Oliveiras!

Despede-se, doce figura de ballada, enygmatica, incomprehensivel, mas sempre bôa e terna, alma espargelada pela dôr que aos desgraçados punge, princeza de illuminura tecendo pequeninos poemas, com o velludo doce dos seus olhos.

Ia quasi a ajoelhar e fico-me a olha-la ainda, toda envolta na nevoa doirada que cinge e veste o vulto ideal das santas.

Entardecia. As arvores trajavam brancas tunicas de aromas, e as andorinhas, em trilos brandos, voavam, voavam, até perder-se, longe, pobres mensageiras das primaveras floridas.

JOÃO DE CASTRO.

O gigante de Penha Verde

FUI hontem vê-lo. O gigante jaz por terra, colossal ainda no seu destroço, braços esgarchados, fronda pendente de vetusta muralha. Tão alto era, tão avantajado na sua corporatura quando erecto, que mesmo decepado e roido no chão é enorme. O torrão de terra que soergueu ao tombar é um mundo onde innumera vida está!

Ao fundo da alameda dupla, tapetada de musgo espesso, bordada de sobreiros venerandos, cuja entrada guarda um busto de Bacho em alto pedestal e que da velha habitação conduz aos arcos de pedra solta d'onde se alarga a vista na planicie vasta e no infindo mar, estava ainda ha poucos dias, na Penha Verde, em Cintra, de pé, soberbo como a nossa Historia, altivo como um feito de portuguez de outr'ora, trazendo sua ramaria no azul do céo como a alma de um dos nossos heroes, o velho pinheiro, o velho Portugal.

Tres homens não lhe abraçarão o tronco; suas ramadas núas, robustas como braços de athletas gigantes, dir-se-hiam, tão fortes, tão pujantes, tão contorcidas e tão serenas, os que nossos maiores estenderam por todas as partes do globo, contornando e abraçando ilhas e continentes, vencendo armadas, subjugando exercitos e praças fortes.

Sua côr é a dos cadaveres humanos que se não corrompem.

Erguia-se altaneiro junto ás lapides vindas do Oriente, para testemunharem da gratidão e da admiração dos povos asiaticos para com o famoso capitão.

Estava alli, de guarda, soberbo, a esses padrões de gloria!

De vegetal só tinha os cimos, as agulhas verde-negras, que lhe coroavam de mocidade, sempre renovada, a vetustez da sua existencia secular!

Te-lo-hia semeado D. João de Castro no regresso da jornada de Tunis durante a qual se recusou a ser armado cavalleiro pelo imperador Carlos V, honra que declinou com verdade, conforme diz Jacintho Freire, por o ter sido já por outras mãos, «que o que lhe faltava de reaes tinham de valorosas» e eram as de D. Duarte de Menezes que o fizera cavalleiro em Tanger?

O torrão de terra que soergueu ao tombar é um mundo...

Para essa expedição foram muitos fidalgos portuguezes servir á sua custa. Para ella fugiu o infante D. Luiz, filho de El-rei D. João III, vendo-se este monarcha obrigado a intimar terminantemente a muitos que retrocedessem, como succedeu ao duque de Bragança, D. Theo-

Ao fundo da alameda dupla... cuja entrada guarda um busto de Bacho...

dosio, que só volveu depois de ter distribuido, por seus companheiros necessitados, todos os haveres que levava comsigo, armas, cavallos, bagagens e quinze mil cruzados.

De volta de tal expedição, ia eu dizendo, D. João de Castro retirou-se para a sua quinta de Fonte d'El-Rei, hoje mais conhecida por Penha Verde, afim de estudar e meditar longe de todos os interesses e vaidades a tal ponto que fez derrubar as arvores fructiferas alli exis-

suas ramadas, núas robustas... tão fortes, tão pujantes, tão contorcidas...

tentes conforme se lê em Jacintho Freire de Andrade.

«Aqui se recreava com huma extranha e nova agricultura, cortando as arvores que produziam fructo e plantando em seu logar arvoredos sylvestres e estereis; quiçá mostrando, que seria tão desinteressado, que nem da terra que agricultava, esperava paga do beneficio: mas que muito fizesse pouco caso do que podiam produzir os penedos de Cintra, quem soube pizar com desprezo os rubis e diamantes do Oriente!»

Não seria o gigantesco pinheiro que ali está jacente uma unidade d'esses *arvoredos florestaes* em que nos falla Jacintho Freire, plantados pelo nosso Marco Aurelio?

Que essa arvore nos fazia scismar, que nos obrigava a qualquer coisa mais do que admirá-la, é certo. Uma alma de heroe, seguramente, a habitava. D'ella se exhalava licção, exemplo de alta nobreza, de forte caracter, de rude brio. Além, na Penha Verde, nos dominios de D. João de Castro, o magestoso pinheiro fallava d'esse modo.

E tanta gente que precisava ouvi-lo, nunca attentou n'elle!

Te-lo-hia disposto o lusiada ingente na volta da sua primeira viagem á India, na armada de D. Garcia de Noronha, seu cunhado, capitaneando a *Gripho?*

Ia D. Garcia soccorrer Diu, mas D. João de Castro acompanhava-o mais como astronomo e navegador do que como guerreiro. De essa primeira estada na India nos trouxe os seus famosos *roteiros* onde imperecivelmente marcou na Historia o seu merito altissimo de homem de sciencia e de litterato, como hoje se diz, accrescentando e sublimando, se possivel, a envergadura do seu vulto heroico.

...braços de athletas gigantes... os que nossos maiores estenderam por todas as partes do globo...

Erguia-se altaneiro junto ás lapides vindas do Oriente...

O alto fuste do monumental pi-

nheiro lembrava porventura as columnas das sagradas cavernas da *ilha do Alifante* que D. João de Castro foi o primeiro europeu a descrever, visitando-as n'esta viagem.

Chegado ao reino logo Penha Verde o attrahiu para uma vida de philosopho e de justo. Teria então nascido um pinheirito que magnificente se abateu ha dias na Quinta de Fonte de El-Rei?

Breve, porém, a opinião publica impoz D. João de Castro a El-Rei D. João III para a jornada de Ceuta. Poucos mezes decorridos, depois de procurar e esperar em vão a frota de Barba Roxa, depois de visitar Ceuta e demandar seu filho D. Alvaro (que fundou o convento dos Capuchos) libertar Alcacer Seguer, estava de volta aos mattagaes de Cintra, não sem ter batido os corsarios no cabo de S. Vicente.

Teria sido já então testemunha do seu regresso o pinheiro gigante que acolá está por terra?

Um anno após é nomeado D. João de Castro governador da India. Partiu e não mais se tornou aos mattos de Penha Verde! O asceta das selvas de Cintra feito viso-rei, nunca as olvidou.

Por entre seus feitos colossaes, no referver das paixões e das intrigas, ao desabrochar de suas mais lancinantes dôres de pae e de suas maiores alegrias de patriota, entrando triumphante em Gôa como um imperador em Roma, no auge da sua gloria como foi a victoria de Diu, nunca esqueceu a silenciosa, recondita, a inhospita e rude Quinta de Fonte d'El-Rei.

BRAGA——O distincto escriptor brazileiro João Phoca nos claustros da Sé Primaz acompanhado do sacristão e de um menino do côro

Narrada a El-Rei a batalha de Diu, D. João de Castro menciona os mortos e os feridos e propõe os nomes dos combatentes merecedores de recompensa, collocando-se a si á cabeça do rol n'estas passagens verdadeiramente bronzeas e monumentaes onde Cintra tem menção e n'ellas fica immortal:

«E tambem (é necessario) fazer-me mercê da minha joia, como sempre foi costume dos reis e principes, quando algum seu capitão vence batalha ou toma cidade, o que eu tudo fiz em um só dia com a ajuda de Nosso Senhor. Mas porque póde ser que V. A.

ERMEZINDE—Edificio do Collegio

VIANNA DO CASTELLO—*Egreja das Ursulinas onde se veneram os Santos Martyres Theophilo, Saturnino e Revocata.*

(Cliché do phot. am. sr. A. J. Gonçalves)

ERMEZINDE—*O rev. Arnaldo Rebello, professor no Collegio de Ermezinde e o dr. Gaspar Pinto da Silva, director e tambem professor do mesmo collegio*

ERMEZINDE—*Os alumnos do Collegio de Ermezinde jogando o «foot-ball»*

(Clichés do dist. phot. am. sr. Augusto Chaim)

m'a faça d'alguma cousa impropria á minha condição e maneira de vida, lh'a quero nomear e pedir, e é que me faça mercê de um castanhal que tem na serra de Cintra, onde chamam a fonte d'elrei, que está a par da minha quinta; para que, tendo os meus moços que comer no meu, não vão destruir e fazer damno no alheio. O castanhal poderá valer de compra dez ou doze mil réis; mas para mim serão muitos mil cruzados.»

Como recompensa de seus fastos orientaes e da estrondosa victoria de Diu, como paga a final de uma vida gasta gloriosissimamente ao serviço da patria que a tamanhas alturas ergueu, D. João de Castro pede, como escreve Jacintho Freire, «duas geiras de terra que partem com a sua quinta de Cintra e rematam em um pequeno cabeço que ainda hoje conserva o nome do Monte das Alviçaras», onde agora se encontra a capella consagrada a Santa Catharina, mandada levantar pelo bispo D. Francisco de Castro.

Em toda esta vida de heroismo e de desprendimento, de sabedoria e de valentia, de patriotismo ingente e de abandono das cousas vãs do mundo, nos fallava a arvore alem estendida, moribunda.

Ao contemplar esse pinheiro, contemporaneo, porventura, d'este enorme portuguez esse pinhei-

do que vivo se mal d'estes se não escutarem attentamente a voz d'aquelles ou se ouvindo-a a transtornam e ridiculisam! Ella nos indica a missão historica, a sequencia do pensamento da nacionalidade; ella nos aponta os roteiros do futuro e mantem aggregados os povos em torno de seus estandartes.

Mirando o pinheiro gigante de Penha Verde, ante mim se erguia o vulto do outro gigante, que o meu espirito traz sempre vagueante n'aquellas penedias, Dom João de Castro, e elle me fazia percorrer os estadios de Portugal e avistar os altos homens que os marcaram.

NO CAMPO — Uma merenda

ro de cópa ultrapassante a craveira dos arvoredos que o cercavam, de tronco possante, de porte austero e altaneiro, evocava-se toda a Tradicção de Portugal, a tradicção que é a alma das nacionalidades como é a das familias, sem o culto da qual se desaggregam os povos e os lares. Morta a tradicção, amesquinhada a historia patria, apoucados nossos heroes, desrespeitados e deturpados seus rasgos e suas preclaras figuras, como por ahi estão fazendo certos mulhericos das lettras, que resta de vida espiritual ás nações e ás gentes? Nem só de pão vive o homem!

Uma nacionalidade é composta de muitos mais mortos

NO CAMPO — Preparativos para uma volta ao mundo

A arvore enorme cahiu. Já se não levantará. E eu ponho me a scismar se aquelle destroço não será a imagem perfeita d'uma nação d'onde se tenha arrancado todos os cultos, todos os respeitos, todas as admirações, todos os enthusiasmos por tudo quanto resa a Historia da grandeza de seus homens e da sublimidade de seus rasgos!

D. Luiz de Castro.

NO CAMPO — Emmedando centeio

(Clichés do phot. am. snr. Am. José de Vasconcellos).

BRAGA--A procissão dos Passos em S. Jeronymo de Real

A procissão sahindo da egreja parochial

VIDA INTENSA

(PAGINAS D'ALÉM FRONTEIRAS)

HOJE treguas na politica n'este dia de paz, de religiosidade, d'uncção, de ternura... que agradaveis recordações accende no meu espirito este dia assombroso de poesia e enternecedor de simplicidade! Volto da rua, por onde passeei toda a tarde, as minhas saudades e a minha nostalgia e que suavissima licção o meu espirito crente aprendeu, n'estas horas singulares. Toda a cidade se espaneja ao sol, luzindo o seu luxo domingueiro, as suas joias e as suas mantilhas, que são a moldura delicada das mais lindas caras, tocadas d'aquella graça especial, que só as hespanholas sabem imprimir-lhe e pondo notas bisarras de côr, na multidão que se acotovella. A's portas das egrejas, nos pateos dos conventos, os mendigos lamuriam a sua desgraça mas estes mesmos, puzeram cá para fóra, o melhor dos seus andrajos. Ao cimo da rua, rebrilhando ao sol, que metalisa o bellico luzente dos capacetes e das espadas e faz salientar o vermelho vivo do pantalon tradiccional,

Andor do Senhor dos Passos

uma onda de militares passa grave e solemne; é o governador que, seguido dos seus ajudantes e dos officiaes da guarnição, vae visitar as sete casas do Senhor.

Que consolação e que amargura que isto faz! Aqui, n'este paiz cheio de liberdades, sob o reinado feliz d'um Rei democrata e transigente, d'um Rei que aperta a mão aos demagogos e cahe ás vezes no desagrado dos conservadores mais renitentes, as festas religiosas tem esta solemnidade, esta magestosa exteriorisação a que não falta a publica demonstração de fé e de respeito, por parte do estado e do elemento official. E lembrar a situação vexatoria a que a republica condemnou a Egreja em Portugal, as humilhações que lhe inflingiu, as perseguições que determinou ao padre, os desafôros, os sacrilegios, as infamias que se tem praticado á sombra de essa lei sectaria e odienta, que como uma affronta, pesa e opprime os catholicos portuguezes.

Aspecto geral da procissão

A egreja parochial

Que enorme differença!

E' por isso, que este dia me desconsola quasi e me reaviva, na alma, as mais amargas recordações.

Bons tempos que Lisboa, n'este dia, tambem sahia para a rua reverente e grave no seu luto de respeito, tranquilla, feliz, sem receios, sem preoccupações, fosse qual fosse o seu credo politico, a cumprir o seu dever christão. Bons tempos!!

Estou a reconstituir agora, dentro da minha saudade uma d'essas tardes de quinta-feira maior, na ladeira aristocratica do Chiado, á hora solemne das visitas. Não se via um trem ou um automovel, os proprios Reis, em honra de Deus, confundiam-se, egualavam-se n'essa tarde religiosa e enternecedora e desciam a pé o Chiado, desde S. Roque até S. Julião, onde terminava a visita ao Sagrado Lausperenne. Estou a vêr a Rainha, na sua tragica viuvez, toda de preto e sob a onda negra dos cabellos, que os desgostos

Cruzeiro junto á egreja parochial

A "Illustração Catholica,, no Brazil

PARÁ—Grupo nautico annexo á «Associação Dramatica Recreativa Beneficente» e «Tuna Luso Caixeiral»

PORTO--Homenagem a Guilherme Gomes Fernandes

Os bombeiros voluntarios do Porto que tomaram parte na manifestação de pezar

já semeavam de brancas, a mantilha negra e galante posta n'uma instinctiva *coquetterie* d'andaluza, a fazer realçar aquella exuberante belleza, que a dor d'uma tragedia immensa, fizera subtilisar, divinisar quasi, descendo humilde, compassiva, por entre a multidão que a cumprimentava respeitosa, rodeada de mendigos supplicantes, a caminho da sagrada visita.

já não tem remedio nem concerto, poderia absolver-se de certos erros e liquidar com mais nobreza se já tivesse roto essa lei execravel que é uma vergonha nacional. Mas a monstruosidade mantem-se, as perseguições succedem-se, o vexame das cultuaes continuará impando, n'essa abafadiça athmosphera de receio, de intranquillidade, de incerteza, fazendo com que os catholicos do meu paiz vão, ainda hoje sem garantias, visitar as sete casas do Senhor.

Bombeiros Voluntarios de Braga

Bombeiros Voluntarios de Ovar

Por esse tempo, a minha terra vivia feliz, livre e descançada, podendo altivamente expandir a sua fé e cumprir, sem perigo, os deveres enternecedores da sua crença. Hoje todos irão mas a medo, com receio d'uma cilada, a temerem um tumulto, sem amparo, sem protecção, na imminencia d'um conflicto, com

Bombeiros Voluntarios e Municipaes de Lisboa

Aqui — e ahi fica a rasão da minha amargura d'hoje — não são sómente as altas classes que resam e visitam *los monumentos;* é o povo, auctoridades e militares, grandes e pequenos, confundidos, egualados pela mesma fé que a todos abraça,

Bombeiros Voluntarios de Espinho

Corporação da Cruz Vermelha do Porto

(Clichés de J. d'Azevedo, phot. da «Ill. Cath.»)

formigas e não formigas, demagogos e formigões, que ao abrigo da lei e em nome da liberdade com essa feroz intransigencia dos sectarios ha-de querer inflingir aos catholicos, mais um vexame, mais uma humilhação.

A cordealidade que agora mascara hypocritamente todas as monstruosidades, a querer, illuminada messianica, conciliar, pacificar, o que nivela e ampara, que vão orgulhosamente e com a sancção do Estado, cumprir o seu dever...

E' assim que se procede em todos os estados felizes — sejam monarchias ou republicas — que tem o culto da liberdade e comprehendem o sentido real das democracias.

JOSÉ DE FARIA MACHADO.

BRAGA == Mercado provisorio

Um aspecto do mercado provisorio na Avenida Visconde de Nespereira

Outro aspecto do mesmo mercado

NOTAS DO ESTRANGEIRO

INGLATERRA—M. Asquith, presidente do conselho, acclamado pelos liberaes e nacionalistas irlandezes

HESPANHA—A Junta Directora da Sociedade dos Ferro-viarios recentemente fundada em Bilbáo

Na rega do milho

(Cliché de Luiz do Souto)

PROPRIETARIO

Joaquim Antonio Pereira Villela.

DIRECTOR

Dr. Francisco de Sousa Gomes Velloso.

EDITOR

Antonio José de Carvalho.

ADMINISTRADOR

Clemente de Campos A. Peixoto.

Illustração Catholica

Revista litteraria semanal de informação graphica

Redacção, administração e typographia

83, R. dos Martyres da Republica, 91

BRAGA

CONDIÇÕES D'ASSIGNATURA

(PAGAMENTO ADEANTADO)

Portugal e colonias (1 anno) . .	2$400
» » (6 mezes) .	1$200
» » (3 mezes) .	600

A' cobrança feita pelo correio e pelo cobrador, accresce o importe das despezas.

Estrangeiro (1 anno)	3$000
» (6 mezes)	1$500
Numero avulso	60

Numero 43 — **Braga, 25 de abril de 1914** — **Anno 1**

Manual da Adoração do Santissimo Sacramento Traduzido do original em Francez do Padre Tesnière, pelo Padre José Antonio d'Oliveira. Brevemente será posto á venda este excellente tratado de devoção ao SS. Sacramento. N'esta redacção se acceitam encommendas da mesma obra.

ILLUSTRAÇÃO CATHOLICA

Revista litteraria semanal de informação graphica

Proprietario, Joaquim A. Pereira Villela. Director, Dr. F. de Sousa Gomes Velloso

EDITOR
Antonio José de Carvalho.

ADMINISTRADOR
Clemente de Campos A. Peixoto.

Braga, 25 de abril de 1914

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E TYPOGRAPHIA
83, R. dos Martyres da Republica, 91
Não se restituem os originaes

Numero 43—Anno I

CHRISTUS VINCIT CHRISTUS REGNAT CHRISTUS IMPERAT.

PORTO—Ornamentação da Sé por occasião do solemne "Te-Deum,, em acção de graças pela entrada do Senhor D. Antonio Barrozo, na sua diocese

Chronica da semana

XLIII

RUDEMENTE, com a violencia de todos aquelles a quem a decepção dilacerou o coração, quebrando o encanto dos ideaes sonhados, com a impressiva revolta das consciencias que recuam á vista da immoralidade, — eis como voltou a fallar no parlamento o dr. João de Freitas, apodado de doido pela puritana maioria democratica que na Penitenciaria de Lisbôa, confiada á superintendencia d'um dos seus membros, tem, pelo visto, estudado experimentalmente os casos de alienação mental . . .

Nós os que nunca subimos, nem hontem nem hoje, a escadaria do palacio das Côrtes, e vagamente — ah ! muito vagamente ! — ssbamos o que motiva a indignação do deputado João de Freitas, apenas sentimos aquella prevenção instinctiva, dentro de que todos os homens honestos se precatam e resguardam, mal sôa o grito de alarme contra o perigo imminente ou o consumado escandalo, confiando sempre na hora em que a historia patenteie a escabrosidade infame d'este ultimo ou destorça a obscura trama do primeiro. Aquillo, porém, que mais impressiona n'esta lucta cendobrada entre aquelle parlamentar e os senhores da administração do Estado, é que é preciso possuir, sem duvida, uma rija contextura de combatente, uma fortissima tempera moral ao serviço d'uma convicção profunda e inabalada, para diariamente ouvir os apodos injuriosos dos inimigos visando não só a probidade do caracter como tambem o equilibrio do proprio cerebro, e passar adeante, vibrando sempre contra elles o mesmo feixe de fulmineos raios de colera, lançando imperturbavel o mesmo anathema, proferindo a mesma sentença condemnatoria. E não podendo garantir em que postura nos apparecerá o dr. João de Freitas, nas paginas da historia d'esta crise de anarchia revolucionaria, nós visionamo-lo comtudo n'uma attitude muito semelhante á que tomaram nas horas tremendas da Convenção, certos oradores, romanticos até á medula, que tinham uma só deusa — a republica, e um só ideal—a virtude. Eram typos bizarros, excrescencias d'uma larga e funda camada social antiga, com todas as virtudes civicas tradiccionaes, que se afogara na hecatombe sanguinolenta do Terror e delegara n'elles a transmissão aos posteros da sua austeridade incorrupta.

E' talvez por isso que a grande massa do paiz não chama doido ao dr. João de Freitas e se alheia dos seus inimigos...

Foi por este facto que abriu a semana,— primeiro annel d'uma cadeia que ainda se está a desenrolar a nossos olhos no reapparecimento do *Dia* e no interessante debate acerca da vinda a Portugal d'um jesuita exilado e doente, a quem os medicos recommendaram, como condição de cura, os ares da patria.

A velha folha de Antonio Ennes, que Moreira d'Almeida sustenta e reergue da poeira do campo de batalha, passada a avalanche selvatica que a derrubou, era anceada com intensa curiosidade pela opinião. Todos haviam interesse em conhecer, na alma do luctador, os resultados dos flagicios torturantes dos carceres.

O povo admira sempre os que se levantam de novo, brandindo o gladio, e muito mais os applaude se as suas armaduras continuam a faiscar com o mesmo percuciente e polido brilho, sob as flechas de luz do cantado sol das victorias.

O gesto de Moreira d'Almeida arrancou-lhe dos labios um *bravo* phrenetico—e os numeros do *Dia* teem-se exgotado nas mãos dos seus pregoeiros...

Por seu lado, o regresso ao paiz d'um membro da benemerita Companhia de Jesus, forneceu ao publico mais uma prova da phobia anti-religiosa e dos *caritativos* sentimentos da Republica, e á maioria, um excellente pretexto de lançar pela borda fóra o ministerio. E o publico, se não se entristecia nem emocionava com a queda de mais um gabinete, habituado como ainda, desde ha muitos annos, a deixar folgar sobre o seu dorso a malta dos politicos, com a condição de não lhe arranhar a pelle, tomou pela pretensão do jesuita uma attenção verdadeiramente excepcional e inesperada, sendo, como é, facilmente crendeiro nos maleficios do espectro clerical, de hilariante memoria, que ainda faz as indignações da gôtta alpoinista, nas *liberaes* paginas do *Janeiro*.

Qualquer lavrador, por mais fruste de ideias, resolveria a pendencia abrindo ao congreganista doente, as frageis cancellas das fronteiras. Escutava a voz do coração que, paraphraseando Pascal, tem razões que a lei de separação não conhece, e ficava sorridente, com a consciencia tranquilla... Talvez porque não são tão simples e claros no pensar e teem o coração mais empedernido e gasto. . . de tanto sentir, — os nossos paes da patria assumiram póses de Gambettas de club e apontando irreflectidamente o indicador ao peito dos continuos da camara, aturdidos com tanto vozear, berraram pela centesima vez o charro : *Voilá l'enimi !*

Os commentarios já os fizeram os leitores, attento o que, respeitosamente, o chronista se retira e despede, pela porta algo estreita da inexoravel falta d'espaço . . .

E tem graça que de certo modo é tambem por falta de espaço que o jesuita não entra no paiz ! . . .

F. V.

EPISODIO SIMPLES

N'ESSA tarde Jesus assentara-se ao pé
da figueira que ensombra a fonte de Siloé.
Era no outomno. O sol cahira n'esse instante
e o vento trespassava os rostos. Não obstante,
em volta a multidão premia-se, no encanto
de ver o Mestre e ouvir seu verbo sacrosanto.
Os discipulos, fieis, sentados pelo chão,
cheios de immensa fé e muda adoração,
fitavam-n'o, a sorrir, abstractos... De repente,
Saúl, um mercador, que ouvira attentamente
a prédica de Christo, avançou sem temor
e bradou: — Na verdade, o Filho do Senhor
és tu! Bemdita seja eternamente quem
te amamentou ao seio e foi a tua mãe!
Entre as riquezas mil que trago amontoadas
em dorsos de camello e vendo nas estradas,
nenhuma se compara a este avelludado
manto, que ora aqui vês, de purpura e brocado.
Todo elle é primoroso: o fundo, a côr, a trama.
Foi tecido em Damasco e foi bordado em Rama.
Traçei-lhe eu o destino o dia em que o comprei:
um manto p'ra cobrir as espáduas d'um rei!
Ó pallido Rabbi de fallas transcendentes!
Aceita-o, tu, que és rei das almas innocentes! —

Jesus, ao receber o explendido presente,
teve um sorriso doce, e disse simplesmente:
— Meu Pae t'o pagará! — Porém no mesmo instante,
surgiu junto do Mestre um par insinuante
de creanças gentis, loiras como a alvorada,
pés nús, olhar brilhante e face desmaiada.
Era em farrapos já a roupa que as cobria,
e o látego brutal da agreste ventania
punha-lhe á flor da pelle um tom ennegrecido.
Fitou-as longamente o Mestre, condoido,
e perguntou: — Quem sois? — Orphãos, Rabbi. — Soffreis? —
— Temos frio, Rabbi! As tardes são crueis
quando sopra do Hermon o vento...
As sombras iam
cahindo, e já na treva os montes se envolviam.
E Christo, pondo em João os seus olhos serenos,
Disse: — Toma este manto, e cobre esses pequenos! —

CAMPOS MONTEIRO.

Entrada do Senhor D. Antonio Barroso na sua diocese

ooo

Damos hoje uma larga reportagem photographica da recepção feita ao Senhor D. Antonio Barroso, pelos catholicos do Porto. A documentação das nossas paginas é altamente significativa. A manifestação foi uma verdadeira consagração que muito sensibilisou o venerando Prelado portuguez, e um signal da grande força do catholicismo no paiz.

A *Illustração Catholica* associa-se ás saudações dos seus irmãos em crenças, e beija respeitosamente o annel de D. Antonio Barroso.

A primeira entrada do Senhor D. Antonio Barroso, na Sé, depois do desterro

O sr. Visconde da Ermida a caminho da Sé

O sr. Miguel Pestana ao entrar na Sé para assistir "Te-Deum,,

O sr. Antonio da Silva Marinho dirigindo-se para a Sé

VIDA INTENSA

(PAGINAS D'ALÉM FRONTEIRAS)

N'ESTE arremedo de primavera, só hoje o sol voltou consolador e amigo, polvilhando d'oiro valles e serranias, campos e vinhedos, a aquecer em cada arvore uma nuvem de fructos, a illuminar na corolla viva de cada flôr, um novo aspecto delicado, espargindo luz e calor por toda a natureza em festa, orchestrando, epica e fecunda, a symphonia da força e da côr . . . Cobrem-se os campos de flores, revestem-se os montes de verdura e as arvores embrulham-se de novo na tunica das folhas. E' a primavera, afinal, que a pirracear com o reportorio, só agora volta, solemne, com o bom sol que eu cheguei a suppor arredado do mundo, tanto e tanto se escondeu entre as nuvens. Mas o sol voltou e com elle a alegria das almas e dos campos. O ceu lavou-se, espanejou-se alegre e fez a *toillette* clara e leve dos dias de verão.

Com o sol surgem as *mousellines*, as rendas com que as mulheres pretextam vestir as bellezas ou as miserias do corpo, preludia-se o primeiro bocejo de tedio e ensaiam-se os primeiros projectos de veraneio, fazem-se as malas e as cidades retomam o aspecto desordenado da partida. Surgem as neurasthenias, as mil enfermidades que a moda prescreve e com as ultimas encommendas nas modistas, vem a perspectiva galante das thermas, das curas d'ar, das viagens, dos passeios, a necessidade emfim do campo e da vida do ar livre.

O novo paço episcopal

Sala de recepção do novo paço

São os *raily paepers*, as partidas de *tennis*, os *flirts* na coberta lavada dos *yatchs*, as chalupas a estremecerem como gaivotas nas praias tranquillas, o *sport* e a liberdade, a preoccupar a anciedade das raparigas e a accender esperanças atravez do tedio *snobico* dos rapazes.

As cidades já não têm encantos; supportam-se na esperança da partida, percorrem-se já sem interesse, a sentir extranho o que encantou e commoveu. E tudo por culpa do sol, que espargindo luz e oiro, faz estremecer a nossa phantasia e a nossa imaginação.

Por momentos tudo se esquece. A politica que parece não conhecer o sol e sempre vae seguindo entre nuvens de borrasca, não interessa quasi. Entre o discurso de Asquith e o primeiro concerto no casino de Vichy a multidão despreoccupada da gente que se diverte não hesita: opta interessadamente pelo segundo.

Nos jornaes, leem-se mais os horarios que os artigos de fundo. Um ministro mesmo, é capaz de chegar atrazado ao conselho porque se demorou na prova dos fatos de verão... E' o momento mais frivolo do anno em que o tempo se perde devaneando em phantasias.

Em Inglaterra, onde a situação se aggrava, a opinião preoccupa-se mais com os esplendores da *season* que propriamente com as demissões alarmantes dos officiaes, que despem galhardamente as suas fardas para não combaterem irmãos e que, valha a verdade, interessam muito menos do que o codigo de condições do

Outro aspecto do novo paço

O senhor D. Antonio fallando ao povo da varanda do paço

Racing club, para as regatas de Cowes.

E' a primavera, é o sol, é a despreoccupação que vem da alegria da luz a fazer de cada um de nós um *lazaroni* passivo ou um nomada civilisado do Cook.

E no entanto, mais do que nunca, a vida mundial se agita, perturba, n'uma crise grave.

Em França a questão Caillaux, que teve já o episodio desgraçado d'um crime, promette, como se diz em calão jornalistico, escandalos sem conta. A republica cada vez mais aballada, deve vêr com receio o desenrollar d'essa escura meada, que pode ser o mais forte empurrão para o fim.

A Inglaterra, perante a ameaça d'um ministerio ultra-liberal, que se prepara para quebrar os ultimos privilegios, romper as derradeiras tradicções onde assentava o equilibrio da sua força, deve estar seriamente embaraçada com a sua situação.

Destruir as regalias da nobreza, feri-la de morte nas suas immunidades, é ferir certeiramente a unidade politica da Grãn Bretanha. Ella vive ainda, disciplinada, forte, com o appoio desinteressado d'essa fôrça. No dia em que o liberalismo dominar as tradicções e derrubar os privilegios, a Inglaterra soffrerá amargas convulsões.

A lucta na Irlanda pode acalmar apparentemente, que no intimo hade ficar sempre esbrazeante e tenaz. Os protestantes soffreram já o mais rude golpe vendo triumphar os adversarios, porque digam o que digam os jornaes radicaleiros e pese muito embora ao sr. Affonso Costa, que se propoz liquidar o catholicismo, a egreja, que triumpha por toda a parte, conquistou na questão do *home rule* uma enorme victoria.

E, afinal, ia-me perdendo em considerações politicas, hoje, que eu só queria fallar do sol, que veio trazer alegrias profundas, accender radiosas phantasias, animar sonhos admiraveis, espargindo luz e oiro nas almas que se embriagam de sonho e nos campos que se revestem flores . . .

JOSÉ DE FARIA MACHADO.

1 Ouvindo o discurso do senhor D. Antonio
2 Um grupo de catholicos acclamando o sr. D. Antonio Barroso
3 Representantes das differentes associações catholicas do Porto

Perdido!

(CONCLUSÃO)

QUE se passou em a noite fatal da perda da Esperança? Como haviam suppôsto, a barca, açoutada pelo vento, boiara algum tempo; cedendo, porém, ao pêso da rêde e da pesca, sempre abundante, sossobrou como as outras.

Dos quatro tripulantes salvara-se apenas João Maria, agarrando-

morte. A febre cerebral apagou-lhe totalmente a memoria. João Maria, quando sahiu do hospital de New-York, não sabia o que lhe acontecera, nem tinha consciencia da sua personalidade. Passeava ás vezes de manhã pelo caes da grande metropole, inconsciente, ao desarrimo, recordando apenas o seu mister de marinheiro; não estava doido; mas um nevoeiro impenetravel obscurecera-lhe o passado, fazendo-lhe esquecer até o seu nome.

O capitão d'um navio, que levantava ferro para Antuerpia,

O exc.mo sr. Almeida Ribeiro comprimentando o Senhor D. Antonio

1 *O Senhor D. Antonio dando entrada na sua nova residencia.*

2 *Os membros da J. C. do Porto, da varanda do novo paço, ovacionam delirantemente o Senhor D. Antonio Barroso.*

3 *Populares acclamando o Senhor D. Antonio.*

se com toda a força á quilha da chalupa virada; foi encontrado sem sentidos, segurando-se ainda apenas pelo instincto da conservação. Recolheu-o assim, meio agonizante e ferido na testa, um navio americano, no momento em que o pobre naufrago ia ser engulido pelas vagas. Triste destino! Fôra porventura melhor que João Maria tivesse perecido como os companheiros, tão rude era o golpe que lhe estava reservado.

A ferida na cabeça produziu-lhe um abalo tão violento que o poz ás portas da

compadeceu-se d'elle, e metteu-o a bordo, como marinheiro. Navegou o pobre João Maria quinze annos, sentindo novas impressões sem rever imagens irremediavelmente delidas na sua memoria.

Para que o conduziu o acaso, ou melhor, a mão da Providencia, á sua terra natal? Desfigurado pela enorme cicatriz que lhe sulcava a fronte, velho e mudado, poude passear pela villa sem levantar suspeitas. Mas o seu cerebro parecia ir despertando...

Aquella paisagem, outr'ora tão familiar, sobrepondo-se ás visões antigas, continuou dissipando as espessas trevas em que vagava e se debatia o espirito do desgraçado.

De repente rasgou-se o veu, e a memoria do passado rebrotou como por encanto... Que seria de Ivonne? A sua Joanninha ainda seria viva? Tornaria elle a ver sua mãe, velhinha, e a casinha onde fôra tão feliz?

Na villa poucos se recordavam ainda de João Maria Le Gouelen, desapparecido ha quinze annos. Uma velhota guiou-o ao cemiterio, a um pequenino monumento onde estavam gravados os nomes dos naufragos desapparecidos.

Alli o desgraçado poude lêr a sua inscripção funebre: *João Maria Le Gouelen, desapparecido no mar em... Recordação da viuva e de sua filha.* Balouçava ao vento uma corôa de flôres, como haviam balouçado no mar os ultimos destroços da *Esperança.*

João Maria teve conhecimento, depois, da longa viuvez de Ivonne, da sua dôr e das suas lagrimas sinceras de doze annos, delidas a pouco e pouco pelo tempo, soube do seu segundo matrimonio com Leroux. Seria ella feliz, ao menos? Era voz corrente que sim. E Joanninha? Tinha agora mais dois irmãos; a casa prosperava. Quiz ir vê-los. Approximou se da casa ao empardecer. Se elle entrasse agora ali, onde tanta felicidade fruira, toma-lo-hiam por um phantasma.

Ia-lhe o coração vertendo lagrimas de sangue, quando descobriu um espectaculo encantador pela sua singeleza. Le-

1 O Senhor D. Antonio dando a beijar o annel episcopal
2 O ex.^{mo} snr. Guilherme Marques Braga cumprimentando o Senhor D. Antonio

(Clichés de J. d'Azevedo, phot. da «Ill. Cath».

roux, acabado o serviço, fumava o seu cachimbo; Ivonne, ao lado d'elle, amamentava o filhinho mais novo, e Joanninha, sentada entre os dois, repartia caricias entre a mãe e... *o outro*. João Maria approximou-se mais. Só Joanninha o avistou.

— Papá — disse ella, dirigindo-se a Leroux, — dê uma esmolinha áquelle pobresinho. Deve ter fome...

João Maria ouviu-a. Empallideceu, sentiu a cabeça estalar e fugiu. Estava uma noite linda. Milhões de estrellas tremeluziam no ceu. Na praia, o mar murmurava suavemente queixoso, lambendo as areias, acariciando-as como cãosinho a brincar aos pés do dono.

O velho marinheiro dirigiu-se machinalmente para a praia. Chegado ao areal, sentou-se n'um rochedo, absorto em fundo meditar.

Que ia fazer? Em que pensava?

Membros de diversas aggremiações catholicas que tomaram parte na manifestação feita ao Senhor D. Antonio Barroso

1—Domingos Gonçalves de Sá, secretario da Associação Catholica do Porto; 2—José d'Almeida Pinto d'Araujo, presidente da J. C. de Lisboa; 3—Joaquim de Vasconcellos, presidente da J. C. do Porto; 4—Narciso Pinto Loureiro, presidente do Grupo de Defeza e Propaganda Catholica do Porto; 5—José Teixeira Bastos, 1.° secretario da J. C. do Porto.

(Cliché do phot. am. snr. Manuel da Silva Mello).

BRAGA = A Procissão de Passos em Adaufe

A procissão sahindo da egreja parochial

ADAUFE — Outro aspecto da procissão

No entanto a maré ia subindo lentamente, e o marinheiro, pensativo, não a via subir. De repente sentiu os pés molhados; despertou da profunda cogitação e olhou em roda de si... O mar parecia querer enguli-lo outra vez, porém agora suavemente, com amor...

ADAUFE — O andor do Senhor dos Passos

João Maria quiz fugir aterrado, mas quando ia transpor os dez metros que o separavam da praia, sentiu uma vertigem, o cerebro parecia estalar e cahiu fulminado...

E o mar consolador, n'um derradeiro beijo, cerrou-lhe a bocca para sempre.

A. DE ROCQUE.

FIGURAS DA BEIRA

XXI

III

Dr. Cassiano das Neves

FALLEM, porém, agora os factos. Seus paes eram pobres, mas tão intelligentes como honestos. Cassiano Neves foi deveras digno d'elles desde os seus primeiros annos. Trabalhador, honrado e de intelligencia clara e forte, depressa se revelou elle, e tanto, com uns sentimentos de quilate tão fino, que tudo promettia no estudantinho um futuro e digno sacerdote.

Frequentou assim o Seminario de Lamego. Mas concluido o curso theologico, a consciencia foi-lhe despertada pelos ardores do temperamento, conhecendo com nitidez a falta da

precisa e tão valiosa vocação. Entretanto, orphão de pae, Cassiano Neves já era o unico amparo da mãe, uma velhinha insinuante e adoravel.

Como? Leccionando, ao mesmo tempo que estudava. Com sua mãe viviam, modelares de honradez e labor, suas irmãs. Cassiano Neves, tão joven e tão irrequieto, era o pae no ganha-pão e até na compostura extranha com que presidia aos destinos de tão modesto lar. As utopias da mocidade, os impetos do sangue, as agruras da vida pratica, ensinaram-lhe já o que mais tarde me ensinava como arma unica — a paciencia dentro da ironia. E' assombroso! A utopia ensinava-lhe a realidade, as impulsões do temperamento suggeria-lhe a paciencia, as agruras da realidade enfiltravam-lhe no animo a fé e a ironia. E' paradoxal? Não.

Não, porque utopias, impulsos e angustias, são, dentro d'uma alma virtuosa, a melhor argamassa do bem, do dever, da honra, da energia.

Sem vocação para sacerdote, pensou em formar-se em direito.

Chimera! — diziam-lhe todos. Não era só sustentar-se em Coimbra. Quem ganharia o pão da mãe e das irmãs? Cassiano Neves fez um gesto heroico de confiança em Deus e em si proprio, e levou comsigo todos os seus para Coimbra. Depois, lá, incansavel, abnegado, sublime, estudou e leccionou, cercando de bem-estar a mãe e as irmãs, devorando as lagrimas e o suor que podiam denunciar o sacrificio constante e aspero.

Se alguem chamou pusillanime ao dr. Cassiano, aqui têem um forte que envergonha muitos, ufanos de espaventosas energias.

E n'este forte ha por força o grande crente que sempre foi, porque sem fé, e muito pura e elevada, não só não venceria as cruezas da vida pratica como se deixaria vencer pela febre e illusões da mocidade. E temos no dr. Cassiano, que não foi padre por falta de vocação,

LISBOA — Os fieis sahindo da egreja do Sacramento em sexta-feira santa

LISBOA — Depois da Alleluia nos Inglezinhos

(Clichés do nosso corresp. phot. de Lisboa).

muito de sacerdote no sacrificio, na abnegação, no enorme e incomparavel esquecimento, já não digo dos seus prazeres juvenis, mas das diversões e socego mais legitimos.

E' sempre o *pae* da familia que levara comsigo por devoção e amor, mas um pae inexcedivel de cuidados, de exemplos honestos e dignos. Formou-se assim, mas não podendo naturalmente evitar dividas. Alentavam-no nos fataes compromissos a fé e a esperança. Consolava-o o bem-estar das queridas companheiras que idolatrava. Foi para Lamego advogar. A lucta, a principio penosa, deu-lhe o justo destaque. Revelou-se logo notavel pela eloquencia, pelo saber, pela pro-

EXPOSIÇÃO OLYSIPONENSE

Tem tido um exito admiravel o curioso certamen realisado ultimamente em Lisboa, no Museu do Carmo, e organisando pela Associação dos Archeologos Portuguezes.

Entre as diversas secções da exposição são dignas de um attento estudo a *Bibliographica*, onde se veem raras edições e magnificos exemplares de obras acerca de Lisboa já em portuguez, já em varias linguas extrangeiras, a de *Vistas e aspectos de Lisboa* e a secção *Varia* onde se expoem numerosas curiosidades.

---

bidade profissional. E, ao mesmo tempo, esquecendo-se de si pelos outros, tambem assignalou depressa em obras a magnanimidade nativa. Desde esse tempo que Lamego lhe deve a obra admiravelmente benemerita do Asylo de Infancia Desvalida, como mais tarde lhe havia de dever o Asylo de Mendicidade. Mas a velha cidade já o considerava muito seu credor desde quando, ainda estudante em Coimbra, fôra o principal fundador da Bibliotheca.

LISBOA — Museu do Carmo. Um aspecto da exposição

LISBOA — Museu do Carmo — A secção de ceramica

(Clichés do phot. am. sr. Pedro Sotto Maior).

hoje pertença da Camara Municipal.

Entretanto, desposava uma senhora de primorosa educação e elevada intelligencia, modelar de virtude e operosidade. Ia praticar mais uma vez como pae, mas a vida tambem ia ser-lhe mais espinhosa e difficil em todas as responsabilidades. Aos pesados compromissos de Coimbra juntavam-se os de Lamego, principalmente depois de adquirir o logar de conservador da comarca. Mas tudo venceria elle depressa, se os outros lhe não começassem a sollicitar — e alguns a explorar — o prestimo e a franqueza. Não eram só as exigencias dos politicos, a sustentação d'um jornal partidario — e, ás vezes, quasi de dois, — as despezas em beneficio dos seus chefes politicos, dos seus correligionarios.

(Continua) José Agostinho.

Vida Colonial

ANGOLA—Humpata. *Costumes boers. Choupana e creação, vendo-se o pae e filhos trabalhando na preparação de chicotes e bengalas de cavallo marinho*

ANGOLA—Humpata. *Costumes boers. Um casamento*

Clichés do phot. am. snr. Telles Grillo).

ARMARIA PORTUGUEZA

Armas de cada appellido que entram na composição dos brazões das casas nobres de Portugal

Aboim. Escudo esquartelado; o primeiro quartel xadresado de ouro e azul; no segundo um campo de ouro tres bastões de azul; e assim os contrarios. Timbre: dois braços vestidos de azul tendo nas mãos um taboleiro de xadrez como no primeiro quartel do escudo.

Abreu. Em campo vermelho cinco azas d'aguia em ouro, com sangue nas cortaduras e dispostas em sautor. Timbre: uma das azas estendida.

Achioli. Em campo de prata, um leão azul armado de sanguinho.

Affonso. Escudo partido em pala sendo a primeira partida em facha; na primeira em campo verde uma torre de prata lavrada de preto; na segunda em campo de ouro uma aguia negrá de duas cabeças, aberta e armada de sanguinho; na segunda pala, em campo de prata um leão vermelho armado de azul. Timbre: a aguia do escudo.

Rebello Jor.

NOTAS DO ESTRANGEIRO

MEXICO—O presidente da republica Mexicana, general Huerta, acompanhado do general Blanquet, ministro da guerra, e varios officiaes do exercito, no acto de condecorar a bandeira do regimento 29

FRANÇA — Maillane. O povo assistindo ao enterro do grande poeta Mistral

A caminho do monte

(Cliché do dist. phot. am. sr. João San Romão)

PROPRIETARIO
Joaquim Antonio Pereira Villela.
DIRECTOR
Dr. Francisco de Sousa Gomes Velloso.
EDITOR
Antonio José de Carvalho.
ADMINISTRADOR
Clemente de Campos A. Peixoto.

Illustração Catholica
Revista litteraria semanal de informação graphica

Redacção, administração e typographia
83, R. dos Martyres da Republica, 91
BRAGA

CONDIÇÕES D'ASSIGNATURA
(PAGAMENTO ADEANTADO)

Portugal e colonias (1 anno) . .	2$400
» » (6 mezes) .	1$200
» » (3 mezes) .	600
A' cobrança feita pelo correio e pelo cobrador, accresce o importe das despezas.	
Estrangeiro (1 anno)	3$000
» (6 mezes)	1$500
Numero avulso	60

Numero 44 Braga, 2 de maio de 1914 **Anno 1**

ILLUSTRAÇÃO CATHOLICA

Revista litteraria semanal de informação graphica

Proprietario, Joaquim A. Pereira Villela. Director, Dr. F. de Sousa Gomes Velloso

EDITOR Antonio José de Carvalho.

ADMINISTRADOR Clemente de Campos A. Peixoto.

Braga, 2 de maio de 1914

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E TYPOGRAPHIA
83, R. dos Martyres da Republica, 91
Não se restituem os originaes

Numero 44—Anno I

CHRISTUS VINCIT CHRISTUS REGNAT CHRISTUS IMPERAT.

VIANNA DO CASTELLO—Egreja da Misericordia. O altar da Virgem das Dôres no dia da festa

(Cliché do phot. am. snr. Domingos Roriz)

Chronica da semana

XLIV

PARECE definitivamente assente no taboleiro diplomatico internacional que, segundo a phrase sabida, se realise a *exploração* economica de Angola pela Allemanha.

Na concisão fulminante d'esta resolução das potencias, debate-se um gravissimo problema para o futuro da nossa patria. Em notabilissimo artigo, cuja palavras gottejam o amargo fel das desillusões que arrastam á decrepitude dos corações, e ao mesmo tempo traduzem uma labareda de revolta sacratissima, como é a que responde a uma affronta dos brios e á honra da nação, — o grande jornalista que é Moreira d'Almeida revelava o tremendo facto, baseado em documentos insophismaveis, e evocava sublimemente, como elle o sabe fazer, a memoria dos mortos e tambem a dos vivos militares illustres que pelos mattagaes africanos esgarçaram a pelle e testemunharam a bravura da raça, em heroicos prelios, e que agora deverão sentir, na prisão algente dos sepulchros ou no tormento indizivel do exilio, nas ossadas que um sopro de momentanea vida agitará ainda, ou no coração cheio de pungentissima saudade pela gloriosa terra natal, todo um profundo sentir de tristeza e de colera, vendo os governos da da sua patria entregar, vender ao extrangeiro o mais rico territorio d'além-mar, que é tambem o campo memorando onde floresceram os triumphos de maior fama para a historia contemporanea das armas portuguezas!...

A chronica não podia relegar a segunda escala um facto sobre todos importante, como é este, sob pena de lhe ser imputada uma subserviencia infamante e um esquecimento vergonhoso.

Nem só, porém, a alienação economica de Angola, — prologo d'uma alienação politica — offerece este flanco ás considerações patrioticas, embora elle permitta e justifique desde já que se erga sobre as faces cynicas dos traficantes do nosso patrimonio ultramarino, o latego vingador que lhes rasgará na face o signal de negra felonia sem nome.

Esta *exploração* de Angola leva-nos a encarar, no fugidio tempo d'uma referencia ou allusão, o singular contraste de duas civilisações ou antes de duas epochas: — a de hontem cheia de feitos victoriosos que alentam a alma nacional á prosecução dos seus destinos, e a de hoje, fria, calculista,

«vendendo o amor ao metro e a caridade á jarda»

como disse Junqueiro, ferozmente positiva, vendo na bandeira um objecto de mercadoria e no sentimento patriotico uma athmosphera propicia aos jogos arriscados da Bolsa.

Digam-nos que impressão esta ultima reflecte no coração e no espirito do povo, que não seja de repugnancia!...

E' que o dinheiro nunca formou a unidade nacional, muito mais quando é instrumento de traição; é que a raça necessita de expansão e ella não póde manifestar-se sobre o balcão dos argentarios.

A prova dá-a a propria Allemanha que falla aos seus soldados nos triumphos de Frederico, o Grande, e nas tristes façanhas da guerra de 70 e não lhes insufla combativo ardor informando-os dos capitaes que entram em jogo para acquisição de novas colonias.

Ah! que entre aquella epocha tão bella e tão rica de epopeias e a de hoje, tão brutal e tão utilitarista, nós preferimos bem a primeira, e a razão de tal preferencia está em que amanhã, o logar de Marracuene será talvez occupado pelas quatro paredes d'uma loja de bebidas e pannos que o preto ambiciona, e talvez seja tambem arrazada a sepultura do tenente Roby, no Cunene, para assentar sobre os seus ossos as traves d'uma linha ferrea...

Vinha a proposito citar uma phrase d'um escriptor conhecido, mas... não é propria da chronica, embora muito diga com a indignação popular!...

F. V.

O Crucifixo

No meu quarto tenho o Christo,
Por cima da travesseira.
Reso-lhe, emquanto me visto,
Com o fervor d'uma freira.

A adorá-lo eu não resisto,
Com uma fé verdadeira:
A minha Mãe m'o deu e... isto
Augmenta a minha cegueira...

Minha mãe m'o deu beijando
E pediu, quasi chorando,
Que vivesse sempre bem.

Pediste-m'o, assim farei:
Teu conselho cumprirei,
Toda a vida, ó minha Mãe!

FRANCISCO SEQUEIRA.

VIDA INTENSA

(PAGINAS D'ALÉM FRONTEIRAS)

A estas horas as forças dos Estados Unidos devem cruzar a fronteira mexicana e levar uma nova desgraça a esse desgraçado paiz. A intervenção armada, que os interesses instigam, vae emfim effectivar-se sob pretexto humanitario de garantir as vidas dos extrangeiros, segundo a declaração prévia do presidente Wilson. A questão mexicana é pouco conhecida na Europa a d'onde apenas chegam as impressões laconicas do correspondente da *Reuter*, que a meu vêr, se empenha no descredito d'aquelle paiz. E' certo, que profundas atrocidade se tem commettido, crimes sem nome se tem praticado mas não é por ahi, que o mal se avisinha nem foi precisamente este facto, que enterneceu o piedoso humanitarismo *yankee* com que agora se mascára a cubiça dos Estados Unidos e os empurra para uma guerra perigosa.

LISBOA — Campolide. O edificio do antigo collegio

A origem da questão mexicana reside em dois pontos definidos: na exacerbação perigo-

LISBOA — Campolide. Arcos das Aguas Livres

sa das paixões politicas e na desproporção immensa entre o desenvolvimento material do paiz e o desenvolvimento moral da sociedade. A civilisação mexicana é apparente, artificial, e está ainda, infelizmente para os costumes, como o pó d'arroz para a cara das pretas. E' um pouco como aquelles *buffetes* antigos que o antiquario manhoso, nos quer impingir como o mais legitimo pau santo mas que a arranhada *patine* de cera nos apparece honradamente do mais burguez pinho de Flandres. No Mexico, nas suas capitaes, que nos surgem, atravez da lenda dos chronistas, semeadas de palacios magnificos e cortadas de largas avenidas arborisadas, com todo o luxo, todos os vicios, miserias e confortos, d'uma grande cidade moderna, é frequente vêr passar um indio quasi nú com o seu classico *jip-jap* em bico para melhor esconder a agulha traiçoeira que é a sua unica arma de defeza e que elle, inconsciente e mau, cravará, logo, em qualquer amigo, na *poulkeria* proxima por uma rasão pueril.

Porphyrio Daiz tinha defeitos e grandes, envolveu-se talvez em negociatas pouco limpas mas conhecia profundamente o caracter do povo e o seu pulso de ferro, soube conter durante os largos annos do seu governo, as tendencias selvagens d'essa raça nova, ao mesmo tempo que fomentava o desenvolvimento material do paiz. As ambições politicas, os interesses da clientella, lá como cá, sempre cegos e perturbadores, derrubaram esse homem, que talvez fôsse um tyranno, um auctoritario, mais pelas necessidades da vida governativa, que propriamente pela dureza do coração.

E' preciso conhecer um pouco a organisação d'aquelle estado para avaliar o tremendo erro politico que os homens publicos commette-

LISBOA—Annel offerecido ao Senhor D. Antonio Mendes Bello

(Cliché do nosso corresp. phot. de Lisboa)

Este annel que é uma preciosa e linda obra d'arte, tem uma cruz de duas hastes gravada sobre uma amethysta circumdada por uma coroa de 30 brilhantes. Na mesma pedra está gravada a data da entrada solemne em Lisboa.

O Senhor D. Antonio Mendes Bello, já na festa da Paschoa, realisada na Sé, usou esta valiosa e rica prenda.

AÇORES—Furnas de S. Miguel. Ermida de José do Canto

ram em prejuizo da sua patria affastando do poder o unico homem que poderia levar o paiz, sob o ponto de vista moral, a um grau de desenvolvimento identico ao desenvolvimento material, que sob o seu consulado o Mexico attingiu.

Eu não posso esquecer o episodio flagrante que ha tempos me relatou um mexicano illustre. Realisava-se um congresso internacional e a cidade vestira-se das melhores galas para receber os seus hospedes, o governo organisara um programma acolhedor e na vespera da inauguração, Porphyrio Diaz faz publicar um edital prohibindo, sob rigorosas penas, a entrada na cidade dos indios durante os dias das festas. O governo perdera-se em mil detalhes de funçanatas mas o Presidente, que conhecia o paiz, não esquecera esse pormenor. Assim, os extrangeiros não trouxeram a impressão desoladora que evidentemente trariam se não surge a ordem feroz mas previdente do Presidente da Republica.

VIANNA DO CASTELLO—Santa Martha. Um aspecto do rio de Portozêllo

Os Estados Unidos jamais viram com bons olhos o desenvolvimento material d'esse paiz e não perdem agora o ensejo de se impôrem e de dominarem. O desiquilibrio latente entre o progresso material e o estacionamento moral do Mexico, conjugado com as ambições politicas, geraram a rebellião, produziram a catastrophe, que ninguem sabe como terminará perante a in-

VIANNA DO CASTELLO—Santa Martha. Ponte sobre o rio de Portozêllo

tervenção humanitaria — suprema ironia! — do exercito americano.

Entretanto, o Mexico, n'este momento grave de provações, deu ao mundo um exemplo nobilissimo d'acendrado patriotismo: perante a invasão os mexicanos farão causa commum para defenderem a patria.

E será talvez esta poderosa affirmação de caracter collectivo que o absolve de todos os erros, que o revindica de todas asfaltas, a unica razão do seu triumpho e o motivo forte da sua integridade territorial,,.

JOSÉ DE FARIA MACHADO.

VIANNA DO CASTELLO—Santa Martha. Moinhos no rio de Portozello

(Clichés cedidos gentilmente pelo Snr. Antonio Vianna)

FIGURAS DA BEIRA

XX

IV

Dr. Cassiano das Neves

O que mais o embaraçava eram os seus amigos, os que, tantas vezes, rodeando-o de respeitos e affectos, mais ou menos sinceros, recorriam tenazmente á sua bolsa, e ainda mais ao seu credito, á honradez da sua assignatura.

E o dr. Cassiano, querendo valer a todos, não descontentava ninguem. Para isso, abalançou-se a emprezas honestamente commerciaes, de afogadilho, mais segundo as urgencias da vida do que determinado por um estudo reflectido d'aquillo que tentava.

Optimismo? Talvez, apezar do amargo e intimo pessimismo que trazia já de Coimbra.

As consequencias foram tão logicas como tristes: aggravar a sua vida financeira, embora desafogando a de muitos; ser um publicista de radioso valor e não poder deixar uma obra condigna, de tanto que lhe faltavam a calma, o tempo, todas as condições favoraveis á producção litteraria; atormentar-se, emfim, advogando e leccionando, tratando de assumptos commerciaes, e ainda da lide politica que sobre elle descarregava tudo que era espinhoso, ingrato e excessivo, sem ter a menor compensação real; nem sequer a de uma chefia absoluta que os frivolos ambicionariam, com febre, á roda da sua nobre e dolorosa figura.

Salvando muitos da ruina financeira, o dr. Cassiano arruinava as suas finanças. Tendo um grande talento de escriptor e jornalista, tinha de limitar-se a artigos de momento, podendo apenas, nos primeiros tempos, escrever o brilhante opusculo *Os Suicidas* em defeza do grande bispo do Funchal D. Manoel Agostinho Barreto, traduzir os *Deveres* de Silvio Pellico e os *Colloquios Aldeões* de Cormenin. Advogado dos mais eminentes, a Conservatoria, com tudo o mais, cerceava-lhe o tempo e, afinal, os interesses que teria em mais larga vida forense, adjunzindo-o dolorosamente á necessidade de amealhar, dentro do mais positivo, o que lhe permittisse solver compromissos que, dia a dia, o aterravam.

Professor de valia, não o era, ao menos, no Lyceu, que elle fundara, leccionava em casa e no Collegio onde tirocinara no tempo do saudoso Padre Antonio e onde proseguiu a sua missão no tempo do Padre Alfredo Teixeira, o modelar director ainda hoje, mas sempre em sobresalto, pensando em lances commerciaes e em deveres politicos, estremecendo todo só com o pensamento de não deixar livres de privações a esposa e os filhos,

E D. Maria Vahia Neves, formosa de corpo e alma, distinctissima de presença e caracter, de mentalidade e coração, auxiliava-o com ardor, bom-senso e prestimo. Traductora elegante da *Sepultura de ferro* de Henrique Conscience, e do *Leproso* de X. de Maistre, a nobre senhora comprehendia o grande espirito do marido, sem que na vida pratica deixasse de ser uma admiravel dona de casa, esposa terna e corajosa e mãe por vezes delicadamente sentimental.

Mas a realidade era imploravel. O dr. Cassiano só vencia no que beneficiava os outros. Ao tratar de si, talvez porque era mais receoso umas vezes e mais utopista outras vezes, todo o trabalho, todo o esforço, toda a energia, lhe davam o desastre e a perda.

Confessava-o? A poucos, e ainda assim animando-os sempre com incitamentos generosos. A mim o confessou elle só um dia, mezes antes de morrer, n'uma das horas mais dolorosamente inolvidaveis que tenho vivido.

Confessou-mo, porém, fallando-me em Deus, apontando-mo como o Pae misericordioso cujos intentos devemos respeitar e amar.

Nem uma rebeldia. Tristeza muita, sim. Até a convicção de que o Senhor o punia, em provações, dos seus impetos passionaes.

E, depois da confidencia, singular por ser tão moço então o confidente, confidencia complexa sobre tantos factos e até homens, a quem Deus tudo perdoará, o dr. Cassiano Neves, que eu via sempre sorrir, como que indifferente a lances de todo o azar, curvou a fronte escalvada e vincada pelo infortunio, e ficou-se a soluçar, de rosto escondido nas mãos finas e, comtudo, musculosas.

AMARANTE—Mosteiro de S. Gonçalo

Depois, levantou-se, já sorridente, e disse-me pela millesima vez:

— Meu amigo, a vida só é possivel á custa de muita paciencia e de muita ironia!

JOSÉ AGOSTINHO.

Não ha accidentes tão desgraçados, que as pessoas habeis não possam converter em sua vantagem; nem tão felizes, que os imprudentes não possam converter em seu prejuizo.

AMARANTE—Um aspecto da margem esquerda do rio Tamega

A semente

ooo

ACABAVAM de retirar o bispo Pretextad [1] de ao pé do altar-mór da sua cathedral onde tinha sido apunhalado. O officio de Paschoa fôra interrompido. Em grupos dispersos, os clerigos, amedrontados, discutiam.

Os fieis apavoravam-se. Um immenso *brouhaha* enchia todo o edificio.

Apesar da hora matinal e do mau tempo, a multidão engrossava no adro e á porta da casa episcopal que se fechara logo depois da entrada das familias.

Gritos estridulavam a intermittencias:

— «Pae! nosso Pae! não nos abandoneis!»

Subiam ao céo fervidas orações; uma litania começava a desenrolar-se, insistente e monotona, emquanto que largos silencios vinham entrecortar esta agitação de angustia. Então, os olhares voltaram-se anciosos ou ameaçadores, para o palacio da rainha que alçava o seu rigido perfil por sobre o amontoamento das paredes e telhados. Depois os sinos bimbalhavam. O céo, baixo, entorvára-se; as ondas sonoras que não podiam alongar-se, quebravam-se ao subir como de encontro a uma aboboda, e tornavam a cahir, gottejando lagrimas de harmonia, em dolorosos soluços. Era infinitamente triste, desesperadamente afflictivo, ennegrecendo o coração das almas e das coisas, apesar dos brancos aguaceiros de Março que se desgrenhavam em faceis turbilhões.

AMARANTE—As lavadeiras no rio Tamega

AMARANTE—Um lindo trecho do rio Tamega

De repente soou uma fanfarra. Um grupo avançava, entre o ruido de ferros que batiam, eriçada de lanças e espadas, rodeando uma especie de cadeirinha, onde na penumbra, se destacava sob o fulgor de joias a forma lativa de uma mulher.

Dois olhos ardentes dardejavam suas chammas que olhar algum de homem livre ou de vilão ousava enfrentar. Um calafrio saccudiu a multidão:

—Fredegonda!... Fredegonda!...

No adro, a altaneira soberana desceu. As portas da cathedral abriram-se; e o seu busto erecto, quasi rigido, entrou e foi caminhando atravez da nave e do côro até ao sanctuario.

---

(1) Bispo de Ruão, assassinado junto do altar pela rainha Fredegonda, no dia de Paschoa de 586.

As coisas não haviam sido ainda mudadas: cirios accesos, cadeiras em desordem ou derrubadas, o punhal sangrento que cahira do seio do martyr, mezas, tapetes, ornamentações toalhas laivadas de manchas ainda humidas, ainda vermelhas, accusadoras do crime e clamadoras da Justiça eterna.

Fredegonda não pestanejou. Como os curiosos que ao redor não desfitavam este espectaculo de horror, tambem ella demoradamente o observou. Depois, no mesmo passo altivo em que alli chegára, voltou-se para a porta de communicação que levava aos aposentos episcopaes. Tudo se abriu deante d'ella. Tudo tremia.

*

—Senhor Bispo, tive conhecimento do crime, e apressei-me a trazer-te o meu auxilio e a ordenar que procurem a mão que te feriu...

—Foi a tua!

—Como! Que estás dizendo? Obscurecem-se-te os sentidos. Bispo, usas ainda affrontar-me no proprio leito de morte?

—E tu ousas vir contemplar a tua victima?!

—Bispo, toma cautella! Eu sou a rainha: posso vingar-me...

—Já o fizestes!...

—Sobre os teus, sobre a tua Egreja.

VIANNA DO CASTELLO—Misericordia. A imagem do Senhor Ecce Homo que esteve exposta á veneração dos fieis em Quinta-feira Santa.

VIANNA DO CASTELLO—Misericordia. Exposição de pratas na cerimonia do «Lava-pedes». A' esquerda o formoso oratorio onde costuma estar a imagem do Senhor Ecce Homo.

(Clichés do phot. am. snr. Domingos Roriz)

— Deus defende-nos.

— Posso dispersar tudo, tudo esmigalhar.

— Tenta-o!

— Bispo!... Bispo!..

A colera abafava-a. Gestos de ameaça completaram o seu pensamento. E sahiu trémula, sob o olhar pacifico e magestoso de Pretextad agonisante.

Apenas lá fóra, já compuzera o rosto e o porte. Os fieis não suspeitavam as explicações penosissimas d'aquella entrevista, pois que a viram installar-se tranquillamente no seu throno do côro de baixo, para assistir ao officio de Paschoa.

apenas uma rainha. Ousae, pois, levantar a fronte para vêrdes a Deus, muito acima d'ella. Ella não tem poder senão sobre o vosso corpo; as vossas almas escapam á sua tyrannia.

Mesmo soluçantes, mesmo mortos, vós triumphareis das suas crueldades. A semente que morre, dá fructo!

— Que devemos fazer?

— O vosso dever, sómente.

— Porque meios?

— Pelos meios ordinarios: hoje é dia de Paschoa; não vos occupeis do moribundo; *alleluia* pelo divino Resuscitado!

Amanhã, e nos dias seguintes, cumprireis

BRAGA — Presos politicos. «Fita» de 21 d'Outubro de 1913

1 José Vicente da Costa Mendes, 2 José Joaquim Peixoto, 3 Antonio Fernandes Lopes, 4 Custodio Ribeiro, 5 Adolpho Taveira e Silva Leite de Macedo, 6 Adelino Silva, 7 José Antonio Rodrigues Bravo, 8 Julio Guimarães, 9 Alfredo Abreu, 10 Antonio Gonçalves Puga, 11 José da Silva Esperança, 12 Manuel Neves dos Santos, 13 Antonio Rodrigues Junqueira Junior, 14 Manuel Antonio da Cunha, 15 Manuel da Silva Pereira de Vasconcellos, 15 João Pereira de Castro (Tojeira), 17 Apparicio Alberto Calheiros de Miranda, 18 Dr. José Joaquim Pereira dos Santos Motta, 19 Adriano Aragão, 20 Ernesto Julio Taveira e Silva Leite de Macedo.

Mas os clerigos e famulos do santo Bispo, esses, tinham ouvido tudo. A accusação tragica fizera-lhes mais do que surpreza ou jubilo: reanimára-os. Ainda ha pouco, rebanho timido, prestes a fugir á vista da soberana criminosa, agora rebanho balando, juntando-se á volta da firme vontade do seu pastor que até nos ultimos alentos se affirmava.

— Filhos, meus queridos filhos, olhae: é

o vosso dever tal como elle se apresentar, terno ou ruidoso, feito de longas impaciencias ou intermittentes generosidades.

— Um chefe!

— Tomae Melancio por chefe, é um silencioso e um tenaz. Não vos conduzirá por certo á conquista, mas nunca recuará um passo. Ha precisão d'esses como elle na Egreja de Deus, para consolidar as posições e permittir

que os mais ardidos marchem para a frente... Abençôo-vos e volto para junto de Deus, a interceder por vós. Tende confiança. Ide!

Todos se inclináram, e o maior numero dirigiu-se para o côro.

Pretextad cerrou os olhos e acabou de morrer...

*

O officio recomeçava. O novo eleito, Melancio, explicára a situação em algumas palavras aos seus padres, e déra direcções: haviam-n'o comprehendido — marchariam para deante.

A affluencia crescia. Fredegonda achou até que ella augmentava demais, e não se sentindo sufficientemente em segurança, ordenou que os guardas a rodeassem. Depois affectou uma secca piedade e bôa apparencia. Que tinha ella a temer? N'aquella hora, não era ella a unica que se assentava n'um throno d'uma cathedral? Não via ella no seu povo uma indisciplinada balburdia, no seu clero, um rebanho sem pastor? Esta convicção tornava ainda mais dura a sua belleza de fera. Uma estatua insensivel e dominadora parecia haver-se erguido em frente do altar profanado. Porque o altar ficará exteriormente profanado. De proposito, porém, não haviam recorrido ás necessarias purificações.

— Não foi um assassinado, foi um martyr, disséra Melancio; celebra-se sobre o corpo d'um martyr, nós celebraremos sobre o seu sangue.

E os padres e os diaconos iam e vinham, marchando, pisando o tapete e o punhal ensanguentado, orando, cantando, incensando, depondo sobre a toalha ensanguentado o pão e o vinho do sacrificio. Os corpos estremeciam ainda por instantes, as frontes curvavam-se mais do que convinha, mas as theorias ligavam-se e religavam-se e os ritos cumpriram-se.

Os *alleluias* tremiam nas gargantas oppressas, mas vibravam. Até as lagrimas se illuminavam d'esperança. Grande, tragico, fundamente impressionante o dever cumpria-se. A seiva circulava ainda no abalado tronco.

Deus vivia sempre no coração da Egreja ruaneza. O odio não tinha aterrado o amor.

Vagamente, Fredegonda começou a perceber que nem tudo acabára com Pretextad. Havia outras resistencias a vencer. Mas isso pouco importava: esta tinha todas as cartas na mão e o mais difficil estava feito. Um sorriso de altiva piedade arrugou a implacabilidade do seu rosto. Viu os cantores de psalmos exxangues e servis, e musculosos e cobertos de ferro os seus soldados.

— A quem confia então Deus o seu poder e a guarda das suas leis? Estes não valem mais que aquelles?... Que venham, que se atrevam!

Não vinham nem viriam, porque a Egreja não é feita para se precipitar ao ataque dos poderes constituidos, mas caminhava-se, recomeçava-se a grande e bôa caminhada para Deus. Marchariam direitos, promptos a transpor todos os interesses e todas as paixões; subiriam, elevar-se-hiam acima das ambições humanas. Não

GUIMARÃES — Egreja de S. Domingos. O altar de N. S. do Rosario, em Quinta-feira Santa

(Cliché de Francisco P. Mendes.)

GUIMARÃES—No mercado. A venda de roscas e pão doce na festa da Paschoa

GUIMARÃES—No mercado. Vendendo rócas e fusos

desceriam aos conflictos mesquinhos da terra; não tolerariam mais que a força houvesse primazia sobre o direito nem que o orgulho lançasse mão do thuribulo.

Melancio officiava. Era um calmo e um silencioso, como o definira Pretextad. Sentia-se isto na modestia da sua attitude, na medida das suas entoações e dos seus gestos. Chegára o canon da missa. A mais alta emoção empolgara-o em toda a intensidade: a ideia de que elle ia consagrar o Corpo do seu Deus sobre o sangue do seu superior. As palavras arrastavam-se, pronunciadas a custo. Sem impaciencia, os clerigos seguiam e esperavam, presos, elles tambem, pela solemnidade do momento.

Cahia sobre a assistencia um silencio cada vez mais profundo. Dir-se-hia que depois de haver quebrado as suas ondas, o mar espraiava-se sem um marulho e sem

GUIMARÃES—Junta de bois abatida no Matadouro municipal com 1872 kilos de peso

GUIMARÃES—O povo em frente ao predio do snr. José J. Vieira de Castro, onde ultimamente se manifestou incendio

(Clichés de Luiz do Souto)

uma brisa. O padre pronunciava em meia voz e era ouvido nos mais esconsos recantos do templo e o povo aprehendia as modulações que lhe atravessavam a garganta e a alma. E estas vibrações augmentavam á medida que elle se adeantava nas orações sagradas e começavam de romper o equilibrio da athmosphera silenciosa, e tocavam e abalavam as almas opprimidas.

Um signal retiniu, seguido do ajoelhar surdo de toda a multidão. Os olhares levantaram-se ardentes para a Hostia que ia apparecer. Muda, immensa, irresistivel a supplica prolongava-se... A voz de Melancio articulou:

PORTO—Contumil. Um aspecto da linha ferrea

— *Hoc est enim corpus meum... Hic est enim calix sanguinis mei.*

Mas ainda os seus braços não tinham descido da Elevação quando um «oh!» de extasis e de acção de graças escapava de todos os labios, desbordava de todos os corações. Além, sob os olhos de todos, em volta d'aquelle padre que offertava o seu Deus, rodeando-o, amparando-o, um ramo brotara do ensanguentado altar, ramo feito de mil hastis, de almas inumeraveis, ligados pela fé e pelo amor, carregada como de espigas, do oiro das mitras e dos baculos, e sobre o qual resplandecia, sol bem adorado, a brancura deslumbrante da Hostia. A semente que morrêra produzira o seu fructo. O sangue derramado fecundava os campos. O futuro abria-se esplendido, até ao fim dos tempos, certo, consolador e reconfortante.

*

Nem um só grito se ouviu. A visão desapparecera e ainda parecia que todos a fitavam. Os olhares haviam se abaixado. Os corpos não se tinham erguido. A missa continuára: — fôra interrompida? Resava-se? Não se rezava? Cantava-se? Não se cantava? Nem o saberia dizer, nem que tempo decorrêra nem que a terra existia. Melancio apenas, parecia reapossado de si mesmo. Acabava o santo officio. Elle, só elle tomára contacto com as realidades.

Só? Não. O odio velava sempre . . .

Quando se voltou para dar a ultima benção, quando desceu o seu olhar enternecido e confortado para esse povo que Deus lhe confiava, um outro olhar cruzou com o seu, sob uma arcaria, dois olhos brilhavam, metallicos e duros: — Fredegonda!

Melancio teve um momento de hesitação; mas terminou o seu gesto, em nome do Padre, do Filho e do Espirito Santo. «Christo, pensou elle, bem nos disse que seriamos como os cordeiros no meio dos lobos: Vamos! apezar de tudo, e tão longe quanto Elle quizer!»

HENRIQUE BOURGEOIS.

PORTO—Contumil. A passagem do comboio rapido

(Clichés do dist. phot. am. snr. Augusto Chaim)

A Canção Popular Portugueza

No nosso paiz, onde ha tantas e tão variadas canções populares, andaram os maestros a fazer musicas para versos de poetas portuguezes e a crear o que uns e outros chamavam — a canção portugueza e fizeram-se varias festas de consagração a ella.

Mas Antonio de Lemos, um lidimo espirito de patriota e um bello cultor das lettras, quer demonstrar publicamente que se se estudasse e cultivasse essa interminavel série de canções populares poderiamos revigorar a alma popular e n'um arrojo de boa vontade e de iniciativa, realisou com o concurso dos actores e actrizes do Theatro Apollo Terrasse do Porto, um facto que marcou nas festas da *elite* d'esta cidade, pois revestiu um desusado brilhantismo e um alto cunho de distincção, que muito devem ter satisfeito o seu distincto promotor e organisador.

A elegante sala do Apollo Terrasse encheu-se completamente de uma assistencia distinctissima, em que avultavam muitas pessoas da primeira sociedade portuense, povoando-se inteiramente as galerias e a plateia, predominando as senhoras, que imprimiram a esta festa a graça e o encanto da sua seducção, e a nota de elegancia com as suas *toilettes* lindas.

Iniciou-se a festa por uma conferencia sobre a canção popular portugueza, pelo snr. Antonio de Lemos, que, modestamente, intitulou o seu interessante trabalho de «Palavras».

O conferente começou por, em estylo correntio, saudar as senhoras presentes, a quem ia dedicar o seu trabalho, tendo phrases buriladas de sentido lyrismo e deliciosas concepções.

Depois abordou o assumpto a tratar, dizendo que no meio d'aquelle interessante concerto a sua falla seria a fifia solta por musico da aldeia que se visse a cooperar com professores n'uma grande festividade musical e, seguindo sempre fluente e enthusiasmado, glorificou a canção popular como a verdadeira canção sahida expontaneamente da alma do povo.

Disse que essas lindas canções portuguezas que ahi se téem cantado, são a manifestação artistica de compositores inspirados, e feitos sob a lettra de versos de poetas illustres, mas que o que mais fazia vibrar a alma simples e ingenua do povo era aquella canção que se cantava nas romarias, nos trabalhos de campo, nas ruas das cidades, em toda a parte emfim onde houvesse portuguezes.'

Fallou da saudade dos que emigram e dos que ficam, dizendo que era n'essas canções que ella achava lenitivo a essa tristeza e saudade.

Fez vibrar a alma portugueza em todo o seu enthusiastico patriotismo. Foi admiravel quando, seguindo as diversas gamas da sentimentalidade, nos fallou no nosso passado, mostrando que a alma nobre do povo portuguez sabe sentir como poucas, sabe enthusiasmar-se nos grandes commettimentos, rejubilar nas grandes dôres e estiolar-se na degenerescencia da sociedade.

O snr. Antonio de Lemos, que foi phreneticamente applaudido, fez, na verdade, uma palestra interessante e cheia de vivacidade scintillante, que nos demonstrou que o nosso amigo é um lucido espirito e um inexcedivel *diseur*.

O sextetto dirigido pelo eximio violinista Alberto Pimenta, executou uma *Rapsodia sobre motivos populares portuguezes*, do professor M. de Figueiredo, que foi acolhida com ruidosa ovação.

Recitaram depois as variadas canções de que o actor Augusto Soares indicava previamente a origem, a data e o nome do auctor que as recolhera.

E assim o auditorio que frequentes vezes fazia vibrar a sua alma de portuguezes, applaudia com unisonas salvas de palmas, essas sentidas canções, queixumes e alegrias de um povo bondoso e simples, que esquece as duras labutas dos tra-

ANTONIO DE LEMOS
Organisador da 1.ª festa da Canção Popular Portugueza

Maestro CRUZ BRAGA
Ensaiador das canções e dos córos da Festa da Canção Popular Portugueza

AUGUSTO SOARES
Director artistico do Theatro Apollo-Terrasse, do Porto, que recitou o rimance *O Soldado*

D. DORA VIEIRA
do Theatro Apollo Terrasse, que cantou as canções *Ai laços! Ai fitas!... A pastorinha* e *Vira do Minho*

D. EMILIA PINHEIRO
do Theatro Apollo, que cantou a canção *A Mulher dos Ovos*

D. GERARDA VIANNA
actriz do Theatro Apollo Terrasse que cantou as canções *Oh Fresca da Ramalhada* e *Rosa Tyranna*

balhos campestres, entoando os dizeres singelos da sua alma amorosa e sentimental.

Algumas das mais caracteristicas canções regionaes do Minho, de Traz-os-Montes, Douro, Beiras e Alemtejo, foram ouvidas com indizivel prazer, sendo repetidas entre outras, *O descante, A gentil serrana, A carrasquinha, Canna Verde, Fado corrido, Pastorinha, Tia Annica de Loulé*, etc.

Tomaram parte no espectaculo os artistas do Apollo, Dora Vieira, Luiza Durão, Maria Frazão, Maria das Neves, Emilia Pinheiro, Gerarda Vianna, Augusto Soares, Corte-Real, Duarte Silva, Carlos Dubini, Vieira Marques, José Silva e José Victor e o sextetto do Salão-Jardim da Trindade, composto pelos distinctos professores Alberto Pimenta, filho, Manuel Pinto de Figueiredo, Alberto Pimenta, Nicolau dos Santos, J. Romagosa e Eurico Antunes.

D. MARIA FRAZÃO
actriz do Apollo Terrasse que recitou o rimance *A Fonte do Salgueirinho*

(Clichés da Phot. Belleza—Porto)

Fastos do Catholicismo

ooo

O catholicismo germanico

Foram recentemente publicados na Allemanha os resumos da estatistica do movimento religioso no imperio, que se fez em 1910. Razões economicas de modo nenhum influem em se declarar catholico um cidadão da Allemanha, porque os impostos de antemão determinados, são mais pesados para os catholicos por terem organizado maior numero de obras religiosas do que as outras confissões.

Apesar de tudo, os dados officiaes dão 24:000:000 de fieis para o imperio allemão, ou seja um augmento de 1:726:961 desde o censo de 1905 e 9 milhões da fundação do imperio para cá.

NOTAS DO ESTRANGEIRO

MARROCOS—O general Lyautey de visita ao sultão Molay Jussef passa revista ás tropas.

MARROCOS — M.me Lyautey, acompanhada pelo Dr. Péan, visita o Lazareto de Rabat onde estão sendo tratados alguns mussulmanos atacados de peste

Um segredo

(Cliché do dist. phot. am. sr. Augusto Chaim)

PROPRIETARIO
Joaquim Antonio Pereira Villela.
DIRECTOR
Dr. Francisco de Sousa Gomes Velloso.
EDITOR
Antonio José de Carvalho.
ADMINISTRADOR
Clemente de Campos A. Peixoto.

Illustração Catholica
Revista litteraria semanal de informação graphica

Redacção, administração e typographia
83, R. dos Martyres da Republica, 91
BRAGA

CONDIÇÕES D'ASSIGNATURA
PAGAMENTO ADEANTADO)

Portugal e colonias (1 anno) . .	2$400
» » (6 mezes) .	1$200
» » (3 mezes) .	600

A' cobrança feita pelo correio e pelo cobrador, accresce o importe das despezas.

Estrangeiro (1 anno)	3$000
» (6 mezes)	1$500
Numero avulso	60

Numero 45 Braga, 9 de maio de 1914 **Anno 1**

ILLUSTRAÇÃO CATHOLICA

Revista litteraria semana de informação graphica

Proprietario, Joaquim A. Pereira Villela. Director, Dr. F. de Sousa Gomes Velloso

EDITOR
Antonio José de Carvalho.

ADMINISTRADOR
Clemente de Campos A. Peixoto.

Braga, 9 de maio de 1914

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E TYPOGRAPHIA
83, R. dos Martyres da Republica, 91
Não se restituem os originaes

Numero 45—Anno I

BRAGA—Altar do S. Coração de Jesus, da capella particular que o ex.mo snr. Manuel José da Rocha Velloso possue no seu palacete ao Campo de Sant'Anna

Chronica da semana

XLV

OS jornaes conservadores teem ultimamente alludido á reacção que se vae operando na juventude portugueza contra as ideias revolucionarias hoje dominantes nas espheras governativas, apontando-as como auspicioso signal de futuro resurgimento nacional e de athmosphera incontestavelmente adversa á desordem do poder.

Todavia as suas allusões não são completas, pois que apenas visam o problema nacional pelo seu aspecto politico, ignorando ou fingindo ignorar que aquella reacção salutar se verifica em muito maior escala e com muito maior vitalidade no campo religioso.

Não queremos negar o valor e a verdade das suas affirmações, antes aperfeiçoa-las. O regresso da juventude á tradição politica manifesta-se sobremaneira n'um, por ora restricto, circulo de intellectuaes, filiando-se n'este facto a insinuação descabida e inopportuna de que a pretexto d'aquelle regresso, se está produzindo uma especie de *snobismo* tradicionalista, da mesma natureza d'um outro republicano, que recrutou nas gerações do *ultimatum* os seus consagrados pontifices.

Apanhados de surpreza pela catastrophe revolucionaria, vendo ruir tudo aquillo que fornecia á gloria da raça todo o brilho, e ao renome do paiz todo o prestigio; constatando a fallencia estrondosa d'aquelles principios de obsoletas doutrinas *liberaes*, que haviam formado as grandes e temperadas armas de suggestão popular, a quando proclamados, com perigosissima insistencia, do alto das tribunas dos comicios; encontrando-se, emfim, sem ideias definidas sobre o problema nacional, pois que a desillusão soffrida acabara de esmagar sob os seus escombros as que até ahi lhes haviam orientado o pensamento; — esses rapazes, dos quaes alguns com incontestavel valor, hauriram nas doutrinações da *Action Française*, presidida pelo admiravel cerebro de Carlos Maurras, os elementos fundamentaes d'um novo corpo de ideias que não só, phylosophicamente, levavam e levam vantagem sobre as apregoadas pela Revolução, como tambem traziam aos seus cerebros desprovidos e desertos, materia que por completo substituia aquell'outra do liberalismo escandecido que a nevada agreste da provação enregelara e sepultara.

A nosso vêr, porém, as theorias eminentemente conservadoras da *Action Française* ficarão inutilmente presas a um vago ondear de opinião intellectual, se porventura não procurarem os seus defensores portuguezes adapta-las ao meio nacional, completando-as com as licções da tradicção lusa e até corrigindo-as em muitos pontos com outros ensinamentos praticos e doutrinaes, expendidos por compatriotas coevos e discipulos das sabias gerações de Veiullot, de Bonald e de de Maistre.

A despeito, comtudo d'estas considerações, convém notar que a tradicção é o fulcro de toda essa pleiade de jovens, que veem na politica uma sciencia e não um expediente facil, pouco atido a escrupulos, odioso e irritante, de que lançaram mão, desde 34, todos os chatins que cevaram a fome sacrilega das panças no corpo exhausto da nação; e isto constitue, na essencia, a grande verdade do momento actual, em cuja estructura palpita uma segura fonte de renovação nacional, que contrastará com a inercia mental das gerações precedentes, mais dadas a frivolidades exoticas de litteratura romantica que ao estudo positivo e real da situação impressionante do paiz.

O mesmo se verifica na acção da Juventude Catholica Portugueza que tem hoje aggremiados perto de seis mil rapazes de todas as classes, movimento que não póde nem deve ser ignorado e que acaba de obter no seu 2.º Congresso, do Porto, um verdadeiro triumpho. Esta desceu immediatamente ao campo d'acção. Possuia na doutrina da Egreja o seu pensamento fundamental, a sua razão de ser, e na situação lastimosa da Patria um estimulo e um incitamento. E' intransigentemente catholica no estudo, na piedade e na acção, e convictamente tradicionalista nas suas conclusões do problema nacional. O liberalismo nunca por nunca poderá contar com a Juventude Catholica Portugueza. Lançou-se na lucta unida, impellida pelo mesmo *élan* heroico. Tem nos seus fastos violencias sem nome contra si commettidas pela demagogia, mas d'ellas tirou alentos novos a novas cargas contra o inimigo. Nas suas fileiras ha soldados rudes d'uma dedicação de granadeiros napeoleonicos e ha pensadores e litteratos e jornalistas que só não são conhecidos porque não vogam na maré dos reclamos truanescos.

Agora mesmo entra na Universidade de Coimbra um dos seus membros mais illustres e queridos, o dr. Pacheco d'Amorim. A sessão solemne do Congresso do Porto, foi uma revelação eloquentissima.

Alli não ha manuelistas nem miguelistas, republicanos de hoje ou de hontem; ha catholicos integraes que querem refazer e hão-de refazer a ossatura moral da sua patria.

Batalhões sagrados, o dia d'amanhã é a sua victoria, o seu anceio fremente!

— E olhe, meu caro, dizia-me um d'elles, eu que fui um descrente, que a politicancia encoscorou em dementes agitações, ao contemplar a desaggregação das forças nacionaes, affirmo-lhe que o unico campo firme em que hoje se póde combater em Portugal, com audacia, com intelligencia e com segurança de consciencia, é o campo catholico!...

F. V.

Asylo de Mendicidade Conde de Agrolongo

NÃO sabemos qual é mais benemerito: se o que ampara o homem decrepito que não tem pão, nem póde ganha-lo; se o que protege a creancinha, que não tem pae e precisa de educar-se.

Uma e outra missão social são egualmente bellas; mas na protecção ao velho ha o quer que seja de sublime, porque nem ao menos se póde dizer que essa protecção seja feita em nome de um sentimento de egoismo social para lhe utilisar o valimento.

Pensamos assim, ao visitar o antigo Asylo de Mendicidade de Braga, reconstruido e ampliado por esse homem benemerito que o paiz se acostumou a reverenciar e que é o conde de Agrolongo.

Como brotou no animo do sympathico portuguez a ideia de levantar o grandioso edificio que hoje se admira em Braga?

Não foi porque alguem lh'o solicitasse; não foi porque pretendesse fazer jus a popularidade ou honrarias.

Foi por um sentimento muito espontaneo e muito digno de louvor.

Visitando, uma vez, o antigo Asylo de Mendicidade de Braga, por tal fórma o impressionaram as pessimas condições hygienicas d'elle, tal repugnancia lhe causou o cheiro pestilencial em todos os aposentos, que o sr. conde de Agrolongo não pôde conter este grito de alma: «E trazem-se pobres para aqui para os fazer viver assim !?...»

Foi d'esse grito de alma que nasceu o pensamento de dotar o Asylo de Mendicidade com um edificio espaçoso e hygienico, como aquelle que hoje se levanta em Braga, e que é um verdadeiro monumento levantado não só ao cidadão prestante que o ergueu, como á raça portugueza, que se mostra capaz de taes generosidades.

Visitamos o Asylo, acompanhados pela bondosa senhora que é a sua directora, e muito grato nos foi observar que á grandiosidade do seu aspecto exterior corresponde a amplidão e a excellente distribuição da sua traça interna. Aposentos amplos, banhados de intensa luz, varridos de abundante ar, proporcionam aos pobres velhinhos, não apenas os confortos de um dôce retiro, mas os beneficios de um verdadeiro sanatorio.

Tudo é alegre, tudo acariciador, tudo proprio a levar clarões de luar ao crepusculo da vida que vae descendo, implacavelmente, sobre os pobres velhos recolhidos!

No pavimento terreo ficam os refeitorios, com as suas mezas de marmore espelhante, tendo o chão coberto de corticite, para não ser demasiadamente frio. Tambem ficam n'este pavi-

Asylo de Mendicidade Conde de Agrolongo (Na parte esquerda do mesmo edificio está annexo um asylo para cegos)

mento a cosinha com o seu amplo fogão, a copa, a dispensa e bem assim os aposentos destinados á administração do Asylo, a capella, etc.

Nos dois andares superiores estão os dormitorios, as rouparias, as salas de trabalho, os lavabos, os balnearios e, em uma especie de pavilhões isolados, os *water-closet*.

Nos mais pequenos pormenores observam-se os preceitos estabelecidos pela sciencia, taes como: as arestas boleadas para evitar a accumulação de poeiras e microbios; a ventilação devidamente regulada pela parte superior e inferiormente nos corredores, etc.

E', emfim, uma construcção modelar que muito honra o distincto architecto que a delineou e n'ella superintendeu, o snr. Moura Coutinho, cuja competencia se tem demonstrado já em outras obras egualmente importantes.

Em terreno annexo ao Asylo fica a installação da energia electrica, com um motor a gaz, dynamo da casa Schuckert e uma bateria de accumuladores da casa Tudor e bem assim um moinho, montado pelo engenheiro snr. John Praça e uma bomba para elevar a agua aos diversos reservatorios existentes no grandioso edificio.

N'esse terreno, ainda em transformação, fica a horta, em que alguns asylados mais válidos trabalham, quando podem, as pocilgas para cevados, cuja alimentação é feita á custa da lavagem fornecida por esmola por pessoas caritativas. Até n'essas pocilgas se observa as melhores condições da hygiene, sendo construidas segundo os modelos hoje adoptados.

A tudo, emfim, presidiu o proposito de realisar uma obra perfeita e duradoura.

Não contente com a construcção do Asylo de Mendicidade, o sr. conde de Agrolongo fez construir junto d'elle um Asylo de Cegos e mandou restaurar a antiga capella do Asylo,

Conde de Agrolongo

Direcção do Asylo de Mendicidade Conde de Agrolongo

1.º plano, (sentados) — Domingos José de Souza Gomes, (director). Adriano Aragão, (thesoureiro). José Antonio d'Araujo Barbosa, (presidente). José Maria Gomes Bello, (secretario), e José da Silva Esperança, (director).
2.º plano, (de pé) Antonio Rodrigues Junqueira Junior, (director). Antonio Fernandes Lopes, (idem). Dr. João Maria da Cunha Barbosa, (idem), e Manuel Marques Carneiro, (idem).

Um grupo de asylados

dando-lhe outro aspecto exterior, sem todavia, deixar modificar a velha e preciosa talha, nem retocar os valiosos quadros do tecto, que apenas foram limpos, aproveitando-se tambem convenientemente os paineis antigos de azulejo.

Todo o homem carece de encontrar o seu homem — costuma dizer-se, e é bem verdade.

O benemerito conde de Agrolongo achou *o seu homem* na pessoa do seu dedicado amigo e estimado bracarense, snr. José Antonio de Araujo Barbosa, que tem velado pela construcção do Asylo, a cuja administração preside.

Um grupo de asyladas

com afan levado até ao carinho, que não excederia, decerto, se se tratasse de obra propriamente sua.

Braga, póde ufanar-se da instituição magnifica que hoje possue e que não tem parallelo no nosso paiz.

A' sua justificada ufania cumpre-lhe reunir a gratidão immensa que deve ao grande benemerito que realisou obra tão prestante, immortalisando o seu nome.

Esse nome quizeramos vêr em lettras bem luzentes, no frontão do edificio, de fórma a attestar ás gerações vindouras um dos maiores rasgos de generosidade de portuguezes, no nosso tempo.

Um dormitorio do Asylo

Outro dormitorio

No dia em que esse nome alli avulte, devem os bracarenses, devemos todos nós, passar reverentes diante d'elle, saudando-o com o respeito, com a gratidão e com a sympathia a que tem direito.

(De *O Commercio do Porto*).

VIDA INTENSA

(PAGINAS D'ALÉM FRONTEIRAS)

UMA noite, em Hespanha, no esconso de um *callejó* sombrio, encontrei um pobre mendigo que o povoléo apertava com insultos e chufas. Baixo, magro, a cabeça classica de *studio* emergindo d'entre os farrapos que lhe cobriam o corpo, trazia o fato andrajoso semeado de pequenas laminas de latão amarello, com extranhos e mysteriosos signos, que elle affirmava ferozmente, serem os cabalisticos dizeres da sua incomparavel sciencia. Era já conhecido na villota como prégador de feiras e no dizer do Alcaide, um lavrador abastado e ignorante, o homem, fallava melhor que muitos prégadores das redondezas.

— *Lastima no sea cura!* — disséra um dia, o abbade que se vira sem sermoneador para a sua festa, n'uma recolhida admiração, pela oratoria inflamada do pobre doido. O povo é que não queria saber e cobria-o de improperios, d'offensas, ria-se das suas palavras, dos seus gestos, das suas attitudes theatraes, mas elle indifferente jámais tivera um arremesso para o insulto, jámais se utilisara n'uma ameaça, do pau nodoso que lhe servia de bordão.

Pelo contrario, quanto mais o insultavam mais elle se animava na sua arenga e desprendendo dos labios sem côr, um sorriso altivo mas complacente de illuminado, fulminava a multidão n'um gesto largo e rindo, rindo, a barbicha grisalha, a tremer como a d'um satanaz de theatro, o homem tinha um raro assomo de furia e passeava os olhos trementes n'um extranho brilho, excommungando a massa insultadora. Depois, vinha o cançaço, cahia extenuado, farto, o olhar já sereno, a pupila calma, n'uma resignação d'apostolo, a mesma ad-

miravel magua d'illuminado ao vêr desentendida a sua messianica missão.

Nos raros momentos lucidos, que lhe vinham ao espirito como lampejos de luz no meio da treva profunda d'aquella intelligencia obscurecida o doido, moderava os gestos, enternecia a voz e n'uma cadencia constante de peregrino, dizia mansamente:

— «Como os homens são maus!... Tempo virá que me farão justiça... São maus! Isolados podem ser santos; juntos são sempre féras!...» — e n'estes momentos a multidão já não insultava, ria, pasmada, alvar, inconsciente...

1 — Refeitorio. 2 — Cosinha. 3 — Motor para a energia electrica e moagem de cereaes.

— «Os homens, féras, féras!... Mas féras pequenas que mordem por instincto, sem saber o que fazem. . Inconscientes, Inconscientes!» — era assim que terminava sempre.

No meio da sua loucura vislumbrava a verdade, porque afinal não ha nada mais incongruente do que a multidão. Insulta, acclama, sem motivo, sem uma razão forte, cobre de flôres um idolo com a mesma sinceridade com que amanhã o cobre de pedras.

Nunca consegui desvendar o mysterio d'aquella vida! que suprema tragedia eu advinhei atravez do enygma admiravel d'aquelles andrajos, no brilho d'aquelles olhos extranhos, na treva immensa d'aquelle espirito! que decepções, que miserias, peregrinara aquella alma, até chegar á loucura, ao desvairamento e como teria soffrido aquelle homem, para chegar a conhecer tambem os outros homens.

Um doido ou um desgraçado—eu sei—mas um doido sublime, um desgraçado admiravel que tinha da vida e da desgraça a mais exacta noção.

E' passiva, é cobarde. Uma creança póde arrasta-la; um homem que a domine, guiará as suas paixões, os seus enthusiasmos, como se fizesse mecher os bonecos articulados d'um *guignol*... Não tem firmeza nas predilecções, não tem persistencia nas ideias. E' uma massa sempre cega, porque é apaixonada, sem caracter, sem feição propria, inconsciente, brutal. Acclama hoje um heroe para amanhã lhe cuspir os maiores insultos. Agitada, suggestionada, vae até ao excesso; fanatizada vae até ao crime, mas glorificando ou humilhando, com acclamações ou com insultos é sempre a mesma, feroz, impulsiva, selvagem...

E tudo isto veio a pêllo, em face do telegramma da *Reuter* que noticia que o Presidente Huerta está sendo vivamente acclamado na capital mexicana.

O feroz dictador, o homem sanguinario, que empurrou a sua patria para a guerra e para a miseria, ainda hontem odiado do seu povo que pedia, tresloucado, a sua cabeça é hoje acclamado, coberto de bençãos e de flôres.

«Féras, féras,... mordem por instincto sem saber o que fazem... Inconscientes, inconscientes!...» O doido afinal tinha razão...

JOSÉ DE FARIA MACHADO.

Um dos jardins no interior do Asylo

Nas guerras de opiniões e nas guerras politicas, cada um, parecendo-lhe vêr a virtude do seu lado e o crime no campo inimigo, reputa todos os meios legitimos para chegar aos seus fins, e infringe sem escrupulo todos os principios da justiça, e todas as regras da moral.

Claustro do Asylo

HOMENAGEM

Hirey para onde me mandarem seja Africa, ou America, que em toda a parte ha terra para o corpo, e Deus para a alma e lá nos acharemos todos diante d'aquelle Tribunal onde só testemunha a verdade, sentenceia a justiça, e nunca he condemnada a innocencia.

(Carta ao Duque de Cadaval. P.e Antonio Vieyra).

MORREU no exilio o benemerito P.e Antonio Borges Vieira.

A sua vida foi repleta d'obras bemfazejas, nasceu, viveu e morreu para Deus.

A' patria dera todo o esforço do seu espirito dotado de grande brilho intellectual.

A luz que lhe illuminava o coração nunca se apagou mesmo atravez os espinhos que tanto o magoaram nas doces illusões da sua vida toda cheia d'amor e caridade.

Por divisa tinha: amar aquelles que o perseguiam e no olhar resplandecente de bondade que tanto o caracterisava lia-se o perdão que o Crucificado, ao morrer, lhe ensinara: Perdoae-lhes, Senhor, que não sabem o que fazem.

Os seus companheiros expulsos como elle da patria amada, lá foram para longe acolhidos em terras hospitaleiras, mas o carinho com que os receberam jamais fará esquecer aos pobres expatriados, o paiz que os viu nas-

Padre Antonio Borges Vieira

Fallecido recentemente em Pau, (França)

LISBOA—Aspecto da sala «Portugal» da Sociedade de Geographia, no dia da inauguração do Congresso Pedagogico

cer, o céo côr de anil, o esplendor do sol, que a jorros espalha os seus raios doirados nas campinas vestidas de verdura, nos montes, nos valles e na cruz alvejante da sua modesta aldeia onde a infancia lhes correra suave e descuidosa. Hoje em longo desterro, curtindo saudades, erguem ao céo preces por aquelles que os perseguiram e maltrataram. Mas não são estes a quem Jesus disse: *bemaventurados os que soffrem perseguição por amor da justiça, porque d'elles é o reino dos Ceos?*

A nostalgia foi-lhes roubando a vida pouco a pouco, até que a luz se apagou n'aquelles olhos sempre fitos na longinqua patria e lá morreram e vão morrendo com a saudade da sua terra bem amada, elles que foram a gloria d'este outr'ora abençoado Reino e tanto lhe conquistaram pela sua palavra attrahente! A espada dos Cruzados não dera tanta victoria como estes humildes discipulos de Jesus; não trouxeram, é verdade, loiros nem tropheus, outro fôra o seu Padrão de Gloria.

LISBOA — O principe allemão Schaumbourg-Lippe + e sua comitiva depois de desembarcarem na Alfandega

A bordo do vapor «Cap Ortegal» chegou ultimamente a Lisboa o principe allemão Schaumbourg-Lippe.

Sua alteza, que viajava incognito, com o titulo de Conde de Darva esteve hospedado no hotel Avenida Palace, aproveitando os momentos de demora na capital para visitar os principaes monumentos.

LISBOA — O novo embaixador do Brazil, dr. Regis d'Oliveira + e o pessoal da legação e consulado a bordo do paquete «Arlanda»

(Clichés do nosso corresp. phot. de Lisboa).

Os seus feitos lá estão gravados no Grande Livro da Vida e quando se desenrolar deante dos olhos da humanidade a historia da sua grandeza que só Deus conhece, elles, que o mundo na sua criminosa ingratidão tanto calumniou, e martyrisou, sahirão vencedores, triumphantes alem do tumulo no limiar da eternidade.

O Brazil, o Japão e a India attestam bem alto na historia da Civilisação quem foram estes mensageiros que os libertaram das trevas em que jaziam. Hoje o grande paiz que foi nosso onde o immortal orador P.e Vieira, em longinquas eras, gastou os melhores annos de sua existencia, evangelisando e consagrando ao Senhor tanta ovelha desgarrada, abrelhes de par em par as suas portas hospitaleiras, e nas Universidades e Escolas Superiores são os expulsos de Portugal recebidos com palmas e laureis...

E' porque teem o thesoiro da verdadeira sciencia, n'elles nunca exgotado; beberam-na em a Fonte da Vida que é Deus.

Morreu no exilio quem tanto lidou, e nós que o conheciamos e admiravamos no labutar constante do seu apostolado, quizeramos poder prestar-lhe a homenagem condigna ao seu grande nome, mas apenas conseguimos regar a sua sepultura com lagrimas de verdadeira saudade.

A nossa humilde penna jamais poderá dar uma pallida ideia do que em vida foi o rev. P.e Antonio Borges Vieira, da Companhia de Jesus.

Um panegyrico da sua vida seria relembrar

as obras grandiosas dos filhos de Santo Ignacio, que n'elle tanto se reflectiam, seria contar ao mundo algumas paginas da historia collossal do Glorioso Apostolo das Indias cujo nome é o symbolo mais perfeito do amor que a Deus foi dedicado.

E' como um rasto luminoso que do céo descera á terra sem nunca jamais se apagar da memoria dos homens até á consummação dos seculos.

Se morrer por seu Rei é sorte illustre
morrer pelo seu Deus nada mais bello

Braga
Maio 1914.

MARIA SALOMÉ.

Escola Academica de Guimarães

ooo

Está em festa a Escola Academica de Guimarães, modelar estabelecimento de educação e ensino, pelo anniversario natalicio do seu illustre e virtuoso director, ex.^{mo} sr. P.^{e} José Maria da Silva, cujo retrato acompanha esta despretenciosa e singela felicitação.

S. ex.^{a} a esta hora deve sentir-se feliz por ver que, do numeroso e disciplinado rebanho de que é dignissimo maioral, nem um só joven lhe nega tributo de reconhecimento pelo paterno disvelo e intensa mestria com que tem sido guiado. E' que o ex.^{mo} snr. P.^{e} José Maria da Silva, não vivendo para si mas para os seus educandos, captiva e faz-se querido.

Padre José Maria da Silva

BRAGA—S. Jeronymo de Real. O rev. Luiz Portella dando as boas-festas aos seus parochianos

S. ex.^{a} possue o condão de saber conduzir com suavidade.... gôsto, pela róta da Ventura e do Bem, os que ensaiam os primeiros passos na vida das lettras. E' educador perfeito, exemplar.

Não espanta, pois, que todos á uma, sem hesitações, do peito arranquem o coração e generosamente, em homenagem, lh'o offereçam . . . .

E nós d'aqui, com cartão de parabens muito da alma, ao Céo fazemos votos para que s. ex.^{a} largos e fecundissimos

BRAGA — S. Jeronymo de Real. Outro aspecto da visita paschal

(Clichés do phot. am. sr. Americo F. Silva).

annos fructuosamente cultive a flor da degenerada raça portugueza.

Ad multos annos.

Uma festa em Casaes Novos

FESTA linda, de primavera em flor, de perfumes suaves, de luz inebriante de vida, de impressões tonificantes do espirito, foi, sem duvida, a passada em Casaes Novos, no remansoso solar do Conselheiro dr. Joaquim de Vasconcellos. No dia 15 ultimo, este nosso querido amigo, tendo para commungar pela primeira vez os seus filhos mais novos Julio e Julia, quiz que esta data ficasse para sempre indelevelmente impressa no espirito d'esses jovens commungantes. E conseguiu-o, sem duvida, com essa festa tão encantadora que fez revestisse um tom de poesia e piedade que a todos enterneceu.

BRAGA — S. Paio de Pousada. O parocho sahindo da egreja para a visita paschal

BRAGA — S. Paio de Pousada. Um aspecto do encontro das cruses de S. Paio e Moure por occasião da visita paschal

Foi S. Ex.ª o Senhor D. Antonio Barroso, que veiu expressamente do Porto, quem administrou a Sagrada Eucharistia, aos neo-commungantes, celebrando missa na capella particular de Casaes Novos. Ao *Ecce Agnus-Dei*, fez S. Ex.ª uma eloquente allocução que emocionou até ás lagrimas todos os presentes.

Apezar de se ter procurado guardar o maior segredo d'esta viagem do venerando Prelado do Porto, visto S. Ex.ª querer furtar-se a manifestações, a sua passagem por Penafiel fez, ainda assim, affluir a Casaes Novos muitas senhoras e cavalheiros que depois da ceremonia religiosa o cumprimentaram. Uma deputação da Juventude Catholica d'essa cidade ahi fôra tambem levar o protesto das suas homenagens e a affirmação solemne do seu proposito de trabalhar, cada vez com mais afinco, pela acção catholico-social, cuja vanguarda está confiada aos jovens. S. Ex.ª a todos recebeu paternalmente, aconselhando-os e animando-os a proseguir n'essa cruzada pacifica da regenera-

VIANNA DO CASTELLO — Serreleis. A visita paschal, segundo o costume d'esta freguezia

(Cliché do phot. am. sr. Vianna Carvalho).

BRAGA — Palacete ao Campo de Santa Anna, propriedade do ex.^mo sr. Manuel José da Rocha Velloso.

BRAGA — Um aspecto do jardim e trazeiras do palacete do ex.^mo sr. Manuel José da Rocha Velloso

CASAES NOVOS — O Senhor D. Antonio Barroso e o sr. Conselheiro Joaquim de Vasconcellos

CASAES NOVOS — Familia do sr. Conselheiro Joaquim de Vasconcellos

cção social e moral do nosso paiz, aviventando energias e fortalecendo caracteres, como tanto é necessario para o rejuvenescimento de alma nacional.

A todos que se acercaram do illustre Prelado tambem o sr. Conselheiro Joaquim de Vasconcellos dispensou fidalga attenção, obsequiando com um serviço ambulante de bolos, chá e chocolate innumeras pessoas que pejavam os seus salões.

A' tarde foi servido um lauto banquete a que assistiram quasi exclusivamente pessoas da familia. Trocaram-se varios brindes, entre os quaes o do sr. Conselheiro Vasconcellos ao Prelado do Porto, e o d'este agradecendo e brindando a Sua SS. Pio X.

CASAES NOVOS—Os meninos Julio e Julia neo-commungantes

Ao entardecer o bondoso Prelado, Senhor D. Antonio Barroso regressou, em automovel, ao Porto. Acompanhavam-no, além do seu capellão particular, rev. Aurelio Pinheiro, o rev. P.e Guimarães Dias e Donaciano Abreu, respectivamente professor e director do Collegio Almeida Garrett.

Começaram depois a debandar os restantes convidados. Assim terminava a festa que a familia de Casaes por certo registará entre as mais lindas que tem feito e que jamais poderá ser olvidada por quem a ella assistisse.

CASAES NOVOS—O Senhor D. Antonio e alguns membros da J. C. de Penafiel

CASAES NOVOS—O Senhor D. Antonio Barroso com a familia Vasconcellos e convidados na despedida
(Clichés gentilmente cedidos pelo sr. padre Xavier d'Almeida).

PORTO--Club de Tiro. Torneio nacional

Com uma concorrencia numerosa e distincta realizou-se ultimamente no Porto um concurso de tiro aos pombos que decorreu muito animado.

À *poule* de ensaio com 16 atiradores, foi ganha, em desempate, no tiro da taça — Elite — pelo snr. dr. João Antunes Guimarães. No segundo domingo, a taça—Campeonato—foi disputada em 20 pombos cabendo o primeiro premio ao snr. dr. João Antunes Guimarães.

PORTO—O sr. dr. João Antunes Guimarães fazendo fogo

PORTO—O sr. Jayme Correia esperando o signal de desfechar

PORTO—Um aspecto da assistencia

PORTO—Outro aspecto da assistencia

(Clichés de J. d'Azevedo, phot. da «Ill. Cath.»)

PRADO -- (Braga). Avenida dos Sobreiros

(Cliché de João J. de Souza Guimarães)

PROPRIETARIO
Joaquim Antonio Pereira Villela.
DIRECTOR
Dr. Francisco de Sousa Gomes Velloso.
EDITOR
Antonio José de Carvalho.
ADMINISTRADOR
Clemente de Campos A. Peixoto.

Illustração Catholica

Revista litteraria semanal de informação graphica

Redacção, administração e typographia
83, R. dos Martyres da Republica, 91
BRAGA

CONDIÇÕES D'ASSIGNATURA
PAGAMENTO ADEANTADO)

Portugal e colonias (1 anno) . .	2$40
» » (6 mezes) .	1$200
» » (3 mezes) .	600

A' cobrança feita pelo correio e pelo cobrador, accresce o importe das despezas.

Estrangeiro (1 anno)	3$000
» (6 mezes)	1$500
Numero avulso	60

Numero 46 Braga, 16 de maio de 1914 **Anno 1**

Está hoje sobejamente demonstrado que pela excellente qualidade das materias primas empregadas e meticuloso cuidado no acabamento e ajustagem de todas as suas peças

As machinas de costura 'Naumann,, são as melhores.

A sua fama estende-se a todo o mundo por causa da sua elegancia, do seu trabalho leve e silencioso e da sua longa duração.

Especiaes para bordados artisticos

A elevada cifra de

Um milhão e setecentas e cincoenta mil machinas de costura

que por nós teem sido fabricadas e vendidas, quantidade que nenhuma fabrica da Europa ainda conseguiu attingir, prova evidentemente quanto tem sido lisongeira a acceitação que

A machina de costura "Naumann,,

em encontrado em todos os mercados. Quem adquirir a machina de costura «Naumann» pode ficar certo de que ella lhe prestará proveitoso serviço durante muitos annos.

Dão-se as mais amplas garantias

Deposito em Braga: **Armazens da Caixa Penhorista Bracarense**

PREÇOS SEM COMPETENCIA

Companhias de Seguros

La Union y El Phenix Español

DE MADRID

Union-Maritime

DE PARIS

MANNHEIM

DE MANNHEIM

Seguros sobre a vida, incendio, explosão de gaz, de máquinas, raio, rendas em caso de incendio, maritimos, postaes e transportes de qualquer natureza.

Lima Mayer & C.ª

59, Rua da Prata, 59

Lisboa

Bordados Lucerna

directamente da Suissa, franco de porte no domicilio

Vestidos desde Fr. 11.80

Blusas desde Fr. 3.95

Vestidos para Crianças desde Fr. 5.90

Do melhor bordado suisso, sobre cambraia, voile, crêpon, toile e sedas novidade.

Peçam a nossa collecção 82 de figurinos novos com amostras bordadas.

Os nossos bordados são por fazer, mas remettemos os padrões cortados em todas as medidas a quem os requisitar.

Schweizer & Co

ILLUSTRAÇÃO CATHOLICA

Revista litteraria semana de informação graphica

CHRISTUS VINCIT CHRISTUS REGNAT CHRISTUS IMPERAT.

Proprietario, Joaquim A. Pereira Villela. Director, Dr. F. de Sousa Gomes Velloso

EDITOR
Antonio José de Carvalho.

ADMINISTRADOR
Clemente de Campos A. Peixoto.

Braga, 16 de maio de 1914

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E TYPOGRAPHIA
83, R. dos Martyres da Republica, 91
Não se restituem os originaes

Numero 46—Anno I

BRAGA — Seminario. O altar de N. Senhora da Torre no dia da sua festividade realisada com todo o explendor no dia 3 do corrente

Chronica da semana

XLVI

ooo

O apaziguamento em politica e como norma governativa, ou é mascara de falta de escrupulos ou produz a estagnação dos pantanos. A politica é e tem de ser, por sua natureza, agitada, devendo constituir preoccupação e signal de agitação para o campo de trabalho, união e progresso nacional, intensos e proficuos.

Desgraçadamente, não temos visto taes exemplos em Portugal, antes e depois do banho lustral da proclamação da republica, servindo-nos de justificação o consulado Ferreira do Amaral em seguida ao regicidio e o consulado Bernardino Machado, agora, em seguida a esse periodo de anarchia demente que foi presidido e symbolisado pela dictadura legislativa do sr. dr. Affonso Costa.

Perdoarão os leitores que entremos n'esta chronica com o sisudo ar d'um fundo de orgão politico, mas a annotação despretenciosa dos factos salientes da semana leva-nos a encadear em semelhantes principios e origens, aquelles que, durante esta, mais feriram as retinas dos que observam a marcha zigzagueante das coisas publicas portuguezas.

No caso Oliveira Coelho nós contamos um positivo, inilludivel e queira Deus que remediavel fracasso diplomatico; nos acontecimentos vergonhosissimos do Porto por occasião do encerramento do Congresso das Juventudes Catholicas portuguezas, uma prova irrefragavel de que a demagogia continúa a fruir os sorrisos do poder; nas recentes discussões parlamentares, ineditos quadros da desorganisação pavorosa dos governos, a illustrar a impressiva definição d'um jornalista de valor, ha dias expressa no semanario coimbrão a *Patria Nova*, de que o Parlamento é na sua essencia uma assembleia de parasitas, de politicos, de quantos renegaram a sua profissão para viverem á custa de todas as profissões.

Leiam-se as respostas dos ministros ás interpellações sobre os disturbios sangrentos do Porto, todas ellas variando sobre o *leit-motif* sediço e suporifero de que *no tempo da monarchia tambem os houve*, e teremos registado a medida da capacidade governativa dos depositarios dos destinos incertissimos do paiz. E para que a assembleia legislativa não desmerecesse das suas tradições nitidamente republicanas o ultimo governador civil de Lisboa e actual membro do hilariante Senado, fez o elogio dos quadrilheiros que á sombra da auctoridade, martyrisaram nos ergastulos as consciencias que se revoltaram muito justamente contra o modo de governar dos homens do regimen e do proprio regimen. Por aqui se verá que de alto a baixo, nos gabinetes e nas praças, nas casas e nas ruas, o mesmo espirito demagogico domina, o mesmo delirio treslouca e incendeia a attribulada alma da patria, e faz n'ella o grande silencio das expectativas dos perigos eminentes, apenas entrecortado pelo grasnido dos corvos extrangeiros que descrevem no céo o halo negro e fatidico da catastrophe.

E ha jornaes que alimentam a expansão do mal; jornaes que usam o vocabulario que emporcalha os impuros labios da ralé; jornaes que trocam o nome de um adversario por um apodo deprimente; jornaes que plenamente evocam a celebre phrase de Balzac: *se a imprensa não existisse, não era preciso inventa-la.*

Citamos Balzac, e este nome faz-nos abrir ao acaso uma compilação de pensamentos do grande auctor da *Comédie humaine*, elaborada por ess'outra figura de scintillante critico que foi Barbey d'Aurevilly. O genio do romancista teve como regulador um grande fundo doutrinal, tradiccionalista e catholico, mas, a par d'elle, ha, n'aquelles pensamentos, uma maravilhosa precisão prophetica que o transcurso dos tempos tem invariavelmente confirmado.

... Abrimos o livro ao acaso, e poisados os olhos n'esta phrase:—*Um jour l'Europe ne croira plus qu'à celui la broiera sous ses pieds*—. lançamo-los quasi instinctivamente áquelle retrato de D. Carlos e Eduardo VII, publicado pelo *Dia*, e... lembramo-nos de que o governo fez acompanhar por *officiaes do nosso exercito*, a commissão de engenheiros que partiram a estudar a exploração e conquista economica de Angola pela Allemanha!...

F. V.

DIVINO

ooo

Amortalhei-me em longes de abandono
Cançado de viver o meu tormento;
Busquei a eterna paz do esquecimento
—Fui primavera: agora sou outomno...

Cerrei meus olhos avidos... o somno
E' tentação de olôr esparso... Attento
A vida é morte e a morte um sonho lento...
—Phantasma do que fui me visiono!

Ebrio de paz, em noite me sepulto,
O' convulsão das fórmas em tumulto!
Vagas febris de extranha apparição!

Minh'alma ascende em lucillante pairo.
Foi sombra vã, miserrimo desvairo,
Tocou-a Deus! E' paz! E' solidão!

Novembro 913. ARMANDO CRUZ.

Ballas e sorrisos...

OS grandes quadros das Guerras teem por vezes detalhes em que a ferocidade de adversarios volve em amistosa permuta de galanterias, de finezas. E se no tracto quotidiano ellas realçam a educação, afinam de delicadeza as relações, são emfim um *nada* que completa a belleza, como n'um salão o friso doirado, um *bibelot*, uma jarra artisticamente torcida servindo de hastil ao bocejo d'uma camelia ou ao grito rubro d'um cravo; — alli, no terrivel scenario das batalhas, onde o homem surge tigre, os sentimentos se encrúam, os olhares despedem áscuas de colera, onde até a palavra patria tem accentos raivosos de vingança, elles tomam uma importancia mais viva, cahem mais depressa sob a curiosidade do historiador, e são como o oasís no deserto arido

VIANNA DO CASTELLO—A familia Pereira Ribeiro, na sua propriedade de S. Antonio, (aos Sobreiros, Bairro das Ursulinas)

VIANNA DO CASTELLO—Familia Pereira Ribeiro, na sua propriedade de Santo Antonio, (aos Sobreiros, Bairro das Ursulinas) por occasião da visita paschal, em 12 de d'Abril do corrente anno, acompanhada do rev. J. M. d'Abreu Junior (Prior)

como a flôr que ergueu seu collo da fenda do rochedo fruste e agreste, um signal consolador de que ha entre o homem e a féra uma capital differença occupada pela superioridade da in-

Dr. Almiro de Vasconcellos
(1.º presidente da Juventude Catholica de Penafiel)

telligencia e da consciencia sobre o instincto rude e cego dos brutos.

Estas notas de cortezia trocam-se umas vezes entre os commandantes em chefe, outras entre os humildes soldados, nos primeiros contactos dos postos avançados da vanguarda, e até por entre as primeiras cutiladas ou tiros dos destacamentos que são enviados em reconhecimento.

E' conhecida a celebre phrase de Auteroche na batalha de Fontenoy: — *Tirez les premiers, messieurs les anglais!*

Na vida militar do duque de Welington ha anedoctas curiosissimas, phrases de espirito,

PENAFIEL—Um aspecto da ornamentação da sala nobre da J. C. no dia da sessão solemne em homenagem ao sr. dr. Almiro de Vasconcellos, primeiro presidente d'aquella aggremiação. Ao lado esquerdo da meza o sr. Francisco Gomes, vice-presidente; do lado direito o sr. Joaquim Pinto da Silva, 2.º secretario.

Avelino da Costa Moreira Padrão
terceiranista da Escola Medica do Porto; preso, no 21 d'outubro, foi fazer acto sahindo da prisão acompanhado de dois policias.
(Cliché de Seraphim Pereira da Silva).

lances galhardos que revelam a fina e amavel educação d'um *gentleman*.

Um dia, batia-se elle com Junot; no dia seguinte mandou um emissario pedir noticias do general francez, acompanhando a mensagem de um presente de legumes que, segundo parece, faltavam no acampamento inimigo. Maior prova de cortezia deu elle para com o rei José Bonaparte, cuja correspondencia muitas vezes interceptára. As cartas da rainha eram retidas por causa de certas informações uteis que Welington julgava conveniente aproveitar. Comtudo, sempre que n'ellas se tractava das princezas, cuja saude era delicada e inquietante, o duque invariavelmente mandava um parlamentario com estas breves palavras: — «Tende a

bondade de dizer ao rei que as princezas estão melhor».

Durante a batalha de Waterloo, um official, de artilharia correu a informa-lo de que via Napoleão distinctamente, ao alcance da sua bateria, e que ordenára que apontassem as peças sobre elle.

— Não; não, eu não o permittirei, exclamou Welington. Não é occupação nem proposito de generaes em chefes o atirar uns sobre os outros!

E' interessante a opinião de Welington sobre a campanha napoleonica de 1815, referida pelo defuncto Conde de Stanhope n'uma obra, ha poucos annos publicada, sob o titulo de *Propos de table du duc de Welington.*

«Napoleão nunca, como em Waterloo, teve mais bello exercito, mas commetteu um erro capital tomando a offensiva. Quatro exercitos se preparavam para invadir a França. Era antes das ceifas e o paiz tinha ficado esgotado depois da ultima campanha. Os alliados sentiriam, pois, dentro em pouco, a falta de subsistencias. Já os Prussianos se achavam a braços com grandes difficuldades. Quanto ao duque, esse sempre velára com o maior cuidado, e por isso mesmo, pelo aprovisionamento das tropas. Assim, no parecer do feld-marechal, Napoleão, depois de guarnecer convenientemente as outras fronteiras, teria podido tomar posições sobre o Mosa com os seus 300.000 homens.

E quem, então, o impediria de recomeçar a partida tão admiravelmente jogada no anno precedente? (Porque o duque considerava a campanha de 1814 como a mais brilhante de todas as de Napoleão). N'esta altura manobraria d'um invasor para outro e atacaria separadamente cada um dos exercitos. Era o que elle fizera durante muito tempo, com optimo resultado em 1814, mas alli perdeu

PORTO--Exequias por alma do Conselheiro José Luciano de Castro

No dia 27 do passado mez realisaram-se, na egreja da Trindade, solemnes exequias suffragando a alma do saudoso estadista Conselheiro José Luciano de Castro.

Presidiu ás cerimonias religiosas o venerando prelado Snr. D. Antonio Barroso e fez o elogio funebre o distincto orador sagrado snr. Conego Bernardo Chouzal. A assistencia ás exequias foi verdadeiramente extraordinaria vendo-se alli pessoas de todas as classes sociaes.

O senhor D. Antonio Barroso apeando-se da sua carruagem á porta da egreja da Trindade

O senhor D. Antonio, abençoando os assistentes, entra na egreja da Trindade

a paciencia e lançou-se na rectaguarda dos alliados, sendo certo, embora pareça bizarro, que Wintzingerodde e os seus cossacos o envolveram. O facto é que elle nunca teve a paciencia necessaria para uma campanha defensiva.»

Conta lord Malmesbury nas suas memorias que encontrando-se em Roma, um antigo coronel de dragões lhe narrou o seguinte: Um dia, durante a guerra peninsular, ia elle em reconhecimento com tres ou quatro cavalleiros quando de repente se achou frente a frente de um joven official inglez montado n'um soberbo *pur-sang*, que no mesmo intuito se occupava. O coronel lançou-se em sua perseguição com toda a velocidade de que era capaz o seu cavallo.

Um aspecto das ornamentações da egreja e tarima

O inglez deixava-o approximar e depois, subitamente, atirava-lhe um beijo com a mão e logo se collocava a enorme distancia dizendo, e apontando com o dedo para o corsel do official francez:

—Cavallo normando, senhor!

O coronel continuava a galope, ameaçando o fugitivo de disparar sobre elle, se não se rendesse.

O gatilho, porém, falhou.

E o official inglez largou uma forte gargalhada:

—Fabrica de Versalhes, meu coronel!

E dando larga redea ao seu *pur-sang* desappareceu n'um abrir e fechar de olhos. O coronel declarava a lord Malmesbury que se exasperara, mas confessava tambem que nunca havia encontrado, e até ficára contente por não ver matado um tão *bravo trocista*.

E já que estamos fallando da guerra da Peninsula, ouçamos, para terminar, esta anedocta contada pelo proprio duque de Welington a sir Francis Doyle que a reproduz nas suas memorias.

«Depois da batalha de Talavera, dizia o duque, desejava eu que as tropas hespanholas executassem um certo movimento, e dirigi-me a Cursta, pedindo-lhe que desse as suas ordens com esse fim. Este, como resposta, disse-me:

—Para honra da corôa de Hespanha, não posso tomar em consideração as instrucções do general inglez, a não ser que o general se ponha de joelhos deante de mim e me supplique que siga o meu conselho.

Eu tinha o maior empenho em que aquelle movimento se realizasse e promptamente; quanto a pôr-me de joelhos, pouco me importava. Ajoelhei, pois, aos pés do hespanhol!...»

Eis alguns exemplos do que um escriptor chama com graça as *amenidades da guerra*.

F. D'ALMEIRIM.

Vida intensa

(PAGINAS D'ALÉM FRONTEIRAS)

PARA quem vive longe da patria e sente as suas desgraças e as suas alegrias, atravez a saudade viva que o tortura e consola nenhum sentimento agita mais intensamente a alma inquieta, que aquelle que reproduz e encerra o sentimento collectivo.

O rev. conego Bernardo Chouzal depois de fazer o elogio funebre

O senhor D. Antonio Barroso, despedindo-se, depois de terminadas as exequias

A numerosa assistencia sahindo da egreja da Trindade

(Clichés de J. d'Azevedo, phot. da «Ill. Cath»).

Tudo quanto apunhale o coração da patria, nos apunhala e nos fere. Lá dentro, uma dôr ou uma alegria, podem passar despercebidas mas transposta a fronteira, as suas glorias ou as suas miserias, são mais nossas, sentem-se mais. Em Portugal, sentimos menos nosso o que só a nós pertence, talvez e com rasão, porque a tempestade demagogica que varreu esse mocratica, legaram a esse desventurado paiz.

A sua desgraça augmenta precisamente aos nossos olhos e fere dolorosamente, porque vem ate nós atravez da indifferença ironica do mundo que nos olha sem piedade mas com o natural desprendimento de quem vê o visinho afundar-se só por desvarios e loucuras.

A indifferença é geral, excepção feita para os gananciosos a quem os erros da republica açularam os apetites e querem na derrocada final poder aproveitar do espolio. Para esses, aquillo vae caminhando optimamente e por isso até certo appoio, sonhar vagas d'applauso vem deslumbrar e incitar a cabeça airada da administração republicana. Mas para que não se illudam tambem, para que não vejam solidariedade no que é simplesmente interesse, não perdem occasião de lhes fazer sentir amargamente, a nenhuma attenção que dispensam a esse desgraçado paiz.

Porque não consegue o sr. Teixeira Gomes, com o seu espirito *blageur* de chronista nervoso, com todos os seus lenços de Peniche (que n'este caso, são desgraçado paiz, o torna incompativel com a nossa tradicção, com a nossa crença, com a nossa convicção politica. Mas no extrangeiro, vendo o nosso querido Portugal tal como o sentimos e queremos, muito acima das miserias, dos desvarios, das infamias d'uma pequena minoria que o vexa e o vão relegando ao mais profundo e desastroso isolamento politico, não sei que extranha commoção accende o nosso enthusiasmo, reanima a nossa esperança perdida e nos faz sentir duplamente a desgraçada situação, que quatro annos de mystificação de-

RIO TINTO -- Uma linda festa

Devido aos esforços de alguns catholicos d'aquella freguezia realisou-se ultimamente alli uma linda festa religiosa, a primeira depois da extinção da celebre cultual que durante tres annos opprimiu a consciencia dos verdadeiros crentes.

Depois da commovente ceremonia da primeira communhão a um grande numero de creanças d'ambos os sexos, organisou-se uma bem disposta procissão que attrahiu uma concorrencia extraordinaria.

1 — *O povo em frente á egreja parochial esperando a procissão*
2 — *Um aspecto do arraial*

E' afinal o isolamento, a sòlidão, o abandono internacional que infelizmente, como se não bastasse para aggravar o nosso estado, vae agora converter-se na mais forte repulsão perante essa vergonha execravel que a quasi *official* associação do Registo Civil vae perpetrar no domingo proximo no cemiterio dos Prazeres.

1 — Um aspecto da procissão.

2 — J. Catholica de Rio Tinto com o seu estandarte precedida dos meninos que receberam a primeira communhão.

3 — Grupo de meninas que commungaram pela primeira vez.

(Clichés de J. Azevedo, phot. da «Ill. Cath.»)

A noticia do lançamento da primeira pedra para o monumento de Buiça, está produzindo na Europa inteira a mais viva indignação, e a consummar-se o facto, que eu creio ainda que uns restos de vergonha saberão impedir, a glorificação do crime será—para que

como os amigos) as suas faianças das Caldas, ou o seu leviano manifesto ao povo inglez, verdadeira creancice protocolar, as boas graças da corte ingleza?

Porque será que o sr. Sidonio Paes anda triste, isolado, desconhecido pelas ruas de Berlim, e raro põe os pés nos salões mesmo d'algum collega? Que extranha rasão faz em que os jornaes de Paris, noticiando as festas em honra de Jorge V, tenham por lá estampado o nome de todos os plenipotenciaros das republicas insulares d'America do Sul e tenham esquecido—dando de barato que assistiu a ellas—o nome querido do sr. João Chagas? E tudo se explicaria, amitor leigo, se tivesses já o conhecimento dos amargos de bocca do sr. Navarro, em Madrid ou dos pesadelos do sr. Eusebio Leão, plenipotenciario acreditado junto d'Hotel de Santo Antonio, em Roma, que ignorado do corpo diplomatico e do grande mundo, se entretem vasando na imprensa barata, muito veneno e muita porcaria,

nega-lo?—o mais profundo golpe na integridade nacional. Já o diz abertamente a imprensa de Madrid, de Paris, entremeando o facto com as ultimas selvagerias do Mexico.

Se ainda é tempo como portuguezes que infelizmente sois, senhores do governo da republica, tentae o impossivel para evitar essa infamia que cobrirá a patria de vergonha e que a arrastará ninguem sabe até onde...

JOSÉ DE FARIA MACHADO.

PORTO — A ex.ma sr.a D. Carolina Palhares com as suas discipulas que tomaram parte no ultimo concerto realisado no theatro do Jardim Passos Manuel.

(Cliché de J. d'Azevedo, phot. da «Ill. Cath.»)

Galeria elegante

D. Maria Amelia Costa Ferreira

Casada ha poucos mezes com o distincto *sportman* Alfredo Ferreira, a sympathica e joven vimaranense, é um espirito gentillissimo, exteriorisando-se elegantemente na sua conversação sempre animada e viva.

E' uma das mais graciosas figuras da sociedade de Guimarães cuja presença em qualquer parte é do maior encanto.

N'estas condições a inclusão do retrato da snr.ª D. Maria Amelia Costa Ferreira, n'esta galeria elegante, não é mais do que uma merecidissima homenagem.

X.

LISBOA — O distincto orador sagrado rev. Fernandes de Castro pregando na Egreja das Mercês

(Cliché do phot. am. sr. Pedro Sotto-Mayor).

BRAGA--TORNEIO DE TIRO

Na tarde de 26 do mez passado iniciou-se em Braga, no pittoresco local de S. João da Ponte, a epocha sportiva de tiro aos pombos.

Uma numerosa assistencia de damas da nossa mais fina sociedade punha um tom alegre, cheio de enthusiasmo e de vida n'essa festa encantadora, que marcou o primeiro concurso realisado este anno, no *stand* do Club de Caçadores d'esta cidade. Notava-se em todos os espectadores um vivo interesse e lia-se em todos os olhares uma palpitante anciedade. A pericia dos atiradores era o assumpto forçado de todas as conversas, que muitas vezes terminavam em calorosas discussões ou avultadas apostas. A' hora aprazada começou o tiroteio. Da morte de cada pombo nascia um sorriso em cada labio, de cada serie um triumpho e de cada triumpho um premio. Os nossos concorrentes mostraram o seu valor e Braga pode continuar a dizer-se com orgulho um dos centros de mais adestrados e primorosos atiradores. Na verdade será difficil, se não impossivel, encontrar em qualquer outro club adversarios que possam levar vantagem aos rapazes da nossa terra.

Um aspecto da assistencia ao torneio de tiro

Fazendo justiça á pericia de todos, não podemos, comtudo, deixar de destacar *um*, que sempre se tem feito distinguir em todos os certamens do paiz — é o senhor Adelino Luiz da Silva Correia. Em todos os concursos em que apparece, o presidente do Club de Caçadores de Braga é olhado com admiração e com respeito por todos os concorrentes. A sua serenidade, adquirida pela longa pratica que possue, e uma agudeza de vista pouco vulgar, são qualidades que explicam a promptidão da mira, a facilidade e a certeza dos seus tiros. Ainda ha pouco tempo, entre os melhores atiradores, nacionaes e extrangeiros, que se fizeram admirar na cidade do Porto, por occasião dos dois ultimos torneios alli realisados, este nosso querido amigo soube honrar, com a correcção dos seus tiros o club que representava, ficando classificado em ambos elles.

Em Braga, no dia 26 d'abril p. p., conquistou os primeiros premios, tanto no tiro aos pombos como no tiro ás espheras. No domingo seguinte, 3 de maio, fez manter o valor da sua arma ao lado dos melhores atiradores do Porto, no concurso que constituiu um dos numeros mais interessantes da festa das Cruzes na linda villa de Barcellos. E tal foi, então, a confiança que depositou em si e a consciencia do seu valor que apostou, elle mesmo, sobre a sua arma contra as de todos os outros. O resultado, com prazer o consignamos, foi o jury conferir-lhe o primeiro premio, que era de dez libras esterlinas. O Porto, diga-se com verdade, tem tambem atiradores distinctos e de tão indiscutivel merecimento que tem chegado, por vezes, a disputar e a conseguir os melhores premios nos concursos extrangeiros. Mas Braga tem em Adelino Correia um *sportman* que, em muitos torneios, se tem destacado entre todos elles.

AMOUR.

TIRO AOS POMBOS— Vencedores: 1-Adelino Corrêa (1.º premio) 2-José Daniel Pereira d'Almeida (2.º premio)

TIRO AOS POMBOS—O sr. Adelino Corrêa, vencedor do primeiro premio, esperando o signal de desfechar

TIRO ÁS ESPHERAS—Vencedores: 1—Adelino Corrêa (1.º premio). 2—Joaquim Corrêa (2.º premio). 3—Herculano Pereira d'Andrade (3.º premio)

PORTO — Concurso hyppico

Promovido pelo Centro Hyppico do Porto realisou-se ultimamente no Campo de Bessa uma festa elegante que teve uma assistencia numerosa e distincta.

Depois da prova para sargentos na qual coube o 1.º premio ao sargento Sergio disputou-se o premio do Centro Hyppico, um lindo par de jarras com incrustações e applicações de prata dourada, sendo classificado em primeiro logar o sr. tenente Moura Borges.

Um aspecto da assistencia

Premios distribuidos aos vencedores

O sr. tenente Pessoa Amorim saltando um obstaculo

O sr. alferes Novaes n'um bello salto

O sr. tenente Moura Borges n'um salto de cancella

O sr. alferes João Sarmento n'outro salto de cancella

(Clichés de J. d'Azevedo phot. da «Ill. Cath.»)

AVEIRO — Exequias por alma do Conselheiro José Luciano de Castro

Tiveram muita concorrencia as solemnes exequias realizadas em Aveiro suffragando a alma do saudoso estadista conselheiro José Luciano de Castro. O elogio funebre feito pelo distincto orador sagrado rev. Fernandes de Castro agradou immenso bem como a musica religiosa que foi desempenhada magistralmente pelo grupo Santa Cecilia, do Porto.

AVEIRO — Egreja da Misericordia onde se realizaram as exequias

---

Fastos do Catholicismo

O tango

Em Biarritz estava recentemente reunida em um dos hoteis a sociedade mais distincta. Quando a orchestra preludiou o tango, ninguem se moveu; segunda vez se ouviram as notas do baile prohibido pelos senhores bispos, e pela segunda vez ficou indifferente a assistencia; ainda terceira vez se realizou o mesmo protesto mundo contra o baile immoral; então a orchestra preludiou outras peças musicaes, e logo a

AVEIRO — Um aspecto do interior da egreja da Misericordia, por occasião das exequias, com decorações da acreditada casa Vieira Borges, do Porto.

AVEIRO — Commissão organisadora das exequias

1.º plano (da esquerda para a direita) Conde de Agueda, rev. Fernandes de Castro, que fez o elogio funebre e Gustavo Ferreira Pinto Basto.
2.º plano (idem) Drs. Cherubim Valle Guimarães e Joaquim Simões Peixinho.

concorrencia tomou parte na diversão. Se assim se fizesse sempre não mais se poriam em scena espectaculos prohibidos.

Monumento a S. Agostinho

A 16 de abril, monsenhor Combes, arcebispo de Carthago (Tunis), inaugurou solemnemente o monumento alli erigido a S. Agostinho, e que é uma bella estatua do immortal Bispo d'aquella antiga cidade africana. Depois da ceremonia, a que assistiram varios sacerdotes e uma immensa multidão de pessoas de diversos paizes e religiões, o senhor arcebispo deu a benção aos concorrentes com a reliquia de um braço do Santo que se conserva e se venera na cathedral.

Abnegação de uma religiosa

Ha pouco estavam no hospital de Aix varios atacados de variola, doença que grassava na povoação; para tratar d'elles só havia uma religiosa e um enfermeiro. Este, pouco depois, teve de recolher ao leito ficando sosinha a religiosa, a qual apezar de sua edade já avançada e de não gosar boa saude, teve um trabalho insano durante os tres mezes que durou a epidemia. Comtudo quando de manhã o medico percorria as salas encontrava preenchidas as tabellas de temperatura, todos os remedios dados a seu tempo e sem que faltasse uma só particularidade das que suppõe o tratamento de tantos enfermos, tudo com a maior simplicidade e o sorriso nos labios. Que enfermeira leiga seria capaz de fazer outro tanto?

INDUSTRIA NACIONAL

Toalha artisticamente manufacturada que esteve exposta na Camisaria Coelho, na rua Sá da Bandeira, do Porto. Na sua execução gastaram-se seis mezes, e foi vendida por 500$000 reis. E' um primoroso trabalho que muito honra a industria portugueza e que lá fóra causou a maior admiração pela sua inexcedivel perfeição.

BRAGA — Aspecto do estado actual do antigo passeio publico depois de alguns trabalhos já feitos para a sua transformação em uma ampla avenida

ARMARIA PORTUGUEZA

Armas de cada appellido que entram na composição dos brazões das casas nobres de Portugal

Aguiar. — Em campo d'oiro uma aguia de vermelho armada e membrada de negro e carregada sobre o peito de um crescente de prata. Timbre: a aguia do escudo.

Aguilares. — Em oiro uma aguia estendida, de vermelho, armada de negro com um crescente da mesma côr sobre o peito e parte das azas. Timbre: a aguia do escudo.

Alardos. — Em vermelho tres lizes d'oiro em triangulo e entre ellas meia lua de prata. Timbre: meio leão de prata com colleira vermelha e uma das lizes na mão.

Albergaria — Em campo de prata, uma cruz florida de vermelho, vazia do campo; bordadura tambem de prata, carregada de oito escudetes de azul, cada um com cinco besantes do campo. Timbre: dragão voante de vermelho, armado de oiro.

Rebello Jor

PREPARANDO O JANTAR

(Cliché do dist. phot. am. sr. João San Romão)

PROPRIETARIO
Joaquim Antonio Pereira Villela.

DIRECTOR
r. Francisco de Sousa Gomes Velloso.

EDITOR
Antonio José de Carvalho.

ADMINISTRADOR
Clemente de Campos A. Peixoto.

Illustração Catholica

Revista litteraria semanal de informação graphica

Redacção, administração e typographia
83, R. dos Martyres da Republica, 91
BRAGA

CONDIÇÕES D'ASSIGNATURA
PAGAMENTO ADEANTADO)

Portugal e colonias (1 anno) . .	2$400
» » (6 mezes) .	1$200
» » (3 mezes) .	600

A' cobrança feita pelo correio e pelo cobrador, accresce o importe das despezas.

Estrangeiro (1 anno)	3$000
» (6 mezes)	1$500
Numero avulso	60

Numero 47 Braga, 23 de maio de 1914 **Anno 1**

Comprem os Bordados

Schweizer

franco de porte a domicilio

Vestidos desde Fr. 11.80

Blusas desde Fr. 3.95

Vestidos para Crianças desde Fr. 5.90

Do melhor bordado suisso, sobre cambraia, voile, crêpon. toile e sobre sedas novidade.

Peçam a nossa collecção 82 de figurinos novos com amostras bordadas.

Os nossos bordados são por fazer, mas remettemos os padrões cortados em todas as medidas a quem os requisitar.

Schweizer & Co. Lucerne · Suissa ·

Companhias de Seguros

La Union y El Phenix Español

DE MADRID

Union-Maritime

DE PARIS

MANNHEIM

DE MANNHEIM

Seguros sobre a vida, incendio, explosão de gaz, de máquinas, raio, rendas em caso de incendio, maritimos, postais e transportes de qualquer natureza.

Lima Mayer & C.ª

59, Rua da Prata, 59

Lisboa

Está hoje sobejamente demonstrado que pela excellente qualidade das materias primas empregadas e meticuloso cuidado no acabamento e ajustagem de todas as suas peças

As machinas de costura 'Naumann,, são as melhores.

A sua fama estende-se a todo o mundo por causa da sua elegancia, do seu trabalho leve e silencioso e da sua longa duração.

Especiaes para bordados artisticos

A elevada cifra de

Um milhão e setecentas e cincoenta mil machinas de costura

que por nós teem sido fabricadas e vendidas, quantidade que nenhuma fabrica da Europa ainda conseguiu attingir, prova evidentemente quanto tem sido lisongeira a acceitação que

A machina de costura "Naumann,,

em encontrado em todos os mercados. Quem adquirir a machina de costura «Naumann» pode ficar certo de que ella lhe prestará proveitoso serviço durante muitos annos.

Naumann

Dão-se as mais amplas garantias

Deposito em Braga: Armazens da Caixa Penhorista Bracarense

PREÇOS SEM COMPETENCIA

CHRISTUS VINCIT. CHRISTUS REGNAT. CHRISTUS IMPERAT.

ILLUSTRAÇÃO CATHOLICA

Revista litteraria semana de informação graphica

Proprietario, Joaquim A. Pereira Villela. Director, Dr. F. de Sousa Gomes Velloso

EDITOR
Antonio José de Carvalho.

ADMINISTRADOR
Clemente de Campos A. Peixoto.

Braga, 23 de maio de 1914

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E TYPOGRAPHIA
83, R. dos Martyres da Republica, 91
Não se restituem os originaes

Numero 47—Anno I

PORTO—Collegio dos Orphãos. Altar lateral, 2.º da esquerda, da capella de N. Senhora das Graças

(Cliché do dist. phot. am. sr. Augusto Chaim)

Chronica da semana

XLVII

ooo

RARAS vezes se encontrou a chronica tão embaraçada ao referir-se á vida semanal do paiz, como agora. Carece grande attenção no caminho que pisa, pois que ás duas por tres depara sobre a poeira secca da estrada aquella phrase de Cambronne que nos labios virginaes do sr. Daniel Rodrigues symbolisou a oratoria parlamentar dos tempos de hoje e o feroz talento do immortal senador. Salientemos apenas os acontecimentos do theatro D. Maria, em Lisbôa; estes nos bastam para appoiar a axiomatica affirmação de que em plena e publica democracia é incompativel, theorica e praticamente, com o principio de auctoridade e de verdadeira ordem. A preoccupação tenaz, quasi morbida, de olhar ao povo, de fallar em nome do povo, de attender a voz rouca do povo, produz no cerebro dos supremos gerarchas democraticos uma irremediavel inversão de ideias, uma transposição illogica de termos, a anarchia, a amalgama, o chaos!

A auctoridade só pode exercer-se n'um paiz, com prestigio, com a *main douce et ferme* que a caracterisa e define, se na organisação politica d'esse paiz existir um principio fundamental e uma entidade superior que sejam por assim dizer a base e a origem d'essa mesma auctoridade.

O policia não prende o povo porque depende do povo. O magistrado não condemna o povo porque o povo o alcandorou. O militar não castiga o povo porque o povo é soberano.

E' que a auctoridade vem *de cima* e não *de baixo*. Desce, não sobe. E toda a vez que este postulado é desmentido pela sequencia historica dos factos e pelo doutrinarismo theorico dos revolucionarios, verifica-se logo no paiz a instabilidade contínua e perniciosissima das funcções sociaes indispensaveis á sua vida progressiva e á sua paz productora. A auctoridade vem *de cima*. Foi esta por certo, a convicção do sr. tenente Ochôa ao reprimir com energia os desmandos e as affrontas d'uma minoria de discolos que á porta do theatro D. Maria, em Lisboa, tentava documentar em frente do sr. embaixador do Brazil a insania demagogica em que ininterruptamente tem agonisado ha trez annos a segurança interna e externa da patria. Mas, quando no dia seguinte, ouviu dos proprios labios do governo e do parlamento a condemnação expressa dos seus actos necessarios e justos, havia de ter constatado bem nitido o grave perigo nacional, caracterisado n'uma estrondosa fallencia e n'uma tremenda anarchia, vortice fundo e rapido onde se subvertem a auctoridade e a ordem, incompativeis com a ideia culminante das democracias, nas suas formas puras e incorrectas.

Os desilludidos receberam mais uma lição, os patriotas mais um torvo presagio.

A mesma illação pode tirar-se das ultimas e recentes eleições para a camara franceza, que deram uma enorme e esmagadora maioria aos socialistas.

Ha dias Clemenceau escrevia que em vista d'este resultado, a lucta ficará no futuro circumscripta entre os catholicos e os socialistas revolucionarios; esta confissão, valiosa por ser feita por um velho mentor do radicalismo é afinal aquella que com maior verdade reproduz a situação da França politica de nossos dias.

Os grupos *nuancés* dos pseudo-conservadores, ou antes dos opportunistas Briand, Millerand e Barthou, apagaram-se de todo na massa enorme que extasia e delira ante o vozeirão tempestuoso e ôco de Jaurés. O socialismo tomou-lhes o campo. Os radicaes de varios matizes hão que integrar-se n'elle.

Nas hostes da direita outro tanto acontece. A tendencia é para os programmas definidos, para as situações claras, rudes como as muralhas das fortalezas, robustas como a coherencia das ideias. Ora, precisamente aquelles que, além dos socialistas, apresentaram reivindicações nitidas, foram os catholicos. E assim, ao segundo escrutinio, já os conservadores não haviam que hesitar, mas que escolher entre o candidato catholico, appoiado pelas missões diocesanas e o socialista que agitava na mão o programma anti-patriotico e anti-militarista do Congresso de Pau.

Não se trata, porém, de uma simples disputa de *clans* politicos. O embate—é de principios. Vogüe poderia accrescentar hoje mais umas paginas do seu romance celebre *Les morts qui parlent*. E' a lucta de sempre entre o materialismo racionalista e a fé catholica, entre o christão e o pagão, entre a cruz que parte para o céo n'uma ancia de glorificação, e se desdobra no ar n'um abraço de amor, e a caveira humana que no sopé lhe gargalha voltaireanamente, o sarcasmo sibillante do impio.

E' a lucta de sempre, entre a chimera *irreal* do goso e da felicidade, suspirada na terra pelo que soffre e pelo que chora, desenhada nas suas frontes encorreadas pelos dementes e criminosos orientadores da revolta humana e a *real* certeza dos que creem attingir um dia, pelos caminhos arduos do dever, a um paraizo compensador das desegualdades, das provações da vida terrena e dos esforços herculeos das virtudes; entre aquelles que veem na vida a fonte de transitoria alegria, e aquell'outros que a odeiam, como a um circulo de treva do inferno dantesco.

E' afinal, leitores amigos, a eterna, a eterna lucta entre a religião do ventre e a religião da alma!...

F. V.

O meu relogio de prata

QUARENTA ANNOS de bom e effectivo serviço vae faze-los agora em maio o meu relogio de prata. Se me será lançado á conta de pieguice trazer isto ás gazetas... quando se viu fazer annos um relogio?! Sim; mas pensem que são nada menos de 40 de *bom e effectivo*, sempre a andar, de dia e de noite, de verão e de inverno, por temporaes e calmarias, na prospera e na adversa fortuna; com rarissimas intermittencias, está de ver que alheias da sua *vontade*.

Qual corredor de Marathona pode com elle medir-se? Qual *trotter-globe* teve mais leve e rija perna? Nem o famoso *Ashavero* da lenda andou tanto. Pensem que, se fosse da sua arte palmilhar estradas, com tanto andar já duas vezes tinha dado volta ao pólo Norte e duas ao pólo Sul. Assim, condemnado ao caso da *minha gente*, vae fazendo que «anda mas não anda», a pé bem entendido.

Não anda por seu pé, mas tem viajado de

PORTO — Grupo de professores que tomaram parte no ultimo congresso pedagogico

Primeiro plano, (sentados) Francisco Maria Freire, (Peniche); Manuel José Antonio, da Serra do Bouro (Caldas da Rainha); e Paulo José Alhinho Junior, de Cuba (Alemtejo); *segundo plano, (sentados)* Saturnino Lopes das Neves e Luiz Antonio de Almeida, ambos de Setubal; Francisco Antonio Mestre, de Aljezur (Algarve); Belmiro Nogueira Xavier, de Penafiel; e João de Souza Vairinho, da Casa Branca (Alemtejo); *terceiro plano, (em pé)* Januario de Castro, de Ferreira (Paredes de Coura); José Pedro de Mendonça, de Aljezur (Algarve); Mathias Lopes Raposo, de Mouriscas (Abrantes); Ivo Xavier Fernandes, do Porto; Francisco Santos, de Rio Maior; Dyonisio Martins, de Guimarães; Joaquim de Barros Taveira, de Provezende (Douro); e José Gomes de Barros, de Braga.

VIZEU — S. João de Lourosa. O Padre Cesario Pereira da Silva + e convidados apóz o banquete servido depois da sua 1.ª Missa

(Cliché de Alipio da Silva Vicente.)

conserva com o patrão por essa estranja fóra. E sempre correcto, incansavel sempre este meu velho e leal companheiro. Amigo de seu amigo, mas incorruptivel e firme no seu lidar, aqui á ilharga paredes meias, ou quasi, com o collega interno, que a fallar a verdade nem sempre vae a passo. Elle, porém, de caracter rijo como aço, nunca professou mêdo, nunca sentiu alterações do pulso. Na sua longa carreira, só uma vez soffreu syncope, uma só: um caso de traumatismo de que resultou luxação, reduzida logo pelo algebrista. Vinte e quatro horas depois do accidente estava de novo a caminho; e até hoje, em boa hora o diga, nunca mais.

Catholica e bem o merecia; fique, porém, para o *necrologio*, para lhe não offendermos a modestia agora. Umas *bodas de oiro* é que lhe ficavam a matar; quer porém a fatalidade que faltem ainda dez annos, e entrementes bem pode ir de cançado ás mãos de adêlo, ou o patrão *ás malvas:* mais provavel é a segunda hypothese.

Limitemo-nos a uns traços *biographicos* e correspondente elogio.

*

Em *Genebra*, que é a terra classica dos relogios, viu o *meu de prata* a luz do dia a vez primeira, (não se sabe ao certo a data, por falta de competente registo), alli ás margens do famoso lago *Leman*, por onde tantas vezes vogou a barquinha de S. Francisco de Sales. Quiz a sua boa sorte e minha que houvesse de emigrar da Roma *calvinista* á Roma *portugueza*, muito moço ainda e filho de numerosa familia, pois tem nada menos que o numero de 32095!

A familia *Richard* e C.ª que o formou ha-de ser das mais illustres d'aquella terra, pois no-lo enviou ornado com boas 15 joias de pedras preciosas, segundo as lettras que traz *(15 joyaux)* no escudo: que do mais a gente não pode jurar *de visu:* Por timbre, uma ancora, *ancre* como lá dizem.

Em Braga acolheu-se á boa sombra de velho e honrado mestre Miguel Barbosa, alli á Misericordia, que m'o transferiu mediante a somma de 12 mil reis da moeda velha, ahi pelos primeiros dia de Maio de 1874

No dia seguinte assistia *recolhido* á instituição canonica do amo, conferida pelo Arcebispo Dom João, n'uma parochia de Basto. Principia então a sua longa odyssée, partindo de Braga, como quem diz em viagem de nupcias, por Guimarães, Fafe, Celorico, Cabeceiras, contente como um cochicho.

A *lua de mel* foram doze ou mais, sem quebra do affecto *conjugal* nem esfriamento do dito, pelas terras de Cabeceiras e adjacencias. Sempre lesto e sem catharro: tic, tic, tic, tic!

Alimento, uma só vez por dia e sempre o mesmo, ao fim da tarde como os monges do

BRAGA—S. Thiago de Cividade. O altar da Virgem bellamente ornamentado para os exercicios do mez de Maria

Para embaraços gastricos, de pouca monta aliás, o tractamento vulgar de uma *alimpadela* de cinco tostões, e prompto.

Sou amigo d'elle? está visto que sou. Até pensei promover-lhe o *retrato* na *Illustração*

Oriente que viveram para mais de cem annos, graças á frugalidade.

De tal *creação* não admira resultasse tão valente pioneiro, tão ousado e destemido.

Passar a serra das Alturas, embrenhar-se pelo Gerez, e por lá passar as noites ao relento, o mesmo era que pisar as alcatifas do Pa-*Rhodano*, o *Tibre*, o *Garigliano*, o *Arno*, o *Pô*, o *Loire*, o *Garôna*; e se mais não passou, é que mais não encontrou pelo caminho, que lá medo nunca lhes professou.

Mas nem só de rios... abordou tambem a terras grandes e logares celebres, com egual destemôr:

PORTO — Capella de Fradellos

(Cliché do distincto phot. am. sr. Augusto Chaim).

ço de Braga ou subir o Chiado acotovellando *fidalgos* por uma pá velha.

Até de uma vez atravessou o Tejo, do Terreiro do Paço ao Barreiro, e foi a Setubal!

Pelo Porto era como por sua casa; de uma vez metteu pelo Douro acima e passou para Traz-os-Montes.

De uma vez?! tem graça! por quatro vezes, e d'uma d'ellas varou a provincia desde a *Foz-Tua* a *Ruivães*. As bacias do *Lima* e do *Minho*, sei lá quantas vezes?

A do *Cávado*, essa é de casa nem se conta, mais a do *Homem*, do *Ave*, do *Vizella*, e qualquer cousa do *Vouga*, do *Mondego*, do *Tejo*, do *Sado*.

Farto já das ribeiras da casa, foi a outras por essas Europas fóra. Passou o *Ebro*, o

PAREDES — A familia do ex.mo snr. Dr. Antonio Cabral e alguns ecclesiasticos que tomaram parte na festividade de S. José

Em Roma o *Capitolio*, o *Pantheon*, a *Cupula* de S. Pedro e as *Catacumbas*, o *Colyseu*, a via *Appia*, coisa pouca! Mesmo ainda as ruinas da *Pompeia*, a fumarada do *Vesuvio*, o palacio de *Pitti* de Florença, o *Rialto* de Veneza.

E que tem lá navegar dois ou tres dias pelo Mediterraneo, de *Marselha* a *Civitta-Vechia*, e duas vezes furar o monte *Cenis?* Para um relogio que se présa, como este meu de *prata*, é nada a bem dizer.

Sempre de valentes foi vencerem-se a si mesmos:

Assim o praticou o meu illustre de *prata* em duas conjuncturas, com um estoicismo e cortezia dignos de nota. Em *Orleans*, a dois passos de Paris e por occasião da exposição universal (1900) cedeu sem relutancia á caturrice do patrão que ahi mandou virar de bordo no sul, sem mais nada.

Em *Lyon*, demorando alguns dias, nas duas epochas differentes, alli a dois passos de *Genebra* pelo *Rhodano* acima, nada mais natural que pretender dar um salto lá para visitar o papá *Richard*, a casa e os manos mais novos. Pois não, senhores! Quedou-se no seu posto como se nada fôra, sem uma lagrima nem alteração de pulso: sempre tic, tic, tic, tic...

*

Não admira que estime sahir, uma vez por outra, á luz do dia quem habitualmente vive na prisão cellular. Assim o meu fiel companheiro parecia-me sorrir de satisfação quando era collocado em frente da gente na cathedra, á vista da mocidade escolar; e apesar da sua pobre capa branca de carmelita não se recusava a formar sobre a banca dos exames, ao lado de illustres *collegas*, refulgentes de oiro e labores de muito preço. De mim confesso ter tido pena da sua triste figura; elle porém parecia-me satisfeito e uma vez ou outra lisongeado, senão desvanecido, quando algum como um illustre Pre-

PAREDES — A capella de S. José e o arraial
(Clichés do phot. am. sr. Braz F. S. Meirelles.)

GUIMARÃES — Graciosas vimaranenses repousando n'um dos pittorescos sitios de Pevidem

GUIMARÃES — Fabrica de Tecidos, de Pevidem, pertencente ao snr. Manuel Ribeiro da Cunha

GUIMARÃES—*Um grupo de vimaranenses e industriaes de Pevidem*

(Clichés de Francisco P. Mendes).

lado, já fallecido, ahi o tomava cariciosamente na pequenina mão para ir notando de perto o andamento dos seus ponteiros, por debaixo da luneta de crystal. Alegria fugaz dos humildes em raro contraste com os grandes, que a ninguem damna.

*

Cessêmos isto com dois casos da sua constancia na adversidade:

Em Vizella, onde annos antes tinha partido uma *perna*, foi certo dia forçado a um banho de chofre nas aguas do rio, para o patrão valer a um rapazinho que se afogava. Pois não se afogou elle tão pouco. Sahiu a escorrer e, mercê da capa, nem se *constipou* sequer!

A poucos passos d'esta casa, quando ha um anno recolhia a pé de uma viagem o patrão, resvalou com elle d'uma borda abaixo da altura de alguns metros, e quando este pôde erguer-se e contava achar n'um bôlo o seu fiel *relogio de prata*, topou-o escorreito e batendo os *segundos:* tic, tic, tic, tic...

QUARENTA ANNOS de bom e effectivo serviço: Nem elle teve outro amo, nem o amo outro relogio.

M. C.

Bemaventurados os que soffrem perseguição por amor da justiça porque d'elles é o Reino dos Céos.

EVANGELHO.

LEVANTEMOS os corações ao alto e lá n'essas ethereas paragens, onde os Seraphins entoam hymnos e os Archanjos sustentam o throno de Deus, lá o veremos com a corôa dos bemaventurados e a palma do martyrio!

N'esta romagem pela terra, viveu e morreu como crente, cumprindo piedosa e fielmente a sua missão.

Era alto e sublime o seu cargo, espinhoso e difficil o trilho por onde devia passar, mas nunca esmoreceu na carreira do bem.

Trabalhar no serviço de Deus foi o seu lêmma, e assim ao apparecer deante do Juiz Supremo não tremeram sem duvida as suas mãos, porque não iam vasias. Um vaso d'oiro recamado de pedras preciosas tinha elle enchido durante a vida para offerecer ao Senhor.

Heroicos sacrificios, longo penar do desterro, ais, e lagrimas, esmolas aos famintos, consolações aos tristes, conselhos aos que se desviavam do caminho recto, perdão ás offensas... humildade e modestia, que desviavam de si todos as pompas do orgulho, fadigas da lide apostolica formavam esse thesoiro, onde scintillavam os diamantes mais finos, os rubis mais preciosos. Elle fôra um servo de Deus, um pastor d'almas que trabalhou na vinha do Senhor com zelo e afan.

MELGAÇO—*Castro Laboreiro. Pessoal da Cruz Vermelha, de Vianna do Castello, alli destacado durante a epidemia do typho, vendo-se ao fundo o hospital d'aquella sociedade*

(Cliché do capitão de Estado Maior sr. Antonio Cardoso Goulart).

MONDIM DE BASTO—Quedas d'agua do Cabril (rio Olo)

MONDIM DE BASTO—Quedas d'agua do Cabril (rio Olo)

Na vertente norte da serra do Marão, com um declive de 300 metros, o rio Olo despenha-se em formosas cascatas das mais interessantes do paiz; ao lado d'estas quedas d'agua ha um córte na montanha na extensão de centos de metros em que, por vezes, se encontram córtes verticaes na rocha á profundidade de 130 metros. E' uma verdadeira maravilha.

A reforma completa dos seminarios, onde tantas almas se formaram para o sacerdocio com todo o cuidado e desvelo, foi sem duvida a corôa da sua vida pastoral.

Foi dolorosa a ultima phase da sua existencia!... Os canticos d'alegria e de triumpho ainda troavam ao longe, quando a Bracara Augusta, a cidade dos Arcebispos, que vestira purpuras e galas para receber o seu pastor, bem depressa as transmudou em negros crepes, signal do lucto, e bem pesado, que a todos cobria de magua profundissima! Fez-se noite bem cedo no seu coração magnanimo, sempre aberto para o bem, o exilio foi-lhe amargurando os ultimos dias da existencia preciosa e tão querida de todos que o souberam apreciar, e lá morreu longe do seu Paço, da sua Cathedral, que o acolhia com hymnos triumphaes.. Hoje lá tangem os sinos funebremente e em nossa alma dobram a finados.

Morreu longe de tudo que lhe foi caro, das obras evangelicas por elle encetadas, das aldeias que elle percorreu nas visitas pastoraes com o zelo d'um verdadeiro apostolo só egualado pelos seus benemeritos e illustres Antecessores, Dom Frei Bartholomeu dos Martyres, Dom Frei Caetano Brandão e o Santo Arcebispo que baptisou o fundador d'este outr'ora Glorioso Reino.

Tantissimas obras, que sobem ao céo em nuvens d'incenso, poderiamos narrar da vida do nosso

MONDIM DE BASTO—Quedas d'agua do Cabril (rio Olo)

(Clichés do phot. am. sr. padre Manoel da Silva Ramos).

chorado e bem amado Prelado, o Senhor Arcebispo Primaz, Dom Manuel Baptista da Cunha. A nós, que o conhecemos em todo o seu esplendor sempre modesto, affavel e carinhoso, espalhando a sua bondade como o sol os seus raios doirados, a esmola como o Evangelho ordena, sem ostentação, dando com a mão direita o que a esquerda não sabe, enche-se nos a alma d'amargura ao relembrar o trouxeram centenas de milhares de catholicos ao alto do Sameiro na mais grandiosa e brilhante romagem de que ha memoria nos fastos da Egreja Catholica em honra da Mãe de Deus.

Bastava ser elle o iniciador da tamanha gloria prestada á Virgem Santissima, para o seu nome ficar gravado em lettras d'oiro nas paginas da historia ecclesiastica.

D. Manuel Baptista da Cunha, Arcebispo Primaz de Braga (fallecido a 13 de maio de 1913)

seu passamento, longe da sua terra tão querida que elle adoptara no seu coração e a que tanto bem fizera.

Seria longa a enumeração das suas obras, que a Historia fará um dia; mas não podemos deixar passar em silencio que foi elle o saudoso Arcebispo, o iniciador das maravilhosas festas em honra da Immaculada Conceição, que fizeram echo em todo o mundo e aqui

Viveu pouco no meio do seu rebanho mas as almas bemfazejas fazem muito em pouco tempo, a sua acção não se mede pelas horas. O excelso Prelado teve sempre firme o leme do seu barco durante as tempestades que por vezes se levantaram no mar encapelado, e, como outr'ora a barca de Pedro não sossobrou nem sossobrará nunca, tambem a d'elle se manteve sobre as aguas.

Foi valoroso, as suas mãos nunca tremeram embora já cansadas na lucta contra as ondas, que bramiam em furia.

Tantos trabalhos, tantos fadigas levaram-no á sepultura mas levantemos os olhos ao céo e lá o veremos feliz na beatitude eterna!

Felizes os que morrem no Senhor, diz o Apostolo São João, elles descançam dos seus trabalhos, porque as suas obras os seguem.

Braga
13—5—914.

MARIA SALOMÉ.

VIDA INTENSA

(CHRONICA D'ALÉM FRONTEIRAS)

AGRADAVEL leitora: pede com tanta graça, insiste com tanta gentileza, com a sua argumentação feminina, para que responda á sua carta, que não tenho mais remedio que ceder. Vamos conversar um curto quarto d'hora, delicioso para mim, como os raros momentos que me enlevei, na leitura da sua carta.

LISBOA—Sessão inaugural do Congresso das Associações Commerciaes e Industriaes
(Cl'chê do nosso corresp. phot. de Lisboa)

Alberto Pimentel

Distincto escriptor, catholico, que acaba de publicar o poema heroe-comico—*Pena de Talião*— e um interessante livro de *Memorias do tempo de Camillo*

Salema Vaz

Auctor do livro de versos *Primeiros Rebentos*

ILHA DA MADEIRA—Costumes antigos

Diz-se modificada e merecer já o epitheto deslumbrador de thalassinha, que eu lhe recusára na minha carta, talvez cortada de certa crueza mas sincera afinal. E irritada, raivosa, protesta rabugenta que é tão thalassa como as suas amigas. Inteiramente d'accordo, mas ellas é que não o são. Já lhe disse uma vez aqui que para merecer tal nome, é preciso alguma coisa mais que trazer venerado o retrato do Rei, a concorrer lagrimejante e solemne ás missas por alma dos mortos illustres, mas á noite transigir galantemente, no primeiro salsifré, dando á perna e á lingua com o alferesinho formigão ou advogado demagogo. Ha-de concordar que não basta cantar em familia o hymno da carta e não perder a recita sensacional em beneficio da cantina liberdade de progresso ou do centro recreativo Bernardino Machado.

Não basta escrever cartinhas ás amigas a fallar da *prima Beatriz*, do *enxoval da Margarida*, *da operação celebre*, eu sei as mil ridiculas combinações que se inventaram, para dizer que a coisa vem e vem depressa. Olhe, somen-

ILHA DA MADEIRA-Avenida Pedro d'Ornellas

ILHA DA MADEIRA—A procissão de N. Senhora do Rosario

ILHA DA MADEIRA—Outro aspecto da Avenida Pedro d'Ornellas

te por dizer ás amigas, um mysterio — «A coisa agora... sei tudo... Disse-m'o pessoa bem informada, vae a galope...» e vincar todos os dias 15 de cada mez como data fatidica para a demagogia moribunda não é sufficiente para a enfileirar entre as thalassas de lei. Falla-me dos seus serviços como se eu ao apontar-lhe os seus erros — perdoe — não os tivesse já visto bem claramente.

O que lhe parece servir o ideal, só o prejudica. Mexericar datas, espalhar noticias, revolver a cabeça das amigas, só serve, releve-me a franqueza, para alimentar ridiculos e leviandades. E não julgue, que, eu deixo de reconhecer, minha senhora, á mulher portugueza, um papel brilhantissimo n'estes largos tres annos de vendaval demagogico. Não. Só vejo, com pezar que muitas, não sabem ou não querem seguir tão nobilissimos exemplos.

Maliciosa — ah! a malicia é uma terrivel arma no seu lindo sorriso — pergunta-me curiosamente:

«Mas porque, para aos homens não ha as distincções e reservas qne o seu puritanismo (e sublinhou a palavra) pretende mimosear a nossa fé e a nossa convicção» ?...

Não ha!... mas leitora amiga é porque as não quer ver.

No paiz, que é geralmente monarchico, no paiz, que uma forte corrente restauradora domina como derradeira taboa de salvação d'uma patria moribunda, os monarchicos estão divididos em duas classes distinctas:

Os thalassas e os medrosos. Ora vamos lá vêr, quaes são uns e outros e verá depois como vae dar-me razão.

Antonio Vasco de Carvalho, portuguez residente no Pará e propagandista da "Illustração Catholica„.

MADEIRA — Vista geral de Valle Formoso

(Clichés do phot. am. rev. Laurindo Leal Pestana)

BRAGA -- Uma festa em Palmeira

Na pequenina capella do Senhor dos Milagres, situada quasi á margem do Cavado, na visinha freguezia de Palmeira, realisou-se, ha dias, uma linda festa religiosa, em cumprimento d'um voto, que attrahiu uma grande concorrencia de fieis. Ao Evangelho da Missa prégou o rev. Conego Bernardo Chousal que foi muitissimo apreciado. De tarde o arraial conservou-se sempre muito animado e concorrido.

O altar-mór da capella do Senhor dos Milagres no dia da festividade

BRAGA—Palmeira. A capella do Senhor dos Milagres onde se realisou a festa religiosa

Um aspecto do arraial

Thalassas são os que luctaram e soffreram, soffrem ainda, pela sua ideia, sem desfallecimentos, sem fraquezas, altivos, ufanos da sua crença, intransigentes na sna convicção, dando um exemplo nobilissimo de coragem civica no meio d'esta desoladora defecção de caracteres, que ameaça afundar a patria e que ha-de ficar na historia, como um parenthesis de vergonha, d'insania e de loucura.

Medrosos, são todos os que nada fizeram e nada fazem, que se couraçaram na commodidade do seu indifferentismo, que não teem a consciencia das suas opiniões, que não assumem as responsabilidades da sua ideia politica.

São esses bons senhores, conselheiraes e graves, que leem em segredo o *Dia* mas que á rua não sahem sem o *Mundo* bem á vista dos formigões. São esses criminosos do maior crime—a falta de coragem civica—que anceam como os outros, pela quéda de regimen mas que em publico dizem sempre judiciosamente: «*isto para traz não volta*»... São esses bons

BRAGA—Um aspecto da ultima garraiada

BRAGA—O cavalleiro Alvaro Roby lidando um garraio

BRAGA—Outro aspecto da garraiada

concidadãos, ricos e independentes, que bajulam os homens da republica, como famintos aspirantes ao amanuensado. São os platonicos restauradores que têm no gramophone sempre prompto o hymno de carta e se descobrem servilmente á portugueza...

Creia; ser thalassa é mais difficil do que pensa. Esta palavra que alguem applicou certo dia, para cobrir de ridiculo, cobre hoje de honra a pessoa que a merecer. Enche d'orgulho, nobilita, exalta. Mas, para que me fez fallar?

Eu poderia dizer-lhe ainda muito mais mas reservo-me para o dia em que me surja despida d'essa *patine snob* que a torna (apesar d'infinitamente sympathica,) um todo nada ridicula.

Por isso, me despeço de si a pedir-lhe que se não zangue, minha deliciosa argumentadora, que me não convence afinal mas que espero convencer a fazer-se ousadamente thalassa a valer.

Rasgue esta carta. O seu pae seguramente vae tremer se a suspeita nas suas mãos e arruina-se n'esse dia comprando todos os *Mundos* da cidade...

José de Faria Machado.

Fastos do Catholicismo

Arrependimento opportuno

M. Dubuisson, deputado e administrador de Chateauneuf-du-Faou, recentemente fallecido em Paris, furibundo anti-clerical e que tinha votado as leis hostis aos direitos da Egreja, confessou-se na sua ultima doença, deplorando ter dado esses votos, retractando-se d'elles e manifestando que desejava receber christã sepul-

BRAGA--Campeonato de Foot-Ball Porto-Braga

2.º «Team» do «Foat-Ball Club de Braga»

Realisou-se ultimamente na Praça Conde de Agrolongo uma prova do campeonato de foot-ball promovida pelo «Universal Sport Club», do Porto, para a disputa da taça «Universal».

Para esta prova desportiva inscreveram-se 8 grupos: 4 do Porto e 4 de Braga, decorrendo a lucta sempre cheia de interesse não se chegando, porém, a um resultado definitivo devido a irregularidades commettidas durante o jogo.

1.º «team» do «Estrella Foot-Ball Club»

2.º «team» do «Estrella Foot-Ball Club»

ura na sua terra natal, em cuja egreja foi o facto notificado aos fieis na Missa paroquial do primeiro domingo depois do fallecimento.

Pedindo religiosas para hospitaes

Em França 52 municipios estão pedindo ha cerca de um anno a volta das religiosas para os hospitaes, emquanto duas escolas de enfermarias leigas tiveram que encerrar-se por falta de alumnas.

Assim fracassa a lei de laicização dos hospitaes, cuja sorte foi originalissima pois os ministros nunca deixam de condecorar religiosas nas suas viagens, ao mesmo tempo que preparam a expulsão das ordens religiosas.

Uma phase do foot-ball

Outra phase do foot-ball

Vocações ecclesiasticas

Eis algumas, da França, recentes.

O capitão de caçadores Gustave Pous.

Pierre Gerlier e Maurice Guillar-Bancel, advogados em Paris. Foram respectivamente presidente e vice-presidente da Associação Catholica da Juventude franceza. Entraram no Seminario.

O Senhor D. Antonio Barroso e os noivos ultimamente consorciados em Palmeira
D. Izilda da Conceição Ferreira Rego e dr. Adolpho Ribeiro de Lima da Costa Azevedo

PROPRIETARIO
Joaquim Antonio Pereira Villela.
DIRECTOR
Dr. Francisco de Sousa Gomes Velloso.
EDITOR
Antonio José de Carvalho.
ADMINISTRADOR
Clemente de Campos A. Peixoto.

Illustração Catholica

Revista litteraria semanal de informação graphica

Redacção, administração e typographia
83, R. dos Martyres da Republica, 91
BRAGA

CONDIÇÕES D'ASSIGNATURA
PAGAMENTO ADEANTADO)

Portugal e colonias (1 anno) . . 2$400
» » (6 mezes) . 1$200
» » (3 mezes) . 600
A' cobrança feita pelo correio e pelo cobrador, accresce o importe das despezas.
Estrangeiro (1 anno) . . . . . . 3$000
» (6 mezes) . . . . . 1$500
Numero avulso 60

Numero 48 Braga, 30 de maio de 1914 **Anno 1**

ILLUSTRAÇÃO CATHOLICA

Revista litteraria semanal de informação graphica

Proprietario, Joaquim A. Pereira Villela. Director, Dr. F. de Sousa Gomes Velloso

EDITOR Antonio José de Carvalho.

ADMINISTRADOR Clemente de Campos A. Peixoto.

Braga, 30 de maio de 1914

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E TYPOGRAPHIA
83, R. dos Martyres da Republica, 91
Não se restituem os originaes

Numero 48—Anno I

LOULÉ—A procissão de N. S. da Piedade sahindo da egreja de S. Francisco. Sob o pallio, conduzindo o Santo Lenho, o Ex.^mo^ e Rev.^mo^ Senhor D. Antonio Barbosa Leão

Chronica da semana

XLVIII

ooo

COM uma periodicidade atterrorisante, os assassinios pessoaes vão demarcando na vida do paiz, os degraus dos ultimos periodos das decadencias moraes.

Já não se tracta de saber se a facção politica do facinora da Covilhã, as ideias necessariamente rudimentares do sicario que apunhalou o sr. Viegas, ou o coio negro onde se afiaram os instinctos perversos do assassino do capitão da marinha mercante, em plena rua do Ouro, em Lisboa.

Não! que o mal mostra nas escaras um perigo e uma eminencia tão flagrantemente impressionantes e horrendas, que a applicação das condemnações das gazetas, já não evita a sua deflagração mortal.

Ha quem veja no atacar estes problemas pela sua essencia, pelo flanco dos principios, pairando na superioridade das espheras moraes, um subterfugio á coragem e ao denodo. Esses entendem que todo o ataque e toda a critica que se faça sem lardear a phlaucia flammante dos politicões com apodos candentes ou tiradas amparadas ás muletas da adjectivação pomposa, redundam inanes e são esquecidas do publico.

Somos, comtudo, da opinião contraria, isto é, a de que conhecedor do mal, depois de o estudar com um criterio fundo de analysta consciencioso e de homem intelligente, o encarregado de levar ao publico uma ideia que o oriente, que lhe mareie os juizos pelos baixios das criticas de café, inspiradas n'uma futilidade de *blagueurs* e no espirito azulado dos licores, deve dirigir-lhe o bisturi impiedoso, disseca-lo, mostrando-o ao publico que lê, em toda a sua verdade, independentemente dos interesses dos partidos, dos nomes consagrados dos apostolos, da maior ou menor complacencia em que a grande massa dos burguezes acalenta, attenua e abafa as negras patifarias e as mais ruidosas immoralidades.

No caso sujeito, o descobrir que o esfaqueador da Covilhã pertencia á *formiga branca* é ponto secundario, e tão inferior que nem mesmo talvez explique os outros attentados, ao que parece filiados na desordem e na indisciplina que atordoa e dementa as classes operarias quando os criminosos arautos das revoluções libertarias lhe accendem nos instinctos rudes do trabalho, o lume da vingança e do desforço illegitimo, uma aspiração de felicidade tão illimitada que partindo do bem abraça o roubo e o crime e cae a babujar sobre as mansardas da miseria

O que se tem de inquirir é o estado psychologico d'um povo que consente no seu seio a serpente d'uma *formiga branca*, a situação moral d'uma patria em que o assassinato, quer por motivos politicos, quer por motivos economicos e sociaes, se verifica com uma assiduidade unicamente admissivel n'uma tribu primaria de cafres.

A anarchia de cima, repetimo-lo mais uma vez, é a anarchia de baixo. O governo é o retrato dos governados, como a familia é o da sociedade a que pertence.

Ora, esta anarchia não é simplesmente de ordem politica, mas de ordem moral, e assim, não ha outro meio de a combater senão propagando e instillando no corpo ferreteado pela tara, a doutrina salvadora, adversa do mal de que aquella desordem é mero effeito.

Onde se disser que o assassinio é meio legitimo, responda-se: não matar. Onde se affirmar que a propriedade é um roubo, declare-se: não roubar. Onde se gritar que o trabalho é mister de párias, ensine-se que elle é uma honra, um meio de nobilitação, um cadinho de aperfeiçoamento, um signal de resgate.

Disse-o tambem Le Play e accrescentou, concluindo, que uma sociedade em que os principios do Decalogo mosaico foram desprezados, estremece no pavoroso e mortal delirio que lança os seus membros nas raivas dos precitos e os atira por fim á voragem negra dos abysmos d'onde nunca mais é possivel libertarem-se!

F. V.

Maio, adeus!

ooo

Hora de paz. Que sol a entardecer!
Murcham, no altar, de dôres e saudades,
Lusos festões de todas as herdades;
E a Virgem baixa o seu olhar pr'ós vêr.

O ultimo sol de Maio vae morrer.
O povo chora um pranto de orphandades.
Vêde a pressa do tempo... Já Trindades!
Christãos, soou o toque a recolher...

E os corações—como quem teve um damno—
Apartam-se da Virgem, tristemente
Dizendo: «Até ao anno! Até ao anno!»

Adeus! Que magua, oh Portugueza Gente!...
Mas ELLA fica a todo o desengano
Sorrindo annualmente, eternamente...

Porto—Collegio Almeida Garrret.

P.e DONACIANO DE ABREU FREIRE.

O ratinho de theatro

A vida interior do theatro offerece, como é notorio, singulares contrastes com o brilho, a alegria e as vistosas apparencias das festas publicas celebradas no palco. Os artistas trabalham muito, e sempre á mercê d'uma recompensa incerta. A sua gloria é, as mais das vezes, ephemera.

Ha annos Pedrinho, creança de poucos mezes, era levado para o theatro durante as horas de espectaculo, e deixavam-no sósinho no camarim onde sua mãe, pobre actriz, se vestia, e alli ficava, n'uma caminha feita com roupas do theatro, envolvido n'um capote. Muitas vezes Pedrinho dormia; outras, acordava e chorava, sem que ninguem corresse a consola-lo.

Ninguem podia tratar d'elle; os coristas, os pontos e os enscenadores, todos emfim, iam e vinham pelos corredores; ouviam-no, mas não podiam cuidar d'elle, occupados como estavam nos seus trabalhos; a mãe, muitas vezes, emquanto o pequerrucho chorava sósinho, estava no palco fazendo piruetas, fingindo contentamento e mostrando um semblante prazenteiro aos espectadores que applaudiam a comedia, satisfeitissimos.

Pedrinho, comtudo, acabou por tomar o partido que lhe restava: decidiu-se a não chorar; se accordava e se via só no camarim, ficava callado, olhando com os olhos muito abertos para o tecto do quartinho ou para os fatos de lentejoulas, pendurados dos cabides, ou para a luz de gaz que alumiava o camarim, ou para uma chammasinha azulada que oscillava, jogando com outra chamma reflectida no espelho. Pobre Pedrinho!

Cresceu o pequenito, começou a fallar e a andar, e então a mãe, que continuava levando-o para o theatro, encerrava-o no camarim, e o pobre Pedrinho alli passava, arrastando-se ou andando a custo, emquanto durava o espectaculo, ou o papel da actriz.

— E tu, Pedrinho, — costumavam preguntar-lhe os companheiros de sua mãe — quando te estreias?

O emprezario chegou a conhecer o pequeno, e a querer-lhe bem, especialmente quando já andava bem e fallava como um papagaio.

Era uma creancinha muito viva, com uns olhos grandes, animados e muito expressivos, intelligencia desperta e sahidas tão engraçadas como inesperadas e a proposito. O rosto era pallido e o corpinho delicado e franzino.

A mãe já o não deixava encerrado no quarto, deixava-o correr livremente pelos corredores do theatro, e até descer ao palco e ficar detraz dos bastidores, ao pé d'ella; era alli que elle muitas vezes esperava que ella acabasse, com o abafo no braço, para que ella podesse agazalhar-se ao sahir, suada, do seu rude exercicio.

LOULÉ — Outro aspecto da procissão de Nossa Senhora da Piedade

— Este Pedrinho é um ratinho de theatro! — dizia o director.

— Nasceu e creou-se aqui. Pedrinho faz parte da companhia — costumavam dizer muitos dos artistas.

Como assistia a todos os ensaios e espectaculos, chegara o pequeno a adquirir uma aptidão admiravel, aprendia com facilidade as fallas dos actores em muitas peças, cantava com afinação e com uma vozinha delicada todas as peças de musica. Havia de vir a dar um artista, talvez um grande artista!

Pedrinho, o famoso Pedrinho, tornou-se celebre.

Era preciso ve-lo no palco! Todos os artistas, os musicos, os poetas, os operarios do theatro, preguntavam por Pedrinho. Até que um

dia um auctor se lembrou de aproveitar o talento d'aquella linda creança, d'aquelle ratinho de theatro.

O pequeno estava impaciente, desejava começar quanto antes a sua carreira artistica.

— Pedrinho — disse-lhe um dia o emprezario — vou escripturar-te!

Animou-se o rosto do pequeno ao ouvir estas palavras. Retouçava-lhe a alegria no corpo.

ram-no primeiro a figurar como comparsa, com outros rapazes, n'uma peça de espectaculo... e logo se convenceram, tanto o emprezario como o auctor, de que Pedrinho possuia a serenidade sufficiente e a desinvoltura necessaria para desempenhar um papel.

— Ai, filho, ainda vaes representar primeiro que eu, que me vejo condemnada a desempenhar toda a vida papeis muito secundarios! — dizia-lhe a mãe.

Tratava-se d'um drama; o pequeno representava uma scena muito bonita no primeiro acto, sustentando um dialogo, já bastante longo, com um actor que representava o papel de criminoso. Este, enganando uma creança, insinuava-se no seu animo, e conseguia sequestrá-lo.

No segundo acto tinha o pequeno um monologo, não muito longo mas que elle recitou com notavel expressão, e até com verdadeira inspiração. Via-se elle entre os bandidos que o haviam sequestrado, e estranhava aquelle horrivel covil.

Por fim, no terceiro acto tragico, apparecia Pedrinho desmaiado no meio da scena, ferido gravemente, nos braços d'um soldado que o fôra libertar do poder dos bandidos, deixando-o alli. A prima dona, que fazia o papel de mãe do pequeno sequestrado e ferido, chegava ao pé d'elle, beijava-o, chorava... e o pequeno, recobrando momentaneamente os sentidos, dirigia á mãe algumas phrases entrecortadas, e, por fim, recahia no desmaio e expirava.

Era aquella uma scena de horror que devia commover profundamente o publico, porque aquella desgraça era uma terrivel vingança, necessaria para tornar a peça mais pathetica.

LOULÉ—Bodo aos pobres por occasião da festa de Nossa Senhora da Piedade. Ao fundo a casa do abastado proprietario sr. José da Costa Mealha.

(Clichés do rev. José Callapez).

— Queres que te contrate? Dou-te dois tostões por noite, queres?

— Quero, quero! — replicou o pequenito, esfregando as mãos de contente.

— Mas primeiro quero que percas o medo ao publico.

— Eu não tenho medo!

— Sabes tu lá se tens ou não! Nunca sahiste ao palco, — replicou o emprezario.

Apesar dos protestos do pequeno, obriga-

Pedrinho, nos ensaios, representara o seu papel maravilhosamente. Tão bem, que a mãe, a sua verdadeira mãe, que tomava parte no espectaculo, não tinha querido prestar muita attenção ao terceiro acto.

— Afinal — dizia — trata-se d'uma scena triste.

A estreia da obra despertou grande enthusiasmo no publico; o auctor foi muito applaudido, e quasi toda a gloria coube a Pedrinho.

PALMEIRA—(Braga). O senhor D. Antonio Barroso, os noivos, suas familias e convidados depois de realisado o consorcio

No dia 16 do corrente mez realisou-se em Palmeira (Braga) o consorcio do sr. Adolpho Ribeiro Lima da Costa Azevedo, quintanista de Direito, da Universidade de Coimbra, com a sr.ª D. Isilda da Conceição Ferreira Rego, gentil filha do snr. dr. Manuel Joaquim Peixoto do Rego. A' ceremonia religiosa, que revestiu um caracter muito intimo, presidiu o senhor D. Antonio Barroso, venerando Bispo do Porto, que dirigiu aos noivos uma eloquente allocução.

Serviram de padrinhos: por parte do noivo, seus paes, os snrs. Viscondes de Barrosas; e por parte da noiva, seu pae o snr. dr. Peixoto do Rego e sua irmã, a snr.ª D. Francisca Peixoto.

Aos noivos foram offerecidas muitas e valiosas prendas.

—Não admira; — diziam os artistas! — Este pequeno está-lhe na massa do sangue ser actor. Actor foi seu pae; sua mãe é actriz... creou-se entre bastidores... é um ratinho de theatro!

Toda a gente soube que aquella encantadora creança era filha da caracteristica da companhia.

Poucas noites depois da estreia succedeu um facto inesperado: a prima dona, que na peça fazia de mãe de Pedrinho, adoeceu, e a verdadeira mãe de Pedrinho teve que aprender em poucas horas o papel. Chegava-lhe, por uma casualidade, a desejada occasião de desempenhar um papel dramatico... A sua ambição de tantos annos!

Major Eduardo Miguel Correia, ultimamente assassinado á facada na Covilhã

Comtudo o auctor e o emprezario temiam que ella se não sahisse airosamente do desempenho, e fizeram pôr nos cartazes d'aquella noite uma nota em que pediam a benevolencia do publico para a actriz que ia representar o papel d'um personagem que não correspondia ao seu genero artistico.

Chegado o momento foi profunda a surpreza. A mãe de Pedrinho foi admiravel no primeiro acto.

—E' o filho d'ella... e por isso está inspirada—diziam os espectadores,

No segundo acto houve uma explosão de enthusiasmo.

—Aquella mulher está sublime!... E' uma grande actriz!

Chegou o terceiro, e, por fim, o momento em que Pedrinho, ferido e desmaiado, apparecia nos braços do seu libertador.

O grito da mãe foi horrivel, commoveu todos os espectadores.

E quando Pedrinho pronunciou as ultimas phrases e fingiu que morria, a mãe exprimiu patheticamente a sua tragica dôr... chorou, gritou, beijou e abraçou o filho de tal modo... que Pedrinho, creança, o talentoso actorzinho, o ratinho do theatro... sentiu de repente no coração um impulso natural, e, irreflectidamente, nervosamente, pôz-se em pé e exclamou:

—Não, mãesinha, não! Não estou morto! Não chores, mamãsinha da minh'alma!

E, chorando, saltou ao pescoço da mãe que, tambem commovidissima, o abraçou.

Fôra adulterada a obra; não era aquelle o final; mas o publico applaudiu delirantemente. Senhoras e cavalheiros, toda a plateia estava em pé, e os espectadores levavam os lenços aos olhos para limpar as lagrimas que irrompiam...

Aquella allucinação da creança era d'uma belleza superior ás bellezas da arte... Era a natureza na theatro, surgindo em toda a sua explendorosa verdade.

José Zahonero.

VIDA INTENSA

(CHRONICA D'ALÉM FRONTEIRAS)

Maura foi acclamado, ha dias, em Madrid, em plena *carrera*, á hora elegante da confusão, quando voltava do congresso, com alguns amigos, e acclamado, o que tem mais valor, por operarios e populares. Não foi a *elite* social que mais ou menos concretisa o amor pela ordem e pela lei mas uma multidão vibrante de anonymos enthusiasmados, o povo afinal, com toda a sua generosidade, expontaneo, convicto.

Para quem tenha seguido a marcha da politica hespanhola, este facto não surprehende mas evidentemente para aquelles, que de Maura têm a opinião criminosa que a maçonaria lhes preparou quando da semana tragica, a ova-

LISBOA—Banquete offerecido pela Associação Commercial de Lisboa aos presidentes das associações commerciaes e industriaes e aos presidentes das camaras de commercio portuguezas

LISBOA—Commissão executiva do partido progressista nas exequias por alma do snr. Conselheiro José Luciano de Castro

ção de Madrid ha de produzir verdadeiro espanto.

Nenhum politico hespanhol tem sido mais combatido do que Maura porque nenhum também, o póde egualar em grandeza politica, em firmeza, em convicção.

Quando dos successos de Barcelona que elle dominou energicamente, restabelecida a ordem, assegurada a paz, Antonio Maura—comprehendendo que a sua missão não é conveniente aos interesses da sua patria tão tragicamente convulsionada, não tem uma hesitação e n'um rasgo de clarividencia politica, tem a suprema lealdade de apresentar ao rei a demissão collectiva do gabinete.

Começa então a guerra feroz, sectaria, louca, contra o grande politico hespanhol. Os republicanos que em toda a parte são os mesmos—mãos dadas com a maçonaria iniciam a mais violenta campanha de descredito. Aproveitando-se da agitação ainda latente, do rescaldo das paixões, fazem de Ferrer *(el vividor de Barcellona,* como resam pittorescamente as memorias de Muñoz de Vilhena) o martyr da ideia, o apostolo, o educador e de Maura o tyranno feroz, o assassino!...

Realisa-se a mais viva campanha contra o ex-presidente de conselho, no parlamento, nos jornaes, nos *meatings*, nos livros, nos dramas, nos discos dos gramophones pelas feiras e romarias—campanha terrivel, que se radica por toda a parte, que fomenta os maiores odios, que ultrapassa as fronteiras, que arma braços assasssinos.

O povo, sempre generoso e bom, deixa-se ir na onda e odeia Maura, que a propaganda

LISBOA—Um aspecto da assistencia nas exequias por alma do sr. Conselheiro José Luciano de Castro, na egreja da Encarnação

(Clichés do nosso corresp. phot. de Lisboa).

VIANNA DO CASTELLO—Edificio onde ultimamente foi inaugurada a Associação de Classe dos Maritimos

dissolvente lhe apresenta como uma féra, sanguinario, sem coração, sedento de vingança e de sangue, e o curioso é que, a onda subindo, subindo, desvairada, céga, vae do povo até á burguezia, da burguezia até á nobreza e chega onde mais alto pode chegar...

N'esse momento, todos creem na morte politica do grande estadista conservador.

Se um extranho suscitava a possibilidade do seu regresso ao poder, era acolhido com desprezo:

—*Maura*, — diziam — *no puede volver*... Fartei-me d'ouvir de todas as boccas, auctorizado por cerebrações até, este *de profundis* cruel da vida publica do grande politico mayorquino.

Toda essa gente céga, victima da influencia perturbadora d'essa campanha unica, não queria vêr que a sahida de Maura, nas condicções em que se produziu, era a segura garantia do seu regresso.

Annos depois, em Hespanha, já se admittia a possibilidade da sua volta.

A politica hespanhola foi-se arrastando em equilibrios perigosos, só com o fim de evitar a sua subida ao poder. Enveredou para os liberalismos e deixou-se dominar pelo mais leviano acrobatismo politico.

Entretanto os republicanos affirmavam ainda—o regresso de Maura é a revolução, a lucta, o fim, e a opinião começava a insinuar: «*si, si, Maura tiene que volver*» e os conservadores escalaram o poder. O tempo fez depois o resto...

Eu nunca me enganei. Disse-o aqui, repetidas vezes, não porque quizesse armar-me em propheta mas, simplesmente, porque via desapaixonadamente e a frio, a evolução da politica hespanhola.

Esse homem, que indifferente aos ataques mas que sem fugir ás respostas, sem se furtar ás responsabilidades, sempre foi onde o chamavam, ha-de voltar no dia, em que extremados os campos, esgotadas as combinações conciliadoras com que Affonso XIII vae addiando a solução politica, a opinião veja apenas em Maura os principios d'ordem e de paz, a força conservadora e salutar que todas as nações necessitam para viver... E Maura vae voltar de novo ao poder. Hoje? amanhã? não sei; mas desde o momento em que o povo o acclamou, estejam os sellos do estado nas mãos timidas de Dato, ou na posse manhosa de Romanones é Maura já, quem implicitamente dirige os destinos do seu paiz.

O povo, ovacionando-o em plena *carrera de S. Jeronymo*, não fez mais que mostrar que abriu os olhos e que ama a ordem, a lei, o trabalho, o progresso, que elle vê personificados na sua victima d'hontem, no seu idolo d'hoje.

O povo sempre generoso e bom, tem ás vezes d'estas incoherencias mas tem tambem d'estas sinceridades...

José de Faria Machado.

BRAGA—Capella da Penha. O altar da Virgem durante o mez de maio

FIGURAS DA BEIRA

XXI

Dr. Cassiano das Neves

V

O dr. Cassiano Neves convenceu-se, por fim, de que o seu fadario era soffrer. Luctou ainda, porém. As decepções eram successivas. Tudo lhe dava prejuizo. Até os falsos amigos o dilaceravam. E elle á espera do dia da fortuna, educando primorosamente os filhos, beneficiando a sua terra, devorando lagrimas n'um sorriso cada vez mais piedoso!

Mas, um dia, penetrou no seu abysmo financeiro, a qualquer dos mais bruscos rebates da realidade triste. O que viu horrorisou-o: mais, allucinou-o. Affigurou-se-lhe irremediavel uma estrepitosa fallencia. Julgou ver o desprezo e até o rancor dos seus crédores na hora do desastre. Horrivelmente angustiado, tentou reagir. Luctou algumas semanas, procurando a taboa de salvação. A sua physionomia começou a ser dolorosa e concentrada. Todos o notavam. Não valeu talvez quem poderia, porque aquella lucta intima não a descobriu só quem, como eu, estava longe de suppor um

Commissão organisadora da excursão aos catholicos portuenses a Barcellos

BARCELLOS—A excursão promovida pelo Grupo de Defeza e Propaganda Catholica do Porto—Um aspecto do cortejo

(Clichés de J. d'Azevedo, phot. da «Ill. Cath.»)

poz toda a lancinante verdade.

Seja como fôr, eu notei-lhe as trevas do espirito. Vindo do Porto aonde fôra tentar o ultimo esforço, cahiu a carruagem em que fôra da Regoa e ferira-se, contundira-se, ficando muito abalado.

Fallei-lhe então. Era notavel o desiquilibrio intimo. A expressão era tão tardia como reservada. Occultava evidentemente uma tenção grave. Qual? Passou-me pelo espirito que emigrasse. E emigrou... pelo suicidio, aquelle fervoroso crente, elle que escrevera os *Suicidas*, elle que a todos ensinava a confiança em Deus, o dever da lucta, do trabalho com resignação, com paciencia, embora tambem com ironia!

O dr. Cassiano Neves, na verdade, suicidou-se, cortando as arterias do pescoço como se fôra um descrido. Deus sabe até onde foi a responsabilidade do seu unico crime. Só Deus sabe se o seu espirito não estava antes entenebrecido por uma especie de sinistra loucura, e tão grande, que se esqueceu da sua alma, da sua *individualidade*, em beneficio do que é se-

BARCELLOS—Batalha de flores. O sr. Joaquim Vieira Gomes da Costa, Antonio Ribeiro Meira e as meninas D. Rosa de Jesus Lima Bandeira e D. Maria Branca Vallongo no carro do repolho

desfecho mais tragico do que inesperado. Outros podiam e deviam ler melhor n'aquelle rosto tão animado e franco.

Não succedeu assim. Creio que julgaram o lance passageira crise, compativel com opportunismos. Outros affirmam que elle não ex-

BARCELLOS—Batalha de flores. As sr.as D. Maria da Gloria Vieira, D. Maria Violeta de Paula, D. Deolinda Paula Torres e D. Joaquina da Cunha Vieira no carro das alcachofras

cundario—a *personalidade* — e beneficio só na apparencia, como o diz a verdade mais rudimentar.

Mas, horas antes de morrer, escrevia elle, n'uma lettra que cada vez se convulsionava e estorcia mais, um documento do qual vou transcrever alguns periodos. Demonstra a sua lucidez, a sua sinceridade, o seu amor da familia, o horror que lhe flagellava e perturbava o espirito.

Começa assim:

—Cheguei ao extremo desespero da lucta que ha tantos annos venho travando a ver se me remia de encargos e chegava a fixar a felicidade dos meus e a minha.

Depois confessa:

—Desejando ser bom, fiz o bem que não podia aos outros. Entre elles muitos houve que ajudaram a minha ruina, uns conscientemente talvez, e outros inconscientemente. Perdôo-lhes tanto como desejava que me perdoassem...

E, mais abaixo, flagrante de sinceridade:

—Erros sobre erros, ingenuidade de caracter, logros larguissimos, successivos roubos, de que fui victima, conduziram-me ao abysmo da desgraça...

Mas, adiante, cheio de terror com a injustiça, declara:

—Juro á face de Deus—e elle sabe que eu não minto n'esta affirmação!—que nunca quiz enganar ninguem.

O homem honrado e crente não se limita, porém, áquellas palavras.

Adiante repete:

—Vinte e tantos annos d'um martyrio incomportavel, cortado [a espaços por esperanças de o vencer, e que me animavam na lucta. Juro ainda diante de Deus que essas esperanças não eram fingidas e, quando mostrava que as tinha, sentia-as realmente.

LAMEGO—Um grupo de monarchicos integraes

(Cliché de Candido A. R. Caldas).

COIMBRA—Penitenciaria. Grupo de presos politicos

1—Arthur de Vasconcellos Veiga de Faria. 2—Um filho do sr. Francisco Sequeira.—3 Antonio José Martins d'Oliveira (padre). 4—Alexandre Mimoso Ruiz. 5—D. Vasco Antonio da Camara (Belmonte). 6—Dr. Cordeiro Ramos. 7—Samuel dos Santos. 8—Arlindo de Figueiredo (padre). 9—Manuel Carvalho. 10—Francisco Sequeira. 11—Porphyrio Antonio Ferreira da Silva Araujo. 12—Abel da Conceição e Silva (padre). 13—Francisco Antonio Ferreira da Silva Araujo. 14—Antonio Caetano. 15—Antonio Vieira (padre). 16—Joaquim Ferreira Maneta (padre). 17 — Eugenio Tavares d'Almeida e Souza.

E, emfim, n'uma lettra tremula e torturada, ponderava o desastre de... não morrer, n'estas palavras de angustia:

—Se eu não conseguir morrer, que profunda desgraça me espera! Onde irei morrer, amaldiçoado de Deus, em quem tanto cri, e dos homens?...

Sim, era um crente em Deus o desventurado suicida. No mesmo documento, estupendo de dôr e de verdade, affirma elle:

—Deus não quiz ajudar-me, porque eu o não merecia certamente, apezar de a

A "Illustração Catholica,, no Brazil

MINAS GERAES—Grupo de creanças da primeira communhão, da vigararia de Poço de Caldas. No 1.º plano, sentados, o senhor Bispo de Ribeirão Preto, que administrou a communhão ás creanças, o padre portuguez rev. Seraphim Augusto da Cruz, vigario, e catechistas

PORTO--A exposição de rosas no Palacio de Crystal

mim me parecer que procurava ser bom; faltava bastante aos seus preceitos, mas cria n'elle e muitas vezes defendia a sua santa doutrina.

E sempre o amor da familia.

São periodos lancinantes que o dizem. Um é cheio de justiça e ardor.

— Os meus pobres filhos e a minha trabalhadora mulher tiveram sempre em mim um conceito de justiça...

E a cada passo Deus e a familia o fazem vibrar de tragica eloquencia e sentimento.

—Serenem o seu espirito, unam-se a minhas boas irmãs...

—A minha pobre familia...

—Com a infamia do meu nome, a minha pobre familia é perdida!

—E eu que procurei sempre dar aos meus filhos uma educação christã e honrada!

—Juro-o ainda á face de Deus que me ha de julgar!

Emfim, a certeza de que o grande desventurado soffreu largos annos o martyrio das difficuldades financeiras, lá está, nitida e irrecusavel:

— ... ás difficuldades que a minha má sorte creou, e que vem de largos annos, já do tempo da minha formatura...

Mas basta. O passamento do dr. Cassiano Neves feriu profundamente Lamego, e até quasi todo o paiz. Os seus funeraes foram d'uma es-

PORTO—Corôa de flores naturaes. Expositor o sr. Jacintho de Mattos

tranha e nunca vista imponencia e condolencia. Os maiores orgãos da imprensa dedicaram ao extincto palavras de honrosa e rara justiça.

A dôr em Lamego e no concelho, foi tão viva, tão intensa, tão unica, que o lucto era geral, lucto d'alma, lucto que todos os annos ainda é renovado em commemorações piedosas, arrancando ainda lagrimas de magua e saudade.

Quanto a mim, julgo que Deus muito lhe perdoou ao vê-lo cahir na quasi demencia de tão punjente desespero. Quanto a mim, eu vejo-o em espirito, como um grande arrependido, sempre luminoso e amoroso, a pedirnos a todos muitas orações para viver a vida eterna que merece pela sua bondade, abnegação e amor.

JOSÉ AGOSTINHO.

NOTAS—O dr. Cassiano Neves nasceu em Lamego a 13 de agosto de 1844 e morreu a 23 de novembro de 1895.—Lamego deve-lhe o Lyceu, a Bibliotheca, e os Asylos de Infancia Desvalida e de Mendicidade, além do seu concurso em todos os outros melhoramentos. Foi algumas vezes administrador do concelho. E' seu filho o dr. Cassiano Neves, notavel medico e actual governador civil de Lisboa.

PORTO—Exposição de Rosas. Um grupo de plantas diversas do expositor sr. Alfredo Moreira da Silva & Filhos

PORTO—Exposição de rosas. Vista geral da exposição

Fastos do Catholicismo

Valorosa replica de um senador catholico

O sr. Lamarzelle; eloquente defensor dos direitos dos catholicos, respondendo a um discurso anti-clerical, disse no Senado francez as seguintes phrases:

«Dizeis-nos que as nossas crenças succumbem deante do progresso da razão e da sciencia! Como vos atreveis a fazer tal affirmação quando só no seculo XIX podemos apresentar uma lista interminavel de sabios desde Ampére e Cauchy até Lapparent e Brauly? Como dizeis que succumbem as nossas crenças quando hontem uma emocionante sessão da Academia Franceza o sr. Paul Bourget affirmava as reiteradas declarações da juventude contemporanea, sedenta de ideaes e de fé que só no catholicismo possue? Os catholicos encontram-se em toda a parte: nas grandes escolas, nas academias, nos cenaculos da arte e do pensamento! E talvez o dia não esteja longe em que paraphraseando Tertulliano, possamos dizer:

«Nós tudo enchemos: vossos pretorios, vossas legiões, só deixamos os vossos templos, isto é, as vossas lojas.»

PORTO—*Exposição de rosas. Um grupo de formosas gloxinias do Horto da Gervide, de Magalhães & Irmão*

Missões catholicas

Os padres portuguezes da Companhia de Jesus—diz um periodico de Milão — estão fundando uma nova Missão na China, em Shin-Hing, proximo da ilha de Sanchon, onde expirou o grande S. Francisco Xavier, e que está convertida na quasi totalidade.

PORTO—*Exposição de rosas. Uma meza com flores diversas. Expositor o sr. Jacintho de Mattos*

ARMARIA PORTUGUEZA

Armas de cada appellido que entram na composição dos brazões das casas nobres de Portugal

Albuquerque. — Em campo vermelho cinco flores de liz de oiro, dispostas em santor.

Alcaçovas. — Em campo azul uma torre de prata lavrada de negro. Timbre: a torre das armas.

Alcoforado. — Campo enxequetado de prata e azul, de sete peças em faxa. Timbre: uma aguia azul, voante armada e enxequetada de prata na parte direita.

Almada. — Em campo de ouro uma banda azul, com duas cruzes de ouro floridas entre duas aguias vermelhas estendidas. Timbre: uma das aguias armada d'ouro.

Rebello Jor

D. ANTONIO MENDES BELLO

Patriarcha de Lisboa,

proclamado cardeal no consistorio secreto de 21 de maio

PROPRIETARIO
Joaquim Antonio Pereira Villela.
DIRECTOR
Dr. Francisco de Sousa Gomes Velloso.
EDITOR
Antonio José de Carvalho.
ADMINISTRADOR
Clemente de Campos A. Peixoto.

Illustração Catholica
Revista litteraria semanal de informação graphica
Redacção, administração e typographia
83, R. dos Martyres da Republica, 91
BRAGA

CONDIÇÕES D'ASSIGNATURA
PAGAMENTO ADEANTADO)

Portugal e colonias (1 anno) . .	2$400
» » (6 mezes) .	1$200
» » (3 mezes) .	600

A' cobrança feita pelo correio e pelo cobrador, accresce o importe das despezas.

Estrangeiro (1 anno)	3$000
» (6 mezes)	1$500
Numero avulso	60

Numero 49 Braga, 6 de junho de 1914 **Anno 1**

CALLOS

Só os tem quem quer!

O callicida Dias faz cahir os callos por mais antigos que sejam. E' a melhor descoberta da actualidade porque os tira pela raiz.

Preço pelo correio 25 centavos. Restitue-se o dinheiro a quem provar a quem provar a falibilidade.

Pedidos a **Manuel Joaquim Dias—CALDELLAS**

Conego Bernardo Chouzal

2.ª Oração funebre

DE

D. Manuel Baptista da Cunha

Arcebispo Primaz de Braga

recitada no dia 27 de setembro de 1913
nas exequias que promoveu o clero do arciprestado
de Monção e Melgaço,
na matriz da villa de Monção.

Defendendo-O e Defendendo-me

Com um artigo sobre D. Carlos I

Depositarios—Cruz & COMP.ª
Rua Nova de Souza—Braga

Cathecismo Popular Catholico
por FRANCISCO SPIRAGO
Versão do Dr. Arthur Bivar
— PREÇO 1250 reis —

Modo de ajudar á missa
Destinado ás catecheses da Doutrina Christã
Acaba de publicar-se este folheto, cujo preço é de 20 réis.
Vende-se na administração da «Illustração Catholica».

M.me Permond
Conselhos d'uma mãe a seus filhos
Traducção feita por um preso politico
PREÇO, 150 reis.

Resumo da Doutrina Christã

Em prosa e verso, sendo a parte em verso composta pelo

Rev.mo P.e Carlos Rademaker

Methodo muito facil para ensinar, por meio de canto, as cousas mais necessarias da Doutrina Christã. Edição accrescentada pelo P. Villela & Irmão

Edição accrescentada pelo P. Villela & Irmão.

Preço: Brochado, 10 rs. Cartonado, 40 rs.

ILLUSTRAÇÃO CATHOLICA

Revista litteraria semanal de informação graphica

Proprietario, Joaquim A. Pereira Villela. Director, Dr. F. de Sousa Gomes Velloso

EDITOR Antonio José de Carvalho. ADMINISTRADOR Clemente de Campos A. Peixoto.

Braga, 6 de junho de 1914 | REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E TYPOGRAPHIA *83, R. dos Martyres da Republica, 91* Não se restituem os originaes | Numero 49—Anno I

PORTO—Festa de Nossa Senhora da Lapa. O andor da Virgem e um aspecto do interior do templo com ornamentações do conhecido armador sr. Alberto Pereira.

Chronica da semana

XLIX

ooo

VIMOS hoje pela primeira vez a graciosissima estatueta de Gustavo Bordallo Pinheiro, representando S. Francisco d'Assis, amansando o seu irmão lobo.

Toda a figura do grande mystico respira uma tão piedosa bondade que faz com que os nossos olhares adejem por momentos em torno d'ella, e, emfim, nos captive a alma pela suavidade. Na minucia das linhas do rosto do poeta de Assis, ergueu o artista uma expressão de meiguice e de mansidão que nos vae revocar ás escorralhas do ser a flôr occulta do primeiro affago maternal que recebemos, e no-la vem plantar no coração,—flôr tão cheia de amor e de humildade como a violeta dos Alpes a ciciar beijos com os rubros labios, sobre a pennugem sombria dos musgos humidos do orvalho!

Bocca a rasgar-se na prece melodiosa dos rouxinoes de Rieti que o vinham saudar, ao pardejar dos poentes, olhar d'onde esvoaça para o céo alguma coisa de ethereo, de bello e de candido, que é ao mesmo tempo uma supplica e uma benção, em ambos o artista delicado soube tão bem enlaçar um signal de piedade e perfeição christãs, que a gente pára e tem vontade de poisar tambem como o lobo aquietado, a nossa mão na mão do santo e ficar ali á espera que um sopro de vida transforme o barro em carne, que aquellas macerações da sua face mostrem o arroxeado das vigilias e dos jejuns, que as arcadas superciliares se cavem e d'ellas cresçam para a nossa alma suspensa n'um encanto, uns olhos feitos de dôr callada, de mudo soffrimento, e cuja luz seja um poema de paz, como um ruflar de pombas n'uma alvorada triumphal d'abril!...

Manuel Gustavo, de cujas crenças religiosas não curamos, levantou um monumento de defeza da religião de Christo, n'aquelle pedaço de argila, e sahe-se d'alli a confessar que a meia-edade era bella nas suas concepções, alevantada nos seus sentimentos, e que não desdenhou nem maldisse da natureza, como tambem a affirmar que do Creador para as coisas creadas existe sempre um amor misericordioso, que a religião é o realce da belleza natural, aquillo que lhe dá uma significação, que transfigura as paisagens ao toque sereno do Angelus, em que as arvores e as corolas ficam recolhidas e curvadas, e parece ouvirem-se rezar...

... Gubio em pezo voltara da montanha, sem haver logrado matar o lobo insedento que transpunha as malhas dos redis, e assaltava o homem nos caminhos. Gubio em pezo vinha triste na sua impotencia. Quem conseguiria matar o lobo?

Soube d'isto S. Francisco e, desarmado e só, encaminhou-se ao fojo. A féra surgiu, olhos esbrazeados e fauces hiantes. E o santo disse: —*Em nome de Deus te ordeno que não voltes a causar damno*, e o lobo veio encostar-se-lhe aos pés. Então o santo, mansamente, começou de o exhortar: — *Irmão lobo, muito damno fazes por aqui: não só alvoroças e devoras as rezes como te atreves a matar as pessoas, imagens de Deus; mereces, pois, a forca como ladrão e homicida, e toda esta terra brada contra ti. Porém eu, irmão lobo, quero fazer pazes: se tu não voltares a fazer males, elles perdoar-te-hão as offensas...*

E o lobo baixou a cabeça, como approvando. *Irmão lobo, tornou o santo, esta terra compromette-se a alimentar-te emquanto vivas, por que a fome te não force a seres malvado; porém, é força que tu me promettas não atacares nunca os homens nem os animaes. Promettes-m'o?*

O lobo curvava de novo a cabeça. *Dá-me então um signal d'este contracto?* — accrescentou S. Francisco. O lobo levantou a pata e collocou-a na mão direita do santo. E foram os dois a caminho de Gubio, a besta féra atraz da bondade sanctificada, submissa aquella ante o amor e a caridade, e S. Francisco, talvez, a compor na mente e no coração mais um poema aos animaes e ás plantas, obras de Deus, em que a Seus olhos as exaltasse!...

Annos depois a alma do santo d'Assis regressava para o paraizo, entre os gorgeios das aves que, como os rouxinoes da Thracia no trespasse de Orpheu, vinham revolutear em torno da cella mortuaria, um vôo d'apotheose; e o lobo lá ficava ainda, a vaguear uma dôr ignota, pelas ruas de Gubio, a velar pela memoria de S. Francisco qne á sua presença se avivava no coração gratissimo do povo!...

F. V.

SAUDAÇÃO

Ao Em.^mo e Rev.^mo Senhor D. Antonio I, Patriarcha de Lisboa, pela sua elevação ao Cardinalato

Eminencia: é humilde a voz que vos saúda;
mas licito não é deixa-la ficar muda.
A honra, a que ascendeis, com jubilo contemplo;
refulge agora em cheio a luz do vosso exemplo.
A grei admira em vós um Bispo modelar,
e todo o portuguez em vós põe seu olhar,
porque no Bispo ha fé, que dá gloria á Egreja,
no Portuguez o amor, que hoje tanto rareja.
Poucas vezes se viu tão intima alliança
de virtude christãs e amor á patria herança.
Sois herdeiro da fé, da honra e da firmeza
em que sempre timbrou a raça portugueza.
E quando a provação bateu á vossa porta,
haveis mostrado bem que, longe de estar morta,
a alma de Portugal, ella revive e brilha,
e forte abraça a cruz, porque da cruz é filha.
Os que odeiam a Deus, em vós hão de ter visto
como é vão perseguir discipulos de Christo.
Quanto mais redobrar a lucta ou a tormenta,
mais redobra a esp'rança e mais a c'rôa augmenta.
Elles irão até ao carcere ou á morte,
e a victoria será do crente, e não do forte.
Muito póde um tyranno, a quem Satan ajude;
mas a luz da verdade e a fôrça da virtude
não as attinge o braço dos Domicianos
e contra ellas se quebra a espada dos tyrannos.
Passaram gerações, republicas e imperios;
povos, sceptros e leis, no pó dos cemiterios
encontraram seu fim; e sobre tanta ruina
ainda Christo vive, ainda a cruz domina.
Vinte seculos ha; e por triumphos conta
cada perseguição e cada iniqua affronta.
Vinte seculos ha; e o sangue de innocentes
tem feito germinar de fé novas sementes.
Tudo, tudo passou quanto era grande e fórte;
só a fé triumphante ha resistido á morte.
E d'esse Christo-Deus e d'essa fé eterna
vós sois o defensor, na grei, á qual governa
essa voz de Pastor que, cheia de carinho,
acautela o rebanho e mostra-lhe o caminho.
A purpura, Eminencia, é vossa por direito.
A cruz episcopal que voz adorna o peito,
assentará melhor em sêda de escarlate,
do que na roxa côr. E' a côr do combate,
é do martyrio a côr. Diz bem aos perseguidos,
despojados de tudo, e até da grei banidos.
Parabens. Honra a vós. Por muitos annos seja.
Deus salve Portugal e exalte a santa Egreja.

P.^e NUNES TAVARES.

A EXPOSIÇÃO BORDALO PINHEIRO

A exposição de ceramica artistica, que Manuel Gustavo Bordallo Pinheiro abriu ha dias no Salão da Associação Commercial de Braga, tem sido, e muito justificadamente, a nota impressionante da vida bragueza.

Effectivamente os trabalhos de Manuel Gustavo, o eximio artista que prodigiosamente sabe arrancar ao barro as mais bellas e mais graciosas fórmas, merecem bem a admiração contemplativa de todos os que amam as coisas portuguezas.

Em todos os objectos expostos se nota uma accentuada feição nacional, embora aqui e alem nos appareça uma decoração continuadora da tradição quinhentista de Bernard de Palissy, ou nos surjam medalhões no gosto de Luca della Robbia, ou ainda se nos depare a ornamentação ou a fórma da olaria hispano-mourisca. Basta lançar os olhos sobre o admiravel conjuncto, cheio de encantos e de imprevisto, para que tal se reconheça.

Toda a obra de Manuel Gustavo é superiormente equilibrada e harmonica, denunciadora d'um pujantissimo talento e d'uma delicada emotividade artistica.

Continuando com fervorosa dedicação a obra a que seu pae deu tão grande relevo, Manuel Gustavo apresenta-nos producções inteiramente novas, inequivocamente reveladoras do seu extraordinario merito artistico.

O *S. Francisco d'Assis e o lobo*, inspiração illuminada por um delicado sentimento de amor e de ternura; a *Mofina Mendes*, deliciosa figurinha cheia de mimo e de graciosidade; o *Gomil dos noivados*, preciosa concepção bebida no bello livro de Manuel de Sousa Pinto; o formosissimo *Grupo de Santo Antonio*; os lindos *panneaux* de azulejos; os bastos de *terra-cotta*, são exemplares explendidos que marcam a Manuel Gustavo um lugar distincto entre os esculptores ceramistas.

Manuel Gustavo Bordallo Pinheiro

As encantadoras *terras-cottas polychromicas*, embutidos de barros a que o fogo deu a côr, são peças do mais authentico merecimento e da maior novidade, que representam o poder creador do artista que as imaginou.

São superiormente bellas tambem as grandes peças de faiança como a *Jarra das Sereias* e o *Vaso Romano*, com o magnifico friso de cavalleiros, em que, a par d'uma completa perfectibilidade technica, se oberva o maximo escrupulo da arte.

Os pratos d'um bello effeito decorativo, as bilhas de linhas graciosas, o cangirão de Barcellos, e, emfim, toda essa multiplicidade de peças de tão variados e surprehendentes effeitos que formam a brilhante ex-

Medalhão: Busto de João de Deus

posição, denotam bem o palpitar d'uma arte progressiva e fórte, que impõe Manuel Gustavo, como ceramista, superior a seu pae, Raphael Bordallo, essa excelsa figura de tão notavel brilho na historia da arte portugueza.

Braga,
Junho 1914

ALBERTO FEYO.

Prato com nesperas

Prato com gallo e galinha

Grupo de Santo Antonio—O Milagre da cantara

O Gomil dos noivados. A Mofina Mendes. O cão de Fó, e outras peças

S. Francisco d'Assis e o lobo

Jarra das Sereias

Jarra das Sereias—Outro aspecto

F. Bordallo

O Padre
(Figura de movimento)

Vaso Romano

Serões eruditos

IX

Aventuras do alphabeto

6.º

EXPLICAREI hoje áquella D. Laura, defensora da lettra L, os motivos do meu especial teiró á decima segunda lettra do nosso alphabeto. Disse e repito que todas as lettras, qual mais qual menos, tiveram suas aventuras, fraquezas e deslizes, mas que nenhuma, a meu ver, tem chronica tão escandalosa como o L.

Sempre, e por toda a parte, que é o mais grave.

PORTO—O altar-mór do templo de N. S. da Lapa por occasião da festividade

(Cliché do phot. am. snr. Eurico de Barros Freire.)

Vianna do Castello—Perre, Festa de N. S. do Olival. Durante o sermão

(Cliché cedido gentilmente pelo snr. Roberto E. Mendes.)

VIANNA DO CASTELLO—Santa Martha de Portuzello. Um aspecto da procissão de Passos

VIANNA DO CASTELLO — Santa Martha de Portuzello. Um aspecto da procissão.

(Cliché do phot. am. sr. J. V.)

Não é meu intento alongar demais esta serie de artigos sobre as aventuras do alphabeto, que dariam para volumes. Creio que os leitores, com estes panninhos de amostra, já imaginam o muito que haveria que dizer, se eu quizesse escrever miudamente a biographia de cada uma das lettras, desde a sua origem até ás metamorphoses reduzidas a lei pelo genio de Grimm. Direi apenas do L, e se não digo tudo que sei é porque não quero ver lagrimas nos olhos da D. Laura...

Lagrimas? Ora ahi está: aquelle *l* de lagrimas foi uma das taes traquinices do *L*. Com que bullas enxotou elle d'alli o *d*, que lá devia estar, como o attestam o antigo latim *dacruma*, o grego *dakrion*, o celta (cimbrico) *daigr*, etc?

Esta mania de usurpar o logar do *d*, ou ceder-lho, é frequente no *l*: assim o *Ulysses* latino vem do *Odisseys* grego, a nossa planta *era*, latim *edera* vem de *ellera* (e logo veremos outra façanha do *L* sobre esta palavra); de *Madrid*, fazemos nós *madrileno* e os hespanhoes da *cauda* latina fizeram *cola*... Do *judicare* latino surdiu o nosso *julgar*... *Lingua* tambem vem de *dingua*... etc.

VIANNA DO CASTELLO—O Sagrado Viatico ao passar na rua de Santo Antonio

(Cliché do phot. am. sr. José Vianna de Carvalho).

João Coelho de Castro Villas Boas

(Fallecido em 23 de maio na freguezia da Areosa, de Vianna do Castello).

Este velho fidalgo, cuja morte causou profunda impressão, era aparentado com as mais illustres familias de Vianna.

(Cliché cedido obsequiosamente pela photographia Filgueira, de Vianna do Castello).

VIZEU—Entrada principal da Quinta do Cruzeiro

Mas este jogo de porta do *l* com o *d* não é nada, comparado com a pouca vergonha que se dá com outras lettras, ás vezes portas a dentro da mesma casa, que é como quem diz: na mesma palavra. Não vamos mais longe; olhem como do baixo latim *parabola*, que deu em francez *parole* e *parler*, em italiano *parola* e *parlare* por um passo de dança das duas lettras *l* e *b* surgiu, passando por *palabora*, o hespanhol *palabra* e o nosso palavra, e *palrar*, *parlenda* etc. Ora isto, D. Laura, não abona muito os bons costumes do L...

Dr. Antonio Francisco Moniz,
juiz de Direito, substituto, em Damão, India Portugueza, auctor da Historia de Damão e de Damão Agonisante.
(Nasceu em 6 de Dezembro de 1862).

Mas que dirá em sabendo que ella chega ao desafôro de abandonar as irmãs, para andar na vida airada com o *d*? Do latim *rebellis*, que ainda transparece no nosso *rebellar-se* etc. sahiu *rebelde* e *rebeldia*, e até *revel* e *revelia*, porque ao *l* aprouve abandonar a mana gemea... Com o *m*, o mesmo escandalo. Atirou-se ao *m* de *memorare* e produziu o portuguez *lembrar*.

Indicio de mau caracter é maltratar os animaes, sobretudo as avezinhas. Pois vinha o *merula* latino muito desacautelado, tendo dado *merlo* á Italia, *merle* á França, *mirlo* á Hespanha, e, ao chegar a Portugal o *l* fez uma das suas e ahi temos o pobre *merlo* feito *melro*... Que mélroa nos sahiu a tal menina *L*! Peor um pouco foi o que ella fez ao rouxinol!... O caso merece contado: de *lusciniola* (rouxinol, em latim) haviam feito os italianos *lusignuolo*; mas o *L*, que tem mico, um bello dia separou-se da palavra e fingiu que era o artigo l' italiano e o cantor da noite é hoje na Italia *usignuolo* sem o *l*, que foi flanar. Em francez ainda lhe valeu o *r*, que foi occupar o logar do *l*: *rossignol*, como em hespanhol *ruiseñor*, em portuguez *rouxinol*.

PORTALEGRE—*Cruzeiro do Seminario*
(Senhor dos Esquecidos)

VIANNA DO CASTELLO—*Um aspecto da Doca*

Outras vezes o *l* abala sem dar cavaco e... roubando uma lettra. Assim a nossa *botica* ficou sem o *a*, inicial que o *l* lhe palmou, porque o antigo artigo era *la* e *botica* vinha de *abotica*, de *apotheca*, como em francez *la boutique* em vez de *l'aboutique*.. Outras vezes ainda esta maluca entra onde não é chamada: assim, em era, depois da outra tropelia que já dissemos, fez mais, em França, porque o *l'erre* (a era, em francez) é *lehierre*, tendo o *l* do artigo *le* atirado fóra o e para ir viver de casa e pucarinho com a palavra: *lierre*. E o mesmo

fez com *Lille* que *L'Ile*, e *lendemain* por *le en demain*, *loriot* por *l'oriot*—e se lhas eu contasse todas, D. Laura, V. Exc.ª via-se azul (e olhe que em *azul* tambem falta o *l*, que se pôz ao fresco, porque a palavra *azul* teve *l* inicial, como se vê no baixo grego *lazurion*, baixo latim *lazulum*, do persa *lazvard*, e como se vê ainda no nosso *lapislazzuli*: litteralmente: *pedra azul: lapis... lazuli*.

E note a D. Laura que esta mexeriqueira não se contenta de semear a discordia nas palavras, entrando e sahindo, roubando e usurpando o logar das outras lettras. Até na linguagem fallada tem dado que fallar, chegando a crear-se uma palavra especial para designar um vicio de pronuncia: o *lambdacismo*, que consiste em pronunciar mal o l (em grêgo: *lambda)* ou empregando-a em vez de outra lettra. E não vae lá ter com pobres diabos: ha exemplos de personagens celeberrimos que foram *lambdacistas*. Assim o bello e celeberrimo Alcibiades, segundo se lê nas *Vespas* de Aristophanes, pronunciava *l* em vez de *r*: diria por exemplo *D. Laula*... E visto que Plutarco, fallando do defeito do maior dos oradores gregos, Demosthenes, o designa com o mesmo nome que Aristophanes dá ao defeito de Alcibiades, segue-se que o *L* tambem atrapalhava o grande orador, que se via obrigado a andar pelas praias, com seixos na bocca, a ver se se corrigia. E Demetrio Phalerio, citado por Cicero, *(De Divinatione*, II, 46) diz que o conseguiu.

Eu não quero adormecer a D. Laura e os leitores, por isso vou concluir, com uma bomba de effeito. O seu proprio nome, D. *Laura*, levará sempre consigo uma prova das accusações que faço ao *L*. Com effeito os etymologistas estão de accordo em dizer que *Laura* vem de *Laurus*: loureiro, d'onde *Laurentius*,

VIANNA DO CASTELLO — A ultima excursão operaria

1 Sahida dos excursionistas da Estação do caminho de ferro.

2 O cortejo operario passando na rua Candido Reis.

3 O cortejo em frente á Camara Municipal

(Clichés do phot. am. sr. Manuel Affonso).

Lourenço, Laurentina, etc. Mas de *Laurus* para traz variam as opiniões: ha quem derive *Laurus* de uma raiz *val-vla apertar*, cingir, porque de folhas de louro eram cingidas as frontes dos vencedores em Delphos e dos triumphadores em Roma (BROZZI, *Dell'origine del linguaggio* 1909, pag. 362). Outros, rejeitando a opinião dos antigos que o derivavam de *Laudus*, referido á raiz de *laudare:* louvar, dizem que *laurus* está tambem em vez de *daurus*, em zend: não me torne a puxar pela lingua, porque se eu volto ao assumpto dou tal sova no *L* que o deixo a pão e laranja... Que o laranja, por exemplo, é outra Africa do endemoninhado *L*. *Naranja* é que devia ser, como se diz *naranja*, em hespanhol, *naranz* em milanez, *naranza* em veneziano, *naranta* em rumeno, *nerantion* em baixo grego; o nome trouxeram-no os Arabes á Hespanha (em arabe *naranji)* e d'aqui passou ás linguas romances. No baixo latim perdeu o

VIANNA DO CASTELLO—O cortejo operario em frente á Associação dos Maritimos de cujas janellas fallaram varios oradores

(Cliché do phot. sr. Domingos Roriz)

dauru, em sanscrito: *dâru*, madeira, pinho, de uma raiz *drau*, *dru*, que encerra a ideia geral de madeira. (OTTOR. PIANIGIANI, Diz. etim. Art. *Lauro*.) Em qualquer dos casos, quer o *l* tenha enxotado o *v* inicial, quer tenha mais uma vez usurpado o logar d'um *d*. *Laura* é uma prova de que no *L* não ha que fiar.

Por isso tome o meu conselho, D. Laura: *L: aurantium* (d'onde veio que muitos o cuidaram derivado de *aurum:* ouro pela côr do fructo) e d'ahi o italiano *arancio* e o francez *orange*. Em Portugal o *L* não quiz perder uma bella occasião e agarrou-se á *naranja* e ahi temos *laranja*. Como curiosidades direi que em Roma se chama a uma laranja um Portugal: *un portogallo* e que os etymologistas dizem que o

Os excursionistas na montanha de Santa Luzia.

(Clichés do phot. am. sr. Manuel Affonso).

arabe *narangi*, como o persa *narang* vem do sanscrito *nâgarang'a*, que significa propriamente *inclinação do elephante*, isto é: «fructo favorito» dos elephantes.

Onde nós já vamos, Pae do ceu! Quem se mette com o *L*...

ARTHUR BIVAR.

A "Illustração Catholica,, no Brazil

Vida intensa

(PAGINAS D'ALEM FRONTEIRAS)

MAL e muito mal vae ainda para a politica Balkanica. Quando se supunha purificada, tranquilla, a zona inquieta que trouxe a Europa em sobresaltos e que originou — para que negar — o mais ruidoso fracasso da diplomacia moderna, lá surgem novas rebelliões, visões sangrentas de revolução e de morte, como afinal, essa larga região rebelde, semeada de povos e d'estados, fosse o rescaldo enganador d'uma fogueira immensa que á menor aragem se reaccende e atea.

A Albania, o pequeno reino talhado e destinado ao sabor das nações, para um loiro principe allemão, revolve-se inquieto, agita-se rebelde em defeza do seu idolo, que a commissão internacional enviou para a Europa como mercadoria perigosa e que parecia resignada a acceitar sem protesto, a sua humilde condição. Mas o povo, que se identificára com Essed Pachá nas horas incertas da guerra, que com elle se irmanára nos momentos da incerteza e da lucta, e que friamente, hostilmente quasi, recebera o Rei imposto, revolta-se indignado, feroz e deixando-se arrastar pelo desvario da insurreição, que avassalla já pelo terror, o pequeno estado, impõe novamente o seu idolo.

1—RIO DE JANEIRO. O Padre José d'Annunciação Malheiro (antigo vigario de Vimieiro — Braga) e seus irmãos.
2—RIO DE JANEIRO. Palacio Guanabara
3—NICTHEROY. Praia da Icaraby.

(Cliché do snr. José Carvalho phot. do «Jornal do Commercio»)

Esse loiro e sonhador principe de Wied, que trocou a sua tranquillidade, o seu socego, a sua liberdade de vida despreoccupada, feliz, pela gloria ephemera—e bem ephemera afinal—de reinar n'um paiz extranho e desconhecido, encontra-se quasi abandonado no seu palacio de Durazzo. As raras tropas fieis recusam-se combater os insurrectos.

A segurança do Rei, a estabilidade do throno, está entregue a alguns officiaes hollandezes, commissionados para a organisação do exercito e as columnas de desembarque da esquadra italo-austriaca já enviada para dominar a revolução.

A sua vida passa-se agora n'uma contradança tragica, do palacio para bordo, sem um amigo, sem um favorito, Rei extranho e entre extranhos contendo, os seus receios, as suas inquietações. Ao seu palacio, onde fechou a sua felicidade d'homem livre, chegam o echo longinquo dos canhões e ruido sibilante das ballas e no retalho de ceu que limita o seu horisonte de incerteza, o fumo da polvora em nuvens caprichosas, evola-se ameaçador...

Alipio da Silva Vicente
(collaborador phot. da «Illustração Catholica»

VIZEU—Cascata da Bolsa do rio Pavia

(Cliché de Alipio da Silva Vicente)

Nova linha ferrea de Penafiel á Lixa

Casa de Bande — Grupo de convidados ao almoço offerecido pelo sr. conselheiro Barbosa de Mendonça na inauguração da nova linha ferrea em Longra.

E' tão curto o seu reinado, que mal teve tempo de crear uma dedicação, de fortificar uma amisade, d'animar um enthusiasmo e sente-se só, terrivelmente só, a ver mesmo nos marinheiros que o defendem não um interesse por si proprio, mas as consequencias fataes da disciplina que mechanisa aquelles braços á vontade d'Europa que o defende, só por se vêr contrariada. Essed-Pacha, longe, proscripto, ha-de gosar como ninguem, as horas amargas do exilio que veio revelar-lhe tantas dedicações e embora no desterro, ha-de sentir-se menos só que o loiro principe, fruindo ainda, as delicias d'um throno. O povo acclama o seu idolo, vinga-o, impõe-o, como libertador da patria que os extranhos despojaram e de pés e mãos atada, entregaram á cubiça d'um Rei extranho tambem.

O comboio partindo de Penafiel

PENAFIEL—O comboio em marcha para Longra

O Rei d'Albania no meio do abandono tem ao menos a consolação de não encontrar ingratidões. São raros os cortezãos da desgraça mas elle que não teve tempo de os crear na gloria, não soffre por os não ver surgir na adversidade. Feliz Rei no meio da sua desgraça, que não terá a morder-lhe a ingratidão dos que estimou e protegeu...

Sente-se só, mas só sempre se encontrou no seu ephemero reinado.

Ninguem pode prever até onde chegará a resolução albanesa. E' d'esperar que a Italia e a Austria, pela força e pelo terror, dominem esse povo revoltado, mas pode bem ser, que a rebellião alastre e a Turquia sempre á espreita, no meio do seu abatimento, d'uma compensação aproveite o momento e então, ninguem deve extranhar que dentro de dias, a Reuter sempre sollicita, nos telegraphe laconicamente que de novo estallou a guerra nos Balkans.

Não seria uma surpresa...

Aquella larga região, alvo de tanto desejo, de tanta ambição, de tanto interesse vil, está

LOUZADA—Passagem dos comboios pela nova linha

destina a infelizmente a viver entre inquietações e receios á mercê da primeira phantasia da Europa ou da mais grosseira rapinagem das chancellarias.

Se os rebeldes triumpham e Essed-Pachá vence o loiro e novellesco principe de Wied que desilludido mas feliz, regressará á paz do seu lar, a Europa pode talvez envolver-se num conflicto sangrento de gravissimas consequencias, mas a Turquia obterá n'esse momento, uma tremenda desforra...

JOSÉ DE FARIA MACHADO.

LONGRA

LONGRA—Aspecto da multidão esperando o comboio

LONGRA—Chegada do primeiro comboio

(Clichés de J. d'Azevedo, phot. da «Ill. Cath»).

Triste noticia!

(Cliché de Luiz do Souto)

PROPRIETARIO
Joaquim Antonio Pereira Villela.
DIRECTOR
Dr. Francisco de Sousa Gomes Velloso.
EDITOR
Antonio José de Carvalho.
ADMINISTRADOR
Clemente de Campos A. Peixoto.

Illustração Catholica
Revista litteraria semanal de informação graphica
Redacção, administração e typographia
83, P. dos Martyres da Republica, 91
BRAGA

CONDIÇÕES D'ASSIGNATURA
PAGAMENTO ADEANTADO)

Portugal e colonias (1 anno) . .	2$400
» » (6 mezes) .	1$200
» » (3 mezes) .	600

A' cobrança feita pelo correio e pelo cobrador, accresce o importe das despezas.

Estrangeiro (1 anno)	3$000
» (6 mezes)	1$500
Numero avulso	60

Numero 50 Braga, 13 de junho de 1914 Anno I

ILLUSTRAÇÃO CATHOLICA

Revista litteraria sema na de informação graphica

Proprietario, Joaquim A. Pereira Villela. Director, Dr. F. de Sousa Gomes Velloso

EDITOR Antonio José de Carvalho. ADMINISTRADOR Clemente de Campos A. Peixoto.

Braga, 13 de junho de 1914 | REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E TYPOGRAPHIA *83, R. dos Martyres da Republica, 91* Não se restituem os originaes | Numero 50—Anno I

SANTA QUITERIA

(Exculptura de João Evangelista Vieira — artista bracarense)

Chronica da semana

XLX

ooo

E' meio dia no campo. Ouve-se tocar Ave Marias. Rezo com os lavradores a mais linda oração que a Egreja endereçou a Nossa Senhora.

E teria boa vontade de alli ficar por muito tempo, cheio do sol que enrubesce o colo heraldico da papoila ou carmina os melindrosos labios dos rosaes, cheio d'uma paz acossada da cidade para a solidão descansada das aldeias, cheio das auras que me fazem esvoaçar o pensamento. Mas... os jornaes fallam-me da abstenção eleitoral e eu não me devo abster de relatar aos leitores o que vae correndo por esse mundo de Christo, como, estendendo ao largo a mão, circumvagando por ignorados horizontes, soem nomear os lavradores aquell'outro *mundo* que termina na corcova do ultimo outeiro ou no recorte geometrico do campanario da sua branca egreja, *mundo* tão mysterioso para elles que naturalmente, como as creanças, o concebem desvairado e por isso o entregam á guarda misericordiosa de Jesus...

E vá de fallarmos então, eu e os meus leitores benignos, da abstenção eleitoral, n'esta aldeia cujo recolhimento nos diz — a todos nós os que meditamos prematuramente, sob a influencia meiga d'uma melancholia de raça, nas horas agrestes em que se desfolham as illusões e as esperanças do paiz, — que entre os governos e os povos ha o incommensuravel fôsso d'uma incompatibilidade a toda a prova.

A abstenção *em principio* é um crime de civismo. Eu não creio nem na efficacia nem na seriedade do systema electivo, que para mim, e para muito boa gente é a gazúa com que a incompetencia mais arida abre as portas dos ministerios e do poder.

Na pratica, em hypothese, a abstenção passa a ser o que todas as coisas são na pratica: —um expediente, e nada mais.

Só os visionarios e os ideologos desprezam as licções da vida. Não as desprezemos.

Politico arguto e sagaz, conhecedor do caracter madraço do povo luso, o sr. Moreira d'Almeida e os jornaes monarchicos com elle, pedem á massa eleitoral o sacrificio minimo—a abstenção eleitoral. E' muito provavel que o povo acceda a tal pedido, pois que a abstenção é vicio do seu caracter e quasi ingenita qualidade. E assim, fazendo ao regimen a guerra mais inclemente, fomentando o corte de relações entre o paiz e a republica, o director do *Dia*, recolhe duplas vantagens: — livra os cidadãos da responsabilidade na bancarrota nacional e vibra ao regimen vigente o mais formidavel golpe que era licito vibrar.

E' bom no entanto, avivar o reverso da medalha.

Já lá vão muitos annos sobre uma tarde de verão em que, a passear, alguem que muito lidou com grandes homens e que muito saudoso recordo, me contava um episodio de flagrante opportunidade no momento presente.

O meu amigo era legitimista de velha escola e admiravel espirito. O seu partido estava ao tempo bem organisado e preparava-se para entrar no acto eleitoral, quando um grande advogado e homem de excepcional talento e prestigio, veio recommendar-lhe que ir ás urnas era sanccionar o regimen constitucional com o qual era absolutamente incompativel. Assim se fez. A abstenção politica e o legitimismo nunca mais teve representação parlamentar a que tinha direito..,

Será bom attentar de vez em quanto, nos ensinamentos da historia!

F. V.

Marias

ooo

Bemdito seja, na terra,
O nome da Mãe do Céu...
Maria, se chama a Virgem:
Maria, me chamo eu.

— «Maria!» — chamam por mim
— «Maria!» —digo a resar:
Nome que vae e que vem
Do coração ao fallar,
Como as ondas, que tambem
Vêem do fundo mar sem fim
Bater nas praias do mar...

«Maria!» — chamam por mim:
E a Virgem põe-se a escutar.

Minha Mãesinha, resando,
Diz: — «Maria!» — e fallo-lhe eu!
Responde lhe a filha, quando
A Mãe chama a Mãe do Céu...
Um pouco mais separado
Por outras vezes, chamando
Por mim, eu ouço-a — «Maria!»
Mas não respondo, a pensar:
Foi a chamar-me? ou seria
Minha Mãesinha a resar!

Maria, se chama a Virgem;
Maria, me chamo eu:

Eu sou Maria na terra;
Ella, é Maria no Céu.

ANTONIO CORREIA DE OLIVEIRA.

LOUZÃ

FOI D. Manuel que a fez villa, encontrando-se situada na provincia do Douro, sendo comarca e concelho.

Deu-lhe este Monarcha foral em Lisbôa, e segundo elle a terra que hoje se chama Louzã fôra dada ao concelho de Arouce. (Era a povoação que existia junto ao castello e de que ainda em tempos se viam muitos vestigios, sendo mudada para o sitio actual segundo se julga no reinado de D. Sancho I, que deu o nome ao ribeiro que desagua no Ceira na povoação denominada d'Arouce).

A villa está situada na falda da serra da Louzã junto á ribeira de Arouce n'um formosissimo valle.

O castello é pequeno, mas está solidamente constituido, sendo antiquissimo.

Foi n'este castello que se refugiou o rei Arouce com sua filha e mais pessoas de sua casa, com parte dos seus thesouros, pois os julgava seguros dos ataques dos seus inimigos, visto o castello ser mettido no mais escondido da serra, razão esta que leva os serranos d'estes sitios a fazerem escavações em procura de thesouros encantados os quaes em grande parte o têm destruido. Tambem n'este castello viveu durante algum tempo D. Mafalda, mulher de D. Affonso Henriques, com suas damas da côrte.

Do alto d'esta fortaleza disfructa-se um explendido panorama.

A fundação d'este castello é remotissima, suppondo-se feito pelos arabes, sendo reedificado em 1080 pelo governador de Coimbra o Conde D. Sisnando.

Cahiu depois em poder dos mouros, sendo reconquistado no seculo XII pelos portuguezes, reinando então D. Sancho I.

AÇORES—Terceira. Pico de Bagocina

LOUZÃ—Vista geral

Destaca-se ainda esta villa de Louzã pelos bons edificios e quintas que possue, sendo a Quinta de Alfocheira a que mais chama a attenção do viajante pela sua situação e belleza.

Foram alguns d'estes edificios o berço de familias que a enobreceram, sobresahindo pelo seu saber e pela sua linhagem.

Os seus arredores são abundantissimos, extensos e attrahentes pela sua belleza e fertilidade.

Mas o que mais de suggestivo e attrahente se vê, que prende a attenção de todo o forasteiro, é o magestoso Penhasco das Ermidas com as tres capellas de S. João, Senhor da Agonia e no vertice do rochedo, quasi pyramidal, a capellinha de Nossa Senhora da Piedade, que n'esta villa e arredores, é objecto da mais sincera devoção.

E assim como que trepando, vão coroando o penhasco solitario e colossal.

Separa este penhasco (o Arouce) do pincaro onde está edificado o castello,

Aindo merece especial referencia a Fabrica

de Papel, que foi por muitos annos a melhor, e ainda é das melhores de Portugal.

E' actualmente propriedade da Companhia do Papel de Prado.

Coimbra-Cellas

Junho de 1914.

JOÃO DE SACCADURA BOTTE CORTE REAL.
(Alumno do terceiro anno juridico).

LOUZÃ — *Tribunal e Praça do Municipio em dia de mercado*

Modas, sciencia e esthetica...

E' para ella que eu, pelo menos, escrevo. Via-a passar ha pouco, batendo com o tacão sobre o passeio o estribilho gracioso que marcando vae o compasso do leve arquear do seu donaire. Eu que a tenha olhado com os olhos curiosos de observador talvez impertinente da graça feminina... e por nada mais, sigo na evolução dos seus trajes a evolução do figurino mundano e tambem um pouco aquella versatilidade borboleante que empresta á pequenez dos femininos seres um realce vivo de graça, um fugitivo aspecto que prende como um adeus ou estonteia como o risco luzente de um olhar.

E' para ella que eu escrevo, pelo menos.

LOUZÃ — *A feira dos bois*

Para ella é que eu abro um numero do *E'clair* aqui á minha frente no ar amornecido d'um gabinete de estudo onde, do alto de hieraticas, severas estantes, livros recheados de sciencia ou de arte me estão espiando na face juvenil o sorriso tenue d'uma ironia tenue...

O *E'clair* traz-me as notas d'um inquerito entre sabios, acerca das modas actuaes das senhoras; e eu ao ler as suas respostas, a custo suspendo dos meus labios o frouxo do riso com que faço o commentario mordaz, irreverente a laços arvorados em chapeus em forma de espadella, de prato, de canôa, de tricornio, de mil exquisitas fórmas, e parece-me vêr ainda, á hora do bom-tom, o desfile colleante das damas, e os seus *cercles* de conversa fatuamente interessante, que de longe dão o aspecto d'um embrechado de garridas côres no tecido preto d'um tapete persa.

LOUZÃ — *Vista geral da Fabrica de Papel*

LOUZÃ — *O castello*

O dr. Francis Heckel, muito notavel pelos seus trabalhos sobre cultura physica e sobre o

tratamento — velae a face, senhoras! — da obesidade, diz-nos: «Tenho que primeiramente applaudir a desapparição d'essa horrorosa machina de guerra — o antigo espartilho. As mulheres hoje apertam-se menos do que outr'ora. Os espartilhos de antanho impediam o funccionamento do figado e do estomago. Esses orgãos ficavam estrangulados; não podiam cumprir os seus actos digestivos. Actualmente, são substituidos por um espartilho elastico e por cintos de seda, que apenas teem por fim impedir a queda dos rins, do estomago ou do figado.

Por este lado vão bem as cousas.

Todavia eu censuro nas senhoras o vestirem-se muito ligeiramente. Arriscam-se a panhar más bronchites e peiores pleuresias. E, sob o ponto de vista esthetico, o aperto das pernas, que fazem assemelhar cada senhora a um immenso guarda-chuva, não é mais feliz.

1 — LOUZÃ. Estação do caminho de ferro. 2 — Vista geral do Penhasco das Ermidas. 3 — Um trecho da quinta do sr. João G. Vianna de Lemos 4 — Habitação do sr. dr. Carlos de Saccadura Botte Pinto. 5 — O antigo Palacio da Viscondessa do Espinhal.

Um passeio a Cabanellas

A exageração da pequenez do pé, a sua deformação provocada pelos altos tacões Luiz XV produzem sem duvida alguma, n'um curto lapso, uma atrophia dos musculos da barriga das pernas. D'esta sorte a saia fendida, que, sob o ponto de vista da mechanica humana, tem a vantagem de tornar mais livre o movimento das pernas, aprisionadas em saias estreitas, terá o inconveniente de, d'aqui a pouco,

A travessia do Rio Cavado

não deixar ver senão duas informes caunavouras.

As senhoras hoje sómente andam na ponta dos pés, que digo? na ponta do dedo grande do pé. Têm assim o ar de «digitigradas», animaes que, como é sabido, só caminham sobre os dedos. O cavallo, que apenas anda sobre um dedo, é o digitigrado mais conhecido.

Os chapeus melhoraram-se ligeiramente. São

CABANELLAS—Os excursionistas na residencia parochial

CABANELLAS—No adro da egreja parochial. O povo á espera da procissão

mais ligeiros, o ar passa mais facilmente para os cabellos.

Mas os cascos de couro fervido, que estiveram em moda algum tempo, são o que ha de mais anti-hygiennico.

A moda ideal deveria procurar-se na antiguidade. Uma tunica á Duncano, deixando os braços e o pescoço descobertos, levemente apertada na cintura por uma fita flexivel, cahindo até aos joelhos, eis a moda das mulheres de amanhã! E' o que fizemos adoptar no Collegio de Athletas para as instrucções femininas. A tunica azul é afivelado no hombro por uma fita, que serpenteia até á cintura.

Os braços, as pernas e os pés estão desnudados. Mas para sahir para fóra, nas cidades, essa tunica devia ser mais comprida. Meias poriam as pernas ao abrigo da poeira. Cothurnos sem tacões, completariam o traje das senhoras. As elegantes podiam envolver-se em véos, que as fariam assemelhar-se aos Tanagras.

Os inconvenientes d'esta moda muito simples são a necessidade de ter corpos esbeltos, linhas harmoniosas. Sómente os methodos de cultura physica podem renovar a raça. E' preciso ajudar a propaga-los...»

Eis um sabio que pretende tambem as funcções de alfaiate. Nem á terça parte chego eu a pretender. A minha opinião, em materia de modas femininas apenas sabe apontar o que não é de seu gosto, como um critico d'arte que nas paredes do *Salon* vae annotando no seu livrinho de visitante, os quadros que lou-

CABANELLAS—Um aspecto da procissão

CABANELLAS—Um grupo de excursionistas

vor lhe merecem, mas não satisfazem a sua concepção artistica ideal, e sáe sem comprar nenhum...

Ha todavia sabios trocistas, de uma troça fulminante e talvez pezada por vir empastada na argamassa rija dos conselhos experientes da sciencia austera.

Edmundo Perrier, membro do Instituto e Academia de Medicina é um naturalista eminente. «A moda actual, diz elle, não me desagrada muito. Quanto ao espartilho já não estrangula a cintura nem comprime o peito. Por este lados tudo vae bem. O calçado deve ser absolutamente condemnado. Os tacões muito altos fazem entortar o pé. Como o pé não está sustentado, os entorces devem ser frequentes, depois que os cothurnos estão na moda. E' pois necessario que as senhoras abandonem o mais depressa possivel esse calçado que as tortura. As saias fendidas tornam evidentemente o andar mais livre e desembaraçado; mas a culpa é da estreiteza de essas saias. Que as modistas as façam mais amplas e já não haverá necessidade de fendelas. Quanto aos chapeus deploro o luxo inaudito de pennachos e de plumas. Não cesso de protestar contra o uso immoderado das pennas d'essas aves raras, ameaçadas de completa desapparição. As senhoras elegantes deveriam muito ornar os seus chapeus com

VIANNA DO CASTELLO - A ultima garraiada

O sr. Onair Carvalho citando um garraio

(Cliché do sr. José P. Barreto Malheiro).

Os cavalleiros srs. Antonio Tinoco, Antonio Joaquim da Silva e Manuel Alexandre, fazendo as cortezias

Uma boa pêga do sr. José Lemba

Um aspecto da sombra

(Clichés do phot. am. sr. Manuel Affonso).

flores... flores não são porventuras tão lindas como as plumas mais bonitas?» Como naturalista, Edmundo Perrier condemna o artificial e o falso, as tinturas e as cabelleiras, verdes ou azues que sejam.

«Alguns dias ha que encontrei nas mangas do meu casaco dois cabellos. Apresso-me a dizer que eram cabellos honrosos, que tinham direito de estar alli. Um era flexivel e louro. Era o de uma creada minha. O outro, duro, fragil, espesso, que tinha o ar de ser uma crina. Pertencia a uma donzella da minha familia que se oxygenava um pouco...

Moralidade: —Minhas senhoras, nunca vos oxygeneis, se não quizerdes que os naturalistas confundam os vossos cabellos com crinas...»

Forte severidade a do sabio naturalista, que nem sequer perdôa ás donzellas suas parentes!...

Ouçamos os medicos. Eis o que pensa o dr. Marcel Labbé, um dos mais illustres medicos de Paris:

«Se certas *toilettes* parecem bastante agradaveis á primeira vista, diz o medico mencionado, sou obrigado a condemnar as differentes partes dos actuaes costumes da moda.

Os cothurnos deformam deploravelmente o pé. Os espartilhos bastante abertos, as saias fendidas, sobre pernas quasi desnudadas, não podem de sorte alguma ser approvados. Se o chapéu, emfim, parece mais ligeiro que o da moda anno passado, o penteado pelo contrario não é tão racional.

Em summa, seria preferivel voltar á antiga.»

Outro medico de valor, o dr. Francisco Helme assim se exprime, embora lance sobre a moda feminina todas as possiveis attenuantes,

A "Illustração Catholica" no Brazil

1—*RIO DE JANEIRO. O snr. commendador Antonio Ferreira Botelho, director gerente do «Jornal do Commercio», com sua familia, a bordo, na occasião do embarque para a Europa de seu filho sr. José Botelho.*

2—*O sr. José Botelho, filho do sr. commendador Antonio Ferreira Botelho, que embarcou em destino a Bruxellas a fim de se dedicar á engenharia.*

3—*RIO DE JANEIRO. Trecho da Avenida Rio Branco. Ao centro o Palacio Monroe.*

(Clichés do phot. sr. José Carvalho, do «Jornal do Commercio»).

incluindo a vaidade e o espavento do antigo traje masculino.

"Desculpemos as senhoras de assim se vestirem, porque o vestuario das mulheres tem variado menos que o dos homens no decurso dos seculos. Os homens já em certas epochas, usaram *toilettes* mais caras que as das senhoras. Bassompierre falla de vestuarios que importavam em cerca de quarenta mil libras. Mas estas modas desappareceram e o traje dos homens tornou-se mais severo.

Julgo que assim succederá tambem, quanto ao da mulher. Na minha opinião, parece-me que as modas actuaes são um como que ramalhete de fogos de artificio. Ha de vir a reacção. Talvez ella conduza ao uniforme feminino definitivo.

O traje actual da mulher é destinado a restabelecer o equilibrio das suas proporções. Creada para a maternidade, a mulher tem as ancas largas e as pernas curtas.

Padre Antonio José Torrinha Machado virtuoso e zelosissimo sacerdote que no dia 21 do passado mez completou 50 annos de vida sacerdotal

Egreja parochial de Ronfe

Procurou ella alongar estas por meio de tacões altos, como no tempo de Augusto. Perdido o equilibrio, somente este se poderia restabelecer pela projecção do peito para deante. D'esta sorte, as senhoras á moda têm certamente uma tal ou qual semelhança com um frangão.

As modas novas não são nada hygienicas. A chamfradura dos espartilhos, não obstante o manto de adipe que as senhoras tem sobre o peito, é a causa de mil constipações, bronchites e más grippes. As saias fendidas não são mais recommendaveis.

Aspecto exterior da capella de Santo Antonio durante a missa commemorativa das—bodas d'ouro—do rev. A. J. Torrinha Machado

Mas eu julgo que as modas actuaes serão passageiras. In-

clino-me a crer que a moda feminina se encaminha para o costume severo...»

Que mais dizer apoz a sciencia, um triste mortal que de naturalismo esqueceu as elementares regras de estudo e não tem feitio para adentrar o portico do palacio de Galêno?

E' para ella, pelo menos, que eu escrevo. Ella fará o qne entender! e eu continuarei a se-

Familia e convidados que assistirão á festa do rev. padre Torrinha Machado

Grupo de creanças da catechese da freguezia de Rome entre as quaes algumas de 4 annos e meio a 6 annos que fizeram já a sua primeira communhão

guir na evolução dos seus trajes a evolução do figurino mundano, e tambem um pouco aquella versatilidade borboleteante que empresta á pequenez dos femininos sêres um realce vivo de graça, um fugitivo aspecto que prende como um adeus, ou estonteia como o risco luzente de um olhar!

F. D'ALMEIRIM.

PORTO--Uma batalha de flôres

Carro do sr. Francisco de Lima, que obteve o 1.º premio

Carro do cysne pertencente ao sr. Joaquim d'Oliveira

Carro do sr. Eduardo Glama que ganhou o 3.º premio

Carro do sr. Domingos do Nascimento que obteve o 4.º premio

Durante a lucta

Um aspecto da assistencia

(Clichés de J. d'Azevedo, phot. da «Ill. Cath».)

VIDA INTENSA

(CHRONICA D ALÉM FRONTEIRAS)

PARA quem procure ver, com olhos de vêr, livres — benza-os Deus — da cegueira fanatica dos demagogos, o que pelo mundo vae correndo, ha-de notar que é frisante, indiscutivel, o triumpho rapido do conservantismo.

Desvanecidos os ultimos fumos romanticos da revolução que fizeram epocha entre nós, a par das cabelleiras sonhadoras e das *La Vallières* espetaculosas, as sociedades, foram-se lentamente limpando do liberalismo litterario e entregaram-se confiadas aos fados seguros, do principio conservador. Por instincto de defeza, por visão politica, por uma e por outra coisa afinal, os estadistas do mundo, foram reconhecendo que a felicidade politica dos estados está precisamente no equilibrio benefico da

Outro aspecto da assistencia

PORTO—Altar de S. Sebastião da capella de N. S. da Conceição, da Praça do Exercito Libertador (Carvalhido) mandado construir a expensas de um bemfeitor

BRAGA—Altar de N. Senhora na capella de S. Victor-o-Velho

lei e do dever, principios indispensaveis á tranquillidade das nações e que só se podem manter ao amparo das tradicções e das formulas...

Querer rasgar o passado para só diffundir a instrucção ao acaso, que desvendará o futuro, sem que a educação tenha preparado o ambiente, é como lançar mãos cheias de sementes á planura safara e inculta. O eterno logar commum da liberdade, que remeche a cabeça airada dos novos, já tem demonstrado a que perigos e desmandos póde arrastar.

Commissão fundadora da J. C. de Santo Thyrso e o presidente da J. C. do Porto +

O estado é o reflexo da sociedade como a sociedade o reflexo da familia e mal vae a esta, se o chefe não se sabe guia-la nos principios sagrados do respeito e do amor, no exemplo da tradicção e da vontade.

A liberdade, está no respeito do direito pelo dever e quando salta para fóra d'estas normas admiraveis, converte-se na *licença* que é o maior perigo da vida social.

A Europa inteira abraça as formulas conservadoras. A propria França elegendo Poincaré para a primeira magistratura da nação, consagrou simplesmente esses principios. E' uma evolução natural, rapida, que se está operando nos organismos politicos, e que dentro em breve dominará.

A Hespanha reclamando Maura, preconisa já esse principios e mostra que quer trabalhar e progredir. O problema hespanhol está em via de solução. Cada dia que passa é um dia de triumpho para a corrente conservadora, que alastra por todo o paiz.

Ser liberal é uma ficção, porque liberal é todo aquelle que professando o mais arreigado culto pelos principios e pela lei sabe reger os seus actos sem uma discordancia ou sem um desmando; mas liberal não é, não será nunca o fanatico da sua ideia, boa ou má, que julgar que a liberdade é a desordem e a dissolução.

Exemplos vivos têm demonstrado esta suprema verdade ao mesmo tempo que marcam radiosamente a fallencia absoluta d'essas perigosas theorias. Os conservadores, mantendo as tradicções, consolidando os principios, velando pelo cumprimento da lei, são os legitimos paladinos da liberdade, os unicos que offerecem tambem aos que trabalham e se interessam pelas prosperidades moraes e materiaes da sua patria, garantias possiveis d'ordem de tranquillidade e de paz.

Maura se vae subir dentro em breve imposto pela opinião, se vae governar appoiado nas forças vivas da patria é porque preconisa os sentimentos, d'ordem, de paz, e de progresso que tão necessarios são á felicidade politica das nações.

Os reformistas, os amigos de Romanones, os adeptos de Garcia Prieto ou os irrequietos admiradores de Dato ficarão marcando passo por muito tempo sem poderem dominar a corrente d'opinião que os repudia e não quer e francamente, ou evolucionam para o conservantismo ou liquidam lenta e tristemente o seu futuro politico.

Convensam-se, o tempo não vae para democratismo habilidosos ou liberalismos theoricos. Não.

De duas uma: ou o conservantismo que a Europa inteira preconisa ou então essa miscellanea perfida d'acrobatismo e de mentiras, a que o sr. Bernardino Machado muito cordealmente chama cordealidade e... cordeal.

José de Faria Machado.

Alguns membros das J. C. de Santo Thyrso e do Porto

Fastos do Catholicismo

Conversão de um diplomata

Converteu-se recentemente em Granada o sr. William Sobagde Dawenhil, vice-consul de Inglaterra, o qual foi baptisado com grande solemnidade e deante de uma distincta assistencia, pelo sr. Arcebispo d'aquella diocese, na capella do palacio archiepiscopal.

O sr. Arcebispo dirigiu ao neophyto uma commovedora pratica.

Quando o catholicismo é estudado de boa fé, a sua verdade impõe-se á razão do que o estuda.

Mistral e Nossa Senhora

O grande poeta provençal falleceu a 25 de Março ultimo, festa da Annunciação; tinha nascido a 8 de Setembro de 1830, festa da Natividade da SS. Virgem; a sua obra prima, *Mireia* (Maria) terminou-a em 2 de fevereiro de 1859, dia da Purificação e foi a 8 de setembro do mesmo anno que dedicou esse poema a Lamartine.

Esta interessante coincidencia de datas, não parece demonstrar que o catholico poeta era um filho predilecto da Santissima Virgem?

1. Condeixa-a-Velha — Fôsso natural arcando os muros de Almedina a antiga «Conimbrica» dos Romanos.

2. PENACOVA — Um grupo de academicos conimbricenses na quinta do sr. Joaquim Augusto de Carvalho.

3. COIMBRA — Seminario Conciliar, mandado construir pelo fallecido prelado D. Manuel Correia de Bastos Pina.

(Clichés do phot. am. sr. Francisco Brito).

NOTAS DO ESTRANGEIRO

ITALIA—A erupção do Etna. Aspecto das ruinas de Mortara depois do terramoto originado pela erupção

O Etna visto das ruinas de Taormina

Loulé--Um aspecto do Cadoiço

(Cliché do phot. am. sr. Fabião de Campos).

PROPRIETARIO
Joaquim Antonio Pereira Villela.
DIRECTOR
Dr. Francisco de Sousa Gomes Velloso.
EDITOR
Antonio José de Carvalho.
ADMINISTRADOR
Clemente de Campos A. Peixoto.

Illustração Catholica

Revista litteraria semanal de informação graphica

Redacção, administração e typographia
83, R. dos Martyres da Republica, 91
BRAGA

CONDIÇÕES D'ASSIGNATURA
PAGAMENTO ADEANTADO)

Portugal e colonias (1 anno) . .	2$400
» » (6 mezes) .	1$200
» » (3 mezes) .	600

A' cobrança feita pelo correio e pelo cobrador, accresce o importe das despezas.

Estrangeiro (1 anno)	3$000
» (6 mezes)	1$500
Numero avulso	60

Numero 51 — Braga, 20 de junho de 1914 — **Anno I**

ILLUSTRAÇÃO CATHOLICA

Revista litteraria semanal de informação graphica

Proprietario, Joaquim A. Pereira Villela. Director, Dr. F. de Sousa Gomes Velloso

EDITOR Antonio José de Carvalho. ADMINISTRADOR Clemente de Campos A. Peixoto.

Braga, 20 de junho de 1914

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E TYPOGRAPHIA
83, R. dos Martyres da Republica, 91
Não se restituem os originaes

Numero 51—Anno I

BRAGA—Bom Jesus do Monte. Um aspecto do interior do templo onde se realisaram as festas do Espirito Santo

(Cliché do dist. phot. am. sr. Augusto Chaim)

Chronica da semana

LI

ooo

EGREJAS de Portugal, brancas como a oração pura e fervorosa a rolar de labios de velhinhas, brancas como o fumo dos thuribulos a descrever aspirações para o céo, brancas como os lirios que ciciam canticos de aromas em redor de Jesus, que morreu entre lirios, brancas como a toalha gomada dos altares, tecendo em torno da ara santa uma muralha de rendas!

Porque será que impias almas não escutam e não sentem o vosso recolhimento? Porque será que mãos sacrilegas vão estilhaçar, com o camartello dos iconoclastas, os lavores das vossas frontarias e não suspendem o gesto destruidor?

Porque será que corações se não crispam de dôr antes de quebrarem crucifixos?

Não pode dizer-se homem aquelle que em face de uma imagem de Jesus sinta referver-lhe no sangue e azoar-lhe no cerebro uma rouca e enraivecida furia, feita de repulsão e de odio, de sacrilegio e de ferocidade, aquelle que atira contra as volutas das abobadas e os frisos lavrados e os capiteis graciosos uma escarcalhada diabolica de sarcasmo e de infamia, aquelle que se dirige ao tabernaculo eucharistico, ao berço perenne do maior amor que adejou em torno e abraçou jámais a terra, e profana esse berço e flagella sob a trituração phrenetica e bruta dos dedos, esse amor repartido em mil parcellas prestes a descerem cada uma, da sublime e alta pureza em que florescem, ao centro da alma conspurcada do criminoso e ao coração virginal, á conturbação d'um penitente e á magua funda do contricto, dando indizivel vigor áquelle que parte para a grande batalha da vida, e conforto e esperança áquelle que já adentra os primeiros porticos do mysterio impenetravel da morte!

Não é homem; que ao homem estampou-lhe Deus na fronte um signal de nobreza, de elevação; que Deus apontou os olhos d'elle ao infinito, dizendo-lhe que a luz que elles despedem, é feita da mesma aspiração indefinida do coração em busca do céo, e aprumou-lhe o busto e levantou-lhe a face, como a ensinar-lhe que a erecção do corpo revelava a erecção do caracter!

... Aquella capellinha, onde ha dias entrei, fôra profanada. E os lavradores, de bronzea face e o olhar severo em que um sorriso bom e leve apenas revelava a simplicidade d'uma alma sã, contavam-me que na vespera, de noite, como os lobos que rondeavam por aquelles montes debruçados sobre o arrulho do rio — o senhor vê?...— dois mariolas, chegados do Porto a convite do regedor, outro como elles, haviam arrombado as portas e, lá dentro, dirigiram-se ao sacrario... e expulsaram de lá, como judeus, a Nosso Senhor!...

—Veja lá o senhor se a gente não tem razão em nada querer com elles...

E tinham, sim, que é preciso que um povo haja descido os degraus infimos da cobardia, da subserviencia e da cumplicidade, para que, —ouçam agora os nossos leitores— não haja um varapau que os afugente!...

Eu voltei para casa.

No caminho encontrei-me com o abbade, um santo velho. Rezava as suas orações no breviario.

Venho da egreja!

E elle teve lagrimas nos olhos... e foi rezar por elles!

F. V.

FEIA!...

ooo

(A JULIO DALLY)

Chamam-te feia... ingrata Humanidade
Que tão mal comprehendes a natura...
Porque não sabem, quanta formosura
Encerras n'alma—juvenil deidade!

Porque não sentem como eu, a bondade,
—Essa bondade innata e sempre pura,
Que em teu rizonho coração fulgura
Sob o manto subtil da caridade!

Chamam-te feia... sim; porém, que importa,
Se de minh'alma, tens aberta a porta
E de meus labios o sorriso é teu?

Deixa-os fallar. E's minha e tanto basta,
Para que sejas tão formosa e casta
Como os anjos que vivem lá no Céo!

(Do livro a sahir *Acerba dôr*)

JOAQUIM MARQUES MENDES.

Serões eruditos

Aventuras do alphabeto

(*Conclusão*)

PARA dar lugar a outros assumptos, n'esta secção, vou pôr ponto nas aventuras do alphabeto. Já disse, e repeti, que o assumpto daria para volumes; isto foi apenas um panninho de amostra. E hoje, para acabar, vou indicar algumas regiões inexploradas, onde teria podido colher curiosissimas observações.

Por exemplo: a maior parte dos leitores cuidam, que as lettras do alphabeto—digo do nosso, sem me referir ás linguas orientaes que teem outros signaes phoneticos — teem por toda a parte o mesmo valor. Puro engano! Percorramos, para não sahirmos da Europa, o alphabeto russo, e calculemos a confusão que nasce da troca do valor das lettras. O *b* manuscripto russo (2.ª lettra do alphabeto) escreve-se *d* e pronuncia-se *b* ou *p*. A 3.ª, *vê*, escreve-se, quando minuscula, como *b*, e sôa *v*, *f*, ou *w*. *A* 4.ª *guê*, tem, quando maiuscula, a forma do nosso *T*, e vale, entre outras coisas, *h*, *k* e *v*...

O *dê* (5.ª) escreve-se, como minuscula, *d* e *g* e sôa tambem como *t*. O *jê* minusculo tem uma forma parecidissima ao nosso *m*.

O *i* (9.ª) tanto maiuscula como minuscula, é o nosso *U*, *u*; o *pê* (17.ª) tem, como minuscula a forma de *n* e o *erre* (18.ª) as de *P*, *p*.

O *esse* é um *C*, *c*; o *tê* é um *m*; o *tchê* (25.ª) é um *r*; a 2.6ª *(cha)* confunde-se quasi com o nosso *m*, etc. E digamos, de passagem, que o alphabeto russo conta 36 lettras. Tambem, para um imperio d'aquelle tamanho, não é demais...

Outra aventura que poderiamos explorar: o valor significativo de algumas lettras, isoladamente. Assim, já que estamos na Russia, o *v* equivale lá á nossa preposição *a*. Ex: *la khotiel bui idti sevodnia* **v** *teatr:* (pron. figurada): eu queria ir hoje *ao* theatro. A mesma preposição pode ser representada por *k* e *s*. Uma das perguntas, que se ouvem a cada passo na Russia, é esta: *Tchtó* **s** *vámi?* — Que tem? A' lettra: que *a* vós (é)?

O *i*, que em latim é o imperativo do verbo *ire* (ir) em dinamarquês e norueguês é a 2.ª pessoa do plural do pronome pessoal: vós: *I have:* vós tendes; e em inglês é a primeira do singular. *I love:* eu amo. Em dinamarquez e norueguez vale tambem por em: *Det sner i Februar:* neva em fevereiro; *u*, em persa moderno, é a 3ª do singular: *elle*; e ainda em persa moderno, o *u* vale e, conjuncção copulativa: *bist u nuh:* vinte e nove; o *i*, isolado, em persa moderno, vale *és: am, i, as:* sou, és, é.

O *o*, em romêno, vale *uma*: *o suta:* uma centena, e o *i* pode ser pronome pessoal abreviado masculino, e feminino, o plural masculino variando os assentos. Em flamengo e hollandez encontra-se amiude um *'t*, que vêm a ser os restos mortaes do artigo singular neutro *het*. E poderia continuar...

Se me désse para investigar as aventuras geographicas das lettras isoladas, acharia por

LOULÉ — Vista parcial

exemplo, que na Suecia ha uma cidade que se chama *A*; na China, uma aldeia, que se chama *U*; na Hollanda, uma ribeira, que se chama *Y*. Em França, perto de Peronne, no departamento do Sonne, ha tambem a aldeia de *Y*, como ha, cêrca de Luchon, uma aldeia chamada *Oo*. Em França, na Belgica, na Russia, na Suissa, na Allemanha, e na Hollanda, ha varios rios e ribeiros com o nome de *Aa*, o que se explica pelo facto de ser *Aa* o antigo allemão *aha*: agua corrente, medio allemão *aho*, gothico *ahrva*: rio; pela mesma razão ha pessoas que se chamam *Aa*, e nós temos até muitas Marias do *O* etc. *San Salvador de la O* é uma freguezia da provincia de Pontevedra, perto de Lalin, na Galliza...

Já aqui apresentei um quadrado magico, feito com lettras, o celebre quadrado do *Sator arepo*... Muito poderia escrever, e algum dia o farei, sobre quadrados magicos. Hoje, para... acabar de acabar, direi que, já depois de publicados os meus artigos sobre o *Sator arepo*, appareceu no jornal italiano *L'Ora illustrata*, de Palermo, um curioso artigo, que se refere a uma das aventuras do alphabeto, a que alludi: a aventura do valor numeral das lettras... e aos quadrados magicos. Eis o artigo:

«Ha muitos seculos que os arabes costumam escrever, no lado reservado ao endereço das suas cartas, ou de gravar em saquinhos, caixinhas e pedecinhos de madeira, e em cartões, as quatro consoantes: *ha*, *dal*, *vau*, *hha* (BDUH), que formam a palavra Beduh. Nos diccionarios arabes

LOULÉ—Romeirinhas

LOULÉ—Pégo dos Cavallos

não se encontra registado este nome e os orientalistas suaram para o explicar; Silvestre de Sacy, Miguel Sabbagh, Kazimirski, Reinaud, e outros, opinaram que Beduh era um dos nomes de Deus, e que as quatro consoantes exprimiam um sentimento religioso, como as iniciaes I. M. I. (Jesus, Maria, José) que os ecclesiasticos costumam pôr entre nós na testada dos seus escriptos. Note-se, porém, que nem o Alcorão, nem os livros liturgicos dos mussulmanos trazem esta palavra *Beduh*, nem ella tem, etymologicamente, significado algum; não parece, portanto, acceitavel a explicação d'aquelles doutores orientalistas, e convem procurar outra, mais racional.

LOULÉ — Quinta da Esperança

«Os mussulmanos em todos os tempos, e ainda hoje, tiveram grande fé nos talismans, a que attribuem o poder de levar a bom termo qualquer empreza. Entre estes é vulgarissimo um quadrado subdividido em nove quadrados, em cada um dos quaes se escreve um determinado numero, e o trazem ao pescoço, ou gravado em madeira ou escripto em pergaminho.

4	9	2
3	5	7
8	1	6

Estes numeros, sommados horizontalmente, perpendicularmente, ou em diagonal, dão sempre o total de 15, multiplo de 3, numero perfeito.

Ora os arabes, que foram versadissimos em mathematica, attribuindo maior virtude aos numeros pares e tendo-os por de feliz augurio, desenharam um só quadrado, que leva nos quatro angulos os algarismos pares 2, 4, 6, 8. E para que o talisman não fosse conhecido dos profanos, substituiram os algarismos pelas lettras do alphabeto de equivalente valor numerico: 2-ba, 4-dal, 6-vau e 8-hha, que, lidas da direita para a esquerda, ao uso oriental, formam precisamente a palavra *Beduh*:

4 D	2 B
8 H	6 u

LOULÉ — Lago da Quinta da Esperança

(Clichés do phot. am. sr. João Fabião de Campos)

As virtudes attribuidas pelos arabes a este quadrado, e mais ainda ás quatro lettras symbolicas são varias: um viandante, que leve comsigo este talisman, pode andar um dia inteiro sem cansar; mulher gravida ameaçada de aborto, em applicando ao seio o talisman, dá á luz com bom successo; carta que leve no lado da direcção estas quatro consoantes, chega sem duvida ao seu destino. Mas o seu emprego mais commum é para despertar

BRAGA--Bom Jesus do Monte. Na festa do Espirito Santo

A procissão em volta do templo

por lá vê, e ouve, rodeio-me de livros e vou estudando, sobretudo linguas, velha paixão minha, que a ninguem faz mal. Assim se explica, por exemplo, que ao confeccionar este artigo, tenho á mão as minhas grammaticas: romena de R. Lovera, russas, de Otto-Saner e Sperandeo, arabe de Melik David Bey, persa, de Fr. Rosen, dinamarqueza e norueguez de L. Borring—e não me foi preciso reccorrer á sanscrita de F. G. Fumi, nem arabe de Erpenis, á do grego antigo de Curtius, á do grego moderno de Martins, e a varias outras, que ahi estão na minha livraria em Braga, attestando de que armas me valho para passar o tempo, sem dar em anarquista, *formiga* ou adhesivo.

Devia esta explicação aos leitores, que me fazem o favor

a paixão amorosa n'uma pessoa amada; escreve-se *Beduh* um papel deante do qual se queimam delicados perfumes, e logo se repete, em alta voz, tres vezes, esta invocação: «O' Beduh, ó Beduh, ó Beduh, faz nascer o amor entre coração e coração, pela virtude da penna e da taboinha, e pela virtude de Adão, Eva e Noé.» Feito isto, aquelle, ou aquella, que deseja fazer-se amar, pendura do pescoço o talisman, que não deixará de produzir o seu effeito.»

Se não é verdade, está bem achado. E já me estou regalando de ver, e ouvir, ahi pelos cantos do paiz, damas e cavalheiros, de talisman ao pescoço: *O' Beduh, O' Beduh, O' Beduh...*

Ainda duas palavras: ha quasi quatro annos que vivo emigrado. Em vez de andar pelos centros de emigrados, creando bilis, do que se

de preferir os meus artigos para narcotico e deploram a minha mania polyglotta. Antes isto, antes isto...

ARTHUR BIVAR.

A concorrencia de forasteiros no dia da festividade

Um grupo de forasteiros

VIDA INTENSA

(CHRONICA D'ALÉM FRONTEIRAS)

OS jornaes, que são muitas vezes a providencia dos chronistas, referem, sem commentarios, no relato frio do noticiario vulgar, um caso curioso, desenrolado nos confins da Baviera, com o seu que de romanesco e emotivo, que deve interessar os leitores da nossa «Illustração».

Trata-se ainda e infelizmente d'uma tentativa de suicidio, mas d'esta vez—Deus louvado — impedido, frustrado por cobardia dizem uns, por arrependimento affirmam outros.

Não extranhe o bom leitor que extrate um caso d'esta indole, nas columnas d'esta publicação. O mal deve ser sempre trazido a lume não para o encorajar, para o impôr, para o fomentar mas muito simplesmente para o execrar e combater e se o mal, como n'este caso, tem o desfecho piedoso que ora teve o pequeno romance barato, é contra-producente occulta-lo ao criterio da opinião.

BRAGA—Bom Jesus do Monte. Um aspecto do lago

BRAGA—Bom Jesus do Monte. Outro aspecto do mesmo lago

A bôa imprensa deve, é certo, condemnar ao silencio todas essas miserias moraes, que affligem a sociedade, jamais perpetrar o relato d'um crime que quantas e quantas vezes, contando com o que na alma popular persiste ainda de romanesco e desamparado de fé e d'educação, vae tresloucar e preverter. Mas pela mesma razão, não pode calar casos como este, que embora partilhando da desgraça, são um irrefutavel exemplo moral.

N'uma aldeia retirada da velha e tradiccional Baviera, vivia ha dois annos, cheio de felicidade e d'amor, n'uma humilde casa abraçada de recordações e de trepadeiras, uma familia feliz. Casados por amor, novos, enthusiastas, felizes, marido e mulher, alegremente viviam do seu trabalho e para o seu trabalho, sem uma nuvem, sem uma tristeza, n'uma existencia estreita de mediania, illuminada por um grande amor, que mais se arreigára n'aquelle corpo pequenino e branco, que como um raio de sol aquecia aquella affeição, e adornava os linhos pobres do berço.

A' noite, quando o marido voltava do seu trabalho, ella esperava-o sempre com o mesmo enthusiasmo de namorada feliz e abraçando-o,

BRAGA—Bom Jesus do Monte. A pequena gruta junto do lago

BRAGA—Bom Jesus do Monte. Um trecho da paisagem

BRAGA—Bom Jesus do Monte. O ascensor

levava-o até junto do berço e horas esquecidas os dois, ficavam abraçados a contemplarem o filho do seu amor. Nunca n'aquella casa pobre mas feliz, houvera sombra de desgraça ou de desalento. O marido, encontrára sempre na mesa polida a ceia appetitosa e na bocca fresca da mulher um sorriso acolhedor... Um dia, — a desgraça espreita os felizes— na fabrica uma fatalidade, uma altercação de momento, uma inexplicavel allucinação, fizeram d'esse homem trabalhador e feliz um assassino...

A desgraça entrou então n'aquella casa. A mulher foi mirrando, no desgosto e no trabalho, para attender ao marido e ao filho e sempre animada d'uma fugidia esperança de perdão, seguiu sem um desalento a sua nova existencia de sacrificio. Visitava-o na cadeia, levava-lhe flores e nem um só dia faltou com o seu sorriso, para consolar o desgraçado. Era quasi feliz no meio da sua desgraça. Esperava, esperava confiada que o marido voltasse ao lar. Entretanto a lei inflexivel, sem coração, sem piedade, condemnou-o certa tarde de sol, á pena maior...

A tortura d'esse apaixonado coração feminil attinge n'esse momento o auge do soffrimento e da desesperação. Ella que luctara, vê-se um farrapo, uma ruina, que a doença motivada pelo trabalho excessivo dos ultimos mezes, em breve destruirá, e encon-

BRAGA—Bom Jesus do Monte. Uma das capellas dos Passos

(Clichés do dist. phot. am. sr. Augusto Chaim).

tra-se á beira d'aquelle berço que é toda a sua vida, sem força para trabalhar...

Allucinada, cega de desgraça, corre a casa d'uma visinha e a pretexto d'uma viagem á cidade, entrega-lhe o filho e volta á sua casa vasia. N'uma velha gaveta encontra um revolver e sem pensar, desesperada, perdida, lançando um ultimo olhar cheio de lagrimas para o berço, vasio, murmura entre soluços o nome do marido e appoia a arma á cabeça... Um segundo depois, n'um repellão, quando premia já o gatilho, atira para longe a arma criminosa e cahe de joelhos a dizer entre suspiros:

—Obrigada, meu Deus... Mas dá-me forças

ILHA TERCEIRA (Açôres). Cidade e bahia d'Angra do Heroismo

ILHA TERCEIRA (Açôres). Angra do Heroismo—Coroação do Espirito Santo, uma das festas mais populares dos Açôres

ILHA TERCEIRA (Açôres). Angra do Heroismo—Procissão do Senhor dos Passos. Sahida da veneranda imagem da egreja de N. Senhora da Conceição

ILHA TERCEIRA (Açôres). Angra do Heroismo—O altar do Santissimo na egreja da Sé

ILHA TERCEIRA (Açôres). Angra do Heroismo—Sé Cathedral

ILHA TERCEIRA (Açôres). Angra do Heroismo—Um dos orgãos (verdadeira obra d'arte) da egreja da Sé

para crear o meu filho... e resvallou para o chão chorando já, sem desespero...

No dia seguinte a alegria d'aquella casa vinha dormir de novo no berço pobre e animar aquella alma imcomparavel de mulher apaixonada, a luctar e o soffrer...

José de Faria Machado.

ILHA TERCEIRA (Açôres). Angra do Heroismo. Egreja do Collegio, contigua ao grandioso edificio do governo civil, antiga residencia dos Padres da Companhia de Jesus, onde estão hoje installadas diversas repartições publicas

ILHA TERCEIRA (Açôres). Angra do Heroismo. Corôa, sceptro e salva emblema do Espirito Santo

A MULHER E O LAR

A familia é constituida de ordinario á imagem e semelhança da mulher. A mulher faz o lar: é a sua pedra angular.

Grande numero de mulheres tendem hoje a desamparar o lar e a desprezar os cuidados domesticos. E o interior da sua casa é frio, tediento, desordenado; repelle o homem em vez de o attrahir, atira-o para a taberna, para o café, para o centro politico. E dentro em pouco, eis a dissociação do *ménage*, talvez a ruptura de relações, a quebra da unidade que é a sua força, é o triumpho do alcool, do jogo e da immoralidade.

«Pela sua negligencia ou ignorancia, diz o Dr. Labbé, a mulher é em parte, responsavel pelos vicios do homem e tambem pela má educação dos filhos que nascem em taes meios, pelas doenças que assaltam e arrebatam em tão grande numero esses pobres pequenos.

ILHA TERCEIRA (Açôres). Angra do Heroismo—Nova egreja de S. Matheus

(Clichés do phot. am. sr. Antonio José Leite).

As economias depressa se dissipam, chega a miseria..., e afinal um pouco de amor e um pouco de senso teriam feito prosperar a associação conjugal».

Muito instructivo seria tomar uma por uma as paginas precedentes e tirar d'ella lições especiaes para a mulher.

Leitoras, vós sois de facto as sentinellas da raça. Vigiaes por ella quando o vosso carinho cuidadoso e bom rodeia os vossos filhos, quando arrancaes cem vezes á morte, essa creança que lançasteis ao mundo.

Velaes pela raça, porque formaes na creança, o homem d'amanhã, o seu coração e a sua alma!

COIMBRA — *Um grupo de estudantes á porta do Café Montanha*

Sois tambem as sentinellas da raça, no homem, valentes e abnegadas enfermeiras luctaes contra as doenças, contra os vicios que arruinam a saude, contra o alcoolismo e contra a immoralidade. A mulher tem o horror á taberna e o horror ao prostibulo. E' a sentinella da raça!

MONDIM DE BASTO — *Bandeira da Associação do Sagrado Coração de Jesus da freguezia do Ermêllo. Trabalho da ex.ma sr.a D. Claudina Machado Peixoto.*

(Cliché do rev. José Barrias)

BRAGA — *Capella da Penha. O throno da Santissima Virgem no dia da festa da conclusão do mez de Maio*

Nós os que aturadamente nos debruçamos sobre a voragem do alcoolismo, da pornographia, da criminalidade precoce, para analysarmos melhor a profundeza do mal, appellamos para vós.

Ha um pensamento que domina e engrandece o vosso espirito e o vosso olhar, pensamento muito alto e muito bello, que faz com que soffreis calladas as maiores dôres, sempre

para salvar a unidade d'um lar que é de si mesmo, não só um relicario de bondade e de sonho, mas tambem um penhor da integridade da especie, e uma condição da salvação da raça!

F. D'ALMEIRIM.

BRAGA—Professores e alumnos do 5.º anno do Lyceu Central Sá de Miranda (1913-1914)

BRAGA—Grupo dramatico organisado para a recita que os alumnos do 5.º anno do Lyceu Central Sá de Miranda realisaram este anno

(Clichés da Photographia Aliança)

PHOT. ALLIANÇA.
BRAGA.

BRAGA — Os alumnos da Escola Academica de Lisboa, na cêrca do antigo Collegio do Espirito Santo, onde estiveram hospedados

BRAGA — Os alumnos da Escola Academica de Lisboa, em direcção á estação do caminho de ferro

BRAGA—Grupo de professores e alumnos da Escola Normal de Lisboa, na visita que fizeram á bella estancia do Bom Jesus do Monte

BRAGA—Um aspecto do interior do salão da Associação Commercial onde esteve a exposição de faianças de Bordallo Pinheiro

OS NOVOS CARDEAES

D. Antonio Mendes Bello, Patriarcha de Lisboa

D. Miguel Lega, Decano da Sagrada Rota Romana

Mons. Domingos Serafini, Arcebispo titular de Seleucia e Assessor do Santo Officio

D. João Csernoch, Arcebispo de Estrigonia (Hungria)

D. Santiago Della Chiesa, Arcebispo de Bolonha (Italia)

D. Heitor Sevin, Arcebispo de Leão (França)

D. Gustavo Pitti, Arcebispo de Vienna, (Austria)

D. Victorino Guisasola, Arcebispo de Toledo

D. Luiz Begin, Arcebispo de Quebec (Canadá)

D. Felix de Hartmann, Arcebispo de Colonia (Allemanha)

D. Filippe Giustini, secretario da S. Congregação dos Sacramentos

D. Francisco Gasquet, presidente da Congregação benedictina ingleza

NA HORTA

(Cliché de Luiz do Souto)

PROPRIETARIO
Joaquim Antonio Pereira Villela.

DIRECTOR
Dr. Francisco de Sousa Gomes Velloso.

EDITOR
Antonio José de Carvalho.

ADMINISTRADOR
Clemente de Campos A. Peixoto.

Illustração Catholica

Revista litteraria semanal de informação graphica

Redacção, administração e typographia
83, R. dos Martyres da Republica, 91
BRAGA

CONDIÇÕES D'ASSIGNATURA
PAGAMENTO ADEANTADO)

Portugal e colonias (1 anno) . .	2$400
» » (6 mezes) .	1$200
» » (3 mezes) .	600
A' cobrança feita pelo correio e pelo cobrador, accresce o importe das despezas.	
Estrangeiro (1 anno)	3$000
» (6 mezes)	1$500
Numero avulso	60

Numero 52 Braga, 27 de junho de 1914 **Anno 1**

Manual da Adoração do Santissimo Sacramento Traduzido do original em Francez do Padre Tesnière, pelo Padre José Antonio d'Oliveira. Brevemente será posto á venda este excellente tratado de devoção ao SS. Sacramento. N'esta redacção se acceitam encommendas da mesma obra.

Comprem os Bordados

Schweizer

franco de porte a domicilio

Vestidos desde Fr. 11.80

Blusas desde Fr. 3.95

Vestidos para Crianças desde Fr. 5.90

Do melhor bordado suisso, sobre cambraia, voile, crêpon, toile e sobre sedas novidade.

Peçam a nossa collecção 82 de figurinos novos com amostras bordadas.

Os nossos bordados são por fazer, mas remettemos os padrões cortados em todas as medidas a quem os requisitar.

Schweizer & Co. Lucerne Suissa

Companhias de Seguros

La Union y El Phenix Español
DE MADRID

Union-Maritime
DE PARIS

MANNHEIM
DE MANNHEIM

Seguros sobre a vida, incendio, explosão de gaz, de máquinas, raio, rendas em caso de incendio, maritimos, postaes e transportes de qualquer natureza.

Lima Mayer & C.ª

59, Rua da Prata, 59

Lisboa

CALLOS

Só os tem quem quer!

O callicida Dias faz cahir os callos por mais antigos que sejam. E' a melhor descoberta da actualidade porque os tira pela raiz.

Preço, pelo correio, 25 centavos. Restitue-se o dinheiro a quem provar a fallibilidade.

Pedidos a Manuel Joaquim Dias—CALDELLAS

M.me Permond

Conselhos d'uma mãe a seus filhos

Traducção feita por um preso politico

PREÇO, 150 réis.

Resumo da Doutrina Christã

Em prosa e verso, sendo a parte em verso composta pelo

Rev.mo P.e Carlos Rademaker

Methodo muito facil para ensinar, por meio de canto, as cousas mais necessarias da Doutrina Christã. Edição accrescentada pelo P. Villela & Irmão

Preço: Brochado, 10 rs. Cartonado, 40 rs.

ILLUSTRAÇÃO CATHOLICA

Revista litteraria semanal de informação graphica

Proprietario, Joaquim A. Pereira Villela. Director, Dr. F. de Sousa Gomes Velloso

EDITOR Antonio José de Carvalho. ADMINISTRADOR Clemente de Campos A. Peixoto.

Braga, 27 de junho de 1914

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E TYPOGRAPHIA
83, R. dos Martyres da Republica, 91
Não se restituem os originaes

Numero 52—Anno I

CHRISTUS VINCIT CHRISTUS REGNAT CHRISTUS IMPERAT.

PHOT. ALLIANÇA BRAGA

BRAGA—Interior da Egreja dos Terceiros na festa da conclusão do mez de Maria

Chronica da semana

LII

ooo

PELA nave do Palacio, clara de luz, viva das côres dos reclamos, e das bandeiras e das flores em tufos e festões, uma rara multidão passeava, n'aquella tarde, as suas elegancias, o seu bom tom e a sua curiosidade *snob* e pragmatica pelos progressos do automobilismo em exposição internacional.

Bustos de mulheres que a belleza exalçava, via-os eu brotar de vestimentas exquisitamente franjadas, sarapintadas de exoticas côres tropicaes, ou a aprumar-se sob chapeus que mais lembravam cocáres garridos de tribus indianas.

E eu tive pena, ah! muita pena de que a formosura de tantas se desbotasse, escondida pelas requintadas extravagancias da ultima concepção das modistas parisienses, e que a soffrivel correção de perfil de muitas outras, a irregularisasse o apparato de rendas inestheticas, de capas que pareciam opas de irmãos de confrarias, de tinturas fortemente rebocadas sobre o setineo de suas faces, de chapeus emplumados, em permanente desequilibrio sobre as ondas negras dos cabellos.. Tive pena, ah! muita pena!

A cada passo, representantes das marcas dos carros enfileirados, aprimoravam aos compradores d'aquella feira do progresso, o conforto das *limousines*, explicavam extraordinarias vantagens occultas no labyrintho da tubagem dos motores, aqui o rasgado talho d'uma lente na bocca metalica d'uma lanterna, além a melhor qualidade d'um pneumatico...

E ouviam-se commentarios feitos pelo aguçado espirito feminino que a civilisação estonteia, provocando um *raffinement* de sensibilidades, muitas vezes doentias:

— Que lindo carro, vês, Julio? Um medico como tu precisa de um carro como este... Dois logares: um para ti... o outro para mim... e o *chauffeur* aqui atraz, como nas carruagens antigas!... Vês?

E o marido, homem alto, de face rude, morena, nada dizia áquella insistente petição!

Sentia-se o leve perfume de rosas a boiarem sobre os seios ou a debruçarem-se nas lapellas; e a nave do Palacio ás 5 horas da tarde era um salão immenso aonde o que ha de mais distincto no Porto e na provincia viera trazer a consagração da sua presença, e a approvação official da iniciativa benemerita para o nome do paiz, que alli se realisava.

Lá no alto, um orgão enorme resoava, e os sons da musica solemne percorriam as galerias, batiam cá em baixo de encontro ao paravento de largas e coloridas vidraçarias, e rompendo ainda pelas portas franqueadas, iam accordar o sereno murmurio das arvores do parque e arrancar á emplumada garganta dos pavões gritos estridulos, e á sua eterna vaidade, leques de variadas tintas, nas longas caudas...

Seis horas da tarde. Hora do chá. A sociedade elegante desce ás aleas centraes, junta-se em grupos em torno das mezas.

Risadas vibrantes de senhoras a quebrarem a seriedade dos fatos escuros masculinos e a sisudez dos creados apressados...

... Um amigo meu acerca-se. Mostra-me o *Dia*. Percorro-o de relance.

E foi alli, no meio d'uma sociedade que de alma, de espirito, e de maneiras, aborrece profundamente a republica dos *pieds-nus*, da demagogia rôta que aponta no *smoking* um signal de provocação revolucionaria; foi alli que eu soube pela primeira vez, d'esse mixto de lôdo e de preversão, de podridão de consciencias, de impudor e de cynismo que o Supremo Tribunal Administrativo acaba de apendoar na galeria dos escandalos revoltantes, sob a epigraphe de *Questão do Rodam!*...

F. V.

Á Virgem

ooo

Virgem, tu és minha mãe!
Sou tua filha, Senhora,
Ainda que peccadora
E peior do que ninguem.

Dá-me sempre a luz e o bem.
Essa graça redemptora
Hoje e n'aquella ultima hora
Tão triste que a vida tem.

Mãe do puro e santo amor,
D'uma piedade infinita,
Refugio do peccador:

Virgem-Mãe, escuta a prece
D'esta pobre tão afflicta,
Que de Ti nunca se esquece.

FRANCISCO SEQUEIRA.

BRAGA—Egreja dos Terceiros. O altar de N. Senhora da Conceição na festa da conclusão do mez de Maria

O ultimo presente...

(A' Ex.ma Sr.a D. M. P. R. Almeida)

ERA uma vez um principe, mais bello que os dos contos das fadas, que um heroe de ballada, ou trovador de solar mavioso.

Seus olhos eram avelludados e doces, como o céo do seu paiz, cheios de luz e de riso, como uma madrugada em flôr.

Era um deslumbramento a vida, na primavera do seu viver.

Certo dia, foi elle com a Rainha sua mãe, a uma villasita do seu reino.

Cheia de tradições fidalgas, banhada por um rio que a enche de sombras perfumadas de viço e de frescor a villa, terra afamada de bellezas femininas, alindou-se ainda mais para receber o seu principe.

E pelas ruas enfeitadas, ia seguindo o cortejo, entre alas de aldeãos, encantados dos olhos azues do seu futuro rei.

A certa altura do cortejo, um rosto peregrino de rapariga chamou a attenção do real mancebo, que quiz ouvir-lhe o nome:

— Thereza, meu Senhor!

— Pois bem Thereza... não te esqueças de me participar o teu casamento... Quero dar-te um presente de noivado!...

E mais rubra que papoila, viu a pobre rapariga affastar-se o moço rei, como se elle fôra

S. PEDRO DO SUL—*Thermas D. Amelia. Um aspecto da antiquissima villa do Banho*

S. PEDRO DO SUL—*Thermas D. Amelia. Historica casa do Corregedor e cadeia na antiquissima villa do Banho*

S. PEDRO DO SUL—*Thermas D. Amelia. Antiga e historica capella de S. Martinho, onde foi baptisado S. Frei Gil, natural de Vouzella.*

(Clichés de Tono Eiza, phot. am.)

algum principe encantado d'aquelles que rezam as lendas dos thesoiros e maravilhas.

E todos os rapazes a notaram, depois que a sua belleza encantara o proprio principe...

E foi assim que n'aquelle paiz de céo azul e horizontes sonhadores, das violetas e das rozas de todo o anno se desfechou a mais terrivel tragedia.

*

Foi n'uma tarde sinistra.

O Rei voltava com a familia d'um passeio.

Vagas ameaças tornavam espessa a athmosphera e sombrios presentimentos pezavam nos espiritos.

O Rei, porém, era um homem... valente como o bronze leal que ornava os cavalleiros, cujos feitos illuminavam a historia do povo que governava... arrojado como aquelles que tinham desfeito as lendas do mar tenebroso.

Era sabio e artista, a Europa admirava-o.

Era amoroso e franco e não suspeitava por isso a existencia de cobardes entre os subditos!...

E foram estes que o ma-

OLIVEIRA DE FRADES — Grupo de sacerdotes e leigos que assistiram á festa de N. Senhora de Lourdes na capella particular do ex.mo sr. dr. Antonio d'Almeida. Ao centro Sua Ex.a Rev.ma o senhor D. Antonio Alves Ferreira, venerando bispo de Vizeu.

*

Passavam annos e n'aquelle paiz de céo azul, principiavam a desencadear-se odios e intrigas, assoprados por ambições sem termo e cedidas por politicos sem escrupulos...

Que importa que elle fosse de todos os paizes o mais privilegiado pelas graças do senhor e o mais rico de dadivas naturaes?!

Floresce a larangeira rescendente de perfumes,.. e a creança sorri pelas tardes calmas, á messe dourada, que a encanta e lhe fornece pão para o lar, mas debaixo dos peitos dos homens que o habitam o odio e o facciosismo entrechocaram-se, desencadeando tempestades...

Que importava que a historia do reino a que o principe pertencia, fosse um hymno de gloria e de heroismos; que uma geração de aguias alli tivesse erguido vôos alterosos e nunca egualados; que d'uma nesga do occidente tivessem sahido relampagos que illuminavam o mundo e echos sonorosos que enchiam e encantavam a terra?!..

Pouco a pouco, a raça das aguias degenerava, em milhafres, que farejavam as migalhas das glorias d'outros tempos... em abutres que farejavam no horisonte entenebrecido o espolio do morticinio!...

E os odios e as invejas mais damninhas aguçavam cubiças ferozes e sanguinarias...

No seculo da telegraphia sem fios e dos alados machinismos pedia-se sangue alheio, para lavar as proprias iniquidades!...

OLIVEIRA DE FRADES— Sua Ex.a Rev.ma o senhor D. Antonio Alves Ferreira, bispo de Vizeu, em casa do ex.mo sr. dr. Antonio d'Almeida, depois de ter ministrado o Chrisma ao povo.

(Clichés de Tono Eiza, phot. am.)

Dias depois recebia ella um lindo coração d'ouro, tendo ao centro uma granada, em feitio de roza.

Dir-se-hia uma gotta de sangue!...

No dia seguinte os jornaes traziam a narração da tragedia...

. . . .

Fôra aquelle o ultimo presente!

V. CLELIA.

Os alumnos do Collegio Almeida Garrett, do Porto, admirando as capellas imperfeitas do antigo Mosteiro de Nossa Senhora da Victoria (Batalha)

taram... ao virar d'uma esquina, traiçoeiramente, como a um lobo!...

Cahiu tapando os olhos para não ver até onde tinham descido os descendentes d'uma raça de santos e de heroes!

E ao lado d'elle cahiu tambem o principe louco, cujos olhos eram avelludados e doces como o céo do seu paiz, cheios de luz e de riso como uma madrugada em flôr!..

*

No entanto, a linda Thereza perdida de amores, noivava e não esquecera a promessa do principe formoso.

N'uma carta de ingenuos dizeres participou-lhe o proximo casamento.

Mosteiro de Alcobaça

Castello de Leiria
(Clichés tirados por um alumno do Collegio Almeida Garrett).

Vida Intensa

(CHRONICAS D'ALÉM FRONTEIRAS)

A litteratura cynematographica creou uma nova personagem de gatuno celebre, ladrão moderno vestido pelo Davidson, com *fauteiul* na opera e praça assente no Jockey-Club, especie de semi-deus do crime, invencivel, collossal. Coynau Doyle creando a novella policial e dando fóros de verosimilhança a esse phantastico Scherolck-Holmes, deu azo a toda essa alluvião de policias

PORTO—Lançamento da primeira pedra para o novo bairro operario de «O Commercio do Porto»

PORTO—Diversos convidados que assistiram á festa

Devido á iniciativa do nosso presado collega «O Commercio do Porto», realisou-se ha dias a solemnidade do lançamento da primeira pedra para a construcção de um novo bairro operario com a assistencia das auctoridades e muito povo.

celebres e de gatunos não menos celebres ainda. A moral ingleza, applaudiu a innocencia das novellas policiaes mas não lhe viu o perigo. Todos os paizes foram na corrente. O velho romance *á sensation*, com paes tyrannos e filhas tyrannisadas, lances tragicos de quadrilhas sinistras, na Calabria ou na Terra Negra, cederam passo, á novella moderna relatadora admiravel das proezas do *dectetive*.

PORTO—O sr. governador civil discursando

Surgiram os Zupin, os Raffles, as Miss Boston e os Nic Karter, por todos os paizes e em todos os livros e começou a fazer-se a descripção do crime moderno, engenhoso, habil, complicado, onde a intelligencia e a manha, pesam mais que o instincto. Relatando as proezas do *dectetive* relataram-se proezas do gatuno e essas obras, que não feriam o pudor, iam lentamente amarrotando as consciencias. N'esses livros encontra-se um verdadeiro tratado de crimes. As mais agudas subtilezas do roubo moderno, os mais complicados processos de matar, alli vêm relatados com fidelidade e com clareza.

PORTO—Aspecto geral da assistencia

(Clichés de J. d'Azevedo, phot. da «Ill. Cath».)

pela novella sómente e foi para o cynematographo tambem, suggestionar a multidão e abalar, para que nega-lo, os bons instinctos.

Projectaram-se fitas, aliás interessantes, mas das mais perigosas que se pode imaginar, porque lenta e mansamente foram deixando nas consciencias visões perturbadoras de crimes.

Não é afinal evidente, que o relato nos jornaes, dos crimes que infelizmente se perpetram dia a dia é um dos multiplos factores do progresso da criminalidade? Pois imaginem as mil desgraças que póde suggerir n'um espirito fraco e facilmente suggestionavel a projecção d'esse genero de fitas.

1. *MATTOSINHOS—A egreja onde se realisou a festividade religiosa ao Espirito Santo.*

2. *MATTOSINHOS—Um grupo de senhoras gosando o arraial.*

3. *MATTOSINHOS—Descançando as fadigas da romaria.*

O criminoso tem n'essas obras o melhor auxiliar da sua carreira. Mas a moda não ficou

Até certo ponto este genero representa um triumpho sobre a immoralidade que nos ultimos tempos campeava infrene no theatro e no romance mas como nada é perfeito n'esta vida transitoria, o que se ganhou por um lado está-se a perder tristemente pelo outro. Que importa, afinal, que o pequeno drama cynematographico não possa ferir o pudor das raparigas, se accendendo a phantazia e remechendo o fundo novellesco—que Deus louvado—todos nós possuimos, vae suggestionar-nos da maneira mais perigosa?

O cynematographo inventou agora um novo ladrão, creou

MATTOSINHOS—Um aspecto do pinheiral onde o povo da romaria se diverte

MATTOSINHOS—Um aspecto do arraial (Clichés de J. d'Azevedo, phot. da «Ill. Cath».)

PORTO--Romaria do Senhor da Pedra

Na linda ermida situada no extenso areal fronteiro á povoação de Miramar, foi ha dias festejada a veneranda e devotissima imagem do Senhor da Pedra. A parte religiosa que constou de missa cantada e de tarde sermão teve sempre uma assistencia extraordinaria de fieis.

Capella do Senhor da Pedra

Um aspecto do arraial

Outro aspecto do arraial

---

no seu *geiffard*, um symbolo d'astucia, de manha, d'agudeza, fez d'esse homem o mais astuto dos gatunos, vencendo todos os *dectetives*, e cerzindo com certa arte as suas aventuras, traçou os pequenos dramas que cheios de interesse, d'inesperado, de romantico, fazem as delicias das plateias do genero.

São afinal scenas interessantes, que emocionam, subjugam, crimes varios, sequestros habilidosos, raptos ousados, assassinatos subtis por processos scientificos. *Geiffard* é no genero um modelo d'habilidade e d'astucia mas francamente se pensarmos bem todas essas scenas, no livro, no theatro ou no cynematographo, com o relato fiel de tantos crimes, são o que se poderia chamar, muito pittorescamente, sem recorrer á phantasia, a historia da philosophia do crime.

José de Faria Machado.

FIGURAS DA BEIRA

Parenthesis

I

Alguns leitores amaveis, e criticos independentes, me obrigam a um parenthesis bastante longo, mas irremediavel, d'esses parenthesis que vêem a pêllo quando já não opportuno ampliar, (como seria lógico, a ser possivel, o

prologo ou preludia d'um trabalho que aspire entranhadamente a ser verdadeiro e justo.

Aquelles leitores e criticos, é evidente, são dos que, admiraveis collaboradores em notas, em ensinamentos, em judiciosos reparos, vivem a nossa obra com uma devoção perfeita, que bastaria para lhes dar a mais pura e prestigiosa auctoridade.

Não são, decerto, d'esses leitores crueis que nos pedem contas das gralhas typographicas, ou que nos exigem columnas expessas de prosa conselheiral, pesada, solemne, de qualquer coisa de massiço e formidavel como um obelisco ou como um canhão de Diu.

Taes leitores e criticos tenho-os eu com veneração no catalogo dos monumentos de pachorra e escrupulos. Mas, infelizmente, não tenho feitio nem indole para lhes seguir os passos, tão solidos e tremendos, que, ao caminharem, deixam, em vez de vestigios, profundos abysmos dos quaes tenho muito medo.

Não a esses me dirijo, por mais que os respeite e venere.

Dirijo-me aos que ensinam, mesmo que nada com elles aprendamos, aos que não vêem as pessoas se não depois de verem os factos e os principios, aos que se não enfurecem com um contorno ligeiro, logo que vejam palpitar n'elle qualquer coisa de uma alma.

São esses espiritos-estrellas e espiritos-cajados, illuminam e emparam, criticam porque entendem e sentem que o criticado não pense desvairada-

1. *Romaria do Senhor da Pedra—O povo esperando o comboio.*

2. *O povo assaltando o comboio.*

3. *Partida de um comboio.*

(Cliché de J. d'Azevedo, phot. da «Ill. Cath»).

mente só em si, e tanto que teme os reflexos, grandes ou pequenos, dos outros.

* * *

O primeiro reparo dos leitores e criticos, para quem tenho olhos e ouvidos bastantes, parece-me estar algo respondido nas desenfastiadas palavras preliminares que estes modestos estudos tiveram. Esse reparo é este: *falla de homens notaveis da Beira e rompe com um prelado que era de Lisboa, vivendo em Lamego apenas uns annos?*

BUSSACO—Grande Hotel

Já respondi, que julgo *Figuras da Beira* todos que na Beira... figuraram, o que me parece bastante normal e justo. Poderia ainda responder: que, a não ser aquelle prelado, o santo, o inolvidavel D. Antonio Thomaz, todos os outros foram da Beira, e quasi todos de Lamego?

BUSSACO—A matta: Ao centro o edificio do Grande Hotel

Entendo, pois, que os bondosos criticos não são desfavorecidos por uma resposta sophistica e frivola.

Mas não se limitam áquelle reparo. O mais grave na apparencia é seu affecto outro que me apresso e resumir: *Não será o auctor das «Figuras» injusto na ordem que dá á sua galeria?*

Eu ouso affirmar que não sou injusto, collocando primeiro figuras, geralmente, ou facilmente, ou provavelmente, consideradas secundarias.

A primeira razão é que eu não publico, de uma maneira *definitiva*, o meu modesto trabalho. Côlho elementos, apresso-me a publica-los, e assim preparo o que mais tarde deve ter muitos correctivos não só na essencia como na propria fórma, que tem de ser menos apressada e impulsiva. Por agora, mais estimulo o interesse dos que sabem amar o passado e fazer-lhe justiça em ensinamentos, notas e informações perfeitas, do que exponho um trabalho definitivo, com aspirações legitimas a completo e immutavel — se taes trabalhos existem dentro de forças humildes como as minhas.

Como aliás, frequentemente me succede — por mais que pensem e digam o contrario infusorios mentaes e moraes, por mim tão

BUSSACO—Obelisco commemorativo da Guerra Peninsular

(Clichés do phot. am. sr. Luiz T. Neves).

PORTO—Egreja da Trindade. Aspecto do interior da egreja durante a festividade

PORTO—Egreja da Trindade. Os fieis sahindo pela porta lateral

(Clichés de J. d'Azevedo, phot. da «Ill. Cath»).

respeitados como se fossem aguias ou leões —penso muito mais em factos, em verdades, do que no applauso festivo dos que em todas as graphias só procuram o plumitivo, e não os assumptos por elle trazidos a lume segundo os impulsos da sua consciencia.

Mas ha outra razão para eu ter dado a preferencia a algumas figuras secundarias... e esse é a impenitente convicção de que algumas d'ellas são deveras... primarias, como vou expor.

JOSÉ AGOSTINHO.

Conselheiro Domingos José de Souza

Falleceu este virtuoso ecclesiastico e importante capitalista em 21 do corrente na villa de Barcellos

O distincto «sportman» snr. Alberto Costa que obteve o primeiro premio no ultimo torneio realisado em Guimarães no «stand» da Feijoeira

(Cliché de Francisco P. Mendes)

PENAFIEL—Egreja do Calvario. O altar de N. S. da Conceição

(Cliché de Braz F. S. Meirelles).

NOTAS DO ESTRANGEIRO

ESTADOS UNIDOS—Sessão do Congresso americano (senadores e deputados reunidos) na qual o presidente Wilson pediu auctorisação para arbitrar recursos no caso de se declarar guerra ao Mexico

ARGELIA—Inauguração da estatua de Santo Agostinho na collina de Hippona

Illustração Catholica

INDICE DO 1.º ANNO

N.os 1 a 52. — Desde 6 de julho de 1913 a 27 de julho de 1914

Texto

ILLUSTRAÇÕES

Vistas e successos de varias localidades do paiz

M

O

P

R

S

T

V

VARIEDADES

Successos politicos e outros, accidentes, monumentos, esculpturas, quadros e vistas do estrangeiro

A

B

ILHAS E COLONIAS

Scenas familiares e phantasias

RETRATOS

Auctores do texto

NOTA—Ha artigos da redacção não assignados, e outros, que os seus auctores não quizeram subscrever. Os algarismos indicam o numero do jornal.

Fugindo á tempestade

(Cliché de J. d'Azevedo)

PROPRIETARIO
Joaquim Antonio Pereira Villela.

DIRECTOR
Dr. Francisco de Sousa Gomes Velloso.

EDITOR
Antonio José de Carvalho.

ADMINISTRADOR
Clemente de Campos A. Peixoto.

Illustração Catholica

Revista litteraria semanal de informação graphica

Redacção, administração e typographia
83, R. dos Martyres da Republica, 91
BRAGA

CONDIÇÕES D'ASSIGNATURA
PAGAMENTO ADEANTADO

Portugal e colonias (1 anno) . .	2$400
» » (6 mezes) .	1$200
» » (3 mezes) .	600
A cobrança feita pelo correio ou pelo cobrador, accresce o importe das despezas.	
Estrangeiro (1 anno)	3$000
» (6 mezes)	1$500
Numero avulso	60

Numero 53 Braga, 4 de julho de 1914 **Anno II**

ILLUSTRAÇÃO CATHOLICA

Revista litteraria semanal de informação graphica

Christus vincit Christus regnat Christus imperat.

Proprietario, Joaquim A. Pereira Villela. Director, Dr. F. de Sousa Gomes Velloso

EDITOR Antonio José de Carvalho. ADMINISTRADOR Clemente de Campos A. Peixoto.

Braga, 4 de julho de 1914 | REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E TYPOGRAPHIA *83, R. dos Martyres da Republica, 91* Não se restituem os originaes | Numero 53—Anno II

VALENÇA—Santo Estevão. O altar de Nossa Senhora na conclusão do mez de maio

Chronica da Semana

LIII

FAZ hoje um anno que a *Illustração Catholica* appareceu. E' dia de festa n'esta casa. Praza a Deus que o seja tambem para aquelles que nos coadjuvaram por qualquer modo; será isso prova de que, ainda longe do nosso supremo desejo, correspondemos todavia ás esperanças de muitos...

Um esforço levado a bom fim traz sempre ao coração uma alegria, uma paz muito semelhante á do trabalhador que dá o ultimo toque á sua obra ou á do luctador que póde olhar desvanecido e contente a espada que lhe grangeou laureis para a fronte e a honradez do nome para a historia!

E nós volvemos atraz os nossos olhos, n'um retrospectivo relance em que deixamos partir, voar tambem a nossa alma; abrimos, uma a uma, devagar, como quem faz um exame de consciencia, as paginas que semanalmente juntamos n'um volume, e sentimos sim, que a consciencia nos fica serena, sem outro sentimento que não seja o de uma aspiração ainda maior.

Não recapitulamos o que fizemos, por escusado. Está ahi n'esse volume que é cofre da nossa dedicação e padrão da nossa boa vontade...

Um anno! E volta ao nosso espirito a interrogação que no primeiro dia, ao apparecermos com esta publicação de tanta necessidade no nosso meio desgastado pela obscuridade colorida de arte, pelo gosto doentio das flores pallidas do mal; volta ao nosso espirito, diziamos, aquella interrogação:—chegaremos ao fim?!...

Quem no-lo dera!

Ha muito de sacrificio n'esta obra, ha dissabores, ha receios, ha até desesperanças. Não importa. Quem no-lo dera! Marcar com uma nova pedra branca o nosso segundo anno! Temos o animo provado d'aquelle que nasceu para cumprir o dictame de Deus, ganhando o pão com o suor da sua fronte; e a vontade tão rijamente se temperou nas rudes fraguas das tristezas e no embate das batalhas da vida,—que já fizemos o nosso leito de morte á sombra dos bastidores onde pela primeira vez nos defrontamos.

A nossa crença religiosa não foi maculada sequer levemente; o nosso amor á terra da patria, que hoje beijamos com o fervor do exilado que regressa, não foi injuriado nem ferido!

... Quem no-lo dera!

Vamos para a frente. A estrada vêmo-la d'aqui, á nossa frente, branca d'um pó que o sol mais branco torna, descrevendo uma curva cuja extremidade não se alcança.

... Quem no-lo dera! Marcar com uma nova pedra branca o segundo anno da *Illustração!...*

Praza a Deus que os leitores o queiram como nós!

F. V.

VIDA INTENSA
(PAGINAS D'ALEM FRONTEIRAS)

UM extrangeiro curioso, que visite de norte a sul, esse desgraçado e bello país, tão desgraçado como admiravel e que, ignorando a sua miseria politica e a sua desgraça economica, frequente aldeias e cidades, corra serranias e valles, esses córtes surprehendentes da paisagem portugueza, sempre nova e sempre enternecedora, ha-de experimentar positivamente um inexplicavel mal estar. Muito embora atravesse povoações em festas, alvoroçadas de bailes e romarias — povo extranho, raça negregada sempre a cantar e a bailar sobre o tumulo! — ou percorra cantos modorrentos e tranquillos, que o mesmo mal-estar, mascarado de risos ou passivas indifferenças, se ha-de patentear claro, evidente. E' que a phisionomia dos povos como a phisionomia dos doentes tem, mesmo para os extranhos, infalludiveis symptomas de doença e de catastrophe.

VALENÇA—Santo Estevão. Grupo de meninas que tomaram parte nas musicas religiosas executadas durante o mez de maio e na festa da conclusão

O extrangeiro, com o seu *kodak* e a sua curiosidade, a quem *Beadeker* aponta em cada canto um monumento, uma recordação, um feito, ha de encontrar extraordinario que um paiz, que foi grande no passado, cheio de tradicções e de lendas, não tenha no presente, o menor culto da tradicção e elle, que desconhece, que felizmente para nós ignora ainda, esse parenthesis de vergonhas que se fez na historia d'um povo, ha de achar inexplicavel essa desproporção tremenda entre o passado e o presente, mantida por essa tenaz obsessão que quasi embriaga esse povo cuidadoso só de es-

Rebello Jor

quecer para viver a vida facil e nova d'actualidade. Elle, que vem dos paizes onde o culto da tradição é uma religião piedosa, elle que vem affeito a admirar, a venerar o passado, ha de sentir fatalmente uma desagradavel impressão que avoluma, radica, no mais insignificante aspecto da vida portugueza.

E elle, que se não limitou a percorrer as capitaes mas que vae até ao mais recondito das provincias surprehenderá em todos os lados, os mesmos innilludiveis aspectos.

O que pensaria esse turista despreoccupado mas observador quando, ha dias, o acaso lhe fez presenciar em Vianna do Castello, o enterro do mallogrado e illustre official de cavallaria, Alvaro Pimenta da Gama?

VALENÇA — Santo Estevão. Grupo de zeladoras que estavam encarregadas da ornamentação do altar de N. Senhora

Uma coincidencia fa-lo desembarcar na gare da linda cidade ao mesmo tempo que um cadaver. Ha gente cumpungida e luctuosa aguardando o feretro.

Positivamente não se trata d'um enterro vulgar. Um official sustem um almofadão com o kepi e a espada do morto e o nosso homem deduz, com a precisão mathematica d'um *detective* inglez, que se trata do enterro d'um official do exercito.

O extrangeiro rejubila: vae presenciar um espectaculo triste é certo, mas um espectaculo interessante. Fóra estará por certo uma força da guarnição, com os seus garridos uniformes e uma legião d'officiaes, emplumados, condecorados, esperará o companheiro. Sahida a estação, o *kodak* em riste, o extrangeiro não distingue mais que quatro ou cinco militares. Intrigado, inquire se na cidade ha guarnição e perante a resposta affirmativa de que trez ou quatro dezenas d'officiaes existem nas unidades da terra, pergunta a si proprio, intrigado, confuso, porque razão alli vê apenas os amigos do morto e não vê mais que quatro ou cinco camaradas!! Aonde estarão os outros que faltam ao mais sagrado e piedoso dever de camaradagem? Aonde estarão?!!

VALENÇA — Santo Estevão. Altar-mór

VALENÇA — Santo Estevão. Grupo de creanças que receberam a 1.ª Communhão

O extrangeiro não o pode saber. Elle, que ignora o parenthesis de vergonha da historia d'esse povo, ignora tambem que aos destinos d'um exercito glorioso preside um despota de papelão.

Elle, não sabe que esse exercito, aureolado de gloria no passado, cheio de tradições, coberto d'honras, com uma historia nobillissima escripta com bravura e com sangue, um exercito que assombrou o mundo está desde cinco d'outubro, vexado, humilhado, opprimido, sob a vigilancia dos formigões, ao arbitrio dos demagôgos, em pleno regimen aviltante das fichas que um *André d'opereta* cuspiu sobre as suas fardas.

1. VOUZELLA—Cambra de Sena. Capella do Espirito Santo e o arraial no dia da festa.

2. VOUZELLA—Cambra de Sena. Vista do Castello. Junto outro aspecto do arraial do Espirito Santo.

3. OLIVEIRA DE FRADES—Cunhêdo. A antiga ponte sobre o Vouga.

(Clichés de Tono Eiza).

Elle que vem de paizes onde o espirito de classe, congregando e unindo, é uma força, não pode saber que a inexplicavel razão d'essa ausencia, é o terror que domina uma corporação illustre, que deveria viver acima de todas essas baixezas, é a demagogia feroz que não consente uma manifestação de camaradagem perante o cadaver d'um official brioso e disciplinador, que muito embora cumprindo o seu dever, jamais esqueceu o seu primeiro juramento.

E Deus queira que não chegue a sabe-lo o extrangeiro curioso a quem tanto surprehendeu aquelle abandono, para que não augmente cá por fóra, a tristissima ideia que já fazem de nós.

JOSÉ DE FARIA MACHADO.

Braga-Escola Academica

Escola Academica é um novo collegio segundo o regimen lyceal que no começo do anno lectivo se fundou n'esta cidade. Está installado no Palacête das Hortas, vasto e magnifico edificio, contiguo e sobranceiro á estação do caminho de ferro, com bellas vistas para todos os lados, sobresahindo a do extenso e formoso valle do Cavado, inteiramente desafogado de edificios e banhado de luz o que o torna sobremaneira agradavel e hygienico. No interior tem salões amplos e bem arejados por largas janellas, mui confortaveis e perfeitamente adequados ao fim para que a intelligente direcção os soube aproveitar. As peças mais importantes de edificios d'este genero, de maior cuidado e responsabilidade na adaptação, como sejam dormitorios, aulas e salas de estudo, pois da sua capacidade, disposição e arranjo depende o bem estar e saude dos alumnos, póde-se dizer sem exagero que já satisfazem bem e estamos convencidos, porque conhecemos de perto as qualidades de trabalho e zêlo do principal superintendente no governo d'este collegio, o rev. Padre Cezar, que continuamente se aperfeiçoarão até nada deixarem a desejar. Sabemos tambem do esmero que ha no tratamento dos alumnos que teem realmente, como a alguns d'elles mesmos já ouvimos confessar, uma meza farta e o melhor possivel variada.

Quanto á parte litteraria basta dizer que o corpo docente é todo composto de professores com larga pratica de ensino em outros collegios e em cursos livres. Com taes elementos

Conego Domingos da Annunciação Pinto

Um dos informadores para a erecção de Damão em diocese e que havia suggerido este projecto ao seu condiscipulo, então negociador junto da Santa Sé, o senhor Bispo D. Antonio Thomaz da Silva Leitão e Castro, de quem fôra secretario e amigo muito dedicado

(Cliché do dr. Theodorico Collaço, fallecido).

Edificio da Escola Academica

e condições de vida antevemos e auguramos a este collegio um futuro auspicioso pelo que felicitamos os seus prestimosos e benemeritos fundadores.

FIGURAS DA BEIRA

Parenthesis

II

É, para mim *primario*, ou *primacial* (que n'este sentido tomo o termo), tudo que é digno de veneração e estima sem espirito sectario ou pessoal.

Àssim, figuras vulgarmente julgadas primarias as julgo eu, com ousadia incorrigivel, muito proximas da modesta cathegoria de *quaternarias*.

Vou exemplificar, para que me não fuzilem com os epithetos de paradoxal arbitrario, e outros por mim tão temidos como o graniso e os mosquitos.

Na nossa historia, teve muito tempo emergencia de *primario* o, aliás, grande Mendes da Maia, o *Lidador*. Li em varios chronistas, que o velho combatente, digno de Homero como Achiles, só poderia ceder, e com fortes duvidas, ao explendor e prestigio de D. Affonso Henriques. Comtudo — e perdoem-me os cantores das epopeias augustas — eu acho o *Lidador* secundario, se é que não acho secundarios todos os seus coevos, ao pé do caracter, da coragem immensa e pura, do sublime Egas Moniz.

Primario, quanto a mim, este, que nem teve o subsidio dos impulsos dos nervos, vibração a que se devem tantos heroísmos... que seriam quasi covardias com o uso do brometo de pottassio, ou d'um inopinado banho de chuva.

Primario, o bom Egas, e não por ir descalço e de corda ao pescoço, com toda a familia —o que podia ser astucia vestida de habilidade decorativa —mas por comprehender, como ninguem, que nada é perduravelmente autonomo, um individuo, ou um povo, sem a noção basilar da honra, limpas a fé e a vontade, a vida e o nome, do labeu ignobil da traição, do embuste.

O *Lidador* podia ser um ambicioso, um matador por temperamento, um flagello inconsciente, embora epico, embora servindo leoninamente uma causa sagrada e grande: Egas Moniz é que, ainda que a

Escola Academica — Os alumnos fazendo diversos exercicios de gymnastica elementar

Historia lhe tivesse escondido o feito, seria sempre sublime, e tanto, que d'elle tinha de depender a razão logica e pura d'uma nova e gloriosa nacionalidade.

Assim, eu não vejo as *Figuras da Beira* pelos seus pergaminhos ou pela sua grandeza decorativa, nem mesmo pelo fragor dos seus passos na vida. Mais, eu não as vejo até pela sua obra no que tem de fulgurante e empolgante — pois não me esqueço de que ha valores *primaciae*s em muitos que apenas se engrandecem, á custa do tino e astucia com que escolhem os seus cooperadores.

Escola Academica — Exercicios e gymnastica elementar e lucta de tração

Vejo-as pelo que têm de verdadeiramente *seu* e perfeitamente consciencioso.

Que me importa o supposto genio do mediocre que tem a felicidade de possuir lavores de Benevenuto Cellini, quadros de Raphael ou Rubens, laminas de Toledo, purpuras de Tyro, primores que exhibe com apparente consciencia, mas que não receberam d'elle, nem mesmo poderiam receber, um pedaço d'alma?

Por outro lado, entre a pompa e a força impulsiva d'um dominador, Napoleão que fosse, e a consciencia e virtude d'um santo, do mais obscuro dos anachoretas, eu prefiro sempre, irresistivelmente, o que me falla mais de humildade do que do estrepito e do poder.

E julgo que o progresso humano, a boa visão de Deus, vem mais do exemplo das searas planas e modestas de verduras, do que da altaneria dos robles e pinhaes severos. Fio mais da fecundidade de uma existencia tranquilla e avêssa a predominios, do que das impulsões d'um homem furacão que nos impõe ideias e factos, deslumbrando, rugindo, esmagando... para ter um renome, uma prancha, uma estatua, ou, ao menos, um soneto em cima do mausoleu de jaspe.

E vamos agora ao ultimo reparo dos meus leitores e criticos amoraveis.

III

O ultimo reparo é que não dou notas biographicas de caracter minucioso, e que não vou procurar nas *Figuras da Beira* as velhas ascendencias, os antepassados dignos da Historia.

D'este reparo, na primeira parte, me deu sonoroso ataque um velho patricio e amigo, afflictissimo com os prejuizos que, a seu ver, pódem resultar das notas rapidas e concisas.

O ataque foi formidavel, mas eu fiquei sereno e impenitente como um fragão atacado por doces brisas do outomno.

Carlos d'Amaral Osorio (Almeidinha)

Morreu confortado com os sacramentos da Egreja. Era um catholico sincero, um caracter nobre e um bom. Provou-o o seu acompanhamento em que os habitantes de Mangualde, os pobres e os seus numerosos amigos pranteavam sentidamente a sua morte. O saudoso extincto era descendente de uma familia nobre.

E succedeu isto, depois de eu redarguir ao estimavel censor: que não pretendo catalogar factos, mas destacar figuras; que não julgo de infinita importancia, regional ou nacional, e muito menos mundial, o caso de um beirão ter feito seu compadre um certo cavalheiro, vestido de preto e com brilhantes nos dedos das mãos, e talvez dos pés; emfim, que os acontecimentos só valem, devéras, quando caracterizam epochas e individuos.

Quanto á segunda parte do reparo, a que me venho referindo, preoccupou-me mais, até pela qualidade mental de quem o fez.

Expoz-me, com sincerida-

MONSÃO — Troviscoso. Aspecto do arraial na festa do C. de Maria. Ao fundo a egreja parochial

MONSÃO — Troviscoso. Vista geral da processão do C. de Maria

de e com o brilho que em tudo revela sempre, o meu prezado patricio general Francisco de Menezes, notavel poeta, millionario de talento, senso esthetico e amor da boa justiça.

E em que condições! Foi no seu bello e artistico, no seu fidalgo lar de S. Pedro do Sul. Estava presente sua esposa, a senhora D. Elisa de Menezes, modelo de donas-de-casa e de christãs e portuguezissimas esposas, nobre pela linhagem, pelas virtudes e pelos talentos, tão admiravel interprete de Lamartine e de Byron como invulgar educadora de todos que têm o prazer e a honra de a ouvir e vêr.

Para auge do enleio, assistia ainda, com sua veneranda esposa e a netinha Maria Luiza, um canario na voz e já aguiazinha no espirito, outro poeta, e delicioso, Antonio Albino d'Andrade, o mais intelligente e generoso subsidiador da minha tarefa de pequeno chronista.

Já não sei o que volvi ao reparo. Cercavam-me demais capitosas flôres, e algumas d'ellas rescendiam perturbadoramente a vivas saudades por um passado que, se po-

MONSÃO — Troviscoso. Outro aspecto da processão. A' esquerda o andor com a nova imagem do C. de Maria

Aqui fica o requerimento. Quem sabe se elle, por mercê de Deus, não vae arrancar o glorioso poeta á sua thebaida de flores, obrigando-o, com beneficio para todos, a derramar tanta luz que tem feito sobre verdadeiras e até profundas trevas?

E, respondidos assim os benevolos reparos, prosigamos.

A estrada ainda é longa e aspera, mas, como vêem, poucos caminheiros assim terão tido a benevolencia e o auxilio de quem faz justiça ao arrojo da jornada.

JOSÉ AGOSTINHO.

MONSÃO — Troviscoso. Imagem do C. de Maria

desse voltar, por uma hora que fosse, valeria mais do que um futuro de seculos...

Mas, se não respondi tudo, aqui renovo a resposta.

Eu não penso, n'estas *Figuras da Beira*, em excavar ascendencias, esmurilhar contendas heraldicas, exhumar o que se não refira, proxima e directamente, ás individualidades evocadas.

Penso em destacar, dentro da verdade, uma individualidade como ella valeu *de per si*, grande ou pequena, como independente que deve ser do prestigio das suas tradições ancestraes.

Mas, alem d'isso, se para algumas desejasse a valorização derivada do conhecimento perfeito de linhagens, eu não o poderia fazer, pelo menos já, porque o commettimento exige, senão outras forças, outro lazer, outra orientação, outra experiencia.

E, a proposito quem melhor o faria do que o mesmissimo poeta Francisco de Menezes, tão provado em profundos estudos genealogicos, e que a *Illustração Catholica* decerto receberia com tanta alegria como proveito?

Alvaro Pimenta da Gama

(Capitão de cavallaria)

Victimado por uma pneumonia, falleceu ha dias, no Porto, este illustre official do exercito, natural de Vianna do Castello.

Esteve detido, durante alguns mezes, por motivos politicos, no quartel de infanteria 29, de Braga e respondeu, com ontros officiaes do exercito, no tribunal marcial da mesma cidade.

MONSÃO — *Troviscoso. Grupo de creanças que tomaram parte na procissão*

(Clichés do phot. am. snr. Pereira Junior).

Fastos do Catholicismo

Entre a Santa Sé e a Bulgaria

A imprensa deitou a correr mundo a noticia de existirem negociações entre a Santa Sé e a Bulgaria, respeitantes á conversão eventual ao catholicismo dos bulgaros que habitam a Macedonia e ao protectorado religioso dos catholicos macedonicos que habitam a Servia e a Grecia. Mas estas noticias, como tantas outras de identica origem, estão desmentidas officialmente. São puramente phantasistas pois a Santa Sé não se occupa de taes questões.

Para o Congresso Eucharistico de Lourdes

S. Santidade designou o Em.^mo Cardeal Gennaro Granito Pignatelli di Belmonte para presidir, com o titulo de legado pontificio, o Congresso Eucharistico Internacional, que se vae reunir em Roma, no proximo dia 22 de julho. Esta nomeação foi acolhida em França com muita satisfação, pois o Cardeal deixou alli as melhores recordações quando occupou a nunciatura.

Acompanharão o Em.^mo Cardeal, Mons. Legane, protonotario apostolico, o conde Philippe Sassoli de Bianghi e D. Camillo Bellaigne, estes dois camareiros de S. Santidade.

Grande audiencia geral

Ha poucos dias reuniram-se no Pateo de S. Damaso 8.000 pessoas para receberem a benção de S. Santidade. Pio X foi recebido na varanda por muitos bispos, entre os quaes quatro canadianos: Mons. Mathieu, bispo de Regina, Mons. Cloutier, bispo de Trois-Rivières; Mons. Bernard, bispo de Saint-Hyacinthe e Mons. Beliveau, bispo auxiliar de Saint-Boniface.

Depois do hymno pontificio tocado pelos gendarmes e das acclamações da multidão, deu a benção solemne. Demorou-se em seguida a escutar o canto *Queremos Deus*, hymno das associações catholicas, e depois, sahindo da varanda, entreteve-se alguns momentos com os bispos presentes.

R. C.

BRAGA—Os professores primarios do concelho e as creanças das escolas esperando, no local de S. João da Ponte, a chegada dos professores do concelho de Guimarães, na sua ultima excursão a esta cidade

BRAGA—Alumnos da escolas primarias e curiosos que se approximam do local da espera

MONSÃO — *Festa do Corpus Christi. Combate entre S. Jorge e a Cóca*

(Cliché do phot. am. snr. Pereira Junior).

VILLA NOVA DE CERVEIRA — *Na festa da Pena. Um rancho de romeiros*

VILLA NOVA DE CERVEIRA — Um aspecto da feira quinzenal

VILLA NOVA DE CERVEIRA — Feira do gado (lado norte)

(Clichés do phot. am. snr. Alberto Marreca).

A "Illustração Catholica" no Brazil

S. PAULO—Seminario Episcopal e Collegio Diocesano de Taubaté.
Socios fundadores do Gremio Litterario Padre Antonio Vieira.

S. PAULO—Torrinha. (Diocese de S. Carlos.) Grupo de creanças que fizeram a sua primeira communhão.
No 1.º plano algumas senhoras catechistas e o vigario padre Luiz Augusto da Costa Veiga.

VILLA NOVA DE CERVEIRA—Pic-nic promovido pelo «Cerveira Esperantista Grupo» No alto do monte de Nossa Senhora da Encarnação.

VILLA NOVA DE CERVEIRA—Grupo dos esperantistas cerveirenses que tomaram parte no pic-nic.

(Clichés do phot. am. sr. Anthero Barreiros)

ARMARIA PORTUGUEZA

Armas de cada appellido que entram na composição dos brazões das casas nobres de Portugal

Almeidas.—Em campo vermelho seis besantes de ouro, entre uma dupla cruz do mesmo ouro. Timbre: uma aguia vermelha besantada de ouro.

Alvarenga.—Em vermelho quatro contra-veiros. Timbre: meio leão rompante vestido de veiros.

Alvos.—Em azul um leão d'ouro e uma banda de vermelho que atravessa o leão carregada de tres lizes de prata. Timbre: o leão com uma das flôres de liz na mão.

Amaral.—Em campo de ouro seis crescentes de azul em duas palas. Timbre: um leão de ouro com uma faxa nas mãos e cauda azul.
Outros Amaraes uzam por timbre um leão d'ouro com uma azagaia nas mãos.

Rebello Jor

No campo

(Cliché de J. d'Azevedo)

PROPRIETARIO
Joaquim Antonio Pereira Villela.
DIRECTOR
Dr. Francisco de Sousa Gomes Velloso.
EDITOR
Antonio José de Carvalho.
ADMINISTRADOR
Clemente de Campos A. Peixoto.

Illustração Catholica
Revista litteraria semanal de informação graphica
Redacção, administração e typographia
83, R. dos Martyres da Republica, 91
BRAGA

CONDIÇÕES D'ASSIGNATURA
PAGAMENTO ADEANTADO)

Portugal e colonias (1 anno) . .	2$400
» (6 mezes) .	1$200
» (3 mezes) .	600
A cobrança feita pelo correio ou pelo cobrador, accresce o importe das despezas.	
Estrangeiro (1 anno)	3$000
» (6 mezes)	1$500
Numero avulso	60

Numero 54 — Braga, 11 de julho de 1914 — Anno II

CHRISTUS VINCIT. CHRISTUS REGNAT. CHRISTUS IMPERAT.

ILLUSTRAÇÃO CATHOLICA

Revista litteraria semanal de informação graphica

Proprietario, Joaquim A. Pereira Villela. Director, Dr. F. de Sousa Gomes Velloso

EDITOR
Antonio José de Carvalho.

ADMINISTRADOR
Clemente de Campos A. Peixoto.

Braga, 11 de julho de 1914

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E TYPOGRAPHIA
83, R. dos Martyres da Republica, 91
Não se restituem os originaes

Numero 54—Anno II

S. VICTOR

(Esculptura de José Evangelista Vieira, artista bracarense)

Chronica da Semana

LIV

ESTE seculo de agitações frementes de ideias, em que cada dia é marcado por uma invenção, e cada hora por um grito vibrante de guerra, seculo de estranhos requintes nos appetites em que a preoccupação do exotico abraça a do inedito, e uma sensibilidade sobreexcitada orienta a arte, leva-nos áquell'outro de fatuidade explendida e magnifica em que a voz solemne de Bossuet recordava aos senhores da terra, delirante de oiro, aquellas grandes e terriveis lições com que a Providencia sóe cadaverisar o orgulho humano! A tragedia de Sarajevo bem o demonstra aos incredulos e descuidosos.

E' preciso recuar na longa estrada da historia até ás lendarias dynastias da velha Grecia, cujos chefes, segundo a crença popular, hombreavam com os deuses, para vêr reunidos n'uma só familia tamanhos dramas como os que feriram a casa illustre de Hamburgo!

Ella passa no scenario da vida dos povos como um cortejo de dôr e de desgraça, e Francisco José surge como a incarnação de ambos, soberano sagrado para veneração bondosa de mil raças diversas, pela mão chupada e poderosa da mão chupada e poderosa da Morte, que é, como a Vida, mensageira dos designios imprescindiveis do Senhor!

Atirado aos 18 annos para os encargos d'um throno oscillante, pela onda revolucionaria, era destinado ao pasto dos lutos que dilaceram, e parece que Deus o poupou á sanha ferina do sicario que em 1853 tentava apunhala-lo nas ruas de Vienna para que elle, victima innocente offerecida em holocausto ao moloch da maldade e do odio, visse a derrocada sangrenta de Sadowa, que, com os roubos da Venecia pela Italia e da Lombardia pela França, constituiu a grande provação da sua patria, cheia de sonhos de gloria e ambições de dominio.

E' aterradora, desde então, a precipitação das catastrophes.

Volvido um anno, o moço imperador vê cahir, varado, n'aquella madrugada horrorosa de Queretaro, pelas balas dos revolucionarios, quadrilhas mexicanas de Juarez, a seu proprio irmão; e quando a mysteriosa cillada de Meyerling lhe rouba o filho amado, em cuja fronte elle beijara a esperança mais bella da sua vida, começa de espalhar-se pelo povo a prophecia tragica de que o imperador enterrará dois herdeiros...

Era já grandiosa de luto a figura de Francisco José.

Ao lado, a viuva de seu irmão, accordava, em desafios roucos de cholera ou em escarcalhadas cordantes, os echos dos palacios, com a allucinação tenebrosa da sua loucura, emquanto elle seguia com o olhar nevoado de tristezas, o vulto esbelto da esposa, a formosissima imperatriz errante, que passeava por sobre a inquietação rugidora dos mares, a inquietação enygmatica do seu espirito e a remordente sêde da sua alma insatisfeita — até que o punhal de Luccheni a atirou para o tumulo!...

Sarajevo é um elo da mesma cadeia de mortes. A Austria e a Hungria inteiras vão offerecer os seus peitos saccudidos pelos soluços d'uma dôr que a todos fere, para que o velho rei n'elles descanse a fronte que o vendaval, como ao roble vetusto, fez curvar. Atravez do crystal de lagrimas, sôro em que a sua alma innocente se desfaz, duas creanças, fitam, na angustia esmagadora da orphandade, uma negra visão de dois cadaveres em cujos rostos laivados de sangue, deformados pela ultima aspiração titanica de viver, ellas reconhecem as feições do pae que as educava no culto da patria e da mãe que lhes ensinava as orações!...

Foi um servio que lhe feriu o coração e resequiu de novo as esperanças, acreditando vingar com o sangue uma affronta aos brios da sua raça. Mas na hora que passa, o Konak de Sarajevo onde foram expostos os cadaveres dos archiduques, faz lembrar um outro, o de Belgrado, em que uma noite de ha dez annos, outros servios massacraram sem piedade um homem inerme e tremulo e uma mulher que implorava perdão...

São assim as grandes e terriveis lições da Providencia, com que ella cadaverisa o orgulho humano !

F. V.

SERÕES ERUDITOS

XII

Aventuras das palavras

I

Futilidades e ninharias

UMA lingua, que eu me poria agora a estudar, aos 33 annos, sabem qual era? Não atinam, era o portuguez.

Justo! O portuguez. E não me refiro ao *calão*, para me habilitar a ler certas gazetas republicanas e, por vezes, os extractos das sessões parlamentares. Não, senhores. Digo o portuguez limpo e castiço, não só o dos Bernardes, Vieiras e Lucenas, senão tambem o de uso corrente, entre gente que se respeita.

Porque todos nós temos a presumpção de saber o que dizemos, quando fallamos portuguez. E comtudo, que de mysterios não occultam as palavras que proferimos! Se lhe escavassemos um pouco a origem, que estupefactos não ficariamos, ao ver que serie de aventuras correram, antes de chegarem á significação actual!

Não lhes parece, leitores, que depois de termos presenciado algumas das aventuras das lettras do alphabeto, será divertido, e instructivo, recordarmos as aventuras de algumas palavras da nossa lingua?

Futilidades! Ninharias! — exclamarão. Bem; dou que o sejam, e pergunto: quantos leitores da *Illustração Catholica* investigaram já, por exemplo, a origem d'estas duas palavras: *futilidade* e *ninharia?* Se me dão licença, vou descerrar um pouco os mysterios, que ellas envolvem; no fim diga-me cada um dos leitores se não aprendeu alguma coisa.

MIRANDA — Na fonte

Abram o diccionario de Candido de Figueiredo, voz *futil*: «Vão; leviano; frivolo. Insignificante, *conversa futil*. (Latim: *futilis)*. Não tenho aqui o diccionario etymologico de Adolpho Coelho; mas supponho que pouco mais dirá; o leitor fica perguntando: e o latim *futilis*, pae do nosso *futili*, d'onde vem?

Longa seria a viagem, se tentassemos remontar á raiz da palavra, e agrupar, em torno d'ella, todas as palavras em que a mesma syllaba *fu* apparece, já descoberta, já disfarçada. Basta, por ora, isto: no diccionario etymologico latino de Bréal, temos que *futilis* vem da mesma raiz do verbo *fundere* — derramar, fundir, dispersar, por onde o nosso *futil* está estreitamente apparentado com: *confundir, confusão, infundir, infusão, diffundir, diffusão, profundo, profusão, etc.*, e *refundir, transfundir, infundir,*

confutar, refutar, etc. O participio passado d'este verbo *fundere* é *fusus*, antigamente *futus*, (por *fudtus)* e havia o substantivo *futis* "a acção de espalhar, derramar,,, d'onde se formou *futire* e *effutire*, tagarelar, dizer frivolidades e *futilis*. "Esta ultima palavra, diz Bréal, diz-se d'um vaso que deixa verter a agua, d'um fallador que falla pelos cotovêllos, e, por consequencia, tambem das coisas inuteis e frivolas, que elle diz,,.

Isto não basta. No diccionario etymologico latino de Brozzi vemos, por um texto de Varrão, que *futis* foi substantivo latino que significou vaso de agua: "*vas aquarium vocant futim, quo in triclinio allatam aquam infundebant*: vaso de agua com que no triclinio deitavam a agua que se trazia,, e que segundo Festo futeis são: *futiles dicuntur, qui silere tacenda nequeunt*: os que não podem callar as coisas que se devem callar, *sed ea effundunt*, mas as derramam,,.

MIRANDA — *A caminho do lameiro*

MIRANDA —*Carro-mato*

Ainda não é tudo: No diccionario etymologico italiano de Pianigiani lê-se, a respeito de *futilia vasa*: "Este nome tiveram entre os latinos certos vasos de bocal amplo e fundo em ponta, usados primeiramente no culto de Vesta, para que os ministros d'aquella deusa não podessem depôr em terra o vaso, quando estivesse cheio de agua, sendo contrario aos escrupulos religiosos, que nas ceremonias d'aquella deusa se derramasse agua no chão. Do *vaso que facilmente entorna*, aquelle attributo passou, depois, á pessoa falladora, que não pode nem sabe guardar segrêdo, e d'ahi, com facil transição, applicou-se a significar frivolo, vão, de nenhum fundamento ou valor,,.

Diga-me o leitor se, quando chamou futilidades a estas despretenciosas conversas ao serão, lhe passou pela cabeça o parentesco de *futilidade* com tantas palavras portuguezas, e a ideia d'um vaso, e a deusa Vesta, e a razão do significado da nossa palavra! Muito provavelmente a nossa *infusa*, (bilha) está acudindo agora á memoria do leitor... E *funil* tambem...

Deixemos o muito que poderiamos dizer do que vimos no caminho percorrido pela raiz de *futil*, e digamos duas coisas das *ninharias*. Candido de Figueiredo manda-nos para o hespanhol *niñeria;* n'um diccionario etymologico hespanhol encontramos *niñeria* de *niño*, menino. E quanto á origem de *niño*: «Da voz primitiva *ninno*, usada em Hespanha e Italia, e, por tanto, de origem ibero-celtica: em lombardo *nana*; recem-nascido; em Portugal e na Galliza conserva-se *menino*. [1]

(1) Sobre a etymologia de *menino* tenho uma ideia que exporei mais adeante.

MIRANDA — *Um pombal no campo*
(Clichés do phot. am. snr. José A. Moreira)

em provençal *nina*, dormir; em hespanhol *nana*, somno do recem-nascido; em italiano *ninare*, adormecer os meninos.»

Póde ser que a curiosidade dos leitores se dê por satisfeita com estas indicações. A minha não. Fui consultar os etymologistas italianos, e achei que a questão é muito mais complicada, e que a verdadeira origem das nossas *ninharias* é bastante duvidosa.

Em italiano *ninharia* diz-se *ninnolo*, brinquedo de creanças e coisa pequena, sem importancia; ha *ninna-nanna*: cantillena para adormecer creanças; o nosso infantil *nanar* dizem-no elles: *farla ninna;* ha *ninna*, menina e *ninnare*: embalar, como em portuguez *ninar*: acalentar e dormir, e parallelo ao nosso estar *ninando* (não fazer caso) dizem elles *ninnarzela*: estar irresoluto; nós temos tambem *nino* por menino, e *nana*, o canto para adormecer; o provençal *ninoi*: coisa muito pequena; o antigo normando *nunus*, d'onde o verbo *nunter*, equivalente ao italiano *ninnolarse*, entreter-se com coisas de pouca monta; no catalão ha: *nina*: pequenita, no celta gaulez *ninn* e no vasconço *ninia*: filha; no hebreu ha *nin*: filho...

Accrescente-se agora que nós temos *anão*, homem pequenino, como o roméno *nan*, o provençal *nans nana*, o francez, *nain*, o hespanhol antigo *nano* e o moderno *enano*, e o italiano

1. *COIMBRA — Os alumnos da Escola Medica do Porto na sua excursão de estudo. A chegada.*

2. *COIMBRA — Os excursionistas visitam o Hospital. No 1.º plano o dr. Aguiar (no meio), á direita o dr. Elysio de Moura e á esquerda o dr. Cavaco, terceiranista de Medicina.*

3. *LISBOA — Os alumnos da Escola Medica do Porto nos claustros dos Jeronymos.*

LISBOA — Os excursionistas na Faculdade de Medicina. 1.º Dr. Celestino da Costa. 2.º Dr. Alberto d'Aguiar. 3.º Dr. Bello de Moraes. Ao lado alguns alumnos

LISBOA — Os excursionistas no Hospital de Santa Martha

LISBOA — Uma enfermaria do Hospital de Santa Martha

nano, com a mesma significação; temos tambem que em italiano *ninnolo*, o nosso «ninharia,» se diz tambem *nannolo*.

Estamos, pois, em presença de uma palavra que se encontra largamente espalhada e ramificada nas varias linguas novi-latinas, e até no vasconço e no hebreu apparece, com a significação, que parece originaria, de creancinha pequenina. Onde iremos filiar o nosso *ninharias*, em ultima analyse? E' evidente que vem de *niñeria* e esta de *niño*. Compare-se com *puerilidade*, de *puer*: menino. Mas o *niño* espanhol d'onde vem? Do *nin* hebreu? Do *ninia* vasconço? Em grêgo ha *nanos* e *nannos*: creancinha e anão, como em latim *nanus*, anão, d'onde veiu para as linguas novi-latinas o *anão*, o *enano*, o *nano*, o *nain*, etc.

Ha quem busque a origem da *nana* (cantilena) no grêgo *nannodia*, (*nynnion* em Hesichio) composto de *nanne*, voz infantil para chamar a tia, ou ama, e em geral appellativo affectuoso de mulher (em albanês *nanne* e *nenne* tia) e *odia*, de *odé*: canto. Outros deduzem a *nana* (canto) de *nenia*, canto funebre, etc.

LISBOA — Os excursionistas esperando o "electrico" em Algés

(Clichés do phot. am. snr. Antonio Braz d'Araujo)

Meninski regista que em persa ha *nanu*, com a significação de canto para adormecer creanças. Em grêgo ha *neanias*: creança, mas de outra proveniencia, e nós temos *nénés*... provenientes... de Paris!

Em resumo: as *ninharias*, que pareciam tão... ninharias, teem dado que suar aos etymologistas, e creio que nenhum saberia dizer, ao certo, de que raiz unica provieram tantas palavras em que se nota a perpetua duplicação do *n*, quanto á forma, e a noção de creança, quanto ao sentido, já pelo canto que as adormece, já pela pequenez que lhes é propria.

Atrevo-me a formular uma hypothese, sem a mais pequena pretenção de resolver o problema: os etymologistas derivam o *nenia* (canto funebre) latino, como o grêgo *neniaton* (pranto) de uma raiz *na*: gritar, lamentar-se, e da noção de gritar, rumor, é usual nas linguas ver surgir a ideia de *louvor, encomio*. D'essa raiz *na* se fez em sanscrito *nava*-louvor, encomio, e *navana*, com a mesma significação, d'onde *na(va)n-ja: nenia:* canto funebre laudatorio. "Estes cantos funebres, nota Bréal, eram muitas vezes commettidos a carpideiras salariadas, o que os fez cahir em descredito. D'ahi o sentido de "*bagatelas, palavras ôcas*, que a palavra tinha tomado ao tempo de Horacio„. Não é possivel vêr n'este ultimo sentido de *nenias* a origem das nossas *ninharias*; mas a mesma raiz *na* (gritar), duplicada, como tantas vezes acontece, não daria a ideia á *creancinha, que grita a miudo?* D'ahi a do *canto* para a fazer callar e domir, e, da noção de creança, a de *anão?* Eu lembro aos que sabem; não decido. Sou um curioso n'estas materias...,

E até ao proximo serão.

ARTHUR BIVAR.

Escola das Chagas

Ha pouco mais d'um anno, nas suas notaveis conferencias quaresmaes das Chagas, o illustre orador sagrado que é o padre Fernandes de Castro, pedindo aos seus ouvintes donativos para a fundação d'uma escola, inspirada no espirito de Deus, lançou em bom e generoso terreno a semente d'uma bella e fecunda obra.

A ideia, que assim era exposta e tão valioso oppoio encontrára na eloquencia d'um dos maiores tribunos do pulpito do nosso tempo, nascera no espirito e na intelligencia d'uma das mais illustres assistentes d'essas conferencias, uma nobre senhora que tem sempre sabido honrar, na pratica de todas as virtudes, o grande nome que usa, a snr.ª D. Victoria Barbosa de Oliveira Martins. D'ella fôra a ideia e d'ella veiu depois a iniciativa da sua realisação. A Escola das Chagas, para educação das creanças pobres do Bairro da Bica, surgiu. A semente fructificára e florescera: primeiro, arbusto tenro; já hoje, arvore frondosa e florida, a cuja sombra 34 creanças, roubadas á rua e á miseria, se abrigam. Na Escola aprendem essas creanças a ler, a escrever, os primeiros rudimentos da instrucção e da costura; na Escola, que lhes dá as primeiras luzes do espirito, encontram uma refeição, gratuitamente fornecida—mas, sobretudo, n'essa Escola, que a caridade e a religião illuminam, recebem a doce claridade da Fé, que é a melhor virtude e o mais bello estimulo da Vida.

LISBOA — Alumnas da Escola das Chagas com a sua professora D. Apollonia Marques

(Cliché do phot. am. snr. Pedro Sotto-Maior)

Tal é a obra, cujos fundamentos dois grandes corações e dois formosos espiritos lançaram e que outros corações teem amparado e protegido. Tal é a obra, cujo exemplo vale como uma lição que consolador e grato seria, nos tempos que vão correndo, vêr engrandecida e multiplicada.

COLLEGIO DE ERMEZINDE

No mez passado vieram a Braga em excursão escolar os alumnos do importante Collegio de Ermezinde. Visitaram o lyceu onde foram gentilmente recebidos pelo digno reitor d'aquelle estabelecimento de ensino seguindo depois para o Bom Jesus do Monte, hospedando-se no Grande Hotel do Parque.

A convite do 1.º "team„ academico de Braga os alumnos do Collegio de Ermezinde realisaram um "match„ de foot-ball no recreio do antigo Collegio do Espirito Santo sahindo victorioso o "team„ do Collegio de Ermezinde. A seguir publicamos algumas photographias em que o nosso apreciado collaborador Augusto Chaim, do Porto, mais uma vez revelou as suas explendidas qualidades de amador.

COLLEGIO DE ERMEZINDE — Grupo de alumnos que frequentam o collegio tirado junto da gruta do Bom Jesus do Monte, antes do jantar

COLLEGIO DE ERMEZINDE — Cavalgada organisada pelos alumnos no trajecto do Bom Jesus ao Sameiro

VIDA INTENSA
(PAGINAS D'ALEM FRONTEIRAS)

O presidente do governo portuguez, cumprimentando, choroso, a legação d'Austria pelo tragico attentado de Sarajevo, cumpriu talvez um dever de cortezia mas collocou-se uma vez mais em ridiculo. O sr. Bernardino Machado não poderia ter tido a louca pretensão de fallar em nome do paiz, que não está com o governo, que não está com as instituições. Fallaria em nome da horda demagogica que o sustem, instigadora do attentado pessoal, glorificadora de crimes mas, nunca, em nome do paiz. A demagogia não pode deplorar um attentado, não póde chorar um crime, não póde verter lagrimas, que não sejam as lagrimas classicas do crocodillo. Collocou-se n'essa situação odienta, no dia nefasto para o brio nacional, em que glorificou o Buiça. A republica não póde ter um gesto de piedade perante o mal alheio porque não soube ser piedosa com os seus.

Não póde, não sabe chorar, porque só tem sabido ferir. Cordeal ou desvairada, conciliadora ou irritante, nas mão do snr. Bernardino Machado, nas mãos do snr. Affonso Costa, a republica tem sido unicamente uma espada de dois gumes. A sua piedade é um insulto, o seu contristamento uma incoherencia. Ninguem toma a serio os seus sentimentos de compaixão.

Esses homens, que representam a republica, não podem chorar perante o athaude dos assassinados.

Elles, que na propaganda mais dissolvente preconisaram o crime como um processo libertador e de posse do poder, consentiram, sanccionaram, os mais infames attentados, não podem, sem ridiculo, lamentar o horroroso crime que acaba de ensanguentar uma grande nação.

COLLEGIO DE ERMEZINDE—O 1.º "team" do "Ermezinde School Sporting" que jogou com o 1.º "team" academico do Lyceu de Braga

Vão, com certeza, dizer os raros apaniguados d'essa phalange desvairada, que humilha e vexa a patria portugueza, que os republicanos jamais se solidarisaram com os regicidas do Terreiro do Paço,

Não ha duvida... A seguir ao crime, por medo, hypocritamente, cobardemente, repudiaram as responsabilidades e quasi cuspiram affrontas sobre os cadaveres d'esses dois desgraçados inconscientes, que a sua propaganda arrastara até ao crime, mas, se-

nhores da situação, com as costas quentes pelo poder, glorificaram esses dois desventurados e sob o consulado cordeal de Bernardino Machado annunciou-se no Alto de S. João, o lançamento da primeira pedra para o monumento dos regicidas.

Não tiveram a dignidade d'affrontar as responsabilidades mas empurraram da sombra o povo de Lisboa, para essa manifestação de 908 que cobriu de ver-

COLLEGIO DE ERMEZINDE — O 1.º "team" academico do Lyceu de Braga que jogou com o do collegio na explanada do Espirito Santo.

Uma phase do "match" de foot-ball na explanada do collegio do Espirito Santo. A' frente o edificio do antigo collegio.

(Clichés do dist. phot. am. snr. Augusto Chaim)

PORTO-Concurso hyppico

Revestiu o maximo brilhantismo a festa do Concurso hyppico realisado ultimamente no Porto.

N'elle tomaram parte, além de numerosos officiaes de cavallaria, alguns civis apaixonados por este genero de "sport" e muitas senhoras.

As provas, que decorreram sempre com grande interesse, foram muito apreciadas pela numerosa e selecta assistencia sendo conferidos numerosos premios aos vencedores.

PORTO-Concurso hyppico

Os snrs. Casal Ribeiro, Antonio Maia e Jorge Ribeiro durante as provas, saltando obstaculos

Os snrs. Azenhão Mendes, Luiz Faro e Affonso dos Santos durante as mesmas provas

Um aspecto da assistencia

Aspecto do jardim

(Clichés de J. d'Azevedo, phot. da Ill. Cath.»)

gonha a nossa patria, e, a seguir á defecção de caracteres de 910, inauguraram, solemnemente, com a sancção do chefe d'estado, essa outra vergonha nacional do museu da revolução, onde o varino do Buiça e a pistola do Costa figuravam como tropheus.

O nefando attentado que enluctou a nação austriaca é, infelizmente, uma explosão desvairada de patriotismo. O regicidio do Terreiro do Paço é simplesmente uma manifestação de banditismo.

A Austria, que com a heterogeneidade das suas raças, perturbada pela reforma politica da carta Balkanica, vê ameaçada a unidade da sua constituição, sente-se forte ainda, equilibrada pelo tino e pela sympathia do velho imperador, mas vê, com receio, que no dia em que a morte arrebate o grande politico, o seu destino enveredará, fatalmente, por um perigoso caminho d'incertezas.

O principe herdeiro, continuador discreto da politica de Francisco José, constituia uma seria ameaça para as esperanças libertadoras d'algumas raças opprimidas.

BRAGA = As festas ao S. João

1. O largo da Lapa durante as festas da cidade.

2. Aspecto geral das ornamentações no Parque da Ponte.

3. As ornamentações junto á capellinha de S. João.

D. Carlos I, o grande Rei, a quem a historia ha-de um dia fazer inteira justiça, morreu victima das suas boas intenções, no dia em que quiz dominar algumas *cotteries*, desvairadas pela fome do poder, pela necessidade do saque.

Os dois crimes são positivamente dois crimes politicos. A imprensa da Servia póde gastar os seus melhores argumentos para provar que o assassino do principe herdeiro austriaco é um desvairado perigoso que uma allucinação de momento empurra para o attentado pessoal, que não logrará convencer ninguem como de resto nos não convenceram os republicanos portuguezes, apresentando-nos Buiça e Costa como dois desvairados.

Ambos os crimes são a consequencia d'uma propaganda aturada, o producto inevitavel d'um largo *complot*.

E' por isso que eu pasmo com o ar diplomaticamente cumpungindo do sr. Bernardino Machado, perante o horroroso crime de Sarajevo.

Mais não sei que mais admirar na attitude do presidente do governo se o cynismo com que deplora o attentado se a inconsciencia politica com que julga ainda que o tomam a serio...

José de Faria Machado.

1. A feira do gado por occasião das festas.

2. Os bombeiros municipaes fazendo exercicios no edificio do antigo collegio do Espirito Santo.

3. Os bombeiros municipaes no final dos exercicios saudando a bandeira.

BRAGA—Festas ao S. João. O carro dos pastores

A tradiccional dança do Rei David

BRAGA—Festas ao S. João. Um aspecto da Avenida Central, inaugurada por occasião das festas da cidade

Outro aspecto da Avenida Central

NOTAS DO ESTRANGEIRO

PARIS—Horrivel catastrophe. Profundas excavações da rua do Havre, onde pereceram muitas pessoas

Effeitos da catastrophe na praça de S. Philippe

BOM JESUS DO MONTE--Os alumnos do Collegio dos Carvalhos, na gruta

PROPRIETARIO
Joaquim Antonio Pereira Villela.
DIRECTOR
Dr. Francisco de Sousa Gomes Velloso.
EDITOR
Antonio José de Carvalho.
ADMINISTRADOR
Clemente de Campos A. Peixoto.

Illustração Catholica
Revista litteraria semanal de informação graphica
Redacção, administração e typographia
83, R. dos Martyres da Republica, 91
BRAGA

CONDIÇÕES D'ASSIGNATURA
PAGAMENTO ADEANTADO)

Portugal e colonias (1 anno) . .	2$400
» » (6 mezes) .	1$200
» » (3 mezes) .	600
A cobrança feita pelo correio ou pelo cobrador, accresce o importe das despezas.	
Estrangeiro (1 anno)	3$000
» (6 mezes)	1$500
Numero avulso	60

Numero 55 Braga, 18 de julho de 1914 **Anno II**

ILLUSTRAÇÃO CATHOLICA

Revista litteraria semanal de informação graphica

Proprietario, Joaquim A. Pereira Villela. Director, Dr. F. de Sousa Gomes Velloso

EDITOR Antonio José de Carvalho.

ADMINISTRADOR Clemente de Campos A. Peixoto.

CHRISTUS VINCIT. CHRISTUS REGNAT. CHRISTUS IMPERAT.

Braga, 18 de julho de 1914

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E TYPOGRAPHIA
83, R. dos Martyres da Republica, 91
Não se restituem os originaes

Numero 55—Anno II

BRAGA—Egreja do Salvador. O altar de N. S. de Lourdes no dia da festividade em honra de S. Luiz Gonzaga promovida pela Congregação Academica dos Filhos de Maria

Chronica da Semana

LV

COMO os leitores sabem, o Parlamento fechou. Se não houvesse nada mais revelador do regimen archiluminoso que nos domina, bastavam essas ultimas sessões do primeiro parlamento da Republica...

Eu de ha muito perdi o que sóe chamar-se, em psychologia politica, o fetichismo parlamentarista, que não é mais do que a convicção de que nos bentos seios do corpo legislativo, como se dizia nos tempos da Revolução de 89, reside, floresce e dá seus fructos a soberania nacianal.

Eu considero esta, uma utopia e logicamente, considero o parlamento uma ficção.

Faguet escreveu um livro interessantissimo sobre os *preconceitos necessarios*, livro a que o meu espirito raciocinado e claro apenas pospõe a observação de que a religião não cabe na enumeração desenvolvida pelo auctor.

Concordo, porém, em que a ella pertença o parlamentarismo, fructo de uma educação deleteria da opinião publica, norteada e ministrada, desde Rousseau, por quantos publicistas tem havido inclinados á apostolisação da escola liberal.

Mas o parlamentarismo tem a sua forma superior, como o mal tem o seu arrebique de elegancia attrahente. O parlamento n.º 1 (e praso a Deus que não haja n.º 2) da Republica, é todavia, a sua forma secundaria, aquillo que poderemos definir o parlamentarismo em crú. Arredadas seis ou sete figuras de relêvo que teem logar marcado na historia, pela coherencia das suas ideias e pela repugnancia que manifestam por todos os crimes, o resto dos comparsas constitue uma alluvião de detrictos intellectuaes e moraes que mette pena!...

Só assim é possivel explicar o facto reconhecido por todos, a saber que a Republica se consubstanciou no parlamento, e o parlamento, na Republica. Não comporta uma desataviada chronica, como esta, a epilogação da obra de tal cenaculo.

Mas os leitores sabem perfeitamente — e quantos por experiencia! — o que ella vale.

O parlamento oscillou entre a subserviencia perante o demagogismo e a mais flagrante incompetencia.

Resalve-se de passagem a lei dos accidentes do trabalho, e o que resta é uma amalgama de idealisações que ou tocam o alarme da revolta popular ou redundam n'uma brutalissima oppressão. Haja vista o confisco dos bens em posse de indiciados inimigos do regimen e a lei que separou a Egreja do Estado...

Do parlamento findo apenas subsiste uma grave impressão de hilaridade. Foi a fabrica mais completa de anedoctas que os annuaes parlamentares teem registado. Havia dentro d'elle homens boçaes, como o celebre barbeiro de Leiria, homens de uma cultura de diccionario como Nunes da Matta: outros de uma irreverencia tão sacrilega como Faustino da Fonseca que nos dias da constituinte collocava o seu chapeu de palha democratico sobre a cabeça do busto do Marquez de Sá, e ainda alguns de tanta originalidade que dedicavam o poderoso esforço do seu espirito a regular os serviços de aleitação infantil, gravemente prejudicados pela natural tendencia das amas de leite pelas fardas da policia...

Mas paremos um pouco. E' que se ergue d'aquella camada anonyma e confusa, uma figura. E' a de Eduardo d'Abreu. Vem pallida, com os olhos perdidos de olhar um mundo novo para elle!... E' que o grande luctador foi alli dentro o porta voz do Direito, o verberador dos erros, o soldado rude da verdade. Mas o odio expulsou-o. A podridão não tolera objecções. Quer o campo livre. E ella matou Eduardo d'Abreu, o seu inimigo pertinaz!...

O parlamento fechou. Foi um allivio! Fechou quando começavam os primeiros luares dos fins de Junho, tão lindos, cheios de melodias que estonteiam, esfumando os montes e os campos, luares d'Avé-Marias — muito mais bellos de ver que as ultimas sessões parlamentares!

F. V.

SERÕES ERUDITOS

XII

Aventuras das palavras

II

Visita á torre de Babel!

I SQUEI á curiosidade dos leitores com o primeiro serão sobre *futilidades* e *ninharias* e presumo que os mais atilados se estão já regalando com a ideia dos interessantissimos serões que havemos de passar, contando aventuras de palavras. Podem crêr que tudo o que imaginarem ficará muito áquem da realidade, porque ha palavras que foram verdadeiros Rocamboles!

Quero hoje levar commigo o leitor á torre de Babel. Vamos ver palavras da nossa lingua que apparecem n'outras linguas, com as mesmissimas lettras, pela mesma ordem, mas com significações absolutamente diversas, e sem parentesco algum entre si, nem proximo, nem remoto. (Sobre este *remoto* faço uma reserva, que será explicada mais tarde n'um dos mais apilarados serões d'esta serie!...)

BRAGA — Grupo de membros da Congregação Academica dos Filhos de Maria, promotora da festividade a S. Luiz Gonzaga

Antes de partirmos para «o local do sinistro» como se diz em estylo de gazeta, quer dizer: para a torre onde se deu a confusão das linguas, abra o leitor o *Chambers Etymological Dictionnary of the English Language* (ditosos os que teem bilhostres para comprar o Skeat, cujo preço não é para bolsa de emigrado!) Ahi, pag. 579, leia isto, que eu traduzo para os profanos: A prova evidente de que o grupo de linguas conhecido como linguas arianas forma uma familia — isto é, são todas dialectos irmãos de uma mesma lingua-mãe — consiste em que são as mesmas as suas formas grammaticaes e em possuirem em commum muitas palavras. No discernir se uma dada palavra n'uma d'essas linguas é realmente a mesma que outra n'outra d'essas linguas, *já nos não guiamos* por uma simples semelhança de nome; ao revez: a identidade de som é geralmente presumpção de que uma etymologia proposta é falsa. As palavras estão sujeitas a continuas alterações e cada lingua segue o seu proprio modo de operar essas alterações. D'onde vem que palavras correspondentes, em varias linguas, devem, em regra, ter-se differenciado grandemente.

N'este serão vamos rir todos com alguns exemplos 1.º — de palavras portuguezas que n'outras linguas teem significações e origens absolutamente differentes; 2.º — de palavras d'outras linguas, que sem terem nem uma só lettra das outras palavras nossas teem absolu-

tamente a mesma origem e o mesmo significado. Se lhes parece pouco!...

Comecemos pelo latim. Não ha caloiro de latim a quem não tenham proposto, para traduzir, esta phrase latina: *Mater tua mala burra est*... Ora aquelle *mala* nem é o adjectivo *mala*, que conservamos na expressão *malas-artes* (más) nem, muito menos, a mala do viajante: é o accusativo neutro plural de *malum*: maçã. *Burra* também não é a femea do burro: é o accusativo neutro plural de *burrus, burra, burrum*, que quer dizer, *vermelho*. Quanto a uma affinidade entre *burrus* e o *burro* portuguez, seriam contos largos... Talvez consagremos um serão... aos *burros!* Por ultimo o *est* não é o verbo *esse*, ser, mas sim o verbo *edo*, comer: *tua mãe come maçãs vermelhas*.

Ainda em latim *no* quer dizer *eu nado*; *bella*: guerras; *peras*: alforjes; *multa*: muitas coisas; *gallos*: gaulezes; *lata*: coisas trazidas, e poderia citar milhares de exemplos, alguns escandalosos sob o ponto de vista moral...

LISBOA — O casamento da Ex.ma Snr.a D. Nathalia Pereira d'Eça
gentil filha do snr. general Pereira d'Eça, ministro da guerra, com o snr. dr. José d'Alpuim d'Agorreta de Sá Coutinho natural de Vianna do Castello e filho do antigo deputado da nação snr. José d'Alpuim da S. Souza e Menezes
Os noivos sahindo da egreja

Passemos a uma lingua mais affastada de nós: ao russo. *Mimo*, quer dizer: deante; *nos*: nariz; *cheia*: pescoço; *pojar*: incendio; *do*: até; *da*: sim; *lenta*: fita; *pó*: segundo, sobre, etc; e muitissimas mais.

Em grego: *eidos*: aspecto; *callos*: belleza; *pino*: bebo: *monos*: unico; *moira*: parte, porção de terra, etc.; *laura*: rua, viella; *lasco*: grito; *pente*: cinco, etc., etc., etc.

Em hespanhol, ahi perto de nós, ha, entre muitos outros, e alguns pouco decentes, *mono*: bonito; *chita*: um osso de vacca ou carneiro; *polvo*: pó; *mano*: mão, e centenas de outras...

Em italiano: *burro* (cá volta o burro!) manteiga; *matto*: doido: *ancora*: ainda; *pipa*: cachimbo, etc.

Em norueguez: *nabos*, quer dizer: do visinho, *grave*: cavar; *bebo*: habitam, etc.; em romêno: *cal*: cavallo; *pote*: talvez; *bola*: doença, etc.

Se quizessemos continuar encontrariamos em catalão: *ara*: agora; no dialecto de Aurillac *componho*: campo; em arabe, *facada*: procurou (algo perdido); em australiano: *baba*: mulher; em thusc (Caucaso) *mar*; homem, etc.

Paremos! Esta primeira parte pouco ou nenhum interesse offerece *agora*. Tempo houve, como nota o diccionario inglez citado, em que os etymologistas se deixavam guiar por semelhanças, como estas, meramente casuaes, para explicarem, ás vezes engenhosissimamente, palavras das suas linguas. Veremos mais tarde alguns exemplos.

Se o leitor consultar os diccionarios etymologicos modernos sobre uma qualquer de aquellas palavras, achará que nem pelo significado, nem pela origem se relacionam com as mesmas palavras portuguezas. Tomemos para exemplo o *polvo* hespanhol (pó). O *polvo* hespanhol vem do latim *pulvis*; e o *polvo* portuguez (mollusco) vem do latim *polypus*. Na mesma lingua é frequente encontrarem-se palavras

Prendas offerecidas aos noivos

escriptas com as mesmas lettras e provenientes de origens diversas; assim do *momentum* latino temos *momento*. e de *momo* temos *momento* (Filinto Elysio) o que faz momices, e muitos casos analogos.

Passemos agora á segunda parte: palavras de duas linguas, que á primeira vista não parecem ter o mais remoto parentesco e que comtudo são as mesmas. Na palavra *jour* franceza não ha nem uma unica lettra da palavra *dia* portugueza; pois *dia* vem de *dies*, latim; do *dies* se fez *diurnus*, baixo latim: *jornum*; italiano: *giorno*, provençal: *jorn*; francez: *jour*. — Entre a palavra romêna *apa* e a franceza *eau* (agua) não parece haver affinidade. Pois ambas descendem do latim *aqua*. Para o francez as formas de transição foram: *ague, aigue, age, egue, awe, èwe, ève, iave, iaue, eaue, eau*. Ora o som aspero do *c* latino é representado em romêno, muitas vezes, por *p*: assim de *lactem*: romêno *lapte*; *noctem*: *nopte*; *quatuor*: *patru*. De *aqua*: apa. Quem ousaria ver no romêno *iapa* (egua) o portuguez *egua*? Pois com as mesmas transformações nós fizemos *egua* de *equa* (feminino de *equus*: cavallo) e elles *iapa*.

Se lhes eu disser que a palavra ingleza *kickshaws* tem alguma coisa que ver com as nossas *qualquer coisa* — levam as mãos á cabeça. Pois não se espantem. O *qualquer coisa* corresponde ao *quelque chose* francez (excepto o *quer*) e o *kickshaws* inglez (leia: *kikchouze*) é o *quelque chose* francez. (Veja-se *Chambers etym. diction.* e uma longa lista de casos semelhantes em MEIKLEJOLNOS, *The English Language* (29.ª ed.) pag. 161 e seg.).

Quando o leitor ouve na egreja dizer: *kyrie eleison*, está a mil leguas de pensar que o *eleison* esteja muito bem escondidinho na nossa *esmola*, assim como está longe de a ver, por exemplo, no inglez *alms*. Pois eu lhe conto: — em grego ha um verbo *eleeo*: tenho piedade, que tem a forma aoristica: tem piedade: *kyrie, eleison*: *o Senhor, tem piedade*, e o substantivo *eleemosyne*: misericordia, compaixão pelos pobres, esmola: no baixo latim *eleemosyna*, em italiano *elemosina* e *limosina*, provençal *almosna*, francez *aumône*, antigo hespanhol *almosna* moderno *limosna*, portuguez *esmola* (por *elnosa*, como *palavra* de *parabola*, etc.) inglez *alms* medio inglez *almes*, anglo-saxonio *aelmaesse*, moderno alto allemão *almosen*, medio alto allemão *almuosen*, antigo alto allemão *alamuosan*, medio hollandez *aelmoese, aelmoesene*, hollandez actual *aalmoes*, etc., etc., etc., porque podia seguir as variantes dialectaes.

Creio que o leitor, do alto d'esta torre aonde o eu trouxe, forma agora uma ideia mais precisa da babel das linguas. Quantas linguas ha? quantas houve? até onde vae o parentesco d'umas com outras? brotaram todas d'uma só lingua primitiva ou foram varios os centros de origem dos grupos linguistas? As transformações das palavras, assim no sentido como nos elementos phoneticos, são absolutamente arbitrarias? ou ha algumas leis que as regem? a linguagem, que origem teve? foi invenção do homem? foi revelação de Deus?

POVOA DE VARZIM — Interior da Egreja Matriz nas exequias por alma do fallecido Conselheiro José Luciano de Castro

ADELINO CORREIA

vencedor da «Cup Augusta», no ultimo torneio realisado no Club dos Caçadores de Braga

Se esta descarga cerrada de interrogações, aqui no alto da torre de Babel, não aguilhôa a curiosidade dos leitores, então não voltem aos meus serões. Procurem antes entender o *superavit*...

Sempre espero alguns para o proximo serão...

ARTHUR BIVAR.

"Cup Augusta"
Offerecida ao Club dos Caçadores de Braga pelo Ex.mo Snr. Leopoldo Machado, para ser disputada entre os socios atiradores

O menino Augusto Correia, de 9 annos, filho do snr. Adelino Correia, antes de partir para a caça

O menino Augusto Correia, com o seu cão "Tejo" marrado, á espera da sahida d'uma codorniz

VIDA NOVA

(Com as rimas do soneto—*Sentido de Viver*—publicado na pag. 466, tomo I da «Illustração Catholica»

VIVER é amar. E só quem ha sentido
O verdadeiro amor, pode dizer,
Da vida qual o intimo sentido,
Da vida qual o solido prazer.

—Que estrada immensa tenho percorrido!
Venho cançado e cheio de soffrer...
Mas, ai de mim, que tudo foi perdido!
Vivendo ha muito inda não sei viver!

Provei os gozos que este mundo encerra,
Ergui castellos vãos feitos de terra,
Mas... cahiu tudo miseravelmente!

Hoje, a minh'alma, emfim desilludida,
Entra na doce e verdadeira Vida
Que me fará viver eternamente.

JOÃO D'OUTEIRO.

A partida para Braga nas carruagens reservadas

Na estação de Braga. Um grupo de alumnos depois da chegada

Collegio-Internato dos Carvalhos

Foi n'um dia de suavidade primaveril, de um doce ceu azul, d'onde espadanavam cataractas de sol, que os alumnos do Collegio-Internato dos Carvalhos visitaram a cidade de Braga e a estancia do Bom Jesus.

Os excursionistas participavam da alegria do dia, e os encantos da paizagem — grandes searas ondulantes, campos plenos de sol, vinhedos, clima d'oiro — despertaram-lhes aquellas suaves emoções, que se guardam religiosamente.

No Bom Jesus, os mais pequenos riram e brincaram sob as arvores do parque formosissimo, como só as crianças sabem rir e brincar. Os mais moços sentiam dentro em si a sua alma adolescente abrir as azas na ambição de subir mais alto, acima d'aquelle logar de frescura e de poesia que o Sanctuario do Bom Jesus corôa — sonho que acalenta todos os que teem o espirito preso á terra.

Na alta montanha do Sameiro formaram grupos encantadores deante da objectiva da machina

No trajecto de Braga para o Bom Jesus do Monte

photographica — o sol de primavera doirando-lhes a cabeça e o rosto radiantes.

A' hora do entardecer, todos voltam trazendo pequenas amphoras e figurinhas de barro — recordações que serão para todos como a voz longinqua d'um buzio que colassem ao ouvido e lhes fallassem de belezas e emoções.

* * *

No lago do Bom Jesus do Monte. Os alumnos passeando de barco

No Sameiro. A cavalgada promovida por alguns alumnos

O castigo de Herodiades

ooo

SOB os porticos de marmore, á borda dos tanques onde a agua dormia, resupina em estofos faiscantes de oiro e perolas, Herodiades deitara-se envolto no tecido fino dos seus véos.

Passavam as ultimas horas de um dia ardente. O sol começava a decrescer no poente em fogo. Havia ainda reflexos do seu rubor no polido dos marmores e nas faces das mulheres, que fóra dos porticos olhavam tristemente o esmorecer da luz. Tirára a rainha os seus adornos e collares muito pezados que cahiam em circulo e com rutilações de pedras preciosas sobre o seio, velado de gazes transparentes.

Tudo repouzava no palacio e a vida apenas se revelava no arfar das respirações.

A maior parte das servas da rainha, velavam em torno d'ella, as tunicas brancas cingidas pelo nó das faixas de viva sêda, e os véos, bordados a filigrana, pondo um tom branquiçado nos recessos som-

1.º «team» do Grupo desportivo do Collegio-Internato dos Carvalhos

Grupo dos alumnos do Collegio-Internato dos Carvalhos, tirado no Bom Jesus do Monte

brios e cheios de frescor; umas deitadas sobre a pedra, outras aninhadas perto da sua ama, espiando os seus menores gestos, promptas a rodea-la ao primeiro desejo presentido.

Aromas de flores capitosas, de myrtho e sandalo fluctuavam pelo ar.

Herodiades, invadida por um torpôr que lhe distendia os membros, fatigados de danças e

VILLA NOVA DE GAYA—A egreja de Valladares onde se realisou a festa ao Senhor dos Afflictos

excessos, sonhava coisas crueis de morte e de volupia degradante.

Dez annos haviam decorrido desde o supplicio de S. João Baptista. Jámais um pezar aflorára na alma da cortesã; a palavra severa do Precursor não mais ferira os seus ouvidos para lhe censurar o adulterio e as torpezas, e ella mergulhara até á saciedade nos prazeres, occupada cada dia em novos divertimentos, disputada pela crueldade e pela luxuria.

VIANNA DO CASTELLO—Altar de Nossa Senhora das Dores da egreja de S. Domingos na conclusão do mez de Maria

(Cliché do phot. am. sr. Antonio José Gonçalves).

Sómente ao passar o anniversario da degolação do Sancto, a sua memoria trazia aquella scena por instantes á alma concentrada e gelada de Herodiades.

Era uma visão rapida, e comtudo misericordiosa, porque dos labios mortos do Precursor, cerrados por ella mesma, uma voz cahia formidavel, que penetrava como um relampago no meio das nuvens do seu cerebro: «Penitencia!»

Mas cerrando essa bocca do Baptista, Herodiades quizera garantir o seu descanso no mal, cerrara tambem a propria consciencia e, revoltada deante da imagem da culpa, que em cada anno lhe apparecia n'uma data funebre, como um aviso, atirava-se, para que essa imagem não a dominasse, para não a ver,

Aspecto das ornamentações na festa de Valladares

para não lhe ouvir a voz d'exprobação, a um abysmo ainda mais profundo de sensualidade.

E a hora do castigo approximava-se.

. . . .

Era a hora do banho de Herodiades.

A rainha fez um signal e as suas creadas cercaram-n'a. Com gestos lentos, despiram-n'a. Espalharam na agua dos tanques o perfume de duas urnas, e Herodiades, deixando o leito, entrou na agua.

Mergulhou até ao pescoço com delicia. A negra cabelleira fluctuava em torno d'ella e os seus olhos crueis, que acabavam de avistar a visão do remorso, fechavam as palpebras, nas quaes, sob a arcada correctissima dos cilios, choravam gottas d'agua que haviam resaltado á entrada da rainha no seu tanque de branco marmore.

As creadas evolucionavam discretamente em redor...

E o banho de Herodiades prolongava-se...

Mas eis que, vindo do fundo desconhecido do deserto, ou talvez do ainda mais fundo desconhecido dos céos um vento forte se elevou, mysterioso, mais frio que o gêlo, cortante, insustentavel. Os bordados das sedas preciosas foram arrancados e bateram violentamente de encontro aos marmores. Uma atmosphera, fria e pallida como a de um dia de inverno, substituiu o ar morno em que estas mulheres enlanguesciam, e, immoveis, estupefactas, ellas estremeceram sob os véos.

VILLA NOVA DE GAYA — Valladares — O povo na volta da romaria

(Clichés de J. d'Azevedo, phot. da Ill. Cath.)

PORTO — O altar-mor da capella de Fradellos onde ha dias se realisou uma concorrida festividade

PORTO — Fradellos — Uma parte do jardim que cerca a capella

No tanque, onde a rainha se banhava, a agua gelou subitamente.

E Herodiades, o corpo prisioneiro d'este vestido de gêlo, viu chegar a hora tremenda do castigo. Dilatados de horror, os seus olhos abriram-se sobre a morte.

E foi um caso miraculoso e digno d'espanto, O gêlo, ao formar-se, cortou cerce, pela base do pescoço, a bella cabeça altiva que ficou poisada, emergindo do tanque. Uma linha de sangue era o seu novo collar...

Depois o vento amainou, o ar voltou a amornecer; este gêlo estalou, fundiu se n'um instante como a neve no fogo, e apenas restou d'elle um bocado, redondo, que sustentava ao boiar, como um prato, a cabeça de Herodiades...

VALDANGE.

PORTO — Fradellos. Um trecho do arraial

(Clichés do rev. Adriano S. d'Azevedo)

Fastos do Catholicismo

Congresso Eucharistico de Lourdes

Na actualidade todo o mundo catholico volve para a cidade da Immaculada os languescidos olhos, como o explorador polar, perdido nos gelos boreaes para o sol que no horizonte apparece como promessa de vida. A sociedade christã, enregelada pelo abandono jansenistico da Eucharistia, vê agora, na Divina Hostia, o rejuvenescer ditoso.

Entre as obras eucharisticas uma avulta: os Congressos Internacionaes. O d'este anno vae reunir-se em breve junto da gruta de Massabielle, a epopeia mariana do seculo XIX, mas tambem o campo de gloria da Eucharistia no seculo XX. E' nas procissões theophoricas e mais particularmente na benção, que Jesus, presente sob as especies sacramentaes, opera com frequencia os prodigios que o seu amor multiplicou em Genazareth, na Gallileia, junto de Sichar e de Naïm.

O S. Padre nomeou já Legado seu a esse congresso, onde se reunirão nove cardeaes,

Devota imagem de N. Senhora da Fé, que se venera na freguezia de Cantellães — Vieira

VIEIRA — Cantellães. Um trecho d'uma procissão ao entrar na capellinha de N. Senhora da Fé

180 bispos e innumeraveis catholicos de todo o mundo, havendo lá uma secção portugueza.

O Santissimo estará exposto durante todos os dias do congresso, e em todo o mundo se realisarão solemnes cultos e devoções pelo bom resultado dos trabalhos e estudos.

Em Braga far-se-hão tambem festas religiosas no dia do encerramento.

Presente ao Papa

Um official ás ordens de Guilherme II entregou a S. Santidade um artistico estandarte, fiel reprodução do *labarum* de Constantino, primoroso trabalho de bordado feito pelas benedictinas de Laach, e que o kaiser germanico offereceu a Pio X.

E' consolador para o nosso coração de catholicos ver um soberano protestante, prestar assim a sua homenagem ao chefe da Egreja Romana.

R. C.

VIEIRA — Cantellães. Capellinha de N. Senhora da Fé

Altar da egreja parochial de Cantellães onde se realisaram os exercicios do mez de Maria

No fim d'uma merenda por occasião da festa de N. Senhora da Fé

VIEIRA — Cantellães. Grupo de creanças que fizeram a 1.ª communhão no dia da festa da conclusão do mez de Maria

(Clichés do phot. am. snr. João Barbosa Vieira)

BRAGA — Creanças do sexo feminino que frequentam as catecheses da freguezia da Sé Primaz. Ao lado o seu zeloso parocho rev. João Narcizo d'Azevedo

BRAGA — Creanças do sexo masculino que frequentam as mesmas catecheses

BRAGA — Meninos e meninas que ultimamente fizeram a sua 1.ª communhão na egreja parochial de S. Thiago da Cividade

NOTAS DO ESTRANGEIRO

1—Vista geral de Sarajevo.

2—As victimas do attentado de Sarajevo.

No grupo veem-se o archiduque Francisco Fernando e sua esposa, assassinados ao sahir de uma recepção na Camara Municipal e seus filhos a princeza Sophia e os principes Maximiliano Carlos e Ernesto.

No Carvalhal

(Cliché de Francisco P. Mendes)

PROPRIETARIO
Joaquim Antonio Pereira Villela.
DIRECTOR
Dr. Francisco de Souza Gomes Velloso.
EDITOR
Antonio José de Carvalho.
ADMINISTRADOR
Clemente de Campos A. Peixoto.

Illustração Catholica
Revista litteraria semanal de informação graphica

Redacção, administração e typographia
83, R. dos Martyres da Republica, 91
BRAGA

CONDIÇÕES D'ASSIGNATURA
(PAGAMENTO ADEANTADO)

Portugal e colonias (1 anno) . .	2$400
» » (6 mezes) .	1$200
» » (3 mezes) .	600
Á cobrança feita pelo correio ou pelo cobrador accresce o importe das despezas.	
Estrangeiro (1 anno)	3$000
» (6 mezes)	1$000
Nnmero avulso	60

Numero 56 Braga, 25 de julho de 1914 **Anno II**

Expediente

Vamos imprimir e dourar as capas para o 1.º volume da *Illustração Catholica*. Essas capas serão de percalina, douradas, e d'um bello effeito artistico.

Quem as pretender, tenha a bondade de, em postal, fazer a sua encommenda. Cada capa custa 320 reis incluindo o correio. O importe deve ser remettido em vale ou estampilhas.

CHRISTUS VINCIT CHRISTUS REGNAT CHRISTUS IMPERAT.

ILLUSTRAÇÃO CATHOLICA

Revista litteraria semanal de informação graphica

Proprietario, Joaquim A. Pereira Villela. Director, Dr. F. de Sousa Gomes Velloso

EDITOR
Antonio José de Carvalho.

ADMINISTRADOR
Clemente de Campos A. Peixoto.

Braga, 25 de julho de 1914

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E TYPOGRAPHIA
83, R. dos Martyres da Republica, 91
Não se restituem os originaes

Numero 56—Anno II

CORAÇÃO DE JESUS

(Esculptura de João Evangelista Vieira, artista bracarense)

Chronica da Semana

LVI

CONTARAM-ME que o dr. Antonio José d'Almeida, ao chegar ao hotel Francfort, no dia em que a allucinada gente do radicalismo portuense lhe lançou os mais violentos insultos e as diatribes mais candentes, exclamara que, apenas subisse ao poder, se dedicaria a fazer recolher a «canalha ás alfurjas d'onde sahiu».

Homem de boas phrases, o chefe evolucionista definiu assim, n'estas palavras, o radical remedio á desvergonha jacobina que se regamboleia sobre o tablado da politica, arrastando o manto ennodoado das realezas pôdres, empunhando o punhal afiado nos corrilhos, estadeando na face, pallida de orgias, um riso alvar de rebeldia, e mostrando nos olhos fundos a luz sinistra dos odios sem perdão. E' a demagogia que passa. E' a anarchia que avança. E' uma voz que cresce, a rebater pelas quebradas das nossas montanhas, voz em que a historia nos refere a sua inexoravel sentença sobre os nossos desatinos, e, acima de tudo, sobre a nossa complacencia e sobre a nossa apathia!

Ha, porém, alguma coisa de mais grave nos acontecimentos que assolaram na semana finda a pacatez da vida portuense, acontecimentos que, sendo a eclosão fatal d'uma ordem de coisas republicanas, dominam ainda o espirito publico, e o nosso por forma tal que sómente a elle dedicamos o espaço bem curto d'esta resenha.

Quero referir-me á tentativa d'assassinio feita sobre o chefe evolucionista n'aquella praça hoje irrisoriamente chamada da Liberdade, que tem sido theatro de vandalicas proezas da plebe.

O jacobino entrou já nas galerias da pathologia mental e é caracterisadamente um semi-alienado, cerebro com falhas enormes, suppridas por uma fé politica que simultaneamente empresta ao espirito obtuso um pensamento e ao instincto, um acicate.

O assassino politico é positivamente um doente. E assim é possivel determinar-se o mal que para o nosso meio representa a dominação feroz de uma tal malta de profissionaes da morte, verdadeiro cancro que deflagra a sua podridão ascorosa pelo corpo exhausto e saqueado da Nação. Semi-alienado, o assassino politico não recúa perante a hecatombe, desde que esta resume para elle o sacrificio supremo, de cujo horror brotará, como a renascida phenix, a regeneração da deusa humanidade, o imperio da verdade e a destruição do erro!

Nascido, como um suor de cadaver, das camadas infimas do povo, a sua mentalidade é ao mesmo tempo a de Torquemada, de José do Telhado e de Cartouche.

N'esse typo simplista do jacobino democratico ha traços de Marat elogiando aos seus juizes na Convenção os proprios crimes, e retalhos de Robespierre ao subir, cabeça erecta, olhar cego de mumia, os degraus da guilhotina.

Um estudante, assassino de um militar indiano, escrevia antes da sua execução: «Com risco de perder a estima e a sympathia dos meus velhos camaradas, eu repito que o assassinio politico não é um crime.

Todos os homens livres de preconceitos tratam o assassino politico não como criminoso, mas como um vingador da humanidade».

O assassinio politico é o fructo mais robusto e sazonado de uma escola de doutrinarismo liberal que começou por dar ás camadas inferiores o direito de intervir no governo do paiz, que só póde ser mantido por *élites*.

... O snr. Antonio José d'Almeida, visionario de revoltas com intermittencias de conservantismo piegas, foi um dos fautores d'essa doença jacobina. Tem o mysticismo da republica. E a republica não o acceita, ou apenas o consente nas linhas da sua defeza, na situação deprimente dos generaes do Terror, — com um revolucionario civil da Carbonaria ao lado.

E' homem que dentro da republica, serve explendidamente a campanha de destruição de Moreira d'Almeida. Póde obter perdão, pela inepcia que revela: mas na hora solemne em que os patriotas fizerem a devida justiça, será suprimido como os outros, da vida publica. F. V.

SERÕES ERUDITOS

XIII

Aventuras das palavras

III

Bacharelices

JÁ disse, e convém repeti-lo, que não pretendo, n'estes serões, dar novidades aos sabios. Sou um curioso n'estas materias, que me ajudam a matar o tempo, a esquecer coisas que me fariam chorar, se as tivesse sempre presentes á memoria. Atiro-me aos livros... Infelizmente, a pesar de já possuir uma menos má livraria, comprada a preço de muito sacrificio, reconheço a insufficiencia do meu arsenal linguistico, e resigno-me a percorrer, como visitante, um campo, onde talvez, em melhores condições, pudera disparatar menos que outros. E vamos ao serão, já que todos os meus projectos de estudos serios ficam em aguas de bacalhau.

Ou de *cabalhau* como diz muita gente do povo, por brincadeira ou por corrupção...

Ora buscando no diccionario do sr. Candido de Figueiredo (o unico que possuo.., emprestado) encontro como etymo do fiel amigo o baixo latim, *baccalaureus*.

Eu respeito muito o snr. Candido de Figueiredo, obreiro indefesso da lingua patria; mas, não me convenceu o *baccalaureus*. Eu não tenho á mão o *Du Cange* para ver se no baixo latim o *baccalaureus* significou *bacalhau*, o fiel amigo . . . n'outros tempos. Por outro lado, o mesmo diccionario, dá-me para *bacharel*, o mesmo baixo latim *baccalaureus*, pelo francez *bachelier*. Como demonio a mesma palavra deu origem a *baicharel* e *bacalhau* é coisa que eu mesmo, conhecedor de mirabolantes aventuras de palavras, não comprehendo. Tentou-me o problema e puz-me a investigar. Complicaram-se as cousas com a presença, em inglez, de *bachelor*, que significa ao mesmo tempo *bacharel* e *solteiro*.

LISBOA — Missa por alma de S. M. a Rainha D. Maria Pia. Um aspecto da sahida da Egreja da Encarnação

(Cliché do nosso corresp. phot. de Lisboa)

Bacharel, solteiro e bacalhau — não é mau embroglio!

Comecemos pelo *bacharel*. Segundo a Academia hespanhola, a voz *bachiller* (bacharel) provém do latim *bacca-laurus:* corôa de louro com as suas bagas (latim *baca*); mas Rodriguez Navas, ex-presidente do circulo philologico de Madrid, nota no seu diccionario: "Convém

Padre Assis Braz de Sá
(India Portugueza)

Sacerdote muito virtuoso e illustrado que tem prestado relevantes serviços no nosso Padroado do Oriente. Ha 22 annos parocho em Nagoa tem sido sempre respeitado pela sua conducta exemplar tendo feito importantes melhoramentos na sua egreja, um dos melhores templos da India.

D. Antonio Pedro da Costa
(Primeiro bispo de Damão)

Confirmado em 14 de março. Fez a entreda solemne na sua diocese em 17 de junho de 1887. Falleceu em 30 de janeiro de 1900 na freguezia de S. Nicolau de Santarem, terra da sua naturalidade.

Veneravel Padre José Vaz
Fundador da Congregação do Oratorio de S. Filippe Nery em Goa e inclyto Apostolo de Ceylão e do Canadá. Nasceu em Sancoale (India Portugueza) a 21 de abril de 1651 e falleceu a 16 de janeiro de 1711.

recordar que em provençal houve duas palavras parecidas, *bacalar* e *bachallier* e que esta ultima significava propriamente *baschevalier*: ou joven nobre, d'aquella *(baccalaurus)* derivou em francez *baccalaureat* ou triumpho em certamen, e da segunda *bachelierat* ou dignidade do joven nobre que por sua pobreza não podia levantar bandeira propria... Este, como se vê, não envolve na contenda o *fiel amigo*.

Atravessei os Pyreneus e fui buscar a França alguma luz para o debate. *Stappers*, resumindo os melhores diccionarios francezes, vae buscar ao celta a origem do bacharel: Celta: *bach*: pequeno, joven, antigo francez: *bacel*, *bachelle*, wallão (e agora que vivo na Wallonia attesto que o oiço a cada passo): *bácelle*: menina, creada; *baceller*: faire l'amour, começar a aprendizagem; *bachelette* (outr'ora) menina; *bachelier*, joven cavalleiro, depois: estudante; em ultimo lugar synonimo de solteiro; baixo latim; *baccalarius*. Co-

Os exercicios de artilharia 5 no Monte Redondo (S. Martinho do Campo — Vallongo)

1 — Aspecto geral do acampamento.

2 — Vista parcial do acampamento.

mo termo de escola foi mais tarde latinizado e transformado em *baccalaureus*, d'onde o substantivo *baccalaureat*, bacharelato„, Este tambem não traz á baila o bacalhau!

Atravessei os Alpes pelo Monte Cenis, e perguntei na Italia que novidades me davam do *bacharel*. Ai, Paesinho do ceu, que avalanche de opiniões! Em italiano, *bacalare*, ou *baccalare*, forma primitiva de *baccelliere*: bacharel, além de ter, como em portuguez, o sentido jocoso, applica-se tambem as pessoas de ideias pouco sãs em materia religiosa, incredulas, como eram talvez, ou mostravam ser, os bachareis de outr'ora. Mas Zambaldi, seguindo outra opinião, explica este ultimo sentido, com a voz *baccalá* (bacalhau) dizendo que *bacalare* é aquelle em quem a agua salgada do baptismo não produziu outro effeito além d'aquelle que o sal produz no bacalhau! Quanto á forma *bacelliere*, (bacharel) transcrevo a Pianigiani, *bacharel*: do baixo latim *baccalarius*, *baccalaris* e *baccalareus*, formado, segundo alguns auctores, do latim *baculus*, sob a influencia do correspondente celta: *gaelico*, *bachall*; irlandez, *bacal*; ou do provençal *bacel*, bastão, que provavelmente se entregava como emblema de grau, pelo que se chamou tambem *bacularius* o novo investido.

E, com effeito, primeiramente chamou-se em França *baccalarius* o proprietario investido na posse de vastos dominios e tambem o joven nobre que dava o primeiro passo na carreira das armas e da cavallaria, recebendo o cingulo militar e occupava o lugar medio entre o donzel e o cavalleiro; mas, o sentido de joven investido parece a alguns levar ao celta *bach* joven, e propriamente *pequeno*. Mais: os fautores d'esta etymologia propendem a crêr que o vocabulo res-

OS EXERCICIOS DE ARTILHARIA 5 — *Em descanço*

A' espera da voz do commando

Fazendo fogo

soasse cedo nos claustros, com o sentido de *noviço*, e citam como prova uma chronica do seculo XI, escripta por Raul de Glaber, monge de S. Benigno de Dijon, e antigas poesias francezas, onde a palavra *bachelier* parece usada no sentido de joven, como *bachellotte* no de menina. N'este caso, parece que bacharel, do significado generico de joven, passou ao de *noviço* de ordem religiosa, depois applicou-se áquelle que obtinha o primeiro grau em qualquer sciencia ou que deixava de ser estudante e ia tomar o grau de doutor *(laurea)*.., no qual sentido se usava de preferencia a forma *baccaulaures*, *baccalauri*, subentendido *cincus*, isto é: cingido de bagas de louro, alludindo á ceremonia solemne da collação do grau,—e que por fim, foi usurpado pela cavallaria.»

A questão está cada vez mais bicuda!

OS EXERCICIOS DE ARTILHARIA 5 — O povo no local das manobras

A' espera do rancho

(Clichés do phot. am. snr. Alvaro Guimarães)

Apura-se, até aqui, que o nosso bacharel pode vir de pau: *baculus*, de joven: *bac* e de baga de loureiro, *bacca-lauri*. Isto quanto á forma—e deixando, por ora, o bacalhau do Zambaldi e do snr. Candido de Figueiredo. Quanto ao significado, vê-se que tem sido *noviço* monastico, *graduado* academico e de ordem cavalleiresca, *incredulo* e *faliador*. Resta a significação de *solteiro* que tem em inglez ao lado da de graduado universitario. Nos diccionarios inglezes, ao lado das opiniões já citadas, surde-nos mais esta: segundo Brachet vem do baixo latim *baccalarius*, creado rural, originariamente

Conselheiro Augusto da Cunha Pimentel
Meretissimo Juiz do Supremo Tribunal de Justiça fallecido em 4 do corrente

uma manada de vaccas, de *baccalia:* manada de vaccas, e este de *bacca*, baixo latim em vez de *vacca*. Bacalhau já nós tinhamos; agora vem leite. Já não falta tudo, louvado seja o Senhor! Mas que tem que ver os vaqueiros com os bachareis?

Ora o que me a mim interessa notar é que, de fóra posta a piada do baptismo, o bacalhau não entra na arvore genealogica do bacharel nem á quinta facada. Por outro lado, o snr. Candido de Figueiredo, trabalhador tão benemerito como illustre e honesto, não me ia inventar aquelle parentesco do bacalhau com os bachareis! O já citado Navas, diz do *bacalao* hespanhol: «Do ibero-celta *bachall*, *pau* ou *ripa* onde se punha a seccar o peixe para o conservar; em hollandez ha *kabelgau:* bacalhau.»

Aqui, aqui é que me parece que está a verdade, quanto ao bacalhau. Vejamos:

VINHÓS (Fafe) — Altar da egreja parochial no dia da festa das Congregações Marianas

Devido aos incansaveis esforços do nosso amigo snr. padre Adolpho de Meyrelles, parocho de Vinhós, o fecundo labor das associações de piedade tem elevado a um grau superior a religiosidade da freguezia, de cuja festa hoje publicamos esses aspectos.

VINHÓS (Fafe)—A orchestra de amadores que executou um religioso programma musical no dia da festa, com o rev. padre Adolpho de Meyrelles

Em hollandez não ha *kabelgau*, mas sim o *kabeljauw*. Tenho aqui o *Beknopt Etymologisch Woordenboek der Nederlandsche Taal*, de Vercoullie, que por ser da terra do *kabeljau* merece ouvido: «*kabeljauw*, feminino, o mesmo que o alto allemão *kabeljau*; dinamarquez, idem; sueco, *kabeljo*, com a significação de *stockfish*, do russo: *kobljuch*: pau, do hollandez o francez *cabillaud*, do qual o vasconço *bacallaoa*, do qual, de novo, *bakkeljauw*.»

O que elle não diz, e muito nos importa notar, é que em francez a par de *cabillaud*, ha *cabliau*, *gabillaud* e *bacaliau*, especie de bacalhau secco. Portanto, sem investigar onde se deu a passagem de *kabeljauw* para *bakkeljau (cabelliau — bacaliau*: *CABALHAU* — bacalhau), e tendo presente que o bacalhau nos vem dos mares do norte, não é muito crivel que o *baccalaureus*, pae presumptivo do bacharel, tenha affinidades com o *fiel amigo*.

Noto ainda que o diccionarista hollandez nos diz que o sueco *kabeljo* tem a significação de *stockfish*. Ora o *stockfish* (bacalhau secco) decompõe-se em *fish* — *peixe* e *stock* pau (cfr *estoque* e *estaca)*, chamando-se assim ao bacalhau já por ser duro como pau, já por ser posto a seccar em paus, como queria o Navas, que se não lembrou de que assim como nós lhe chamamos fiel amigo, os seus compatriotas lhe chamam *pez de palo*... como os russos, segundo vimos na citação do diccionarista hollandez.

BOM JESUS DO MONTE — Um grupo de visitantes da encantadora estancia

BOM JESUS DO MONTE — Descançando, depois de um bello passeio pelo parque

(Clichés do phot. em. snr. Manuel da Silva Isidoro)

Muito, mas muito poderia ainda dizer sobre bacalhaus e bachareis; mas isto basta, por hoje, ao meu intento, que era accentuar bem que, sem pretender ensinar ninguem, porque não tive a sorte de poder aprender, vou viajando, com paixão de andarilho, pelos vastos mares da linguistica, procurando divertir-me e divertir os outros.

No proximo serão voltaremos ao bacalhau...

ARTHUR BIVAR.

General Luiz Pinto de Mesquita Carvalho

Nasceu na casa de Cahide de Rey,
do concelho de Villa Verde, a 24 de junho de 1830
e falleceu em Lisboa a 23 de março de 1913

VIDA INTENSA
(PAGINAS D'ALEM FRONTEIRAS)

DEIXEMOS, por agora, a Inglaterra com a sua desgraça e voltemo-nos para o verão que triumpha tardio das caramunhas chuvosas da primavera. O calor chegou, emfim, accendendo o enthusiasmo da paizagem estival, illuminada, ardente, como um quadro bizarro de Malhôa. O sol explende, anima, esbrasea, em ondas de luz, na planura oceanica das searas e na curva rendilhada dos arvoredos sombrios. E' o sol alegre das romarias, o sol que pirracêa, atravez da renda das folhas, com a delicia discreta das sombras acolhedoras, na curva dos caminhos e na borda dos rios, no fundo immenso dos valles e ao lado das frontes religiosas e soffredoras na sua musica discreta, que vem, bizarro, pôr na bocca escancarada da vida o riso explendente da fartura. A primavera vestiu os montes e os valles; o sol do verão vae aureola-los de luz.

ENTRE-OS-RIOS — Visita da familia Pereira Mendes e Mendes Ribeiro, de Guimarães, ao snr. Francisco Martins Fernandes e suas gentis filhas

Na aza d'oiro dos trigos, que se agitam inquietos, e na corolla ardente das flores, que reabrem garrulas, o sol deixa essa poalha d'oiro, que volatilisa e eleva a luz da paisagem, attrahe toda a côr que logo reparte discreta, pelas arvores que tem o gesto piedoso da sombra, pelas flores d'onde se evola a essencia fecunda do verão, que perfuma o halito dos dias. E' a epocha da fartura e da grandeza, do explendor, do triumpho, dando á paizagem essa luz unica, que por si propria insufla vida, muito embora seja tantas vezes razão de desgraça e de morte, que o sol magnanimo tambem com todo o seu explendor, abraza, suffoca, calcina e mata mas sempre

Relello Jor

sahe triumphante, como aquellas adoraveis mulheres que a desgraça empurra para o crime e que o nosso enthusiasmo se obstina a vêr ainda intangiveis e puras.

E como n'essas lindas mãos arrocheadas de veias decorativas, jamais queremos vêr as manchas do crime, jamais tambem n'aquelles raios de luz, que fecundam e matam, poderemos encontrar vestigios da desgraça e da catastrophe, muito embora á sua luz estejamos a ler nas columnas do nosso jornal, o relato frio das primeiras insolações.

ENTRE-OS-RIOS—Na Quinta das Granjas

ENTRE-OS-RIOS—Na gruta da Quinta das Granjas

E, a cantar o sol, que hoje por vez primeira me appareceu, eu esquecia as convulsões politicas que resolvem a unidade ingleza ou o destino incerto d'esse loiro principe allemão, que sobre um throno a desfazer-se, tem apenas a ampara-lo a sympathia da sua desgraça e que por um gesto d'elegancia moral, se mantem ainda sobre os escombros d'uma realeza ephemera, a carregar com o pezo de uma corôa que só lhe deu a grandeza da desgraça e que lhe repugna já.

Pobre Guilherme de Wied, a tua causa é hoje, infelizmente, uma causa mercenaria. A esperança das hostes aguerridas do principe de Bid, diluiram-se com o ultimo saque ao erario exhausto. Os seis mil rumenos que a Rainha desvairada, sollicitou do tio, vão ser simplesmente o prolongamento da tortura... Essed-Pachá está terrivelmente vingado, porque o principe de Wied, a quem o Kaiser empurra ainda, —ferindo o brio proprio de soldado e fazendo-o expor nas avançadas — já não defende a corôa a que mente a sua farda d'official do exercito allemão...

JOSÉ DE FARIA MACHADO.

ENTRE-OS-RIOS — Grupo de visitantes em frente ao antigo balneario dos romanos e ao Grande Hotel de S. Vicente

(Clichés de Francisco P. Mendes)

ENTRE-OS-RIOS

Triste recordação

E' a povoação de Entre-os-Rios um dos logares mais poeticos do nosso pequeno mas formoso Portugal.

O tom sombrio do Douro e do Tamega casa-se com o aspecto magestoso dos montes que, encadeando-se, quasi circumdam o povoado, indo morrer ao longe, semelhantes a um tenue veu de fumo.

A belleza da paisagem convida á meditação; e sentimo-nos como arrebatados a um mundo desconhecido, ao escutarmos, silenciosos, o doce murmurio das aguas, que deslisam, suavemente, como penitentes em mistica peregrinação . . . .

. . . .

O sol, que para baixar ao seu leito já se havia despedido das montanhas, lançava ainda um derradeiro olhar sobre uma que mais longe se destacava. A côr rosea do horisonte esbatia-se artisticamente, tornando-se impossivel precisar o seu limite.

Empoava-se o azul da atmosphera. Estavamos no fim de Julho, e durante o dia tinhamos supportado o dominio d'um calor excepcional.

Emquanto as lavadeiras cantavam, batendo a roupa nos penedos do Tamega, coagulava-se o Douro de vellas e de rapazitos que se entretinham a nadar. Fui bruscamente arrancada á minha contemplação, por gritos lancinantes que se elevavam do areal. Corria gente, fazendo perguntas e commentarios, emquanto alguns homens se mettiam na agua, procurando salvar, d'uma horrorosa morte, um pequeno banhista que, levado pela corrente e já exhausto de forças, se submergiu, sem que os companheiros podessem soccorre-lo.

Depois de muito trabalho e quando já não havia esperança de o salvar, lançaram

ENTRE-OS-RIOS — Vista geral

ENTRE-OS-RIOS — Foz do Tamega

ENTRE-OS-RIOS — Pedras de Linhares

uma rede em que, passado tempo, conseguiram traze-lo para terra.

Redobrou o clamor. — «Ainda vive» ! — gritou alguem.

. . . .

E' noite. O areal está deserto. Não se ouve mais que o leve rumor da agua. E, n'uma tosca e pequena casa, agglomeram-se, a ponto de se não poderem mover, as mulheres e as creanças, soluçando e procurando por todos os meios ao seu alcance reanimar o corpo inerte do desditoso que, quando retirado do rio, já não era mais que um cadaver.

Braga.

ELVIRA NEVES PEREIRA.

ENTRE-OS-RIOS — Um aspecto da estrada

ENTRE-OS-RIOS — Outro aspecto da estrada

Fastos do Catholicismo

O Salutaris Hostia!

Está reunido em Lourdes o XXV Congresso Eucharistico Internacional. A selecta assistencia de 200 cardeaes, arcebispos e bispos que concorreram á cidade da Immaculada, com innumeravel cohorte de sacerdotes e fieis, o esplendor das festas que serão celebradas e sobre tudo isso a importancia das theses que se vão tratar, fazem do Congresso Eucharistico, com a circumstancia de celebrar as *bodas de prata* d'essa obra, a mais memoravel de taes reuniões.

Foi Mons. de Segur, e outros piedosos varões, quem celebrou na cidade de Lille, onde o apostolo da Eucharistia exercia o munus episcopal, o primeiro Congresso Eucharistico, iniciando em 1881 a obra de taes reuniões, logo abençoada por Leão XIII de santa memoria.

ENTRE-OS-RIOS — A Ponte

(Clichés do dist. phot. am. snr. Augusto Chaim)

VIANNA DO CASTELLO — *Egreja das Almas. O andor de Nossa Senhora da Guia no dia da festa*

(Cliché do phot. am. snr. Domingos Roriz)

Desde então celebraram-se annualmente em Avinhão, Lieja, Tolosa, Antuerpia, Paris, Friburgo, Bruxellas, Jerusalem, Reims, Paray-le-Monial, Lourdes, Angers, Namur, Angulema, Roma, Veneza, Metz, Londres, Colonia, Montreal, Madrid, Malta, Vienna, e agora finalmente em Lourdes.

O renascimento catholico faz convergir para a Eucharistia a attenção de todos os povos. E' que Jesus Sacramentado é o sol da Egreja, a sua invencivel fortaleza.

A "Illustração Catholica„ no Brazil

Entre os personagens mais distinctos de Manaus, destaca-se o dr. Virgilio Ramos, que a a este terra tem prestado grandes e assignalados serviços.

Senador estadoal, director do Asylo de Mendicidade e chefe da clinica do Hospital da Santa Casa, em qualquer dos cargos que occupa, o

Dr. Virgilio Ramos

dr. Virgilio Ramos sabe dar provas do seu valor e das suas primorosas qualidades de caracter.

Se pela sua intelligencia se tem salientado na politica do seu paiz, pelo seu coração tem-se revelado um espirito esclarecido, recto e cheio de bondade no modo como desempenha as funcções de director do Asylo de Mendicidade e chefe da clinica do Hospital da Santa Casa.

Os pobres tem n'elle um pae; e assim o estimam e consideram. Não ha dôr que elle não conforte, nem lagrimas que não enxugue; para todos tem palavras de consolação e carinho, e sorrisos de verdadeira bondade.

Muito lhe deve a caridade; muito ha feito em favor da desventura.

Porisso o seu nome é abençoado pelos seus protegidos, respeitado e querido pelos seus numerosos amigos, que os conta em todas as classes.

Homens d'estes, honram o seu paiz e a causa a que se dedicam.

ARRABALDES DE S. PAULO (Ipiranga)

Casa em que D. Pedro I descançava e onde foi proclamada a Independencia do Brazil

Vianna do Castello-"Sport Club Viannense„

Grupo dos socios do "Sport Club Viannense„ que tomaram parte no passeio official á montanha de Santa Luzia

Os socios do "Sport Club Viannense„ na montanha de Santa Luzia. Um aspecto da meza de jantar

(Clichés do phot. am. sr. Manuel Affonso)

VIANNA DO CASTELLO — O interior da egreja da Ordem Terceira de S. Francisco no dia da festa de Santo Ivo e conclusão do Mez de Maria

VIANNA DO CASTELLO — O altar de N. Senhora na mesma festividade

(Clichés do phot. am. snr. Domingos Roriz)

PAÇOS DE BRANDÃO — O altar-mór da egreja parochial no dia da festa do SS. Coração de Jesus

PAÇOS DE BRANDÃO — Imagem do SS. C. de Jesus que se venera na egreja parochial

(Clichés do phot. am. snr. Antonio d'O. Maia)

ARMARIA PORTUGUEZA

Armas de cada appellido que entram na composição dos brazões das casas nobres de Portugal

Amorim. — Em vermelho cinco cabeças de mouro em aspa, com turbante de prata e barbas d'ouro. Timbre: duas cabeças.

Andrade. — Em ouro uma banda de vermelho sahindo de duas boccas de serpe de prata, entre dois caldeirões de negro enxequetado de prata e vermelho. Timbre: dois pescoços de serpe de ouro, batalhantes e atados de vermelho.

Antas. — Em campo vermelho seis lisonjas de prata em cruz. Timbre: uma anta.

Aranhas. — Em campo vermelho uma asna de prata entre trez lizes d'ouro e no alto um escudinho vermelho com uma banda de prata e sobre ella uma aranha preta. Timbre: a asna das armas.

Rebello Jor.

A Virgem e o menino

(Quadro de Raphael, Galeria Pitti-Florença)

PROPRIETARIO
Joaquim Antonio Pereira Villela.
DIRECTOR
Dr. Francisco de Sousa Gomes Velloso.
EDITOR
Antonio José de Carvalho.
ADMINISTRADOR
Clemente de Campos A. Peixoto.

Illustração Catholica
Revista litteraria semanal de informação graphica
Redacção, administração e typographia
83, R. dos Martyres da Republica, 91
BRAGA

CONDIÇÕES D'ASSIGNATURA
PAGAMENTO ADEANTADO)

Portugal e colonias (1 anno) . .	2$400
» » (6 mezes) .	1$200
» » (3 mezes) .	600

Á cobrança feita pelo correio ou pelo cobrador, accresce o importe das despezas.

Estrangeiro (1 anno)	3$000
» (6 mezes)	1$500
Numero avulso	60

Numero 57 Braga, 1 de agosto de 1914 **Anno II**

CHRISTUS VINCIT CHRISTUS REGNAT CHRISTUS IMPERAT.

ILLUSTRAÇÃO CATHOLICA

Revista litteraria semanal de informação graphica

Proprietario, Joaquim A. Pereira Villela. Director, Dr. F. de Sousa Gomes Velloso

EDITOR
Antonio José de Carvalho.

ADMINISTRADOR
Clemente de Campos A. Peixoto.

Braga, 1 de agosto de 1914

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E TYPOGRAPHIA
83, R. dos Martyres da Republica, 91
Não se restituem os originaes

Numero 57—Anno II

SANTA PHILOMENA

(Esculptura de José Coelho Vital, distincto artista portuense)

Chronica da Semana

LVII

POR cima da celeuma viva dos partidos republicanos, correm os gritos vibrantes dos candidatos ás proximas eleições.

Como esta gentalha politica se afadiga e engalfinha, mal o problema da urna se levanta á luz das gambiarras, ao toque da magica varinha do condão politico do poder!

Nos regimens democraticos, como este que já dança macabramente a ultima farandola de desordem delirante, sobre o costado da nação, as eleições são a chave do systema constitucional. E' este o grande erro das democracias, porque as eleições são como os curraes de concelho, onde toda a besta tem entrado, na phrase causticante de D. Francisco Manuel de Mello. E' certo que, nos paizes de acurada cultura civica, as bestas, na sua maior parte, ficam de fóra, na situação lazarenta do cavallo de Tolentino, mas o contagio da banalidade e a deflagração da loucura — caractéres especificos das assembleias eleitas pelo voto anonymo da turba, produzem n'ella os seus effeitos perniciosos. E' vêr que por todo o periodo constitucional, salvas honrosas excepções, o Parlamento constituiu o tumor maligno enkistado no corpo da nação. Grandes orações primorosas se ouviram nas duas casas do corpo legislativo; lances de espirito, de viveza suggestionadora entrecortaram as legislaturas, mas aquillo que representa uma obra duradoira, na administração publica do paiz, ninguem o viu parido pelo bento seio dos paes da patria. Essa obra pertenceu sempre a iniciativa pessoal d'um dictador; e dá-se o caso, espantoso de incoherencia, de haver sido o proprio organisador do regimen cartista de 26, Mousinho da Silveira, o proprio preconisador, entre nós, da pseudo representação nacional pelo parlamento, que saltando por cima d'ella, a titulo de uma razão d'ordem publica, lançou as bases das grandes reformas basilares de toda a vida constitucional ulterior...

Mas vinha eu dizendo... ah! que a azafama eleitoral das facções e grupelhos republicanos sóbe ao auge, e formava tenção de contar aos meus pacientes leitores, dois ou tres episodios picarescos do caciquismo vermelho e rubro, ahi desenrolados á margem do Tamega.

Fico apenas na tenção (e os leitores nada perdem com isso), e faço resaltar a nota concludente de que n'elles se revelam a alma desgastada e o frusto espirito do republicanismo indigena, digno da *charge* mordaz do pamphletario illustre dos *Gatos*, ou do crayon suggestionador de um Forain portuguez.

A proposito tiro a semelhança que ha dias surprehendi entre a concepção caricatural da Republica de Forain e de Jorge Colaço.

Tinha á minha frente um dos ultimos numeros do *Thalassa* e uma compilação dos vivissimos desenhos do caricaturista francez, aberta n'uma pagina em que elle definiu *La Belle Jardinière*, a Marianna dos *Boulevards*, a Republica, emfim. Forain descarnou a 3.ª republica, expõe-a no seu realismo crú, na sua essencia, e a gente colloca o seu desenho ao lado da figura hedionda de ferocidade lubrica e de crapula em que Colaço representa a Demagogia e depara traços semelhantes unindo, em cerebros differentes, uma concepção egual.

D'aqui inferiu o meu espirito que n'aquellas intelligencias com forte poder de synthese, a visão da Republica, na sua essencia, é sempre a mesma, com mais brocados ou mais farrapos nos andrajos, e que, afinal, servida ella seja embora por visionarios romanticos ou por selvaticos serventuarios, a questão de regimen, porque a aristocracia moral e intellectual que deve orientar os povos, se resume no fundo a uma questão simples de limpeza...

E agora me encontrei no fim da chronica da semana transacta, sem espaço para desenvolver a natureza do boato circulante de que o proximo agosto se assignalará por chacinas entre republicanos radicaes e os *soi-disant* conservadores, e sem frisar demasiadamente o grotesco da caça aos governadores civis, em que o sr. Bernardino anda empenhado — do que peço desculpa aos meus leitores. F. V.

VIDA INTENSA
(PAGINAS D'ALEM FRONTEIRAS)

UM jornalista norte-americano, propõe-se publicar, com sensacionaes commentarios, as cartas politicas de Bismark e a imprensa franceza, sempre avida d'escandalos e de crimes, já borda, ao derredor do caso, as mais extravagantes phantasias.

A forma engenhosa como o reporter yankee se apoderou, ou diz ter-se apoderado, do precioso *dossier* é positivamente bem mais interessante, que todas as revelações politicas, apprehendidas de surpreza nas confidencias epistolares do grande chanceller.

MACAU — Seminario de S. José. Fachada principal da egreja

Bismark escrevia pouco, fallava pouco e o seu retrahimento, a sua reserva, faziam successo, mesmo entre os allemães, que são de natureza ponderada e retrahida. Para que agora surgissem papeis de valor, pertencentes ao grande politico era preciso, que esse homem tivesse sido prodigo no reparto dos sentimentos e das opiniões. Os raros documentos que poderiam valer, dormem no segredo das chancellarias o somno tranquillo da discreção, sob a guarda attenta e reservada do interesse e, se um dia transpozerem os humbraes d'esse tumulo, será pela mão fria da Historia.

Mas o jornalista americano insiste pelo valor das suas cartas e conta o achado d'uma maneira pittoresca.

Ha dois annos, em Biarritz, uma loirinha de cabeça leve, teria tido a sua aventura d'amor com um estudante russo e, [com o seu

Relello Jor

coração, entregara-lhe tambem os seus segredos, preciosos dizia, porque sua mãe uma allemã vermelhuça e velhaca, tinha sido creada d'uma alta personalidade berlineza, senhora de grande formosura e de grande prestigio tambem no coração do chanceller.

Um dia, difficuldades de dinheiro surgiram n'essa ligação á *la diable* e o russo, consumido o ultimo rublo nas garras devoradoras do *trente quarante*, aproveitou-se dos segredos da rapariga e trocou-os por algumas notas de banco.

mem de ferro, o politico sem coração, conhecedor da multidão e das intrigas politicas, contasse infantilmente, como qualquer collegial, os seus segredos ás pessoas amigas.

A imprensa franceza perde o seu tempo antegosando o escandalo.

As cartas, se existem, são cartas intimas, sem valor, ridiculas, piégas para os outros, como todas as cartas que trazem o rotulo romantico da paixão, interessantes talvez porque vão revelar não um segredo das chancellarias mas

MACAU — Altar-mór da egreja do Seminario de S. José

Apesar do seu quê de romance, o jornalista consegue dar verosimilhança ao achado.

Evidentemente não se trata de papeis politicos, porque não é de prever que segredos que ferem a politica europeia, estejam ao dispor de qualquer russo jogador e devasso ou das loiras flôres de vicio que fazem a vida alegre da *côte d'azur*. Trata-se talvez de devaneios intimos do grande chanceller, de confidencias sentimentaes, de caprichos, de loucuras, que podem ser interessantes para a psychologia do homem, mas que não tem valor para a acção do politico.

A não ser que o jornalista venha demonstrar com o seu achado sensacional, que o ho-

MACAU — Altar da Immaculada Conceição na egreja do Seminario

um aspecto novo no caracter do politico allemão.

E quem sabe até, se o homem sem coração, insensivel quasi, que humilhou a Inglaterra e procurou ferir de morte a França, nos vae surgir atravez d'essa cartas, um piégas, um timido, um namorado infeliz...

Seria immensamente ridiculo mas seria tambem immensamente natural...

A vida felizmente ou infelizmente tem d'estas ironias e d'estes contrastes...

JOSÉ DE FARIA MACHADO.

Os nossos Bispos

D. João Paulino d'Azevedo e Castro

VENERANDO BISPO DE MACAU

Nasceu na Villa do Pico (Açôres) em 4 de fevereiro de 1852. Eleito bispo em 9 de junho de 1902 foi sagrado em 27 de dezembro do mesmo anno fazendo a entrada solemne em Macau no dia 5 de junho de 1903

PERDOE!

(FACTO HISTORICO)

A guerra franco-prussiana de 1870 havia terminado, a paz estava concluida havia semanas, mas o triste cortejo das familias enlutadas, dos feridos e doentes, devia conservar, por muito tempo ainda, a cruel recordação da guerra.

O valente general Sonis soffrera a amputação d'uma perna e via-se obrigado a passar os longos dias da convalescença estirado n'um canapé, procurando na leitura distracção aos ocios forçados.

Annunciaram-lhe certa manhã a visita d'um velho official; o nome era-lhe desconhecido, comtudo mandou-o entrar.

O visitante era um velho pallido e magro, hirto n'um sobretudo preto e de fumo no chapeu. Inclinou-se saudando militarmente o general, e disse:

— Queira perdoar, general, se o venho incommodar!

— Não receie incommodar-me! Como vê estou prisioneiro no hospital! —respondeu singelamente o heroe de Loigny.— Sente-se e diga-me o motivo da sua visita.

—General, eu tinha um filho... filho unico... Foi morto, mas nunca pude saber onde, nem quando.

Supponho que terá succumbido n'um dos ultimos combates, mas não tenho a certeza. Andei investigando nos arredores, fui ao ministerio, mas...

No rosto macilento de Sonis notou-se uma contracção, tomou uma expressão severa, e, trincando bruscamente as palavras, volveu-lhe o ancião:

—Bem! E que tenho eu que ver com isso?

—Queira perdoar, general! — continuou o outro com voz velada. — Queria encontrar o cadaver de meu filho, desejava reuni-lo com a pobre mãe, que ha poucos dias se finou de angustia ... O meu rapaz pertencia ao seu regimento, general; estava directamente ás suas ordens!

—E'-me impossivel ter noticias por menor sobre o fim dos soldados que commandava.

—Mas elle era sargento, general! — continuou o pae com a voz embargada e supplicativa.

Seguiu-se

MACAU — Seminario de S. José — 1) Um dormitorio. 2) Aspecto d'uma sala. 3) Uma sala de estudo. 4) Grande corredor das aulas que mede 80 metros de comprimento

MACAU — Residencia da Missão portugueza em Singapura proxima á egreja de S. José. Construida e inaugurada em 1912.

Sonis, mais commovido com estas singelas palavras do que com um eloquente discurso, murmurou:

—Sim, comprehendo bem, seria uma consolação. Mas, que quer! Resigne-se. Afinal os mortos não precisam senão de repouso!...

—Eu teria podido resignar-me, antes, como diz; mas ha dias que o não posso conseguir, general. Estou inquieto, não logro socegar, porque percebo querem occultar-me alguma coisa. E é necessario que eu saiba toda a verdade, custe o que custar, tanto mais que estou convencido de que o general a conhece. Supplico-lhe, falle, diga-me tudo; prometto-lhe que saberei ser forte.

— Não, não,...—esquivou-se o general; — emfim, assevero-lhe que... não recordo senão isto... n'aquella triste jornada em que é presumivel que o seu filho tenha faltado á chamada, deram-se incidentes muito dolorosos para os nossos velhos corações de soldados... e se por desgraça o seu filho andou envolvido n'elles...

—Em quê? Continue, general!

—Alguns soldados da guarda volante, pouco aguerridos, fugiram ao aproximar-se o inimigo...

—meu filho não era um vil!

Sonis não respondeu e baixou os olhos; então o desditoso velho pareceu comprehender, mas accresentou forcejando quasi por sorrir, tranquillamente:

—Se tivesse fugido, estaria vivo e não an-

breve silencio; o general conservava os olhos semi-cerrados...

O velho official levantou-se enleado, fazendo menção de sahir ; depois, com um esforço evidente, disse ainda :

— Queira perdoar, general! Sei que sou importuno, mas, supplico-lhe, não me mande embora sem uma justificação, sem uma palavra sequer, como fizeram no ministerio... Parece que me quer occultar alguma coisa. Porquê? Estou acabrunhado, mas tenho ainda animo... Eu tambem usei dragonas—concluiu, levantando com altivez o rosto, o velho official.

— Que patente era a sua? — perguntou Sonis, contente de encontrar um diversivo á conversa.

— Capitão d'uma companhia ; alistei-me como voluntario... Fiz todas as campanhas desde Sebastopol...

— E não foi condecorado ?

— Não, general, preferi sempre a promoção, porque já tinha familia e era pobre... minha pobre mulher, o meu pequeno, que eu tanto amava... E agora general, comprehende bem quanto desejaria reuni-los tambem no somno da morte, emquanto aguardo o momento de os tornar a ver para lhes dar os bons dias!

MACAU — Penha. Interior da residencia episcopal

daria eu reclamando o seu cadaver! Que lhe parece, general, não tenho razão?

O official insistia, mas a cada palavra enfraquecia-lhe a voz, o sorriso demudava-se n'uma contracção de dilacerante angustia.

O general começou a dizer, com voz grave:

—Seu filho não se chamava Henrique?

—Oh, sim, general! Então conhecia-o? Então morreu?

—Tenha animo, capitão!

MACAU—Congregação de Nossa Senhora constituida pelos alumnos do Seminario de S. José

Orchestra «Santa Cecilia» do Seminario de S. José

PORTO — Grupo geral dos alumnos que frequentaram o curso theologico do Seminario no anno lectivo 1913-1914

—Foi talvez um dos desertores?...

—Peor ainda: foi elle quem arrastou os outros, incitando á revolta contra as ordens superiores!

—Então?...—murmurou o capitão com um debil fio de voz.

—Então,—proseguiu com voz branda, mas firme, o general,—foi julgado e fuzilado deante d'uma feitoria, á ourela da floresta de Orleans.

O velho soldado tentou erguer o corpo curvado mais ao peso da dôr que dos annos; nos olhos não se lhe viam lagrimas, mas o rosto rugoso e cadaverico mettia dó. Com um movimento rigido levou a mão direita á testa, fazendo a continencia militar.

—Foi bem feito,—murmurou.—Obrigado, e adeus para sempre, meu general!

Sonis tomou-lhe as mãos, puxando-o a si, vencendo o seu movimento de resistencia, e disse-lhe com a voz commovida:

—Vamos, capitão! não deve amaldiçoar a memoria do seu rapaz.

O velho mordia o bigode nervosamente.

—Perdoe-lhe! — insistia o general.

—Nunca! Nem mesmo no outro mundo, onde espero que Deus me não deixe encontrar com elle...

—Deus é a infinita misericordia! Seu filho foi culpado, é certo...

—Diga que foi vil e cobarde, general!

—Não, isso não, porque morreu como um valente, e a expiação remiu-o do seu inexplicavel desvario juvenil...

—O seu delicto não tinha expiação...

—Não, não diga isso, capitão: seu filho morreu prestando um serviço á patria em perigo; morreu sa-

Grupo dos terceiranistas de theologia do mesmo Seminario

(Clichés do phot. am. snr. Antonio d'O. Meia)

crificado á disciplina, ao exemplo; elle comprehendeu a possibilidade da sua rehabilitação pelo arrependimento e a conformidade com o castigo.

O general, dizendo isto, apertava nas suas as mãos geladas e tremulas do desventurado pae, que não ousava erguer o olhar. Por fim accrescentou:—Olhe para mim, capitão... Obedeça-me!

E a tempera do soldado cedeu ainda, por antigo habito, á ordem do superior. O capitão fitou o rosto franco e leal do heroe, e sentiu no coração vehemente desejo de acreditar as suas palavras, de embalar-se no ultimo sonho, de agarrar-se, como a taboa de salvação, ao consôlo de uma deshonra menor.

Sonis estreitou ao peito o veterano, affirmando solemnemente, como se fizesse um juramento:

—Perdôe, capitão, perdôe! Chore pelo seu filho, porque eu, que o julguei, tambem o recordo e choro por elle!...

X.

Sport nos Açôres (Ilha Terceira) — *Foot-Ball-Grupo do Angra Sport Club e Guarnição do "Adamastor"*

Uma phase do jogo

FOLHAS ESPARSAS

FOI ha tres annos...

E a magua infinita que enlutou e retalhou o meu espirito attribulado perdura ainda, retalha e enluta o coração que lhe quiz tanto...

Amei-o muito, porque amar a Bondade é amar a Deus, e foi a sua mão amiga que me valeu na tormenta da minha vida, riscada de incertezas cruciantes e hostilidades aceradas.

Quando eu cheguei a Coimbra receioso e desajudado, sem o escudo da fé no meu destino a avivar os impulsos de uma vontade forte, foi elle que me disse: Confia em Deus e em mim!

E eu parti, tranquillo e confiante, molhada a alma de alvoroçantes esperanças, a desbravar a estrada do Direito.

Foi ha tres annos...

O guarda marinha snr. Reis Gonçalves "capitain do team" do "Adamastor" e o snr. Thomé de Castro, distincto sportman

ILHA TERCEIRA (Açôres)—Outra phase do jogo

(Clichés do phot. am. sr. A. J. Leite)

N'aquella tarde quente de julho em que o seu espirito nos deixou, a morte que a todos pareceu estupida e brutal, foi essencialmente justiceira e profundamente humana...

Pobre Martyr que á causa catholica de Portugal offereceu a vida depois de lhe dar a geração luzida e ardente das *Juventudes*, que eram, depois dos filhos o seu maior orgulho...

Elle que subiu á cathedra quasi uma creança foi como professor o que como estudante sempre fôra: arguto, investigador, estudioso disciplinado, de avisado conselho e são criterio.

Querido Sousa Gomes, Mestre e Amigo de nós todos: Deus sabe se no dia em que foste a enterrar, em Santo Antonio dos Olivaes — doloroso entardecer de julho — comtigo não levaste a porção mais bella da minha mocidade...

Devi-lhe tudo e amei-o muito. Amei-o muito, porque amar a Bondade é amar a Deus.

JOÃO DE CASTRO.

O Congresso Eucharistico

ACABA de celebrar-se em Lourdes, a cidade da Virgem, o 25.º Congresso Eucharistico.

Cerca de 200 cardeaes, arcebispos e bispos, além dos representantes d'outros, alli se acharam reunidos com o delegado do Santo Padre Pio X, cardeal Granito di Belmonti.

Gloria a Deus...

O Congresso Eucharistico do anno de 1914 em Lourdes, brilhante manifestação da vida catholica não sómente da França, mas do mundo inteiro, mostra bem que a Egreja está florescente.

Emquanto a Egreja Catholica der signaes de vida, como o Congresso Eucharistico de Lour-

D. Maria Rita Machado

viuva do 3.º conde de Almada e mãe do actual representante da nobilissima e patriotica casa dos condes de Almada o snr. D. Miguel Vaz de Almada.

Um dos sinos offerecidos pelo benemerito snr. Conde de Agrolongo

para a torre da egreja parochial de Caldellas (Taypas) e manufacturado nas officinas dos snrs. Rebello da Silva & C.ª d'esta cidade

A menina Maria da Conceição de Souza Braga e o menino Delphim de Souza Braga, filhos do snr. Francisco de Souza Braga, no dia da sua primeira communhão

des, podem todos os inimigos d'ella perder a esperança de a destruir. Insensatos, que não attendem ás palavras do Divino Fundador — *as portas do inferno não prevalecerão contra ella*.

Como poderão os inimigos da Egreja Catholica derrui-la, se Jesus Christo a sustenta para que dure através dos seculos; lhe assiste para que não erre; e, levando mais longe o seu amor para com a humanidade, se digna residir entre nós nos nossos templos, assim nas populosas cidades, como nas pequenas aldeias?...

Foi Jesus quem disse ao consagrar o pão e o vinho na ultima ceia — *este é o meu corpo — este é o meu sangue — fazei isto em memoria de mim*.

Jesus Christo deu aos apostolos e aos seus successores no sacerdocio o poder de consagrar o seu corpo e o seu sangue, e d'esse poder tem usado e usarão sempre os sacerdotes.

Jesus Christo disse... Que mais é preciso para que todos acreditemos piamente, profundamente gratos a tão grande prova de amor, por mais extraordinario que se nos represente o facto?

Profundamente gratos a tão grande prova de amor, sim.

Jesus Christo está presente na Santissima Eucharistia para se offerecer a seu Eterno Pae a toda a hora em sacrificio por amor de nós; está presente para mais facilmente nos lembrarmos de a Elle recorrer nas nossas necessidades e nas nossas tribulações, e recorrendo, alcançarmos para ellas o remedio; está presente para se dar em alimento espiritual ás nossas almas e fortalecê-las, a fim de que possam com vantagem sustentar as luctas da vida.

O mysterio da eucharistia é o mysterio do amor de Jesus pela humanidade. E' a memoria do amor passado, é o signal do amor presente, é o penhor do amor futuro — *quem comer a minha carne e beber o meu sangue viverá eternamente*.

Praza a Deus que o explendido Congresso Eucharistico de Lourdes, congresso de todo o mundo catholico, contribua para afervorar mais os fieis no culto da Santissima Eucharistia e approxima-los mais e mais da sagrada communhão, fonte de vida christã.

MARIZ.

PORTALEGRE—Capella do Senhor do Bomfim e cruzeiro

BRAGA—Grupo de senhoras e cavalheiros que assitiram ao "pic-nic" realizado ha dias na cerca do antigo convento de Tibães e organizado pelo ex.mo snr. dr. Nuno Freire d'Andrade e sua ex.ma esposa

BRAGA—Creanças da freguezia da Sé Primaz que fizeram a sua primeira communhão

S. Paio de Merelim (Braga) - Uma festa religiosa

Foi imponentissima a festa religiosa n'um dos ultimos domingos realisada na freguezia de S. Paio de Merelim em honra do SS. Sacramento. Alem da tocante ceremonia da primeira communhão a perto de 80 creanças, devidamente preparadas pelo seu zeloso parocho rev. Domingos Duarte da Cunha, houve missa solemne sendo a parte coral desempenhada por um grupo de socios da J. C. d'aquella freguezia, sahindo de tarde uma linda procissão da qual damos alguns clichés.

Grupo de creanças que fizeram a primeira communhão no dia da festa

Gruta de N. Senhora de Lourdes em frente á egreja parochial

Um aspecto da procissão

Outro aspecto da procissão

A "Illustração Catholica,, no Brazil

RIO DE JANEIRO—Grupo de meninas e meninos que fizeram a sua primeira communhão na capella de N. Senhora das Dôres, em Cascadura

RIO DE JANEIRO—"Filhas de Maria Immaculada,, da capella de N. Senhora das Dôres, em Cascadura

EM ORAÇÃO

(Clichés do phot. am. snr. Telles Grillo)

PROPRIETARIO
Joaquim Antonio Pereira Villela.
DIRECTOR
Dr. Francisco de Souza Gomes Velloso.
EDITOR
Antonio José de Carvalho.
ADMINISTRADOR
Clemente de Campos A. Peixoto.

Illustração Catholica
Revista litteraria semanal de informação graphica
Redacção, administração e typographia
83, R. dos Martyres da Republica, 91
BRAGA

CONDIÇÕES D'ASSIGNATURA
(PAGAMENTO ADEANTADO)

Portugal e colonias (1 anno) . .	2$400
» » (6 mezes) .	1$200
» » (3 mezes) .	600

A cobrança feita pelo correio ou pelo cobrador accresce o importe das despezas.

Estrangeiro (1 anno)	3$000
» (6 mezes)	1$000
Nnmero avulso	60

Numero 58 — Braga, 8 de agosto de 1914 — **Anno II**

Expediente

Vamos imprimir e dourar as capas para o 1.º volume da *Illustração Catholica*. Essas capas serão de percalina, douradas, e d'um bello effeito artistico.

Quem as pretender, tenha a bondade de, em postal, fazer a sua encommenda. Cada capa custa 320 reis incluindo o correio. O importe deve ser remettido em vale ou estampilhas.

ILLUSTRAÇÃO CATHOLICA

Revista litteraria semanal de informação graphica

Proprietario, Joaquim A. Pereira Villela. Director, Dr. F. de Sousa Gomes Velloso

EDITOR Antonio José de Carvalho. ADMINISTRADOR Clemente de Campos A. Peixoto.

Braga, 8 de agosto de 1914 | REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E TYPOGRAPHIA *83, R. dos Martyres da Republica, 91* Não se restituem os originaes | Numero 58—Anno II

BRAGA — O andor da Virgem do Carmo no dia da festividade

Chronica da Semana

LVIII

A Guerra aquelle monstro ingente que a voz de Vieira descreveu no pulpito, com todos os seus horrores, arrasta de novo a sua carcassa de ferro e as suas fauces, pelos campos da velha Europa.

Trôa sobre o Danubio o canhão austriaco e a capital da Servia é hoje um acampamento deserto!

No nevoeiro da Russia perpassam sombras negras de exercitos em marcha e ouve-se já o tropear dos batalhões, por entre um estrepito de carrêtas d'artilharia, nos valles do Rheno das balladas heroicas; emquanto o *Deutch über alles!* enrouquece as gargantas da multidão por debaixo das janellas do palacio de Potsdam e nos *boulevards* parisienses o patriotismo francez grita: a Berlim! e entôa as estrophes arrebatadoras da *Marselheza!...*

Que sonho mau é este?

Como é que de uma satisfação posthuma aos sangrentos funeraes dos archiduques herdeiros d'Austria, cresce a plena loucura da conflagração europeia?

Quantas vezes eu penso no mau tempo em que nasci!...

A velha diplomacia, velha quarentona, de poses seculares e gestos curtos, não logrou vencer d'esta vez o ardor bellicoso dos povos, e a guerra europeia vae estalar, segundo os telegrammas que me cahem sobre a meza, horrenda e bestial como o instincto da carniça, n'um choque espantoso entre seis milhões de soldados, da Russia; os cinco milhões e meio, d'Allemanha; os quatro, da França; o milhão e meio da Italia; o milhão e quatrocentos mil da Inglaterra; o milhão, dos paizes balkanicos, sem contar os respeitaveis contingentes das pequenas nações, que terão de appellar para a força das armas em defeza da sua neutralidade ameaçada.

Que hecatombe immensa!

Todo um espectaculo de tragedia humana apparece, na lucta aerea e maritima;—esquadrilhas de dirigiveis e aeroplanos, arrojando projecteis incendiarios, sobre cidades, villas e aldeias e obrigando as populações a acoitar-se em cavernas, como toupeiras, a fim de resguardar-se das furias dos inimigos que povoam os ares; esquadras de couraçados acommettendo-se em brava furia de insania; torpedeiros avançando rapidos para lançar o raio destruidor aos flancos submersos dos *dreadnoughts!* E mais além, a fome nos burgos sitiados, as fabricas despovoadas, os bancos em fallencia, os navios commerciaes amarrados aos argolões das docas, e pelas lages dos caes, mulheres tragando lagrimas, o rythmo do trabalho bruscamente callado, e as coleras sombrias das multidões sem pão, preparando, no laboratorio vasto das consciencias em revolta, formidaveis *communas!*

Quantas, quantas vezes eu penso no tempo mau em que nasci!... Como é bem certo o grito d'aquelle que um dia escreveu:—a civilisação é a morte, e como seria de estremecer, a voz do grande orador dominicano, o Padre Janvier, sob as arcarias do céo azul de Lourdes, perante 300.000 congressistas á apotheose universal da Sagrada Eucharistia; como seria de estremecer essa voz, ao clamar, na aresta do abysmo em que a Europa hoje se precipita a uivar — que o fim do mundo não vem longe!

E como é bella e grande, suave de amor e branca de paz, a figura magnifica do Papa que junto da grande e bella dôr do imperador d'Austria, lhe implorava que não ensanguentasse os seus ultimos annos de vida—quando os exercitos da monarchia dupla, ao som das fanfarras e ao som do canhoneio já transpunham a fronteira para esmagar, na desforra de um crime que a memoria da victima real grita debaixo do tumulo frio, um povo inteiro que a victoria de Monastir e Uskub accendeu em crepitações de gloria!...

A historia chamará grande a Pio X, e desgraçada louca á Europa da minha mocidade!

F. V.

Vida Intensa

(Paginas d'além fronteiras)

A' hora tranquilla do entardecer, na meia penumbra esfumada do crepusculo, vendo o ultimo clarão do sol estremecer moribundo, no estreito horizonte da minha janella, debruçada para o mar, paira sobre a Europa a aza sinistra do espectro da guerra. Longe, nas margens lendarias do Danubio, ennovelado, inquieto, n'um presentimento, mobilisam-se tropas, aprestam-se canhões, esvasiam-se os lares entre lagrimas e pragas, e as sombras tem reverberos metalicos de capacetes e d'espadas, — ondas mechanicas de tropas, que avançam, inquietas, perturbando a tranquillidade d'aquelle fim de tarde.

E' a guerra, ameaçadora, incerta, sombra tragica de morte, de destruição, que se confunde com as primeiras sombras d'aquelle principio quieto de noite.

VIZEU — Festa promovida pelo Circulo Academico de Estudos Sociaes

O Rev.[mo] Snr. D. Antonio, Bispo de Vizeu, a caminho do altar-mór, vestido de pontifical, para dar principio á festividade religiosa

Austria e Servia vão bater-se e a Europa espreita, anceada, uma hora de desforra, um momento desvairado, que ponha ao sol, os ressentimentos, os odios suffocados. Allemanha ergue-se ameaçadora perante a insistencia do Czar e toda a Europa vibra do mesmo desejo, da mesma anciedade.

A propria Italia, esfrega regalada as mãos, mascarada na hypocrisia da paz, a vêr se pode assentar arraiaes na feira sangrenta, que vae iniciar-se e no leilão final, que é sempre o desfecho tragico d'estes acontecimentos, rehaver compensações no Tyrol perdido.

A França vê o unico momento de ferir a sua inimiga de sempre, porque julga que a encontrará enfraquecida a contas com a Russia ameaçadora.

espera a hora da desforra, só vão lucrando os banqueiros que souberam dar o golpe na bolsa, só ganhou a cynica Madame Caillaux, que graças ás attenções serem attrahidas pela guerra, se vê de posse da liberdade.

Não haverá,—diga a imprensa o que disser,—a terrivel guerra internacional. O conflicto, se os bons esforços das nações conciliadoras não conseguem soluccionar—limitar-se-ha a tres ou quatro escaramuças sangrentas mas irreductivelmente circumscripto á Austria e á Servia.

Allemanha, Russia e França não fizeram, não fazem mais do que arreganhar os dentes, como se quizessem confirmar aquella espirituosa *vontade* do 1.º lord do almirantado, que dizia, ha tempos, que as guerras no futuro se limitariam a mobilisações mais ou menos ruidosas, e que a manutenção da paz consistia no augmento dos elementos da guerra!...

VIZEU—Grupo de prelados e pessoas de representação que tomaram parte na festa promovida pelo Circulo Academico de Estudos Sociaes

No 1.º plano: (Da esquerda para a direita), o Rev.mo Snr. D. Antonio Barroso, bispo do Porto; o Rev.mo Snr. D. Antonio Alves Ferreira, bispo de Vizeu; o Rev.mo Snr. D. Francisco, prelado de Moçambique.
No 2.º plano: D. Deão, Dr. Maia; Dr. Barreiros Tavares; Dr. Luiz Ferreira de Figueiredo; Dr. Agostinho Coutinho e tenente-coronel Paulo do Quental.

E no meio de tantos interesses latentes, de tanta cobiça, de tanta ancia de rapina, onde a propria Turquia n'um retrahimento manhoso,

Tenho sobre a meza, a ultima edição do

VIZEU—Grupo de socios do Circulo Academico de Estudos Sociaes e convidados, depois do almoço de confraternisação

(Clichés do phot. am. sr. Alipio da Silva Ferreira)

Matin apregoando a catastrophe, semeando boatos, forjando bloqueios, fazendo afinal mais ou menos litteratura com os seus possiveis horrores, e apezar d'isso, obstino-me em affirmar que tudo acabará á boa pez.

Fez-se em volta d'este acontecimento tanto

Os nossos Bispos

D. Sebastião José Pereira

Venerando Arcebispo titular de Cranganor e Bispo de Damão

Nasceu em 4 d'outubro de 1837 na Proença-a-Nova. De alumno, missionario e professor do Collegio das Missões Ultramarinas, em Sernache do Bomjardim, passou a 7 de julho de 1873 para Prelado de Moçambique. Por Bulla de 23 de julho de 1900 foi confirmado Bispo de Damão, na India Portugueza, onde fez a sua entrada solemne em 6 de janeiro de 1902.
E' o segundo Bispo depois da erecção em diocese.

ruido, fomentou-se tanto panico, que o espirito da opinião espera aterrorizada a guerra, que seria horrivel, perigosa, ameaçadora para todos, mas que não estallando como não estalla, mostrará que outra guerra se fazia na sombra —a guerra da bolsa aos fundos e ás cotações.

Eu comprehendo o alarme. O conflicto internacional era a desgraça, a morte de muitas nações. A Allemanha embora com probabilidades de victoria jogaria uma tremenda cartada politica — o desiquilibrio da sua unidade — a Russia, caminhando para a derrota caminharia para a revolução, a Austria liquida-se perdendo o seu immenso prestigio e Portugal, seria o bodo expiatorio de todos os prejuizos, de todas as desgraças.

Mas o perigo está conjurado por agora. A Austria e Servia bater-se-hão e entre si liquidarão as suas velhas questões.

Hoje, o que se vê atravez dos jornaes que não mentem, das reservas das notas que não phantasiam, é que todos trabalham pela paz e a paz, salvo novas e inesperadas complicações, será um facto dentro de breves dias.

O alarme, o panico, ou noticias extravagantes, os imaginarios combates e os theatraes bloqueios, são felizmente no momento actual, jogadas de bolsa mais ou menos ousadas... e nada mais...

30-VII-914.

JOSÉ DE FARIA MACHADO.

BRAGA—Aspecto das ornamentações do interior do templo dos Congregados na festa commemorativa do Congresso Eucharistico

VILLA REAL—Festas ao Senhor Bom Jesus do Calvario

Andor e imagem do Senhor Bom Jesus do Calvario, cujas festas se realizaram nos dias 16, 17 e 18 do passado mez com uma grande concorrencia de fieis

VILLA REAL—Grupo de creanças pobres, vestidas na occasião das festas do Senhor Bom Jesus do Calvario a expensas da Ordem Terceira de S. Francisco

IMPRESSÕES DE VIAGEM

EM SARAJEVO

ENTRE a Slavonia, a Dalmacia e o Montenegro, um recanto do paiz ficou intacto, guardando nos seus valles todo o explendor, toda a pcesia do passado.

E' já o Oriente? E' o Occidente ainda? Não se sabe. E' a cidade bizarra, chamada por uns a Damasco da Europa, por outros a Florença oriental.

Comtudo o viajante não escapa á decepção, e exclama:

—E' só isto!?

LOURDES — O Cardeal Legado de S. S. o Papa Pio X com Mgr. Schoepfer, bispo de Lourdes e Tarbes dirigindo-se em carruagem á Gruta para presidir ao Congresso Internacional Eucharistico

Sahindo d'uma *gare* moderna, entra n'uma cidade tambem nova, para onde a Austria, zelosa do dominio que sobre a Bosnia-Herzegovina lhe deu o tractado de Berlim, canalisou, entre duas linhas rigidas as aguas saltitantes do Milzeka, menos difficeis de domar do que o feudalismo turbulento d'um povo fiel ás suas tradições e cujas raças tão diversas, se vergam a custo sob o sceptro, paternal embora, de Francisco José.

Mas quando o viajante volta costas a esses bancos pretenciosos, a essas casernas de estylo allemão, por meio das quaes se impõe a nova suzerania, obterá esta facilidade de, nunca tendo ido á Asia, encontrar pela primeira vez o Oriente, a quarenta e oito horas de Paris. E ei-lo o Oriente: surge a cada instante d'essas ruellas onde, sob baixos nichos, se acocôram os vendedores com seus turbantes, ourellas mal cheirosas de cortidores, cheias de chinellos bordados e sacos escarlates; galerias abobadadas de Berzetein, onde mercantes de nariz adunco desdobram scintillantes gazes.

Todas estas ruas convergem para uma praça redonda, ao meio da qual canta uma fonte; pombos esvoaçam em torno d'ella, cavallos carregados de forragens matam a sêde, e camponios arrumam terriveis carrêtos. Ao abrigo dos platanos que sombreiam a mesquita, velhos fumam o seu narguilé, um garoto de pés descalços circula, segurando uma bandeja com cafeteiras de cobre e mulheres passam: umas embrulhadas n'uma especie *bainha almofadada* — são Mussulmanas captivas do Islam, — outras, libertas pelo christianismo, lançam para traz um véu prezo á cabeça por uma corôa de sequins.

O Oriente. Encontra-o ainda nos escarpados caminhos que sobem para o monte.

D'alli, Sarajevo apparece com os andares das suas duas collinas de 1600 metros e n'este valle alpestre, peceguei-ros, macieiras e ameixoeiras e todas as arvores da nossa terra crescem explendidamente.

A' sombra d'ellas, as casas agrupam-se como querem!

Troçam dos alinhamentos, as pequenas casas bosniacas!

O seu unico andar, pintado a côr de rosa, azul ou a amarello, é supportado por pilares que lembram pernas de pau: e passam em procissão sobre estas mulêtas, pondo a carapuça preta aos seus telhados onde a phantasia lh'o pede.

No bairro visinho, porque aqui todas as na-

cionalidades se acotovelam sem nunca se misturarem, as habitações turcas, graciosas como joias, amontoam-se com egual phantasia. Por Alla! cada qual é livre de escolher o seu logar ao sol e de se agrupar por rebanhos, como as ovelhas em volta do seu pastor, juncto do minarête, cuja ponta parece querer attingir o céo.

Quantos são estes minarêtes? mais de um milhar, ao que se diz. A seus pés, dezesete mil crentes se prosternam, fieis ao alcorão, ao seu casebre e á sua immundicie, resistindo a toda a civilisação, se bem que aqui elles encontram abundantemente o thesouro de que muitas vezes estão privados os seus irmãos do Oriente, o thesouro fluido e incomparavel, celebrado por todos os poemas do Islam; a agua, a agua benefica e bemdita que, por toda a parte, apparece!

BRAGA — Grupo de creanças da freguezia de S. João do Souto que fizeram a primeira communhão no dia 25 de Julho, no templo do Salvador. No 1.º plano, ao centro, o rev. José do Egypto Vieira, zeloso parocho da freguezia

Ella desce da montanha na torrente que tagarella, desenrola-se, perde-se, para tornar a apparecer, fraccionada em ribeiros, a cujas margens as raparigas estão lavando as suas roupas.

Quando algum mais indiscréto passa, ellas aprumam os seus bustos onde se adivinha esbelteza, sob as largas vestes de bordadas franjas; evitam o curioso olhar dos estrangeiros, escondem os seus olhos nos braços carregados de argolas de metal; apenas se podem admirar o arco de coral dos seus labios e a linha elegantissima dos seus corpos.

Depois, crescendo sobre o viajante, eis a nuvem do rapazio, em que a Austria irá mais tarde, recrutar os seus solda-

Grupo de senhoras que no dia da primeira communhão serviram os pobres do Asylo de Mendicidade Conde de Agrolongo no jantar offerecido pelo rev. parocho, coadjuvado por alguns parochianos

E pelos atalhos fragosos, vae-se subindo, subindo sempre; vista d'esta altura, como é bella a cidade encantada! Faz ella pensar n'alguma princeza das *Mil e uma noites*, que teria escolhido como habitação o mais sombrio dos montanhosos valles. Sarajevo alli dorme, rosada, da côr dos beijos do poente! Em torno d'ella, no cocoruto de cada minarête, um ultimo raio de sol vem accender como a chamma de um cirio: é a hora da oração... Erguidos em pleno azul clamam os muezzins, em notas agudissimas, o seu appello aos crentes. E lá em baixo, os sinos tocam, — sinos latinos, sinos grêgos, chamando tambem á prece os christãos.

BRAGA — Os pobres do Asylo de Mendicidade Conde de Agrolongo antes do jantar

dos. São apenas creanças, creanças em abundancia!

Os rapazes com os seus fartos calções escarlates; as raparigas, cheias de bracelêtes, e eram de vêr os seus risos, embiocadas nos veos que já fluctuam sobre os seus hombros carnudos.

Ha nos traços dos seus perfis, o esboço de todos os typos que formam este povo tão homogeneo: — Slavos loiros, Arabes de veludineos olhos, Kalmouks de fronte curta, e todos alegres, se assemelham, legião de pé descalço, importunando o *touriste* para o qual estendem as mãos impacientes e supplicantes!

Os asylados rezando depois da refeição

A alguns passos, n'um d'esses cemiterios onde todo o mussulmano adormeceu tranquillo, ao abrigo do pequeno tumulo, em redor do qual o trigo cresce, uma mulher permanece erecta. Sob o véo de opala, direita como uma espiga dos trigaes, mais alta e mais direita que as outras, no meio dos seus mortos ella aspira á vida. Alli fica ainda por algum tempo; e depois, tendo nos labios o sorriso vago com a feliz inconsciencia d'aquelles a quem a propria crença melhor incita a soffrer a derrota. Eis que ella passa

VILLA VERDE (Braga) — Grupo dos professores primarios tirado depois d'uma conferencia realisada pelo snr. Alexandre de Faria Leite Brandão illustrado tenente de infantaria 8

perante um grupo de moças slavas. Croatas de cabellos fulvos, Servias de fino perfil, assentadas n'um desmantellado troço de muralha, as pernas balouçando, escutam a narrativa de uma d'entre ellas, uma Maria com ares de Sybilla, desfiando uma d'essas balladas que se transmittem de geração em geração, e cuja sombria tristeza mantem n'alma d'aquelles que se consideram vencidos, um persistente e terrivel clamor de desforra:

—«Elles perseguiram ao longo do valle e ao longo do Narenta, Ivan, o nosso heroico principe, e Radka, sua mulher, que elle desposou contra vontade do rei seu pae, e da qual

BRAGA—O menino José Pinto de Souza, filho do snr. José da Silva Pereira e Souza, no dia da sua primeira communhão

Imagem de Nossa Senhora da Salvação do Pico de Regalados, cuja festividade religiosa se realiza amanhã

A menina Maria do Carmo de Queiroz Azevedo,

de 3 annos de edade, filha do sr. Francisco Lopes d'Azevedo, tenente de infantaria 29 e netinha do sr. Jacintho de Magalhães d'Araujo Queiroz, na procissão de Santo Antonio ultimamente realizada em Soutello

GONDAR—No jardim do snr. José Mendes Ribeiro

1.° plano: as exc.^{mas} snr.^{as} D. Carmen, D. Antonia C. Silva, D. Maria M. Ribeiro e os meninos João, Fernando e Anna

2.° plano: as exc.^{mas} snr.^{as} D. Rosa Pinto, D. Luiza C. da Silva, D. Maria P. Mendes e D. Angelica d'Almeida

teve tão bellos filhos. Cercados pelo Turco maldito, fugiram atravez da montanha, e passados tres longos dias, a fome empallideu suas faces, e a sêde ennegreceu os seus labios. O principe, silencioso, appoiou-se a um rochêdo a seus pés, a sua Radka, esposa preciosa como o ouro, deitou-se, e elle vê-a soffrer. Nem um lamento, nem uma lagrima: e elle poderia considerar-se salvo, porque nenhum ruido de carabina perturbava o silencio; perderam-lhe o rastro, certamente.

Mas de repente, um leve rumor como o ruflar d'uma aza, fez empallidecer Ivan: o ruido dos canhões de Veneza e o fragor da tempestade nos abysmos, e os raios e os trovões nem tanto o fariam estremecer... O murmurio d'este rumor fa-lo tremulo, porque Radka, a bem-amada esposa, morreu... E o principe fica mudo, tingem-se de sangue os seus olhos, um arripio saccode-o como um vendaval agita os ramos dos salgueiros, o horror gela-o, como a neve do Proloquio...

Ha barulho: o inimigo volta. Ivan sente-se fraco para se defender; e então elle arranca o khanzar, retalha as veias; o sangue corre; approxima-o dos labios sequiosos, e reconfortado, levanta-se exclamando:

—Pois que preciso é morrer, que seja com uma balla de nobreza, e não á fome!

GONDAR — *No jardim do snr. José Mendes Ribeiro em frente a uma artistica gruta de N. Senhora de Lourdes*

(Clichés do phot. am. snr. Francisco P. Mendes)

Mas os vencedores teem de ballas cheios os seus cinturões, e crivam com ellas o peito do principe. Ei-lo cahido perto da sua companheira que elle tanto amou!

E os Turcos não ousam fita-lo porque até depois de morto, os olhos do principe Ivan fazem tremer os inimigos.»

E assim terminou a narrativa da velha mulher. As outras curvaram a cabeça, porque o vento tornara cheio de perfumes colhidos nos floridos copados das arvores de

LEÇA DO BAILIO — *Festa a Sant'Anna. 1) A capellinha de Sant'Anna no dia da festa. 2) Um aspecto do arraial*

(Clichés de J. d'Azevedo, phot. da «Ill. Cath.»)

Sarajevo; mas sentia-se que um tão doce olor não conseguia pacificar as almas, — e que havia tempestade no ar...

M. TH.

Collegio Luso-Britanico

No Collegio Luso-Britanico, da rua de Cedofeita, Porto, houve no dia 15 do mez passado, uma linda festa escolar. Este collegio, aberto em Janeiro 1911, com o nome de Novo Collegio-Inglez, foi um d'aquelles fechados em Dezembro do anno passado por infrigir a lei de Separação, (tendo gravuras piedosas nas paredes das salas.) Reaberto em Janeiro d'este anno com o nome de Luzo-Britanico, ufana-se de merecer a dupla denominação juntando aos ideaes inglezes na educação o desenvolvimento das qualidades serias hereditarias nas portuguezas.

Assim tendo a honra de receber a visita dos Snrs. Ministros, da Grã-Bretanha, de passagem no Porto n'aquella occasião, tanto o Snr. Carnegie como a esposa não escondiam a sua profunda admiração á vista de tantos trabalhos de tão perfeita execução, feitos por meninas de tão verdes annos que elles julgavam serem só aptas para brincar com bonecas. As photographias que nós publicamos demonstram que estes louvores, como os dos outros numerosos visitantes á Exposição, não foram immerecidos.

ESCOLA LUSO-BRITANICA
Differentes aspectos da exposição dos trabalhos feitos pelas alumnas
(Clichés do phot. am. snr. Raphael Pereira dos Santos)

Fastos do Catholicismo

A causa da beatificação de Mons. de Ségur

N'uma das sessões da secção franceza do XXV Con-

gresso Eucharistico Internacional, um dos filhos espirituaes privilegiados de Mons. de Ségur, o Padre Edouard, franciscano, que se occupa com tanto zelo da causa da beatificação do grande servo de Deus, promotor dos Congressos Eucharisticos, em algumas palavras cheias de enthusiasmo, pediu á assistencia instantes orações para obter promptamente a glorificação do cego venerado.

Os applausos que acolheram as suas palavras provaram ao orador que elle tinha sido comprehendido. Nós podemos ajuntar um detalhe inedito que, d'isso estamos seguros, alegrará os nossos leitores.

BRAGA — Um aspecto da Avenida Central, de noite

No mesmo dia tinha sido redigida uma supplica ao Nosso Santo Padre, o Papa, supplica muito curta, fazendo resaltar em termos d'uma admiravel precisão as virtudes e os meritos de Mons. de Ségur, amigo de Pio IX, apostolo da communhão frequente e mesmo diaria, fundador da obra de S. Francisco de Sales e modelo a propor aos sacerdotes.

Outro exemplar fai apresentado, no dia seguinte, á assignatura de todos os cardeaes e bispos francezes, que assistiram ao Congresso. As duas supplicas, postas nas mãos do de Sua Eminencia, o Cardeal Legado serão apresentadas por elle mesmo ao Soberano Pontifice:

Mons. de Ségur, no seu livro *As tres rosas dos eleitos*, engrandeceu as tres devoções: o amor ao Papa, á SS. Virgem e ao SS. Sacramento. Não é justo expressar o desejo de vêr um dia glorificado pela Egreja este seu dilectissimo filho?

Mons. de Ségur tinha acceitado a presidencia do primeiro Congresso Eucharistico de Lille, na segunda quinzena de junho de 1881.

Morreu alguns dias antes a 9 de junho.

Edificio da Escola Academica (Largo de S. Bento)

Com toda a justiça o Congresso de Lourdes, bodas de prata dos Congressos, se interessou pela beatificação d'um dos principaes vultos de sua brilhantissima historia.

Escola Academica de Guimarães

ESTA muito acreditada casa de educação e ensino completa no anno corrente o seu primeiro triennio.

Fundada no edificio, hoje occupado pela Juventude C. de Guimarães, iniciou a sua marcha gloriosa apenas com NOVE estudantes, vindos do extincto collegio de Villa Real.

A este pequenissimo punhado de academicos guiaram magistral e apaixonadamente os passos o rev. padre José Maria da Silva, modelar e zelosissimo director da «Escola», padre Domingos da Costa Araujo e padre Carlos Simões de Almeida, tres professores e educadores distinctos do Lyceu e do ex-collegio, que acima citamos.

Com tão excellentes mestres necessariamente um exito invejavel havia de coroar os trabalhos escolares d'aquelles NOVE moços. E a prova mais eloquente é que, no segundo anno da existencia da "Escola Academica„, aquelle insignificante numero subira a TRINTA E TRES e actualmente está em SESSENTA, tendo todos obtido bellas classificações nos seus estudos, afóra tres, durante o tempo que a "Escola Academica„ funcciona...

Outro aspecto do edificio da Escola Academica (Rua 31 de Janeiro)

Futuro brilhante ha de, por certo, compensar o zelo, a dedicação verdadeiramente paternal que a direcção e corpo docente de tão modelar estabelecimento aos seus numerosos educandos dedicam.

A' face de tão consoladores principios, prevemos não haver um só pae de familia que prefira outra casa de ensino, sabendo que n'esta, por uma annuidade rasoavel e a par d'uma variada e optima alimentação, os seus filhos receberão suave e fructiferamente a cultura do espirito, que é tudo quanto um bom pae pode e deve anhellar áquelles que, n'uma data mais ou menos proxima, consubstanciarão a melhor das suas esperanças.

ESCOLA ACADEMICA — Alumnos que fizeram a primeira communhão no dia 21 de junho

ESCOLA ACADEMICA — Alumnos que terminaram o 5.º anno do lyceu

ESCOLA ACADEMICA — Grupo geral dos alumnos

NOTAS DO ESTRANGEIRO

PARIS—Chegada do Cardeal Arcebispo Monsenhor Amette ao Parque dos Principes, onde se realizou uma importante festa desportiva organizada pela União Regional do Sena, á qual assistiram mais de 4:000 gymnastas

MEXICO—O general Carranza, chefe dos revolucionarios, fallando ao povo depois da sua entrada em Saltillo

Francisco José, Imperador da Austria

(Ultimo retrato)

PROPRIETARIO
Joaquim Antonio Pereira Villela.
DIRECTOR
Dr. Francisco de Sousa Gomes Velloso.
EDITOR
Antonio José de Carvalho.
ADMINISTRADOR
Clemente de Campos A. Peixoto.

Illustração Catholica
Revista litteraria semanal de informação graphica
Redacção, administração e typographia
83, R. dos Martyres da Republica, 91
BRAGA

CONDIÇÕES D'ASSIGNATURA
PAGAMENTO ADEANTADO)

Portugal e colonias (1 anno) . .	2$400
» » (6 mezes) .	1$200
» » (3 mezes) .	600

Á cobrança feita pelo correio ou pelo cobrador, accresce o importe das despezas.

Estrangeiro (1 anno)	3$000
» (6 mezes)	1$500
Numero avulso	60

Numero 59 Braga, 15 de agosto de 1914 **Anno II**

Expediente

Vamos imprimir e dourar as capas para o 1.º volume da *Illustração Catholica*. Essas capas serão de percalina, douradas, e d'um bello effeito artistico.

Quem as pretender tenha a bondade de, em postal, fazer a sua encommenda. Cada capa custa 320 reis incluindo o correio. O importe deve ser remettido em vale ou estampilhas.

ILLUSTRAÇÃO CATHOLICA

Revista litteraria semanal de informação graphica

Proprietario, Joaquim A. Pereira Villela. Director, Dr. F. de Sousa Gomes Velloso

EDITOR Antonio José de Carvalho. ADMINISTRADOR Clemente de Campos A. Peixoto.

Braga, 15 de agosto de 1914 | REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E TYPOGRAPHIA *83, R. dos Martyres da Republica, 91* Não se restituem os originaes | Numero 59—Anno II

Guilherme II, Imperador da Allemanha, com sua augusta esposa, a princeza Victoria Luiza e seus netos

Chronica da Semana

LIX

EMQUANTO a conflagração europeia eleva, dia a dia, o seu montão de escombros, olhemos para o que entre nós se passa.

Parece que atravessa d'um cabo ao outro do paiz a sombra de um pesadello. Portugal dormiu durante oitenta annos, como o pastor da tragedia de d'Annunzio, e accorda para uma vida que não conhece. Sente os membros torporosos, o espirito nevoado de pavores, a alma sacudida n'um sobresalto, e pergunta se effectivamente é elle, o Portugal mergulhado no longo lethargo da utopia liberal, que tem de erguer-se porque a terra que ha oito seculos conquistou é ameaçada . . .

Crêmos que o paiz acabará por convencer-se da rude realidade das coisas que agora o cercam, e que ha, sob a crosta d'indifferentismo, de desalento que lhe deu ao coração o aspecto d'um rochêdo inerte, —ha, diziamos, um residuo de forças e energias resolutas, que uma vez libertas, serão indomaveis como as torrentes despenhadas do cume das montanhas.

Causar-lhe-ha repugnancia ter de ir bater-se n'um conflicto em que não tem culpas algumas, mas ha-de caminhar com a mesma bizarra galhardia dos recrutas do Bussaco ou dos peões d'Aljubarrota.

E' que a situação internacional transformou a arte da guerra, e a constituição politica da Europa, toda baseada nas fortes unidades, que é de uso chamar grandes potencias, volveu a lucta de povos em duello de raças; e para este vortice de sangue são attrahidas as nações menos poderosas, como frageis bateis . . .

Vamos, pois, na esteira da Inglaterra, como a Austria atraz d'Allemanha, e a Russia atraz da França.

O gesto do Congresso republicano, que não teve, é de dizer, a consagração nacional, porque os seus membros são apenas representantes de facções partidarias, — esse gesto é afinal para nós, uma formalidade que se cumpre, e uma decisão que fatalmente havia de tomar-se, presos como somos a compromissos com a Albion que nos fustigou a cara com o *ultimatum*, e a quem ajudamos a bater as aguias de Massena.

Mas é assim a civilisação do nosso seculo!...

Creou-se na Haya o novo templo de Jano que, illudindo a fraqueza dos peqüenos, foi a irrisão dos grandes, e jámais cerrou as suas portas. Não as cerrará tão cedo!

Vê-lo-hemos apenas, quando nos seus salões se congregar o collegio dos abutres diplomaticos, para resolver, como disse Mella, a melhor forma de repartir os membros palpitantes dos Estados succumbidos na guerra europeia.

E emquanto a assembleia resolve, os exercitos victoriosos contarão os mortos nas fazendas dos povos derrotados, e em redor dos muros do palacio da paz, tornado açougue, gravitarão as ambições de todos, n'um halo negro como o dos corvos, quando a prutescencia livida dos cadaveres lhes enclavinha as garras sinistras e lhes arranca da gorja aquelles crucitos, que fazem lembrar as gargalhadas roucas dos coveiros.

. . . Que vae ser de nós?

F. V.

VIDA INTENSA
(PAGINAS D'ALEM FRONTEIRAS)

A diplomacia falhou mais uma vez.

Desde a feira sangrenta dos Balkans que esta boa senhora anda em maré d'infelicidade e assim, fica-se positivamente sem saber se de futuro será mais perigoso sellar um accordo de paz, que perpetrar um *casus belli*.

Contra todos os interesses, contra todas as legitimas aspirações dos que trabalham, a despeito mesmo das manifestações das chancellarias, o conflicto austro-servio, que todos julgavam circumscrever-se (e eu com elles fui) á lucta mais ou menos sangrenta entre os dois paizes, alastrou assustadoramente e veio pôr em conflagração perigosa os estados europeus. Eu obstinei-me quasi na ideia conciliadora de que o conflicto ficaria simplesmente reduzido aos dois estados litigantes, salvaguardando, claro está, o apparecimento de inesperadas complicações.

FUNDÃO—Uma excursão á serra da Gardunha. Uma descida difficil

O equilibrio europeu é afinal um *bluff*, que não resiste á argucia (chamemos-lhes assim por agora) do mais forte. O direito falla, sómente, pela guéla sinistra dos canhões que, quando a diplomacia depõe a penna pouco inspirada pelo visto, só a espada perscreve e impõe.

A guerra europeia é um facto consummado, muito embora ninguem d'animo leve possa prever as suas consequencias sinistras.

No dia em que as nações perderam essa natural pollidez pacifica, a que Kreutzen chamava pittorescamente a força da paz e se desvergonham no ataque, é difficil prever até onde o egoismo desvairador, dos interesses e das ambições, pode arrastar as nacionalidades.

A Inglaterra vae luctar ao lado da Russia, a sua inimiga de sempre, e a Allemanha, a quem Bismarch attribuia, na melhor das ironias, o

Rebello Jor

papel commodo de presenciar, regalada, a lucta fatal entre o leopardo e a Baleia, vê-se precisamente ameaçada pelas duas inimigas d'hontem, pelas duas amigas d'hoje, hoje como hontem—esquecidas d'aggravos velhos—com o mesmo ideal de rapina que é, infelizmente, desgraçadamente, o ideal, mais do que ideal, o objectivo das grandes nações.

Sem presagiar os negrores tragicos do futuro encontramo-nos todos n'uma situação inquieta de receio, d'incerteza de perigo, tal é a gravidade do momento actual.

Pelo presente, basta a consagração d'essa monstruosidade convencional, o direito do mais forte, para que a ameaça e o perigo, se desenhem nitidamente.

Decida-se o pleito sangrento como se decida, a revisão do mappa da Europa será dentro em breve um facto, que produzindo uma convulsão economica que ninguem pode prever até aonde chegue, porá em perigo de morte as pequenas nacionalidades.

Não ha ainda noticias positivas dos acontecimentos. A imprensa vive dos ultimos golpes dos banqueiros audazes, como a politica se arrasta sob a egide fragil, das ultimas manifestações conciliadoras.

Todos mais ou menos receiam, inquietos, hesitantes, assustados, que, regalado na Europa, só o snr. Bernardino Machado desvanecido pela magica vizão do seu amigo Covões a esfregar as mãos d'alegria porque a guerra lhe veio apagar o archote revolucionario do snr. Antonio José e os gestos venenosos do snr. Camacho, conjura-lhe afinal a embrulhada politica em que andava mettido.

E o proprio chefe d'Estado abalou para a solidão d'uma praia distante para vêr, poeticamente, nos poentes vermelhos de Buarcos, a visão da Europa alagada em sangue, e logo, conciliados, prégar a paz, a harmonia, as mil coisas ternas que dedicava aos homens e aos brutos, na sua celebre missiva presidencial, ás flores do seu pequeno jardim.

FUNDÃO—Grupo de excursionistas á serra da Gardunha

E assim, quando a paz vier tranquillisar a Europa, no momento critico das compensações, o snr. dr. Manuel de Arriaga, revelando mais uma vez ao seu amigo Ansur os seus sonhos de paz e mandará á conferencia, para a botoeira dos plenipotenciarios repartidores, as flores do seu discreto jardim de Buarcos com que no actual momento se entretem e que de futuro hão de ser os maiores defensores da nossa integridade em perigo. Faz pena! Corta o coração!

Ao menos, se o snr. Affonso Costa estivesse no poder a estas horas a Inglaterra teria ao seu dispor o João Borges e a sua brigada de formigas. E depois, depois, haviamos de vêr...

José de Faria Machado.

FUNDÃO—A Senhora da Penha na Gardunha, onde se veem vestigios d'uma antiga capella

(Clichés do phot. am. sr. Bartholomeu A. Monteiro)

Symphonia da Manhã

E apagam-se as estrellas uma a uma
Pela curva do azul esmaiecida...
Accorda a terra branda e recolhida
E, ao longe, o mar tem lagrimas de espuma.

O loiro colorista que perfuma
E alumbra a terra em fremitos de vida,
Doira a orla dos montes ressequida
Com punhaes de oiro trespassando a bruma.

E, voz de magua, a voz da cotovia,
Repassada de lagrimas trementes
—Como as que tu choraste em algum dia,

Sauda em perolas o sol. Nas hortas,
D'entre as hervas, espreitam reluzentes
Os morangos vermelhos como aortas...

João de Castro.

Os nossos Bispos

D. JOSÉ ALVES MARTINS

Venerando Bispo de Cabo Verde. Foi eleito em 10 de março de 1910

A grandiosa Basilica de Lourdes, onde se realisou o XXV Congresso Eucharistico Internacional

FIGURAS DA BEIRA

(SEGUNDA SERIE)

I

Visconde de Guedes Teixeira

O Visconde de Guedes Teixeira representa, sem duvida, para Lamego o que Antonio Maria Fontes Pereira de Mello representou para a vida nacional.

N'um como no outro, era flagrante o amor do progresso, principalmente material. Ambos eram trabalhadores por indole, ambos faziam do trabalho a arma primacial dos seus triumphos.

Mas em Fontes corria muito do scepticismo de Rodrigo da Fonseca Magalhães e tambem a sua astucia, aliás penetrante como uma boa visão. No Visconde de Guedes a fé não permittia mesmo a ausencia d'uma certa ingenuidade que faz fracassar os que com ella se acaloram pela vida politica.

LOURDES — O Cardeal Legado de S. S. Pio X, Mgr. Januario Granito Pignatelli, di Belmonte, presidente do Congresso Eucharistico rodeado de alguns cardeaes e varios bispos

Missa de Pontifical celebrada pelo Cardeal Legado, no altar levantado junto á porta da Basilica

O Visconde de Guedes era sincero sem mancha de qualquer intenção reservada. Zelava decerto o seu prestigio, mas o seu fito verdadeiro era a prosperidade da sua terra. Era um fogoso combativo, o que em Fontes, mais sceptico, poucas vezes se notava. O Visconde de Guedes avançava sempre; Fontes, por vezes, recuava e até se escondia, embora para pular

O Visconde, conseguido um melhoramento para Lamego, esperava sempre pela justiça, apezar das diatribes crespas dos progressistas: Fontes, esmagado o seu contendor, armava-se caladamente contra provaveis aggressões... até anichando o maior numero possivel de amigos para que não se convertessem depressa em inimigos.

LOURDES—Os Cardeaes, Arcebispos, Bispos e sacerdotes desfilando deante do Cardeal Legado, Mgr. Granito di Belmonte, depois da recepção na Basilica

de subito e galgar n'um momento o que parecia adormecido.

O Visconde de Guedes confiava em si e nos seus até com uma especie de desvanecimento: Fontes, ostentando desdem pelos adversarios, tinha receio intimo de muitos dos seus correligionarios.

LOURDES—Um aspecto da grandiosa procissão Eucharistica ao passar na praça do Mercado

O Visconde de Guedes não sabia corromper: sabia persuadir. Fontes, mesmo persuadindo, corrompia quasi sempre.

Mas eram muito semelhantes na linha, nos planos vastos, na tenacidade fecunda. O Visconde, com uma intelligencia talvez menos atilada, tinha, porém, um coração mais franco. Caracter solido, nada dependente de praxes, compromettia assim, algumas vezes, os seus interesses partidarios.

Fontes, em vez do coração, tinha um prodigioso bom-senso, tão habil, que chegava a parecer sentimental nos lances mais positivos.

O Visconde, apaixonado por uma obra, esquecia por ella tudo: o dinheiro, o prestigio, saude e vida. O outro, Fontes, electrizado por um horizonte novo, fazia-o conhecido com emphase e audacia... mas vigiando sempre cuidadosamente o seu pennacho.

Entendiam-se muito bem, mas Fontes reservava a astucia, assim como o Visconde reservava a ingenuidade, quando se encontravam, sempre primoroso e sagaz o ministro, sempre cavalheiroso e leal o influente politico.

A's vezes, Fontes tinha uma ruga, ao ouvir o Visconde: era a do mau humor suffocado por ver tanta sinceridade. Por seu turno o Vis-

conde ficava, por vezes, convulso, percebendo um pouco da alma do ministro omnipotente. Era quando Fontes, em vez de realizar uma promessa, insinuava a necessidade da conquista de mais uma assembleia eleitoral. Breves nuvens, porém. O trabalho absorvia logo o Visconde e o ministro reconsiderava ao ver que a sinceridade extrema tinha, ao menos, uma affirmação valiosa: a da perfeita lealdade.

Emfim, se o Visconde de Guedes tivesse nascido e vivido em Lisboa, nunca seria Fontes, mas nunca seria tambem Barjona. Mais facilmente se resignaria a ser Rosa Araujo, até porque o Visconde era rigorosamente um regionalista, quasi um bairrista.

Fontes, se tivesse nascido e vivido em Lamego, daria um cacique formidavel, uma especie de polvo que, depois de devorar o seu concelho, devoraria o districto, empolgando facilmente a Beira, amimando-a muito, mas corrompendo-a.

E' que Fontes era o genuino liberal. Aristocrata a emergir d'um burguez, não podia ter a fé ancestral nem o espirito democratico d'um christão. Fé, liberdade, progresso, eram n'elle blocos de peanha, do pedestal da sua estatua.

O Visconde era liberal, mais por suggestão do que por convicção. Vindo tambem da burguezia, era aristocrata, porque o burguez de Lamego — cidade eminentemente fidalga — perfilhava com amor as tradicções das classes superiores.

A vida do Visconde de Guedes não nos deixa mentir. Como em poucos, os seus actos brotaram limpidamente da sua idiosyncracia, como vamos ver.

José Agostinho.

O naufragio da "Fortuna,,

O capitão Montagne Beresford Pierrepoint não era positivamente um homem que se poderia esperar encontrar por detraz da escrevaninha d'uma miseravel barraca de madeira de Tylmers' Pike, no Colorado. As suas maneiras delicadas brigavam rudemente com as da população mineira! E, todavia, elle conseguira ganhar a confiança e o respeito d'esses estranhos destroços da civilisação. Qual o seu talisman? Talvez o seu ar de profunda fran-

LOURDES — O Cardeal Legado, Mgr. Granito di Belmonte, Cardeaes, Arcebispos, Bispos, sacerdotes e fieis que assistiram ao Congresso Eucharistico

queza e honestidade. Sobre uma palavra sua, os mineiros ter-lhe-hiam dado a guardar todos os seus havêres: para elles, que em ninguem se fiavam, o capitão era a incarnação da honra.

Havia n'elle alguma coisa que trahe o militar e lhe valêra provavelmente este titulo, ainda que elle se defendesse de haver pertencido ás guardas de Sua Magestade Britannica, segundo um boato que corrêra. Não, confessava elle com modestia, bem que pertencesse a uma excellente familia — seu pae era *clergyman* — fôra simplesmente patrão de um navio que fazia commercio de cereaes no lago Superior e se se tornára banqueiro no Colorado, fôra por virtude de circumstancias imprevistas. Na realidade, a unica coisa que elle conhecia bem, era a navegação. Mas se não tinha competencia financeira alguma, possuia ao menos uma qualidade: nunca ludibriaria a confiança que n'elle houvessem depositado.

Como toda a gente, viera estabelecer-se em Tylmers' Pike, com a intenção de extrahir minerio. Primeiro, prestara a sua bolsa a algum mineiro vadio, arruinado ao jogo, ou a qualquer temerario desembarcado sem cinco reis com a illusão de que ganharia dinheiro ás mãos cheias.

A Assumpção da Santissima Virgem

A' força de assim emprestar dinheiro, e de não querer acceitar juro algum, o capitão fôra pouco a pouco considerado pelos mineiros como o seu banqueiro; e deixára-se crear esta reputação, comprara uma escrevaninha de pau e um cofre-forte de ferro, e pintara em gordas lettras por cima da porta esta pomposa taboleta:

Banco de Tylmers' Pike
Montagne Pierrepoirt
director

Fallando-se do famoso cofre-forte, todo Tylmers' Pike, dizia «o nosso Banco», em respeitoso tom, como se elle

Mgr. Domingos José de Sousa, fallecido ultimamente em Barcellos, no seu leito mortuario

nhecer terreno sob pretexto d'um deposito de minerio em troca de qualquer quantia. O capitão appareceu-lhe de bom humor e foi a sorrir que lhe pezou o minerio e lhe entregou o recibo. Depois, convidou o seu cliente a comer um pouco no pequeno aposento que lhe servia ao mesmo tempo de cosinha e quarto de dormir. Deante de Pete abriu o cofre-forte collocado á cabeceira do leito, deitou o minerio n'um sacco e metteu a chave n'um bolso do collete.

— Está a entregar-se nas minhas mãos, dizia Pete para comsigo, emquanto o capitão,

fôra objecto sagrado collocado sob a guarda de trezentos homens resolvidos, armados até aos dentes.

Entretanto dois recemchegados a Tylmers' Pike, Hirão Coffin e Pete Morris conceberam o projecto de roubar "o Banco„. Era muito simples o seu plano: introduzir-se-hiam á meia noite, sem ruido, no quarto do capitão, cortar-lhe-hiam a gorja emquanto dormisse, abririam o cofre-forte e fugiriam com o roubo para leste, n'uma galopada vertiginosa, interpondo uma noite entre elles e os perseguidores.

Na manhã precedente da noite escolhida pelos dois bandidos, Pete Morris foi reco-

um tanto alegre, enchia dois copos de um velho cognac.

— Ao bom resultado das nossas emprezas! Saudou o capitão levantando o copo.

— Ao bom resultado d'ellas

BARCELLOS — 1) Funeral de Mgr. Domingos José de Souza. O cortejo funebre a caminho de S. Vicente de Areias.

2) Outro aspecto do cortejo.

3) No extremo da freguezia de S. Vicente d'Areias. O povo acompanhando o feretro.

BARCELLOS — *Egreja parochial de S. Vicente d'Areias, construida a expensas do finado*

(Clichés cedidos pelo rev. Augusto Cunha)

BRAGA — *S. Vicente de Penso. Nova direcção da J. C. da Veiga de Penso*

Ao bom resultado das nossas emprezas! Saudou o capitão levantando o copo.

Um aspecto da procissão realisada na freguezia de S. Vicente de Penso nas festas commemorativas do Congresso Eucharistico

capitão! repetiu Pete com sinistra expressão que o capitão seguiu n'um furtivo olhar.

*

N'aquella noite, pelas duas horas, dois homens dirigiam-se a passos de lobo para «o Banco». Dois cavallos arreados á moda mexicana, com longos saccos pendendo para cada lado das sellas, esperavam, prezos a uma arvore, fóra de Tylmers' Pike. Eram destinados a levar o roubo e os gatunos a Madison, a estação mais proxima do caminho de ferro do Pacifico. Entretanto, Pete Morris, que introduzira a sua faca na fechadura, recuou de surpreza.

— Hirão, murmurou elle, é extraordinario: a porta não está fechada!

De mansinho, levantou a aldrava e a porta abriu-se. Ao clarão da sua lanterna, de fraca luz, os dois cumplices trocaram um olhar de espanto. Que imbecil, aquelle Pierrepoint! Dormir assim, sem precauções!...

Sempre sem barulho, atravessaram o primeiro aposento e penetraram no quarto do capitão. Hirão dirigiu os raios da lanterna sobre o leito:—estava vasio!

O primeiro pensamento dos dois homens foi que o capitão percebera a sua visita e sahira de casa a prevenir os mineiros.

Já cuidavam em fugir; mas um segundo relance de olhos serenou-os: a cama não estava desfeita.

Pete e Hirão examinaram a fechadura do cofre-forte. Esperavam descobrir a chave no collete do proprietario. Tratava se agora de o arrombar.

Nova surpreza: a porta abria-se por si mesma: o cofre-forte estava vasio! Pete olhou para Hirão, e Hirão para Pete.

—Que quer dizer isto? disse Hirão, com voz entrecortada.

A verdade rompera no espirito de Pete que respondeu cheio de colera:

— Fugiu com o dinheiro! Grande animal! Roubou tudo, até aos ultimos cinco reis! Levou o dinheiro cujo recibo me havia dado esta manhã!

Hirão estava boquiaberto. Que uma tal patifaria se fizesse sob a cupula dos ceus, ultrapassava a sua comprehensão.

Podia admittir que se roubasse, que se matasse mesmo, como elles se preparavam para fazer. Mas, que durante annos fosse a alguem possivel o impôr-se com exteriores de respeitabilidade a toda uma sociedade de gente desgraçada, causava-lhe grande confusão.

E, timidamente, suggeriu a Pete:

— Elle receou talvez, alguma coisa. Poz o dinheiro em casa de um visinho... Se aqui somos apanhados, Pete, nem a alma se nos aproveita . . .

Pete encolheu os hombros:

—Deixa-te de mêdos! rugiu elle. Fugiu com o cofre. O que temos a fazer é ir accordar o *claim* e galopar nas pisadas do ladrão sem perder um momento. Maldito canalha! Roubar-me o meu dinheiro! o meu proprio dinheiro, que com tanto trabalho arranjara!...

Raivoso, Pete sahiu do «Banco» atirou a faca a um silvado e lançou-se no caminho cheio de pó, onde a cada lado, se elevavam cabanas de mineiros, caminho que os habitantes de Tulmers' Pike conferiram o nome de Grande Rua. Um grito terrivel, lançado por elle ao silencio da noite, despertou os que dormiam, fazendo crêr que se tractava de uma invasão dos Indios. Dentro de alguns minutos, toda a aldeia se poz a pé, em sordidas camisas de flanella e pés descalços. Pete vociferava.

—Ao ladrão! Ao ladrão! O capitão fugiu com o nosso dinheiro!

(Continúa). GRANT ALLEN.

BRAGA—S. Vicente de Penso. O altar da Immaculada Conceição no dia da festa

A Guerra Europeia

Jorge V, rei de Inglaterra

Nicolau II, tzar da Russia

Poincaré, presidente da Republica Franceza

INGLATERRA—Partida das tropas inglezas. Na sua passagem um aeroplano de guerra, voando a pequena altura, sauda os que vão luctar pela Patria

ARMARIA PORTUGUEZA

Armas de cada appellido que entram na composição dos brazões das casas nobres de Portugal

Araujo. — Em campo de prata, uma aspa azul, com cinco besantes d'ouro. Timbre: um meio mouro com braços, vestido d'azul e turbante d'ouro.

Arca. — Esquartelado: no primeiro e quarto d'ouro com uma faixa de vermelho; segundo e terceiro enxequetado de vermelho e ouro, de nove peças. Timbre: um alão passante de negro.

Athayde. — Em campo azul quatro bandas de prata. Timbre: uma onça andante de azul carregada das peças do escudo.

Athouguia. — Em campo vermelho quatro flores de liz d'ouro entre uma cruz e bordadura do mesmo ouro.

Rebello Jor

Villa Real—Uma queda do rio Corgo

(Cliché do rev. Carlos Simões d'Almeida)

PROPRIETARIO
Joaquim Antonio Pereira Villela.
DIRECTOR
Dr. Francisco de Souza Gomes Velloso.
EDITOR
Antonio José de Carvalho.
ADMINISTRADOR
Clemente de Campos A. Peixoto.

Illustração Catholica
Revista litteraria semanal de informação graphica
Redacção, administração e typographia
83, R. dos Martyres da Republica, 91
BRAGA

CONDIÇÕES D'ASSIGNATURA
(PAGAMENTO ADEANTADO)

Portugal e colonias (1 anno) . .	2$400
» » (6 mezes) .	1$200
» » (3 mezes) .	600

Á cobrança feita pelo correio ou pelo cobrador accresce o importe das despezas.

Estrangeiro (1 anno)	3$000
» (6 mezes) . , . . .	1$000
Nnmero avulso	60

Numero 60 Braga, 22 de agosto de 1914 **Anno II**

Illustração Catholica

Braga, 22 de agosto de 1914

S. SANTIDADE PIO X

fallecido em Roma a 20 de agosto de 1914

A "Illustração Catholica,, ferida da mais pungente dôr, presta a sua sentida homenagem á memoria do glorioso extincto

Chronica da Semana

LX

UM dos primeiros aspectos d'este duello formidavel entre os colossos da Europa, é a furia da reportagem, furia que transformou as redacções das grandes gazetas em laboratorios de atoardas, urdidas com o mesmo criterio imaginativo d'um Conam Doyle ou de um Leblanc, ao atirarem á voracidade de um publico atordoado pelo ineditismo, as façanhas de um policia de genio (especie inconcebivel!) e de um gatuno honrado (hypothese de romanticos!)

Ao abrirmos as paginas do «Seculo» já um sorriso de descrença dança nos nossos labios, a tanto desceu esse Moloch, a que as mãos de Guttemberg deram as primitivas formas, sonhando crear a alavanca do progresso ou a mola propulsora da instrucção publica.

Mas n'estes tempos de mercantilismo, a unidade fundamental do labor da imprensa é a moeda de dez reis, e sómente se tracta de alimentar a insaciavel bocarra do povo com os casos sensacionaes e os titulos em parangona, ainda que a verdade peça esmola, ou estrebuche nas ruas, como engeitada por esta sociedade de gostos requintadamente exoticos, pintada a côr de tango.

Já nas camadas populares, o calvo palão passa de moda, e as horriveis batalhas, que não existem, as successivas derrotas allemãs, que a maçonaria exporta para os longinguos recantos da Europa, são acolhidas por um tregeito que dentro em pouco volverá em gargalhada!

Eu li ha dias um estudo admiravel de Bainville sobre a Allemanha, a que Blondel chamava impressivamente, *uma machina bem montada*.

Quarenta annos de imperio, tiveram por fim montar perfeitamente esta machina, cuja engrenagem fundamental é a unidade n'um mesmo destino, a necessidade de vencer, essa especie de orgulho são que torna fortes as raças, que fez crescer em vinte annos a Belgica, e que dentro de dez, se a conflagração não estalasse, entregaria á Allemanha o dominio commercial, industrial e maritimo do mundo. Sob o ponto de vista interno, a ordem do machinismo é perfeita: ao passo que um poder unitario se mantem no imperador, sobre os partidos, estes enfraquecem-se singularmente, terminando, pois, uma doença de divisão nacional que tanto tem affligido os povos latinos.

E olhando assim a Allemanha nós não a vemos, com a féra carranca do sr. Camacho, que ha dias manifestava o desejo poltrão de passear o imperador nos *boulevards* de Pariz, de tão subtis recordações para o chefe unionista; nem tão pouco a vemos entrajada no dominó preto da Reacção, como a vê o sr. Machado dos Santos, o rancheiro d'armada mais feliz dos ultimos tempos!

Não, vêmos uma Allemanha forte e poderosa, uma nação formada, attingindo a plenitude da força e o cume do fastigio. Esmaga-la? Não. E' utopia. Onde está o allemão está a Allemanha. Cortam-lhe um braço? Como acontece com a hydra, elle recrescerá.

Será derrotada? Talvez. Bismarck disse um dia que nada menos seguro havia que a victoria. São muitos contra um. Mas a Allemanha (oh! não sonhem!...) não morrerá.

Ha dois annos apenas, quando a guerra estava imminente, depois de Agadir e das façanhas criminosas de Caillaux, um francez escrevia estas palavras que convem recordar, e fixar até como licção para o nosso paiz, — já que o governo não consente que a verdade se apresente em publico, senão sob o transparente véo das metaphoras ou no espelho das comparações:

«A Europa está á mercê de um gesto allemão. E a questão é saber se um povo vigoroso e ardente de viver, é capaz de longa moderação... Tolerado pela Europa, acabou por lhe impor a sua lei, e entramos assim n'um dos periodos mais criticos que o mundo tem conhecido. Tal o caminho que foi percorrido de 1871 a 1911. E os quarenta annos de ascensão allemã são tambem os quarenta de existencia do nosso regimen republicano. O parallelismo forma um contraste eloquente.»

F. V.

FIGURAS DA BEIRA

(SEGUNDA SERIE)

II

Visconde de Guedes Teixeira

José Augusto Guedes Teixeira, depois Visconde de Guedes Teixeira, foi filho do dr. José Teixeira Botelho, medico famoso, e de D. Maria José Guedes Teixeira.

O dr. Teixeira Botelho era um burguez

Cinco minutos depois, tinha dado pouco mais de cinco passos.

Assim fazia as visitas, n'um compasso certo e sempre *piano*. Não era homem para *adagios*... que não fossem os das anedoctas.

A's vezes, como é facil de suppor, chovia, e até a cantaros. O dr. Teixeira não se apressava. Aberto lentamente o guarda-chuva, caminhava no seu passo de tartaruga.

Um dia, estranharam-lhe a lentidão. O dr. Teixeira parou—o que fazia mais facilmente do que andar—e volveu com pachorra:

—Que necessidade tenho de ir apanhar a agua que cahe lá ao longe?

E deu um passo, tão apressado... que só andou mais cinco centimetros.

AROUCA — Vista geral do Mosteiro

placido e lhano. Receitava com tanta pachorra, que só a sua presença tinha muito de precioso narcotico. Creio que nunca o consultou nenhum doente de insomnias que, á segunda vista, não dormisse profundamente. O dr. Teixeira era profundamente monstruoso de voz e parado de gesto. Não sacudia os nervos de ninguem; quebrantava-os.

Não havia maior pachorrento em todo o concelho. Sahia de casa, na rua de Almacave —predio que tem hoje os numeros 128 e 132 —, com um vagar que nunca se desmentia. Assomando ao limiar, levantava os olhos, examinava o firmamento, fungava uma pitada, e começava a sahir... como um andor.

Tinha decorrido um largo quarto de hora.

Mas bom medico. Sangrava a tempo. Conhecia profundamente a pharmacia caseira. Adormecia, pelo menos, as dôres.

Nada ambicioso, porque a ambição faz correr. Pouco sentimental porque a sensibilidade apressa as pulsações do coração.

D. Maria José Guedes Teixeira, sua esposa, era irmã de José Isidoro Guedes, 1.º Visconde de Valmôr. Senhora que se afidalgou só por ser irmã de José Isidoro, tinha, com este, o amor da arte e das grandes obras? Eu creio que sim. E a prosa calma do marido, se a fez soffrer, deu-lhe o predominio seguro no lar. Creou, pois, o seu filho muito á sua feição, dando-lhe nitidamente o rasgo e a tenacidade dos Guedes. O dr. Teixeira não reagiu, porque se

fatigaria muito, e José Augusto Guedes Teixeira, além d'isso, mostrava em tudo os impulsos do sangue materno.

O pae fungou varias pitadas, ao notar isso, e vingou-se em caminhar cada vez com mais pachorra.

D. Maria José encolheu os hombros e pozse a olhar, horizonte em fóra, sonhando para o filho um campo mais vasto do que o dos valles de Lamego.

Entendeu-a o filho, rijo de tempera, vivaz e sentimental como a mãe.

N'esse tempo, a freguezia de Almacave—a minha querida freguezia—era a melhor da cidade. A Praça do Commercio dava a Cite de Paris, ou a City de Londres. A egreja de Almacave era a sua Notre-Dame. O grande negociante e o bacharel, o luxo e a sciencia, palpitavam principalmente n'aquella veneranda freguezia.

N'ella floresciam os Correias, gritando como trovões, e os Alves, fallando como algarvios.

O joven Guedes Teixeira depressa brilhou na sua freguezia. Nada da fleugma e scepticis-

AROUCA — Coro do antigo Mosteiro

Os nossos Bispos

D. João Evangelista de Lima Vidal

(Venerando Bispo de Angola e Congo)

Nasceu em Aveiro no dia 2 de abril de 1874 e foi eleito prelado d'aquella diocese em 29 d'abril de 1909

mo do pae. Pelo contrario, ardor, impeto, fé, paixão, aventuras. A breve trecho, affirmava-se poeta, *pressa* que escandalisou muito a caixa de rapé do dr. Teixeira.

Trovador e cavalheiroso, era evidente a herança do genio dos Guedes. O dr. Teixeira resignou-se, como o prova passar do passo de tartaruga para o de lesma.

Mas quem supporia no joven um politico? Fontes, na meninice, já mystificava habilmente os companheiros de folguedos? Eu creio que sim, como Napoleão já gisava cêrcos e batalhas, se a tradição não mente.

José Augusto G. Teixeira nada revelava o politico. Trovava, amava, rezava. A espaços, discutia, engendrava coisas bellas e grandes, sonhava viagens a paizes maravilhosos, querendo ver progressos, arrojos, vida nova e palpitante.

VIANNA DO CASTELLO — Grupo de alumnos que frequentaram o 5.º anno do lyceu

José Isidoro, apezar da sua pericia financeira — como consta da historia dos Tabacos em Portugal —, sabendo enriquecer-se, tinha tão elevado altruismo, tanta fé christã, que nunca se esquecia de dar a mão ao valor ou ao infortunio alheio.

Mas o desprendimento do

CASTRO LABOREIRO — (Melgaço). 1) Vista geral tirada do norte.
2) Aspecto do rio e do monumento (Commendador Mathias de Sousa Lobato).

Nem uma perfidiasinha, promettedora d'um dirigente sagaz. Quando punha a mão no peito, é porque deveras sentia bater o coração. Nunca invejoso, nunca sorrindo amarellamente com exhibições de falsa modestia, nunca retrahido com astucia sobre o valor alheio.

Quer dizer: sem ambições mesquinhas. Quer dizer: mais condemnado a ser victima da politica do que a te-la como fonte de gloria ou fortuna.

Era decerto assim D. Maria José, sua mãe, porque o mesmo

dr. Teixeira tambem lá estava n'aquelle espirito, embora corrigido pelo ardor materno. Sim, o futuro Visconde tambem tinha muito de contemplativo até á neurasthenia que o pae evitava... não mexendo nunca com os nervos. Aquella prodigiosa actividade, ás vezes, a um maior desgosto, só ficava á superficie, porque no intimo, ainda que passageiramente, mais era tormento de indecisão do que vida creadora, visão clara da realidade, vida, resolução.

José Agostinho.

CASTRO LABOREIRO — 1) O castello visto do sul

2) A parte norte do castello visto do interior

3) A melhor rua da villa

(Clichés cedidos gentilmente pelo capitão do Estado Maior Snr. Antonio Goulart Cardoso)

A festa dos poveiros

CONSOLA ver, n'esta epoca de tanta descrença e impiedade, o amor, o sagrado affecto com que a rude gente do nosso mar vive em santa alliança com a Egreja Catholica. Teem os poveiros no Céu, allivio e conforto para todas as vicissitudes da vida. A sua existencia decorre mais sobre os abysmos insondaveis do tenebroso mar, do que no acanhado ambiente dos seus casebres em terra firme. Por isso elles, os pescadores poveiros, olham mais para a incommensuravel grandeza d'aquelle Céu de torquezas, do que para as coisas que vegetam no lodo d'este chão de tojo e cardos. Entre Deus e os poveiros só está uma

NOSSA SENHORA DA ASSUMPÇAO
Formosa imagem da Virgem que no dia 15 de Agosto foi conduzida processionalmente pelas ruas da Povoa de Varzim

A IMMACULADA CONCEIÇÃO
Lindo andor que foi conduzido na procissão do dia 15

torre eburnea, uma escada de marfim, uma esperança etherea que é a fiel depositaria de todas as supplicas e de todos os perdões — a Santissima Virgem, a mais linda joia, o mais poderoso iman que attrae as nossas almas para o ideal dos nossos sonhos de esperanças.

Quando se realisa na praia de banhos da Povoa de Varzim a magestosa festividade de Nossa Senhora d'Assumpção, ha ensejo de ver, como em nenhuma outra parte, a fé invocando de Deus a piedade e o amor que são os pharoes do mar tenebroso da vida. E quando elles, os poveiros, passam com a sua magestosa procissão pela praia, suspendem o prestito e voltam as sagradas imagens para o Atlantico n'uma supplica tocante que só póde traduzir isto: — «Senhor é necessario que os thesouros da vossa infinita bondade desçam como a luz e penetrem como o desejo pelos abysmos do Oceano para encaminhar a fortuna ás nossas rêdes, — sem peixe nem seremos felizes nem cheios».

Bemdito povo que n'esta crise religiosa tanto se manifesta pela caridade christã.

Bemdita terra portugueza onde, apesar de tudo, se sente e sonha um ideal immaculado e excelsior.

Povoa de Varzim.

CANDIDO LANDOLT.

O ANJO S. GABRIEL ANNUNCIANDO A MARIA
Outro andor da festa do dia 15

O naufragio da "Fortuna,,

(CONTINUAÇÃO)

HOUVE uma exclamação geral de incredulidade, uma corrida em massa para o «Banco», e depois, urros que reclamavam vingança! Ninguem pensou em perguntar como fôra que Hirão e Pete haviam descoberto o roubo; todos cuidavam de agarrar o gatuno que naturalmente se havia dirigido para Madison. Todos os cavallos foram requisitados e os melhores cavalleiros, rewolver em punho, partiram a toda a brida pelos campos. Mas quando, na luz pallida da manhã, attingiram a pequena estação branca do valle e perguntaram ao empregado se um viajante, com

ERMEZINDE — (Porto). A festa de S. Lourenço. A egreja parochial de Ermezinde onde se realisou a festividade religiosa a S. Lourenço

DR. ANTONIO RODRIGO MACHADO
Distincto advogado bracarense.
Nasceu em 11 de setembro de 1863 e falleceu em 9 de agosto de 1914. Formou-se em Direito e Theologia em 14 de junho de 1886

ERMEZINDE — Um aspecto do arraial
(Clichés de J. d'Azevedo phot. da «Ill. Cath.»)

os signaes do capitão havia tomado o comboyo das 4 horas e 30, este respondeu, jurando pelos deuses, que ninguem deixara Madison desde a vespera.

De volta a Tylmers' Pike, os mineiros formaram collação entre si. Juraram solemnemente, tirar vingança terrivel d'aquelle que os tinha enganado. Pete e Hirão, os dois mais encarniçados, foram por unanimidade designados para tal fim. Fez-se uma collecta pela assistencia. Os dois delegados nada deveriam poupar para encontrar o gatuno. E, assim, partiram Pete e Hirão á caça do capitão Pierrepoint para o matar.

Dia a dia, a sociedade de

CAMINHA — *Grupo de creanças que fizeram a primeira communhão na egreja parochial.*

Sarnia, se felicitava cada vez mais pela preciosa acquisição que fizera na pessoa d'esse *gentleman* completo, que era o capitão Pierrepoint. Este não era desconhecido na pequena cidade do Canadá, nas margens do lago Ontario. A gente do lago recordava-se muito bem d'elle quando fazia o trásfego de cereaes, officio que agora retomara, com a propria flotilha, com o fim de fazer frutificar a pequena fortuna amontoada, dizia elle, nos jazigos de Oeste.

Infelizmente a má sorte, parecia perseguir o capitão Pierrepoint. Frequentes accidentes succediam ás suas carregações. Era uma lancha carregada de trigo de primeira qualidade, vinda de Chicago com destino a Buffalo, que sossobrava; uma escuna que ia perder-se nos recifes do lago Eric, um navio que era estilhaçado pelos gêlos do rio Santa Clara. Em vão, as companhias de seguros declaravam que o capitão tinha sido largamente indemnisado; porém este, jurava, que nenhum seguro chegara a cobrir as perdas que soffrera. Vira-sa forçado a tomar pessoalmente o commando dos seus navios e, se bem que os accidentes continuassem como d'antes, elle perseverava, esperando que a sorte acabasse por lhe ser favoravel e uma boa especulação o resarcisse.

Mas, coisa extranha, apesar das suas lamentações, o seu modo de viver tornava-se dia a dia, mais confortavel. Comprara uma bella casa e mobilara-a sumptuosamente; adquirira uma carruagem atrelada a uma parelha de soberbos cavallos baios; emfim, o capitão ousára até cortejar a rapariga mais bonita de Sarnia. Não foi ella insensivel á boa figura, dôces palavras,

PORTO — Exposição de flores no Jardim Passos Manoel

Exposição do snr. Alfredo Moreira da Silva

linda casa, e a equipagem do capitão e o casamento celebrou-se Em todo Sarnia, não havia melhor casal do que o de Mr. e Mrs. Pierrepoint.

Alguns meses depois do casamento o capitão decidiu-se a conduzir elle proprio uma carregação de trigo desde Milowauka ao canal Erié. Antes de partir de Sarnia, quem o espiasse, tê-lo-hia surprehendido n'uma operação muito curiosa:

No fundo do porão do navio, especie de escuna apparelhada, chamada a *Fortuna*, exactamente por baixo da escotilha onde a carga não devia ser arrumada, furava, com intervallos regulares, oito grandes buracos que arrolhava immediatamente, por meio de cavilhas envolvidas em estôpa alcatroada que enterrava a grandes martelladas. Um annel fixado em cada cavilha, permittia arrancal-a sem difficuldade. Dois homens com o patrão, bastavam para a manobra, pois que a escuna era rebocada por uma chalupa a vapôr. Chegado a Milwankal onde devia tomar a carregação, o capitão mandou embora os marinheiros vindos com elle de Sarnia, e contratou logo outros dois, encontrados n'aquelle porto, sem hesitar. Carregada a *Fortuna*, o rebocador fê-la desamarrar lentamente do mólhe. Estava-se ainda a meio do porto, quando o capitão Pierrepoint, veio collocar-se de revolver na mão junto do quartel da escotilha.

Se em vez de os chamar simplesmente pelos seus nomes, o capitão desfechasse sobre os dois maltrapilhas, não teriam sentido elles, uma commoção mais forte. Pete e Hirão — pois eram elles — depois de longas buscas, tinham emfim descoberto o refugio d'aquelle que os roubara, disfarçados de maneira a não serem reconhecidos — pelo menos assim o julgavam — tinham-se feito alistar a bordo da *Fortuna*.

—Pete e Hirão, disse elle com uma voz sacudida, antes de irmos mais longe, é preciso que conversemos um bocado.,..

PORTO — Exposição do snr. Julio Moraes (amador)

Exposição do snr. Jacintho Mattos

Aspecto geral da exposição de flores

— Ah! meus atrevidos! continuava o capitão, com um dedo no gatilho do revolver, vamo-nos entender os tres, ás mil maravilhas.

Roubei as vossas economias, por motivos que só me dizem respeito e vocês introduziram-se a bordo do meu barco, para me assassinar.... Esperem por essa! Como se eu não os tivesse reconhecido ao primeiro olhar! Naturalmente tomei as minhas pequenas precauções: aconteça o que acontecer n'esta viagem, sereis enforcados. Já deixei em Milwanka uma carta a denunciar-vos. Se o navio abordar sem mim, seja em que posto fôr, sois logo presos. Que um de vós, dê um passo, ou desobedeça ás minhas ordens, fica logo estendido! E tanto no Canadá como nos Estados Unidos, bem sabeis que não ha um jury que ouse tocar n'um cabello da minha cabeça.

Porque, eu sou um respeitavel armador, negociante de cereaes; e vocês são dois bandidos, fingindo de marinheiros, introduzidos a bordo do meu navio para me assassinar e roubar. Ora comprehendeis, meus rapazes?

Pete olhava para Hirão.

Ia fallar, mas bruscamente o capitão interrompeu-o.

— Olhem para aqui.

E traçou a giz uma linha a meio do tombadilho.

— Pete, eis o teu logar: Hirão, aqui tens o teu. Se um de vós ousar transpor esta linha ou conferenciar com o outro, faço fogo. Pensem bem no que lhes digo... Eu cá tenho o meu plano. Se me ajudardes, fareis fortuna. Ora, vejamos: Pergunto: de que vos serviria matar-me? Mais tarde ou mais cêdo serieis presos e enforcados. A forca é coisa desagradavel, palavra de honra...

E com a mão, o capitão fazia o gesto de quem passa a corda á roda do pescoço. Pete e Hirão estremeceram.

— Muito bem, capitão, respondeu Hirão indeciso; mas desculpe, pagaram-me para que não me fie em si, porque emfim, o

PORTO — Exposição do snr. Delphim Lopes da Cruz (amador)

(Clichés de J. d'Azevedo phot. da «Ill. Cath.»)

BRAGA — Grupo de meninas, que frequentaram a catechese na capella de N. Senhora-a-Branca, no dia da sua primeira communhão

Grupo de meninos da mesma catechese que tambem fizeram a primeira communhão

BRAGA — Grupo de ecclesiasticos e familias das relações do rev. padre José Maria da Silva Duarte que, a seu convite, assistiram a uma festa religiosa celebrada ultimamente no templo de Nossa Senhora do Sameiro, em cumprimento d'um voto feito por aquelle sacerdote quando homisiado, por motivos politicos, no Brazil

capitão sempre me roubou o meu dinheiro.

—Puf! Uma miseria!

Ao passo que commigo, só teem a ganhar. Vamos direitos ao assumpto: este navio está preparado para naufragar. Corto o cabo de reboque, descarregamos o que trazemos em um estaleiro que tenho em certo sitio; e depois, trata-se apenas de mandar a *Fortuna* para o fundo do lago... e o seguro tem de pagar o preço do barco e da carga. Naturalmente, dividiremos os lucros. Convem-vos?

Hirão pensava. A avidez dominou o desejo de vingança.

Acceito, capitão, respondeu elle.

O capitão tregeiteou um sorriso e voltou-se para Pete:

— E você?

— Se Hirão consente, consinto tambem, retorquiu o aventureiro.

O rev. padre José Maria da Silva Duarte, com alguns amigos intimos que assistiram á sua festa realizada no Sameiro

Durante esta estranha scena, que não tinha sido percebida pela eguipagem do rebocador, a *Fortuna* ia já ao largo. A rapida corrente do Michigan levou-a rapidamente para o estreito de Makissaw. E' escusado dizer que o capitão não pregou olho n'essa noite.

Continúa.

GRANT ALLEN.

BRAGA—Direcção da Associação de Classe Commercial (Caixeiros)
(anno civil de 1913-1914)

BOM JESUS DO MONTE—Grupo Musical Juventude Portuense na sua visita aquella encantadora estancia

A Guerra Europeia

M. Asquith, presidente do ministerio inglez

General Pau, novo ministro da guerra francez

Sir Edward Grey ministro dos negocios estrangeiros inglez

ALLEMANHA—Manifestação de sympathia feita em Berlim em favor da Austria e da guerra

Alberto I, rei da Belgica, que tomou o commando das tropas para defender o seu reino da invasão allemã

O principe Henrique da Prussia, irmão do Kaiser e chefe superior da esquadra allemã

O archiduque Frederico, generalissimo das tropas austriacas

FRANÇA—As tropas francezas collocando uma peça d'artilharia perto da fronteira

ALLEMANHA—Um regimento de infantaria no momento de desembarcar

Santa Cecilia

(Quadro de Raphael--Bolonha)

PROPRIETARIO
Joaquim Antonio Pereira Villela.
DIRECTOR
Dr. Francisco de Sousa Gomes Velloso.
EDITOR
Antonio José de Carvalho.
ADMINISTRADOR
Clemente de Campos A. Peixoto.

Illustração Catholica
Revista litteraria semanal de informação graphica
Redacção, administração e typographia
83, R. dos Martyres da Republica, 91
BRAGA

CONDIÇÕES D'ASSIGNATURA
PAGAMENTO ADEANTADO)

Portugal e colonias (1 anno) . .	2$400
» » (6 mezes) .	1$200
» » (3 mezes) .	600
Á cobrança feita pelo correio ou pelo cobrador, accresce o importe das despezas.	
Estrangeiro (1 anno)	3$000
» (6 mezes)	1$500
Numero avulso	60

Numero 61 Braga, 29 de agosto de 1914 **Anno II**

Artigos Photographicos

As maiores novidades
em chapas, apparelhos,
productos, cartonagens
e papeis.

Fornecedores dos principaes
estabelecimentos scientificos.

Photograpiha artistica
Photo-miniatura
Photo-pintura

Quarto escuro e machina de
ampliação á disposição
dos amadores.

Lições praticas de photographia.

Acabamento de todos os
trabalhos a amadores.

A nossa casa garante todos os
artigos do seu commercio.

Mandam-se catalogos gratuitamente
contra pedidos dirigidos ao

PHOTO-BAZAR

MAGALHÃES & CARVALHO

43, RUA DA FABRICA, 43 — PORTO

Conego Bernardo Chouzal

2.ª Oração funebre

DE

D. Manuel Baptista da Cunha

Arcebispo Primaz de Braga

recitada no dia 27 de setembro de 1913
nas exequias que promoveu o clero do arciprestado
de Monção e Melgaço,
na matriz da villa de Monção.

Defendendo-O e Defendendo-me

Com um artigo sobre D. Carlos I

Depositarios—Cruz & COMP.ª

Rua Nova de Souza—Braga

Cathecismo
Popular Catholico
por FRANCISCO SPIRAGO

Versão do Dr. Arthur Bivar

— PREÇO 1250 reis —

M.me Permond

Conselhos d'uma mãe a seus filhos

Traducção feita por um preso politico

PREÇO, 150 reis

ILLUSTRAÇÃO CATHOLICA

Revista litteraria semanal de informação graphica

Proprietario, Joaquim A. Pereira Villela. Director, Dr. F. de Sousa Gomes Velloso

EDITOR Antonio José de Carvalho. ADMINISTRADOR Clemente de Campos A. Peixoto.

Braga, 22 de agosto de 1914

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E TYPOGRAPHIA
83, R. dos Martyres da Republica, 91
Não se restituem os originaes

Numero 60—Anno II

A nota verbal da Allemanha—O Barão de Schoen lê a M. Bienvenu-Martin, ministro interior dos negocios extrangeiros de França uma communicação do seu governo approvando a attitude da Austria e declarando que, se o conflicto não fôr localisado, d'elle podem resultar as mais graves consequencias.

Chronica da Semana

LXI

MORREU Sua Santidade Pio X!

A noticia, rude como todas as novas de desgraça, cahe em plena Europa conflagrada de luctas sanguinolentas, mas—ai! a tregua de Deus é da historia medieval!—as armas já não suspendem no ar o gesto de morte, nem nas faces dos soldados a expressão de colerica raiva é substituida por uma expressão de assombro e dôr!

Pio X, o *grande*, entregou ao tumulo o seu corpo de velhinho, e depoz no seio do Eterno a alma tocada pela suave luz da santidade. Era luz de bondade tambem porque só os bons podem ser santos,—bondade que outr'ora enlevava aquella Veneza, ao saudar *il Beppo*, e fez ajoelhar este seculo frio ante a brancura das vestes do maior rei da terra, que era n'ella ao mesmo tempo o representante de Jesus!

Mas Pio X foi grande não só pelo amor, senão tambem pelo espirito agudissimo e forte com que guiou a Egreja. A anarchica mentalidade do seculo, revestida das complexas formas da doutrina modernista, teve n'elle um inimigo impugnavel. Quando as altas espheras intellectuaes do mundo iam tresvariar, Pio X chamou-as, mostrou-lhes o recto caminho da verdade e da vida. E tanto foi o seu poder que acorreram ao seu aviso homens eminentissimos, cujas conversões á fé de Christo alentaram os crentes e impressionaram vivamente os povos. Só esta victoria daria celebridade a um pontificado inteiro!

Não foi, porém, a unica.

O renascer da fé nas cumieiras do pensamento contemporaneo e na alma das multidões; esse decreto maravilhoso sobre a Communhão; as reformas constitucionaes da Egreja; a compilação e revisão do direito canonico; as sabias direcções aos catholicos de França e da Allemanha; a Sua encyclica sobre a situação religiosa portugueza,—tudo representa a trajectoria luminosissima de onze annos de direcção suprema que não será esbatida pela nevoa do olvido, como os carinhos do parocho de Salzano não foram esquecidos pela população de Riese e de Tombolo.

Lourdes ainda ouve o rumorejo das multidões que ha pouco a visitaram, homenageando a Sagrada Eucharistia.

Londres e Colonia, Malta, Quebec e Madrid rezarão pelo Papa que em cada uma d'essas cidades levantou, com o fervor unanime do povo, o grande monumento d'este seculo a Christo-Hostia.

A tiara dos Papas tem mais uma corôa de gloria. A Egreja sahe unida e robusta d'este periodo de onze annos, abrazada do *fogo ardente* que Pio X tomára para divisa de suas armas.

Era pezada a Cruz do Pontifice que Deus acaba de chamar a Si.

Elle mesmo o sentiu quando o Camerlengo lhe annunciava a eleição. O seu primeiro gesto foi recusar a tiara. O cardeal Ferrari acercou-se d'elle para lhe lembrar que o dever era acceita-la.

—Não chegarei ao fim, dizia tristemente o patriarcha, não nasci para esta vida.

—Pois bem, volvia docemente o cardeal de Milão, applicar-vos-hei as palavras celebres do Evangelho:— «Só é bom aquelle que morre pela salvação de todos!»

A emoção era, porém, violenta, e José Sarto exclamava cingindo as mãos á embranquecida fronte: "O' minha querida mãe, minha mãe muito amada!„

Ia para a boa camponeza de Riese o primeiro pensamento do Vigario de Christo. Se ella vivesse hoje, choraria a rezar pela alma do seu filhinho, contente por ter dado á luz um santo Pontifice, tão amoravel e tão grande que morreu pedindo, braços erguidos para o céo, a este velho continente a dilacerar-se e a ensanguentar-se, aquella paz que era saudação dos anjos na doce noite de Belem, aquella paz que Jesus dava a Seus discipulos, aquella paz que era o branco lirio a florir dos labios de Pio X, aquella paz que o mundo não quiz para si, e que arrancou aos olhos do Papa as derradeiras lagrimas!

F. V.

SERÕES ERUDITOS

XIV

Aventuras das palavras

IV

Salada... de beldroegas

SALADA... porque em portuguez emprega-se ás vezes *salada* por salgalhada, e n'este serão vamos fazer uma salgalhada menos má; e de *beldroegas*, porque entre outras coisas trataremos tambem de beldroegas.

Ora vá lá uma pitada, ponham-se á vontade e comecemos o nosso serão. Já disse, mais do que uma vez, que não presumo ensinar ninguem. Tomara eu aprender! Quando ha 11 annos deixei os bancos da escola, atirei-me ao jornalismo. E emquanto os nossos religiosos trabalhavam e estudavam em seus conventos, emquanto as religiosas, anjos de caridade, se entregavam ao ensino, aos doentes, ás missões, etc., eu, e os outros jornalistas catholicos, rondavamos de arma ao hombro em redor do redil para espantar os lobos. Polemicas serias, que exigissem estudos demorados, não nas havia. De vez em quando, um ou outro garoto, vinha até ás trincheiras atirar a sua pedrada, e mais do que uma vez, com vergonha o digo, corri atraz d'elles, especialmente quando appareciam disfarçados em Theophilos, Faustinos, etc.

O certo é que foram 11 annos em que raro me succedeu consagrar oito dias seguidos ao estudo. Os meus bons amigos, os livros, dormiam placidamente na estante... Repito, portanto, que não vejam, n'estes serões, mais que o desejo de entreter os leitores em palestra amena. Por meu lado, se no exilio me tenho enfronhado em arabes, russos, sanscritos e até vasconços, tem sido para não me finar de pena ao ver o que lá vae pelo paiz.

Vamos á salada, que aqui faço unicamente para mostrar que, com tempo e meios, talvez as minhas vadiagens por esta provincia do saber não fossem de todo inuteis.

Disse eu n'um dos artigos precedentes, que tinha, sobre a origem da nossa palavra *menino*, uma opinião particular. Ella ahi vae: O sr. Candido de Figueiredo (unico diccionario que tenho!) traz: «Do latim *minimus*, de *minor*? Já se aventurou a origem do castelhano *mi niño* (o meu menino). Compare *meninho* e a forma desusada *minino*.» Com effeito, do lado de Hespanha, ha etymologistas (Navas, por ex.) que approximam *niño* de *menino*. Sem embargo de tão illustres auctoridades eu explico d'outra forma o nosso vocabulo. Nós temos a palavra *tamanho*, de *tam* e *magnus*, e tivemos tambem o adj: *tamanino* (pequenino) e *tamanhinho* (idem). Tenho ideia, até, de haver lido, em Alexandre Herculano, se não erro, este verso: «Quando eu era *tamanino*...» Mas ha mais: no diccionario de C. de Figueiredo falta o vocabulo «*manino* adj. pequenino, diminuta» registado já no de Vieira. Este *manino* é evidentemente apherese do *tamanino*, desprendendo-se o *tam*: «quando eu era tammanino»: quando eu era *tão* manino»... Ainda hoje muita gente diz *manino* em vez de *menino*, que tambem se escreveu *meninho*. Em resumo: estou convencido de que menino é uma substantivação de *manino*, apherese do adj. tamanino, como temos: um *pequeno* do

adjectivo *pequeno*. Se erro, é sem querer...

Fallei do bacalhau, vindo, por metathese, do kabeljauw, mas deixei sem solução o problema da origem do *bacharel*. Se me dão licença exponho tambem a minha opinião. Se outros viram na origem do bacharel o *bacalhau* e outro as *vaccas*, porque não poderei eu ver... o *cavallo!* E não cuidem que brinco, porque esta investigação tem-me dado que suar! Em primeiro lugar, o termo *bachelerie* em francez designava as qualidades ordinarias de um *bachelier*, que não eram nem a intelligencia, nem o amor ao estudo, mas sim: *a bravura*, o *valor militar*. Assim, Guérin cita um manuscripto da Bibliotheca Nacional de Paris, 1593 f.º 163, b, onde se lê: "*Si doite* amer *bachelerie* (refere-se ao *cavalleiro) — Et tous maus usages fuir. — Et les armes par tot suir!* Concordem que não é precisamente o que se requer n'um *bacharel*, mas sim n'um *cavalleiro*... mais: *bachelage*, em francez, significou «*arte e escola da cavallaria*», estudo das artes e das sciencias, aprendizagem d'um officio... Mais: na antiga cavallaria, a segunda ordem era a dos *bacheliers* ou simples *chevaliers* (notem a equivalencia!) como se lê no diccionario de Guérin.

D. Maria Francisca de Sá Nogueira Abreu de Vasconcellos

(Sá de Bandeira)

Commendadeira, fallecida ha dez annos, no antigo mosteiro da Encarnação de Lisboa, onde se recolhera em 1878. Era uma religiosa de fidalgas tradições e de coração cheio de bondade

O mesmo diccionario diz: baccalauréat: designava uma ordem de principiante *primeiro na cavallaria*, depois na jerarchia religiosa e universitaria.

Como veem á ideia do *bachelier*, (do qual nos veio, por metathese o *bacharel)*, anda ligada sempre a ideia de *cavallo*. Comtudo ainda ninguem, que eu saiba, deu como origem de *bachelier* o *chevalier* a não ser aquelle que se lembrou de explicar o *bachelier* por *bas-chevalier*. Ora se o *chevalie* veio de *caballarius* porque não viria o *bacallarius* de *caballarius* por metathese? A metathese é um phenomeno frequente e, pode dizer-se, commum a todas as linguas. Já vimos (para não ir até ás linguas antigas) o *bacalhau* vir de *kabbeljau;* o francez tem *étincelle* de *scintilla;* nós temos *palavra* de *parabola*, *andorinha* de *hirundinea;* nem as linguas da Africa escapam á metathese, como se vê no swahili (Amou) *ekeléa* por *elekéa* mranaha (Zanzibar), em pemba: mnaraha (Vid. P.^e^ Ch. Sacleux, no ensaio de phonetica das linguas bantus, Paris Welter, 1905, pag. 225).

Grupo de antigas recolhidas da Ordem d'Aviz vestidas de manto branco, tendo bordada sobre este, ao lado esquerdo, a cruz da sua ordem e na cabeça a pequena coifa

Em resumo: se é verdade

Os nossos Bispos

D. FRANCISCO FERREIRA DA SILVA

Venerando Prelado de Moçambique e Bispo titular de Siene
Foi eleito em 14 de Novembro de 1914

ANGRA DO HEROISMO. (Açôres) — A procissão de Nossa Senhora da Conceição sahindo da egreja do mesmo nome

ANGRA DO HEROISMO, (Açôres) — Imagem de Nossa Senhora do Carmo que se venera na egreja do Collegio

(Clichés do phot. am. snr. A. J. Leite)

SANTA MARIA. (Açôres) — Grupo de creanças que tomaram parte na festa de 26 de Julho em honra de Nossa Senhora de Lourdes. No centro vê-se o rev. Joaquim de Chaves Cabral, organista da festa

(Cliché do phot. am. snr. Arnaldo d'Andrade)

que o sentido fundamental de *bachelier* foi o de cavalleiro, quanto, á evolução phonetica nada se oppõe a que *bacallarius venha* de *caballarius* — e deixam-se em paz as *bagas* de *loureiro*, que os bachareis nunca tiveram, o bacalhau e as vaccas. Ainda que elle, valha a verdade, ha um proverbio que diz:

Faveurs, femmes et deniers
Font de vacher chevalier...

Vamos ás beldroegas. D'onde demonio virá este nome ás sympathicas beldroegas da nossa salada? C. de Figueiredo nada diz. O velho Moraes, citado por Vieira, manda-nos para o persa: *baldoraca!* Desconfio que não precisamos de ir tão longe! O nome scientifico da *beldroega* é *portulaca oleracea*. Este *portulaca*, com evolução

naturalissima, deu *verdolaga* em hespanhol, que é o nome que tem em Hespanha a *beldroega*. Com effeito os abrandamentos de *p* em *b* (e *v*), de *t* em *d* e de *c* em *g* são frequentissimos.

ARTHUR BIVAR.

O naufragio da "Fortuna,,

(CONCLUSÃO)

NA seguinte, começou a soprar do norte um vento violento e do lago elevou-se um nevoeiro intenso. Aproveitando a escuridão, o capitão pegou n'um machado e cortou o cabo que ligava a escuna ao rebocador: á primeira tensão, o cabo quebraria. Foi o que succedeu sem que a equipagem da chalupa pudesse suspeitar que o accidente fora preparado por mão criminosa.

Em vão, o rebocador cruzou por muito tempo no nevoeiro, afim de encontrar a *Fortuna*. Esta, habilmente conduzida pelo capitão, tinha fundeado n'uma calheta da ilha Manitoulin.

Cinco homens a esperavam. A carga desappareceu n'um instante, para dentro de um subterraneo e a *Fortuna* retomou o largo. A's onze horas da noite, ao luar, como a tempestade recrescesse, dobrou a ponta da ilha eriçada de rochedos irregulares. Era tempo. Um pouco mais tarde, o naufragio já não seria verosimil e acreditavel.

Ordenou o capitão a Hirão e a Pete que descessem ao porão. Já lhes tinha explicado a maneira de tirar as cavilhas, e mostrado como a agua se não elevaria senão muito lentamente, dando-lhes assim, tempo bastante para fugirem. No momento decisivo, Pete recuou. Sem proferir uma palavra, o capitão agarrou-o pelos hombros e deitou-o pela escada abaixo.

Hirão segurava a lanterna.

Ambos desappareceram na escuridão do abysmo.

Com a mais perfeita tranquillidade, o capitão tirou do bolso um martello e um embrulho de grandes pregos de cinco pollegadas de comprido; depois curvou-se para observar o porão

SAMEIRO — (Braga). Grupo de senhoras que ha dias foram em romagem piedosa junto da Virgem Inmaculada

Os seus dois acolytos tiravam a primeira cavilha. Vigiou-os até terem arrancado a quarta. Então, erguendo-se, o capitão pegou n'um prego, segurou-o entre o pollegar e o index...

*

Na semana seguinte, Sarnia em pezo sabia com magua que mais um navio do capitão Pierrepoint se perdêra n'uma ponta da ilha Manitoulin, no meio de horrivel tempestade. Os dois marinheiros de bordo haviam morrido, e o capitão salvára-se felizmente, n'uma canôa. Fôra uma grande perda para este, porque toda a gente sabe que o seguro nunca cobre a totalidade do valor d'uma carga. Emfim, era caso para felicitar-se, não ter a deplorar a morte de

SAMEIRO — (Braga). As mesmas senhoras junto ao templo antes de retirarem (Clichés do rev. Manuel d'Araujo)

BOM JESUS DO MONTE — (Braga).
Nas margens do lago, depois do jantar

um cavalheiro tão galante como era o capitão.

Depois do desastre, o capitão Pierrepoint renunciou á navegação para se entregar a negocios financeiros.

Dizia elle que tinha os nervos abalados e não poderia tornar a fazer face ao perigo como d'antes, quando era novo e tinha saude.

Alguns annos depois, houve um estio de excepcional sécca. Como as ribeiras já não alimentavam os lagos, o seu nivel baixou. O capitão Pierrepoint, cuja saude tinha diminuido, —soffria febres intermittentes complicadas com insomnias, mostrou então uma agitação extranha. Era com verdadeira anciedade que elle seguia o abaixamento das aguas, consultando cartas sem cessar e fazendo constantemente medições. Afinal, não socegando, apezar do medico lhe ter ordenado um repouso absoluto, alugou um *yacht* de recreio a vapor e tiritando com febre, embarcou, para uma viagem d'um mez sobre os lagos, acompanhado pela mulher e pelo cunhado, um joven cirurgião.

Como o barco estivesse perto já da ilha Manitoulin, o capitão, muito fraco, quiz que o levassem para o tombadilho.

D'ahi, pôz-se a prescrutar avidamente, a costa com o seu oculo d'alcance. Sobre os escolhos da ponta, meio fóra d'agua, via-se uma massa escura.

—O que é aquillo, Ernesto? perguntou Pierrepoint, batendo o dente, ao cunhado.

—Os restos d'um naufragio sem duvida, replicou este distrahido.

Ah! continuou elle, depois de ter mirado com o oculo, póde lêr-se o nome... espere... *A Fortuna, Sarnia*...

Desvairado, o capitão retomou o oculo e assestou-o sobre os destroços. Depois deixou-o cahir.

—Ajuda-me a descer, murmurou elle, com a voz quasi extincta.

Deixem-me morrer em paz...

Mas sobretudo, Ernesto, que *ella* nunca saiba nada...—

Levaram-no para a pequena *cabine* e quize-

FUNDÃO — A catechese ás creanças. Sahindo da egreja parochial depois da distribuição dos premios

FUNDÃO — Grupo de creanças do sexo masculino que receberam a 1.ª communhão

FUNDÃO — Grupo de senhoras que se encarregaram do ensino da doutrina christã ás creanças

ram dar-lhe quinino. Mas elle reclamou *brandy*, da qual bebeu um grande copo; depois recahiu extenuado sobre os travesseiros; o delirio empolgou-o, e, pelas onze horas, pousando a mão na de sua esposa, o capitão morreu.

Entretanto, o cunhado do capitão, tinha encontrado o fio de um mysterio. Com o patrão do *yacht*, foi examinar o casco da *Fortuna*.

Viram que elle tinha sido furado com oito buracos; Um d'elles ainda estava arrolhado. A cavilha d'um outro, apenas fôra arrancada até metade, como se houvesse sido abandonada ante a erupção da agua. Não era pois de espantar a commoção do capitão. Mas uma outra descoberta mais horrivel ainda os esperava, quando subiram a bordo da *Fortuna*: o quartel, da escotilha estava pregado!

Com a ajuda d'uma faca o patrão facilmente fez saltar os pregos, e ambos desceram ao porão vasio de carga. Ao pé da escada jaziam dois esqueletos. Eram os restos de Pete e Hirão. Evidentemente que o capitão tinha pregado o quartel da escotilha emquanto que elles estavam occupados em retirar as cavilhas, e, assim haviam perecido d'uma morte horrorosa.

Pouco a pouco fez-se luz, sobre toda a verdade e, á vista da ilha Manitoulin, os marinheiros nunca deixam de contar aos viajantes, a lugubre historia do naufragio da *Fortuna*.

GRANT ALLEN.

Um grande escriptor catholico que tambem é um glorioso heroe

NO dia 29 de Maio d'este anno de 1914, pelas 11 da manhã, reuniu extraordinariamente a Junta de Parochia de S. Matheus da Calheta, na Ilha Terceira.

FUNDÃO — Um aspecto da procissão em que tomaram parte as creanças da catechese

Esta reunião extraordinaria teve por fim lavrar um voto de sincero e enthusiastico louvor ao rasgo de verdadeiro e commovente heroismo, praticado pelo notavel escriptor catholico e eminente professor, sr. Dr. Manuel Antonio Ferreira Deusdado, Reitor do Lyceu de Angra do Heroismo, no dia 28 do mesmo mez de Maio.

Foi aquelle rasgo celebrado justiceiramente pela imprensa insular e em Portugal por diarios da importancia do *Dia* e da *Nação*.

Em breves linhas o commemoraremos. O Dr. Deusdado fazia um passeio pedagogico com alguns dos seus alumnos n'uma das praias da freguezia de S. Matheus, povoada por marinheiros destemidos, por audazes pescadores de baleias, que excedem, no valor heroico, os melhores de toda a Terceira.

FUNDÃO — Grupo de meninas que receberam a 1.ª communhão

O mar estava formidavel de coleras e estampidos. Fazia pavor o choque dos vagalhões immensos na rude e cavada penedia da costa. Soprava um rispido vento sul, de marés vivas, por ser então lua nova. O *marraxo*, uma especie de tubarão, já surdia, implacavel inimigo do homem, por ser aquelle a epocha da sua chegada aos Açôres, espreitando victimas entre as ondas marulhantes e convulsas.

Pouco passava do meio dia, quando o Dr. Deusdado chegou á praia. De repente, estremeceu. Um desgraçado, abraçado a um cachopozinho, esperava a morte nas vagas

FUNDÃO — As meninas Maria Nathalia Almeida e Lucilia Figueira no dia da sua 1.ª communhão

(Clichés do phot. am. snr. Bartholomeu Monteiro)

que a preamar avançava até ao infeliz, cercando-o, já fustigando-o de travez.

O poder das ondas, a quasi certeza de uma investida fatal do *marraxo*, a consideravel distancia, o enleio dos melhores pescadores deante d'aquella agonia, nada impressionaram o Dr. Deusdado. Despindo apenas o casaco, atira-se ao escarceu.

Oppõem-se-lhe grandes vagas, e elle vigorosamente as vence. Quasi de subito, é visto ao pé do desgraçado, já exhausto e quasi submergido. O heroe empolga-o, nada, transportando-o, soffre de novo mil golpes das aguas furibundas, mas triumpha, entrega o infeliz á vida, aos soccorros alvoroçados dos que enchem a praia.

O naufrago é um bom trabalhador, casado, pae de cinco filhinhos. Não sabendo nadar, contava já com a morte. Calcula-se a impressão em toda a ilha.

E quem ignora o valor mental do heroe? Escriptor tão erudito como brilhante, antigo representante de Portugal nos maiores congressos scientificos da Europa, professor eminente e modelar catholico, bem lhe bastava tudo isso para ser uma verdadeira gloria nacional.

Pois acrescentem-lhe agora mais este florão precioso, e inscrevam o seu bello nome na lista dos que em tudo, até no mais abnegado heroismo, seguem e glorificam Jesus-Christo e a sua Egreja.

JOSÉ AGOSTINHO.

A "Illustração Catholica,, no Brazil

A EGREJA MATRIZ DE JAHÚ
(Estado de S. Paulo)

Este grandioso monumento de estylo gothico, obra do engenheiro belga João Lourenço Madein, cuja pedra fundamental foi lançada em 24 de novembro de 1895 pelo então juiz de direito da comarca Dr. José Soriano de Sousa Filho, honra da magistratura paulista, tem 40 metros de comprimento por 19 de largo e a configuração d'uma cruz latina.

O altar-mór, dedicado a Nossa Senhora do Patrocinio, foi sagrado pelo Arcebispo-Bispo da diocese, D. José Marcondes Homem de Mello, em 18 d'outubro de 1912, sendo construido em marmore, bronze e madeira e illuminado com grande profusão de lampadas electricas.

São notaveis os dois monumentaes pulpitos que custaram 11 contos. Os 14 quadros da *Via-sacra*, em alto relevo, foram importados da Allemanha pelo preço de 10 contos.

Possue tambem o novo templo riquisssimos paramentos para o culto comprados directamente em Roma pelo vigario da parochia.

As despezas feitas até hoje com a construcção do novo templo estão calculadas em 700 contos, moeda brazileira.

MINAS GERAES — Os padres portuguezes José Antonio Correia, Seraphim Augusto da Cruz e Luiz Antonio Pereira, respectivamente vigarios em Poços de Caldas, Villa Braz e Dôres do Aterrado, diocese de Pouso Alegre.

A Guerra Europeia

LIÉGE—Vista panoramica da cidade

LIÊGE—Estação ferro-viaria

LIÉGE—Palacio do governador

LIÉGE—Universidade

LIÉGE—Praça do theatro

LIÉGE—Palacio da justiça

Uma bateria de artilharia servia em marcha para a linha de operações

Artilharia franceza defendendo a fronteira contra a invasão das tropas allemães

Um dirigivel militar typo Zeppelin evolucionando sobre os barcos da esquadra allemã no canal de Kiel

GENERAL AMADE
que á frente de cento e cincoenta mil homens invadiu Mulhouse e se propõe tomar a Alsacia

Soldados da cavallaria franceza defendendo as linhas ferreas proximo da fronteira emquanto um monoplano militar realisa um reconhecimento

GENERAL LYAUTEY
Chefe das tropas francezas em Marrocos que se offereceu ao governo para commandar 30:000 homens

Forças de infantaria austriaca preparando-se para entrar no territorio servio

Novas peças d'artilharia que o exercito servio utilisa na guerra contra a Austria

Uma secção da esquadra allemã navegando pelo Mar do Norte

Couraçados allemães navegando em busca da esquadra ingleza

Grupo de chefes e officiaes servios que commandam os destacamentos em guerra com as forças austriacas

Os couraçados inglezes "Queen" e "Prince of Gales"

Uma esquadrilha de torpedeiros austriacos

Forças de infantaria servia custodiando um comboyo que se dirige ao campo de operações

ARMARIA PORTUGUEZA

Armas de cada appellido que entram na composição dos brazões das casas nobres de Portugal

Avellar. — Em campo d'ouro tres faxas de vermelho carregadas cada uma com tres estrellas d'ouro. Timbre: tres espadas com punhos de sangue e ouro em retoque.

Avinhal. — Em ouro tres asnas enxequetadas de prata e negro. Timbre: dois ramos de vide com cachos no segundo.

Azambujas. — Em ouro quatro bandas de vermelho. Timbre: meio selvagem vestido de ouro com um pau esgalhado ás costas sustentado em ambas as mãos.

Azeredos. — Em azul nove contrabandas d'ouro. Timbre: um leão d'azul armado d'ouro com tres contrabandas do mesmo.

Rebello Jor

VILLA POUCA D'AGUIAR--Ruinas do Castello de Soutello d'Aguiar

(Cliché do rev. Carlos Simões d'Almeida)

PROPRIETARIO
Joaquim Antonio Pereira Villela.

DIRECTOR
Dr. Francisco de Souza Gomes Velloso.

EDITOR
Antonio José de Carvalho.

ADMINISTRADOR
Clemente de Campos A. Peixoto.

Illustração Catholica

Revista litteraria semanal de informação graphica

Redacção, administração e typographia
83, R. dos Martyres da Republica, 91
BRAGA

CONDIÇÕES D'ASSIGNATURA
(PAGAMENTO ADEANTADO)

Portugal e colonias (1 anno) . .	2$400
» » (6 mezes) .	1$200
» » (3 mezes) .	600

Á cobrança feita pelo correio ou pelo cobrador accresce o importe das despezas.

Estrangeiro (1 anno)	3$000
» (6 mezes) . , . . .	1$000
Nnmero avulso	60

Numero 62 Braga, 5 de setembro de 1914 **Anno II**

Expediente

Já estão impressas as capas para o 1.º volume da *Illustração Catholica.* Estas capas são de percalina, douradas, e d'um bello effeito artistico.

Quem as pretender tenha a bondade de, em postal, fazer a sua encommenda. Cada capa custa 330 reis incluindo o correio. O importe deve ser remettido em vale ou estampilhas.

Manual da Adoração do Santissimo Sacramento Traduzido do original em Francez do Padre Tesnière, pelo Padre José Antonio d'Oliveira. Brevemente será posto á venda este excellente tratado de devoção ao SS. Sacramento. N'esta redacção se acceitam encommendas da mesma obra.

Callos só os tem quem quer!

O CALLICIDA DIAS faz cahir os callos por mais antigos que sejam. E' a melhor descoberta da actualidade porque os tira pela raiz.

Preço, pelo correio, 25 centavos. Restitue-se o dinheiro a quem provar a fallibilidade.

Pedidos a *Manoel Joaquim Dias — CALDELLAS*

Resumo da Doutrina Christã

Em prosa e verso, sendo a parte em verso composta

PELO

Rev.mo P.e Carlos Rademaker

Methodo muito facil para ensinar, por meio de canto, as cousas mais necessarias da Doutrina Christã. Edição accrescentada pelo P. Villela & Irmão

Preço: Brochado, 10 rs. Cartonado, 40 rs.

ILLUSTRAÇÃO CATHOLICA

Revista litteraria semanal de informação graphica

Proprietario, Joaquim A. Pereira Villela. Director, Dr. F. de Sousa Gomes Velloso

EDITOR Antonio José de Carvalho. ADMINISTRADOR Clemente de Campos A. Peixoto.

Braga, 5 de setembro de 1914 | REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E TYPOGRAPHIA *83, R. dos Martyres da Republica, 91* Não se restituem os originaes | Numero 62—Anno II

Soldados francezes, jogando, durante um descanço na sua marcha para a fronteira

A Desconhecida

JESUS trepava a custo a serra do Calvario,
empurrado da mão brutal do legionario,
com a ajuda leal de Simão Cyreneu,
— umas vezes tombando, outras fitando o Céo.

Era enorme o alarido! Estrondoso o barulho!

No alto do penhasco havia um pedregulho,
entre cardos hostis e alguns cactos vermelhos.
Decerto ali o Mestre esfolaria os joelhos.

N'isto certa mulher sahe d'entre a populaça,
com ar nobre, gentil, cheia de força e graça,
afasta com vigor a pedra enorme e fria,
colloca em logar d'ella a sua mão macia,
e beija do Rabbi os doridos joelhos.

—Esta acção fez chorar até soldados velhos.

Na mulher fita o Mestre as suas vistas calmas
e com a extranha voz com que abalava as almas,
fazendo estremecer n'ellas como que um mundo,
disse com ar cansado e um suspiro profundo:
—Mulher obraste o Bem! Regressa á tua aldeia.

Verás a casa farta e a tua arca cheia.

Mas a Mulher tornou n'um tom indefinivel,
mixto de gratidão e tristeza visivel:
— Obrigada Rabbi! Mas não pode estar bem
quem não tem arca, lar, esposo, patria ou mãe!

O Christo cravou n'ella o olhar mais demorado,
e replica sondando esse rosto maguado:
Não descreias Mulher! Tu serás farta um dia.
Dar-te-hei patria e lar, dar-te-hei por mãe Maria.
Como te chamas tu?..
—Rabbi! não tenho nome!
Uns chamam-me a Desgraça. Outros chamam-me a Fome.
Para o vulgo em geral sou a *Desconhecida.*
Não tenho patria ou lar. Vagueio repellida
pelos duros Hebreus e infieis Samaritanos.
Fujo para os sertões então mezes e annos.

—Triste é—torna o Rabbi—não ter nome nenhum!
Triste é teu coração. Socéga. Dar-te-hei um
nome digno de ti, bem proprio, na verdade!

—Que nome me dareis?...
—Chamar-te-has *Piedade.*

CASCAES I—VIII—1914.

GOMES LEAL.

VIDA INTENSA

(PAGINAS D'ALEM FRONTEIRAS)

AQUELLA adoravel berlineza, que ás portas de Liége, no meio das ballas e das lagrimas, entre os canhões e os cadaveres, cantou, desvairada, um epico *halalih* de guerra e que, tombada por uma balla, morreu feliz, exaltando os heroes, é, segundo dizem os jornaes, aquella mesma destemida e enthusiastica *fraulein*, que andou a voltas com o chefe d'estado maior para se alistar n'um dos corpos do exercito allemão.

Ao vêr a sua terra ameaçada, nova, feliz, noiva, adorada, deixou a paz tranquilla da sua casa, abandonou as suas musicas e as suas flores e tocada d'aquelle enthusiasmo, que accende a força e a visão do triumpho na alma dos heroes, foi offerecer-se para combater os inimigos encarniçados.

Nem os conselhos da familia nem os rogos do noivo, conseguiram demover esse proposito firme. Uma manhã clara, uma d'aquellas manhãs theatraes do Rheno, olhou pela ultima vez as coisas queridas, e n'uma resolução heroica, abandonou os seus, alegre e estouvada, como se fosse para uma partida de *tennis* em casa d'alguma amiga.

BRAGA — A familia do snr. Adelino Paiva e pessoas d'amisade por occasião da festa da trasladação da imagem da Immaculada Conceição da egreja parochial de Gualtar para a freguezia de S. Pedro d'Este

Quem a tivesse visto caminhar para a estação, diria certamente, que um novo capricho a arrastava a peregrinar pelas lojas de Berlim e teria commentado aquella excursão matinal, com os mil burguezes *senões*, com que costuma brindar-se a *coqueterie* adoravel das mulheres.

Horas depois, corria ella as estações officiaes berlinezas, a pedir, a insistir pelo seu alistamento e depois de grandes exforços, d'humilhações, de supplicas, conseguira o excepcional favor de poder acompanhar um dos corpos d'exercito que n'essa mesma tarde partiria para a fronteira, não como soldado, mas como informadora reservada do estado maior.

Era pouco, para o seu sonho varonil de combatente, mas era já bastante, para quem não queria ficar commodamente de braços cruzados...

O que depois passou di-lo o relato frio dos jornaes: — morreu ás portas de Liége, cantando e rindo, no momento sangrento do triumpho.

BRAGA — Grupo de anjinhos, filhos do snr. Adelino Paiva, na procissão effectuada em S. Pedro d'Éste no dia da trasladação da imagem da Immaculada

(Clichés do phot. am. snr. Gabriel A. de Castro)

No mais encarniçado de lucta, ella ia feliz por entre as avançadas, espalhando sorrisos aos que cahiam, incitando os que marchavam triumphantes.

Cantava canções religiosas e epicas, embriagada com o ruido das ballas dos queixumes de morte, dos gritos de triumpho, das supplicas de soffrimento e sem hesitar, sempre feliz e varonil, quanto mais a lucta se encarniçava mais a sua voz marcava as phrases guerreiras. E os soldados, corpulentos e frios, ao verem aquella figura franzina e loira como um sonho leve que surgisse d'entre a fumarada, olhavam-a com compaixão, com piedade primeiro, com admiração e com pasmo depois e, como se aquelle exemplo accendesse novos enthusiasmos, marchavam seguros para a lucta.

Assim chegaram até Liége onde ella morreu, cantando, rindo, embriagada pelo epico do quadro, enthusiasmada pela visão deslumbradora do primeiro triumpho.

Que admiravel nota de coragem moral nos veio trazer hoje o noticiario frio dos jornaes, apresentando aos nossos olhos admirados essa mulher, que é um symbolo do dever a cumprir, um exemplo frizante para todos, mas, especialmente, para esse desgraçado paiz onde nem mesmo os homens sabem e querem cumprir o seu dever!...

JOSÉ DE FARIA MACHADO.

Da vida do Papa

PIO X, sendo patriarcha de Veneza, estava um dia na sua sala de estudo, quando uma de suas irmãs, incumbida de preparar as frugaes refeições do Santo Prelado, entrou pressurosa a dizer-lhe que havia desapparecido a panella em que se estava condimentando o jantar d'aquelle dia.

—Querida irmã, disse o Prelado, já que isso te preoccupa tanto, fica sabendo que fui eu quem a fez desapparecer.

—Tu?

—Sim: um pobre homem veio dizer-me que sua mulher, enferma, não tinha uma malga de caldo para tomar, e eu dei-lhe a panella para que hoje se remedeie.

*

Todos os mendigos de Roma o conheciam e, sendo Patriarcha de Veneza, a sua chegada á capital do mundo catholico era assignalada pela presença, na estação, de muitos pobres que aguardavam a esmola e as confortações do Prelado.

Um dia, no Corso, perto do Collegio dos Lombardos, um velho andrajoso e sujo correu para elle dizendo:—Eis o nosso Patriarcha de Veneza—e lançou-se-lhe aos pés pedindo ao Prelado que lhe traçasse sobre a fronte o signal da Cruz.

O Patriarcha Sarto levantou-se e beijou a

POVOA DE VARZIM — O novo templo da Misericordia no dia da inauguração

(Cliché do phot. am. snr. Manoel da S. Isidoro)

Os nossos Bispos

D. Theotonio Manuel Ribeiro Vieira de Castro

Venerando Bispo de S. Thomé de Meliapor

Nasceu no Porto em 22 de julho de 1859 e em 22 de junho de 1899 foi eleito prelado d'aquella diocese

INDIA — Cathedral de S. Thomé de Meliapor

Aspecto do interior da Cathedral durante uma ceremonia religiosa

mão ao pobre velho, dando-lhe em seguida uma avultada esmola.

*

Quando occupava a séde episcopal de Mantua, fez-se notar pela firmeza do seu caracter, pela sua justiça, pela sua caridade inexgotavel, que o mostravam ao povo como um Prelado modestissimo de apostolicos costumes, venerado pelos pobres, entre os quaes repartia tudo quanto lhe sobrava para supprir as suas necessidades.

Na sua diocese tinha ordenado que aos domingos e dias de festa se lêsse e explicasse a Biblia no dialecto particular de cada localidade. Elle mesmo commentava os Livros Santos, no pulpito de S. Marcos.

*

O Santissimo Padre já em Roma confirmou que havia de ser o Pae dos pobres: nas mãos do seu esmoler Mgr. Constantino depôz 100:000 liras para que fossem distribuidas pelas classes indigentes de Roma, ordenando que 5:000 fossem destinadas á obra das Cosinhas Economicas, fundadas e mantidas pelo Circulo de S. Pedro.

*

Pio X era de uma modestia, humildade e affabilidade verdadeiramente surprehendentes. Occultava, sob um aspecto accessivel e sympathico, a mais profunda doutrina, viva e penetrante, nos assumptos e nas questões da maior actualidade.

Em resumo: juntavam-se n'elle uma sciencia profunda e um zêlo apostolico infatigavel.

Era muito caritativo.

Dava não só o superfluo como tambem se privava do necessario para minorar as miserias de que tinha conhecimento.

O fio telephonico do seu Palacio, quando era Patriarcha de Veneza, estava sempre em communicação com alguem, a quem recommendava um sollicitante, já para um emprego, já para troca de serviços e, ás vezes, ainda que de um ladrão se tractasse, para diminuir-lhe a pena ou pô-lo o em liberdade.

A nota culminante em Pio X era o seu zêlo apostolico social.

Quando Patriarcha, a sua diocese foi uma d'aquellas em que mais se propagaram as obras populares em conformidade com as recommendações reiteradas de Leão XIII.

*

Conta-se que um dia, um veneziano de ideias avançadas e muito conhecido pelo seu genio vehemente gritou no meio de numeroso publico que, de joelhos, aguardava a passagem do Patriarcha, na Egreja de S. Marcos:—«Não quero nada com padres; mas por este patriarcha deixava-me queimar vivo».

INDIA — Tumulo de S. Thomé no centro da Cathedral

Collegio-Internat

AGORA que em todos os jornaes se escreve sobre estabelecimentos de ensino, agradarão aos nossos leitores umas ligeiras notas sobre este Collegio, cujo relatorio acabamos de receber.

O Collegio-Internato dos Carvalhos que vem merecendo desde ha annos as sympathias de todas as familias catholicas, é, indubitavelmente, um dos de mais justa nomeada no norte do paiz. Fica situado no concelho de Gaya, em casa exclusivamente construida para instituto d'esta natureza, e frequentam as suas aulas alumnos de todas as partes de Portugal, não sendo raro tambem contar-se no numero dos educandos filhos de familias extrangeiras. E' o collegio do Norte de mais larga concorrencia de alumnos internos, pois que o externato dos collegios no campo é de nullo valor, o que revela bem á evidencia a sabia direcção que lhe preside, e a superioridade dos seus methodos de ensino.

Precedem o relatorio umas breves considerações sobre a educação physica, intellectual e moral lá ministrada, e que são a synthese de tudo quanto se tem escripto e seguido na solução de este problema—a formação do homem moderno.

Os jogos desportivos, como um dos mais favoraveis elementos de educação physica, teem

Vista geral do grande edificio do

o dos Carvalhos

n'este collegio o seu culto, e entre estes o foot-ball com tres clubs organizados. Os alumnos dão pelos arrabaldes passeios bisemanaes, em grupos e acompanhados respectivamente d'um professor, e durante estas excursões colhem plantas e flores que no Collegio recebem a sua catalogação. No balneario que o Collegio possue, todos os alumnos tomam banho ou a duche escocesa, de maneira que a agua por sua vez desempenha n'este Collegio o papel importantissimo que a medicina e a hygiene lhe conferiram, como agente despertador e renovador de energias.

A situação privilegiada do Collegio-Internato dos Carvalhos n'um logar saudavel e elevado, contribue tambem grandemente para que o estado sanitario dos alumnos seja sempre o mais invejavel e satisfatorio. No anno lectivo de 1913-1914, refere o relatorio e confirmam-no informações particulares, não houve no Collegio uma só doença de gravidade, o que é para registrar, tratando-se d'uma casa cuja população escolar foi de 223 alumnos, quasi todos internos.

A educação intellectual que é ministrada aos seus alumnos, visa sobretudo á formação do homem de acção. Os alumnos não são obrigados simplesmente a decorar ideias feitas ou phrases incomprehensiveis, mas aprendem acima de tudo a razão das coisas.

Collegio-Internato dos Carvalhos

COLLEGIO-INTERNATO DOS CARVALHOS — *Grupo geral dos alumnos internos com os seus professores*

COLLEGIO-INTERNATO DOS CARVALHOS — *Redactores da excellente revista do Collegio "O Academico"*

phrase do relatorio, e que decerto muito influirá no levantamento moral da mocidade.

O Collegio-Internato dos Carvalhos é, sem duvida, um estabelecimento modelar de educação e ensino. Para os seus directores não terminou a missão historica de Portugal; veem que na educação da mocidade é que a nossa actividade de povo contemporaneo deve affirmar-se, e porisso enveredaram por este caminho, com vontade e confiança.

A' amabilidade da Direcção do Collegio-Internato dos Carvalhos agradecemos a offerta do relatorio dos trabalhos escolares.

Na revista «O Academico» deixam os educandos gravados os seus progressos intellectuaes, mostrando sempre que a educação intellectual que se lhe procura e fornece, só tem em vista formar cidadãos que não tenham de viver amarrados ás ideias do passado, mas sejam homens do seu tempo.

Os resultados dos exames officiaes, no Lyceu Alexandre Herculano, foram tambem excellentes. A Direcção faz destacar n'este relatorio a quinta classe do curso lyceal, e com justa razão, tão elevadas são as classificações que os alumnos d'esta classe obtiveram. E' a homenagem ao merito que ninguem póde deixar de prestar, e que é o melhor estimulo para victorias futuras.

A educação moral do alumno occupa tambem deveras a attenção da Direcção do Collegio-Internato dos Carvalhos. Ensinam-lhe o culto da tradicção e das virtudes sociaes, amor á terra que nos viu nascer, todas as coisas generosas e boas capazes de corrigir, na formação do caracter, os vicios do meio ou os erros que á nossa raça trouxeram tantos seculos de formalismo na escola. E' a educação profundamente portugueza, na

Uma phase do jogo do foot-ball entre o 1.º «team» do Collegio-Internato dos Carvalhos e o de Ermezinde

FIGURAS DA BEIRA

(SEGUNDA SERIE)

Visconde de Guedes Teixeira

III

QUANDO Guedes Teixeira concluiu a sua formatura em direito—e tal se deu no dia 5 de julho de 1867—já tinha renome de talentoso e de homem de boa tempera em galanterias honestas e em audazes iniciativas.

Fora um estudante distincto, menos aplicado ainda do que imaginoso, facil e vivo de palavra, original de ideaes. Dera licções magnificas, conquistando o affecto e a estima dos lentes. Ao mesmo tempo, fôra uma gloria pura da

vida academica, primando em alegre solidariedade, e fulgindo nos salões de Coimbra, principalmente nos saraus litterarios.

Lamego—sempre ufana com os louros dos seus filhos—recebeu Guedes Teixeira com enternecido jubilo e esperanças justissimas. Contou decerto com mais um advogado eminente.

Mas Guedes Teixeira tinha outro destino e outra ambição. E o seu ideal tinha, por mercê de Deus, um apoio solido e intelligente: o affecto, a fortuna e o senso pratico do seu tio materno, José Isidoro Guedes, par do reino, e opulentissimo, além de apaixonado amigo da sua Lamego, que brindou com uma formosa alameda, uma das boas bellezas da vetusta cidade de Echa Martim.

Com esse tio — homem, aliás cultissimo—fez logo a sua primeira viagem ao extrangeiro. N'essa viagem, Guedes Teixeira aprofundou conhecimentos, colheu modelos, como que cotejou planos de trabalho moderno. Aquella curiosa e babylonica Paris — tão desigual até na figura, cortada pelo Sena em dois pedaços de aspecto quasi antinomico — empolgou-o, orientou-o, enthusiasmou-o nas maravilhas dos grandes *boulevards* que continuavam então, ainda com mais ardor do que hoje, o plano de melhoramentos iniciado em 1852 com a conclusão do Louvre, com o prolongamento da rua de Rivoli, e com o golpe ousado do *boulevard* de Sebastopol.

Guedes Teixeira regressou cheio de fé e noções positivas. Lamego era uma cidade por demais archaica. A sua antiga e importantissima industria decahira, restando-lhe uma pequena fabrica de sabão e outra, modestissima, de phosphoros. A vida lamecense parecia estrangulada, embora então fosse muito mais poderosa e fecunda do que hoje.

Cidade muito commercial, sim, e comtudo, de rotineiro commercio. Os capitaes retrahiram-se morbidamente, como foi, aliás, sempre usança lamecense. Esperava-se o freguez, não se abandonava—nem de noite—o estabelecimento, amealhava-se o dinheiro com paixão e ardor, e só se arriscava, com respeitaveis juros, sobre hypothecas de pôlpa. Mas homem de talento e energia, capacidade trabalhadora que pedisse emprestadas dez libras para um emprehendimento rasgado, não encontrava senão sorrisos de mofa ou suspeições alarmantes.

Tinha de emigrar, sacudindo o pó dos sapatos, ou de vegetar, amarrados a um protector altivo que, por uma côdea amarga, era muito capaz de lhe pedir a propria abdicação da consciencia.

Foi a Lamego que o futuro Visconde encontrou. Comtudo, elle queria operar. Como agglomeraria elle á sua roda as forças vivas da cidade? Como as recompensaria depois pela devoção e como conseguiria o auxilio do poder central para os seus grandes planos? Depressa lhe respondeu a realidade: *segue a Politica!*

E seguiu-a. Procurou o partido de programma propicio aos seus ideaes de melhoramentos grandiosamente concretos. Depressa encontrou: os regeneradores, ou antes, os fontistas... por-

VILLA NOVA DE GAYA -- Festa da Virgem do Pilar

Egreja onde se realizou a festa de N. Senhora da Gloria, na serra do Pilar

Aproveitando a polka

que *regeneradores* — louvado seja Deus! — todos os politicos se diziam em moralidade, economia, progresso e amor-patrio.

JOSÉ AGOSTINHO.

A sepultura dos Papas

EM quasi todas as grandes cidades italianas se encontram disseminados, sendo objecto de veneração nas suas egrejas, os sepulchros em que descançam os restos mortaes dos Pontifices.

Roma é, naturalmente, a que tem maior numero. Na Basilica de S. Pedro ha muitos, alguns de grande valor artistico, destacando-se entre elles os sepulchros de Bonifacio VII, executado pelo artista florentino Arnoflo di Lape; Paulo II, por Mino de Fiesole; Xisto IV e Innocencio VIII, por Antonio Pollagnello; Gregorio XII, por Camillo Rusconi; Paulo III, Urbano VIII e Alexandre VII, por Bermin; Leão XI, por Algarde; Clemente X, por Ferrata, Morelli e Carcari; Innocencio XI, por Monot; Alexandre VIII, por Angelo de Rosi, Innocencio XII, por Filippe Valle; Pio VIII, por Tenerari; Benedicto XIV, por Pietro Bracci; Clemente XII, por Canova; Pio VII, por Thorwaldesen; Leão X, por Fabri; Gregorio XVI, por Ami e os de Adriano VI, Nicolau V, Pio II e Leão I, de auctores desconhecidos.

A egreja de Santa Maria de la Minerva e a cathedral de Auzzo contém muitos sepulchros. Outras cidades como Genova e Napoles têm sepulturas de pontifices. Pio IX pediu que a sua sepultura fosse simples e pode vêr-se na egreja de S. Lourenço, fóra dos muros de Roma.

Leão XIII terá a sua sepultura definitiva na Basilica de S. João de Latrão junto ao magnifico tumulo de Innocencio III.

Pio X terá sepultura na Basilica de S. Pedro.

VILLA NOVA DE GAYA — Aspecto dos carros das melancias

A feira de utensilios agricolas

Na volta da romaria

(Clichés de J. d'Azevedo phot. da «Ill. Cath.»)

VIANNA DO CASTELLO -- Festa de Nossa Senhora das Areias em Darque

A capellinha de N. Senhora no dia da festa

Um aspecto do arraial

Outro aspecto do arraial

(Clichés do phot. am. snr. Manoel Affonso)

João Luiz de Mattos Graça

Importante capitalista bracarense ultimamente fallecido nas aguas da Curia

Jeronymo Gualter Martins Navarro Vaz de Napoles

Nasceu em Braga a 13 de Setembro de 1884 e falleceu em Guimarães a 16 de Julho do corrente anno

A Guerra Europeia

LONDRES — O rei Jorge V, a rainha e a familia real assistindo ao desfile das tropas que vão entrar em lucta

LONDRES — Uma sessão historica na camara dos communs — Sir Edward Grey, ministro dos estrangeiros, declara que a armada ingleza guardará as costas de França

O almirante Jorge Calhaghan, chefe supremo da esquadra ingleza

O almirante Jellicoe, chefe da esquadra ingleza no Mar do Norte

O general French, chefe superior do exercito inglez em operações

FRANÇA — A revista do calçado na Praça ae S. Francisco Xavier

A bandeira do regimento 102 de infantaria

COIMBRA--Nossa Senhora do Espirito Santo na quinta de Santa Cruz

(Cliché do phot. am. sr. Antonio Rodrigues de Gouveia)

PROPRIETARIO
Joaquim Antonio Pereira Villela.

DIRECTOR
Dr. Francisco de Sousa Gomes Velloso.

EDITOR
Antonio José de Carvalho.

ADMINISTRADOR
Clemente de Campos A. Peixoto.

Illustração Catholica

Revista litteraria semanal de informação graphica

Redacção, administração e typographia
83, R. dos Martyres da Republica, 91
BRAGA

CONDIÇÕES D'ASSIGNATURA
PAGAMENTO ADEANTADO)

Portugal e colonias (1 anno) . .	2$400
» » (6 mezes) .	1$200
» » (3 mezes) .	600

Á cobrança feita pelo correio ou pelo cobrador, accresce o importe das despezas.

Estrangeiro (1 anno)	3$000
» (6 mezes)	1$500
Numero avulso	60

Numero 63 Braga, 12 de setembro de 1914 **Anno II**

Chronica da Semana

LXII

NA immensa e magestosa praça da Basilica de S. Pedro a multidão comprimida n'uma anciedade progressiva, tem os olhos fitos na historica varanda da *loggia*. Ha um nome a circular já vagamente, como se as lettras fossem traçadas pelas volutas da *sfumata* a diluir-se no calmo azul.

Subito creados agaloados abrem as janellas da varanda, uma rica tapeçaria desenrola-se, e cá de longe, o sol accende a lhama de oiro das armas de Pio X, n'ella bordadas, como a juntar o fogo da sua luz ao fogo ardente da divisa do Papa que morreu . . .

Della Volpe apparece . . . ergue os braços ao céo, e a formula da annunciação cae poderosamente dos seus labios. O Cardeal Della Chiesa foi eleito Papa com o titulo de Bento XV!

Eis annunciada á humanidade a grande alegria. A luz entra de novo a jorros varrendo as abobadas da Basilica. Só mais longe, na escuridão da cripta, um clarão de cirios, lembra a memoria do Papa da Eucharistia . . .

Momentos depois, prestado o juramento dos Cardeaes, Bento XV lança á multidão, que o ovaciona, a Sua primeira benção.

Ergue-se de novo, no Vaticano o *homem vestido de branco*. Quem é elle? Um Papa. Quem se reergueu de um tumulo? O Pontificado inteiro!

A estabilidade dos grandes thronos da terra tem uma phrase que a representa: — o rei morreu, viva o rei! Com estas palavras quiz o povo dizer que a sua continuidade historica não quebra; que o corpo nacional não fica decepado; que a gloria do paiz rearvora na fronte o seu diadema esplendido, em que o oiro canta a estrophe bella das epopeias e os rubis repetem no sanguineo do brilho, a legenda commovente dos martyrios heroicos! E a Nação fica contente ao constatar que não morreu, antes resurge e pisa de novo a poeira dos seculos banhada do alvor das grandes madrugadas, precursoras de um grande dia!

Mas se tal succede entre as nações, — que jubilo não é, não deve ser o da humanidade que escutou a voz de Jesus, assistindo mais uma vez á marcha do Pontificado que por alguns dias descançou sobre a lage fria de um sepulchro? Que alegria a d'ella, muito maior do que a outra, porque vê rediviva e forte, jocunda e magestosa, a figura do mais alto soberano da terra levantada, o Vigario de Jesus a abençoa-la, e rasgados os crepes que esbatiam o fulgor do oiro puro da tiara!

E' por isso que ao perguntar: — quem é o Papa? uma só resposta se obtem: — é a Egreja, a unica força de salvação social, que não se acaba nunca, a palavra de Deus, que jámais esmorece, o grito triumphal, que atravessou seculos e seculos, e ainda não cessou de enthusiasmar os povos, — a gloria de sempre, no meio das glorias de um dia; a fortaleza que resiste, no meio das cidadellas que se desmoronam, o amor divino que consola, no hmeio das dôres e grandes provações umanas, que matam.

Bento XV é a Egreja, e isto nos basta, a nós que integrados no corpo immenso da confissão catholica, temos em Sua Santidade o homem bom, o chefe esperado, o pae dadivoso de carinhos e conselhos.

Eis a unica previsão que deve e póde fazer-se ácerca do novo Pontifice. Os seus dotes extraordinarios como Cardeal Arcebispo de Bolonha, a sua perspicacia vastissima de estadista eminente que esse Padre com genio politico de aguia, que foi Rampolla, escolheu para seu braço direito, nos arduos negocios da Curia, — essas qualidades, diziamos, teem n'esta hora, na santidade do cargo que as reveste, um realce immarcessivel.

Dizem os arautos dos reis, quebrando os escudos: — o rei morreu, viva o rei!

Nós dizemos apenas: — o Papado não morre!

. . . . Emquanto debaixo do azul do céo italiano, o Conclave elegia Bento XV, Paris ouvia já o estridor das machinas de guerra ás suas portas, e nos hospitaes, feridos e agonisantes, entre crispações convulsas de desespero, maldiziam talvez do mundo, da humanidade, victimas de loucuras que enraivecem, quando não fazem chorar...

O tribunal fementido da Haya fechou as suas portas quando os allemães varriam a tiro os campos da Alsacia — martyr ou da Belgica — heroina. Mas o Papa, que a filauciosa demagogia italiana escorraçara d'aquelle cenaculo, ergueu a sua voz pedindo a Paz. Foi o unico que a pediu aos delirios coroados...

E a humanidade que morre nas trincheiras, apertando nos dentes o gume das bayonetas, e os lares que teem hoje a visita da morte e em torno, a farandola negra dos corvos, e os hospitaes cheios de gritos, e as creanças cheias de fome, — que seriam d'elles, aspectos de uma tragedia sem nome, se um novo Papa — Bento XV — não surgisse, a retomar a palavra christã da Paz, que foi a derradeira flor que abriu nos labios de Pio X, quando os seus olhos já fitavam o Senhor?!...

F. V.

Vida Intensa
(Paginas d'alem fronteiras)

COM a primeira branca vem sempre as primeiras decepções; quando a neve da vida, que não degela mais, aparece a sorrir, na treva das cabeças morenas ou no oiro dos cabellos de sol, a amargura trespassa e fere as almas despreoccupadas. E' a dolorosa lembrança do que passou, a saudade amarga dos que partiram, d'aquelles que se estimaram e conheceram e que são na nossa vida, a lembrança d'uma *etape* feliz ou a recordação d'uma inesquecivel camaradagem. E a gente vae envelhecendo mais pelas dôres que nos penetram que propriamente pelos annos que passam ligeiros e que, Deus louvado, não são ainda tantos afinal.

Cardeal Domingos Ferrata
Nomeado Secretario de Estado por Sua Santidade Bento XV, felizmente reinante

Cardeal Della Volpe
Camerlengo da Santa Egreja que exerceu a soberania durante o interregno pontificio

Hoje um companheiro, hontem um amigo, amanhã?... Quem pode penetrar a bruma pesada, cortada de surprezas, do dia seguinte?! Quem?!

Assim philosophava eu, á janella amiga do meu quarto, que olha o mar que além descansa recolhido, como uma féra adormecida, quando o noticiario frio dos jornaes me trouxe a noticia da morte d'Eça Leal e, francamente, não sei se me feriu mais o inesperado da noticia se o laconismo irritante com que os jornaes noticiaram a morte d'esse poeta, que se não teve o ensejo de deixar uma grande obra marcou pelo menos na sua larga bibliographia uma personalidade inconfundivel, d'escriptor infatigavel e correcto.

Eça Leal, poeta, dramaturgo, traductor, não possuindo o desequilibrio do genio revelou-se um verdadeiro temperamento artistico. Não deixa uma obra é certo, mas nas suas peças deixa as provas evidentissimas d'uma grande aptidão, que disciplinada, e aproveitada geraria a obra que o seu talento devia produzir.

Como nunca se filiou n'um cenaculo, ou frequentou uma *cotterie*, desamparado do braço louvaminheiro do elogio mutuo, a sua geração esqueceu-o, os novos desconheceram-o por completo. Foi

Rebello Jor

no theatro que a sua aptidão mais se affirmou e no emtanto esse homem de talento, que foi um verdadeiro *gentleman* por educação, não soube repellir a tempo as ironias com que o brindavam os jornalistas e autores...

Fecundo, produzindo com uma facilidade e uma rapidez extraordinarias, as suas peças resentem-se, sob o ponto de vista litterario, da pressa com que foram escriptas. Entretanto quantos tem medrado no campo safaro das lettras quantos tem subido que não escreveram jámais uma obra sequer, que se aproxime d'algumas das suas peças.

No meio theatral era conhecidissimo, mas infe-

A Festa á Virgem do Sameiro

BRAGA—A peregrinação atravessando as ruas da cidade

Um aspecto da peregrinação na estrada que do Bom Jesus conduz ao Monte Sameiro

BRAGA — Outro aspecto da peregrinação

Chegada da peregrinação junto ao templo da Virgem

lizmente todos o conheciam mais por ser a figura ridicula visada no monologo de Garrido, que por ter escripto a «Serenata de Schubert» *bluette* romantica, devéras apreciavel.

Em vida, foi horrivelmente esquecido! Com o seu talento, com a sua aptidão, com a sua obra mesmo, crivada de defeitos mas crivada de qualidades tambem, poderia ser uma figura de destaque no meio artistico portuguez.

Assim, morreu entregue á sua arte, absorvido ainda pelo seu sonho, que foi o lado sympathico do seu temperamento artistico, mas como em vida, horrivelmente esquecido afinal...

JOSÉ DE FARIA MACHADO.

No arraial

UM BRAVO

QUANDO os vendeanos, vencidos em Fontenay e desapossados, na derrota, do famoso canhão *Marie-Jeanne* que tinham tomado aos republicanos em Coron ao principiar a guerra, voltaram para esmagar as tropas de Chalbos deante de Fontenay, testemunha da sua derrota, Thiago Vandangeon, da parochia de Izernay, estava nas primeiras filas batendo-se por quatro, atirando o cavallo ao mais espesso do entrevero e brandindo terrivelmente um grande

BRAGA—A procissão eucharistica sahindo do templo

sabre por tal forma que parecia um nunca acabar.

N'aquelle dia, quando os *azues* (1) fugiram derrotados repararam os homens da Vendêa que elles levavam comsigo a *Marie-Jeanne*, e os melhores cavalleiros do exercito catholico lançaram-se loucamente em sua perseguição, fazendo na passagem um massacre espantoso. Por fim retomaram o canhão apóz um rude combate e trouxeram-o em triumpho a Fontenay. Por seu lado, Thiago Vandangeon recebeu, á laia de recompensa, o cognome de *bravo* que bem tinha merecido e do qual d'ahi por deante se mostrou sempre digno.

Note-se que este rapaz de Izernay tinha tanta malvadez como um frango. Antes das guerras todos o tinham conhecido doce e bondoso, de uma piedade admiravel.

Comtudo, no meio dos combates, era o verdadeiro demonio, não tendo medo de nada, e quasi tão audacioso como Henry, o chefe, que sósinho era capaz de atacar um corpo de exercito. Apesar d'isto

(1) Assim eram designados, em virtude de côr da farda, pelos vendeanos, os soldados que o governo republicano de Paris enviava contra elles.

O pallio

BRAGA — Offerta d'uma vacca e d'um touro em cumprimento d'um voto feito á Virgem do Sameiro

Thiago Vandangeon atravessou todo esse anno sangrento de 1793, sem receber a menor ferida e ainda estava na região com Pedro Cathelineau, no tempo das columnas infernaes, lançadas atravez do Bocage pelo feroz Tureau, que foi nomeado cavalleiro de S. Luiz, sob a Restauração, ao passo que muitos vendeanos, não tinham que comer.

Então as columnas infernaes circulavam pelos campos, incendiando as aldeias, massacrando os velhos e as mulheres, ultrajando donzellas, raptando creanças, com quem os soldados brutaes se divertiam atirando-as ao ar e aparando-as na ponta das bayonetas.

Os cadaveres enchiam os caminhos, os campos e os bosques, e ninguem poderia caminhar durante uma hora pelas estradas sem topar ruinas ainda fumegantes. A pobre Vendêa era apenas uma immensa chaga, e jamais sanguinarios bandidos se mostraram mais crueis do que os *azues* das columnas de Tureau.

Chegaram estas um dia a Izernay. Ao vê-los aproximar-se todos os que habitavam o burgo se escaparam, indo esconder-se no fundo dos bosques. Sósinho, assentado a um canto da lareira, um velho, alquebrado pelos annos, esperava os republicanos. Era o pae de Thiago Vandangeon.

Os *azues* entraram na casa, e furiosos com a fuga dos habitantes, apoderaram-se do velho camponez, arrastaram-o até á porta da casa, e sem outra forma de processo, crivaram-no de balas. Depois saquearam a aldeia, cantando o *Ça ira*.

Tendo sabido da morte de seu pae, correu a Izernay, piedosamente o enterrou, e jurou vinga-lo, sobre o tumulo.

Ora, pouco tempo depois, o bando de Pedro Cathelineau, composto de quatrocentos rapazes decidos, encontrou-se com um destacamento de *azues*: atacou-o, derrotou-o, e fez dezasete prisioneiros, que se decidiu guardar para trocar pelos vendeanos cahidos na mão dos inimigos.

PORTO—Paranhos. Capella da Senhora da Saude onde se realizou a festividade da titular

Izernay era o burgo mais proximo. Para lá foram conduzidos dezasete prisioneiros foram encerrados n'uma sala do presbyterio, sob a vigilancia d'algumas sentinellas.

Não tardou a espalhar-se a noticia da presença dos dezasete *azues* em Izernay e, n'um mesmo pensamento de vingança, velhos, mulheres e creanças agglomeram-se em volta do presbyterio, reclamando a morte dos prisioneiros.

As mulheres, sobretudo, eram as mais animadas... quasi todas

Um aspecto do arraial

vestiam lucto por um marido, um irmão ou um filho; todas pensavam nos massacres, nas casas incendiadas, nos gados roubados, nas raparigas ultrajadas e torturadas...

—Matem-se os azues! á morte! gritavam ellas.

As sentinellas recusavam-se a entregar os soldados prisioneiros, allegando que não se devia matar homens inermes. Mas as mulheres a nada attendiam, replicando que, se esses republicanos fossem postos em liberdade, não deixariam de commetter outros tantos crimes, e que portanto deviam pagar por todos os assassinos.

Outro aspecto do arraial

(Clichés de J. d'Azevedo, phot. da «Ill. Cath.»)

—A' morte! repetiam ellas.

E atraz d'ellas, os velhos e as creanças uivavam:

—A' morte! Fuzilem-os!

Os rapazes encarregados da guarda dos presos, e que tambem se recordavam das atrocidades commettidas pelas forças de Tureau, já mostravam menos intransigencia e iam ceder, quando, de repente, Thiago, chegou ao limiar do presbyterio.

Voltando-se para as mulheres, perguntou-lhes:

—Que é que querem?

—A morte dos *azues!* responderam ellas. São soldados das columnas infernaes, os que queimaram as nossas casas e massacram innocentes.

— São esses que matam os pobres velhos indefesos como teu pae, disse uma voz enraivecida.

Thiago empallideceu, mas volveu com calma:

—São prisioneiros. Não se mata quem está preso. Prohibe-o a humanidade. Se estes *azues* são criminosos, não é isto razão para que o sejamos tambem.

Não morrerão!

Ouvindo taes palavras, as mulheres de Izernay enfureceram-se e cresceram á uma sobre a porta para massacrar os dezasete republicanos.

Mas então, Thiago, o *bravo*, collocou-se entre os humbraes da porta, arrancou do sabre e gritou com toda a força:

— Para chegar até aos prisioneiros é preciso que se passe sobre o meu corpo! Repito que não se matam homens indefesos! São sagrados! E se entre os republicanos prisioneiros está o assassino de meu pae, — accrescentou elle com voz de trovão — eu lhe

Um passeio militar

BRAGA — O regimento de infanteria 29 acampado na explanada da Falperra

Cosinhando o rancho para distribuir ás praças

perdôo em nome de Nosso Senhor Jesus Christo!

Este perdão d'aquelle moço christão fez recuar as aldeãs que, subitamente acalmadas, se entre-olharam, dizendo:

—Thiago tem razão! E' preciso perdoar, em nome de Nosso Senhor Jesus Christo!

Afastaram-se, mas para voltarem dentro em pouco. As pobres aldeãs, que choram, um morto, pelo menos, vinham trazer de comer aos prisioneiros republicanos.

BRAGA — Os officiaes de infantaria 29 jantando ao ar livre

O jantar dos sargentos

Tal é a historia de Thiago Vandangeon, o *bravo*, e creio que não haverá pagina mais bella como esta, mesma na *Vida dos Santos*...

FREDERICO VALLADE.

Agulha

TU, ouvindo os meus cantares,
Vives sobre o meu regaço...
Agulha, que mal te faço
Para assim tu me tratares?

Só pões gosto em me picares,
Pequeno instrumento de aço:
Não respeitas meu cansaço,
Não tens dó dos meus pezares.

A's vezes, com todo o geito,
Eu prego-te no meu peito
E nem porisso és melhor...

Mas... ao queixar-me de ti,
Esqueço que conheci
Gente que é muito peior!

FRANCISCO SEQUEIRA.

A' bandeira da minha "Juventude,,

ERGUE-TE, ergue-te bem alto, pendão sagrado da bemdita causa da Liberdade.

Grandeza de caracter, é o que tu ostentas quando o vento magestoso te faz desfraldar. Ah! então inspiras cavalheirismo e honra, e a Cruz, que ostentas no centro, esse bello escudo contra o qual nada podem os mil planos estrategicos das hostes inimigas, essa Cruz de esperança, de amor, de egualdade, faz-nos fortes, a nós, os soldados aguerridos da vanguarda do exercito christão; a nós, os rapazes, que sentimos nas veias o sangue de verdadeiros portuguezes.

Ao ver brilhar as letras d'oiro do teu lemma, eu orgulho-me de me ter alistado nas fileiras a que presides e quantas, quantas vezes eu não tenho ido beijar-te, com um osculo de sentida homenagem; e n'esse beijo synthetisar-te todo o meu amor por ti, bandeira santa, pela causa que representas, pela cohorte numerosa, forte, e viva de jovens que te seguem com esse enthusiasmo louco, tudo desprezando, nada receiando perante o triumpho da sua causa!

A tua alvura, juro-t'o, jamais desapparecerá.

A tua pureza... a tua honra... esse bello astro de luz a quem a mais leve nuvem póde escurecer, fresca rosa matutina a quem sobra o mais fraco sopro para roubar-lhe todo o

Cosinha militar dos officiaes

Bandeira da J. C. B. benzida no ultimo domingo pelo venerando Bispo do Porto. Desenho e pintura de Bento Rodrigues

Reverso da Bandeira da J. C. B.

Penna d'oiro offerecida pelo pessoal graphico dos "Echos do Minho„ e "Illustração Catholica„ ao seu director snr. Joaquim Antonio Pereira Villela, no dia do seu anniversario natalicio

perfume... a tua pureza,.. a tua honra... jamais a perderás!

E os teus inimigos, que te olham avidos de seres sua presa, ah! passarão primeiro, por cima do meu cadaver, arremessa-lo-hão para o tumulo, mas, creio bem, mesmo assim, alevantar-te-has mais vivaz, mais pujante, mais intrepida . . . .

Ergue-te, ergue-te bem alto, pendão sagrado, da bemdita causa da Liberdade.

LIMA MACHADO.

Fastos do Catholicismo

O episcopado e clero francez e o Rei da Romania

N'uma entrevista que um jornalista francez, correspondente de um grande diario parisiense, teve ha pouco com o rei da Romania, perguntou-lhe o Soberano o que opinava o clero acerca da lei dos tres annos de serviço militar, que então se estava discutindo, ao que o periodista respondeu: toda a imprensa catholica é favoravel a essa lei, e os deputados catholicos, e os que sympathizam com a liberdade religiosa votal-a-hão sem reservas.

«Não me causa admiração, disse o Rei, — porque tendes um clero e um episcopado admiravelmente patriotas, e os vossos bispos são-no tanto, como adictos á Santa Sé e o mesmo succede com os vossos missionarios.»

Palavras de inteira justiça são estas, que manifestam claramente o espirito da França, da Catholica França, a primogenita da Egreja.

A causa de Mons. de Ségur

L'Univers, de Paris, noticia os progressos que está fazendo a causa do santo e venerando prelado mons. de Ségur, por cuja intercessão se tem realisado numerosos milagres, e accrescenta: «Um dos grandes exemplos que nos deu, foi a intuição maravilhosa que teve das obras que era necessario emprehender para contrabalançar a actual desharmonia da sociedade. Quem melhor do que elle se adeantou ás preoccupações de Pio X? Quem teve mais cuidado do que elle na instrucção christã sob todas as formas: o catechismo popular, os folhetos de propaganda, a mesma imprensa? Quem soube melhor do que elle agrupar segundo o espirito christão homens de todas as condicções? Quem teve mais clara do que elle a noção dos deveres religiosos do Estado? Quem concebeu e propagou mais terna e filial devoção ao Soberano Pontifice?

R. C.

Na sala da redacção dos "Echos do Minho„ e "Illustração Catholica„

Dois aspectos das ornamentações feitas nas officinas typographicas pelos operarios

A machina onde se imprime a «Illustração Catholica»

O snr. Joaquim Antonio Pereira Villela ✝ com os empregados das officinas

NOTAS DO ESTRANGEIRO

Cardeal Merry del Val
Secretario de Estado de S. S. Pio X

Monsenhor Bresson
Decano dos capellães e secretario de S. S. Pio X

Monsenhor Respighi
Cardeal Vigario de S. S. Pio X

Padre Francisco Wernz
Proposito Geral da Companhia de Jesus
Nasceu em Rottewil, cidade do reino de Wurtemberg
Falleceu no dia 20 do mez passado em Roma depois de soffrer uma dolorosa operação cirurgica

As irmãs e sobrinha de S. S. Pio X

Casa onde nasceu S. S. Pio X, em Riese

Dr. Marchiafa
Illustre clinico que assistiu a S. S. Pio X

Monsenhor Pescini
Capellão particular e secretario intimo de S. S. Pio X

Dr. Petacci
Medico italiano que esteve á cabeceira de S. S. Pio X

HESPANHA. Pamplona — O Cardeal Netto (1), acompanhado do Bispo da diocese, (2) no convento dos Padres Capuchinhos, onde conferiu ordens sacras, rodeado de toda a communidade

A GUERRA EUROPEIA

BELGIGA—Um aspecto da povoação de Haelen depois da entrada dos allemães

BELGICA—Estrada entre Haelen e Diest, juncada de cavallos mortos, depois da derrota da cavallaria allemã

HAELEN—Casa de campo incendiada pelos allemães

DIEST—Restos dos arreios da cavallaria allemã encontrados no campo e guardados por uma sentinella belga

Linha ferrea de Landen a Saint-Trond inutilisada pelos belgas

O Principe Carlos, archiduque herdeiro da Austria

LISBOA—Um grupo de anões no Jardim Botanico

(Cliché do phot. am. sr. Antonio Rodrigues de Gouveia)

PROPRIETARIO
Joaquim Antonio Pereira Villela.
DIRECTOR
Dr. Francisco de Souza Gomes Velloso.
EDITOR
Antonio José de Carvalho.
ADMINISTRADOR
Clemente de Campos A. Peixoto.

Illustração Catholica
Revista litteraria semanal de informação graphica
Redacção, administração e typographia
83, R. dos Martyres da Republica, 91
BRAGA

CONDIÇÕES D'ASSIGNATURA
(PAGAMENTO ADEANTADO)

Portugal e colonias	(1 anno) . .	2$400
» »	(6 mezes) .	1$200
» »	(3 mezes) .	600

Á cobrança feita pelo correio ou pelo cobrador accresce o importe das despezas.

Estrangeiro	(1 anno)	3$000
»	(6 mezes) . , . . .	1$000
Nnmero avulso		60

Numero 64 Braga, 19 de setembro de 1914 **Anno II**

Expediente

Já estão impressas as capas para o 1.º volume da *Illustração Catholica*. Estas capas são de percalina, douradas, e d'um bello effeito artistico.

Quem as pretender tenha a bondade de, em postal, fazer a sua encommenda. Cada capa custa 330 reis incluindo o correio. O importe deve ser remettido em vale ou estampilhas.

Resumo da Doutrina Christã

Em prosa e verso, sendo a parte em verso composta

PELO

Rev.^mo^ P.^e^ Carlos Rademaker

Methodo muito facil para ensinar, por meio de canto, as cousas mais necessarias da Doutrina Christã. Edição accrescentada pelo P. Villela & Irmão

Preço: Brochado, 10 rs. Cartonado, 40 rs.

Manual da Adoração do Santissimo Sacramento Traduzido do original em Francez do Padre Tesnière, pelo Padre José Antonio d'Oliveira. Brevemente será posto á venda este excellente tratado de devoção ao SS. Sacramento. N'esta redacção se acceitam encommendas da mesma obra.

ILLUSTRAÇÃO CATHOLICA

Revista litteraria semanal de informação graphica

Proprietario, Joaquim A. Pereira Villela. Director, Dr. F. de Sousa Gomes Velloso

EDITOR
Antonio José de Carvalho.

ADMINISTRADOR
Clemente de Campos A. Peixoto.

Braga, 19 de setembro de 1914

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E TYPOGRAPHIA
83, R. dos Martyres da Republica, 91
Não se restituem os originaes

Numero 64—Anno II

(GUERRA) — Correspondencia militar

Chegamos de... vamos para... (não é preciso saber para onde) não estou doente nem ferido: tudo corre ás mil maravilhas...

Chronica da Semana

LXIII

HA hoje, leitores, uma posição difficil de sustentar. Mais difficil até do que manter o equilibrio economico, do que ter graça deante da desgraça, quasi tão difficil como fazer passar um camello pelo fundo de uma agulha. Sabeis vós qual ella é?

— E' manter a neutralidade e a paciencia entre um germanóphilo e um francóphilo.

E por aqui se vê as difficuldades que assediam a Dato e a Salandra, ao Sultão da Turquia, a Fernando da Bulgaria e ao sr. Freire d'Andrade.

Todos nós temos visto executar por *troupes* chinezas os mais difficeis jogos malabares: — o mais instavel equilibrio encontra no chinez um obstinado mestre e cultor. E porque a conflagração tambem se desdobrou e reflectiu nas margens do Indico oceano, vem-nos á mente que a neutralidade absoluta das potencias terá seu symbolo no presidente da republica... chineza. Eis uma das enormissimas e descansadissimas vantagens dos bonzos, — dirá hoje ao ler-me a reincarnação do profundo Pacheco ou do não menos talentoso e perspicaz Accacio. E, eu concordo. O bonzo, a preguiça, ou antes o portuguezissimo *não te rales*, será nos dias de hoje a grande aspiração das nações, dos povos mais buliçosos. Ficar quieto, não sentir nada, nada saber, eis a concretização do maior desejo universal.

Ficar quieto, leitores, é, por exemplo, não ter de mobilisar por força de qualquer compromisso diplomatico, pois que os compromissos diplomaticos não passam de cadeias arrastando quem os tomou para conflictos que não provocou.

Não sentir nada, leitores, é não assistir ao *ultimatum* do mercieiro á creada das compras, invocando a fabulosa alta dos preços dos generos. Nada saber, leitores, é não ouvir o gallego d'esquina a commentar o ultimo *placard* da guerra ou ter a felicidade de na rua não topar um conhecido que em vez de lhe desejar bons dias, dispara á queima-roupa: — Então o plano do Joffre? E as atrocidades allemãs? E o *raid* dos cossacos?... Viste o ultimo telegramma do *Commercio?* Eu sou francez e tu?

E' claro, leitores, que quando temos a desdita de encontrar alguem em semelhante estado pathologico, o unico refugio — se não ha uma tabacaria proxima onde nos encafuemos — é ser francez como o desgraçado, e inventar, logo como o *Seculo*, um telegramma com cem mil allemães mortos, pelo menos, no mar do Norte ou nas margens do Rheno — que a estas horas deve ser vermelho como o sr. Estevão de Vasconcellos.

Mas, infelizmente, vive-se em plena emoção. Apparentemente as ruas não accusam aspecto sombrio. As *toilettes* claras desabrocham nos cafés de praia onde tambem se joga sem respeito e consideração pelo triste policia que faz que não vê mas vê. O povo das aldeias desce á Povoa de Varzim cantando. As romarias teem a mesma vivacidade de côr, a mesma poeira, os mesmos typos alegres e toldados ao fim do repasto, as mesmas musicas desafinadas, com notas vibrantes de clarinete, melodias de bombo, e *intermezzos* de pratos. E ao fim d'isto tudo, para não haver nada de discrepante, o sr. Affonso Costa vae tomar folego democratico para a Figueira, e partem para Africa duas expedições militares, constando tambem á bocca cheia que o sr. Eloy prepara nova *fita*.

Todavia a emoção é profunda. O susto é permanente. . . . Eu li em Eça de Queiroz que uma senhora lia um jornal emquanto outras cosiam e tres ou quatro paes de familia, sentados n'um sophá, fumavam, na doce indolencia de uma tarde de maio. O jornal d'aquelle dia era um calendario de calamidades. A referida senhora ia lendo devagar, e os outros commentando. De repente gritou:—Meu Deus!... Foi a Luiza Carneiro... Deslocou um pé.

E toda a sala se alvoroçou.

Se a emoção não acalma, Portugal será em breve a sala de Eça de Queiroz... só porque a Europa deslocou a cabeça.

F. V.

VIDA INTENSA
(PAGINAS D'ALEM FRONTEIRAS)

OS jornaes francezes e especialmente o *Matin*, que não pode ser accusado de germanophilo, confessa amargamente, que o triumpho moral dos allemães—perdoe-se-lhe esta ultima illusão—é indiscutivel e commentando a bravura, a precisão d'essa grande massa disciplinada, homogenea, que avança indomita, semeando metralha, com uma precisão mechanica, chama-lhe pittorescamente a *vertigem do automatismo*.

O que é certo afinal e que nem mesmo os mais apaixonados podem negar, é que os allemães tendo cumprido fielmente o seu plano invasor, revelaram nos mais dolorosos transes uma organisação poderosissima. A sua tactica não tem sido contrariada nem mesmo ferida no seu unico ponto vulneravel. Os generaes francezes deveriam procurar dividir essas massas poderosas e automatas, que cahem sobre os exercitos como um blóco infernal e pôrem de parte a

POVOA DE LANHOSO — Egreja de Nossa Senhora do Amparo

perigosa velleidade de tentarem oppor a essa avalanche disciplinada a massa insufficiente das suas tropas pouco organisadas. Demandaria muito tempo e muito espaço o estudo dos factores diversos da disciplina militar dos exercitos do Kaiser,—complicada machina, accionada energicamente por uma potencial admiravel de tenacidade, de prudencia, d'energia, que fazem d'essa nação a mais admiravel e poderosa força militar dos estados modernos. Os cossacos russos com toda a sua bravura, o seu heroismo romantico, a sua selvagem ferocidade, hão-de luctar sempre com uma inferioridade, contra essa força disciplinada e poderosa.

Contra o heroismo desordenado, o heroismo methodisado, reduzido a formulas irreductiveis. D'um lado a bravura desvairada, selvagem, pessoal, devastadora; d'outro lado a bravura, a energia, adoptadas, methodisadas, cingidas a uma ideia, collectiva, anniquillidora.

Mas o que é triste afinal, é que tanta força dispendida, tantos e tantos milhões dissipados, sirvam sómente para enriquecer os fabricantes de canhões ou as grandes e poderosissimas companhias de navegação, que dominadas pela vertigem da competencia luctam desesperadas, porque doloroso é confessa-lo: esta guerra sangrenta, não é a lucta entre nações zelozas

Os nossos Bispos

D. Matheus d'Oliveira Xavier

Patriarcha das Indias Orientaes e Arcebispo de Goa, Primaz

Nasceu em Valle de Urra (Villa do Rei), em 14 de outubro de 1858; eleito Bispo de Cochim em 1897, foi promovido a Patriarcha das Indias em 26 de fevereiro de 1909.

Excursão e peregrinação ao Sameiro promovidas pelas Aggremiações Catholicas do Porto

BRAGA — Partida do Exc.^mo e Rev.^mo Snr. D. Antonio Barroso, Bispo do Porto, para o Sameiro

de sua integridade, do seu orgulho, mas uma lucta interesseira e odienta entre negociantes gananciosos.

Entretanto, como tudo na vida tem o seu reverso amavel, tambem do meio de tantas dôres, de tantos sacrificios, alguma coisa surgiu de consolador e de bom. Francisco José, no meio de tantos odios, teve um gesto humano de piedade concedendo a independencia á Polonia. Esse povo soffredor, esmagado, durante tantos annos vae ter a sua aurora redemptora. Povo heroico, tão grande na gloria como na adversidade, que deu ao mundo o exemplo da mais poderosa energia na lucta pelo seu ideal, vae ter a compensação dos seus sacrificios!

Se Chopin vivesse, elle que cantou a agonia tragica d'essa raça, n'esse nocturno admiravel *Finis Poloniæ*, que é o *De profundis* de uma nacionalidade onde cada nota parece uma lagrima e cada phrase um queixume dolorido, poderia compôr agora na vibrante explosão de uma patria que resurge, o hymno epico á liberdade que vae de novo abençoar e proteger essa raça soffredora. E Francisco José quasi seria absolvido da sua bellica impertinencia dando logar a que o grande mestre escrevesse mais uma maravilha, cantando a immensa alegria que agita essa raça, — alegria inexplicavel, deslumbradora, epica, que só podem comprehender em toda a sua extensão ou as nações que resurgem ou as raças moribundas...

JOSÉ DE FARIA MACHADO.

A traços de sangue...

A roçadoira da morte, n'um rythmo macabro, vae ceifando corpos sobre corpos... Crugem no ar sinistramente, corvos, e por toda essa Europa rasgada de cutiladas, furada de balas como um velho judas das nossas aldeias em sabbado d'alleluia, apenas se ouve o lamento lancinante dos hospitaes, a raiva dos combatentes, e o frenetico delirio dos povos em guerra.

Não são patrulhas, são raças a uivar o grito sibillante do desespero, n'uma convulsão enorme, que daria aos circulos do inferno um aspecto novo, digno do Dante.

A civilisação é a morte, O progresso é uma lucta renovada, não para alcançar a duradoira paz, senão para cantar o hymno fatuo das victorias de um dia, sobre uma montanha de caveiras.

Recordo agora aquella figura do celebre artista russo, que por amor da arte se foi até ao mar, a bordo d'um couraçado russo, ha annos, durante a guerra com o Japão, para ver melhor e melhor reproduzir na tella os quadros da grande ferocidade humana. Uma tarde, á luz do poente, côr do fogo das coleras, côr do sangue que já empastava as colinas de Porto-Arthur e se coagulava, boiando, como nodoas, sobre os mares. Uma tarde elle produziu aquelle quadro tão doce na suavidade do pranto que exsuda, tão bellamente doloroso,

Na "gare" do caminho de ferro de Braga: O Exc.^mo Vigario Capitular e associações com os seus estandartes aguardando a chegada do comboio excursionista

BRAGA — *Outro aspecto da recepção feita na "gare" do caminho de ferro. As associações aguardando a chegada do comboio*

em que a figura de Jesus, chorando as mesmas lagrimas que no Golgotha chorou, passa por entre torsos humanos mutilados, braços que se crispam em agonia, frontes abertas, olhares attonitos do pavor em que a morte se espelhou. E' noite, noite densa e alta. Ramos seccos de frio, parecem escrever na caligem cinzenta do céo palavras incomprehensiveis de mysterio tenebroso e de presagio funesto.

E o quadro de horror que o negrume esconde, não poderia divisar-se, se a luz meiga do nimbo de Jesus a não illuminasse!...

Culto e fundo, ao mesmo tempo o Symbolismo d'esta téla! A luz de bondade que é a aureola de Jesus Christo vem mostrar-nos um horror, mas não sómente o horror nos mostra, levanta um contraste, destaca a figura do Homem-Deus a chorar, que passa com uma espiritualidade divina, como um sussurro, como uma aragem refrigerante, e que é bem n'aquelle scenario de atrocidades a flor roxa do martyrio e da tristeza!

A legenda do quadro nol'o conta: — *E o Christo disse: «Amae-vos uns aos outros!»*

E' esta a grande, a sublime regra de salvação para a humanidade: — o amor christão, a paz christã.

O pacifismo é a contrafacção da paz. O humanitarismo é a falsificação da humanidade, como a philanthropia é a caricatura da caridade, como a revolução é a negação da ordem, da estabilidade continua, do progresso disciplinado. O pacifismo gera a guerra, contra a guerra, que o mesmo é dizer o sangue contra o sangue. O humanitarismo produziu, confeccionou a bomba da anarchia. A philanthropia deu-nos apenas a esmola ostentada como titulo ao panegyrico dos jornaes e á benevolencia falsa das sociedade elegantes.

E tudo é filho d'essa revolução com lettra grande: o monstro verde como o escarro, que devora os filhos dos outros, depois de devorar os seus, d'essa revolução a que a fome das multidões dedica, rouquejando, a *Internacional* da Communa e da Semana Tragica; d'essa re-

Um trecho da grandiosa peregrinação a caminho do Sanctuario do Sameiro

volução que arvora o pavilhão dos incendios e das carnificinas, gritando hypocritamente a palavra *paz!*

E' por isto que eu penso que, no fim da guerra actual, a Revolução de 89 será apenas uma mumia, exposta nos museus da Europa á irrisão mordaz dos seus coevos e dos seus posteros. A ideia de Patria, uma e indivisivel, tal como a Allemanha e a Belgica acabam de a exemplificar; a ideia da Patria sahirá no fim da hecatombe mais pura, mais forte. Dentro d'ella está o instincto e a intelligencia do homem.

SAMEIRO — Um outro aspecto da peregrinação

Até junto da Virgem do Sameiro, o povo entoa suavissimos canticos de fé

E' que o Sangue que o pacifismo faz verter é o de um fratricidio, e o sangue que se depõe no altar da Patria é aquelle que dá á vida a robustez que ergue os lares de amor, e faz crescer nos campos de Portugal doiradas messes...

F. D'ALMEIRIM.

SAMEIRO — As «Filhas de Maria», da Tamanca, conduzindo na peregrinação o seu estandarte

A PROCISSÃO — Debaixo do pallio conduz o SS. Sacramento o Exc.mo Bispo do Porto, Senhor D. Antonio José de Sousa Barroso

Guimarães -- Collegio Academico

O Collegio Academico, situado na rua de S. Domingos, é um dos mais recommendaveis estabelecimentos de educação e ensino d'aquella cidade, não só pelos bons resultados colhidos nos exames, como pelas suas condições hygienicas e disciplina suave propria de todas as idades.

Este é, sem duvida, o melhor reclamo d'esta casa e deve orgulhar, sobremodo, a sua illustre direcção, de que fazem parte os nossos amigos snrs. dr. Alfredo Peixoto, ornamento da clinica vimaranense, Luiz Gonzaga Pereira e padre José Maia dos Santos. Todos tres gosam em Guimarães de muitas sympathias e teem inspirado ás exc.^mas familias absoluta confiança, pelo seu caracter franco e meigo carinho com que por egual são tratados todos os alumnos que lhes são confiados, como já tivemos ensejo de observar. As condições hygienicas do edificio nada deixam a desejar.

Possue amplos salões para dormitorio e estudo onde o ar e a luz entram em abundancia, vastos salões para aulas, grande terraço para recreios ao ar livre e um excellente balneario.

Com o resultado tão honroso e com tão escolhida direcção, torna-se desnecessario recommendar esta excellente casa de educação, que, por si só, se recommenda.

Mil parabens e muitas prosperidades.

Edificio do collegio

FIGURAS DA BEIRA

(SEGUNDA SERIE)

Visconde de Guedes Teixeira

IV

POLITICO regenerador, e homem cada vez mais decidido e operoso, a sua boa cidade entregou-lhe depressa o que tinha de melhor — por assim dizer, os aristrocratas da burguezia lamecense.

Apoiaram-no os grandes commerciantes da Praça de Cima, os senhores de Almacave e immediações da Olaria. Capitalistas, bachareis, velhos fidalgos resignados com a burla do liberalismo, a gente ponderada, dinheirosa, mais de vulto, deram-lhe o voto, a sympathia e o poder.

Guedes Teixeira tinha o exterior suggestivo, uma linha distincta e dominadora. Olhos negros, vivos, movediços. A tez moreno-pallida dos resolutos e resistentes. Estatura mediana, mas desempenada, ademanes affectuosos, embora com um nativo nervosismo.

Sorria sem affectação, mas com doçura, um tudo-nada fulgente de boa ironia. Fallava com todos, cortejava as proprias creanças, e nem por isso deixava de ter o aspecto imperioso d'um dirigente que segue com fé o seu caminho de lucta.

Dentro em pouco, não tinha comsigo só a cidade, tinha o concelho, e um grande prestigio em todo o districto. Não tardou, emfim, que a Arcada o apontasse nas notas da vida eleitoral.

Foi a Lisboa, e conquistou logo as sympathias de Fontes, que n'elle viu immediatamente a enorme força d'um caracter.

Pouco depois, privava affectuosamente com Hintze Ribeiro, com Thomaz Ribeiro, com Antonio Cardoso Avelino—tambem natural de Lamego — com o Visconde de Alves Machado, emfim, com os marechaes do partido regenerador, recebendo-os, dentro da proverbial fidalguia, na sua casa provinciana.

Facilmente ganhou as eleições municipaes de Lamego no biennio de 1868 a 1870, embora se levantasse contra elle uma opposição ruidosa, com grandes velleidades de democratica. Essa opposição fortificava-se nos pequenos industriaes de sapataria, funilaria e car-

GUIMARÃES—Grupo geral de alumnos e professores do Collegio Academico

pintaria—nos chamados genericamente *artistas*, e era dirigida por um curioso bairrismo com o seu quartel-general na Praça de Baixo.

Não se imaginam os excessos da epocha em retaliações politicas. Um pobre relojoeiro, descarnado e ruivo, chamado Ricca, dizia-me em 1876—tinha eu dez annos: — *O menino já ouviu fallar no Fontes? E um excommungado. Todos nós temos um nome proprio. Eu sou Francisco, O menino é José. Pois o malvado chama-se simplesmente... Fontes!*

Comtudo, o esgrouviado Ricca, intransigente até ao delirio, dignava-se conviver com meu pae, firme regenerador, e que depois foi padrinho do casamento do mesmo indomavel relojoeiro... Justiça seja feita ao bom do Ricca!

Presidente do municipio, Guedes Teixeira encontrava o seu sonhado campo de acção. Mas os opposicionistas, clamorosos de moralidade e economia, desalojaram-no do poder desde 1870 a 1872. O Visconde de Arneiroz, o chefe que o combatia, teve esses dois annos

GUIMARÃES == Collegio de Santa Maria

Alumnas do Collegio de Santa Maria em recreio

de gloria, pelo menos á roda de si, e no bairro dos Fornos. Era Arneiroz um homem culto, mas indolente e talvez deprimido já pelos rebates dos achaques que o inutilisavam na velhice.

Estava com os *artistas* e, comtudo, deviam-lhe estas poucas demonstrações de positiva estima. Era intelligente — e na defeza da abolição das varadas provara no parlamento uma facundia honrosa e bons sentimentos de justiça —mas comprazia-se n'um facciosismo que os seus correligionarios, aliás, compromettiam em varios exaggeros que elle, no intimo, certamente repellia.

Arneiroz odiava Guedes Teixeira que, em vingança, o derrotava nas urnas com frequencia. E tal era o prestigio de Guedes Teixeira, que a presidencia do municipio foi arrancada das flacidas mãos de Arneiroz em 1872, conservando-a Guedes Teixeira até 1876.

E foi então que o futuro Visconde de Guedes começou a sua obra. Em vão trovejaram os *artistas*. Em vão correram doestos, calumnias, infamias por vezes. Guedes Teixeira encontrara o seu campo. N'elle tinha de pelejar, de vencer e de morrer. E assim foi.

JOSÉ AGOSTINHO.

GUIMARÃES — Um trecho do jardim do Collegio de Santa Maria

Grupo de alumnas do mesmo Collegio

VILLA REAL—Edificio do antigo collegio de N. Senhora do Rosario

(Cliché do rev. José Barrias)

Fastos do Catholicismo

Na Babylonia parisiense

E' frequente accusar-se a capital de França, a cidade da luz, como uma infamissima Babylonia onde vegetam todos os vicios e corrupções. Na verdade a Paris moderna, como quasi todas as grandes capitaes, é um foco de immunda corrupção anti-social, e embora Berlim e Londres não prestem menor culto á immoralidade, a cidade franceza refina em crimes no seu cosmopolitismo.

Todavia seria calumniar a nobre França suppor e affirmar que só alli existe o crime. A par das ignominias que a maculam, Paris tem glorias e bellezas que a dignificam e illustram.

Tal é, entre outras, a obra das catecheses iniciada em 1884 quando a laicisação das escolas começavam a sua obra nefanda.

Duas meninas da parochia de Santa Margarida dedicaram-se a catechisar 200 creanças d'essa freguezia.

Vistos os optimos resultados, em pouco tempo a obra prosperou sendo, posteriormente elevada a Archiconfraria.

Não nos pertence fazer aqui a historia pormenorisada da archiconfraria da doutrina crhistã: basta dizer que actualmente são 4.300 as senhoras e meninas que se dedicam á obra, sendo 44.174 as creanças catechisadas, só em Paris, sendo 220.000 os meninos que 37.000 senhoras educam em toda a França.

Não: Paris, com a sua Nossa Senhora das Victorias, o seu Monte dos Martyres, e esta obra magnifica, de incalculavel fecundidade pelo bem que faz a tantas almas, não é a Babylonia magna, como querem appellidal-a seus detractores, é um excellente cam-

POVOA DE VARZIM — Antes do banho matinal

Banhistas junto dos rochedos da praia

po da vida christã que se desenvolve na França e ha-de cobrir copiosamente o pantano dos seus peccados, apostasias e aberrações.

R. C.

As ondas passageiras do prazer nos sustem um instante, e depois nos abandonam. Cada vaga, que nos eleva sobre a sua crista brilhante, quando vem a tarde nos deixa sós sobre a praia desolada. Tal é a sorte das bellas esperanças da aurora da vida.

POVOA DE VARZIM — Banhistas nas azenhas da Espinheira

Depois de um "pic-nic" na Espinheira, proximidades da praia

(Clichés de Manoel da Silva Isidoro)

NOTAS DO ESTRANGEIRO

O fallecimento de Sua Santidade Pio X

Aposentos onde falleceu S. S. Pio X

Conducção do corpo de Sua Santidade Pio X da sala do throno, onde estava exposto, para a Basilica de S. Pedro

Exposição do corpo de Sua Santidade Pio X na capella do SS. Sacramento da Basilica de S. Pedro em Roma

A Guerra Europeia

O campo de operações na Belgica, desde o começo da guerra, e as defezas de Namur

1) TIRLEMONT — Onde foram derrotados os allemães. 2) HAELEN e DIEST — Combate entre belgas e allemães. 3) LANDEN — Sangrento combate germano-belga; ST. TROND — Combates. 4) HASSELT — Rudes encontros entre as tropas belgas e allemãs. 5) TONGRES — Primeiro combate serio para conter a invasão. 6) VISÉ — Incendiado pelos allemães. Ponto inicial da invasão.

FRANÇA — O estado-maior d'uma brigada estudando a carta geographica

Soldados francezes acclamados pela multidão

Um pelotão de dragões francezes sahindo de Gunbloux

O telegrapho do exercito austriaco em campanha

Uma bateria austriaca disparando os canhões

PARIS — O general French deixa a "gare„ do Norte, acclamado pela multidão

MONSÃO — Á porta da egreja matriz

(Cliché do phot. am. snr. Lemos — Oleiros)

PROPRIETARIO
Joaquim Antonio Pereira Villela.
DIRECTOR
Dr. Francisco de Sousa Gomes Velloso.
EDITOR
Antonio José de Carvalho.
ADMINISTRADOR
Clemente de Campos A. Peixoto.

Illustração Catholica
Revista litteraria semanal de informação graphica
Redacção, administração e typographia
83, R. dos Martyres da Republica, 91
BRAGA

CONDIÇÕES D'ASSIGNATURA
PAGAMENTO ADEANTADO)

Portugal e colonias (1 anno) . .	2$400
» » (6 mezes) .	1$200
» » (3 mezes) .	600

Á cobrança feita pelo correio ou pelo cobrador, accresce o importe das despezas.

Estrangeiro (1 anno)	3$000
» (6 mezes)	1$500
Numero avulso	60

Numero 65 Braga, 26 de setembro de 1914 **Anno II**

CALLOS

Só os tem quem quer!

O callicida Dias faz cahir os callos por mais antigos que sejam. E' a melhor descoberta da actualidade porque os tira pela raiz.

Preço, pelo correio, 25 centavos. Restitue-se o dinheiro a quem provar a fallibilidade.

Pedidos a **Manuel Joaquim Dias—CALDELLAS**

Conego Bernardo Chouzal

2.ª Oração funebre

DE

D. Manuel Baptista da Cunha

Arcebispo Primaz de Braga

recitada no dia 27 de setembro de 1913
nas exequias que promoveu o clero do arciprestado
de Monção e Melgaço,
na matriz da villa de Monção.

Defendendo-O e Defendendo-me

Com um artigo sobre D. Carlos I

Depositarios—Cruz & COMP.ª
Rua Nova de Souza—Braga

Cathecismo Popular Catholico
por FRANCISCO SPIRAGO
Versão do Dr. Arthur Bivar
PREÇO 1250 reis

M.me Permond
Conselhos d'uma mãe a seus filhos
Traducção feita por um preso politico
PREÇO, 150 reis

Manual da Adoração do Santissimo Sacramento Traduzido do original em Francez do Padre Tesnière, pelo Padre José Antonio d'Oliveira. Brevemente será posto á venda este excellente tratado de devoção ao SS. Sacramento. N'esta redacção se acceitam encommendas da mesma obra.

ILLUSTRAÇÃO CATHOLICA

Revista litteraria semanal de informação graphica

Proprietario, Joaquim A. Pereira Villela. Director, Dr. F. de Sousa Gomes Velloso

EDITOR
Antonio José de Carvalho.

ADMINISTRADOR
Clemente de Campos A. Peixoto.

Braga, 26 de setembro de 1914

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E TYPOGRAPHIA
83, R. dos Martyres da Republica, 91
Não se restituem os originaes

Numero 65—Anno II

Velha Gôa—Tumulo de S. Francisco Xavier

E' todo de prata dourada e com incrustações de pedras preciosas

Chronica da Semana

LXIV

HA dias os jornaes portuguezes reproduziam um trecho de um artigo do *«Temps»* em que a *maior auctoridade moral que jamais existiu sobre a terra* — o Papa Bento XV, era invocada como arbitro da paz europeia. Os foliculaios que por ahi vegetam sobre a aridez d'um anticlericalismo simultaneamente estupido e de má fé, não transcreveram nas suas paginas a invocação do orgão do governo francez; mas nem por isso, ella deixou de ter o seu grande valor, tão grande que logo foi notado por todos os que imparcialmente veem os acontecimentos e não fecham os olhos ao espectaculo bello da tradicção da Egreja, tradicção de paz, de consolação e de affago sobre todas as dores e todas as escuridões da alma humana!

A Europa dia a dia, cada vez mais se endementa, e o amontoado de ossadas amarellentas e ensanguentadas, cresce mais e mais tambem. Não ha povo onde o instincto animal da morte se não faça ouvir. Não ha povo que não sinta a crueldade a tirar-lhe os impulsos de brio para o sangue e a hecatombe.

Desde a Romania expectante e já mal socegada, á Turquia que mobilisa, á Hespanha, e a Portugal, todas as nações se accendem de caloroso ardor pela guerra que assola o velho continente, e procuram atirar para a fogueira a lenha secca e inflammavel do seu enthusiasmo.

Pois bem! Olha, leitor, para o coração da Italia, para aquella cidade que usa o titulo de eterna porque toda ella é throno de um poder eterno e emanado directamente de Deus. Olha para aquella cidadella, erguida em frente das seis collinas que um dia de ha seculos, legiões calcaram, ora para retravar pugnas fratricidas, ora para levantarem seus pendões ao sol que dava fulgor novo, ao vetusto fulgor das purpuras imperiaes. Já não se ergue na varanda do palacio monumental a truculencia bruta d'um Nero ou de um Calligula, o gladio que passeou victorias nas florestas da Germania e escreveu os *Commentarios*, a melancolia visionaria dos Antoninos ou o esplendor da gloria octaviana.

Ergue-se, sim, um vulto branco, esboça-se um gesto que o amor sacrificado poderia inventar como refrigerio de tristezas e aplacação de iras — a benção!

Esse vulto tem um nome já nos frisos da historia: é Bento XV! Esse gesto tem um nome repetido pelas gerações que passaram, e pelas que hão de vir, — é a Paz!

Quem ha-de dizer á Europa coberta de feridas que não cave no mundo mais horrores, senão aquelle que jamais pregou a guerra, que ainda ha pouco na nova encyclica exhorta os povos á conciliação, que não usa subterfugios para chamar um principio e não tem soberania terrena para plantar e alentar ambições? Quem ha-de dizer que não mate, senão aquelle que ensina *não matarás*, quem ha-de fallar em Paz senão aquelle que falla no amor?...

Portanto, o papel de arbitro deve ser extraordinariamente superior. Quem o desempenhar deve sobrepor-se a todas as invejas e a todos os odios, deve representar um poder, mais espiritual que militar, acima de todos os poderes. Ha só uma entidade na terra que foi creada para esta funcção — a Egreja, e um só homem que prega esta doutrina o Pontifice Bento XV! ... E nada falta ao Papa para uma e outra coisa. Quando o cardeal Della Chiesa foi eleito no conclave e declarou que tomaria o nome de Bento XV, o cardeal Della Volpe exclamou:

— *Bonum nomen!* E outro membro do collegio cardinalicio accrescentou:

— *Benedictus qui venit in nomine Domini!...*

E o cardeal Lega seria na verdade um porta voz prophetico se a humanidade, desde o Atlantico ao Pacifico pudesse descortinar entre o fumo da polvora aquelle vulto branco, que, alliando em si, *in tempore opportuno*, o tradicionalismo rigidamente conservador de Pio IX, os lances de aguia de Leão XIII e a doçura de Pio X, é afinal o unico *arbitro das discordias* e o forte sustentaculo da paz!...

F. V.

VIDA INTENSA
(PAGINAS D'ALEM FRONTEIRAS)

COMO *se escreve a historia...»* assim poderia denominar hoje estas ligeiras considerações da semana, se, cobrindo-me com a dalmatica solemne dos logares communs, desse sombras de credito ao *canard* bravio, que a imprensa portugueza vem lançando, como acepipe raro, á curiosidade apaixonada dos commentadores da guerra. A serem exactas todas as noticias, os allemães, recuando kilometros e kilometros, ha seis dias não estariam já nas proximidades dos Vosges como estão, mas muito positivamente nos confins da Siberia, a arrefecer o furor bellico ou acampados pelas paisagens extranhas da Mandchuria.

A esquadra mesmo, com um *Panther* a proposito, a naufragar todos os dias, certamente que guardaria já no fundo do mar os restos abatidos do orgulho teutonico, e não constituia, como constitue tambem, uma ameaça seria á poderosa «*Home fleete*», bordejando receosa nas nevoas britanicas.

Os bracarenses snrs. Antonio T. Machado e Joaquim Martins, apreciando a "Illustração Catholica„

Eu não venho precisamente discutir se a Allemanha triumpha ou não, mas commentar a frio as mentirolas dos jornaes e mesmo para que os meus leitores não digam amanhã, que os deixei d'olhos fechados, crentes de tanta *boutade* mais ou menos espirituosa.

Mas o que mais me espanta de toda esta campanha, porque d'uma campanha se trata, é evidentemente a obstinação dos francezes, apresentando-nos os allemães como selvagens mais selvagens que os hotentotes ou os pelles vermelhas mais atrazados, e galantemente porem, os seus *bleus* bebados e indisciplinados como a quinta essencia da correcção, luctando, heroicos, pela civilisação e pela justiça!...

Convenho que tenha havido excessos.

Houve-os sempre; são infelizmente o cortejo tragico da guerra mas d'ahi, até facinorosas façanhas de canibaes, e massacres horrorosos, vae um bocadinho mais, graças a Deus, que o espaço que medeia entre o ephemero pseudo-triumpho das tropas de Joffre e a derrota inevitavel que vão soffrer se a Inglaterra lhes não accode com gente.

Assim philosophava eu debruçado para o meu jornal, quando lobriguei a noticia do incendio do D. Amelia e sem querer senti as lagrimas nos olhos e a saudade no coração. E' que, a esse elegante theatro, testemunha fiel de tantos triumphos, de tantas anciedades, de tantas decepções, eu tenho ligado recordações agradabilissimas que hoje fazem avolumar a tristeza inesperada da noticia.

N'aquella ribalta encadeada em oiro vi as obras dos mestres.

Alli triumphou a minha geração, por alli passaram as maiores celebridades artisticas desde a Sada Yako, com o seu risinho de boneca articulada, até á divina Barthet, a dona linda da voz admiravel; alli se representaram as minhas primeiras peças.

E' por isso que embora eu não lhe possa perdoar nunca o ter-se chrismado com o sol nascente, não posso esquece-lo tambem e fico a recorda-lo com saudade e com magua, como alguma coisa de muito caro de muito nosso, que na vida deveras se estimou...

José de Faria Machado.

Velha Gôa—Altar do tumulo de S. Francisco Xavier

Os erros da moda

E' preciso fazer justiça aos exageros da moda actual: — elles permittem ennunciar uteis verdades de ordem geral acerca da tafularia e das suas consequencias sociaes. E' unanime a revolta: o gosto e o pudor offendidos recrutaram partidarios por todas as classes, e as proprias victimas se entreolharam compassivamente. Nem todas tiveram a coragem de reagir, mas vê-se que se sentem afflictas e aspiram a libertar-se d'essas cadeias humilhantes e dos tyrannos que as forjaram.

Os moralistas, com maior ou menor indulgencia, fallaram d'essa ventoinha que a moda é, hoje mais do que nunca batida por um vento de loucura, mas a vaidade pueril da garridice é insondavel!

A uma laureada do Conservatorio que em pleno verão se cobria de pelliças e não escondia o orgulho que d'ellas tinha:

—Porque é que a menina, disse-lhe um seu professor, usa com tanta ostentação aquillo que um animal trazia antes com tanta simplicidade?

Seguir a moda, como escrava exaltada, é ao mesmo tempo imitar e distinguir-se; é querer ser como todas as outras, e comtudo, differente d'ellas. Aqui está talvez a explicação de tantas condescendencias com o absurdo, quando a moda é absurda, pois que a conse-

quencia d'esses sentimentos contradictorios é levar até ao exagero quando o exagero se tornou moda. . .

Não assistimos nós a um detestavel espectaculo de *surenchère* na singularidade? Porque já ninguem trata de *mostrar-se* por uma forma que não destõe ou que não grite, como era regra, quando as elegancias estavam subordinadas a uma auctoridade com força na tradição.

Vêde o que recentemente se passou n'um baile de uma côrte europeia. Uma senhora ousou apresentar-se com uma d'essa saias abertas até ao artêlho; o soberano fez signal a um camarista que se approximou da dama, já ruborisada com tal honra, offereceu-lhe o braço, reconduziu-a ao vestibulo, chamou a sua carruagem, e inclinando-se lhe disse: — «Minha senhora, Sua Magestade notou que o vestido de v. ex.ª

Velha Gôa — A egreja e o convento do Bom Jesus, onde se conserva incorrupto o corpo de S. Francisco Xavier

Sé Primacial e Patriarchal

Nova Gôa — Palacio Patriarchal de Pangim

ainda não está acabado, e que ainda lhe faltam alguns pontos».

Este remoque ás audacias de certos alfaiates, é justo. A' força de trabalharem para uma clientella extrangeira, cederam á pressão do seu gosto e desnaturaram o proprio. A moda parisiense que se espalhava pelo mundo, deixou que o mundo a invadisse e absorvesse. Acceita-lhe as indicações, ao passo que d'antes só lhe acceitava encommendas. Impunha-se pela sua graça sem mescla, pelo encanto da sua harmonia, pelo seu horror a tudo o que é imprevisto e berrante. Cedeu á invasão.

A confusão é formidavel. Por mais acostumados que sejamos ás excessivas phantasias do mysterioso e ironico poder que decreta *o que se ha de usar*, jamais assistimos a um arrojo impudente como o da exhibição d'esses carissimos farrapos de que as mulheres tecem os seus adornos, e os humoristas teem apreciado immensamente. A moda actual é um permanente desafio ao bom senso e um perpetuo ultraje á

Parochial egreja de Pangim

graça feminina que tem arrostado com muitos assaltos sem succumbir, mas que, d'esta vez, fica esmagada sob o ridiculo.

Que quer dizer essa cacophonia de côres e de formas e de epochas, que tem um pouco do harem e da mansarda, que mistura a Turquia contemporanea com as revelações dos frescos da Troia antiga, que se inspira n'um mesmo objecto da Escossia, do Japão ou do Honolulu, e que, não podendo pedir artificios de *toilette* ás negras beldades das populações selvagens, não se arreceia de tentar impor aos civilisados do velho mundo o habito do pé descalço e o uso de argolas no nariz?

Um satyrico contemporaneo suppõe que o alfaiate, tal como a tradição o creou, foi victima de um doido furioso que o atou a uma cadeira e em seguida se lhe substituiu, impondo no seu delirio, aos escravos da moda a excentricidade das suas concepções. E quanto mais estrambo-ticas, tanto mais ellas revelam e se resentem da tara do seu creador; quanto mais aviltante o seu impudor, quanto mais excentrico o seu ruinoso *chic*, tanto mais avidas de com ellas se adornarem, são as clientellas.

Quando a impostura é denunciada, e se verifica que só um louco era capaz de crear as modas actuaes, e o verdadeiro alfaiate libertado, volta a propor modas decentes, as clientelas affastam-se; e para evitar perdel-as é forçoso que elle por seu turno, crie tambem as mesmas concepções de modas que o doido creara.

Ha n'esta satyra uma boa dóse de verdade. Pelo menos havia-a ha dias, porque — graças a Deus! — esta epidemia do feio indecente não é incuravel. A Egreja erguendo-se pela voz dos seus pastores, contra as modas extravagantes e perniciosas que as mais illustres senhoras de França, collectivamente, acabam de repellir, poz em guarda muitas pobres ovelhas de Panurgio contra os seus desvairos. A excen-

Regatas promovidas pelo "Sport Club do Porto,,

Tripulação do "Sport Club do Porto,,

Tripulação do "Fluvial Club do Porto,,, vencedora do "Club Naval de Lisboa,,

Tripulação do "Club Naval de Lisboa,,

tricidade já decresce; o exotismo está por baixo, e a modestia prestes a reconquistar no jogo dos véos a auctoridade que uma corrente de descaramento lhe tinha roubado.

Mas foi tão grande o mal!

E' que a moda é apenas imperio de uma aristocracia opulenta e ociosa que poderia, sem extremo prejuizo para o restante da nação, gastar-se em frivolidades dispendiosas e n'um estylo mais ou menos puro. A democracia, que tende para a confusão de todas as classes, sem proveito para nenhuma, supprimiu condições e hierarchia.

O que se faz em cima é servilmente copiado em baixo. Logo que uma moda apparece, embora engendrada por modo a não ser accessivel senão a certos privelegiados da fortuna, logo é copiada e imitada; e para se approximar de uma clientella menos rica, ella nada sacrificou d'esse exagero que a mediocridade da execução exagera e mais feio torna ainda. Assim aconteceu com esses vestidos cuja apparição nos campos de *sport* equestre suscitou um tal escandalo que os infelizes manequins tiveram de fugir sob uma chuva de apupos.

Todos os condemnaram, na sua arte e na sua inconveniencia. Mas passados mezes, esses vestidos andaram em moda, e estadearam-se até nos recantos das provincias, cujos lindos trajes tradiccionaes desappareceram escorraçados pela moda da capital, n'uma caricatura grotesca. Segue-se a moda de olhos fechados. Ella traz nas suas franjas, preversidades, pretensões e ridiculos. O lar que a adoptou, fica revolto nos seus habitos e costumes.

A chegada do reboque ao local da corrida

Esperando o signal da partida

De um inquerito feito sobre as condições das communas ruraes, resulta que um dos factores da deserção dos campos e da baixa da natalidade está immediatamente ligado a essa attracção da mulher para as modas instaveis e caras da cidade. A rivalidade no ostentar de *toilettes* obscureceu-lhes a consciencia dos seus imperiosos deveres. A esposa calculou tudo o que a maternidade bemdita do lar custará ao orçamento do enfeite dos seus trajes. E assim foi que o chapeu da *ultima moda* se tornou inimigo da tenra creancinha que dorme no berço.

O problema da moda está

Aspecto da praia no momento da partida

Tripulação da "Associação Naval de Lisboa" vencedora

(Clichés de J. d'Azevedo phot. da «Ill. Cath.)

COISAS DA MINHA TERRA

O magusto

NÃO sabes, Guida? hoje é dia de S. Simão.

— A'gora! ora deixa ver... domingo foram vinte e seis, segunda vinte e sete... é verdade, é! terça vinte e oito! e eu que nem me lembrava de tal! não fazemos um magusto, Tonio?

— Com este tempo, olha que nem appetece.

Está tudo alagado em agua da chuva, de modo que nem a *fagulha* ha de arder em termos. E, demais,

longe de ser um problema frivolo.

E' sobretudo, religioso e moral. O futuro da raça depende delle.

As mais altas auctoridades da Egreja, sentinella da pureza dos costumes, prodigalizou conselhos que despertaram no fundo das consciencias christãs o sentimento da sua responsabilidade n'esta importante materia. Nobres senhoras começam a prégar a cruzada moralisadora, cujos effeitos já vemos surgir. Conhecem todos os deveres da sociedade dos priveligiados da fortuna, e a movimentação commercial; mas não cantam a ode á santa musselina.

O que ellas condemnam é a offensa ao bom gosto e á moral, é esse exoticismo pavoroso que envilece aquellas que se julgam distinctas e não o são, pois que dá a suppor uma abdicação das virtudes e qualidades que são para a mulher o verdadeiro adorno e a moda que não passa.

JORGE MONTORGUEIL.

CERVÃES (Prado) — O altar da Virgem de Lourdes no dia em que se realisou a festa solemne, promovida pela illustre familia Bacellar

Davamos cada salto e cada grito!... Estava um luar que regalava.

E eu, Tonio, gosto muito do luar! ás vezes, quando vou para a cama, abro a janella e ponho-me um pouco de tempo a olhar por ahi fóra!... por esses campos cheios d'um luar tão sereninho!

Não sei que é, mas sinto o coração tão bem! e tira-me a vontade de dormir.

A's vezes ouvem-se os moços a cantar e a tocar viola ou *harmonica*...

No tempo das esfolhadas é que é bonito... Mas, como eu vinha dizendo, dava um luar como dia. Meu pae tirou vinho do melhor que tinhamos. Foi beber a escanar e comer castanhas até aborrecerem. Eram tantas! todas tinham trazido castanhas...

Estava a gente já meio *quentinha* com o vinho e toda *ensarrascada* das cascas das castanhas quando nos entra o snr. abbade pelo eido dentro, dizendo:

CERVÃES (Prado) — A familia Bacellar e alguns convidados que assistiram á festa

um magusto para ter graça, ha de ser feito no meio d'um campo ou d'um largo qualquer onde se possa dançar á vontade e fazer uma grande fogueira.

—E' assim, é. Ha dois annos é que foi um magusto bonito, o que se fez em nossa casa no meio do laranjal! tu estavas ou não?

—Tolinha! então não te lembras de que, por essa occasião, estava eu em Braga, na tropa?

—Ai! é verdade, é verdade!

—Tens uma cabecinha, Guida!...

—Que queres! a gente não pode lembrar-se de tudo. Mas do magusto lembro-me bem. Ainda a minha irmã Julia estava solteira; mas tambem, casou-se quasi logo. Estava eu, estava ella, estava o noivo d'ella, a Luiza do Villar, a Quina do Casal, a Rosa do Lameiro e outras, e muitos rapazes com violas e outros instrumentos. Começamos a dançar o *Regadinho* em derredor da fogueira que subia por esses ares e as castanhas estoiravam como os foguetes que se queimaram este anno na festa das mordomas. Algumas, ao rebentarem, atiravam-nos com tanto lume para as pernas que nos faziam fugir.

Aspecto exterior da capella da Virgem de Lourdes, onde se realisou a festa

E olha que cantava e tocava bem!

Mas, ainda assim, a gente á beira d'elle não estava muito á vontade.

Quando lhe pareceu disse para meu pae:

—O' Francisco! para quando fica a boda? olha que os papeis estão promptos ha muito e os noivos hão-de estar mortinhos por se verem um ao pé do outro.

—Elles, snr. abbade, respondeu meu pae, acho que ainda querem passar o Natal solteirinhos...

—Ora adeus, Francisco! tornou o snr. abbade, isso, agora, não quer demoras. E' preciso arrumar quanto antes!

S. JERONYMO DE REAL (*Braga*) — *Meninas que fizeram a Primeira Communhão*

—Eh! lá, raparigas! não ha por ahi castanhas que cheguem para um velho?!

Ficamos todas assustadas e levantamo-nos apressadamente. Uns estavam assentados em bancos, outros mesmo no chão.

—Graças a Deus! respondeu meu pae, castanhas não faltam, snr. abbade.

E dando-lhe a cadeira em que estava assentado disse para nós:

—Debulhae castanhas para o snr. abbade, raparigas.

Nós principiamos a debulhar, a debulhar, de maneira que, dentro em pouco, tinhamos quasi uma cesta de *moletinhos*. (1)

—Aqui tem snr. abbade, disse-lhe eu apresentando-lhe uma aventalada.

—O' Margarida! disse elle pegando em algumas, tu queres-me pregar uma indigestão!

—O snr. abbade coma as que lhe appetecerem, respondi eu.

Elle tinha ido confessar a Luiza da Bouça que estava muito mal. Ouviu a fallaria quando passava pela estrada e veio até nossa casa.

Assentou-se á fogueirada, comeu castanhas, bebeu vinho e fez rir muito a gente. Por fim, até pegou num cavaquinho e principiou a tocar e cantar cantigas. Ainda me lembro d'esta:

Agua leva o Regadinho
No dia de S. Simão:
Para regar as castanhas
Agua não, mas vinho bom.

(1) Castanhas debulhadas

E elles muito calados!

—Que dizem vocês? perguntou-lhes meu pae.

—Nós... ia a dizer o moço da Julia.

—Quem manda és tu Francisco! atalhou o snr. abbade. E tu bem sabes que estas coisas...

—Eu, ainda assim, não queria desgosta-los, disse meu pae.

—Ora! ora! elles tomaram ver-se juntinhos! E' assim ou não é Julia?

Ai! ella poz se tão vermelha como o lenço que tinha na cabeça, e não disse nada.

O snr. abbade continuou:

—Que tem lá que consoem casados? olha que talvez não tenham consoada mais alegre!

—Pois então, snr. abbade, disse meu pae,

S. JERONYMO DE REAL (*Braga*) — *Meninos que fizeram a Primeira Communhão*

LISBOA-O grande incendio no Theatro Republica

O rescaldo do palco pelos bombeiros

mais dia menos dia, apparecemos-lhe por lá para V. Rev.ª os atar.

—Está bem, disse elle levantando-se da cadeira. E agora, continuou, vou-me até á residencia que são horas. E vocês vão-se, tambem, chegando para a caminha. As coisas ás vezes, no final, não dão bom resultado.

—A'gora não, snr. abbade, disse-lhe eu que estava tão contente que estaria alli nem que fosse até ao dia.

Vae elle e solta-me esta:

—Que estás tu a dizer minha cotovia? olhem que já a formiga tem catarro! ainda estás a vir para o mundo e já queres dizer tá! tá!

Fiquei toda envergonhada; mas elle, coitado, lá por isso foi sempre bem meu amigo.

Foi-se embora.

Desde que elle se retirou ainda dançamos um bom pedaço.

E olha que eu, Tonio, quando me deitei, sentia a cama a querer andar em roda!

—Ai! Julia! que será isto? disse eu para minha irmã que dormia commigo. A cama a andar derredor!

—Isso não faz mal, Guida, disse ella rindo-se muito. E' do vinho.

Mas eu tinha medo.

Abracei-me n'ella que era uma massinha, só carne! tinha um corpinho que parecia de velludo! e assim adormeci.

Eramos tão amiguinhas!

Poucos dias mais dormimos ambas, porque, passados uns dez dias, foi a boda d'ella.

Ao menos dá-se bem com o homem e está muito contente com a vida de casada, o que a poucas acontece.

JOÃO DO OUTEIRO.

Apecto da plateia e camarotes depois do incendio

As expedições portuguezas á Africa

LISBOA — Expedicionarios passando em continencia, em frente á saccada onde se encontra o Snr. Presidente da Republica, sendo durante o trajecto vibrantemente acclamados pela multidão que os acompanhara até bordo

Seguiram ha dias para Moçambique e Angola (respectivamente Africa Oriental e Occidental), dois fortes contingentes de tropas territoriaes de cavallaria, infantaria e artilharia, superiormente commandados pelos briosos officiaes Alves Rossadas e Massano d'Amorim.

Algumas gravuras que publicamos de aspectos do embarque e desfile dos expedicionarios pelas ruas da capital Lusitana, darão aos leitores o exemplo vivo do enthusiasmo da população ao despedir-se dos valorosos e esforçados portuguezes que em distantes paragens vão engrandecer e nobilitar o nome portuguez.

Viva a Patria, Viva Portugal! gritaram unisonamente os que partiram e os que d'elles foram despedir-se. Gritemos tambem d'aqui: Viva Portugal, Viva a Patria! e façamos ardentes votos ao Altissimo para que os valorosos soldados portuguezes voltem em breve radiantes de triumpho e com a palma da gloria a aureolar-lhes a fronte.

Eis o nosso dever, eis o nosso ardente anhelo.

Mas nem ha que esperar outra coisa dos nossos valentes soldados, costumados a vencer quantas batalhas no mundo tem visto o seu esforço generoso. Temos confiança em que os portuguezes de agora não desmerecerão na historia dos arrojados portuguezes d'outras eras!

O embarque para bordo do "Moçambique"

LISBOA — Largada do "Durhan Castle„ que transporta os expedicionarios

NOTAS DO EXTRANGEIRO

Ainda a morte de S. S. Pio X

Os funeraes

ROMA — S. S. Pio X no seu leito de morte

ROMA — Os grandes funeraes de S. S. Pio X na Capella Sixtina, com a assistencia do Sacro Collegio

O cadaver de S. S. Pio X exposto na Sala do Throno e rodeado pelos membros da sua nobre ante-camara

em geral, somos subditos mais fieis que os nossos adversarios, alheios á Religião Catholica.

Sobre o seu leito de morte, o grande antepassado de Vossa Magestade, Joaquim I, fez jurar aos seus filhos que viveriam fieis á santa fé catholica. Os seus netos e bisnetos devem executar este juramento„.

Fastos do Catholicismo

Os catholicos allemães convidam o Kaiser a converter-se ao Catholicismo

Eis os termos da carta que pelos catholicos allemães foi dirigida ao seu imperador:

"Faça-nos Vossa Magestade a mercê de aprender a conhecer a nossa Religião tal como ella é. Um simples catecismo basta para isso. E' dever do pae de nossa patria conhecer os fundamentos da crença, que seguem cerca de metade dos seus subditos. Nós, os catholicos, somos subditos leaes de Sua Magestade, e até podemos dizer que,

Quem não crê em Deus...

Do seguinte facto devem tomar nota os incredulos, que se burlam dos jovens que, quando vão aos exames, depois de se confessarem e commungarem, levam comsigo a medalha d'algum santo de sua devoção.

As alumnas d'um lyceu laico de Paris, aos exames do ultimo curso, levavam os retratos dos bandidos anarchistas *Garnier* e *Bonnot*, como penhor de boa sorte!

Como é verdade que quem não é crente é crendeiro!

ROMA — 1) O cortejo dos guardas nobres, ao transportar-se a urna de S. S. Pio X.

2) O grupo do Sacro Collegio dos Cardeaes, ao transportar a urna de S. S. Pio X nas Galerias de S. Pedro.

3) O tumulo de S. S. Pio X na Gruta Vaticana.

Bom Jesus do Monte (Braga) — Na cascata

(Cliché do phot. am. snr. Chaim Junior)

PROPRIETARIO
Joaquim Antonio Pereira Villela.

DIRECTOR
Dr. Francisco de Souza Gomes Velloso.

EDITOR
Antonio José de Carvalho.

ADMINISTRADOR
Clemente de Campos A. Peixoto.

Illustração Catholica
Revista litteraria semanal de informação graphica

Redacção, administração e typographia
83, R. dos Martyres da Republica, 91
BRAGA

CONDIÇÕES D'ASSIGNATURA
(PAGAMENTO ADEANTADO)

Portugal e colonias (1 anno) . .	2$400
» » (6 mezes) .	1$200
» » (3 mezes) .	600

Á cobrança feita pelo correio ou pelo cobrador accresce o importe das despezas.

Estrangeiro (1 anno)	3$000
» (6 mezes)	1$000
Nnmero avulso	60

Numero 66 Braga, 3 de outubro de 1914 **Anno II**

ILLUSTRAÇÃO CATHOLICA

Revista litteraria semanal de informação graphica

Proprietario, Joaquim A. Pereira Villela. Director, Dr. F. de Sousa Gomes Velloso

EDITOR Antonio José de Carvalho. ADMINISTRADOR Clemente de Campos A. Peixoto.

Braga, 3 de outubro de 1914 | REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E TYPOGRAPHIA *83, R. dos Martyres da Republica, 91* Não se restituem os originaes | Numero 66—Anno II

Soldado do Corpo de Granadeiros da Guarda Imperial Russa, fundada por Alexandre I, em 1807, e cuja historia è brilhantissima

Chronica da Semana

LXV

A fome, a dama de honor da grande rainha — a guerra, — vem já passear a sua furia sobre o paiz... Nunca vem só uma desgraça, diz o dictado, e é bem certo!

Nas ruas da cidade, ás horas altas da noite, quando as rondas passam cadenceadamente, como sombras, á luz branca do gaz, que a custo rompe a neblina densa, a essas horas surgem dos portaes caras de miseria, brados roucos de gargantas raladas e sêccas, ou então estendem-se para nós braços magros e ao fim d'esses braços recurvam-se mãos implorativas...

—Uma esmola! ouve-se aqui.

—Temos fome! uiva-se sinistramente mais além.

—Pelo amor de Deus! exora uma voz quasi chorosa.

A vida nocturna dos nossos grandes centros onde o vasto albergue é o asphalto da rua ou a enxovia a esquadra, essa vida nocturna em que a miseria se estadeia e formilha, como larvas em subterraneo, tornou-se agora de um horror profundo!

Aquella face que nos apparece na meia sombra escusa dos portaes, aquella voz enrouquecida que chega d'uma escuridão, aquelle braço crispado que symbolísa bem uma supplica na ponta de uma ameaça, uma prece que roubou o alento á frenetica impertinencia d'uma raiva — tudo isso, quando nos sahe ao encontro, faz gelar.

O dó nasce d'um horror. Entre a repugnancia e a compaixão ha o mysterioso enlaçamento tecido pelas mãos da caridade christã...

Mas tudo aquillo faz gelar, e a gente sente, ao vê-lo ou ao ouvi-lo, um primeiro impulso de fugir para logares onde olhos pisados nos não fitem e as vozes de antros miseros nos não fustiguem os ouvidos, como imprecações de condemnados!...

...A dentro de fronteiras o primeiro aspecto da guerra é este, da fome, da miseria, da desolação. O primeiro, mas não o unico: o mais profundo, mas não o mais grave. E registando um, não deve o chronista afastar o outro — é bem de vêr. Quer elle referir-se ao proposito em que parecem estar alguns dos membros do governo, e uma bôa parte do corpo exiguo dos politicos, — de *à tort et à travers* fazerem intervir o paiz no conflicto europeu.

Allegam os seus defensores um limitado numero de razões que, positivamente, não convencem... Desde uma problematica sympathia nacional pela França da terceira republica a um nebulosissimo plano de proveitos a lograr ao cabo de um sacrificio de milhares de vidas portuguezas, todo o arrazoado fallece, visto que se aquella sympathia é apenas exclusivo de *habitués* de livraria ou de cafés, o plano dos lucros afigura-se-nos miragem tão impossivel que, subjeito ao confronto dos ensinamentos da historia, cahe redondamente pela base.

A unica garantia dos pequenos povos que, na phrase de Bismarck ao general Prim, habitam os arrabaldes da Europa, é a sua absoluta neutralidade. Ficar neutral, porém, não é cruzar os braços, é pôr-se em guarda contra o inimigo commum; a neutralidade é a preparação da defeza, o terreno que não oscilla e que o sangue não empasta.

Entre a hecatombe de uma raça e o seu florescimento, para que ceder ao instincto, ainda que elle venha entrajado de cavalheirismo heroico? Porventura, comprehende-o o seculo arido de fé e de ideal em que nascemos?

Acreditaes que esses colossos de calculo frio como o ferro que os cobre demorarão o espirito analysando o valor de um sacrificio por mais tempo do que o marcado pelo interesse que elles terão em fingir de compassivos ou de admiradores?...

Utopia! Ingenuidade!

As ruinas da cathedral de Reims são um crime, porque ella se erguia sobre os campos da Triple e sob o céo da França.

A cathedral de Colonia feita em cinzas, seria apenas, na phrase conspicua de Camacho, *um fundo golpe na reacção e no ultramontanismo!...*

F. V.

VIDA INTENSA
(PAGINAS D'ALEM FRONTEIRAS)

A natureza appareceu-me esta manhã enfermiça, triste, com o primeiro arrepio, na visão amargurada do outomno que vae chegar macambuzio, discreto, a querer despi-la da tunica gloriosa das folhas, a procurar, n'uma travessura doentia, arrancar-lhe a touca leve das flores. As folhas amarellecem e estertorisam nas arvores; os montes coroados de verdura e os valles abençoados de sombras, estremecem medrosos, n'uma agonia resignada.

Desbota a côr do céo e a luz modera-se, subtilisa-se na symphonia romantica do roxo. E' a quaresma enternecedora das arvores e das flores, com esses poentes sangrentos, infinitos, epicos, de longes esbatidos na massa confusa das nuvens sanguineas tambem, dispostas n'uma scenographia optica, de castellos em ruinas, Sabbats, tragicos, cavalgadas mysteriosas e phantasticas, áquella hora infinitamente bella mas infinitamente triste, do entardecer.

MONSÃO — Chafariz ou fonte de Deu la deu: á direita a Camara Municipal e ao fundo a antiga capella do Loreto que a republica mandou demolir fazendo no mesmo logar um pequeno jardim

(Cliché do phot. am. snr. Lemos — Oleiros)

São os poentes do outomno, a derradeira companhia dos tisicos, a ultima esperança dos que soffrem, que longe, circumscrevendo em luz, a meia tinta do entardecer, semelham o vitral phantastico d'uma ogiva collosso.

E logo, quando o sol me apparecer na sua agonia sangrenta, macabro, tresloucado, n'esse *Valpurgio* de nuvens e de côres, d'esta

Manuel Joaquim Gomes

(Nasceu a 26 de outubro de 1840 e falleceu a 29 de setembro de 1893)

Homem de larga iniciativa a quem Braga deve importantes melhoramentos. A *Illustração Catholica*, na passagem do vigesimo primeiro anniversario da sua morte, presta-lhe a sua mais sentida homenagem

mesma janella, que olhar mais tranquillo n'um enternecimento de noiva, hei-de admirar a natureza vestida de crepusculo e de visão, ter o primeiro rebate de penitencia e caminhar contricta, amargurada, para receber o outomno que se avisinha, arripiado, sonhador, triste na luz discreta e admiravel do crepusculo. E animando a phantasia, ligando-a á amargura do mundo em guerra, pela amargura do mundo em sombras, lá longe, entre o sangue e o oiro velho do poente que esbraseia n'um rescaldo sinistro, eu verei, corporisar-se entre as nuvens, uma figura macabra, de *Loenghrin* tragico, o casco resplandecente, mordido por uma aguia d'oiro, que despede faiscas, a cota rebrilhando, os braços abertos sobre a terra n'uma maldição, mãos de dedos contrahidos, sangrando enclavinhados com raiva, a cobrirem aquelle immenso poente, n'uma ancia de vingança de morte, de pavor, de destruição emquanto a minha phantasia, faz desfilar pelos pés d'essa figura sinistra o mundo em guerra, semeado de cadaveres, cortado de suspiros, de gritos, — pragas das almas, pragas dos canhões, — n'esse horrivel scenario de chammas e de nuvens, que parecem o symbolo do mundo desvastado pela aza sinistra da guerra deshumana, horrivel e destruidora.

O guerreiro avoluma, ergue agora o montante que flammeja e como empunhasse o vaso lendario que o fanatisa, olhando o sol como o Graal da lenda, despede em furia um sorriso diabolico, que cobre a terra inteira, um sorriso que gela e estruge como um *halalih* de morte e maldição, revoluciona, agita aquelle mar de nuvens, que bailam ao derredor emquanto a natureza, resignada e contricta, tem o primeiro rebate de penitencia pela voz do sino soffredor e longinquo, que plangeia as Ave-Marias e na meia tinta do entardecer, vestida de mysterio e de sombra, bate no peito a culpa original de sua grandeza...

E' que o outomno vae chegar!...

JOSÉ DE FARIA MACHADO.

O segredo da Allemanha

Historia de uma carteira de marroquim

NA noite de 15 de Dezembro de 1913. O comboyo internacional acaba de transpor a fronteira franco-prussiana entre Straburgo e Luneville.

Sobre as almofadas de um compartimento de 1.ª classe, alguem deixou poisada uma carteira de marroquim atada por uma dupla correia de coiro com frisos metallicos e um fecho de cobre.

De repente a portinhola abre-se, um passa-

SEIXAS — Vista parcial

geiro salta para dentro do compartimento, agarra na carteira e desapparece com ella. E o comboyo continua a sua marcha vertiginosa, colleando já pelas derradeiras cordilheiras dos Voges, em cujos pendores o inverno estendera lençoes de nevoa, e das arvores da montanha iam tombando gottas crystallinas de orvalho...

Eu estava d'ahi a dias em Reims. Uma manhã, a noticia de um jornal fezme impressão... Fallava-se do desapparecimento mysterioso de uns documentos secretos da Allemanha. Além do Rheno o patriotismo germanico alarmava-se. Depois, a avalanche rude de novas noticias menos vagas do que a d'aquelle jornal que eu tinha lido, fez esquecer o boato. Andava toda a gente cançada de ouvir palrar de planos militares roubados por espiões, quer nos folhetins das gazêtas quer nas pelliculas dos *cynes*.

Dois mezes depois, um official francez publicava um livro assim intitulado:

—*A concentração allemã, segundo um documento encontrado n'um compartimento d'uma carruagem de caminho de ferro.*

Quando li este titulo no mostruario de uma livraria, reencadeei a memoria e approximei aquellas palavras das outras tão alarmantes dos jornaes prussianos e da revelação da gazêta de Reims. E durante a noite, uma noite de janeiro, fria, muito fria, ao pé do fogão, devorei o volume.

O auctor explicava com toda a minucia de detalhes o plano de ataque dos exercitos allemães contra a França e a Russia. Criticos militares commentaram as revelações a que não negavam até valor estrategico.

Todavia a historia da carteira de marroquim abandonada entre Straburgo e Luneville n'aquella noite de Dezembro, sobre a almofada de um compartimento de primeira classe, parecia romance... e não faltava quem prevenisse cautelloso, que ella teria sido talvez perdida de proposito para desorientar o Estado-Maior francez — um drama de cynematographo em trez actos e tão complicado como os dédalos de um labyrintho phantastico!

Quantas vezes me debruço sobre os mappas seguindo as operações allemãs em França e na Russia, lembro-me da carteira de marroquim, e reconheço que ella encerrava a horrorosa realidade de hoje!...

Desde o começo da guerra, a Allemanha tem procedido, politica e militarmente, em perfeito accordo com aquelles planos de que um official francez se apoderara.

SEIXAS—"Villa Idalina" propriedade do capitalista snr. Joaquim dos Anjos Costa

(Clichés do phot. am. sr. Luiz Terra)

SEIXAS—Casa de habitação do sr. Alfredo Nogueira

SEIXAS — *Egreja parochial*

em tão folhetinesco lance. O auctor annunciava já a invasão da Belgica e do Luxemburgo, afastando por completo a hypothese da Suissa.

«Ao terceiro dia de mobilisação — dizia o livro que se apresentava sob a forma de traducção do documento encontrado na carteira — o nosso representante em Bruxellas entregará ao governo belga uma nota preparada de antemão. A Belgica será advertida da invasão no proprio dia em que entrarmos no seu territorio.»

A rapida, fulminante offensiva, da quasi totalidade das forças allemãs, contra a França, com o fim de logo obter uma victoria decisiva no theatro occidental das operações, lá estava nos suppostos planos do Estado-Maior, perfeitamente detalhada.

«Dos nossos vinte e cinco corpos de exercito — dizia o livro — dirigir-se-hão contra a França vinte e dois». Exactamente os que foram dirigidos.

«A' defensiva contra a Russia — accrescentava-se — serão consagrados tres corpos do exercito activo.» Os mesmos que para tal fim foram consagrados.

A tactica envolvente iniciada em França pelos exercitos do Kaiser apparencia tambem minuciosamente descripta no livro do mysterioso official francez. «Toda a nossa acção offensiva deve consistir n'um vasto movimento de conversão; a direita formando a ala que avança, e a esquerda, ainda que não immovel, servindo de eixo. Na Alsacia e nos Voges economisaremos as nossas forças todo o possivel...»

Assim dizia o livro, acolhido então por sorrisos de descrença, ou por apprehensões. Hoje ao desenrolar da batalha ensina e convence os criticos militares de que o segredo da

SEIXAS — *Egreja de S. Bento*

Allemanha — o segredo da victoria ou o segredo da sua morte! — estava em verdade n'aquella carteira de marroquim que alguem abandonára em cima da almofada de um compartimento de primeira classe do comboyo de Strasburgo a Luneville!...

F. D'ALMEIRIM.

SEIXAS — *Romaria de S. Bento. Um aspecto do arraial*

FIGURAS DA BEIRA

(SEGUNDA SERIE)

Visconde de Guedes Teixeira

V

LAMEGO — Deus me perdôe!—era uma cidade horrorosa. Não tinha ruas, tinha turtuosos corredores. A gente vinha á janella e precisava de prudencia para não bater com o nariz nos amoraveis olhos dos visinhos. Estar de janella aberta no nosso quarto e estar dentro da casa fronteira, era quasi a mesma coisa.

Os telhados tocavam-se, como se estivessem alliados contra o ar e contra o sol. Passava-se em baixo n'uma especie de rota de mina, mas, se chovia, o transeunte recebia no hombro direito a torrente dos calleiros da direita e no hombro esquerdo a torrente dos da esquerda, flanqueado irremediavelmente por aquellas duas cordas d'agua que só se evitavam fugindo para casa.

SEIXAS—Outro aspecto do mesmo arraial

Não havia um largo ou, pelo menos, os chamados *largos* apenas o eram no nome pomposo, porque não chegavam a ter a largura d'uma rua mediocre.

O pavimento era caprichoso demais: pedras e buracos n'uma alternativa que, nos dias de chuva, obrigava a uma fatigante gymnastica.

Não raro, o transeunte era brindado com despejos pouco aromaticos, principalmente de noite, succedendo-lhe, muitas vezes, ao fugir horrorisado, tropeçar em bandos de gallinhas e em porcos vagabundos que o saudavam com grunhidos colericos.

Era uma cidade muito pacifica... mas na qual tudo guerreava o desditoso habitante. As calçadas quebravam-lhe as pernas e a cabeça. Das janellas mandavam-lhe pneumonias e typhos. Se queria ar e sol, tinha de ir para os arrabaldes. Mas como? aos trambolhões, porque não havia estradas, havia azinhagas perigosas, barrancos em que se cahia sem remedio.

Com os aspectos lôbregos da cidade, desprovida de todo o serviço policial, coincidiam as batalhas rijas do rapazio, á pedrada por aquelles *corredores*, ou antes *canaes* de fragas que acertavam facilmente nos transeuntes inoffensivos.

Guedes Teixeira era um bom filho de Lamego. Venerava-lhe os monumentos, o Castello, a Sé, Almacave, tudo que a boa cidade encerra de preciosamente historico. Mas tambem pensava

SEIXAS—Vistas tiradas d'uma das margens do rio Minho
(Clichés do phot. am. snr. Alberto Marreca)

Vianna do Castello - As festas d'Agonia

A capella de Nossa Senhora d'Agonia no dia da festa annual
Foi fundada esta capella em 1663 pelo rev. João Jacome do Lago, oriundo de Vianna
(Cliché do phot. am. snr. Manoel Affonso)

ra, o formoso arruamento de *Macario de Castro*, a linda transversal *D. Luiz Primeiro*, e ampliou citadinamente a *Praça do Commercio*.

N'um golpe mais ousado, cingia o melhor de Lamego com a grande *Avenida Maria Pia*, levando-a ao Passeio Publico desde o largo do Espirito Santo, e entretanto desappareciam o hediondo e insalubre bairro dos Fornos, beccos deleterios como o do *Monturo*, viellas fetidas, e até sinistras, como a *dos Frades*.

O *Ramal da Boavista*, dava entrada pittoresca e luminosa pelo norte, communicando a Praça do Commercio com a boa entrada de Lamego á Regoa.

E rasgaram-se amplas e grandes estradas: a de Trancoso e Moimenta da Beira, cortando Lamego pela ponte de S. Lazaro e seguindo a Regoa pelo Rocio, a estrada de Vizeu, passando em Castro Daire, descendo do alto de Penude, e flanqueando a collina dos Remedios até enfrentar a rua Visconde de Guedes; a estrada de Castello de Paiva, servindo os vinhedos e culturas deliciosas de Samodães e Penajoia; emfim, a torcicolosa e poetica estrada que conduz ao Sanctuario dos Remedios.

Uma nova Lamego, mas Guedes Teixeira ainda não estava satisfeito.

Apezar das hostilidades dos politicos, o seu amor patrio pedia-lhe ainda mais obras, mais melhoramentos, mais rasgos de vida nova.

O Passeio Publico, magestosamente ladeado, ao oriente, pelos Paços do Concelho, ao norte pelo convento e templo das Chagas, ao sul pelo palacete que depois alojou o Lyceu, e recebendo ao sul o rasgão da Avenida Maria Pia, era asymetrico em extremo. Guedes Teixeira quadriculou-o, esmerando-

que a cidade, sem destruir as reliquias venerandas do seu glorioso passado, podia e devia libertar-se da acanhada monotonia mourisca que a enchera de ruellas com raros vestigios de arte. Era justo e sensato alargar velhas ruas, construir praças, calcetar com solidez e bom gosto, arejar, caiar, policiar, emfim, dar accesso a Lamego por estradas commodas e bellas.

E Guedes Teixeira não hesitou. Com grande rasgo, rejuvenesceu a velha e humida *Corredoura*, hoje *rua Cardoso Avelino*, traçou a bella *rua Visconde Guedes Teixei-*

2) *A ornamentação da rua Candido dos Reis.*
3) *O chafariz da Praça da Republica ornamentado.*

lhe o ajardinamento e, da Alameda, que, a seguir, em suave plano inclinado, offerece um dos mais bellos passeios citadinos do norte do paiz, fez um parque cheio de regularidade e ao mesmo tempo de captivante poesia, ampliando assim a bella obra de José Isidoro Guedes.

E não se pense que Guedes Teixeira gisava de afogadilho os seus planos. Jaz na camara de Lamego a planta geral da cidade, enriquecida com os methodicos projectos dos quaes, infelizmente, nem todos se realisaram.

Junto a essa planta, deixou Guedes Teixeira, como diz o sr. Antonio Albino d'Andrade, *uma memoria justificativa, dos melhoramentos projectados, que corre impressa, e que evidencia, a toda a luz da posteridade, o ousado innovador e transformador de Lamego.*

A Guedes Teixeira se deve o magestoso hospital civil *D. Luiz Primeiro*, ao norte da cidade, no campo da Certã, planaltosinho que domina a Alameda e a casaria da Lamego septemtrional.

E, entretanto, Guedes Teixeira não abria mão de dois sonhos ardentes e predilectos: cingir toda a cidade com uma avenida colossal que, ao norte e ao sul, continuasse a de Maria Pia, e restaurar a vida industrial que com o andar dos tempos se abysmara tão profundamente.

VIANNA DO CASTELLO— Festas d'Agonia. Um artistico coreto collocado na Praça da Republica

(Clichés cedidos pelo sr. Roberto d'Espregueira Mendes)

Um aspecto da illuminação no Jardim do Mercurio

(Cliché do sr. Manuel Joaquim Carvalho Vieira)

Nem todos os seus conterraneos comprehenderam, porém, a grandeza de tão generosos planos. Alguns dos seus correligionarios mesmo julgaram devaneio o que só podia, para ser um facto, um movimento de boa e intelligente solidariedade.

Lamego, pelo menos as suas classes laboriosas,

O velho hospital ficava no Rocio, no coração de Lamego meridional, n'um palacete vasto, mas desconfortavel, regado pelo Coura, mais despejo do que curso d'agua.

Guedes Teixeira deu ao novo hospital uma situação magnifica, ares purissimos, vindos directamente da serra, e ficando a poucas dezenas de metros do Passeio Publico. O edificio, modelar em tudo, exposto com um criterio excellente, sorri de longe a quem se approxima de Lamego, vindo do sul ou do poente.

Foi inaugurado por D. Luiz Primeiro a 15 de Agosto de 1882, com a solemne assistencia da familia real e, entre outros ministros, do ministro do reino Thomaz Ribeiro.

Um aspecto das cortezias na segunda tourada

não viu com justiça e bom-senso a grandiosa obra. A pequena politica envenenou tudo, talhando ao mesmo tempo muitos dos que, a

VIANNA DO CASTELLO — *Um aspecto da sombra n'uma das touradas*

haver um esclarecido amor patrio, apoiariam valiosamente, quasi invencivelmente, o grande trabalhador e patriota.

Mas, se isto desajudava Guedes Teixeira, tornando-lhe difficil e nobre tarefa, elle é que não repoisava e antes, depois de fugitivos desalentos, reservava para mais tarde o que se tornava por emquanto impraticavel, e arrojava-se a novos e fecundos commettimentos.

Já lhe sangrava muito o coração com ingratidões e decepções. Já o empolgava o desespero de não interessar bastante os capitaes e tambem os sentimentos de lamecenses de bom valor material e mental.

Mas a taça do fel convertia-se-lhe sempre em amphora de mel ao lembrar-lhe qualquer nova obra e assim, tendo de quedar-se quanto a melhoramentos materiaes, devotou-se a curar das condições economicas e financeiras da sua querida terra natal, e conseguiu melhora-las com efficacia e profundeza.

JOSÉ AGOSTINHO.

Um grupo de camponezas no local da feira

Os "Zés Pereiras" deliciando o publico

(Clichés do snr. Manoel Joaquim de Carvalho Vieira)

Fastos do Catholicismo

O sacerdote soldado

O padre Rin, professor no Seminario de Perpignan, servia como tenente no 253.º regimento de infantaria. Recebeu um tiro que lhe atravessou a cabeça n'um dos ultimos renhidos combates da fronteira. No entanto ha esperança de o salvar. O seu capitão escreveu ao director do Seminario de Perpignan a dizer que aquelle sacerdote se portou como um heroe, e que foi proposto para a *Legião d'Honra*.

A uma missa celebrada na Cathedral de Besançon, assistiram 600 soldados. Officiou um sacerdote-sargento, assistido por dois seminaristas de uniforme.

As ultimas palavras do Cardeal de Bolonha

Antes do Em.^mo Cardeal D. Thiago Della Chiesa sair do seu Arcebispado de Bolonha para tomar parte no Conclave que o elegeu Papa, communicou aos fieis da sua Archidiocese a morte de S. S. Pio X, n'uma sentidissima circular que foi o seu ultimo

hora terrivel julgamos encontrar a melhor consolação em esperar que depressa seja occupada a Santa Sé por um novo pae, que, como o defuncto, saiba guiar os seus filhos pelo caminho da sabedoria e da virtude».

E terminava pedindo que todos unam as suas orações «para que a entristecida Egreja torne a ser alegrada com a eleição d'um Pontifice, em que se admire, não só a grande auctoridade, mas tambem as bellas virtudes de Pio X.

VIANNA DO CASTELLO — Os «Zés Pereiras» na Praça da Republica

(Clichés do phot. am. snr. Manoel Affonso)

Espectaculo consolador

Em Mines foram tão numerosos os soldados que se approximaram da Sagrada Meza antes de partir para a guerra, que muitos não poderam commungar antes do meio dia. Um sacerdote relata commovidamente que foi chamado por um grupo de soldados que estavam acampados nos arredores da cidade, para que lhes desse a Communhão, e alli, — diz — sem mais altar do que as minhas mãos, sem outras luzes senão o astro do dia que illuminava aquella scena, que vinte dias antes pareceria impossivel, administrei a Sagrada Communhão, que para muitos serviria de Viatico, a 400 jovens, cheios de fé, piedade e patriotismo.

A França, ferida pelo açoite de Deus, volta consoladoramente para Christo. Catholicos sempre tiveram o seu exercito e a sua marinha, mas o respeito humano não deixava manifestar-se o espirito religioso, que agora collectivamente se manifesta. Os catholicos tem mesmo conseguido memoraveis concessões.

A instancias do almirante Bienaimé, deputado catholico por Paris, o ministro da Mari-

documento pastoral ao seu clero e fieis.

Dizia elle que «todos os fieis devem chorar a inesperada morte do Pontifice, que na Historia da Santa Sé perdurará gloriosamente, pela constancia com que exaltou a verdadeira doutrina, pelo zelo com que promoveu o culto da Eucharistia e pela caridade com que abraçou todos os christãos, e, como verdadeiro pae, a todos os seus filhos soccorreu.

O luto que a morte de Pio X produz na Santa Sé, parece accrescentar-se por causa da actual situação politica, que cobre de ancias e angustias toda a Europa. N'esta

COVILHÃ — Vista da cidade

COVILHÃ — Imagem de Nossa Senhora da Assumpção que se venera no altar-mór da egreja de Santa Maria

COVILHÃ — Padre José Fino Beja
Director do jornal a «Democracia» e regente do orpheon

COVILHÃ — Padre José da Costa Tavares
Muito digno parocho de Santa Maria

nha, de França, restabeleceu o serviço de capellães da esquadra em tempo de guerra, aos quaes se concedeu o soldo de tenente de marinha com quatro annos de serviço.

Graças, pois, ao almirante catholico Bienaimé, as familias dos que vão expor a sua vida em defeza da França, poderão ter a tranquillidade de que, se morrerem, não lhes faltarão, nos seus ultimos momentos, os auxilios da Religião.

Entre a mobilização franceza

A mobilização franceza tem dado logar a episodios commoventes. Eis um d'elles:

Um joven soldado, que fazia serviço n'um deposito de fardamentos narrava aos seus companheiros:

«Como desejava confessar-me e encontrei na rua um sacerdote, manifestei-lhe o meu desejo. — Sinto muito, respondeu-me, mas sou preceptor e não tenho licenças para confessar.»

— O que? interrompeu o capitão da companhia que estava presente. — N'esse caso vem aqui, que satisfarei o teu desejo. Eu tenho as minhas licenças de ordem em regra.

O capitão era parocho d'uma freguezia visinha.

COVILHÃ — Interior da egreja de Santa Maria Maior

COVILHÃ — *Orpheon infantil que executa trechos de musica sacra nas principaes festas da Egreja de Santa Maria*

(Clichés do rev. Fino Beja)

*

Na Rochelle os confessionarios foram assediados por officiaes e soldados, sendo distribuidos aos reservistas mais de 5.000 medalhas e escapularios.

Dir-se-hia uma Missão n'um povo de ardente fé religiosa.

«E quem sabe — diz a *Semaine Catholique de Toulouse* a este proposito — se a guerra actual não é, com effeito, para a nossa patria a missão providencial que Deus tinha reservado como supremo meio de salvação?

R. C.

CERVEIRA — *Os professores de Instrucção Primaria em exercicio de gymnastica sueca ministrada pelo snr. capitão Barreiros*

CERVEIRA — *Outro aspecto da gymnastica sueca*

(Clichés do snr. Alberto Marreca)

A Guerra Europeia

Canhões tomados aos allemães pelos francezes na Alsacia e expostos em Belfort deante do monumento de Mercier

Hydroaviões allemães que vigiam os movimentos da esquadra ingleza no Mar do Norte

Uma columna franceza dirigindo-se á fronteira

Uma peça em perigo

Um soldado francez ferido em campanha

Um projector electricto francez installado em um automovel provido de uma peça de artilharia

O general francez Joffre + com o seu estado-maior

PROPRIETARIO
Joaquim Antonio Pereira Villela.
DIRECTOR
Dr. Francisco de Sousa Gomes Velloso.
EDITOR
Antonio José de Carvalho.
ADMINISTRADOR
Clemente de Campos A. Peixoto.

Illustração Catholica

Revista litteraria semanal de informação graphica

Redacção, administração e typographia
83, R. dos Martyres da Republica, 91
BRAGA

CONDIÇÕES D'ASSIGNATURA
PAGAMENTO ADEANTADO)

Portugal e colonias (1 anno) . .	2$400
» » (6 mezes) .	1$200
» » (3 mezes) .	600

Á cobrança feita pelo correio ou pelo cobrador, accresce o importe das despezas.

Estrangeiro (1 anno)	3$000
» (6 mezes)	1$500
Numero avulso	60

Numero 67 Braga, 10 de outubro de 1914 **Anno II**

ILLUSTRAÇÃO CATHOLICA

Revista litteraria semanal de informação graphica

Proprietario, Joaquim A. Pereira Villela. Director, Dr. F. de Sousa Gomes Velloso

EDITOR
Antonio José de Carvalho.

ADMINISTRADOR
Clemente de Campos A. Peixoto.

Braga, 10 de outubro de 1914

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E TYPOGRAPHIA
83, R. dos Martyres da Republica, 91
Não se restituem os originaes

Numero 67—Anno II

Soldados inglezes brincando com creanças francezas n'uma das cidades reconquistadas aos allemães no norte da França

Chronica da Semana

LXVI

OUTOMNO! A luz do teu sol aquece, não abrasa, tempera, como se fosse velada por nuvens tenues. E' mais fresco o respirar das tuas manhãs!

Os teus crepusculos doces e melancholicos, são mais espirituaes. Outomno! és a penumbra que passa...

Os verdores apagam-se. Vão-se tingindo as arvores humidas, de tons amarellidos e violaceos que se fundem n'uma harmonia maravilhosa, de reflexos aureos e acobreados. E no brando ar das tuas noites calladas fluctua um mystico alento que convida a sonhos nostalgicos...

Outomno! Mas como és differente, agora! O verão preparou-te um berço ensanguentado, legou-te a guerra mais cruenta entre quantas teem aparcellado o transito dos seculos.

Ah, outomno! Outomno de 1914! Estação bemdita feita para o pão, para a meditação de altas ideias, para a confraternisação no trabalho! O amarellecer das tuas folhas faz lembrar a face esqualida dos cadaveres dos milhões e milhões de homens que vão a cantar para a morte, calcando a terra da patria, virgem até hoje da furia das suas discordias! Outomno, sobre o plano dos teus dias serenos e das tuas noites religiosas, revoluteiam e silvam as tempestades humanas, que as gerações vindouras não poderão esquecer jamais!

E nem a corôa ducal dos teus chrysanthemos velludineos se abrirá esplendida e piedosa sobre o leito dos teus mortos!...

Porque a guerra de hoje carece do brilho de antigos tempos. Já não se combate com armas bellas e poeticas divisas abertas a buril na lamina branca das espadas, repartindo cutiladas e invocando a Deus. Já, no largo espaço de uma e outra batalha, se não gosa a delicia de ir beijar a mão nevirosada da castellã que ficou esperando o cavalleiro, debruçada sobre o peitoril da janella olhando a estrada branca e os montes circumpostos!...

A guerra de hoje não consente o bellico prazer de ir beber e amar na terra conquistada. E' uma tarefa fatigante, em que se não póde brilhar pelo arrojo d'uma loucura heroica. Apoz continuas marchas, encurralado n'uma trincheira, disparando não sobre outro inimigo mas sobre as vagas fumaradas do canhoneio, o soldado avança ou retrocede sem saber porquê, ignorante do resultado do seu esforço e do conjuncto da batalha. E quando uma balla de repente o colhe, alli cae o soldado, n'aquella cova que ao mesmo tempo lhe serve de reducto e de tumulo. Um numero unido ao cadaver — e eis tudo! O seu nome, a mãe que o chora, os affectos que anceiam a sua vinda ao lar, resumem-se, perante os calculos dos Estados-Maiores, n'um algarismo, que pode ter mais zeros que unidades...

— E' para esta carniça hedionda, leitor, que o governo vae atirar dezenas de milhares de portuguezes.

Elles, os homens d'Estado, que pretendem dar ao regimen, que não á Patria, a sancção do sangue, imposta á força, ficarão lendo os mappas. Os portuguezes vão ser apenas a *chair au canon*.

...Partirão. Nós saudamo-los com o brado dos gladiadores nos circos romanos. Para elles toda a nossa saudade, porque vão para a guerra, defensores d'uma patria estranha, em nome de um principio que não é o seu, emquanto, abrigados pelo seu individualismo egoista, que lhes faculta a voluntariedade do serviço militar, uma boa porção de subditos britannicos, fica nos *bars* tomando *Wisky* e rouquejando de longe pragas á Allemanha...

Mães de Portugal, perguntae nos regimentos qual os numeros que na fileira da morte representarão os nomes dos vossos filhos — aquelles nomes que os vossos labios repetem quando ciciam preces, ao badalar das *Avé-Marias!* Quem sabe se os tornareis a ver ou a ter noticias d'elles!...

F. V.

VIDA INTENSA
(PAGINAS D'ALEM FRONTEIRAS)

MELANCHOLICAMENTE, na meia penumbra da tarde, n'um canto tranquillo d'aquelle salão discreto, entre tapeçarias velhas e recordações amargas, o imperador olha pela janella rasgada para a paisagem, os canteiros geometricos de Schoeubrun e pensa, tristemente, no seu arrevesado destino. Todo aquelle scenario quieto, romantico, tocado de sonho e de mysterio, parece ser a phisionomia tranquilla d'uma nação satisfeita, que termina, cançada mas sem preoccupações, o seu dia trabalhoso mas feliz.

Aquella quietude, aquella mansidão immensa, dominadora, que nada perturba n'aquella paisagem modorrenta, sem a diversão dos novellinhos de fumo, que são o claro escuro dos crepusculos minhotos, envolvem o velho imperador d'uma tristeza mortal. Elle sente-se só, horrivelmente só, no meio das suas tristezas, das suas responsabilidades, das suas recordações!...

GEREZ—Um passeio a Pedra Bella

Alli não chegam os echos sangrentos da Galitzia em ruinas, os clamores da Bosnia sublevada, as lagrimas dos estados opprimidos, a visão macrabra d'um povo, que avança, tresloucado, para a morte e para o fim...

Francisco José entretanto, vê tudo, sente tudo aquillo, advinha, realiza, reconstitue o fim amargo e incerto da sua vida incerta tambem. Tira da sua alma, exposta ás provações mais dolorosas, as recordações da sua vida amargurada, que a providencia prolonga para que seja a testemunha viva e soffredora, das maiores desgraças e relembrando o que viu e soffreu, os desastres da sua familia,—

Relello Jor

principes tresloucados d'amor em aventuras pelo mundo, humilhações, grandezas, desastres, heroicidades, mortes, todo o cadastro tragico d'essa familia exposta ás maiores provações, mal pode dominar as lagrimas que lhe arrasam os olhos e que são um consolador lenitivo, n'aquella hora melancholica e triste do entardecer.

Com amargura, repassa o desmembrar da sua casa e da sua familia, que elle amou com orgulho e que sob a aza negra d'um destino fatal se vae arrastando e soffrendo pela vida, como se o fausto, a riqueza, a alegria dos sorrisos e ducados, fossem a mascara mais sinistra d'uma dôr abafada e n'aquelle mesmo salão, entre papelarias velhas que relembram grandezas, sob aquelles mesmos tectos doirados, que outr'ora cobriam alegrias e miserias, na feeria dos lustres e das joias, das rendas e dos velludos, o imperador liga tudo isso ao seu extranho destino e arripia-se, gela, pensando que a mesma aza sinistra que foi o desastre dos seus, cobre como um presagio de morte os seus estados até agora felizes, o seu povo admiravel que a sua mão vae empurrando para a gloria ou para o fim.

Agora de longe, um clamor de vozes juvenis que a liturgia das canções guerreiras, melancholisa e envelhece, chega n'um extertor, até junto ao pobre velho... São as creanças de Vienna, que pelas ruas da cidade, imploram o auxilio do céo, cantando religiosas canções, d'uma toada triste, que alli chegam como supplicas desesperadas, que são o explodir de tantas dôres, o symbolo amargurado de tantas agonias, mas a certeza tambem de que esse grande povo, consciente do seu dever, não tem uma praga, um insulto, um gesto de desespero, mas resignado e heroico, exposto aos maiores sacrificios, caminha para triumphar ou para morrer.

Francisco José deixou a janella que espreita a paisagem melancholica e debruçando-se para o mappa do seu paiz semeado de bandeiras, a indicarem-lhe as operações, percorreu-o, triste, amargurado, o olhar incerto, vagueando e assim ficou penetrado da mortal tristesa do crepusculo, indeciso.

LISBOA — O lançamento ao mar do novo barco de guerra «Guadiana»
O «Guadiana» antes da cerimonia do lançamento

O «Guadiana» entrando na agua

(Clichés do nosso corresp. phot. de Lisboa)

vago, recolhido, n'uma amargura acerba, inexplicavel.

Entretanto quem olhasse o mappa, teria visto uma grande lagrima alastrando sob a mancha que indicava Vienna... Era o agradecimento simples mas commovedor, áquelles canticos que se tinham vindo augmentar-lhe a tristeza, com ella, consoladoramente, lhe tinham trazido tambem uma restea d'alegria n'uma tregua de desconsolo á sua vida amargurada a certeza de que o seu povo saberá morrer se a aza negre dos Hasdburgos não consentir que affirme, que tambem sabe triumphar...

JOSÉ DE FARIA MACHADO.

VIZEU — O venerando prelado da diocese com alguns ecclesiasticos por occasião da visita pastoral á freguezia de S. Pedro de France

No primeiro plano: S. Exc.ª Rev.ᵐᵃ o Senhor D. Antonio Alves Ferreira, tendo á sua esquerda o sr. Conego José Luiz d'Almeida, parocho da freguezia de France e á sua direita o sr. Conego Innocencio Galvão, secretario particular

No segundo plano, da esquerda para a direita: Os revs. Antonio de S. João dos Santos, Antonio Lima, Amandio Netto, Agostinho dos Santos Oliveira, Ricardo Faro, Adelino Lourenço de Mattos e Antonio Pires

PORTO==Collegio Almeida Garrett

Grupo de professores d'este importante estabelecimento d'ensino

ULTIMA PAGINA

A desvalorisação da vida

N'AQUELLA tarde o correio trouxe-me uma carta e um pequeno pacote registado. Acabava eu de chegar de um hospital de sangue. As faces dos feridos, — aquellas mocidades exsangues, rubras flores do sangue heroico, — produzido haviam em mim tal impressão, que tudo me parecia gritos de dôr e de raiva. Alli perto do meu quarto o mar cantava a elegia do sol poente — outro vencido que deixa-

PORTO — Collegio Almeida Garrett. Alumnos do curso primario com seus professores

va pelos campos glaucos do oceano, e pelos campos suaves do céo, o sangue das suas feridas mortaes!...

A carta era de um padre que abençoava os horrores da guerra. O pacote trazia quatro folhas arrancadas a um livro de notas e uma placa de cobre com um numero.

— Leia essas paginas, — dizia-me o amigo. São de um moço soldado a quem eu venho de dar a extrema-uncção perto de uma trincheira. Perdera a fé, lançou-se na voragem de Paris... A guerra acordou-o do torpôr dos prazeres. Nos salões chamava-se o conde B.... Na fileira tinha o numero d'essa placa de cobre. Rese por elle! Volto para o campo. Adeus!»

. . . .

Eis as paginas da carteira:

"*Vitry*, 30 d'agosto.

Alumnos da 1.ª secção (curso geral dos lyceus)

Desvaneceu-se no mundo aquelle espanto que sobreveio ao iniciar-se a guerra. Agora, já se recebem as noticias das batalhas com a serenidade experimentada dos veteranos ou com a curiosidade do espectador mais frivolo.

O caso do dia é a hecatombe e a desolação dos lares feita pelo ferro e pelo fogo, transformou-se n'um phenomeno natural.

O homem não é bem aquella pacifica besta a que Rousseau emprestava scentelha de divino genio e a clamide da pureza sem mancha!

Da mais funda calma passaram as nações para a guerra mais cruenta. E quanto tempo demandou a transmudação? Algumas semanas apenas. A vida perdeu o seu valor corrente. E' como uma moeda, de relevos puidos, escura, que as agencias cambiaes já não acceitam. E tanto cuidavamos d'ella!

A vida infundia-nos um respeito supersticioso, era intangivel, inatacavel. Para a mão que a destruisse, com o mesmo furor com que os iconoclastas britavam as cinzeluras dos marmores, pediamos todos o castigo da morte, porque era para nós o peor castigo a perda d'aquelle bem de que todos fallavamos com unção...

A vida era, emfim, o idolo e o fetiche da paz.

E, afinal, ella não vale nada! A estas horas, tombam na humida terra dos tumulos milhares de vidas. Os cadaveres são atirados para a cova hiante, aos montões, como vasculho que está tirando logar a novas victimas da desvalorisação da vida e da roçadoira da metralha!

E vêde bem: os povos que mais a amavam, aquelles que procuravam anciosos um prazer inedito e estheniante para cada um dos seus dias, são tambem os mesmos que agora d'ella mais desdenham.

Hontem, milhares de homens libavam nos *cabaretes*, estorciam-se nos braços de mundanas, repetiam as scenas vergonhosas das bacchanaes do imperio ou as figuras de-

PORTO — Collegio Almeida Garrett. Alumnos da 6.ª e 7.ª classe

Pavilhões e um trecho do recreio do collegio

gradantes dos frescos desenrolados nos muros de Pompeia. As portas do além eram cerradas e guardadas pela policia, afim de que a interrogação dos mysterios do mundo não a transpuzesse e não viesse roçar a sua aza negra pela fronte pallida dos *jouisseurs*, que viam no crispar da sensação mais requintada o tremeluzir do supremo ideal e do desejo mais alto.

Hoje, ao affixarem-se os primeiros *placards* annunciando o prologo do grande drama da guerra europeia, — toda essa humana mole que cansava os nervos, enlanguescia sobre coxins, e atirava a gargalhada do seu desvairo libertino ao azul mystico do céo, — se ergueu frenetica, e saccudindo os membros lassos, desfolhou a ultima camelia branca, trocou o *smoking* pelo fato de *kaki*, e correu a alistar-se nos boletins da morte!...

Elles sonharam morrer tarde, muito tarde, entre o padre, o medico e o boticario, ouvindo entre o ralar das agonias o soluçar dos que os amavam, vendo, se vêr podem ainda os olhos desvidrados pelos febres mortaes, faces de mulheres regadas de pranto.

E a guerra vem dizer-lhes que não valia a pena sonhar uma tal morte, que se pode morrer d'outra maneira, o que no fim de contas vale o mesmo!

Dentro de algumas semanas a natureza mudou de aspecto. No velho continente passa um novo espirito.

O grande anhelo é matar... morrer? Pouco importa!

Vive la tombe!„

F. D'ALMEIRIM.

MATHOSINHOS — A festa de S. Bartholomeu

O povo a caminho do arraial

"A filha da punição„

ERA assim chamada em Saint-Malo, em 1810, uma mocinha de 18 annos, cujo verdadeiro nome era Mar-

Um aspecto do arraial

(Clichés de J. d'Azevedo, phot. da «Ill. Cath.»)

Lixa—Inauguração da nova linha ferrea

Chegada do comboio inaugural á Lixa

garida Breuilh. Era filha de Thiago Breuilh, o calafate, que não achando já emprego nos estaleiros do porto, por causa de uma circumstancia que vamos contar, se fizera contrabandista. Margarida possuia uma grande belleza. Aquelles que a viam, não sabiam, porém, a sua historia. Vestia pobremente; o seu vestido de fazenda grossa, preso á cintura por um pedaço de corda, assentava-lhe melhor do que os de cassa e de seda no corpo das mais afortuna-

Aspecto da recepção feita em Felgueiras

das; os seus longos cabellos loiros cahiam-lhe soltos sobre os hombros, pudicamente velados e tinham um reflexo quente de ouro velho.

Quando a fitavam, os seus grandes olhos azues, limpidos e doces, não desciam. Roçava-lhe os labios um sorriso melancholico.

—Depois, começava a cantar em voz suave e triste ao mesmo tempo, que só de a ouvir chorava.

Era minha mãe quem assim dizia.

O seu canto, porém, era exquisito. As palavras cahiam indistinctas, — cantar de mulheres de marinheiros, olhando ao longe o mar, que confunde no horizonte a linha trémula das suas aguas com o sombrio azul do céo da Bretanha. Era talvez um cantico desconhecido, uma prece... Mas, pouco a pouco, a sua voz crescia; as palavras accentuavam-se e tornavam-se mais

Entrada do cortejo na Lixa

Grupo de convidados que tomaram parte no almoço offerecido pelo Ex.mo Snr. Dr. Eduardo Augusto S. de Freitas

(Clichés de J. d'Azevedo, phot. da «Ill. Cath.»)

intelligiveis. Então a emoção gelava no coração d'aquelles que a escutavam; e o horror empolgava o enternecimento.

E emquanto entoava este estribilho horrivel que o povo costumava uivar, durante o Terror, em volta dos cadafalsos, os olhos azues de

ESPINHO—Festa de Nossa Senhora d'Ajuda

Chegada d'um comboio conduzindo romeiros

Eis o que Margarida, já presa de loucura, cantava:

Du sang, du sang, du sang!
Versons à boire à la machine.
Pour abreuver la guillotine,
Il faut du sang, du sang, du sang.

Margarida levantavam-se puros para o céo!

O seu bello rosto espelhava angelica doçura e a voz melodiosa e penetrante tinha vibrações cheias de encanto.

Um tal contraste fazia estremecer.

Um aspecto da romaria

Emquanto era dia, assim corria sósinha, a cantar, pela praia. Não a assustavam as tempestades. Viam-na ás vezes, no mais forte do temporal, escalar ligeira como um passaro, as escarpas do forte, suspendia-se na aresta dos rochedos e o furacão embalava-a, as vagas espumantes vinham-lhe acariciar os brancos pés, e as gaivotas estendiam as longas azas e soltavam os seus gritos tristes, a que se vinha juntar o terrivel estribilho pedindo sangue.

A maré enchia. Então subia á ponta aguda do rochedo; sentava-se, descançava a cabeça na mão, o vento saccudia-lhe para o rosto os longos cabellos e ella apparecia, de longe, como uma estatua, erguida sobre um pedestal gigante.

De tarde não voltava para casa. Onde passava a noite? Ninguem o sabia. Contava-se assim a lugubre historia do seu nascimento:

PAULO FÉVAL.

(Continúa).

ESPINHO—Andor de Nossa Senhora d'Ajuda

O pallio

(Clichés de J. d'Azevedo, phot. da «Ill. Cath.»)

NOTAS do ESTRANGEIRO

A REVOLTA NO MEXICO

O general Carranza,

chefe do partido constitucional e actual presidente provisorio da republica do Mexico

O general Carranza dirigindo uma allocução patriotica ao povo, das janellas do Palacio Presidencial, no dia da sua entrada victoriosa na cidade

O general Huerta,

ex-presidente da republica do Mexico que abandonou aquella capital ao triumphar o partido constitucional dirigindo-se aos Estados-Unidos onde embarcou para Hespanha

A GUERRA EUROPEIA

Uma bateria de artilharia franceza dirigindo-se á linha de fogo, para entrar em lucta com o inimigo

BELGICA — As damas da Cruz Vermelha belga e as irmãs da Caridade tratando quatro feridos allemães, no hospital de Malines

BELGICA — As tropas inglezas entrando em Ostende

BELGICA — O Museu de Malines destruido pelas tropas allemãs

BELGICA — A occupação de Bruxellas pelos allemães. O exercito allemão na grande praça da capital belga momentos antes de effectuada a occupação

O general belga Leman, heroico defensor de Liége

O general von Ermmich que dirigiu as tropas allemãs no assalto de Liége

Forças de infantaria allemã fazendo fogo sobre o inimigo

Vigiando os movimentos do exercito allemão

Uma carga de cavallaria allemã

Habitantes de Lovaina expulsos pelas tropas allemães antes da destruição da cidade

PROPRIETARIO
Joaquim Antonio Pereira Villela.
DIRECTOR
Dr. Francisco de Souza Gomes Velloso.
EDITOR
Antonio José de Carvalho.
ADMINISTRADOR
Clemente de Campos A. Peixoto.

Illustração Catholica

Revista litteraria semanal de informação graphica

Redacção, administração e typographia
83, R. dos Martyres da Republica, 91
BRAGA

CONDIÇÕES D'ASSIGNATURA
(PAGAMENTO ADEANTADO)

Portugal e colonias (1 anno) . .	2$400
» » (6 mezes) .	1$200
» » (3 mezes) .	600
Á cobrança feita pelo correio ou pelo cobrador accresce o importe das despezas.	
Estrangeiro (1 anno)	3$000
» (6 mezes) . , . . .	1$000
Nnmero avulso	60

Numero 68 Braga, 17 de outubro de 1914 **Anno II**

Chronica da Semana

LXVII

O republicanismo jacobino á força de querer crear no sentimento da nação uma serodia sympathia pela terceira republica franceza, que de forma alguma lhe é tradiccional, começa de exigir de mais,—e possivel é, que a um decreto ordenando uma mobilisação a 200 contos por dia, se siga em Portugal um d'aquelles gestos, com que Raphael Bordallo expressava quasi sempre a má vontade do seu inimitavel Zé Povo...

A nação está tão desilludida da sua grandeza, como descrente dos proveitos que de um sacrificio sangrento por fingido amor da França revolucionaria lhe poderiam advir e que haviam de ser tantos como os que ella tem colhido d'estes *luminosos* quatro annos de redempção politica.

De resto, todos os enthusiasmos se esfriam quando os verdadeiros motivos das hostilidades europeias se põem a claro.

A França — e não se horrorisem os puritanos — só na derrota terá a sua salvação, só o desastre lhe dará maiores beneficios. A victoria das armas francezas, pagas por Caillaux, o plutocrata assassino, commandadas por Joffre, um dos mais notaveis I.'. do Grande Oriente, trará comsigo não o triumpho da nação no que ella tem de Joanna d'Arc e S. Luiz, mas a victoria de todos os Briand, Clemenceau, Guesde e Hervé, que malbarataram quarenta annos das energias nacionaes n'uma perseguição religiosa tão infame como criminosa, e collocaram a França em frente da Allemanha na situação critica do soldado sem armas. A victoria será emfim, para a França, o triumpho do sectarismo. Bismarck nunca consentiu que em França se proclamasse a monarchia porque ella fornecer-lhe-hia a unica coisa que sob o ponto de vista politico, falta á nação franceza, uma cabeça.

O chanceller tratou sempre de fomentar e alentar o estabelecimento de uma republica *humanitaria e pacifista* que esquecesse depressa a annexação da Alsacia-Lorena. A traição de Gambetta está hoje comprovada. Que a terceira republica esquecera as duas provincias, não ha duvida tambem se recordarmos toda a chateza das declarações do governo de Viviani quando a Allemanha, pela bocca do barão de Schoen, punha a questão da guerra na ultima syllaba de cada uma das suas phrases. O governo francez, que n'essa hora devia saudar a *révanche* com a mesma calorosa esperança com que a saudava a nação inteira, preferiu representar um commodo papel de hesitante, preferindo cahir sob uma humilhação a tomar, altivo, a responsabilidade de um gesto guerreiro que lhe arrebataria da cabeça o barrete de dormir do pacifismo!

A'manhã, na hypothese da victoria, esse execrando Hervé que amollentou nas fileiras o ardor e a disciplina, esse criminosissimo Hervé que prégou o anti-militarismo — que na essencia não é mais do que doutrina fatidica da humilhação e da vergonha deante da Allemanha; esse mesmo Hervé, que envergou a farda, voltará á politica a fallar de patriotismo, a cobrir de patriotismo, outra vez, a sua campanha demolidora!... E a França continuará, victoriosa (?), sob o regimen que fez Agadir e fez o Panamá?

— E a derrota da França, que lhe dará? A derrota será (não temam o paradoxo!) a melhor das victorias!

A França carece de uma provação mais funda que n'ella provoque um gesto de desespero que faça com que ella em massa se dirija ao Elyseu, varra de uma só vez *les radicaillaux* e reponha no governo toda a organisação politica que a fez grande e eterna na historia.

Não se admirem, pois, os leitores, de que eu, que amo a França, como irmã mais velha no pensamento latino, deseje para sua salvação e sua gloria, — antes uma derrota que a resurja, do que uma victoria que lhe adormeça os brios, e que ella terá de ir agradecer não a Castelnau — mas a Dreyfus!...

F. V.

VIDA INTENSA
(PAGINAS D'ALEM FRONTEIRAS)

VAE ser decretada a mobilisação geral.

Se a imprensa vivesse por ahi, livre de humilhações e de violencias e pudesse livremente apreciar os acontecimentos, seria curioso relatar o que pelos centros internacionaes se rumoreja acerca da situação de Portugal, em flagrante evidencia, agora, com as medidas bellicas do governo.

Infelizmente, coactos como todos estamos, não se pode fallar claro, sem perigo de qualquer democratica medida de silencio e por isso, resigno-me a falhar-lhes hoje das searas que estremecem no ultimo lampejo de vida ou na epica gloria do sol, que doira as arvores tristes e as serranias distantes, cortadas de ribeiros murmurantes e semeados das ultimas flôres, para que não vá incorrer no desagrado olympico de qualquer tribunal da inconfidencia. Gostaria desatar-lhe os fios d'essa comedia, que se vem cordealmente representando na chancellaria do Terreiro do Paço, adonde *alguem* faz o

PORTALEGRE—Um grupo de catholicos na serra da Penha

(Cliché do phot. am. sr. J. J. Antunes Lopo)

typico papel de *soubrette* e anda a atirar á cara dos *freguezinhos bons* mercadoria que lhe não pediram...

Não e não. Faltava á natural prudencia do chronista, faltava á promessa tenaz, que formulei no encabeçar d'estas linhas, de pôr a politica absolutamente de lado.

Divaguemos então. A intervenção da Turquia no conflicto internacional vem dar um aspecto novo ao desenrolar facil dos acontecimentos. Evidentemente a Russia, com todo o bellico furor dos seus cossacos, vae ter a necessidade imperiosa de distrahir as suas attenções, dos campos sangrentos da Prussia Oriental. E' mesmo este o *desideratum* da Allemanha.

Contando accionar de rijo (permitta-se-me o extrangeirismo) antes que as neves cubram a *steepe*, a Allemanha tem a pesar tambem

Rebello Jor

PORTALEGRE—Monumento fim do seculo XIX, levantado na serra da Penha
(Cliché do phot. am. sr. Anselmo A. d'Oliveira)

a natural distracção de forças que a attitude bellica da Turquia vae determinar e procurará dar golpe fatal, para que possa descansadamente vir liquidar á França a sorte indecisa dos exercitos de Joffre, em pleno triumpho, segundo os jornaes, mas tendo ainda como solida garantia, no meio dos alliados, o corpo poderoso d'exercito, que Gallieni pretendeu envolver mas que intacto ficou, como uma cunha ameaçadora no meio das linhas francezas.

Falla-se já da revolução balkanica como resposta ao gesto aguerrido da Turquia. Entretanto os alliados, hesitam perante o novo perigo e podem, de um momento para outro, mudar de tactica, o que seria a sua ruina. Os Balkans, convulsionados como estão, cheios d'ambições, d'odios, de desejos, fracamente virão a intervir. Até o cantinho d'Albania, depois de ter enxotado aquelle loiro e soffredor principe de Wied, se remexe e agita, ante o manifesto audaz de Essed Pachá. A Turquia vae, pois, um pouco com a impunidade. A Italia, obsecada na sua conveniente neutralidade, não irá remexer a fogueira sangrenta tanto mais, que terá que deslindar ainda, a intervenção mascarada na Albania, que promette muito e muito. A intervenção turca retardada, em atrazo já, é indubitavelmente um triumpho da diplomacia ingleza. Sir Grey venceu retardando-o tanto tempo.

Entretanto a intervenção é um facto como a querer demonstrar que n'esta epoca egualitaria que vamos correndo, palavras são ainda palavras afinal...

JOSÉ DE FARIA MACHADO.

FIGURAS DA BEIRA

(SEGUNDA SERIE)

Visconde de Guedes Teixeira

VI

O Visconde de Guedes — e será isto uma especie de these nossa — realizava tantas obras graças á habil valorisação da sua emergencia politica. Se Fon-

Copia da flor de lotus que o ex.mo sr. Dr. Campos Monteiro, distincto clinico do Porto e mimoso poeta, offereceu a Mgr. Airosa, benemerito director do Collegio de Regeneração, por occasião da sua visita áquella casa de caridade. A aguarella em miniatura é obra do distincto artista sr. Alfredo Marçal Brandão

tes fizera, dos melhoramentos materiaes do paiz, uma especie de escudo para o seu messianismo, no Visconde de Guedes não imperava jámais a megalomania, podendo affirmar-se, dentro d'uma consciencia tranquilla, que á politica se devotara principalmente por amor a Lamego.

E não pretendo, com isto, isenta-lo de apaixonado e, por vezes, um tanto capaz de narcizar-se no, aliás, formoso espelho da sua obra collossal e bella. Como todos os homens publicos, incluindo os mais honestos, Braancamp, o Bispo de Vizeu, Barros Gomes, Hintze, Antonio de Serpa, etc., teve as suas horas de excessiva complacencia comsigo proprio, e de irritada represalia partidaria. A isso o levavam as hostilidades, cruas e vociferantes, da opposição, injurias, aleives, sarcasmos, odios negros da impotencia e do infecundidade. O esteril, ou mediocremente fecundo, odeia perpetua e ferozmente quem trabalha e produz.

Tambem a alguns desmandos o compelliam, e muito logicamente, os exaggeros e ambições de alguns correligionarios, comidos de politiqueira até á medula e indispensaveis, afinal, na solidez e victoria da regedoria regeneradora.

Mas, fallivel como todos os humanos, nunca os defeitos, proprios e do ambiente, lhe adulteraram as nativas qualidades.

No intimo, o que Guedes Teixeira pretendia era agir em beneficio de Lamego, elevando a sua terra a tal culminancia, que — oh velho sonho dos lamecenses! — Vizeu empallidecesse, curvasse abatidamente a fronte que apruma ao pé do Caramullo, a deixasse cahir das mãos convulsas o bastão da chefia do districto.

Para isso, é que Guedes Teixeira conquistava, ou a presidencia da camara municipal, ou o juizado da Irmandade de Nossa

ILHA TERCEIRA. (Açôres) —
1 — Grupo tauromachico constituido por alguns dos mais distinctos rapazes de Angra do Heroismo.
2 — Uma tourada promovida pelo mesmo grupo. As cortezias feitas pelo distincto cavalleiro snr. Thomé de Castro.
3 — A lide a cavallo.

mos annos, emquanto o espirito póde dominar o organismo, foi muito outro do que teria sido, se estivesse entregue apenas ás taras ancestraes.

E eu não sei de maior, de mais tocante e justa gloria para um homem.

Ao mesmo tempo, deploro deveras os muitos, com fama de perspicazes e cultos que, batalhando ao pé de homens assim, os julgam super-homens só quando vencem, e se espantam do barro humano dos seus quasi idolos, ao vêrem-nos cahir, n'um golpe tragico, esmagados por uma especie de fatalidade, reprimida, afinal, á custa de muito suor e de muitas lagrimas, com abnegação e ardor.

ILHA TERCEIRA. (Açôres)—Um aspecto das bancadas reservadas ás senhoras (Clichés do phot. am. sr. A. J. Leite)

Comtudo, Guedes Teixeira foi — e até n'isto lembra Fontes — quasi sempre bem comprehendido, auxiliado e amado por correligionarios que, sem hyperbole, se podiam intitular devotados amigos.

PORTO—Uma festa no Bomfim

A egreja do Bomfim onde se realizou a festa

A venda de melancias por occasião da festa

(Clichés do pht. am. sr. Clemente Gomes)

Senhora dos Remedios, a provedoria da Santa Casa da Misericordia, o destaque na Junta Geral do Districto, da qual foi presidente, a representação do circulo de Lamego em côrtes, etc., etc.

Para isso, realizou Guedes Teixeira ainda uma das maiores victorias humanas— vencer-se a si proprio no que tinha de impulsivo e morbido, canalizando tambem as suas forças physicas, mentaes e moraes, que até aos seus ulti-

Nunca, nas batalhas campaes da sua vida publica, notou uma defecção de valor, uma traição repugnante.

Quando elle dava o signal de guerra, as dissidencias secundarias dissolviam-se como nullidades combatentes, cerravam-se unanime-

mente as fileiras, e o general contava tanto com os capitaes como com os soldados. Depois, era de ver o impeto contido pela melhor disciplina, a fé junta á devoção mais enternecida. Nem uma covardia, nem uma imprudencia da responsabilidade real de qualquer dos partidarios. Se n'elles predominava a audacia, por vezes a temeridade, taes eram na occasião, irreductivelmente, o espirito, o proposito, a vontade do chefe.

E por isso os regeneradores venciam e preponderavam.

E por isso os progressistas, aliás ufanos de ideias modernas, triumphavam apenas quando a sua força partidaria formava governo em Lisboa.

Mas este facto mais exasperava e hyperbolisava a lucta.

Os *artistas*, chefiados pelo Visconde de Arneiroz — um tudo-nada mediavel no aprumo e em alguns

1) LISBOA — O cruzador-couraçado francez "Dupetit-Thouars" que ultimamente entrou no Tejo para saudar a nação portugueza.
2) O commandante do cruzador francez tendo em volta a commissão de homenagem.
3) Um aspecto das manifestações em frente do cruzador francez.

(Clichés do nosso corr. phot. de Lisboa)

LISBOA — Desfile das forças de marinha na parada de cinco de outubro

costumes — desembestavam cóleras quotidianas e sangrentas, como se Guedes Teixeira fosse Tamerlan ou Attila. *O Povo*, dirigido por um jornalista primoroso, Antonio Osorio, collaborado pelo Padre Moura Secco e pelo então incipiente homem publico José d'Alpoim, desmandava-se em delirantes vituperios, em sarcasmos ferinos e destrambelhados, por vezes em felizes ironias nas quaes palpitava o espirito, machiavellico, mordaz, como que cynico, d'um intelligente negociante, Antonio Pinto Coutinho.

Guedes Teixeira replicava, ou mandava replicar, com muito mais branca luva, e ria ás vezes, desenfastiadamente, com alexandrinos como os que visaram o nariz do Chantre Placido de Vasconcellos, ou com os *sueltos* que, depois de frigirem o pequeno *Ri-qui-qui* — homem, aliás, de valor no trabalho, — se dirigiam a elle proprio, chrismando-o só em *Fedes*, quando o não pretendiam ferir no coração.

José Agostinho.

A prudencia aconselha que se não louve sem reserva um homem, antes da sua morte; nem um paiz, antes de o haver deixado.

LISBOA — Um aspecto da manifestação popular em frente da legação da Belgica

(Clichés do nosso corresp. phot. de Lisboa)

A Barca de Pedro

Agita-se furioso o mar encapellado,
Espumando, bramindo, erguendo imprecações,
Fazendo penetrar a dôr nos corações,
Fazendo esmorecer o nauta horrorisado.

Mas uma barca voga, ha seculos a nado,
Sem temer do gigante as feras convulsões.
Segue o marcado rumo. E fragas, cerrações.
— Todo o p'rigo se vê por ella subjugado.

Succedem-se, por tempo, a bordo os tripulantes
Que conduzindo vão ao porto os navegantes,
Cumprindo assiduamente essa missão d'amor.

E sempre vencedora, ovante, invulneravel,
Dotada pelo Céo de força incomparavel
Será a embarcação de Pedro, o Pescador.

Setembro de 1914.

ELVIRA NEVES PEREIRA.

PORTO—Exequias celebradas na Sé por S. S. Pio X.
Um aspecto das ornamentações feitas pelo snr. Alberto Pereira
(Cliché do sr. Alfredo Costa)

BRAGA—Grupo de creanças que fizeram a primeira communhão na capella de S. Victor-o-Velho depois de convenientemente instruidas na catechese alli estabelecida pela benemerita Associação Catholica. Ao lado o rev. Conego Novaes e Souza, digno presidente da mesma associação

Um casamento elegante

Na capella da Quinta da Castanheira, freguezia de Villa Boa, concelho de Barcellos, propriedade do snr. Visconde de Godim, realisou-se ultimamente o enlace matrimonial de sua interessante filha, snr.ª D. Antonia de Menezes Verney de Castro Casado Geraldes Cardoso da Silva com o snr. Simeão Luiz Maria de Noronha Porto, filho do snr. João Maria Coelho de Vasconcellos Porto e da snr.ª D. Anna Maria de Noronha.

Antes do acto religioso, organisou-se no salão nobre da casa um brilhante cortejo no qual se incorporaram todos os convidados seguindo á frente a noiva conduzida por seu pae o snr. Visconde de Godim e depois o noivo que conduzia pelo braço a snr.ª Viscondessa de Godim.

Na capella lançou a benção nupcial o venerando Bispo do Porto, D. Antonio Barroso, acolytado pelos revs. Augusto Cunha, parocho da freguezia e Albino Faria, capellão da casa, servindo ás lavandas os snrs. D. Thomaz de Vilhena, Dr. Francisco Ferreira de Lima e Dr. Joaquim Urbano Cardoso e Silva.

A' chegada do Exc.mo Bispo do Porto

Durante a ceremonia religiosa as irmãs da noiva cantaram, com muito sentimento, varias composições sacras sendo acompanhadas a orgão pelo distincto professor portuense snr. Eduardo da Fonseca.

Terminada a ceremonia organisou-se um cortejo em direcção á sala de jantar onde foi servida uma excellente refeição fornecida pela conceituada confeitaria Oliveira, do Porto.

Aos noivos foram offerecidas valiosas prendas.

Desejamos-lhes muitas felicidades.

O noivo

A noiva

O cortejo a caminho da capella

No primeiro plano, a noiva, pelo braço de seu pae o Exc.^mo Visconde de Godim. No segundo plano, o noivo conduzindo a Exc.^ma Viscondessa de Godim

Continuação do cortejo a caminho da capella

Regresso da capella: á frente os noivos

Regresso da capella: outro aspecto do cortejo

No fim da ceremonia religiosa

Grupo de convidados depois da refeição

Prendas offerecidas aos noivos

(Clichés do dist. phot. snr. Augusto Soucasaux)

BELGICA—Lovaina. A praça da estação, na qual se levanta, no meio de minas, a estatua de Weyer, um dos chefes da revolução belga de 1830

BELGICA—Lovaina. Os edificios da camara municipal, egreja de S. Pedro e a Universidade em ruinas

FRANÇA — A povoação de Senlis arrazada pela artilharia allemã

FRANÇA — Aspecto de uma rua de Soissons depois de abandonada pelo exercito allemão

FRANÇA — Embarque dos soldados francezes feridos em campanha para serem transportados a Paris pela via fluvial

FRANÇA — Nos cemiterios de Paris — O povo depositando flôres sobre as campas dos mortos em campanha

A menina Maria Couceiro Falcão de Magalhães, gentil netinha do Ex.mo Sr. Dr. Couceiro da Costa, digno juiz do Tribunal do Commercio, do Porto, trabalhando ao ar livre

(Cliché do rev. Xavier d'Almeida)

PROPRIETARIO
Joaquim Antonio Pereira Villela.
DIRECTOR
Dr. Francisco de Sousa Gomes Velloso.
EDITOR
Antonio José de Carvalho.
ADMINISTRADOR
Clemente de Campos A. Peixoto.

Illustração Catholica

Revista litteraria semanal de informação graphica

Redacção, administração e typographia
83, R. dos Martyres da Republica, 91
BRAGA

CONDIÇÕES D'ASSIGNATURA
PAGAMENTO ADEANTADO)

Portugal e colonias (1 anno) . . 2$400
» » (6 mezes) . 1$200
» » (3 mezes) . 600
Á cobrança feita pelo correio ou pelo cobrador, accresce o importe das despezas.
Estrangeiro (1 anno) . . . . . . 3$000
» (6 mezes) . . . . . 1$500
Numero avulso 60

Numero 69 — Braga, 24 de outubro de 1914 — Anno II

ILLUSTRAÇÃO CATHOLICA

Revista litteraria semanal de informação graphica

Proprietario, Joaquim A. Pereira Villela. Director, Dr. F. de Sousa Gomes Velloso

EDITOR
Antonio José de Carvalho.

ADMINISTRADOR
Clemente de Campos A. Peixoto.

Braga, 24 de outubro de 1914

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E TYPOGRAPHIA
83, R. dos Martyres da Republica, 91
Não se restituem os originaes

Numero 69—Anno II

S. A. R. o Infante D. Fernando com sua augusta esposa S. A. a Duqueza de Talavera, depois de celebrado o seu enlace em Fuenterrabia (Hespanha)

Chronica da Semana

LXVIII

UM politico do paiz encontrou ha dias n'uma rua um Beltrão qualquer que lhe bateu no hombro, e resumiu algumas horas de reflexão n'esta phrase cortante: — isto assim não me agrada.

Não explicou o politico as razões que sustentavam uma tal phrase no cerebro do mysterioso Beltrão. Apenas se sabe que Beltrão pensou antes de a proferir, o que já é grande vantagem n'este momento grave para a nacionalidade, em que a concentração do espirito e o sopesar das ideias poucos cultores encontram . . .

Beltrão, porém, apresentado a publico por um chefe politico republicano, tem direito a ser escutado, tanto mais que a sua phrase reproduz de algum modo, o sentir da maioria.

Isto não me agrada é a synthese do pensamento nacional no momento que passa; repetem-a ao cabo de duas horas de philosophia todas as classes. *Isto* significa e abrange afinal o perigo da bellica aventura a que parecem apostados em atirar o paiz os governantes. Pedem as auctoridades que não se refiram os jornaes a ella, nem para a applaudir nem para a condemnar. Todavia é racional que a ninguem agrade, senão aos interessados na sua realisação para salvaterio de uma ordem de coisas já baptisada com sangue de adversarios politicos e que procura a consagração dos feitos d'armas e de heroicas mortandades para se apresentar deante do paiz com a corôa de loiros das causas martyres.

Não é agradavel ir lembrar ao burguez que em busca do pão dia a dia súa e tressúa, a eminencia de deixar a labuta quotidiana e a fome nos lares, para ir rebentar com um tiro ou dois n'uma trincheira. Ao soldado, embora elle use marcial aspeito, tambem agradavel não é partir para longe, acabar n'um momento os galões e o ordenado que tanto tempo levou a conquistar, o soldo amealhado, e a vida frugal de caserna . . .

Quando as gazetas annunciaram a partida d'uma expedição militar ás margens do Aisne, as praias como que emmudeceram. No formilhar das conversas, baixinho, o horror pairava. Uma tarde, uma menina galante, na Povoa, relanceando os bellos olhos pelo aspecto colorido do café-concerto, evocou triste: — dentro de dois mezes quantos vestidos de lucto substituirão estes vestidos claros? E a seu lado um *snob* commentou n'um bocejo, estupidamente; — a guerra é a morte . . .

Tudo isto, o desagrado geral de caminhar para a chacina, como bois, de melancholicos olhares para os açougues, aborreceu o paiz.

Aquillo que atraz narramos, ouvido n'um café, leva-nos a pô-lo em contraste com outras palavras cahidas de outros labios de mulher.

. . . Era uma senhora de edade . . . Trajava de lucto e se não ouviamos, nós os passageiros do electrico da Foz, os seus soluços era porque o estrepito do carro em marcha sobre os *rails*, os abafava.

Dentro em pouco umas senhoras, suas conhecidas, subiram para o carro e ao vê-la, chorosa e maguada, sentaram-se a seu lado e começaram de consola-la. Então percebemos tudo: a velha senhora, franceza, acabara de saber que em Charleroi, havia um mez, tinham morrido seu marido e seu unico filho.

A dôr golphava-lhe dos olhos, em lagrimas que eram o proprio sôro em que a sua alma ferida e angustiosa, se desfazia. De repente, volveu resignada e heroica:

— *Mais il faut, il faut, c'est pour la France!*

F. V.

VIDA INTENSA
(PAGINAS D'ALEM FRONTEIRAS)

DISSE algures Napoleão, que Antuerpia, era uma pistola certeira disparada ao coração da Inglaterra e agora, que a velha praça flamenga, — cercada das mais extraordinarias maravilhas de guerra e couraçada dos mais complicados systemas de defeza cahiu em poder dos allemães já a imprensa mundial, reeditando o sentido da phrase, diz vêr a Grãn-Bretanha ameaçada de terriveis perigos. Decididamente a tomada de Antuerpia constitue uma das *étapes* mais decisivas da guerra e se não é — como infelizmente não é—o golpe final d'essa horrivel carnificina, é pelo menos, o inicio sangrento do novo aspecto que o conflicto vae assumir. A esquadra allemã poderá já, com menos perigos, sahir a seu talante do seu refugio de Kiel porque a *Home fleet* a mais poderosa unidade de Sua Magestade Graciosa tem fatalmente, que remetter-se ao seu papel de guardadora das costas inglezas. A Inglaterra principia a estar sériamente ameaçada, porque é de prever, que os outros estados belligerantes, não partilhem do candido desinteresse... (diplomatico está bem de vêr) do sr. Asquit a reclamear a isenção do gabinete de S. James, no momento actual.

BARCELLOS—Membros da J. C. de S. Vicente d'Areias

Em Londres começou já o reinado do pavor. Desde o principio da guerra, que um pesadello terrivel pairava, denso como nevoa, sobre a velha cidade e nos theatros, nos *bars*, nos *restaurants*, nos *clubs*, por toda a parte emfim a mesma incerteza, o mesmo receio, que todos procuravam dissimular mas que raros calmavam, sobrenadava ameaçador. Os ultimos telegrammas referindo a tomada de Antuerpia, minuciando os detalhes sangrentos d'essa terrivel catastrophe, que destruiu uma das mais admiravsis maravilhas da moderna estrategia e converteu n'um mar de labaredas e de ruinas, uma magnifica cidade, foi a eclosão tragica do pavor que todos dominavam a custo.

Relello Jor

Pode a imprensa ingleza obstinar-se em não ligar importancia ao incidente, pode exgotar os mais habilidosos recursos, pretendendo convencer-nos de que o facto constitue uma vantagem para os alliados, que poderão fortalecer-se com a juncção das forças, que defendiam a praça, que não poderá calmar a sobreexcitação que domina em sombras de pavor, a alma anceada da população Londrina.

Ha dias já, que se não pensa mais do que na aza negra d'algum avião do Kaiser, que venha sinistramente despejar sobre a cidade em ancia, uma chuva macabra de metralha e de fogo!

BARCELLOS—Um trecho da procissão na festa do Coração de Jesus em S. Vicente d'Areias

BARCELLOS—O altar do Coração de Jesus
(Clichés do rev. Manuel d'Araujo)

A guerra vae finalmente enveredar por um caminho differente, como Londres, esquecendo a sua fleugma proverbial e a sua tradiccional frieza, anda de cara para o ar — ridicula quasi, no meio da sua anciedade justificavel — não, *a vêr a navios*, que isso é proprio da nossa gente, mas a vêr em cada nuvem, em cada flóco da neblina o Zepellin ameaçador . .

JOSÉ DE FARIA MACHADO.

Capellinhas em Portugal

ESPALHADAS por todas as nossas provincias, as capellinhas de Portugal são pequenos poemas de crença, a cantarem constantemente hymnos de fé.

Alfredo Pinto (Sacavem)
(Distincto escriptor)

Nas cidades, quasi que nos esquecemos d'ellas, mas quando todos os annos nos encontramos por esses atalhos, azinhagas, por esses campos verdejantes entre valles floridos, junto a fontes que entoam murmurios cadenciados de tristeza, passando ribeiros onde choupos se espelham nas suas aguas crystallinas, então lembramo-nos das ermidas risonhas, dentro da sua humildade, recebendo nas encostas os primeiros raios do sol.

Atravez da paysagem em que tudo nos falla, na sua linguagem simples e poetica, desde o chilrear da avesinha até á cantiga triste do cabreiro, não ha nada que desprenda de si tanto perfume de mysticismo como a solitaria capellinha sempre branca como a espuma do mar, na encosta ou no alto da montanha.

A capellinha sempre revestida de um aspecto risonho, ora junta ao cemiterio, ora isolada, domina geralmente um valle e quando olhamos para ella dá-nos a illusão que nos conta encantadoras lendas ou que nos indica que a suave crença popular nunca desapparecerá.

Capella de N. S. da Luz na estrada de Rio Maior

Capella em Sallir dos Mattos

As capellinhas serão os esteios da Fé, o alimento espiritual das almas portuguezas.

A capella é o ponto de reunião das festas aldeãs, das romarias, o adro é o logar onde se iniciam amores, é por alli que passará a cachopa mais formosa do logar. Um logarejo sem ermida é um corpo sem vida.

Quando á tardinha, á hora dos trabalhadores voltarem das fazendas, o sinosinho espalha pelo espaço os sons melancholicos das *Avé-Marias*, em que o sol derrama pelo céo os ultimos lampejos da sua brilhante luz, são momentos impregnados de tal belleza esthetica que raramente os romanticos comprehendem. O ar parece matisado de uma luz suave e os sons do sino lá vão echoar ao longe e perderem-se no infinito da realidade.

Cada capella é uma invocação á Virgem: n'esta aldeia vemos a imagem da Senhora do Carmo, mais além a Senhora da Luz, lá ao longe a Senhora da Agonia.

Em cada altar uma pequena luz de azeite espalha uma tenue claridade. Será promessa? Quantas vezes! A realisação de uma supplica, alguma afflicção, um rosario de lagrimas, uma dôr mitigada e quantas vezes mysterios d'amores profanos!

Respeitem essas capellinhas do nosso Portugal, não lhes toquem, não os profanem! Não serão ellas a fiel imagem da crença dos nossos avós, da nossa fé?!

São paginas rendilhadas de

Capella de N. S. do Populo no Hospital Rainha D. Leonor, nas Caldas da Rainha

(Clichés de Alfredo Pinto (Sacavem)

sonhos idealizados pela nossa imaginação de sentimentalistas.

São ellas a forma symbolica de milhares de corações a elevarem-se ás regiões do além, são invocadoras do sagrado nome de Maria Immaculada!

Não lhes toquem, não as profanem, nunca!

ALFREDO PINTO (SACAVEM).

Perfil de um rei

O Kaiser

FEZ precisamente dois annos que o imperador da Allemanha assistiu ás grandes manobras do exercito suisso. Foi este talvez o ultimo acto do seu extraordinario poder de sugestão, por manter a popularidade da sua figura historica. D'essa vez alcançou-o. O povo suisso, se não teve para com elle um vivo enthusiasmo, dedicou-lhe um movimento de curiosidade e de sympathia não disfarçado.

Agora que a sua individualidade pujantissima se poz em fóco illuminada pelo fogo dos canhões imperiaes, queremos dar aos leitores de *Illustração Catholica* alguns traços d'ella.

A figura do *Kaiser*, ao contrario do que por ahi se affirma, interessa fundamente aos inglezes. A seus olhos, Guilherme II não é sómente o chefe da nação rival, cujos progressos commerciaes, industriaes e maritimos representam para o imperio britanico uma ameaça incessantemente crescente; o inglez vê n'elle tambem o neto da rainha Victoria, e não esquece a attitude cheia de affectuoso respeito que elle sempre mostrou para com sua real avó. Disse Guilherme II uma vez que «os dois monarchas melhores e mais sabios que jámais existiram, eram a rainha Victoria e o imperador Guilherme I». E accrescentava: «Com taes antepassados devo dar um bom rei!»

Não se ignora tambem que ha muitos subditos britanicos que, desadorando por completo a politica de tergiversações de sir Grey, optam antes pelas generosas illusões de W. Stead e lord Haldane, e sonham uma approximação com a Allemanha, contando com o imperador para a realisar. Não é raro tambem encontrar em publicações inglezas artigos lisongeadores para a pessoa de Guilherme II.

POVOA DE VARZIM — Os alumnos do Collegio Povoense na praia prestes a recrearem-se com o oceano

Esperando os companheiros — *O menino Zeca esperando a hora do banho* — *Descalços pela beira-mar*

Resumindo um d'esses estudos, officiosamente publicado na revista *Strand*, eis o que escrevia um notavel publicista francez, alguns mezes antes da guerra:

«Em França, conhecemos melhor Guilherme II na politica do que no aspecto da sua vida privada. Vemo-lo sempre brandindo a espada e fallando da sua polvo-

Batendo o dente deante da objectiva

POVOA DE VARZIM — *Aguardando o signal de navegar ou mergulhar*

ra secca. Porém, detraz d'estes relampagos bellicos, esconde-se, ao que parece, uma natureza grandemente pacifica e longe de ser para a Europa um brandão de discordia como o vulgo o julga, (*) elle é, ao contrario, a mais segura garantia da paz.

Aguardando que a historia formule o seu juizo, reportemo-nos á phrase de lord Salisbury: — *Não ha sobre a terra homem mais erradamente apreciado do que o imperador allemão*„.

Seja porém, como fôr, é preciso reconhecer que o *Kaiser* tem uma altissima comprehensão dos seus deveres reaes e cumpre-os conscienciosamente; elle realisa o typo do soberano trabalhador. Diz-se que dorme quasi nada e os jornaes já contaram quão frugal é a sua vida em campanha. Em todos os palacios, o seu gabinete de trabalho fica ao pé do quarto de dormir, e quando a maior parte dos seus subditos ainda dormem a somno solto, já o imperador trabalha no seu escriptorio. E' um convicto adepto d'aquella theoria segundo a qual uma hora de trabalho de manhã, emquanto as faculdades cerebraes estão frescas, vale duas horas de labor, de tarde.

O que não quer dizer que ao voltar da Opera, não fique seroando, no exame dos despachos accumulados durante a sua ausencia.

(*) Sabido é já, pela publicação dos livros diplomaticos que a conflagração actual é devida simultaneamente a Nicolau II e a sir Edward Grey.

N. do auctor.

Collegio de Nossa Senhora da Conceição

Este importante e antigo Collegio de meninas, onde é ministrada uma optima educação, é sob todos os aspectos um dos mais perfeitos estabelecimentos congeneres do norte do paiz. A sympathica e benemerita Irmandade de Nossa Senhora da Consolação e Santos Passos que administra o alludido Collegio, applica os seus rendimentos annuaes na sustentação de alguns velhinhos pobres de ambos os sexos, que alberga cristãmente no seu Asylo de Mendicidade.

Bellissimas instituições, mui dignas do auxilio e coadjuvação de todas as pessoas de bem!

GUIMARÃES — Edificio do Collegio de Nossa Senhora da Conceição

PORTO — A ultima regata promovida pelo Club Fluvial Portuense

Um grupo de corredores e convidados a bordo da barca "Emilia"

A sua facilidade de trabalho é prodigiosa, como a de Eduardo VII: apprehende as questões com facilidade extrema e mal tem lançado os olhos para um documento, já lhe tem assimilado o conteúdo. Assim é que elle pode dar resolução a tudo e nem sempre os seus secretarios conseguem acompanha-lo, porque ás vezes, ainda não começaram uma tarefa e já se veem forçados a passar a outra.

Guilherme II não tem o espirito de methodo, que o rei Jorge V possue em grau supremo. Para este, a ordem está acima de tudo e não abordará nunca a segunda questão se a primeira ainda não estiver resolvida. O imperador, pelo contrario prende-se simultaneamente a meia duzia de assumptos: dicta uma carta a um dos seus ministros, pensando n'um negocio que concerne ao exercito ou á marinha, e, de repente, sem o menor aviso aos seus secretarios, passa a tratar d'este, abandonando aquella. O pensamento do imperador está em plena e continua effervescencia.

Segundo a supracitada revista ingleza, Guilherme II é um detestavel financeiro, qualidade esta que o imperador allemão é o primeiro a confessar; e apesar de consideraveis rendimentos pessoaes, vê-se muitas vezes atrapalhado em materia de finanças privadas...

A sua grande paixão é pela marinha e com razão pode orgulhar-se de ter dado á sua patria a bella frota que tanta sombra faz á nação britanica. Gosta do mar e nunca se sente tão feliz como a bordo do seu *yacht Hohenzollern*, onde vae tomar relativo repouso, se bem que alli receba pela telegraphia sem fios (sabe-se quanto Marconi deve ao imperador allemão no aperfeiçoamento da sua descoberta) noticias do continente. Todos os annos fazia um cruzeiro em companhia de sua filha Victoria Luiza, por quem tem particular affeição.

A musica e a pintura são cultivadas com zelo egual pelo *Kaiser*. Toca muitos instrumen-

Outro grupo a bordo da mesma barca

Meza do jury para a distribuição dos premios

tos e compõe musica. A bordo do *Hohenzollern* ha uma orchestra que executa programmas previamente organisados por Sua Magestade. A proposito, uma anedocta:

Ha annos, durante a execução de um trecho pela orchestra do *yacht*, o imperador perguntou bruscamente:

— Que medonha grazinada é essa?! — e mandou um official a informar-se do nome do auctor.

Ao cabo de alguns momentos o official voltou e, reprimindo a custo um sorriso, annunciou a Sua Magestade que o trecho era uma das composições imperiaes. Guilherme II ficou por momentos embaraçado e depois, olhando ao lado comico do caso, largou uma gargalhada. Mas o trecho desappareceu do reportorio.

PORTO — Tripulação do Club Fluvial Espozendense em corrida

Tripulação do Club Fluvial Villacondense

Tambem ha pouco tempo, os jornaees de modas trouxeram a noticia de que «o *Kaiser* escolhera os chapeus da imperatriz,..» Por aqui se vê o gosto que elle tem pelas coisas do *ménage*.

Uma das grandes satisfações do *Kaiser* é vestir um uniforme apropriado a cada ceremonia. Possue d'elles uma verdadeira collecção, de fazer inveja a todos os soberanos da Europa. Em cada um dos seus castellos, muitos aposentos lhe são reservados e tudo está organisado por forma que os creados de quarto logo encontrem aquillo que o imperador precisa. Cada fato completo, desde as esporas ás dragonas, está arrumado n'uma caixa especialmente construida.

Não se desloca sem levar innumeras bagagens. O rei Eduardo VII teve um dia a este respeito uma phrase de espirito, quando havia ordenado a construcção de novas installações no palacio de Sandringham, onde o *Kaiser* era esperado. Alguem da sua camarilha perguntou para que eram esses novos aposentos.

—Oh! para collocar as bagagens pessoaes de meu sobrinho, respondeu o rei com um sorriso caracteristico . . .

Eis alguns traços da original figura do *Kaiser*.

Podem suscitar sorrisos, mas não provam que Guilherme II não seja um grande rei nem obstam a que n'esta revista recordemos a profunda crença com que elle sabe alliar ao prestigio e á força da unidade politica do imperio as suas homenagens constantes ao emblema da Redempção humana:—a Cruz! . . .

Porto.

LOHENGRIN.

Tripulação do Club Fluvial Portuense, vencedora da Taça Rio Douro

PORTO — Tripulação do Club Fluvial Portuense ao chegar á baliza

"A filha da punição,,

(CONTINUAÇÃO)

EM 1793, quando Carpentier dizimava em nome da lei a população de Saint-Malo, Thiago Breuilh era um joven operario do porto, robusto e honrado. O trabalho abundava, por causa da folga que se dera no começo do Terror. Breuilh ganhava facilmente a vida.

Tinha uma esposa, bella e boa, a quem amava.

Era feliz.

O vento das doutrinas revolucionarias passára sobre Saint-Malo, e ceifara, como em toda a parte, uma multidão de cabeças.

Breuilh, sem saber porque, poz-se a detestar mortalmente os aristrocratas (apesar de lhes ter muitas vezes acceitado os beneficios) e sobretudo os padres, esquecido de que devia a sua felicidade a um respeitavel ecclesiastico, cuja mão caridosa sustentára a sua infancia. Não quiz lembrar que o abbade de Saulnier, cura de Saint-Sauveur, lhe servira de pae. Era um padre, e os padres eram uns scelerados.

Um dos vencedores recebendo o premio

(Clichés de J. d'Azevedo, phot. da Ill. Cath.)

Sua mulher, excellente dona de casa, estava mais enraivecida que elle, sabia de cór todo o psallerio republicano, e não deixava nunca nos dias de execução, de tomar o seu logar, muitas horas antes, ao pé da guilhotina, onde ficava a fazer meia sem perder uma malha, em quanto as cabeças rolavam. Ia ser mãe dentro em breve.

Breuilh nunca a deixava. Abandonára o trabalho para cuidar melhor de sua mulher a quem offerecia o apoio do seu braço para se dirigirem á praça das execuções.

Quando a machina acabava de funccionar, o par, bem unido, voltava para casa, fa-

LISBOA — A explosão na Companhia do Gaz

Os bombeiros atacando o incendio depois da explosão

zendo bellos planos sobre o futuro da creança que ia nascer.

—Se fôr rapaz, dizia Thiago, chamar-se-ha Brutus, como esse virtuoso cidadão da Italia, que atravessou o corpo de um capêlo romano com a sua espada...

—De um Papa! interrompeu a cidadã. Na Italia,—vês Thiago? são os Papas os tyrannos.

Thiago admirava a erudição superior da sua companheira.

LISBOA — Os feridos Nicolau Tavares e Manoel da Cruz na enfermaria de Santo Alberto

Claudio Pinto, empregado superior da Companhia do Gaz, victima da terrivel explosão

(Clichés do nosso corresp. phot. de Lisboa)

CARDEAL GASPARRI

Novo Secretario d'Estado de S. S. Bento XV

—Se fôr menina, continuava esta, chamar-lhe-hemos...

—Brutusa...

Não! Havemos de pensar... Será bonita, Thiago, muito bonita...

E havemos de tratar de que ella seja nomeada *Deusa da Liberdade*.

E os dois esposos puzeram-se a dançar a *Carmagnole*...

PORTO — Um aspecto da romaria de Nossa Senhora da Luz na Foz do Douro

Toda a gente conhecia o velho padre e queria vêr que cara elle faria no cadafalso. A guilhotina elevava-se no meio da praça, em frente ao tribunal revolucionario no logar onde puzeram depois uma estatua do valente tenente-general dos exercitos navaes Duguay-Trouin. Havia muita gente á roda do cadafalso.

O nosso par lá estava no costumado posto. No momento em que se abriam alas para deixar passar a carreta do réu, a cidadã Breuilh sentiu-se incommodada. Um heroico e poderoso esforço abafou-lhe os gritos. Esperou; o abbade Saulnier subia os degraus do cadafalso, mas de repente, um murmurio de descontentamento percorreu a assembleia. O executor não apparecia.

A cidadão Breuilh zangou-se.

—Que arrelia! disse ella.

—O carrasco passou o mar, dizia-se entre o povo, fugiu para Southampton porque não quiz levantar a mão contra Saulnier que em tempo lhe fez bem.

—Só faltava mais essa! replicou Thiago Breuilh, encolhendo os hombros.

Ninguem respondeu. O padre Saulnier fôra outr'ora o bemfeitor

PORTO — No arraial. Um concorrente ao premio

Em certo dia do *messidor* do anno de 1793, devia haver, na communa de Saint-Malo, uma execução bem interessante. A victima era o abbade Saulnier, antigo cura da Saint-Sauveur.

de todos os desgraçados. N'aquelle momento supremo para a sua vida, este facto fazia voltar a piedade aos corações populares.

—Ha por ahi um cidadão de boa vontade

Outro aspecto do arraial

(Clichés de J. d'Azevedo, phot. da «Ill. Cath.»)

para substituir o carrasco? — perguntou um funccionario da Republica.

—Thiago, disse baixinho a cidadã Breuilh, tinha desejo...

Não terminou a phrase, mas o seu olhar expressivo acariciou o cadafalso. Para um coração *perfeito*, como então se dizia, o desejo de uma cidadã equivalia a uma ordem.

Thiago subiu de um salto os degraus do estrado.

—Aqui estou! bradou elle.

(Continúa).

PAULO FÉVAL.

ESPINHO — A batalha de flôres

Carro moinho do sr. Nunes dos Santos

Carro dos pescadores

Carro das papoulas do sr. Emiliano Pinho

Carro das palmas

Carro das dahlias do sr. Hermegildo de Sá

Vendendo serpentinas

(Clichés de J. d'Azevedo, phot. da «Ill. Cath.»)

Uma ambulancia installada pelos allemães na egreja de Newfmoutiers e abandonada na retirada

As ruinas de um forte belga

Um prisioneiro e um ferido allemão conversando amigavelmente

Uma mulher franceza obsequiando varios prisioneiros e feridos allemães

A cathedral de Reims (fachada principal)

1) A porta principal da cathedral de Reims antes do incendio.
2) A porta principal da cathedral de Reims depois do incendio.

3) Destroços causados pela artilharia allemã n'uma porta da cathedral de Reims.

BARCELLOS--A caminho da Franqueira

(Cliché de A. Soucasaux)

PROPRIETARIO
Joaquim Antonio Pereira Villela.
DIRECTOR
Dr. Francisco de Souza Gomes Velloso.
EDITOR
Antonio José de Carvalho.
ADMINISTRADOR
Clemente de Campos A. Peixoto.

Illustração Catholica
Revista litteraria semanal de informação graphica
Redacção, administração e typographia
83, R. dos Martyres da Republica, 91
BRAGA

CONDIÇÕES D'ASSIGNATURA
(PAGAMENTO ADEANTADO)

Portugal e colonias (1 anno) . .	2$400
» » (6 mezes) .	1$200
» » (3 mezes) .	600

A cobrança feita pelo correio ou pelo cobrador accresce o importe das despezas.

Estrangeiro (1 anno)	3$000
» (6 mezes) . , . . .	1$000
Nnmero avulso	60

Numero 70 — Braga, 31 de outubro de 1914 — Anno II

ILLUSTRAÇÃO CATHOLICA

Revista litteraria semanal de informação graphica

Proprietario, Joaquim A. Pereira Villela. Director, Dr. F. de Sousa Gomes Velloso

EDITOR Antonio José de Carvalho.

ADMINISTRADOR Clemente de Campos A. Peixoto.

Braga, 31 de outubro de 1914

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E TYPOGRAPHIA
83, R. dos Martyres da Republica, 91
Não se restituem os originaes

Numero 70—Anno II

Tropheus de guerra francezes

Bandeiras tomadas aos allemães nas ultimas batalhas e que foram depositadas no Museu dos Invalidos

Chronica da Semana

LXIX

FOI de sobresalto constante o decurso dos sete dias passados. Já o espectro da guerra viera roçar pelas portas das casas portuguezas, e a tal visita, muitos rostos de mães e espozas se regaram de lagrimas.

Mas quiz Deus que ella não viesse desacompanhada e a discordia entre irmãos logo lhe seguiu as passadas. Ambos se assentaram na terra portugueza e parece que nossos olhos contemplarão o duro quadro e nossos corações sentirão a dupla dôr de simultaneamente verem partir compatriotas, uns para a carnificina macabra das batalhas, outros para o torvo e mortal isolamento dos degredos.

Não sabemos o que lucrará o paiz com uma e outra coisa — se lucro é o sacrificio de vida e bens, inutilmente gastos e inutilmente feito...

Cada vez mais propende o nosso espirito a convencer-se da geral insania, e a estabelecer quasi como axioma, que um negro fado encaminha a nação para a desgraça.

Retiremos d'ella o pensamento para que alfim não se torne obsessão aquillo que por emquanto apenas se apresenta como um presagio funesto.

Foi este o doloroso aspecto da semana finda e o torvo quadro que nos offereceu seria d'aquelles que fazem verter lagrimas, se acaso o sr. Cabreira não tivesse a feliz ideia de crear em Portugal uma phalange de intellectuaes encyclopedicos que pretende nada mais nada menos que lançar olympico o seu anathema por sobre as frontes dos Wundt, dos Röntgen e até d'aquelle Heckel que os mesmos encyclopedicos intellectuaes cognominaram durante um largo periodo de fetichismo, — o pontifice de Iena...

Esta phalange que usa a formidolosa taboleta de liga *Anti-Germanica* publicou um manifesto — documento representativo de quanto vale a força coordenada na tal liga.

O sr. Magalhães Lima e o sr. Cabreira com as palavras justiça e verdade, em lettra grande escriptas, julgaram por certo assaralhopar os sabios illustres d'Alem Rheno que commetteram o imperdoavel crime de não procurarem obter para as estantes dos seus gabinetes, os discursos do loiro tribuno e os calculos inconfundiveis do horrivel adversario da lei de contribuição predial elaborada pelo sr. Affonso Costa.

Para honra e limpeza da nossa mentalidade, nós prefeririamos que semelhante manifesto não tivesse apparecido, com chancella de uma Academia de Sciencias, em lettra redonda. Porque é na verdade algo ridiculo vêr o sr. Magalhães Lima declarar irradiado do cenaculo dos sabios — que elle nunca frequentou — chimicos illustres, litteratos, philosophos, naturalistas, da velha Germania, em nome da Verdade e da Justiça ou ouvir o sr. Cabreira a discretear sobre a cultura scientifica da Allemanha...

Demais... de nada valem contra a realidade dos factos horrendos que se vão desenrolando estes manifestos intellectuaes, e talvez seja detrahir nos meritos e cathegoria scientificos d'um Sudermann, d'um Hauptman, d'um Stuck ou d'um Boutroux, reduzi-los todos os cerebros numero 75 e numero 42.

Que terão que vêr, por exemplo, os raios X descobertos por Röntgen, com as patranhas das agencias Havas e Wolf? Que relação haverá entre o monismo de Heckel e o bombardeamento de Arras ou de Lovaina? Em que grau contribuirá para a victoria a affirmação de que Termonde não foi arrazada, feita por Schmoller, ou a de que sir Grey não é responsavel pelo desencadeamento do conflicto europeu, feita por Bergson, se os factos as desmentem?

Não! Deixemos os sabios nas suas espheras superiores. A mobilisação de sabios, feita pela mesma forma que se mobilisam soldados, com o inferior fim de desmentir atoardas e de chamar barbaro ao inimigo, só prejudica, empana e ridicularisa o proprio valor da sciencia...

F. V.

Vida Intensa

(Paginas d'alem fronteiras)

A guerra começa tambem a ser explorada sob o ponto de vista litterario. Heroismos, horrores, anciedades, desgraças, humilhações e tragedias, todos os sentimentos emfim que agitam as almas em lucta, no meio d'esse scenario macabro, velado pelo fumo, animado pelos gritos e pelos queixumes, accendem a inspiração e a phantasia dos novellistas, incapazes de desbulharem a tragedia intima d'uma alma mas sempre promptos a explorarem a phantasia ingenua do grande publico, com espectaculosas sensações.

Duas boas duzias de romances da guerra, vão agitar esta semana ainda, a simplicidade confiada das boas almas, velar de pesadellos os serões tranquillos, accender illusões na cabeça imaginosa das raparigas e despertar recordações longinquas, no coração tranquillo dos velhos.

Monsenhor Geremia Bonomelli
(Bispo de Cremona)

Nasceu em 22 de setembro de 1831 e falleceu em 3 d'agosto de 1914. Foi preconisado bispo de Cremona no consistorio de 28 d'outubro de 1867 por S. S. Pio IX e sagrado a 26 de novembro de 1871 na cathedral de Brescia dando entrada solemne na diocese em 8 de dezembro de 1871.

Eu conheço o genero d'estes livrecos, falhos d'arte, um pouco mais cuidados que os telegrammas dos jornaes, mas descosidos, sem sentimento e sem côr, feitos sempre *á la diable*, de recortes das chronicas, zurzidas inverosimilmente, a um caso piégas d'amor, com a sua tradiccional noiva sacrificada e o seu romantico noivo morrendo a beijar o retrato amado n'alguma trincheira distante. E

em volta d'esta pieguice sentimental muita batalha, muita fome, muita bravura, e muitas paginas ocas de philosophia barata, á mistura de muita barbaridade estrategica.

Não quero dizer com isto que a guerra, com as mil tragedias intimas que provoca, os innumeros dramas que faz desenrollar, não seja o motivo aproveitavel para uma obra interessante, para um estudo mesmo surprehendente, do sentimento humano. Mas o que é certo, afinal, é que não são essas obras, a que pittorescamente se pode chamar a *industria da emoção*, que realisam esse interessante objectivo.

Todos os dias os jornaes, nos trazem noticias de intensissimos dramas, desenrollados nas trincheiras e nos hospitaes, mas tão subtis, tão delicados na sua simplicidade amargurante, que quasi passam indifferentes por entre o noticiario d'um novo petardo destruidor ou d'uma avançada ruidosa. Ainda hontem o *Matin*, relatava já com um certo enternecimento o caso doloroso e bello, d'aquelle moço bretão, ferido em Reims, uma das mãos decepadas em Amiens, e que n'um hospital de Biarritz soffria a maior dôr da sua vida, confessando á noiva, que com os dedos que a granada estilhaçara, fora tambem a alliança que ella lhe dera no dia feliz em que as suas boccas se juntaram no primeiro beijo d'amor.

Que admiravel poesia contem este pequeno drama intimo.

Mas os livros, que ainda esta semana vão apparecer, não terão a delicadeza de recolher este doloroso detalhe, porque os seus auctores independente o talento que revelarem, não são poetas, cantando o sentimento, porque são muito simplesmente escrevinhadores ousados industrialisando grosseiramente as sensações.

JOSÉ DE FARIA MACHADO.

Ermida de N. Senhora da Franqueira

Ao sul da villa de Barcellos, cerca de meia legua distante d'ella, fica o monte da Franqueira, que é um dos mais elevados que a circumdam. No seu cume existe a ermida de N. S. da Franqueira, de cujo adro se avista um longo valle que se estende desde as faldas do Gerez e Terras de Bouro até as praias do Occeano.

O auctor da *Chronica da provincia da Soledade*, attribue a fundação primitiva d'esta ermida, ao grande Egas Moniz, aio do 1.º Rei de Portugal, D. Affonso Henriques, quando a este principe assistira no castello de Faria, sendo ainda infante. Mas o auctor da *Nobiliarchia Portugueza*, sómente attribue a Egas Moniz a fundação da Capella-mór, e não o corpo da

BARCELLOS—Ermida da Nossa Senhora da Franqueira

egreja, que parece ser obra do bispo D. Rodrigo Pinheiro, por ter suas armas, (as da casa solar dos Pinheiros de Barcellos) sobre a porta. O auctor da «Chorographia Portugueza», conformando-se na fundação da capella-mór, por Egas Moniz, attribue a fundação do corpo da capella ao Bispo D. Diogo Pinheiro, irmão d'aquelle D. Rodrigo Pinheiro, por estarem suas armas no corpo da egreja.

Parece que Egas Moniz edificara a ermida primitiva que hoje forma a capella-mór e que o accrescimo é obra do zelo e devoção de D. Diogo Pinheiro, bispo do Funchal, primeiro commendador do mosteiro de S. Simão da Junqueira e prior de S. Salvador de Pereiró, hoje Pereira, em cujos limites está a ermida.

Já em 1415 esta ermida era muito celebre, porque já então, El-Rei, D. João 1.º, conquistando a cidade de Ceuta, em Africa, e estando com elle, seu filho D. Affonso, 3.º conde de Barcellos e 1.º duque de Bragança, D. Affonso fez levar para a ermida da Franqueira, como tropheu de victoria e em memoria do favor que a Senhora lhe fizera, uma meza de finissimo jaspe, que ainda lá existe, na qual comia Callubencayla, Senhor de Ceuta.

Assim consta d'um livro antigo, pertencente á ermida, onde se lê: — «Este duque D. Affonso, filho bastardo de El-Rei D. João I, foi na tomada de Ceuta, e no despojo, mandou arrancar 500 columnas de marmore dos paços de Callubencayla, e trouxe de lá uma meza de jaspe, muito fina, onde o dito Callubencayla comia, e a mandou pôr em uma egreja de Barcellos, no altar de Santa Maria da Franqueira, ermida de grande romagem. E o conde de Benavente, o velho, pae do que era no anno de 1525, dava a D. Diogo Pinheiro, bispo do Funchal, primaz das Indias e prior de S. Salvador de Pereiró, um pontifical de bordado rico, porque lh'a deve, e elle mandou dizer, que lh'a não dava pelo seu condado!!

Assim diz o auctor da *Chronica da provincia da Soledade* e accrescenta mais «A pedra da meza é de finissimo jaspe todo d'uma côr, não muito branco, mas resplandecente; tem 7 palmos de comprimento; 3 e meio de largo e 2 dedos de grossura. Serve de ara ao altar-mór e está formada em 3 columnas do mesmo jaspe redondas e delgadas á proporção da meza; suppõe-se que terá outros 3 pela parte ulterior, mas isso não se póde ver, sem se desfazer o altar.»

N'outros tempos, os povos, nas suas afflicções, quando havia falta de chuva ou alguma calamidade publica, recorriam ao patrocinio de N. S.ª da Franqueira, indo busca-la em procissão e expondo-a na egreja parochial de Barcellinhos á veneração dos fieis.

("NOTA DA HISTORIA DE BARCELLOS„)

Um philosopho desejava que, quando se decidisse algum processo n'um tribunal, os novos juizes estivessem bem dormentes, e os velhos bem acordados. Outro comparava os tribunaes ás moutas espinhosas, onde as ovelhas procuram um refugio, e d'onde não sahem sem que deixem parte da sua lã.

BARCELLOS—Interior da Ermida de Nossa Senhora da Franqueira

BARCELLOS — A caminho da Franqueira. Escadorio e ultimas capellas do convento do Senhor da Fonte da Vida

(Clichés de A. Soucasaux)

A tragedia de um espião

EU li ha dias uma pagina admiravel de um escriptor hespanhol, installado como observador da guerra em uma das cidades do Sul da França, pagina de dôr altiva e de heroico sacrificio, intitulada a *Tragedia de um espião*.

Elle havia encontrado aquelle homem, encostado a uma arvore, na estrada de Bordeus a Dax.

O seu olhar vivo com um quê de soturno —um d'estes olhares que tudo parecem devassar sem deixarem que alguem possa rasgar o mysterio que os allumia e que encerram, — impressionou-o.

—Este homem... murmurava o escriptor do vizinho reino. E approximou-se.

Horas depois, ambos caminhavam estrada fóra, em conversa.

A espaços o mysterioso companheiro circumvagava os olhos como suspeitoso. Foram os olhos que o trahiram, afinal . . .

O hespanhol crivou-o de perguntas, de insinuações, de phrases que eram aggressões pungentes. E elle, o companheiro, em nada parecia atraiçoarse.

—Este homem... tornava a philosophar o escriptor. E de repente, como se fosse a vibrar a punhalada mortal, n'uma torrente de palavras, alludiu á espionagem, ao quanto de abjecto elle tinha, aos vagabundos dias do traidor e tomando esta ideia como degrau, chicoteou a Allemanha... Ulm... Dreyfus... Percin...

Eu sentia em mim uma raiva poderosa e fremente, que me obrigava a dizer mal d'elle,

BRAGA—S. Martinho de Dume. Um aspecto da procissão realizada no dia da primeira communhão das creanças

(Cliché de Antonio C. Pinto)

S. MARTINHO DE SANDE — *Grupo de meninas que frequentam a catechese da freguezia. Ao centro o rev. parocho Francisco A. Pinheiro*

Grupo de meninos da mesma catechese

que nenhum mal me fizera, a insultar alguma coisa que eu não via, de que eu não tinha alli, deante de mim, a prova clara. No fundo eu queria apenas que elle me saciasse o espirito já exhausto de tanto batalhar infructuosamente... E na furia brutal que me agitava como o demonio, eu clamei: — Porque o espião é um covarde, e o sr....»

N'esta altura, o mysterioso homem desvendou-se, e friamente, o busto erecto, nobre e orgulhosamente, completou a phrase do seu accusador:

—Eu sou, sim, um espião da Allemanha!

tante nas linhas de fogo... Que pensará minha mãe? que será d'ella, da minha mãe, na Allemanha, sem dinheiro para viver, quando eu morrer fuzilado no pateo d'um quartel? E a mãe de um espião por amor da Allemanha, acaso é menos digna do que as mães d'aquelles que morrem nas trincheiras sob as bandeiras dos regimentos?,..

E aquelle homem desconhecido parecia vibrar nervosamente sob o dominio de uma força ignorada e na sua voz guttural estremecia uma outra voz que só os que vão morrer pela patria sabem fazer ouvir!

S. MARTINHO DE SANDE—Depois da festa do S. Coração de Jesus

(Clichés do rev. Manuel d'Araujo.)

Um espião!—e fitava no seu accusador, attonito, os seus olhos profundos — Ouça-me: quando se tem um inimigo, não devemos conhecer bem, inteirarmo-nos bem de tudo o que elle faz? Se um seu irmão, um seu amigo, a sua mãe estivessem ameaçados de um ataque, de um assalto, ameaçados de morte, por um inimigo secular, o sr. não trataria de espia-lo bem para salvar a quem o sr. ama?.,. Respondame... responda ao espião.

—Sim, volveu o escriptor hespanhol. Eu seria o espião do inimigo...

—Pois eu espio o inimigo secular da minha mãe: da Allemanha! respondeu triumphante o desconhecido. E' por dever filial, é por patriotismo que eu espio. Os grandes amores só se conhecem pelos grandes sacrificios.

E sabe lá o sr. quanto é atterrador, horrivel, o sacrificio da honra e do bom nome, quando a gente se lança na espionagem por amor da patria em que nasceu?!... E' viver como féra pelos montados, é mentir por dever moral, é levar a cabeça vendida, de terra em terra, no solo extrangeiro e hostil...

Eu sou um soldado que estou a todo o ins-

O Conde Alberto de Mun

Nasceu em Lumigny (França) em 1841 e falleceu em Bordeus em 6 de outubro de 1914. Deputado, membro da Academia Franceza e orador distintissimo defendeu sempre a causa de Deus e da Egreja

Leitor: se eu estivesse no logar do escriptor hespanhol, depois de escutar aquella sua defeza vehemente, sentiria a garganta ralada, apertada pela emoção, e estenderia a minha mão leal ao espia-patriota que a meu lado caminhava n'aquella tarde formosissima, pela estrada de Bordeus a Dax...

F. D'ALMEIRIM.

Os ultimos acontecimentos

Na madrugada de 20 do corrente appareceram cortadas as linhas telegraphicas sendo collocadas bombas explosivas em diversos pontos da linha de Lisboa ao Porto. Em Mafra alguns civis, ludibriando a sentinella, conseguiram entrar no quartel indo direito á sala onde estavam os officiaes. Os civis intimaram quem alli se encontrava a acompanha-los tendo annuido logo ao convite o tenente Constancio e os sargentos Conceição, Rosa, Matheus e Silva. Os civis acompanhados dos militares dirigiram-se á Escola Pratica onde se muniram de 200 espingardas e 28.000 cartuchos formando a seguir no largo um batalhão á frente do qual se postrou o tenente Constancio. Depois os revoltosos fugiram sendo perseguidos por uma força de infantaria 16. Houve então um pequeno ataque de que resultou a morte de dois cabos, regressando a força a Mafra em virtude de se lhe acabar as munições.

EM S. PEDRO DA CADEIRA — Soldados de infantaria perseguindo os revoltosos

Conduzindo armamento tomado aos revoltosos

NA VENTOSA — Homens com armamento dos revoltosos

Os revoltosos foram perseguidos por forças que partiram de Lisboa, sendo presos e desarmados quasi todos os que haviam tomado parte no movimento. O tenente Constancio, ainda não foi possivel captura-lo, apezar das diligencias empregadas pelas auctoridades.

Um automovel com armamento

(Clichés do nosso corresp. phot. de Lisboa)

A tracção electrica em Braga

No penultimo domingo realizou-se, n'esta cidade, a inauguração da tração electrica um dos melhoramentos mais importantes para o progresso d'esta terra e cuja realisação se deve á arrojada iniciativa do actual presidente da commissão executiva do municipio, sr. major Albano Justino Lopes Gonçalves.

Para solemnisar esta data foi organisado um pequeno programma que constou do seguinte:

Edificio da Central de tracção e illuminação electrica

Um aspecto do interior do edificio

De manhã, distribuição de esmolas de 300 réis a mil pobres pelo thesoureiro municipal.

Lançamento da primeira pedra para a construcção, no Monte d'Arcos, de casas baratas para as classes pobres, assistindo a este acto a commissão executiva da camara municipal, auctoridades e muitos operarios.

De tarde, sessão solemne no theatro de S. Geraldo, para a distribuição de premios ás creanças das escolas officiaes da cidade e depois, na Central de tracção e illuminação electrica, inauguração das installações e do funccionamento dos machinismos a que assistiram numerosos convidados e muito povo.

A' noite, na Avenida Central, a banda de infantaria 8 realizou um concerto com um escolhido programma sendo muito apreciada a peça *O Electrico* expressamente escripta para esta festa pelo maestro snr. J. A. de Moraes.

Um grupo de operarios junto das caldeiras

Fastos do Catholicismo

A imprensa austriaca e Pio X.

Parece-nos interessante archivar as apreciações que a imprensa do grande imperio apostolico fez da alta personalidade do saudoso Pontifice Pio X.

O *Reichspost* de Vienna disse: — «Se bem que as intenções do Papa fossem ás vezes mal entendidas e mal interpretadas, certo é que foram sempre exaltados o seu infinito affecto pelos fieis e a sua sollicita bondade, que são as virtudes caracteristicas do Pontifice defuncto.

O Pontificado de Pio X não foi um periodo pacifico. Pio X viu a ruptura franco-vaticana, o desenvolvimento de tendencias hostis em Hespanha e em Portugal, a oppressão da Egreja na Russia; mas em compensação viu a Egreja accrescida de força interna e de esplendor. A auctoridade do Papado brilha hoje sobre o mundo, como nos maiores tempos da Egreja. Junto do leito de morte do Papa, chora tambem a Austria catholica, fiel no amor da Patria, porque recorrendo ás armas combate pelos ideaes sagrados da justiça e dos costumes christãos e pela ordem do Estado christão.

Pio X foi o principe da paz. N'estes graves dias é uma consolação para nós que a nossa justa causa tenha mais um advogado perante Deus. Pio X era um Papa popular, vindo do povo, bem informado sobre os sentimentos e sobre as necessidades do povo e sempre sollicito em attenuar-lhe as penas.»

*

Machinismo productor da energia electrica

Um dos carros electricos passando na Avenida Central

O *Fremdenblatt*, de Vienna, escreveu:

«Pio X era um d'aquelles Papas aos quaes parece ser o principal dever o tratar do desenvolvimento da Egreja e infundir em todos os fieis um verdadeiro espirito evangelico. Não desenvolveu uma actividade politica. Por isso os compromissos foram extranhos ao seu espirito bom e benevolo. Pio X foi um Papa simples, sem pompa, e jámais esqueceu a sua adorada Veneza e a sua origem popular. Com Pio X desapparece um Vigario de Christo na terra, que foi realmente o

Um aspecto da assistencia no lançamento da primeira pedra para a construcção de casas baratas no Monte d'Arcos

pastor do seu rebanho e cujo grande coração abraçava com egual amor e humanidade inteira. A noticia da sua morte lançará o mundo num lucto verdadeiro e sincero.»

*

A *Neue Freie Presse* disse: «que o Papa defuncto foi sempre estimado como um nobre sacerdote. A sua memoria viverá sempre como a de um Papa religioso de intemeratos costumes.»

A *Wienr Mittag Zeitung* escreveu:

«O Chefe da christandade, o inimigo decidido da guerra, deixa o theatro das geraes atrocidades antes da chegada da noticia de que uma potencia civil europeia chame as hordas dos mongoes da Asia contra um irmão invejado, que pertence á mesma raça.»

*

O *Extrablatt* de Vienna, disse: «Qualquer que seja o ponto de vista historico ácerca da personalidode de Pio X, sempre se será obrigado a confessar que o defuncto Pontifice foi cheio da mais profunda fé e do maximo zelo em manter pura a doutrina da Egreja e que sempre se inspirou no desejo da paz.»

Corridas de bicycletas promovidas pelo «Sport Minho Club»

O primeiro corredor fraco passando nas Voltas de Macada

A Guerra Europeia

General Allenby, chefe das forças de cavallaria ingleza que operam em França

General Barão Wahir, chefe do exercito belga

General Victor Dank, chefe de um dos corpos do exercito austriaco que luctam contra os russos

Um acampamento de infantaria russa em territorio austriaco

Reservistas hungaros nas ruas de Budapest

O cruzador inglez «Aboukir» no momento de submergir-se

Um sacerdote belga dirigindo-se á linha de fogo

A duqueza de Westminster, enfermeira da Cruz Vermelha Ingleza

Peças d'artilharia do exercito russo tomadas pelos allemães e expostas ao publico junto do Palacio Real de Berlim

MARSELHA — Desfile da infantaria indigena da India vestida de kaki como as tropas inglezas e com o tradiccional turbante

Uma columna de prisioneiros allemães

Fernando I, novo rei da Romania

O principe Carol, herdeiro do throno da Romania

O imperador da Allemanha e o seu estado maior nas posições germanicas nas margens do Vistula

Novo typo de automovel blindado que foi empregado pelos belgas no serviço de abastecimento de munições durante o cêrco de Antuerpia

O presidente da republica franceza acompanhado do general Castelnau visitando as posições avançadas do exercito francez na linha de fogo

Dorothea Fielding, filha do Conde de Deubigh que se encontra na Belgica aggregada ás ambulancias da Cruz Vermelha

A DEFEZA DE ANTUERPIA--Effeitos da abertura dos diques do rio Escalda, que occasionaram uma retirada allemã

PROPRIETARIO
Joaquim Antonio Pereira Villela.
DIRECTOR
Dr. Francisco de Sousa Gomes Velloso.
EDITOR
Antonio José de Carvalho.
ADMINISTRADOR
Clemente de Campos A. Peixoto.

Illustração Catholica

Revista litteraria semanal de informação graphica

Redacção, administração e typographia
83, R. dos Martyres da Republica, 91
BRAGA

CONDIÇÕES D'ASSIGNATURA
PAGAMENTO ADEANTADO)

Portugal e colonias (1 anno) . .	2$400
» » (6 mezes) .	1$200
» » (3 mezes) .	600

A cobrança feita pelo correio ou pelo cobrador, accresce o importe das despezas.

Estrangeiro (1 anno)	3$000
» (6 mezes)	1$500
Numero avulso	60

Numero 71 — Braga, 7 de novembro de 1914 — **Anno II**

CHRISTUS VINCIT. CHRISTUS REGNAT. CHRISTUS IMPERAT.

ILLUSTRAÇÃO CATHOLICA

Revista litteraria semanal de informação graphica

Proprietario, Joaquim A. Pereira Villela. Director, Dr. F. de Sousa Gomes Velloso

EDITOR
Antonio José de Carvalho.

ADMINISTRADOR
Clemente de Campos A. Peixoto.

Braga, 7 de novembro de 1914

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E TYPOGRAPHIA
83, R. dos Martyres da Republica, 91
Não se restituem os originaes

Numero 71—Anno II

ANTUERPIA—Um granadeiro inglez ferido nas trincheiras que defendiam a praça e conduzido por seus companheiros á ambulancia

Chronica da Semana

LXX

CAHEM-NOS no morno ar outomnal do gabinete, já cançadas, como as notas de um *leit-motif* nos derradeiros compassos de uma opera, — os telegrammas da guerra. Aqui, avanços lentos de alliados, progressos lentissimos dos russos, e além, concisas noticias de triumphos ou occupações allemãs, informações de victorias austriacas... Já disse o chronista quão difficil não era manter no alagadiço terreno das communicações officiaes de Bordeus ou de Berlim, um equilibrio estavel de imparcialidade. Que saibamos, um só homem existe no paiz que tal arte possua: o sr. Alpoim, cuja campanha no *Primeiro de Janeiro* tão brilhante como aquell'outra, ha annos, por occasião da *Questão dos Tabacos*, fez dizer ha dias ao sr. João de Menezes que a melhor resposta da Republica ao antigo chefe da dissidencia progressista, era mata-lo, tanto mal ella tem causado aos propositos bellicos—os *heroicos paisanos!*—da meia duzia de democratas fallidos que buscam, n'um sacrificio inutil de alheias vidas, a sahida unica do *gâchis* que ella, violenta, anarchica, illegal, ousou crear n'este paiz em que a falta de brio hombreia pelos setenta por cento de analphabetos ou pelos noventa mil emigrantes para o Brazil . . .

Nós rimo-nos escancaradamente dos pruridos de imparcialidade, em materia politica, quando a situação nacional está tão definida que já não é licito hesitar entre o Borges das bombas ou qualquer outro heroe levado pela rua ás cavallitas, e todas as figuras epicas do passado portuguez que a de Nun'Alvares symbolisou. Mas em hora tão grave, e sobre assumpto tão serio como esse de atirar vidas portuguezas, homens d'este Portugal que tem a sua autonomia presa ao fio de cabello do complacente e sempre versatil sorriso dos grandes collossos europeus, — atirar homens d'este Portugal para o campo ceifado pela roçadoira das metralhas ou para as hecatombes dos obuzes, nós crêmos, bem que a imparcialidade representa uma salvaguarda, aquella attitude defensiva e cautellosa do homem que amealhou uns vintens durante um improbo trabalho de seculos, deante de uma quadrilha de expoliadores.

Acautella-te dos falsos amigos — rezava o auctor d'esse livro conceituosissimo que é a *Imitação de Christo*. E nada mais exacto do que este aphorismo ou dictado, de actualisadissima importancia no commercio ganancioso das relações internacionaes. Vêde, por exemplo, a attitude da grande Albion para com a França nos ultimos dez annos.

Fashoda era já e apenas um episodio. Eduardo VII construira o seu melhor edificio diplomatico — a *Triple Entente*. Delcassé estava no poder. Um dia a *Panther* (a mesma *Panther* que agora forçou a passagem de Gibraltar debaixo das baterias britannicas) appareceu em Agadir, completando assim o outro golpe: a presença do Imperador em Tanger. Era sem duvida uma affronta á expansão colonial franceza. Mas a França, debellada pelos governos á *Combes* não podia responder a essa affronta. Pediu então á Inglaterra que enviasse a Agadir tambem um vaso de guerra, com o fim de neutralisar a aggressão allemã. O *Foreign Office* escusou-se e, diz um grande escriptor francez, partiu voando na nuvem de Juno de uma abstenção quasi total. Depois de dois annos regressou ao mundo politico, mas d'esta vez, de braço dado com o embaixador allemão em Londres, para sanccionar a negociata dos *radicaillaux* que cedeu o melhor retalho do Congo gaulez á Prussia e — para traçar as zonas de influencia em Angola!

. . . Pensavamos, afinal, em tudo isto n'aquelle ambiente amornecido do gabinete olhando os telegrammas da guerra que cahiam sobre a nossa meza de trabalho, já cançados, como os derradeiros compassos de uma opera tão velha, tão velha como o *homo homini lupus* do philosopho Hobbes . . .

F. V.

Vida Intensa
(Paginas d'alem fronteiras)

AQUELLE caturra americano, assediando o presidente Wilson com a sua extravagante obsecção de sellar a paz europeia com os esforços mais ou menos intelligentes da diplomacia yankee, é, afinal, tão infantilmente ingenuo como a imprensa da triplice e nomeadamente a ingleza, que se obstina na crença firme de que o mundo inteiro, submisso e boquiaberto, acredita as *blagues* engenhosas dos seus jornaes.

E' natural, é justificavel, que no relato dos lances tragicos, d'essa horrorosa guerra, cada qual veja as coisas pelo lado que mais lhe agrada mas d'ahi á *fumisterie* official da Inglaterra e da França, semeando pelo mundo os mais phantasticos carapetões desde a loucura do Kaiser aos triumphos collossaes dos russos, vae — Deus louvado—um bocadinho de differença. Não discuto se a Allemanha tem culpas graves, no conflicto, se triumpha ou perde na liquidação final mas reparo apenas, que desde a primeira escaramuça, os exercitos imperiaes como uma engrenagem terrivel, com mais ou menos detalhes, com maiores ou menores difficuldades, tem realizado o seu plano de guerra. Evidentemente, elles encontram por parte da França uma resistencia bem differente das campanhas de 70 e a sua tactica tem por vezes a contraria-la, a pericia de Joffre, que é indiscutivelmente um grande general, mas bem tenaz, bem heroica foi a defeza da Belgica — desventurada patria crivada das maiores desgraças e sujeita ás maiores privações, hoje tragicamente reduzida a uns escassos kilometros de territorio, para oeste de Dixmude — e, afinal, cedeu perante a força do collosso invasor. Exalte-se, reclame-se, a bravura d'esse povo defendendo até ao derradeiro exforço a sua patria, mas não se pretenda convencer que elles estão adquirindo vantagens desde o seu inseguro reducto.

REAL—(Penalva do Castello). Em casa do sr. Visconde do Banho: O senhor Bispo de Vizeu e mais convidados

Da Belgica, existem apenas livres da acção germanica, Dixmude e Ypres, que Castelnau fez occupar pelas forças alliadas, para proteger a retirada de Ostende e a maior parte dos restos dizimados do exercito belga, guiado pela bravura d'esse Rei-heroe, defendem-

Para os Voges os exercitos belligerantes mantêm-se sem progressos, conservando as posições e entretendo-se em pequenos combates accidentaes. As attenções, os esforços, concentram-se no Norte, onde a esta hora milhares de vidas se sacrificam pelo exito d'essa horrorosa batalha que será o fecho sangrento da primeira *étape* da guerra.

As agencias e os jornaes podem proseguir nos seus exageros que ninguem as acredita. Não ha ardís intelligentes, que attenuem a rudeza dos factos e os factos, presentemente, são assim...

29—X—914.

JOSÉ DE FARIA MACHADO.

LISBOA—O dr. Alberto Pacheco Soares, preso como implicado nos ultimos acontecimentos de Mafra, acompanhado do carcereiro, no pateo da cadeia de Villa Franca de Xira

(Cliché do nosso corresp. phot. de Lisboa)

se já nas linhas francezas do avanço dos allemães.

A grande batalha está-se travando agora na Velha Flandres e empregam-se os mais inconcebiveis exforços para evitar, que os allemães se radiquem na costa, com a tomada de Dunkerque e Calais, que constituirão com Anvers, uma base solida para o inicio das operações contra a Inglaterra.

OVAR—Capella do Furadouro

OVAR—Praia do Furadouro

FIGURAS DA BEIRA

(SEGUNDA SERIE)

Visconde de Guedes Teixeira

VIII

FORTIFICADO pelos correligionarios e amigos, o Visconde de Guedes realizou em 1874 a sua poderosa obra de melhoramento economico e financeiro.

Lamego é um grande centro vinicola. Disputa-lhe o Pezo da Regoa a hegemonia viticulto-

ra, e vence, porque está ligada á rêde ferro-viaria do Douro e de Traz-os-Montes e tambem... porque os lamecenses ainda não poderam descer, em casaria, pelas escarpas que vão dar ao grande rio que corta o paiz do vinho.

Mas nem por isso Lamego deixa de dar alguns dos melhores vinhos do paiz.

A' velha cidade affluem ainda os productos vinicolas — excellentes — não só do seu concelho, como de outros limitrophes, e facilmente Lamego, a ter melhores destinos, podia ser o emporio, ficando a Regoa como que o seu caes, embora grandioso e valioso de per si.

Mas, seja como for, terra vinhateira na região fecunda que a envolve em sorridencias

OVAR — Na praia á espera das rêdes

(Clichés do phot. am. sr. Manuel dos Santos)

OVAR — Um trecho da estrada do Furadouro

(Cliché do sr. dr. Alberto Mattos)

festivas, Lamego até 1874, ferida como todo o Douro pela phyloxera, debatia-se em crescentes angustias, carecida de capitaes para as replantações, horrorisada com a visão de tojeiros e penhascos aridos que ameaçavam aquelle verdadeiro pedaço de Terra de Chanaan.

A miseria medrava como as urzes. As lagrimas e um suor esteril iam substituindo sinistramente o môsto, o vinho espumante e claro. Cahiam grandes casas, outr'ora opulentas, em ruina e silencio tragico. Emigravam muitos que tinham sido morgados e bemfeitores dos proletarios, e fanavam-se, roidas pela anemia e pelo infortunio, lindas e rosadas fidalgas e lavradoras, antigamente as dispenseiras da caridade e da fortuna.

E isto affectava naturalmente Lamego. O commercio agonisava. Não tinha impulso a in-

FARO — Altar-mór da capella de N. S. do Monte do Carmo (Ordem Terceira)

(Cliché de Moura Veiga)

dustria. As romarias e as feiras eram pouco menos tristes e pobres do que hoje — n'estes tempos de devastação e de desgraça.

O Visconde Guedes, lamecense em tudo, principalmente no coração, chamou logo a si os seus, e expoz-lhe a obra redemptora, um banco regional, fornecendo capitaes, pelejando victoriosamente contra a usura que, de garras crueis, ia dilacerando as entranhas dos que ainda tinham coragem para luctar e moirejar.

Deu-lhe prestigio e apoio primacial ao plano arrojado o Conde de Alpendurada, grande lavrador, intelligencia positiva e solida, caracter puro, nobre, incorruptivel.

A esse homem de bem e de valor se juntou o dr. Miguel Moreira da Fonseca, advogado celebre, tambem lavrador e patriota extremoso, homem extranho que em tudo era grande — no fôro e na cathedra, na politica e na vida do lar.

Outros adheriram com devoção e lealdade: o dr. João Mendes, o dr. José Correia, Antonio Albino d'Andrade, o dr. Francisco Caldas, José dos Santos Leitão, Domingos Guimarães, Francisco Estanislau... E a grandiosa obra foi depressa realidade.

O Visconde de Guedes, director effectivo do *Banco do Douro*, encontrara mais uma cidadella politica — dizia a opposição implacavel. Não mentia. Mas aquella fortaleza beneficiava tanto Lamego... como, annos depois, o pude ver, quando, ferida a famosa campanha Pereira Pinto, eu sahi de casa, accionista de momento, disposto a fulminar os directores com um discurso que, a ser proferido, teria feito desabar toda a cidade, colhida de surpreza por uma trovoada rhetorica com geito e força para dar um cataclysmo...

Estou a ver a scena. O velho dr. Rozeira estimulara-nos ardentemente nas Lages.

Florindo, o director do *Progresso*, comprara dois lapis para tirar notas n'um grande caderno. Eu tremia... de frio e de indignação.

Rompe a assembleia. Preside José d'Azevedo Castello Branco. Falla o nobre conde de Samodães. O dr. Rozeira applaude com a cabeça, piscando os olhos. Depois, é José de Vasconcellos o orador. Diz coisas innoffensivas... elle, o revoltado classico!

Um bom rapaz, Antonio Cardoso da Silva, já finado, tenta ingenuamente um debate, mas engasga-se e senta-se. Olham todos para Pereira Pinto, o cabecilha. Mordia o bi-

RUÃES (Prado)—Nas margens do Cavado. Um grupo de banhistas

Preparativos para o banho

No banho

gode fulvo. Olho para o Florindo. Estava a escrever banalmente:—*A assembleia decorreu na melhor ordem.* Então a isto, e ouvindo provar os flagrantes beneficios do Banco e a immaculabilidade dos directores, enguli o discurso, sahi, exonerei-me de accionista... e fui jantar. Creio que nunca tive tanta eloquencia e bom-senso.

JOSÉ AGOSTINHO.

BRAGA — A imagem de Nosso Senhor do Bomfim no dia da sua festa em S. Victor-o-Velho

BRAGA — As exequias por S. S. Pio X na Sé Primacial. Um aspecto das ornamentações no interior da basilica

POVOA DE LANHOSO — Grupo de creanças da freguezia de S. Thiago de Lanhoso no dia da sua primeira communhão feita na capella do Amparo. Ao centro o rev. Francisco Esteves Pereira, parocho da freguezia e ao lado direito o talentoso orador sagrado padre Luiz d'Araujo

COLLEGIO DE SANTA MARIA
(EDUCAÇÃO DE MENINAS)

Madrôa — Guimarães

ENTRE os estabelecimentos de ensino para o sexo feminino d'esta cidade, sem duvida alguma, occupa logar primacial o *Collegio de Santa Maria*.

Novo ainda, pois ha pouco mais de um anno que abriu as suas portas, já conta um elevado numero de alumnas das familias mais gradas d'esta cidade e de fóra, que alli, a par d'uma sã e esmerada educação moral, se instruem nas lettras e bellas artes. E outra coisa não era de esperar, sabendo-se que a este collegio tem pesidido sempre um excellente criterio na escolha do seu corpo docente, que é modelar. Assim o confirmou o *optimo resultado* obtido nos ultimos exames.

O edificio é amplo, bem arejado, de asseio irreprehensivel, com frondosos jardins e grande cêrca, aonde as alumnas podem recrear-se á vontade.

Este anno tiveram as educandas a sua festa escolar, presidida pelo Exc.^mo^ e Rev.^mo^ Snr. Conego Alberto da Silva Vasconcellos, illustre professor do nosso lyceu, que depois d'um brilhante discurso sobre a educação, distribuiu premios ás alumnas que mais se distinguiram no comportamento e aproveitamento no decorrer do anno lectivo. No final, S. Exc.ª inaugurou a exposição de trabalhos das educandas, que esteve patente ao publico durante tres dias, sendo muito visitada por distinctas familias da cidade e de fóra, não cessando de tecer elogios ao corpo docente do collegio pelo bem confeccionado das peças expostas.

Parabens á sua illustre directora, a Exc.^ma^ Snr.ª D. Maria de Sousa Barros e muitas prosperidades.

Alguns aspectos da exposição de trabalhos das educandas

Um casamento illustre

No mez passado e na capella particular da illustre familia Pitta e Castro, da villa de Caminha, realizou-se o enlace nupcial da Ex.[ma] Senhora D. Maria José de Menezes Pitta e Castro, gentilissima e prendada filha da Ex.[ma] Senhora D. Christina de Barros Pitta e Castro e do snr. dr. João Filippe de Menezes Moreira Pitta e Castro, já fallecidos, com o snr. dr. José Ruy Correia Vieira Coelho Pinto de Souza Peixoto Carvalhaes e Valle, Visconde de Guilhomil, filho da Ex.[ma] Senhora D. Marianna Theodora Correia Moreira Ribeiro de Lima e Barreto (Guilhomil) e do fallecido Visconde de Guilhomil.

Após a cerimonia, que revestiu a maior intimidade, foi servido um lauto almoço fornecido pela casa Oliveira, do Porto.

Aos noivos, que partiram a passar a lua de mel no seu palacete de Paçô, em Guimarães, desejamos um porvir de sorridentes venturas.

1— Os noivos.
2—Após o almoço.
3—No jardim do solar.

(Clichés do rev. Amorim Junior)

TEM CUIDADO!...

MARIA, não brinques tanto,
Falla mais devagarinho:
Olha que o teu irmãosinho
Dorme que é mesmo um encanto.

Não cantes, que é só emquanto
Elle dorme, coitadinho.
E' só mais um bocadinho . . .
Só emquanto o não levanto.

Olha que esse desatino
Vae acordar o menino.
Tu não ouves? Tem cuidado! . . .

Cala-te, não sejas má,
Que o menino acorda já . . .
— Olha, está já acordado.

FRANCISCO SEQUEIRA.

UMA FESTA RELIGIOSA EM JOANNE

Na freguezia de S. Salvador de Joanne, do concelho de Famalicão, realizou-se, no passado mez, uma imponente festividade em honra de Nossa Senhora do Rosario, coincidindo tambem com a festa da primeira communhão das creanças d'aquella freguezia. Como preparação para esta solemnidade e durante oito dias houve praticas ao povo, feitas pelo distincto orador sagrado rev. abbade de Mafamude, de Villa Nova de Gaya.

No dia da festa, logo de manhã, procedeu-se á tocante ceremonia da distribuição da primeira communhão a 135 creanças, d'ambos os sexos, sendo esta festa realisada com o maximo brilhantismo devido aos esforços do zeloso parocho da freguezia rev. padre José Pereira da Rocha.

O menino Fernando Mario Dias de Bivar, de 5 annos, filho do distincto escriptor sr. Arthur Bivar, que esteve em Liége durante o bombardeamento da heroica cidade. Encontra-se actualmente, após angustiosas peripecias, refugiado na Inglaterra.

A missa da festa foi cantada pelo rev. padre Leonel Braga, sendo a parte musical distinctamente executada pela capella do sr. José Maria de Paiva, sahindo em seguida uma linda procissão que percorreu o itinerario costumado.

A's duas horas da tarde, chegou áquella freguezia Sua Ex.ª Rev.ᵐᵃ o Snr. D. Antonio Barroso, venerando Bispo do Porto, que alli foi de visita a pessoas de familia e tambem para ministrar o Santo Chrisma aos fieis. Sua Ex.ª Rev.ᵐᵃ dirigiu-se logo á egreja parochial onde se acotovelavam muitos fieis já devidamente preparados para receberem aquelle sacramento. Foi tal a concorrencia de povo que eram 6 horas da tarde e ainda o illustre prelado ministrava o Santo Chrisma.

JOANNE — Festa de Nossa Senhora do Rosario

O povo junto da egreja

A' noite e em casa da Exc.ma Snr.a D. Virginia d'Alvim Barroso, prima do venerando prelado, foi servido um primoroso jantar de homenagem a S. Exc.a Rev.ma ao qual assistiram cerca de 60 convidados, havendo, no final, enthusiasticos brindes.

A *Illustração Catholica* estava representada pelo seu proprietario sr. Joaquim Antonio Pereira Villela.

A procissão a caminho da egreja parochial

Com a maior frequencia haverá concursos, que em muitos casos proporcionarão a conjunctura de outorgar aos sacerdotes a parochia onde sejam professores.

Concluido o estudo da philosophia, os seminaristas facilmente poderão em qualquer dos quatro annos de estudos seguintes tirar o curso de pedagogia e aos que sejam pobres serão pagas todas as despezas.

Outro aspecto da procissão

Um grupo de convidados para a festa

Fastos do Catholicismo

Sacerdotes professores

O arcebispo de Tarragona D. Antolín López Peláez, publicou uma circular, recommendando aos alumnos d'aquelle Seminario que obtenham o titulo de professores de Instrucção Primaria, que podem adquirir com poucas despezas e diminuto trabalho, dadas as disciplinas que se cursam em ambas as carreiras.

D'essa fórma, o sacerdote e professor poderá abrir a escola quanda o julgue util, sem temor de represalias do Estado, inculcando nos meninos ensinamentos christãos.

Ademais, se encontrarão os seminaristas no fim da sua carreira com dois cursos, o que será um grande beneficio para os que não tiverem a sufficiente vocação ecclesiastica.

O altar-mór da egreja parochial e as ornamentações

Um rasgo heroico

Um medico militar francez procedente de Bar-le-Duc, conta que estando em Bantincourt encarregado d'uma ambulancia, se lhe apresentou um enfermeiro pedindo-lhe licença para celebrar missa no dia seguinte, pois era sacerdote.

O medico concedeu-lh'a e a ella assistiram todos, o pessoal do hospital e os feridos, cujo estado não era grave.

No fim da missa, o sacerdote dirigiu á assistencia uma tocante allocução.

Ao concluir o acto religioso, ouviu-se o fogo da artilharia.

O sacerdote despiu immediatamente os ornamentos sagrados e envergando o seu uniforme, foi recolher os feridos do campo de batalha.

A Guerra Europeia

O Casino Municipal de Biarritz, convertido em hospital militar. Chegada de automoveis conduzindo feridos

Canhões belgas que serviram na defeza de Liège

Um regimento de cavallaria russa em marcha

Tropas russas que actualmente luctam com os exercitos allemão e austriaco

A nova artilharia russa usada nas operações da Prussia Oriental e Galicia

Um destacamento francez crusando a região viticola de Champagne

1) *Officiaes russos cuja sciencia e energia foi enormemente augmentada nas campanhas da Mandchuria.*

2) *O porto de Antuerpia visto do mar.*

3) *Vista parcial do caes de Antuerpia.*

A cidade de Lovaina depois de bombardeada pelos allemães

A Czarina da Russia, que pessoalmente assiste aos feridos na guerra

O rei da Saxonia, que se alistou no exercito allemão

Antuerpia de noite, durante o bombardeamento allemão

A estatua de Rubens em Antuerpia

Comboio de reservistas allemães sahindo de Potsdam para a linha de fogo

Esconderijo encontrado pelos belgas para atiradores encarregados de impedir o avanço dos aeroplanos

Soldados inglezes do exercito expedicionario entoando o hymno de guerra composto por Jack Willians

PROPRIETARIO
Joaquim Antonio Pereira Villela.

DIRECTOR
Dr. Francisco de Souza Gomes Velloso.

EDITOR
Antonio José de Carvalho.

ADMINISTRADOR
Clemente de Campos A. Peixoto.

Illustração Catholica

Revista litteraria semanal de informação graphica

Redacção, administração e typographia
83, R. dos Martyres da Republica, 91
BRAGA

CONDIÇÕES D'ASSIGNATURA
(PAGAMENTO ADEANTADO)

Portugal e colonias (1 anno) . . 2$400
» » (6 mezes) . 1$200
» » (3 mezes) . 600

Á cobrança feita pelo correio ou pelo cobrador accresce o importe das despezas.

Estrangeiro (1 anno) . . . . . . 3$000
» (6 mezes) . , . . . 1$500
Nnmero avulso 60

Numero 72 Braga, 14 de novembro de 1914 **Anno II**

ILLUSTRAÇÃO CATHOLICA

Revista litteraria semanal de informação graphica

Proprietario, Joaquim A. Pereira Villela. Director, Dr. F. de Sousa Gomes Velloso

EDITOR Antonio José de Carvalho. ADMINISTRADOR Clemente de Campos A. Peixoto.

Braga, 14 de novembro de 1914 | REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E TYPOGRAPHIA *83, R. dos Martyres da Republica, 91* Não se restituem os originaes | Numero 72—Anno II

CHRISTUS VINCIT CHRISTUS REGNAT CHRISTUS IMPERAT.

ASPECTOS DA GUERRA—Prussia Oriental. Os russos dando uma carga de bayoneta

Chronica da Semana

LXXI

A cada excitação produzida no paiz, recresce, n'um delirio e n'um fremito de impossivel demencia, a besta feroz do jacobino, besta assollapada na alma apparentemente terna do homem de sociedade ou amodorrada no coração dos homens do povo.

Habituados, de ha muito, a encarar a hypothese restauracionista, assim como a lamentavel these republicana, pelo aspecto geral das influencias do meio e das condições sociaes e historicas do paiz, — por isso que não crêmos que um novo bamburrio substitua em Belem o snr. Arriaga pelo Senhor D. Manuel, — nós estamos agora, livres e serenos, a aproveitar o desenrolar dos factos para colher d'elle apenas um ensinamento de psychologia politica, e nada mais.

As gazetas radicaes estremecem de raiva por não estar actualmente no poder o snr. Affonso Costa que teria já aberto de novo as portas das Penitenciarias e lançado para o brazido do terror a população portugueza.

Com graves assomos de epilepsia, o jacobino tem na perseguição o seu ambiente appetecido. O ideal republicano, para elles, não offerece outro fim politico senão a guerra aos seus adversarios. Ser republicano é, em primeiro logar, *ser contra* os monarchicos. A unidade nacional? Optimo. Comtanto que a nação seja republicana. A paz politica? Excellente. Comtanto que todos os portuguezes sejam jacobinos, pensem pelo cerebro jacobino, queiram o que os jacobinos quizerem . . .

O jacobino não pode ouvir dizer que *isto vae mal*, porque para o seu fanatismo, *isto*, a ordem de coisas publicas, inseparavel dos programmas e das messianicas promessas dos caudilhos, é a ordem perfeita, o progresso realisado, ou então é a base de todas as esperanças na felicidade da nação.

O *superavit* é sempre uma verdade . . . ainda quando não existe. As leis de *defeza da republica*, as leis contra a *reacção*, os decretos de dissolução social, são sempre dogmas tão intangiveis como a capacidade encyclopedica dos chefes, ou a argucia dos investigadores policiaes da phantastica conjura monarchica que lhes rouba continuamente o somno, como ás creanças de berço.

Em resumo: o jacobino só concebe a republica atravez de Fouché ou do snr. Scevola. Tudo o que fôr moderação é traição, tudo o que não fôr instincto, é transigencia de cumplices. Assim é que todas as reclamações, como todos os decretos jacobinos, invocam sempre o inimigo realista ou o inimigo clerical e quando se trata de castigar se hesita apenas entre a expulsão do paiz e o fuzilamento ou entre este ultimo e a chacina. Oh! não duvide o leitor . . .

Ainda ha pouco, n'uma carruagem de caminho de ferro, nós lêmos na face d'um passageiro, no seu olhar, no seu riso, na sua philaucia e no accento cortante e sêcco da voz, tudo isso que acabamos de escrever. Era um homem alto, entroncado, de maneiras cortezes. Vieram a pêllo as investigações sobre a ultima conspiração monarchica de tão grotesca historia.

— Para a semana . . . vae haver dança de bonecos . . . Ha muitos militares compromettidos. Já o sabemos. Ah! se o Bernardino não estivesse agarrado de unhas e dentes ao poder, se houvesse um outro ministerio . . . o o Affonso ou o Brito Camacho . . . veriam. Os chefes — fuzilados.

Porque é preciso fazer uma limpeza. O *Temps* aconselhava ha dias a republica a faze-la.

Os chefes realistas teem de ser presos para a semana. Já o teriam sido se não se movessem para os salvar grandes influencias, em Lisboa, mas para a semana serão presos . . . e se o não forem, então . . . corremos o risco de assistirmos a uma chacina . . .

E aquelle jacobino de gravata — que é um official do exercito! — largou pelos labios descorados, pelos olhos frios como aço, pelo cynismo do semblante e pelo cynismo da consciencia, uma estrallada de riso, tão sêcca como a resposta de um inquisidor ou de um membro da convenção na epocha do Terror . . .

Voilá l'enemi!

F. V.

VIDA INTENSA
(PAGINAS D'ALEM FRONTEIRAS)

COM a abertura do parlamento voltam as inquietações e as incertezas para o gabinete de Madrid e Dato recomeça, com a manha habitual, a sua politica d'equilibrios, muito embora o perigo proximo d'uma crise esteja conjurado perante a gravidade da situação internacional.

O debate sobre a attitude da Hespanha perante o conflico europeu, que vae iniciar-se, mercê da propaganda bellica do deputado Lerroux, promette ser fertil em surprezas e provocará um ligeiro borborinho politico na modorra pacifista dos *mentideros*. Maura, que é indiscutivelmente a maior figura do parlamento hespanhol, intervirá no debate e por mais que procure, ante os delicados melindres do momento, —revestir a sua attitude da mais prudente serenidade, o seu discurso acirrará fatalmente resentimentos velhos e pode bem entroviscar o horizonte pouco limpido dos neo-conservadores.

POVOA DE VARZIM—A' hora do banho

(Cliché de Manuel da Silva Izidoro)

Entretanto, a calma voltará rapidamente porque convém notar, que o governo mantendo-se prudentemente na mais rigorosa neutralidade realizou um acto intelligentissimo, apoiando-se solidamente na opinião do paiz.

Afóra Lerroux e poucos mais deputados bellicosos, que parecem ter *obscuros interesses* na guerra, ninguem censurará a politica da neutralidade, que todos sabem ser a politica nacional.

A Hespanha, com todo o seu cavalheirismo andante, o seu eterno e fidalgo quixotismo, a sua tradicção, o seu caracter enthusiasmavel está serenamente voltada para o futuro e para o seu engrandecimento material.

Repugna-lhe a guerra, porque vê intelligentemente a perturbação economica, que consequentemente acarretaria e ainda, porque os paladinos da lucta, são precisamente alguns de aquelles perigosos agitadores que, por occasião da semana tragica, fizeram a mais in-

Relello Jor

tensa propaganda contra a guerra em Marrocos, que tambem não era sympathica á nação, mas onde o orgulho patrio e o prestigio nacional andavam seriamente ameaçados.

Os agitadores d'hontem são, hoje, os defensores extremes d'uma politica perigosa, que arrastaria a patria contrariada para uma guerra, que nada a interessa, onde nada tem que estimule o natural patriotismo e a dignidade nacional, que por vezes tresloucam a alma dos povos.

POVOA DE VARZIM—Nos rochedos da praia

Não, a Hespanha não quer a guerra porque tem apenas um unico desejo: trabalhar e progredir. Depois do desastre das colonias, profundissima commoção, que agitou intensivamente a alma nacional, todas as attenções convergiram para o fomento interno e, dentro em pouco, a vida nacional, como esquecida d'esse profundo abalo, retemperava-se solidamente, no desenvolvimento economico e industrial do paiz.

Por isso, ella viu contrariada a guerra em Africa, absorvendo milhões, que bem mais patrioticamente seriam applicados no amanho de milhares de hectares de terra safara, innundando a immensa *steepe* castelhana, abrazada de sede, fomentando assim o progresso agricola da nação, já radiosamente beneficiada pelos progressos do fomento industrial.

E, no entanto, havendo em Hespanha uma grande corrente germanophila, uma profunda sympathia pela Allemanha, a nação domina os seus enthusiasmos, recalca as suas paixões individuaes, para vêr unicamente os seus interesses collectivos.

Por isso, ella apoia com todo o enthusiasmo a sabia politica da neutralidade e espera, trabalhando serenamente, o resultado do conflicto que só a pode favorecer muito embora tivesse ficado tranquillamente na sua casa... E' o que se ha de vêr e... verá.

JOSÉ DE FARIA MACHADO.

No regresso de um "pic-nic„ na Espinheira—Atravessando o rio Ave (Clichés de M. da Silva Izidoro)

IN MEMORIAM

DIA de finados, dia de luto e de saudades amargas!

Dia de lagrimas e tambem de amor, santificado pela caridade com que a egreja espalha a jorros as suas graças, qual orvalho benefico, sobre as almas dos nossos queridos mortos, suavisando as chagas mal cicatrizadas dos corações magoados.

Dia de finados, em que os sinos lá do alto dos campanarios tangem com as suas vozes plangentes atravez os valles e as quebradas, lembrando com os seus ais e suspiros que é um cemiterio o mundo e o céo a morada dos justos.

N'este dia triste que tambem vae morrendo, lá foi levada para a sua ultima jazida, a nobre e benemerita senhora D. Maria Henriqueta Barbosa da Cunha Sotto-Mayor, pranteada e sentida com verdadeira dôr, por toda a cidade de Braga.

Bem quizeramos prestar homenagem condigna ao seu grande nome, nós que a conhecemos no labutar constante do Bem, mas não temos senão lagrimas de saudade para regar a sua campa mal fechada ainda.

Da terra desappareceu uma alma d'eleição, entrou no Céo mais uma santa.

Não iam vasias as suas mãos, levavam um thesoiro bem precioso para offerecer ao Rei dos reis — as suas obras, as suas grandes acções, nas quaes resplandecia como o sol a caridade, essa virtude que Jesus mais amava e que o discipulo dilecto comparou ao proprio Deus.

Foi Martha no trabalho, na oração Maria, ungiu os pés do Salvador com as lagrimas do seu cruciante martyrio, supportado com resignação christã.

Passou no mundo fazendo bem e em tudo quiz imitar Jesus, sobretudo na caridade que foi o lema da sua vida modelar. Viveu e morreu com Deus, abraçada á Cruz.

São tantas as obras a que ligou o seu illustre nome que será difficil ennumera-las, mas algumas ha que o *vendaval* das paixões humanas não derruiu ainda e attestam bem alto a actividade do seu espirito e a fortaleza da sua alma. Collaborou nas fundações dos Collegios de Regeneração e de Preservação, Officinas de São José e na Pia União das Filhas de Maria, que teem prestado revelantes serviços á sociedade e resgatado muitas almas do mal, mostrando-lhes o caminho do Céo.

Nas obras occultas aos homens, mas patentes ao Senhor, foi ella tambem a melhor collaboradora...

Amava os pobres, porque n'elles via a Imagem do Crucificado, amava a Cruz porque n'ella morrera o Salvador. A sua divisa na terra poderia ser — amar e soffrer. O premio já certamente o recebeu...

Deus tem promettido aos que o amam a corôa da vida.

D. Maria Henriqueta Barbosa da Cunha Sotto Mayor

illustre e benemerita senhora bracarense fallecida em 31 de outubro de 1914.

1—11—914.

MARIA SALOMÉ.

Casa Grande

E' antiquissima e está situada n'um dos locaes mais aprazíveis da linda villa de Paredes de Coura. Pertence ao ex.[mo] snr. Antonio Pereira da Cunha, actual representante da nobre familia Pereira da Cunha.

No seu livro *No Alto Minho*, referindo-se a ella, diz o sabio archeologo dr. Alves da Cunha: «A Casa Grande, actualmente do snr. Antonio Pereira da Cunha, filho do mavioso poeta Sebastião Pereira da Cunha e neto d'outro poeta Antonio Pereira da Cunha, que foi chefe do partido legitimista, pertenceu a Sebastião e de sua mulher D. Maria da Cunha, e netos de Sebastião da Cunha, abbade de Cunha (¹). Esta casa pertencia, pelo ultimo quartel do seculo XVIII-(1761) a Antonio Pereira da Cunha Lobo, capitão-mór d'este concelho (Paredes de Coura), por patente de D. José, datada de 22 de outubro de 1761, por ter fallecido o anterior capitão-mór Braz d'Antas da Gama.

Antonio Pereira da Cunha Lobo, foi senhor do Morgadio d'esta casa, e casou em Guimarães, tendo 60 annos de edade, com D. Maria de Mello, e tiveram Sebastião Pereira da Cunha, que foi coronel de Milicias e casou em Vianna com D. Maria Agorrêta.» Esta casa, que se conservou em ruinas muitos annos, foi restaurada ultimamente pelo seu actual possuidor, transformando-a n'um bello e confortavel palacete. Era aqui que havia de hospedar-se S. Ex.ª Rev.[ma] o senhor D. Manuel, Arcebispo Primaz, por occasião da sua visita a este concelho, o que infelizmente não chegou a realizar-se por ter adoecido gravemente no proprio dia da partida de Villa do Conde.

M. R.

(1) No Tombo da freguezia de Cunha e n'um manuscripto inedito, do dr. Manuel da Cunha d'Andrade e Souza, é cognominado de «honrado» este abbade.

PAREDES DE COURA—Casa Grande. Solar da illustre familia Pereira da Cunha

Pereira da Cunha e Castro, coronel de Milicias, que era filho de Antonio Pereira da Cunha, neto de Sebastião Pereira da Cunha, bisneto de Antonio Pereira da Cunha, governador de Caminha, terceiro neto de Sebastião Pereira da Cunha e de sua mulher D. Maria Pereira da Cunha, irmã do secretario de Guerra, Antonio Pereira da Cunha.

O dito secretario tinha duas irmãs: D. Izabel Pereira da Cunha que casou com Francisco de Caldas e Andrade, filho legitimo de João de Caldas e Souza, da casa de Mantellães, em Formariz, e D. Maria da Cunha, que casou com Sebastião da Cunha Barboza, da Casa Grande. Tanto o secretario, como suas irmãs, eram filhos de Balthazar Pereira

Familia do Ex.[mo] Snr. Antonio Pereira da Cunha actual representante da Casa Grande

(Clichés do rev. M. Ribas)

Ermezinde

Ermezinde é um dos locaes mais aprazíveis dos arredores do Porto.

E' alli que uma grande parte da burguezia costuma empregar os seus capitaes na construcção de magnificos predios e dos mais bellos chalets, entre os quaes se destaca a *Villa Aurora* situada no logar da Cancella junto ao nivel do caminho de ferro.

ERMEZINDE — Margens do rio Leça

Ponte da Travagem

Dos edificios de construcção antiga, os mais dignos de registro são a egreja matriz e o antiquissimo convento da Formiga a dois kilometros da estação, em frente ao qual fica um grande collegio construido recentemente — o Collegio de Ermezinde.

Sendo um dos logares mais recommendado pela medicina é por isso muito procurado pelas pessoas cuja saude necessita de repouso e de bons ares.

Além d'esta qualidade que seria o sufficiente para o recommendar, Ermezinde é servida por duas linhas, a electrica e a do caminho de ferro, o que contribue para que muitas pessoas possam facilmente ir admirar a bella paisagem que ahi se gosa, bem como apreciar as lindas margens do pittoresco rio Leça.

Como diste apenas da cidade, meia hora em qualquer das linhas, faz com que numerosas familias vão aos domingos passar ahi algumas horas esquecidas na contemplação d'aquelle soberbo panorama.

J. Torres.

Uma levada no rio Leça

(Clichés do phot. am. snr. Julio R. de Castro)

FIGURAS DA BEIRA

(SEGUNDA SERIE)

Visconde de Guedes Teixeira

IX

ENTRETANTO, o Visconde de Guedes que, desde ha muito, era primacial figura no districto, não se limitava a fortificar o *Banco do Douro* ou a luctar pelos muitos outros melhoramentos materiaes que estudava com constancia digna d'um grande e raro pae espiritual da sua terra. O que elle sonhava para Lamego obrigava-o a destacar-se fóra da sua cidade, servindo-a e zelando-a quanto podia, como um embarcadiço heroico que, soffrendo e labutando, dá, mesmo de muito longe, o pão e o bem-estar da familia que estremece e adora.

AVEIRO — Um aspecto da barra e do forte

Outro aspecto da barra

Nunca satisfeito com o seu prestimo, tudo n'elle era ancia de se valorizar para servir de protector e bemfeitor. Por isso, creado o Banco, a sua penetrante mentalidade não abandonava o plano ardente de melhorar ainda e sempre a vida economica de Lamego. E n'esse sentido trazia — em mãos — desde 1870, anno em que fôra eleito procurador á Junta Geral do districto — um projecto, notavel e solido, sobre a justa distribuição do imposto pelos 26 concelhos do vasto districto de Vizeu.

Luctou muito. Os vizienses não raro oppunham o seu bairrismo tão lendario e entranhado, que ainda hoje golpeia Lamego nas aspirações mais simples. Mas porfiou, soffreu, e venceu. Lamego foi desobrigada de dar uma importante somma, annualmente paga, que sem equidade a opprimia.

E o Visconde triumphou não só porque tinha prestigio, mas ainda porque soube provar que tinha razão, como o demonstra um famoso e sobrio opusculo — *Projecto para a repartição do contingente do imposto predial distribuido ao districto, apresentado á Junta Geral, em 1870.*

Costa Nova

A tal operosidade, a opposição esbravejou com prudencia durante uns tempos.

Era evidente aos olhos dos *artistas* que o Visconde de Guedes, tão combatido, respondia com obras, o que elles — coitados! — não sabiam fazer, por um singular fadario... e porque não tinham comsigo as forças vivas da cidade e do concelho.

O seu chefe, o Visconde de Arneiroz, homem de indiscutivel valor, mas já enfermiço, não tinha poder para, em replica, dar trabalhos de tanta utilidade e grandeza. Seus filhos, homens de bem, espiritos lucidos, estavam n'uma descuidosa juventude, notando-se embora em Adolpho Pinheiro uma mentalidade positiva e penetrante e em Antonio Pinheiro uma grande habilidade diplomatica, attrahente, embora desambiciosa de grandes planos e estudos.

O dr. Rozeira era já o verdadeiro chefe, mas subordinando-se officialmente ainda por alguns annos, como que á espera de energia brilhante do dr. Cassiano de Neves, afinal tão pouco politico, tão d'alma, sem intenções reservadas, em todos os sinceros amigos de Lamego, fosse qual fosse a sua côr partidaria.

Villa Nova de Gaye—*Um aspecto do interior da egreja parochial de Crestuma, no dia da festa do S. Coração de Jesus*

O altar do S. Coração de Jesus e a bandeira do Apostolado

O altar-mór da egreja parochial no dia da festa

Quem, pois, tolheria o caminho do Visconde? Por fortuna, ninguem, se ninguem poderia revesar-se com elle perfeitamente no poder e no prestigio, e ainda menos nas obras benemeritas e grandes.

E, se todos em Lamego tivessem entendido então o dever patriotico na sua verdadeira

pureza e grandeza, nem os progressistas, de 1880 em diante, se teriam desbragado em campanhas de fel e odio, nem alguns regeneradores se teriam apegado a um egoismo expectante, fugindo um pouco á missão de empregarem muitos dos elementos de progresso material que o Visconde desejava para que a sua terra tivesse uma vida propria, independente, quanto possivel, das graças e munificencia do poder central. Mas assim o exigem os destinos da antiga e bella cidade...

JOSÉ AGOSTINHO.

1) PRADO (Braga) — O funeral do snr. Manoel Antunes d'Araujo Lima, pharmaceutico diplomado pela Escola Medico-Cirurgica do Porto. O cortejo funebre sahindo da egreja parochial.

2) A caminho do cemiterio.

Fastos do Catholicismo

Dois jovens allemães abjuram os seus erros

Expulsos de França ao começar a guerra, dois jovens allemães refugiaram-se em Hespanha, onde Deus bateu á porta dos seus corações para que abandonassem o protestantismo e voltassem ao redil da Egreja, unica verdadeira, fundada por Jesus Christo. Ahi ouviram a voz divina e instruidos pelo rev. padre jesuita Martinz nas verdades de nossa sacrosanta religião foram baptisados em S. Sebastião na egreja de Igualdo.

O futuro do catholicismo na Allemanha

Muitos periodicos dão-nos conta d'uma estatistica digna de lêr-se, na qual, baseando-se nas crescentes proporções dos catholicos e na diminuição dos protestantes, deduzem que muito brevemente a Allemanha chegará a ser cathotica na sua immensa maioria.

BRAGA — Grupo de «Filhas de Maria» que pertencem á associação fundada pelo rev. Joaquim Manoel Gonçalves, no extincto convento da Tamanca. Na ausencia do seu fundador, que reside em S. Paulo (Brazil), é seu director espiritual o rev. Francisco da Costa, prefeito do Seminario Conciliar, sendo as reuniões mensaes feitas na capella de Nossa Senhora-a-Branca

(Cliché do phot. am. snr. Antonio C. Pinto)

POEMAS PEQUENINOS

Ante o busto do actor Carlos dos Santos

(RECITADO NO THEATRO NACIONAL)

I

A Estatua é para mim como uma sombra fria
de alguem que amei, que sae da jazida sombria,
e que em meus olhos cráva os seus olhos glaciaes.
Ao vê-la erguem-se em mim visões de coisas idas,
projectos, sonhos, ais, cinzas arrefecidas,
abraços dados já em tempos ancestraes.

II

Por isso ante o teu rosto extatico e absorto,
eu quizera gritar como ao Lazaro morto
cosido em seu lençol: — *Levanta-te e caminha!*
Surge audaz como o Kean, o tragico gigante.
Sê o ardente Antony. Degola a loira amante.
Sê Buckingman, o lord. Beija doido a Rainha!

III

Mas sobretudo agora evoca à luz do sol,
Phebus Moniz prégando a expulsão do hespanhol.
Gomes Freire indo à forca, a sorrir com desdem.
D. João de Castro, em Diu, em pé no seu castello.
Albuquerque aos de Ormuz traçando o gesto bello.
O Romeiro — a alma em luto — a trovejar *Ninguem!*

Endereço

A uma menina enviando-lhe a HISTORIA DE JESUS

I

Gentil Maria Luisa
que és mais suave que a brisa
que canta nos laranjaes,
lê nos meus versos amenos
Jesus beijando os pequenos
humildes... de humildes paes...

II

E quando um dia crescida,
vires a infancia perseguida,
por algum vilão ruim...
dize tambem como o loiro
Rabí dos olhos divinos:
— *Não bataes nos pequeninos!*
— *Deixae-os virem a mim!*

III

Mais tarde: se vis traidores
te causarem dissabores,
muita lagrima, muito ai...
exclama tambem como Elle,
aos brados da villanagem:
— *Não sabem o mal que fazem!*
— *Perdoae-lhes, como eu, meu Pae!..*

GOMES LEAL.

A Guerra Europeia

O imperador da Allemanha, Guilherme II, acompanhado por seu filho o principe Frederico e pelo Estado-Maior do exercito, presenciando as operações no campo de batalha

Os habitantes de Gand (Belgica) vendo içar a bandeira allemã no edificio da Camara Municipal

ANTUERPIA—O exodo da população antes da entrada das tropas allemãs

BRUXELLAS—A primeira parada militar das tropas allemãs depois da occupação da cidade

ARRAS—O edificio da Camara Municipal incendiado pelos allemães

Ruinas da Camara Municipal

Mgr. Lobbedey, bispo de Arras e o vigario geral visitando as ruinas

Assistindo á missa, celebrada em pleno acampamento, por um padre soldado. No primeiro plano a irmã Julia que protegeu valorosamente os feridos

A missa suffragando os soldados mortos em combate

Morteiro austriaco usado pelos allemães em Namur e Antuerpia

O principe, sacerdote e soldado allemão Maximiliano de Saxonia que foi condecorado com a Cruz de Ferro

FRANÇA—Uma ceremonia commovente em Montppelier. A apresentação ás tropas d'uma bandeira vinda da linha de fogo

Anedoctas historicas

Ditos e pensamentos

Quem ama a Beltrão...

JOÃO de Sá era um negro de alegres ditos, muito da privança de D. João III. Encontrando-se um dia com um christão-novo, homem rico e honrado, poucos dias havia sahido dos carceres da Inquisição, saudou-o chocarreiro:

—Ora receba os meus parabens por estar livre. O Rei tambem sentiu muito a sua prisão.

O christão-novo agradeceu:

—Beijo as mãos de Sua Alteza pela mercê que me faz; e a vós nada digo, pois bem sabeis que quem ama a Beltrão ama o seu cão.

Cadeira rasa

João Mendes de Vasconcellos era, na côrte de D. Manuel I, um dos fidalgos mais esforçados e intelligentes. Foi um dia a casa de certo corregedor, — que costumava offerecer cadeira de espaldar sómente a pessoas de subida distincção. A João Mendes de Vasconcellos trouxeram os criados uma cadeira rasa; elle, porém, sentou-se n'uma de espaldar e estendeu uma perna na cadeira rasa, dizendo affectuosamente:

—Deus vos saude, rapazes, que me destes descanço para esta perna, que tenho doente, e ao senhor corregedor que vo-lo mandou fazer.

Judeu condecorado

Antonio Feliciano de Castilho, ao saber que um judeu fora condecorado com a commenda de Christo, escreveu em 1836, esta quadra:

Valha-me Jesus Christo,
Valha-me Christo Jesus:
Não vão pôr a cruz de Christo
Em quem poz Christo na cruz!

Dois condes

Porque o conde da Torre e o conde de S. João gosavam de grande valimento junto do rei D. Pedro II, um gracioso escreveu, na parede do palacio, estes versos:

Se o Principe governar
Quizer com satisfação,
Mette a S. João na Torre
E o Torre em S. Gião.

Torre e S. Gião eram duas prisões do Estado.

Testamento de D. Affonso VI

Quando falleceu D. Affonso VI um poeta desconhecido escreveu este testamento:

Eu fui livre, fui rei, e fui marido,
Sem reino, sem mulher, sem liberdade,
Tanto importa não ser, como haver sido:
A Portugal só deixo esta verdade,
A meu irmão só deixo este memento,
Este é de Affonso Sexto o testamento.

D. Theodosio Bragança

Filippe III, recebendo o duque de Bragança, D. Theodosio, pae de D. João IV, disse-lhe que pedisse alguma cousa. Respondeu o duque:

—Os avós de Vossa Magestade e os meus deram tanto á minha casa que a desobrigaram de pedir.

* * *

Amo mais a minha familia que a mim proprio, mais a minha patria que a minha familia, mais a humanidade que a minha patria. — *Fénélon.*

Aos vôos altos e repentinos seguem-se os precipicios. — *Tasso.*

Os litigantes são aves, as audiencias são eiras, os juizes são redes, e os advogados são caçadores. — *Pio II.*

A fortuna é a medida das nossas opiniões: quem triumpha é proclamado um homem superior, quem naufraga é tolo. — *Plaut.*

TITO FLAVIO.

A familia de um soldado francez morto no combate de Bercy orando junto da sua sepultura e cobrindo-a de flores.

PROPRIETARIO
Joaquim Antonio Pereira Villela.
DIRECTOR
Dr. Francisco de Sousa Gomes Velloso.
EDITOR
Antonio José de Carvalho.
ADMINISTRADOR
Clemente de Campos A. Peixoto.

Illustração Catholica

Revista litteraria semanal de informação graphica

Redacção, administração e typographia
83, R. dos Martyres da Republica, 91
BRAGA

CONDIÇÕES D'ASSIGNATURA
PAGAMENTO ADEANTADO)

Portugal e colonias (1 anno) . .	2$400
» » (6 mezes) .	1$200
» » (3 mezes) .	600

A cobrança feita pelo correio ou pelo cobrador, accresce o importe das despezas.

Estrangeiro (1 anno)	3$000
» (6 mezes)	1$500
Numero avulso	60

Numero 73 Braga, 21 de novembro de 1914 **Anno II**

ILLUSTRAÇÃO CATHOLICA

Revista litteraria semanal de informação graphica

Proprietario, Joaquim A. Pereira Villela. Director, Dr. F. de Sousa Gomes Velloso

EDITOR Antonio José de Carvalho. ADMINISTRADOR Clemente de Campos A. Peixoto.

Braga, 21 de novembro de 1914

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E TYPOGRAPHIA
83, R. dos Martyres da Republica, 91
Não se restituem os originaes

Numero 73—Anno II

Um voluntario da Cruz Vermelha belga examinando o cadaver d'um soldado encontrado no cemiterio d'uma aldeia destruida pelos allemães

Chronica da Semana

LXXII

NO mesmo dia em que um grande Bispo portuguez entrava nos carceres sob a falsa accusação de uma cumplicidade revolucionaria contra a republica, por cumprir digna e alevantadamente o seu mister de pastor e de chefe catholico — oh! amarga ironia das coisas! — publicavam os jornaes um longo extracto da ultima ordem do exercito francez, em que resplandecia a heroicidade inegualavel de dez padres catholicos, mortos no fragor das batalhas.

E ainda hoje nos commove a morte d'aquelle humilde parocho e illustre filho da velha Gallia que no campo de batalha, sobre a terra empastada de sangue, entre outras victimas, cahido por terra, — ao sentir que a morte já vinha subindo, corpo acima, esmagando-lhe a vida de encontro á muralha do peito, fez um derradeiro esforço, e arrastando-se até d'onde pareciam vir gemidos de moribundos, gritou erguendo n'um braço o crucifixo que guardára até alli dentro da farda: — Eu sou padre... Tomae a absolvição!...

A morte cravou-lhe na garganta as garras recurvas, e uma convulsão d'agonia terrivel poz fim ao seu ultimo gesto e ao seu ultimo brado, quando a noite vinha descendo já sobre a campina e os corvos grasnavam roucamente a sua fome, n'um halo negro, sinistros alviçareiros das hecatombes...

Amanhã, na epica alvorada do triumpho ou por entre o magoado soluçar d'uma resignação com a derrota, quando a França, sempre grande e sempre bella, erguer o padrão de homenagem aos seus filhos que morreram por ella, esse monumento de saudade repetirá aos coevos e aos vindouros o sacrificio glorioso dos padres francezes que souberam cahir como heroes!

Vieram de longe, mal o grito das coleras da patria lhes retiniu aos ouvidos o grato aviso da hora da vingança. Quantas vezes o murmurio do mar, lhes acordou na alma o murmurio das canções da patria, e a brancura nitente das espumas a tremer como rendas franjando o manto glauco das vagas, lhes não chamava á mente aquell'outra brancura das rendilhadas toucas da Alsacia e da Lorena!...

A França andava a bailar-lhes nos labios quando fallavam, quando rezavam, quando ensinavam os negros.

...E vieram, com a resolução firme de morrer pela França, com a esperança de que os seus cadaveres formariam uma montanha tão alta que seria ou o throno em que a patria viria receber a homenagem do invasor vencido, ou um monumento em que ella, de pé, symbolisaria o martyrio mais emocionante, encimando um novo Pantheon feito de corações immolados...

Quando esses milhares e milhares de sacerdotes desceram do convez dos vapores, faces tisnadas, frontes vincadas pelo arado dos annos, almas a florir, e envergaram a farda sobre a estamenha e a batina, — a unidade nacional tornou-se um grande facto, tanto aos olhos do povo como no espirito dos governos.

As estrellas do céo tremeluziam de novo, sobre a cabeça de Viviani, que um dia, as promettera apagar como se apagam os candieiros das ruas...

Em Lourdes, um regimento de *hussards* ajoelhava e orava deante da gruta de Nossa Senhora, antes de partir para a batalha. Os aviadores iam commungar antes de se atirarem ás aventurosas luctas no espaço, mais perto do céo e mais perto da morte.

Foi um renascimento da fé, d'aquella fé que anima Barrés; d'aquella fé que ha dias em Ypres, entre os silvos das granadas fez com que um padre soldado imperturbavelmente dissesse a missa de campanha pelos fieis defunctos; d'aquella fé que fez renascer do pandemonio das scisões e dos odios, a França de S. Luiz!

...E foram elles que crearam este maravilhoso quadro de epopeia, elles os padres catholicos francezes, dispersos pelo mundo, a quem o murmurio do mar tantas vezes acordava na alma o murmurio das canções da patria!

F. V.

Homenagem a Sua Exc.ª Rev.ᵐᵃ o Senhor Arcebispo-Bispo da Guarda

D. Manuel Vieira de Mattos

A redacção da "Illustracção Catholica„ sentindo dolorosamente a perseguição de que tem sido victima um dos mais inclitos prelados da Egreja em Portugal, protesta contra a prisão ordenada pelas auctoridades da Republica e apresenta a S. Ex.ª Rev.ᵐᵃ os mais sinceros respeitos de uma incondicional sympathia

BENEDICTUS

Ao Ex.^mo e Rev.^mo Snr. Arcebispo da Guarda

O servo não é mais do que é o seu Senhor;
por isso tambem vós partilhareis a dôr!
Se eu perseguido fui, tambem vós perseguidos
como eu haveis de ser! Odiados e banidos
e apontado ao furor das multidões sem lei
vosso nome, exultae, eu vos premiarei!
Recordae-vos então de mim; sou mestre e pae
que vo-lo annunciei. Bemditos, exultae!»
Palavra de Jesus, palavra redemptora,
esta que transcrevi, confortos enthesoura
p'ra os que victimas são d'aquella raiva céga
que persegue christãos e ás almas crentes nega
o mais santo penhor da humana liberdade:
o amor pela Virtude e a crença na Verdade,
Por isso vós, Senhor, n'essa palavra santa
a força ides buscar que o espirito alevanta
entre as tribulações. De certo bemdizeis
aquelles que, allegando as mais iniquas leis,
vos levam á prisão, pois são um instrumento
dos designios de Deus, que assim no esquecimento
seu servo não deixou. A affronta da calumnia,
forjada contra vós, vossa bondade pune-a
com amavel sorriso, indicio de perdão,
pois sabe que signal é a perseguição
para bem conhecer discipulos de Christo
que assim o annunciou, assim deixou previsto.
O symbolo da cruz, que vos adorna o peito,
ha encontrado em vós discipulo perfeito;
e hoje rebrilha mais, não porque de oiro seja,
mas sim porque é signal que a impiedade alveja.
D'este modo, Senhor, os que vos são hostis
cada vez descem mais, emquanto vós subis.
Pareceis Athanasio, o bispo modelar
que ante as perseguições não soube recuar.
A furia dos atheus foi vã, foi irrisoria.
Vossa fronte refulge entre laureis de gloria
e aos labios vosso nome aflora entre louvores.
Justa condemnação para os perseguidores.
As violencias jámais vos poderão vencer.
Mais firme seguireis na estrada do dever.
Nunca recusareis a mais pezada cruz,
pois desejaes seguir os passos de Jesus.
Por isso toda a grei repete com amor:
— «Bemdito o que nos rege em nome do Senhor!»

PADRE NUNES TAVARES.

VIDA INTENSA

(PAGINAS D'ALEM FRONTEIRAS)

VOLTA a escrever-me, aquella agradabilissima leitora, que eu tanto admiro mas que sinceramente deploro, e como sempre, volta obstinada, na sua galante teimosia feminil, a querer intervir decididamente e efficazmente na politica.

A carta d'hoje, reveladora como as outras, d'uma gentilissima vivacidade d'espirito, vem toda vasada em barbaridades philosophicas. A minha incorrigivel leitora, entreteve todo o seu verão, devorando avida as paginas admiraveis d'um livro de Maurras, que uma amiga lhe mandou de Paris... e vae d'ahi todo o arrazoado d'hoje, a querer já propagandear as ideias e o que é mais perigoso (e lá

OLIVEIRA DO DOURO—Grupo tirado por occasião de um passeio ao Monte da Virgem

n'isso tem infelizmente companheiros ingenuos no sexo forte) impingi-las como panaceia efficacissima, para a catastrophe nacional.

Não vou discutir comsigo as paginas admiraveis do philosopho da "*Action française*„ nem esmiuçar as consequentes vantagens da obra de Maurras, a quem o realismo da França já deve a sua poderosa organisação partidaria e a propria França, ha de dever em grande parte, n'um amanhã que se avisinha, a restauração salvadora.

Não, gentilissima leitora, porque isso seria muito simplesmente compartilhar do seu erro, arrastando para o campo da politica o seu bello espirito, que eu procuro arredar para longe, muito longe, de philosophias e doutrinas, para que então comprehenda que o pa-

pel da mulher não é aquelle que vaidosamente lhe attribue.

Creia, não tem razão e a sua amiga, que poderia entreter melhor o seu tempo, fez mal e muito mal, mandando-lhe, com os ultimos figurinos, a obra doutrinaria de Maurras.

Não é á mulher que pertence divulgar principios ou diffundir doutrinas sociaes. A sua missão é mais subtil e nem por isso menos melindrosa porque a mulher só está razoavelmente dentro da vida quando está dentro do lar, e só é bella, só é admiravel, só tem inteiro dominio, não debruçada para as laudas compactas d'uma philosophia mais ou menos subtil, não tresloucada de enthusiasmo apostolando ideias, mas carinhosamente, decididamente, voltada para um berço.

OLIVEIRA DO DOURO—Outro aspecto do mesmo grupo tirado junto da pedra fundamental do Monumento da Virgem

O seu papel é formar as almas, não com doutrinas mas com exemplos, ampará-las como ampara as rozeiras do seu jardim, insuflar-lhe o bem, guiar-lhe os sentimentos, amolda-las aos bons principios e consolidando essa alma para a lucta, irá consolidando a familia, que reflectindo mais tarde o carater individual no caracter collectivo, consolidará a sociedade. O seu papel não é educar directamente as multidões, disciplina-las, orienta-las, mas muito simplesmente preparar as molleculas d'esse grande organismo.

Ahi tem em duas palavras o papel adoravel da mulher.

Não desvanece o seu espirito esta missão tranquilla? Não a seduz o encanto d'um lar onde terá novas flôres para cuidar, não com as suas lindas mãos como cuida os cravos vermelhos da sua janella, mas com amor, com dedicação, com intelligencia, as almas dos seus irmãos e amanhã ás almas dos seus filhos?

Agrada-lhe? Pois então rasgue a philosophia, esqueça a politica e termine aquelle lindo bordado, que abandonou pela leitura, para que um dia sirva de modelo á sua primeira filha quando, pela primeira vez, as suas mãos pequenas, filigranarem no linho alvissimo como a sua alma limpida de mulher...

JOSÉ DE FARIA MACHADO.

MONTE DA VIRGEM

A dois kilometros do Porto, no concelho de Villa Nova de Gaya, depois de se ter andado uma boa meia hora por encantadoras estradas em zig-zag vê-se apparecer, ao longe, erguendo-se magestosa e como que coroando o cimo do monte do mesmo nome, a capellinha do Monte da Virgem.

São muitas as peregrinações que annualmente ahi se realizam, bem como passeios de caracter religioso ou simplesmente familiar.

O panorama que d'alli se desfructa é um dos mais bellos que o Porto possue e se orgulha alcançando-se muitos kilometros em redor.

D'ali se avista a cidade e

Capellinha levantada no Monte da Virgem

(Clichés do phot. am. sr. J. R. de Castro)

quasi todas as povoações circumvizinhas como Gondomar, Monte do Crastro onde se eleva tambem a linda capellinha de Santo Izidro, Fanzeres, Valbom, e, por fim, o Douro vendo-se ao longe, subindo ou descendo, similhantes a cascas de nozes, innumeros barcos sulcando as aguas prateadas do rio.

Emfim é um bello passeio onde a vista se deleita na contemplação das mais formosas e variadas paisagens que a Natureza nos depara.

J. TORRES.

1) PORTO — Os Fieis defunctos no cemiterio do Prado do Repouso. Ornamentando uma campa.

2) Trabalhando na decoração d'um jazigo.

3) Um aspecto das campas depois de ornamentadas.

(Clichés de J. d'Azevedo phot. da «Ill. Cath.»)

O enterro de uma arvore

PARA todo aquelle que analysando a Natureza vê n'esta uma fonte infinita de encantos, as arvores frondosas e cheias de grandeza e majestade são o symbolo mais sugestivo da Belleza, em toda a aureola da sua força, do seu poder!

As arvores paramentam-se durante o anno, de varias fórmas; se no inverno apresentam a nudez completa, com os troncos despidos da mais pequena folha, parecendo rasgarem as nuvens, na primavera revestem-se de folhagem e flôres que espalham pelo ar tenues perfumes. No outomno amarellecem, ficam tristes, penetrantes de melancholia, pensando no inverno, na neve

que as virá cobrir de branco como se fossem novas. E' que as arvores são como as mulheres, enfeitam-se para agradar áquelles que as contemplam.

Sibila o vento agreste em noites de tempestade e os troncos dão guinchos que nos arrepiam, tetricos como gemidos de bruxas por montanhas escarpadas.

O vento forte faz inclinar os troncos com o seu poder, mas elles resistem com força herculea e no ranger que ouvimos symbolisam lagrimas de soffrimento, compassos sonoros de elegias phantasticas.

A arvore é o abrigo das aves durante a noite, o ponto de reunião durante as horas de sol, afim de organizarem concertos de trinados. A sua folhagem serve para a construcção de ninhos, aonde novas avesinhas saudam as madrugadas em canticos de alegria.

Se a montanha é a mãe dos abysmos, a arvore é um relicario de coisas bellas, de pequenos segredos, a inspiradora dos poetas. Quantos, á sua sombra, não divagam phantasias de amor, luctas de paixões!

Quantos troncos são repositorios de dramas intimos? Quantas inscripções talhadas a canivete nos pintam tristezas de amantes, beijos de namorados, recordações, datas alegres, dias de lagrimas, milhares de segredos que raramente os romanticos conhecem?

A arvore é a nossa companheira mais intima nos passeios solitarios; contamos-lhe tudo e ella guarda os nossos segredos e responde-nos pelos cantares das suas aves... pensei em tudo isto, e cogitei mil ideias depois que, em uma tarde, já lá vão uns poucos d'annos! como o tempo passa! passamos pelo jardim do Principe Real vi cahida por terra, uma grande arvore que eu conhecêra com tanto viço e com tanta belleza!

A uma pequena distancia uma carroça esperava por ella, afim de a transportar não sei para onde. Foi para mim um espectaculo triste; a arvore jazia no chão, tinha o aspecto da morte.

A luz da tarde ia pouco a pouco afrouxando, as torres da Basilica da Estrella badalavam cinco horas, algumas crianças brincavam juntas ao lago um verdadeiro contraste d'este mysterio chamado—*a vida!*

Olhamos para a carroça que já se affastava levando aquella arvore que eu tanto admirára em manhãs de primavera e em tardes de verão, assisti, sem esperar, ao seu enterro, ultima homenagem que lhe podia prestar.

Nunca mais a esqueci, e ainda me recordo d'ella com saudades; tempos que jámais voltam.

Lisboa, 2—XI—914.

ALFREDO PINTO (SACAVEM).

LISBOA—A nova expedição para a Africa.
O commandante + e mais officiaes da columna de marinheiros que partiu para Angola

---

A paz sustenta o cultivador, mesmo sobre aridos rochedos: a guerra o empobrece e o destroe, mesmo em meio das mais ricas campinas.

*

A paz diz: Gozae e crescei. A guerra diz: Soffrei e morrei.

Os marinheiros desfilando pelas ruas da capital

LISBOA — Embarque dos marinheiros para bordo do "Beira„

(Clichés do nosso corresp. phot. de Lisboa)

Padre Joaquim Dias dos Santos

Photographia tirada no dia da sua primeira missa celebrada no primeiro de novembro na egreja parochial de Ribeirão, Famalicão

(Cliché de Antonio Braz d'Araujo)

A "Illustração Catholica„ no Brazil

RIO DE JANEIRO — Um trecho da bahia Guanabara. Photographia tirada da torre do "Jornal do Commercio„

RIO DE JANEIRO — Campo de S. Christovão

Avenida Beira-mar. (Praia da Lapa)

(Clichês do sr. José Carvalho)

A Guerra Europeia

ANTUERPIA — Uma noite terrivel, debaixo dos obuzes e das chammas do incendio

Aspecto da Praça do Mercado, em Malines, depois da occupação da cidade pelas tropas allemãs. No centro um grupo de prisioneiros belgas guardados pelos soldados allemães

Montões de garrafas de champanhe que os allemães despejaram depois de saquear uma adega durante a sua permanencia no historico castello francez de Medement

Damnos causados por uma bomba lançada de um aeroplano allemão sobre o tecto d'uma casa em Paris

A nova artilharia turca passando pelas ruas de Constantinopla durante a mobilisação

Os recrutas e reservistas turcos com o novo uniforme do exercito

Os funeraes d'um soldado francez morto no Montenegro por um obuz austriaco

O cortejo funebre atravessando o monte Loucen

A princeza Xenie, a filha do consul francez e o principe Pedro deante da sepultura

Recrutas e reservistas turcos dirigindo-se aos quarteis vigiados por policias e soldados

Tropas indianas que combatem em favor dos alliados

ARMARIA PORTUGUEZA

Armas de cada appellido que entram na composição dos brazões das casas nobres de Portugal

Arraes de Mendonça. — Esquartelado, ao primeiro de vermelho nove folhas de golfão de ouro em tres palas; o segundo partido em aspa de ouro e verde com um fusil de cadeia de côr sobre o ouro e sobre o verde uma banda vermelha acutilada de ouro e assim os contrarios.

Azevedo. — Em campo de ouro uma aguia de preto estendida. Timbre: uma aguia de preto com uma estrella de prata no peito.

Bacelar. — Em campo de ouro um bacêlo verde de duas vergonteas retorcidas, postas em pala com quatro cachos de purpura. Timbre — meio leopardo de ouro com uma folha de parra na cabeça.

Bairros e Basto. — Em ouro tres troncos de arvore de negro, com nós em banda. Timbre: os tres paus das armas em retoque atados com torcal de ouro.

Rebello Jor

Anedoctas historicas
Ditos e pensamentos

Não era vaidoso

ESTANDO D. Affonso de Menezes, senhor de Mafra e filho do conde de Penella, sentado, no Paço, ao lado de Thomé de Souza, védor do rei D. João III, disse no mais acezo da discussão sobre fidalgos de poucos haveres:

—Isso se não pode dizer de mim que sempre tive boa casa.

Thomé de Souza observou:

—Vae ahi um pouco de vaidade.

O senhor de Mafra retorquiu azedo:

—Vaidoso eu! Pois se eu fosse vaidoso estava com Thomé de Souza sentado n'este banco?!

Fé de escrivão

Em casa d'uns noivos achavam-se de visita Simão Gonçalves da Camara, capitão da ilha da Madeira e Duarte Dias de Menezes, escrivão da fazenda de el-rei D. João III. Junto da noiva estava, ricamente vestida, a mulher de Simão Gonçalves da Camara, e o Menezes, que a não conhecia, perguntou ao marido:

—Quem é aquella mulher, que sendo tão velha e feia, está tão galante?

—O capitão calou-se mas como o outro insistia chegou-se á mulher e disse-lhe:

—Sabeis que o senhor Duarte Dias de Menezes diz que sois velha e feia?

—Marido, algumas pessoas m'o disseram já mas não lhes dei credito; agora, porém, com a fé de escrivão já não posso duvidar.

Caras de Saldanha

Um caricaturista desenhou o duque de Saldanha com innumeras caras, alludindo á facilidade com que o marechal mudava de partido. Saldanha disse, sorrindo:

—O desenho está bom, mas ainda aqui falta a cara de indifferença com que olho para isto.

Torre do Sabugal

Na torre de menagem da villa do Sabugal estão gravadas estas palavras:

Esta fez el-rei Diniz
Que acabou tudo que quiz;
Que quem dinheiro tiver,
Fará quanto quizer.

A mais velha

D. Miguel de Faria, bispo de Jaca e prelado illustre, estando no confessionario notou que duas mulheres disputavam sobre qual seria primeiro a confessar-se. O bispo disse-lhes:

—Aproxime-se a mais velha, essa confessarci primeiro.

Retiraram-se ambas.

Quadro de furtados

Miguel Angelo disse a um pintor, que lhe mostrou um quadro em que as figuras eram copia de outras:

— O quadro é bello, porém guardae-o do dia de juizo; pois devendo cada um ir buscar o que lhe pertence não ficará no vosso painel mais que o panno.

O marechal de Luxembourg

—Pois não vencerei nunca este carcunda?!...

Dizia o principe de Orange do seu valente adversario o conde de Luxembourg. Quando lhe referiram as palavras do principe, o marechal observou:

— Como sabe elle que sou carcunda se nunca me viu pelas costas?!

O tempo

O general Hugo, pae de Victor Hugo, jantava com o filho em casa do general Lucotte. Victor Hugo, então muito novo, defendeu calorosamente o realismo vendeano. O pae não o interrompeu, mas quando elle terminou disse a Lucotte:

— Deixemos agir o tempo. A creança é da opinião da mãe, o homem será da opinião do pae.

* * *

As façanhas grandes devem executar-se sem conselho, porque na consideração do perigo póde enfraquecer o valor. — *Julio Cesar.*

———

Para um homem se fiar d'outro não ha experiencia que baste.— *Cicero.*

TITO FLAVIO.

Dr. Diogo Pacheco d'Amorim

Distincto lente da Universidade de Coimbra, orador fluentissimo e uma das principaes glorias da Juventude Catholica Portugueza

PROPRIETARIO
Joaquim Antonio Pereira Villela.
DIRECTOR
Dr. Francisco de Souza Gomes Velloso.
EDITOR
Antonio José de Carvalho.
ADMINISTRADOR
Clemente de Campos A. Peixoto.

Illustração Catholica
Revista litteraria semanal de informação graphica

Redacção, administração e typographia
83, R. dos Martyres da Republica, 91
BRAGA

CONDIÇÕES D'ASSIGNATURA
(PAGAMENTO ADEANTADO)

Portugal e colonias (1 anno) . .	2$400
» » (6 mezes) .	1$200
» » (3 mezes) .	600

Á cobrança feita pelo correio ou pelo cobrador accresce o importe das despezas.

Estrangeiro (1 anno)	3$000
» (6 mezes)	1$500
Nnmero avulso	60

Numero 74 — Braga, 28 de novembro de 1914 — **Anno II**

ILLUSTRAÇÃO CATHOLICA

Revista litteraria semanal de informação graphica

Proprietario, Joaquim A. Pereira Villela. Director, Dr. F. de Sousa Gomes Velloso

EDITOR Antonio José de Carvalho. ADMINISTRADOR Clemente de Campos A. Peixoto.

Braga, 28 de novembro de 1914 | REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E TYPOGRAPHIA *83, R. dos Martyres da Republica, 91* Não se restituem os originaes | Numero 74—Anno II

Soldados belgas fazendo a comida em uma cosinha de campanha tomada aos allemães

Chronica da Semana

LXXIII

PRIMEIRA NEVE

AS mãos engelhadas do Inverno, mãos de velhinho tiritante, muito brancas, começam já a tecer no tear das arvores despidas os fios do orvalho congelado...

Vistas de longe, assim, as arvores por entre os cortinados de tulle da nevoa pardacenta, parecem-nos da côr dos derradeiros chrysanthemos do anno.

São as arvores que me veem contar a chegada do Inverno, de noite, ao luar, quando os mugidos longuissimos do vento se callam no céo alto, e os campos e as flôres parecem estreitar-se, abraçar-se muito, como as creanças no berço, ao roçar-lhes pelas faces os primeiros frios, para se aquecerem, aguardando que caiam os polvilhos tenues das neblinas e o Bom Velho deixe espalhar as ondas da sua longa barba sobre as paysagens dormentes...

A vida das seivas que estuava explendida nos tufos de verdura e raiava de côr no collo heraldico das camelias, apparece-nos agora animando a transformação bizarra a que o Inverno, um artista insatisfeito e merencóreo, todos os annos subjeita a natureza. As altas ramas dos salgueiros, por exemplo, quando a mão do Inverno lhes toca, supprindo as folhas com pequeninos rolos de neve, surgem como agulhas rendilhadas de mysteriosas e brancas cathedraes; e se dois ramos se abrem no ar, logo semelham braços crispados d'alguem que sente hervar-lhe o coração o acicate das grandes dôres e que por alli vae ermando o desespero tragico de viver, rouquejando desafios e pragas infernaes...

Olhem além como aquelle bosquêdo faz lembrar um cavalleiro andante, passando vagaroso como avejões d'uma ballada; vejam como o entrelaçar das hastes espinhosas d'este tapigo de silvas tem a forma de um berço abandonado!...

D'esta maneira o Inverno é bem mais artista que a Primavera. Ella sabe encantar pelo gazeamente das aves emboscadas nos recessos das frondes, sabe rasgar com os venabulos radiantes da Luz os seios virgens da Côr, conhece a harmoniosa ondulação dos ribeiros, — vence pelo detalhe.

Ah! Mas o Inverno é um velho artista, com ideias pacientemente acastelladas durante os solitarios exilios das regiões polares, onde os panoramas são abrangidos de relance, os contornos sempre diluidos e vagos, onde a illusão é engano dos olhos e deleite do espirito, — extranhas ideias de quem vive seculos e seculos na funda concentração do pensamento.

Não conhece o detalhe. A minucia, a preciosidade da forma e da côr, é uma profanação da arte. O espirito é sempre uma aza a palpitar no azul, junto de Deus que o creou...

E o Inverno todos os annos lá vem de muito longe, quando o halito doentio do Outomno tudo mirrou e reduziu a folhas sêccas que o vento faz redemoinhar em dança louca, e leva por fim — para applicar então a sua arte sobre o esquelêto das arvores e sobre toda a natureza desnudada.

E a sua arte é feita de incerteza, dá ás coisas um vago perfil de relêvos puidos pelo tempo, — e como a gente só vive de recordações e de sonhos, tambem nas bizarras formas esculpturaes em que o Inverno amolda a brancura nitente da neve, apenas sabe vêr reminiscencias de vultos que passaram e o ignorado e fugidio esboço das coisas que sonhou!

... Reparem... Parece que uma amphora cheia de luz suave, se entornou agora pelo céo. E' o luar que desponta... triste lua de inverno, rolando sempre atravez das transparencias da nevoa, solitaria alampada do silencio!

Escutem... Um sussurro timido enche agora o espaço.

O céo parece mais claro... E' a neve a cahir, tornando ainda mais branca a phantasia nostalgica da paysagem, — porque a alvura da neve já se confundiu com a alvura do luar!

F. V.

VIDA INTENSA

(PAGINAS D'ALEM FRONTEIRAS)

N'ESTE lindo outomno que vae correndo, parece que a natureza quiz pôr um parenthesis de sol, de felicidade, d'alegria, no meio das amarguras da terra. Ninguem pode imaginar, sob este céo limpido e sereno, que longe se desenrola a mais horrivel guerra dos tempos modernos e no meio da tranquillidade e da paz do meu quarto debruçado para o mar, que dorme sereno sem o arrepêllo d'uma onda, difficil se torna vislumbrar esse scenario tragico de cidades e aldeias em ruinas, miserias e riquezas em montão, promiscuidade macabra de trapos e de velludos, de cacos e de crystaes, rios de sangue correndo por entre florestas ardendo, com phantasmas dantescos de tragedia antiga. Ninguem imaginará as mil desgraças produzidas á flôr da terra, em nome do direito e da justiça! E' que a vida tem d'estes amargurados contrastes, d'estas dolorosas desigualdades, que constituem o seu reverso de felicidade ou de dôr.

BRAGA — Na Central da tracção e illuminação electrica. Antigo carro puxado a muares, uma das machinas de tracção a vapor e um dos novos carros electricos

Aquelle creado d'um desventurado principe, morto nas trincheiras do Aisne, e que, n'um hospital de Biarritz, convalesce d'uma espadeirada brutal, que lhe vibraram no momento admiravel em que defendia o corpo já frio do seu amo e senhor é um symptoma claro d'essas diversidades, d'essas miserias, d'esses desiquilibrios... Esse homem, a quem os jornaes louvaminharam, que parecia resuscitar a fidelidade antiga dos velhos servidores, transportado para França, faz aos jornalistas, que mexericam ao derredor do seu leito de convalescente, revelações que vão ferir a memoria d'aquelle que serviu e que com a propria vida procurou defender.

O caso posto n'um creado está na logica natural do seu caracter,—se o tem.

Um creado é um ser anormal. Não tem personalidade, não tem

Rebello Jor

sentimentos. Perdeu a generosidade do povo d'onde veio para ganhar os vicios da burguezia que foi servir. A sua alma tem um pouco de tudo e de todos... Socialmente é um parodoxo; moralmente é um hybrido.

Entretanto, o facto, como contraste, é interessante e doloroso e faz vêr que dentro da natureza ou dentro das almas existe o mesmo reverso alegre ou triste a que alguem chamou o tempero da vida e que, afinal, é muito simplesmente uma nota flagrante de desequilibrio, — um contraste evidente, como o d'este dia creador e bom, tranquillo e admiravel que não deixa suppor as desgraças, os horrores, as tragedias sangrentas d'essa guerra selvagem, que Deus sabe quando terminará...

JOSÉ DE FARIA MACHADO.

Um dos carros electricos a caminho do Bom Jesus do Monte e a ultima viagem da celebre "chocolateira„

O carro electrico no "terminus„ da linha, junto do elevador

"A filha da punição„

(Continuado do n.º 69)

SUA mulher começou um grito de jubilo mas acabou-o n'um gemido despedaçador. A angustia subjugava-a. Mas, como Joanna d'Albert, reprimiu os gemidos e entoou com voz firme, a canção favorita:

Du sang, du sang, du sang!
Il faut du sang!
Versons à boire à la machine,
Pour abreuver la guillotine,
Il faut du sang, du sang, du sang!

A este estribilho em voga a comiseração do povo desvaneceu-se como por encanto, uma alegria raivosa communicou-se de uns para os outros, e logo o côro immenso entoou a canção vermelha. Durante esse tempo, Thiago Breuilh, apesar da sua inexperiencia, desempenhava o seu papel de carrasco com satisfação geral. O abbade Saulnier abençoou-o. Thiago manejou a machina, e a cabeça veneranda do padre rolou sobre os degraus do cadafalso.

O funccionario da Republica agradeceu ao calafate, em nome da nação. Thiago recebeu as felicitações officiaes, com modesta altivez: tinha a consciencia de que bem merecêra da patria. Quando voltou para junto de sua mulher, a cidadã tinha nos braços uma linda menina: Thiago abraçou-a com enthusiasmo.

—Nasceu em dia de festa, dis-

No regresso do Bom Jesus do Monte

se a mãe. O Ente Supremo dar-lhe-ha, por certo, feliz destino.

Thiago achou isto muito bem dito. Quando os dois esposos chegaram a casa, examinaram amorosamente o presente que o Sêr Supremo lhes acabava de fazer...

A menina era encantadora.

Sómente, á volta do pescoço, enrolava-se, como um collar de coral, uma risca vermelha.

— Que é isto? perguntou a cidadã Breuilh.

Thiago empallideceu.

— O cutello... murmurou.

— Ora! disse a cidadã, tentando gracejar. Não é nada.

A menina cresceu. A' medida que o tempo decorria, o circulo vermelho tornava-se menos vivo, e dentro em pouco parecia um imperceptivel collar de um roxo pallido.

A cidadã Breuilh alegrou-se, porque o seu amor materno repellira, pouco a pouco, a sua lugubre obsessão sinistra.

— Apesar de tudo, dizia ella, a guilhotina não deixou signaes... Margarida será a perola de Saint-Malo, e, d'aqui a dez annos, quem se lembrará de que ella nasceu perto de um cadafalso?

— Sim, quem se lembrará? repetiu o docil calafate.

Os dois esposos enganavam-se. Todos o recordariam sempre.

O Terror passára havia dois annos. A guilhotina passára quasi de moda. Começavam todos a fugir do desgraçado Thiago, a quem os camaradas chamavam carrasco. Uma unica consolação lhe restava: a filha, a sua linda Margarida, que parecia um anjinho quando no berço sorria. Mas Margarida não fallava. A mãe passava longas horas a repetir-lhe sem cessar as mesmas palavras de carinho. A creança ficava muda. Emfim, uma tarde, a lingua soltou-se-lhe. A cidadã Breuilh julgou ouvi-la fallar como se estivesse longe. Chamou o marido a toda a pressa. Correram para o berço. A pobre mãe não podia conter a anciedade do jubilo.

— Falla, Margarida, falla, minha lindinha, dizia ella.

Depois inclinava-se para a ouvir. Mas a creança conservou-se ainda alguns instantes em silencio. Depois, fixando os seus grandes olhos azues sobre o rosto de sua mãe, que de mãos postas encon-

BRAGA — Dois electricos passando em Tenões a caminho da cidade

(Clichés do dist. phot. am. snr. José L. Garcia-Roldan, Engenheiro da A. E. G.)

BRAGA — O artistico cruzeiro que antigamente estava ao fundo da Alameda do Campo de Sant'Anna, agora levantado no pequeno jardim do largo de Nossa Senhora-a-Branca

A estatua do saudoso rei D. Pedro V ultimamente collocada no centro da Praça Mousinho d'Albuquerque

NEGRELLOS — *Vista geral da Fabrica de Fiação e Tecidos do rio Vizella*

trára no fundo da alma uma oração christã de agradecimento a Deus, poz-se a cantar baixinho, como um murmurio:

Du sang, du sang, il faut du sang!

A pobre mãe cahiu para traz como fulminada. Thiago precipitou-se para a soccorrer. Ao mesmo tempo a voz da creança repetia:

Versons à boire à la machine
Pour abreuver la guilhotine.

— Oh! calla-te . . . Calla-te! gritou a mãe. A creança, porém, continuou:

Il faut du sang, du sang, du sang!

Thiago atterrado tornava a olhar, da filha para a esposa desmaiada, d'esta para aquella. A mãe levantou-se por fim. Os seus olhos estavam abatidos e embaciados; a fronte livida estava coberta de rugas; envelhecera dez annos n'um minuto. No dia seguinte, quiz tentar nova experiencia. A creança, esboçando um sorriso angelico, começou em doce voz o estribilho maldito e nunca lhe ouviram pronunciar outras palavras, senão as da canção. A cidadã Breuilh, ferida no coração, arrastou durante alguns mezes uma existencia languida, e morreu de desgosto. No ultimo momento da sua agonia, ainda ouviu a voz de Margarida que cantava:

Du sang, du sang, il faut du sang!...

Um aspecto do interior da Fabrica

Thiago Breuilh chorou sua mulher. Ficou triste e só com a filha imagem viva do remorso. De cada vez que voltava do trabalho, Margarida acolhia-o com o fatal estribilho. E no emtanto elle estimava Margarida. Toda a affeição do seu coração se concentrára n'ella. Margarida, quando fez 10 annos nunca mais parou em casa. Um instincto de vagabundagem impellia-a a sahir, e aos primeiros passos que deu fóra da casa paterna, logo a povoação inteira conheceu o funesto segredo. Arredavam-se d'ella com terror. Approximando a sua lugubre loucura dos tragicos acontecimentos que haviam

Outro aspecto do interior da mesma Fabrica

Breuilh teve socego em Saint-Malo, e começou para Margarida essa vida exquisita e mysteriosa, em que a encontrou esta narrativa. Durante o dia, andava ella pelas praias, brincando com a espuma como um alcyão, colhendo a flôr branca do fucus, e procurando, entre os rochedos da costa, os caprichosos e delicados arabescos do sargaço.

As pessoas da região que por acaso a encontravam, evitavam-a, mas não a insultavam porque o seu angelico olhar teria causado compaixão a um tigre. Quando um desconhecido, attrahido pela sua belleza, d'ella se approximava, um sorriso infantil roçava-lhe pelos labios e cantava docemente o horrivel estribilho. A' noite voltava para o esconderijo de seu pae, contrabandista, e ninguem sabia onde ella se escondia.

NEGRELLOS — Costumes da região. Conduzindo lenha

acompanhado o seu nascimento, chamaram-lhe a *Filha da Punição*.

Verdadeira ou falsa essa ideia do castigo celeste foi para Thiago uma especie de sentença de proscripção. Os camaradas repelliram-o; o dono do estalleiro onde elle trabalhava, despediu-o. E Thiago Breuilh fez-se contrabandista para ganhar o pão de Margarida. Adorava cada vez mais a pobre creança. Era tudo o que lhe restava no mundo.

Durante muitos annos, Thiago, fazendo o contrabando de rendas e coutelaria d'Inglaterra, pôde ainda continuar habitando em Saint-Malo. Como tinha poucas necessidades, procedia com extrema prudencia e as suspeitas que sobre elle pairavam não podiam transformar-se em certeza. No emtanto, um dia foi surprehendido, quando desembarcava embrulhos por detraz dos rochedos onde agora se eleva o tumulo de Chateaubriand. Os guardas da alfandega deram uma descarga; não lhe acertaram mas conheceram-o. D'alli em deante, nunca mais Thiago

CABECEIRAS DE BASTO (Pedraça)
Um aspecto do rio

MONDIM DE BASTO — Uma ponte sobre o rio Tamega. Ao fundo vê-se o monte de Nossa Senhora da Graça com 140 metros de altitude

(Continúa).

PAULO FÉVAL.

FIGURAS DA BEIRA

(SEGUNDA SERIE)

Visconde de Guedes Teixeira

X

NÃO se, esquecendo nunca de valorizar-se para dispor de uma boa utilidade em beneficio de Lamego, o

Visconde de Guedes Teixeira não se limitava, ha muito, á emergencia na vida regional e districtal que o considerava já como figura de primeira grandeza.

Vêmo-lo em 1875 deputado por Moimenta da Beira, terra que, pela sua proximidade do logar do Sarzedo, tanto me lembra a nobre e aristocratica figura de José de Napoles, mimoso poeta e esbelto cavalheiro, moreno como um arabe, marcial no bigode e na pêra á Napoleão III, o primeiro nas salas solarengas do Sarzedo, e não só pela linhagem como pelo espirito, pela honesta e impeccavel galantaria.

E o circulo de Moimenta teve no Visconde

CA VÊZ—Uma ponte sobre o Tamega

(Clichés do rev. Manuel Ramos)

CA VÊZ—Na volta da escola

um representante magistral e valioso. Os interesses dos seus eleitores eram tanto os do illustre deputado, que nem nas pugnas ardentes da politica geral os esquecia ou secundizava. Pedia sempre, mas sabendo pedir, não reclamando nunca o irrealizavel, não procurando deslumbrar os seus clientes com o pregão de planos que, a rigor, quasi sempre indicam apenas a vontade de salientar concepções imaginosas a inculcarem um genio maravilhoso... que não é comprehendido pelos cuevos ingratos.

Pedia o que era urgente, legitimo e viavel, mas pedia-o com argumentos, dentro da licção dos factos e dos numeros. Nunca sacrificou o seu circulo a um pedaço de postiça aureola dos que, anciosos por se parecerem a José Estevão, invocam scenas de Homero e episodios dos Lusiadas a proposito da fundação d'uma escola ou da abertura d'uma estrada.

Valorizava-se assim dentro do flagrante positivismo do seu trabalho. Romantico por educação e indole, no parlamento era honrosamente pratico e util, deixando fogachear outros, ás vezes em questões como o imposto de rendimento, com dramaticas tiradas que fallavam tanto das *Ruinas* de Volney, como das *Noites* de Young, como da *Graziella* de Lamartine.

O joven deputado, afinal, onde resplandescia era na trincheira em que costumavam ganhar louros e prestigios os velhos, os veteranos, os Nestores da vida partidaria — nos problemas economicos e financeiros, tanto do agrado e da competencia de Fontes.

E a prova do seu valor n'essas primaciaes locubrações está no facto de o Visconde depressa fazer parte—e com gloria assignalada—da commissão de fazenda da camara, commissão que n'esse tempo só dava assento aos estudiosos, intelligentes e trabalhadores.

Relator de muitos projectos financeiros, e sabendo-os defender com ideias e com algarismos, o seu talento indicou-o em 1878 para relator da lei de Instrucção Primaria, proposta por Antonio Rodrigues Sampaio, ministro que, muito partidario da descentralisação do ensino, sabia legislar dentro dos progressos positivamente compativeis com o espirito nacional.

Sahiu-se bellamente o Visconde de Guedes do seu papel árduo, pois muito rija e valiosa

A menina Elvira, filha do snr. José d'Almeida Maia, de Lisboa, aos quatorze mezes

VIATODOS (Barcellos) — *Um dia na Quinta de Fralães, propriedade do snr. Luiz Villares. A partida*

uma phrase celebre: — *Os tempos mudam, mudam, senhor Visconde...*

Mas Arneiroz, se tivesse sacudido a sua indolencia morbida, encontraria o meio de deixar airosamente a chefatura, beneficiando Lamego, no immediato e corajoso pregão d'uma politica exclusivamente local e regional, e o dr. Cassiano Neves, tão valioso e sincero, seria o seu maior alliado, o que equivaleria a ter comsigo o velho Deão, os artistas, os proprios bellicocos Loureiros de Arneiroz... havendo talvez só o desgosto de Coutinho, decerto o inconsolavel com a ruina da sua astuta regedoria.

Não o entenderam assim os progressistas. Explorando todos os incidentes — ora jacobinamente ora profanando o nome de Deus — diffamavam e deprimiam o Visconde, dando-o como um delapidador

era a opposição, mas foi triumpho que nada surprehendeu a camara, lembrada com respeito do modelar projecto de lei sobre a circulação fiduciaria que apresentara em 1877, enriquecido com um relatorio que todos classificaram de profundamente substancial e logico.

Assim valoroso na politica geral, e impeccavel defensor do seu circulo como dos da sua querida Lamego, a sua terra tinha n'elle o legitimo, o unico deputado de verdadeiro e complexo prestigio. Ao contrario d'outros que, do prestigio na provincia faziam escala para proceres e ministros, o Visconde fortificava o nome na politica geral para poder ser ainda mais util ao bem-amado torrão provinciano em que nascera.

Lamego, para perfeito lucro seu, devia tê-lo comprehendido, banindo o partidarismo esteril que dilacerava e empobrecia a linda cidade de Echa Martim. Não ficaria mal nem ao provado talento nem ao caracter do Visconde d'Arneiroz, licencear o seu Javert — Antonio Pinto Coutinho — chamando-o á exclusiva *politica da cidade*, — e mandar desarmar os artistas que, bem aproveitados, poderiam dar excellentes e calmos cidadãos.

Bem sei que despontava um novo politico redemptor — José Maria de Alpoim, e que o dr. Rozeira e o dr. Cassiano Neves n'elle esperavam um apaixonado defensor de Lamego. Bem sei, além d'isso, que o Visconde d'Arneiroz decahia, e tanto que o esbulharam da chefatura, o que o alegre abbade de Penude — o bom Padre Macario que me casou — commentava com

incontricto, e chegando a attribuir a um castigo do Senhor dos Passos o incendio horroroso que devorou, em 1878, a ampla vivenda de Guedes Teixeira, na Praça do Commercio. Propalavam, elles, os scepticos na sua maioria, elles, os demagogos, que o Visconde era um maçon impenitente, um hypocrita na sua, aliás tocante, religiosidade. E em vão protestavam nobremente consciencias como a do dr. Cassiano — particular amigo do Visconde. *O partido do povo* estava formado pelo odio e pela intriga... e com ingenuos fermentos do pobre republicanismo que eu, por meus peccados, mais tarde alimentei em gazetas que hoje me envergonham como crimes.

José Agostinho.

A chegada á Quinta

VIATODOS—Depois do almoço
(Clichés do dist. phot. am. snr. A. Braz d'Araujo)

D. Helena Angelina de Mendonça C. Pinto de S. Balsemão
Falleceu em 1 de dezembro de 1913, confortada com todos os sacramentos da Egreja, tendo uma morte muito edificante

Instituto Nun'Alvares

REPRODUZIMOS hoje em gravura as novas installações do Instituto Nun'Alvares que por causa da actual guerra teve de abandonar a Belgica para poder continuar a sua missão educadora no bello edificio junto da Bahia de Pontevedra (Hespanha).

A sua situação é admiravel entre Marin e Pontevedra na estrada que liga estas duas povoações da Galliza. N'elle se ministra a par de uma excellente educação litteraria e scientifica uma solida educação moral e religiosa. O ensino litterario e scientifico é feito segundo o programma dos lyceus portuguezes. As aulas já abriram e teem sido innumeras as familias que lá teem levado os seus filhos e voltam satisfeitissimas pelas bellas installações em que seus filhos ficam.

Os pedidos de admissão podem ser feitos directamente a D. Arnaldo de Magalhães, Placeres, Pontevedra ou a Henrique de Queiroz e Lemos, Rua Anthero Quental, 40 — Coimbra, que de tudo se encarrega gratuitamente.

1) PONTEVEDRA (Hespanha) — Edificio do Instituto Nun'Alvares em Placeres.
2) O edificio do Instituto visto de longe.

A Guerra Europeia

HOLLANDA—Refugiados belgas em Tilburg esperando na praça publica a distribuição dos boletins para alojamento

Creanças belgas, extraviadas na fuga de Antuerpia, na presença de uma commissão hollandeza encarregada de as restituir a suas familias

FRANÇA — Chegada de um comboyo de feridos ao hospital de Bordeus

Canhão de 42 centimetros usado pelos allemães nos ataques de Liége, Namur e Antuerpia

ALLEMANHA—Guilherme II e o grande Estado-Maior allemão. A' direita do Kaiser está o general Falkenhayn, ministro da guerra, e á esquerda o conde de Moltke, chefe do Estado-Maior

Commando superior do exercito allemão. No meio do grupo está o principe herdeiro da Baviera, commandante em chefe do exercito bavaro que opera na fronteira do leste de França

TURQUIA — Officiaes do exercito turco fazendo exercicios de aviação no campo de Santo Estevão, perto de Constantinopla

Soldados da infantaria turca que combate com as tropas russas, em trajo de campanha

Soldados da infantaria turca com o novo uniforme de campanha

Clarins de um regimento de lanceiros do exercito turco

Artilharia do exercito turco com o novo canhão de campanha

FRANÇA — Uma ambulancia da Cruz Vermelha preparando os alimentos para os feridos

Veteranos da guerra de 1870 no hospital de Bordeus visitando os feridos

Anecdotas historicas

Ditos e pensamentos

Albuquerque e o mercador

AFFONSO d'Albuquerque deu a um mercador da India uns dentes de elephante para que lh'os vendesse; negocio em que o mercador se não houve como homem honrado, pois disse que os perdera no tumultuar d'uma feira. Mezes depois encarregou-o o vice-rei da venda d'alguns fardos de arroz, e, como ainda mal procedeu o mercador, Affonso d'Albuquerque disse-lhe:

— Se me lembro de que tinhas lá os meus dentes não fiaria de ti o meu arroz.

Ás de Villa Diogo

Disciplinava-se duramente, no quarto d'uma estalagem, S. Francisco de Borja, quando um tremor de terra abalou o predio e derruiu quasi toda a aldeia. Na fuga, um dos hospedes lembrou ao santo que elle ia correndo sem meias, ao que retorquiu:

—Agora não ha tempo de tomar senão as de Villa Diogo.

Portuguezes e castelhanos

Nos jardins do Vaticano passeiavam, n'uma tarde, o conde de Cifuentes e D. Henrique de Menezes, respectivamente embaixadores de Hespanha e Portugal. Subitamente o conde voltou-se para D. Henrique a perguntar:

—Porque é que os castelhanos se engrandecem sempre uns aos outros e á sua terra, e os portuguezes se apoucam?

D. Henrique de Menezes respondeu com um fino sorriso:

—Não lhe dê ouvidos, mentem uns e outros.

Comer do alheio

D. João III andava pallido, triste, com invencivel fastio. Um dia pediu conselho a um velho fidalgo de poucos haveres mas de larga experiencia.

—Que remedio me dás para que me volte o appetite?

O fidalgo respondeu promptamente:

—Coma Vossa Alteza do alheio, como eu faço, e verá como lhe sabe bem.

O parente do Minho

O marquez de Gouveia, fidalgo de elevado merecimento e respeito, recebeu no seu palacio um parente do Minho, que foi a Lisboa para acompanhar uma emmaranhada demanda. Um dia que o marquez subia para a liteira afim de ir ao paço, o parente pretendeu segui-lo.

O marquez de Gouveia observou-lhe que desejava ir só, e, então, o minhoto disse-lhe agastado:

—Senhor, eu venho d'onde V. Senhoria vem!

Respondeu o marquez:

—Não duvido que Vossa mercê venha de onde eu venho, mas não vae para onde eu vou.

E mandou seguir a liteira.

Pasquim

Indignado o Papa Adriano VI com as ousadias de Pasquim, ameaçou de manda-lo afogar no Tibre para que deixasse de injuriar. O duque de Seza, embaixador de Hespanha, observou respeitosamente:

— E' inutil, Santissimo Padre, converter-se-ha em rã e cantará noite e dia.

Regicidio

Brissot, alludindo aos jornaes e aos pamphletos de Marat, de Hébert, e de alguns rapazes que queriam pôr-se em evidencia com os seus exageros, como Fréron, Tallien e outros que provocavam e assassinio do rei e ultrajavam ignobilmente a rainha, fallou assim:

— Não ha melhor meio de eternisar a realeza do que o regicidio; nem é com a morte de um individuo que se logrará aboli-la. A resurreição da realeza em Inglaterra foi devida ao supplicio de Carlos I.

* * *

Os grandes e ricos teem cinco sentidos e os pobres teem seis, porque lhes dá mais um a necessidade.—*D. Francisco de Cuevas.*

Não ha coisa mais timida que uma má consciencia.—*Pythagoras.*

TITO FLAVIO.

O martyrio de S. Symphroniano

PROPRIETARIO
Joaquim Antonio Pereira Villela.
DIRECTOR
Dr. Francisco de Sousa Gomes Velloso.
EDITOR
Antonio José de Carvalho.
ADMINISTRADOR
Clemente de Campos A. Peixoto.

Illustração Catholica
Revista litteraria semanal de informação graphica

Redacção, administração e typographia
83, R. dos Martyres da Republica, 91
BRAGA

CONDIÇÕES D'ASSIGNATURA
PAGAMENTO ADEANTADO)

Portugal e colonias (1 anno) . .	2$400
» » (6 mezes) .	1$200
» » (3 mezes) .	600

Á cobrança feita pelo correio ou pelo cobrador, accresce o importe das despezas.

Estrangeiro (1 anno)	3$000
» (6 mezes)	1$500
Numero avulso	60

Numero 75 Braga, 5 de dezembro de 1914 **Anno II**

ILLUSTRAÇÃO CATHOLICA

Revista litteraria semanal de informação graphica

Proprietario, Joaquim A. Pereira Villela. Director, Dr. F. de Sousa Gomes Velloso

EDITOR Antonio José de Carvalho. ADMINISTRADOR Clemente de Campos A. Peixoto.

Braga, 5 de dezembro de 1914 | REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E TYPOGRAPHIA 83, R. dos Martyres da Republica, 91 Não se restituem os originaes | Numero 75—Anno II

LONDRES--Uma creança offerecendo um ramo de flôres a um soldado belga ferido na guerra e agora installado no hospital de sangue

Chronica da Semana

LXXIV

TRISTE AUGURIO...

1 de Dezembro. Nas ruas uma chuva impertinente a enlamear os passeios. Luz baça abafando o vozear da multidão que deslisa. Percebem-se vagamente os vivos tons berrantes das bandeiras, choramingando bagas de patriotico partidarismo, ás varandas dos centros. De quando em quando ouve-se o estallo secco de um foguete. E' dia de festa? Ninguem repara n'isso talvez... que o enthusiasmo vagabundeia de alma para alma a pedir um coração que o aquente e uma bocca ardente d'onde possa explodir em consabidas imagens de rhetorica.

"*O dia primeiro de Dezembro amanheceu puro e alegre tendo por feliz augurio a suavidade do céo*...„

Quem se lembra já d'estas palavras que abriam a descripção do feito libertador n'um velho livro de leitura que manuseamos em tempos felizes de que só uma saudade tristemente floresce?...

Nem já talvez vale a pena revocar do fundo d'alma aquelles ardores da juventude, tão faceis de encender como os proprios sonhos d'ella, — que vae muito sceptica a consciencia e desvanecida a esperança dos tempos de hoje.

De tanto ver, sente-se já puido o nosso olhar, e nós, os novos, que levantamos com amor da poeira mirrante do caminho o almo lirio real d'uma fé sublime, erguendo-o para o céo nas mãos em taça, como a offerta-lo a Deus, nós, quando o acaso ou a sorte da vida nos faz encontrar, cuidamos que já um seculo dobrou sobre as nossas frontes, debruçamo-nos, uns sobre as almas dos outros, e ficamos a fallar d'uma vida que ainda não chegou mas que já conhecemos! N'estas horas de crise fatal que atravessamos, a nossa geração parece destinada a ser para os homens de hontem o espelho dos seus desatinos, e a nossa presença figurar-lhes-ha os erros que elles commetteram e cujas consequencias havemos de expiar.

Ah! quem contasse por escripto os rasgos loucos em que estremecemos! Que restam d'elles? A inverosimilhança das sombras...

Não admira, não, que o dia de hoje passe sem que alguem recorde a imminencia do perigo, e nos previna do surdo remugir da cratera, em cujas vertentes acampamos descuidosos.

Alguns devem, porém, melhor que nós, repetir as tradicções da patria. Esses envergam uma farda e por selvas d'Africa rondam a fronteira ameaçada pelo teutão invasor. Calcam um solo fertilisado de sangue heroico. A viridencia das arvores, o rumorejo brando das florestas ha-de cantar-lhes ao coração a epopeia triumphal do passado heroico de Portugal, e o sangue já vertido ensinar-lhes-ha a morrer com honra!

... 1 de Dezembro. Luz baça, abafando o vozear da multidão que passa.

Por sobre o casario da cidade enorme, formilhante, uma flecha do fogo do poente, vermelha como o sanguineo rastro de um gladiador vencido, vibra e treme ainda... continua a cahir monotonamente a chuva. Aos bandos, atravez das praças, vultos femininos refogem e diluem-se na densa nevoa parda.

E emquanto ás varandas dos centros partidarios bandeiras nacionaes choram as bagas do seu patriotico suor, um garotelho, a nosso lado, assobiava audaz a *Portugueza*.

F. V.

VIDA INTENSA
(PAGINAS D'ALEM FRONTEIRAS)

A minha adoravel e silenciosa companheira de viagem, deixou esquecido, — na pressa com que desappareceu, com a sua reserva e o seu luto, — no *fauteiul* do *dining-car* o seu livro d'impressões. Deixou-o aberto, as folhas ainda quentes da volupia do seu halito, rescendentes do perfume leve das suas mãos. Com aquelle costume muito inglez de fixar diariamente as impressões, fica-me n'aquelle livro todo o seu cadastro sentimental, que eu percorri com a ternura discreta com que folhearia a sua alma de mulher. Alli, ao meu lado, aquellas paginas cruzadas d'uma lettra irregular e viva, parecem-me que tremem, que imploram, que balbuciam trementes de pudor que as deixe recolhidas no seu mysterio, na sua intimidade...

E' que alli vivem, palpitam os nervos d'uma mulher, as suas illusões, os seus desgostos, os seus ridiculos e as suas qualidades, os seus sonhos, as suas tristezas—é, emfim, toda uma alma, divulgada, prescrutada, e esclarecida. Aquellas paginas são a errata sentimental d'uma personalidade, por isso tremem ao ser lidas, arrancadas da sua intimidade, profanadas, por olhos extranhos e indifferentes.

COIMBRA—Os tres ultimos presidentes da direcção de C. A. D. C.
Da esquerda para a direita: Dr. Carlos d'Azevedo Mendes, (1910-1911): Dr. D. José de Lencastre, 1907-1910); Dr. João Francisco Cavaco, (1911-1913)

O livro ficou aberto em paginas recentes e são essas, que eu precisamente li, indifferente ao principio, commovido logo, com lagrimas nos olhos no final..

A minha silenciosa companheira escreveu alli a pequenina tragedia da sua vida. Rica, feliz entre as suas flôres e as suas pombas, na paz do seu condado distante, deveria casar dentro em breve, mas a guerra estallou e o seu noivo, o eleito da sua alma... «aquel-

le» —(assim resa o seu diario) com quem repartiu um pouco da sua vida, do seu coração, aquelle que é metade da sua personalidade ou toda, o seu sonho e a sua esperança, a sua vida, o seu amor afinal... partiu na primeira leva, sem tempo para se despedir, sem tempo para a vêr... Desde essa tarde fatal, não teve uma hora de calma, um instante tranquillo, uma alegria, um prazer.

Uma noite de temporal, quando o vento soluça desafinado uma aria soturna de *estradivarius* rouco, ella, debruçada para o seu bordado, tem a visão d'um combate longinquo, ouve gritos e gemidos e por entre a fumarada e a nevoa das costas, vê cahir, entre ondas de destroços e cadaveres, o seu noivo querido. Não consegue desvanecer essa terrivel impressão e chora, chora, toda essa noite amarga de temporal, sentindo avolumar no seu coração, tomar realidade, assegurar, impôr, esse presagio terrivel... Dois dias e duas noites — (que o livro amarguradamente regista), — procura dissipar essa visão, que cada vez mais se radica, n'essa ideia de morte, e pouco a pouco, entre lagrimas, rindo de si propria, esgotados todos os esforços adquire a certeza. Dizem-lhe, que é uma loucura, negam, inventam, mas a tudo indifferente, fiada apenas no seu coração, não acredita, cega pela sua visão, coherencia sómente d'aquelle presagio brutal...

Agora, vae correndo terras e aldeias, não com a esperança de o vêr — se tem a certeza que morreu—mas para encontrar a sua campa rasa d'heroe e poder cobri-la com as suas lagrimas e as flôres garrulas dos jardins geometricos do seu condado distante, que ella guardava enleada para o dia do noivado feliz...

JOSÉ DE FARIA MACHADO.

OVAR—No rio das Palhas
(Cliché do phot. am. sr. Ricardo Ribeiro)

O Padre belga

SÓ compulsando a Historia nas suas mais pulverulentas paginas é que lêmos morticinios, hecatombes, batalhas como ora se ferem nas planicies sagradas da Belgica ou nas florestas densas da Polonia. O seculo XX não é mais humano que os primeiros seculos da humanidade, que os tempos sanguinarios do dominio dos hunos e dos arabes; e o imperador Guilherme sobreleva em atrocidades aquelles imperadores romanos que mandavam incendiar Roma e do seu cavallo faziam um senador. Eram, então, os christãos quem pelos seus heroicos martyrios faziam o assombro dos tyrannos coroados, são ainda hoje os christãos que pela fé e patriotismo dão os mais nobres exemplos de coragem e de desprezo da vida. E não sómente os engrandece a bravura na defeza do lar querido ou do campanario adorado; mas tambem a firmeza

VIATODOS—Um grupo de bons amigos
(Cliché do dist. phot. am. sr. A. Braz d'Araujo)

com que aguardam a morte no fundo d'uma masmorra ou abrem a cova que vae servir-lhes de tumulo.

Como nos tempos da Grecia heroica, a immortal Belgica lega ás gerações que se succederem, para admiração e ensinamento, os mais extraordinarios e grandiosos actos de valor.

E o padre, esse evangelisador intemerato e humilde, morre pela patria e pela fé sem hesitações e sem pusillanimidades.

Aquelle modesto e velho cura d'uma pequena e alegre aldeia convizinha de Nivelles, pela fria heroicidade com que respondeu aos allemães, enriqueceu a Historia da Belgica com uma acção heroica e é o orgulho dos seus esforçados compatriotas.

O cura subira o altar e começara a missa, quando a cavallaria allemã irrompeu no grande largo da aldeia ensombrado de copado arvoredo. A multidão de fieis mais se aconchegou dentro do templo quando um capitão intimou ao cura:

—Padre, se no fim da missa não pedires a Deus, em voz que todos ouçam, protecção para os exercitos austro-allemães, serás fuzilado.

O cura continuou o santo sacrificio da missa sem olhar o official allemão, sem que o mais leve receio perturbasse a sua fronte enrugada e serena. Mas quando concluiu, ergueu as mãos ao céo e exclamou com voz forte:

Roguemos a Deus que conceda a victoria aos exercitos belgas!

Foi logo arrastado para o largo, encostaram-no ao muro do adro da sua egreja e fuzilaram-no. A sua heroica cabeça, dealbada de cãs, cahiu para subir á immortalidade.

* * *

CHAVES—Um aspecto da villa

Edificio da Camara e quartel de infantaria 19

Hospital, egreja da Misericordia e o castello

"A filha da punição,,

(Conclusão)

DURANTE o Imperio as ordens sobre o contrabando eram bem mais severas do que agora, pois faziam parte do systema de guerrear.

Noite e dia vigiavam-se as dunas e os desgraçados *smoglers* não eram homens que dormissem... Mas o augmento da vigilancia não impediu o commercio nocturno. De tempos a tempos, encontrava-se na praia o cadaver de um inglez; no dia seguinte apparecia o de um guarda d'Alfandega. Havia compensação e as coisas seguiam o seu rumo.

Thiago já não ia muitas vezes ao mar. Era o seu officio o mais perigoso de todos. Competia-lhe fazer descarga das mercadorias em contrabando. Quando uma chalu-

pasinha se mostrava, lá embarcava Thiago na sua canôa e dirigia-se a bordo para desempenhar o papel de piloto. Depois, ajudava a desembarcar os fardos e recebia por tal serviço uma exigua quantia. Até então, conseguira livrar-se de todas as perseguições. Os seus esconderijos eram tão cuidadosamente escolhidos, que os guardas cançavam-se de o espiar. Mas Margarida corria todos os dias pelas praias...

Uma vez, ao cahir da tarde, um guarda fiscal seguia-a de longe. Esse guarda teve um trabalho enorme em não perder a pista, porque Margarida, depois de ter

CHAVES — Jardim Publico mandado fazer pelo grande benemerito snr. Sotto-Mayor

CHAVES (Espaldão) — Logar onde se deu o combate das tropas fieis com as tropas realistas

palmilhado uma grande extensão da praia, metteu-se pelo dédalo de escarpas que, como altissima e robusta estacada, defende o castello da penedia do Varde. Ao poisar na penedia, o leve andar de Margarida não se demorou. Saltava, graciosa e esbelta, de pedra em pedra, como um cabritinho dos Alpes, vencendo todos os obstaculos, roçando os brancos pés pelas moitas dos *varechs*. O guarda, pelo contrario, suava sangue e agua, o desgraçado! Os pregos dos seus sapatos ferrados prendiam-se ás fendas dos rochedos, escorregavam pelos sargaços, desiquilibravam-o sobre as pedras e faziam com que elle por vezes rolasse pesadamente até ao fundo de alguma abertura cheia de lulas e mariscos, cujo desagradavel cheiro enervava. No entanto, não desanimou. Levava deante dos olhos o premio de tão arriscada aventura.

Margarida, porém, corria sempre. Nao havia luar. Ao clarão das estrellas, o seu vulto branco ia voando como uma pluma sobre o fundo negro dos penedios.

Quasi sempre o vento trazia aos ouvidos do guarda algumas notas dispersas do canto da moça. De repente, ella desappareceu e a voz cessou de cantar. O guarda parou indeciso. Era o ponto mais alto da penedia. A cem pés abaixo d'elle, o mar batia contra a base do rochedo. Approximou-se mais. O caminho até alli, ao logar onde Margarida desapparecêra, era plano; terminava por uma larga rocha que se abria para o mar e era impossivel de transpôr. Naturalmeente, o olhar do guarda mergulhou até ao fundo do buraco. Descobriu uma luz fraca, vasquejando sobre as pedras molhadas da entrada.

Um aspecto do rio Tamega

—Eis o ninho! murmurou elle esfregando as mãos.

E voltando logo atraz, apressou-se a chegar ao posto de Rothneuff, a requerer reforço.

Uma hora depois, cinco homens pararam á

CHAVES — O Tamega visto da Ponte Romana

(Clichés de José Villela)

beira da brecha. Desceram em silencio. No fundo do buraco havia uma pequena cabana; tão bem escondida que era preciso saber-lhe a existencia para a descobrir. No interior, a luz já se apagára. Os guardas accenderam a isca. Entraram. Sobre um monte de algas seccas, Margarida, toda vestida, dormia; o rosto tão cheio de calma que dir-se-hia alli a imagem viva da candura. Estaria só na cabana onde o contrabandista se escondia? Os guardas chamaram por ella, que acordou a sorrir. A' vista d'esses homens armados o seu olhar azul não baixou. Abriu a bocca e murmurou docemente:

Il faut du sang, du sang, du sang!

Os guardas recuaram.

—Sim, disse um d'elles, é preciso, e quando o bandido voltar, nós o apanharemos!...

Passou uma nuvem pela fronte branca de Margarida. Quem sabe se n'um instante o instincto do amor filial lhe dissipou as trevas da intelligencia. Foi um relampago... Depois de alguns segundos de silencio, os seus labios de novo começaram:

Versons à boire à la machine
Pour abreuver la guilhotine.

—Escutem! exclamou um dos guardas, preparando a arma. D'esta vez é nosso!

Todos ficaram em silencio. Margarida interrompeu o seu canto. Ouvia-se em baixo, no mar, um ruido surdo e regular. Era um barco que chegava á força de remos.

—Ei-lo! disseram os guardas.

Margarida levou lentamente a mão á fronte. Passou de um salto entre os guardas e inclinou-se para a beira do abysmo.

—Calla-te! disse baixo um dos guardas, ou morres!

A pobre creança não podia desobedecer. Não sabia fallar. Mas, no momento em que os guardas se approximaram d'ella, pegou na corda que servia de escada a seu pae e deixou-se escorregar pelo rochedo.

Os guardas consultaram-se; depois, o chefe bateu com a espada na corda que era velha e logo rebentou. Ouviu-se uma voz fraca no fundo do precipicio a cantarolar:

Il faut du sang, du sang, du sang!

—Pobre creança! murmuraram os guardas.

O barco, no emtanto continuava a avançar.

Margarida, precipitada de uma enorme altura sobre a praia, não pôde prevenir o pae. Thiago foi preso pelos guardas, depois de um combate feroz. No dia seguinte não foi encontrado o corpo de Margarida na praia. Thiago resistira: foi condemnado á morte.

No dia da execução, o cadafalso foi levantado no mesmo logar onde Thiago tinha, dezessete annos antes, feito o officio de carrasco. Todos se lembravam ainda d'esta circumstancia e não havia entre os espectadores quem d'elle se apiedasse. Thiago subiu de cabeça baixa os

IMMACULADA CONCEIÇÃO

Bella e artistica imagem da Virgem feita pelo habil esculptor bracarense snr. João Evangelista Vieira para o Exc.^mo e Rev.^mo Senhor Arcebispo de Evora

degraus do cadafalso. N'este momento, uma pallida moça, de roupas rasgadas, o corpo coberto de feridas, passou por entre o povo e veio cahir moribunda aos pés da guilhotina.

— Minha filha! gritou Thiago, estendendo os braços.

Margarida ergueu-se um pouco ainda, olhou para o fatal apparelho, monumento do seu louco e tragico destino, e a sorrir, ainda murmurou:

Du sang, du sang, il faut du sang!
Versons à boire à la machine.

Depois cahiu para não mais se levantar.

Thiago soltou um grito de angustia e entregou a cabeça ao executor. O povo retirou-se silencioso e recolhido. Se a falta fôra grande, terrivel fôra tambem o castigo, e mais de uma pessoa encontrou no coração piedade para esta triste familia, sobre a qual pezára justiceiramente o dedo de Deus!

PAULO FÉVAL.

PORTO — Cosinha Economica do Bomfim.
Rancheiros de infantaria 18 fazendo o rancho

O snr. dr. Julio d'Abeilard Teixeira provando a sôpa na Cosinha Economica

O Soneto da amphora ou a morte de Byblis

DE RONALD DE CARVALHO

BYBLIS, a loura irmã dos amarantos rubros
trouxe-a a Phazelis cheia do oleo das rosas
(que era sagrado e ardia ao luar, pelos delubros
entre thyrsos pagãos e ambulas caprichosas . . .)

Mas a vida passou e a grega envelhecida
Byblis deixou de ser por deixar de ser bella . . .
E, cançada de andar nos caminhos da Vida,
foi para Tharsos como a propria sombra d'ella . . .

O azul molhou de luar, ainda uma vez as frias
paisagens de seu paiz, e, em notas dolorosas,
a Lua-Cheia guiou-lhe o passo leve e absono . . .

E Byblis, ao morrer, deixou as mãos esguias
Sobre a amphora e das mãos o sangue abriu-se em rosas
(que o sangue d'uma grega é um jardim pelo Outomno . . .)

Distribuindo a sôpa

PORTO — Um aspecto da Cosinha Economica do Passeio das Virtudes

(Clichés do phot. am. snr. Julio R. de Castro)

A Vida do jornaleiro

LÁ na terra todos andam contentes.

Só elle, o João, tem assomos de tristeza que o trazem desbancado e carrancudo. Não pensa em mais nada, senão no tio que foi para o Brazil e que não deu mais noticia de si. Este tio, o José da Calçada, tinha alguma coisa de seu mas espatifou tudo nas eleições, nas comezainas pelas feiras; para não ficar a pedir pelas portas, nem ter de manobrar de enxada ás costas, porque foi arma com que nunca se deu, recorreu ao triste e sabido expediente do Brazil.

Foi um dó d'alma aquella despedida. O sobrinho com um filhito ao collo chorava que nem uma creança; a mulher do Calçada atava as mãos na cabeça.

— Oh! homem, o que tu havias de fazer... Adeus até ao dia de juizo!

— Leve o diabo paixões, mulher! Aqui ou lá, tudo é mundo.

— Ai! o meu rico homem, que o não torno a ver.

Era noite cerrada de inverno, escura como breu. O sobrinho lá foi acompanhar o pobre do homem até ao carro, mas Deus sabe com que apertos de coração. Já era viuvo, aos 27 annos, e ficaram-lhe duas creancinhas quando a consorte se passou d'esta para melhor vida. A mulher do tio Zé da Calçada lá lhe ficava tambem agora em casa a comer o pão sem trabalhar, pois soffria muito e se ainda amanhava as comidas para a familia e lavava a roupa das creanças, fóra é que ella não grangeava nem valor de cinco réis.

Imagine-se, pois, a magua do infeliz jornaleiro, que offerecia doloroso contraste com a alegria estupida do emigrado que esbanjara um bello patrimonio, e se sahia de vez em quando com punhaladas como esta:

A Illustração Catholica no Brazil

RIO DE JANEIRO — Rua 11 de Junho

Rua do Oriente (Santa Thereza)

RIO DE JANEIRO — Bibliotheca Nacional

— Ora esta! — rosnava o João ao voltar para casa. — Isto só a mim é que podia acontecer. O sr. Gervasio agora de inverno não me quer no trabalho. Que aborrecimento andar a guardar cabras todo o dia. E depois só um pataco! Isto só a mim é que póde acontecer... Só a mim...

Aquelle anno tinha sido desastrado para a lavoura. Raro foi o lavrador que chegou a colher metade do pão que costumava colher nos outros annos. Vinho poucos tiveram para duas pipas. Nas dez freguezias em redor a mesma miseria, a mesma desgraça. O espectro da fome devia infallivelmente bater a muitas portas. E depois, seria uma invasão da pobreza indigena a disputar os poucos alqueires das arcas dos lavradores mais remediados.

—Agora ao menos não tendes quem mande em vós.

O João não disse uma nem duas. Era a prudencia em pessoa. Outro que não fosse da força d'elle, pregava-lhe logo com uma resposta que o ensarilhasse. Até chegou a tanto a humildade de João, e a sua prudencia, que metteu uns meiotes de lã no bolsos para o tio, que não se lembrara do providencial expediente, e que ao chegar á villa, se levasse os pés humidos, bem precisava de mudar de meias, não lhe fossem elles arrefecer ainda mais no carro.

Rua de S. Januario

Monumento ao dr. Paulo Frontin erigido pelo povo em Valença (Estado do Rio)

(Clichés do dist. phot. snr. José Carvalho)

O sr. Gervasio possuia uma fortuna de estalo, e muitas quintas; mas estas quintas estavam arrendadas a caseiros, e não precisavam do braço de João.

(Continúa)

S. AZEVEDO.

Notas do Extrangeiro

Cardeal Cavallari

Lord Roberts
Generalissimo do exercito inglez ultimamente fallecido

Hugo Benson

Falleceu no dia 24 de Novembro o Eminentissimo Cardeal Aristides Cavallari, Patriarcha de Veneza. Nasceu este eminente prelado em Chioggia a 8 de Fevereiro de 1846 cursando ahi os seus estudos ecclesiasticos que depois foram completados no Seminario de Veneza. Ordenado sacerdote em 24 de Setembro de 1872 foi successivamente capellão de S. Cassiano e parocho de S. Pedro do Castello. Depois de ascender a varias honrarias foi nomeado Vigario Geral em 1904 e a 15 de Fevereiro de 1905 eleito Patriarcha de Veneza. No Consistorio de 15 de Abril de 1907 foi creado e publicado Cardeal com o titulo de S. Maria in Cosmedin.

Nasceu em Cawnpore (India) a 30 de Setembro de 1834. Estudou nas Escolas Militares de Eton (Sandhurst). Tomou parte nas expedições da India em 1858 e da Abyssinia em 1868 distinguindo-se sempre pela sua bravura. Em 1899 tomou o commando das forças inglezas no Transvaal, occupando Pretoria em junho de 1900 e acabando a conquista do Estado livre de Orange sendo-lhe concedido um premio de 100:000 libras.

Falleceu recentemente em Londres este illustre litterato filho do arcebispo anglicano de Cantorbery. Nasceu em Berkshire em 1871, convertendo-se do protestantismo ao catholicismo depois já de se ter afamado como litterato distincto, e concluir a carreira ecclesiastica da sua seita. As suas principaes obras são: «A Book of the Love of Jesus» (Livro da vida de Jesus Christo); «The sentimentalists»; «The Ligt Invisible» e «The queen's trajedy». Além d'estas escreveu um prologo para a «Imitação de Christo», optima traducção e prologo interessantissimo e profundo. A sua obra prima, porém, é «O Dono do Mundo» (The Lord of the World).

D. LEOPOLDO GARAY
Novo Bispo de Tuy (Hespanha)

A Guerra Europeia

Tsing-Tão, cidade allemã no extremo oriente e hoje na posse do Japão

O general Sandero, commandante do exercito turco

Enver Pachá, ministro da guerra, da Turquia

O marechal allemão von de Goltz, governador da Belgica, e os seus ajudantes na fronteira franco-belga

BELGICA — O rei Alberto vendo desfilar os soldados que durante dez dias e dez noites repelliram o inimigo entre Nieuport e Dixmude

Os lanceiros do exercito britanico poupando as suas montadas

Destacamento belga em marcha. Pelo estado em que se encontram os heroicos soldados pode julgar-se do muito que tem soffrido na desesperada lucta contra os invasores da sua patria

Ginetes argelinos da cavallaria colonial franceza regressando ao acampamento depois do combate e conduzindo os prisioneiros allemães

ARMARIA PORTUGUEZA

Armas de cada appellido que entram na composição dos brazões das casas nobres de Portugal

Bandeira. — Em purpura uma bandeira quadrada, de prata, e n'ella um leão de purpura ronpante. Timbre: a mesma bandeira.

Barbosas. — Em campo de prata uma barra azul, com tres crescentes d'oiro, entre dois leões de purpura, batalhantes, armados de prata. Timbre: meio leão de purpura, armado de prata com um crescente das armas nas espaduas.

Barretos.—Em campo de prata desoito arminhos. Timbre: meia donzella sem braços, em cabello, vestida d'arminho.

Barros.—Em campo vermelho tres bandas de prata e no campo nove estrellas d'ouro, uma na cabeça do campo, seis no meio e duas no fim. Timbre: uma aspa de vermelho em cima estrellas de prata.

Rebello Jor

Anecdotas historicas

Ditos e pensamentos

Os arrimos do paço

D. CARLOS, filho de Filippe II, era um grande gastronomo e costumava demorar-se á meza com desprazer dos fidalgos, que tinham de conservar-se em pé durante as refeições. Uma noite, um fidalgo, já somnolento e impaciente, foi recuando até a parede para encostar-se, mas foi tão desastrado que tropeçou n'um reposteiro e estatelou-se no chão, sob um côro de gargalhadas. D. Carlos voltou-se com severidade:

—A tal grosseria, tal castigo.

O fidalgo replicou serenamente:

—Senhor, são assim todos os arrimos do paço.

Tristezas de Themistocles

Perguntando alguem a Themistocles porque andava tão triste, sendo querido e respeitado de toda a Grecia, disse:

—Por isso mesmo. Ver-me estimado de todos é signal de que não pratiquei acção tão honrada que me haja grangeado inimigos.

Conselho prudente

D. João de Mascarenhas, o valente defensor de Diu, tentou dissuadir a D. Sebastião da jornada d'Africa. O joven epileptico julgando o conselho de cabeça enfraquecida, perguntou-lhe:

—Quantos annos tens?

—Tenho vinte e cinco para vos servir, e oitenta para vos aconselhar que não vades á Africa.

O imperador e o pirata

Alexandre Magno reprehendeu duramente e ameaçou de morte um pirata que ha muito infestava os mares.

O pirata sacudiu as cadeias que o algemavam, ergueu o corpo herculeo e respondeu altivo:

—Porque roubo com uma barca sou ladrão, e vós porque roubaes com uma armada sois imperador!

O grande padre Antonio Vieira commentou o dito do corsario:

—Dizia bem, porque o roubar pouco é culpa, e isto fazem os piratas; o roubar muito é grandeza, e isto fazem os Alexandres.

O luxo

Xerxes, senhoreando os babylonios, introduziu n'aquelle povo todos os prazeres e sobretudo o luxo desmedido. E, quando lhe perguntaram porque assim procedia com um povo de rebeldes, respondeu:

—E' para que não se rebellem segunda vez.

D. João VI

D. João VI jurara solemnemente a Constituição.

Regressando uma tarde de Villa Franca ao paço da Bemposta leu, escriptos a carvão, no corredor que conduzia aos seus aposentos, os dois versos seguintes:

Juraste a Constituição,
Que fazes agora, João?

D. João VI pediu um carvão e respondeu:

Faço o que me dizem
E como o que me dão.

Sentença de frade

Sobraçando um poema, producto de quinze suados annos, foi um poeta procurar o padre mestre, frei Domingos de S. Thomaz, velho de são juizo. Leu-o pausadamente e ao fim disse o frade:

—Este poema tem só o defeito de ser muito largo.

—Grande mercê me faz vossa paternidade dizendo-me o que será necessario fazer...

O frade encrespou um sorriso e sentenciou:

—Será necessario que côrte metade e occulte a outra metade.

• • •

Quando chega o dia do desfavor, apparece no privado, que descahiu da graça, um não sei quê de monstruoso, e o homem se converte em demonio.—*Victor Hugo.*

Antes quero ter por mim dois dedos de juiz do que vinte de justiça.—*D. João de Menezes.*

TITO FLAVIO.

Ultimos momentos de um combate

PROPRIETARIO
Joaquim Antonio Pereira Villela.
DIRECTOR
Dr. Francisco de Souza Gomes Velloso.
EDITOR
Antonio José de Carvalho.
ADMINISTRADOR
Clemente de Campos A. Peixoto.

Illustração Catholica
Revista litteraria semanal de informação graphica

Redacção, administração e typographia
83, R. dos Martyres da Republica, 91
BRAGA

CONDIÇÕES D'ASSIGNATURA
(PAGAMENTO ADEANTADO)

Portugal e colonias (1 anno) . .	2$400
» » (6 mezes) .	1$200
» » (3 mezes) .	600

Á cobrança feita pelo correio ou pelo cobrador accresce o importe das despezas.

Estrangeiro (1 anno)	3$000
» (6 mezes) . , . . .	1$500
Nnmero avulso	60

Numero 76 Braga, 12 de dezembro de 1914 **Anno II**

ILLUSTRAÇÃO CATHOLICA

Revista litteraria semanal de informação graphica

CHRISTUS VINCIT. CHRISTUS REGNAT. CHRISTUS IMPERAT.

Proprietario, Joaquim A. Pereira Villela. Director, Dr. F. de Sousa Gomes Velloso

EDITOR Antonio José de Carvalho.

ADMINISTRADOR Clemente de Campos A. Peixoto.

Braga, 12 de dezembro de 1914

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E TYPOGRAPHIA
83, R. dos Martyres da Republica, 91
Não se restituem os originaes

Numero 76—Anno II

FRANÇA—O governador de Paris passando revista aos «boy-scouts» no Campo de Marte

Chronica da Semana

LXXV

Santa Maria de Portugal

Revôa por toda a terra portugueza n'este dia, todo um côro immenso de preces, desfolhando aos pés de Nossa Senhora . . . E' a alma da patria erguida n'uma ancia tremente de supplica.

De nossas boccas solta-se um brado vivo de louvor A'quella que nas eras sublimes da aventura, da galhardia e do sonho em que Portugal se formava para o delirio febril das suas epopeias rebrilhantes e para o fatalismo nostalgico e romantico dos seus maus fados, curvou para a sua fronte — pedestal de aguias e urna de tristezas — os olhos calmos e disse-lhe, sorrindo, as palavras de esperança que levam á victoria ou ensinam a vêr nas proprias dôres o ninho de grandes alegrias.

Quem pudesse adentrar o espirito dos fieis que hoje erguem as mãos junto dos altares, quem pudesse percorrer n'este dias as brancas ermidas de Portugal, veria como as preces são feitas de uma só prece. As flores que adornam os thronos e baldaquinos d'onde a Virgem sorri, tambem exhalam, todas juntas, em ramo, um só aroma como suave emanação de rosas . . .

Essa prece não é apenas da geração a que pertencemos, não é apenas da nossa alma attribulada e triste. E' antes, muito antes, o echo da voz longa e perdida da tradição ancestral que nos embala o jubilo de sermos portuguezes, porque essa prece é, sobretudo, dominada pelo desejo de ver maior a nação para a qual Nossa Senhora de ha muito inclinou seu rosto.

Estamos todos a rezar á hora do sol-posto da raça. Na curva infinita dos nossos céos andam errando tristezas indiziveis, e é como se nossas esperanças esmaecessem, derramadas em lagrimas.

Nunca rezamos talvez com mais fervor do que agora em Portugal, e sempre foi que, nos tempos d'adversidade funda, em que o futuro nacional tem incertezas de horisontes longinquos sob nevoas baças; em que a desgraça de não ser livres nos tortura; em que a revolta e o desagrado fermentam sob as couraças dos soldados, sempre foi que n'estes tempos o desejo de viver feliz na terra sagrada dos nossos berços cresceu de par com a evolução ascensional das orações! . . .

Terra de Santa Maria! Não quer para si outro nome a nossa terra.

. . . Foi ha seculos, nas edades de oiro d'ella. Debaixo dos muros de Ceuta, rei e os infantes, a inclita geração do poeta, aguardavam o momento do assalto. O Mestre d'Aviz dissera animoso: *em nome de Deus e da Virgem Maria, cujo dia é ámanhã, sejamos todos fortes e prestes.* Todos o foram na refrega, ao fim da qual se lembraram tambem da rainha, que n'uma agonia branda de anjo, lhes promettera, do leito de morte, vêr-lhes as façanhas lá do alto do céo, ao lado de Nossa Senhora que já a estava chamando . . .

Terra de Santa Maria! Não quer outro nome para si a nossa terra, áquem e além mar!

. . . Hoje, debaixo das muralhas de uma outra cidadella onde a fé é cuspida, milhares de moços portuguezes que buscam no exemplo dos avôs illustres as normas e titulos d'honra de suas vidas, aguardam tambem a hora louca e bella da batalha, sentindo a alma franjada da luz aureolada das manhãs, e recordam tambem aquelles votos solemnes dos velhos heroes que depois de corregêrem a face branca das suas espadas as foram bater nas lages e tocar nas aras puras de Santa Maria das Victorias para que de melhor tempera ficassem, na grangearia ardua dos laureis para a Patria.

Nossa Senhora é para esses milhares de moços o anjo que lhes descerra ante os olhares ardentes a alvorada do triumpho, a arder em purpura. Para Ella, nós os moços de hoje, levantamos as flôres dos nossos sonhos e vertemos o sangue dos nossos sacrificios. Para Ella, reza hoje, em especial unisono, a juventude christã e patriotica do meu paiz!

. . . Mães muito amadas e muito soffredoras, noivas do infortunio e da esperança, creanças loiras e contentes, orphãs de lar e beijos, — erguei piedosas para Nossa Senhora de Portugal as vossas mãos franzinas . . . F. V.

A revolução de 1848

A revolução de 1848, em Paris, tem notaveis e vastas semelhanças com a revolução de 1910, em Lisboa. O leitor da *Illustração Catholica* não perde o seu serão lendo esta pagina de historia, pelo que ella encerra de ensinamentos apreciaveis, mormente n'esta hora tão incerta para a nossa querida patria.

Nos derradeiros dias do anno de 1847 o governo de Luiz Filippe estava tão pro-

Luiz Filippe I

fundamente desprestigiado que Tocqueville disse da tribuna: *A classe que governa dá o mais deploravel exemplo... O sentimento da moralidade desapparece, eleitores e eleitos, altos e baixos funccionarios, tudo que tem parte no governo, só trabalha para o seu bem estar proprio.*

O rei recusava teimosamente acceder ás reformas reclamadas pelos monarchicos avançados, e dizia ás ameaças d'uma revolução:

—Não hei de commetter os erros que commetteu Carlos X, hei de saber tomar um pouco melhor as minhas medidas e defender-me melhor.

Rebentou a revolução, ergueram-se nas ruas de Paris mil e quinhentas barricadas. Luiz Filippe cedeu um pouco. Mas já então o grito era:

—Abaixo Luiz Filippe!

A' medida que o rei cedia, e porque cedia sempre tarde, crescia a ira da multidão, onde iam dominando os republicanos. Odilont Barrot

Odilont Barrot

foi chamado ao paço e prometteu apaziguar a multidão, mas d'uma barricada responderam-lhe:

—Nós conhecemos-te, Barrot! tu és um homem de bem, defendes o povo; mas enganam-te como já te enganaram em 1830!

Barrot retirou desilludido. O grito era já:

—A's Tulherias! A's Tulherias!

A guarda nacional fraternisava com o povo, e as tropas estavam bloqueadas pelos insurrectos. A revolução triumphava. Querendo o rei certificar-se das disposições da guarda nacional, montou a cavallo e passou revista a alguns destacamentos, mas sendo recebido friamente, retirou-se dizendo a Thiers:

—Já vejo que está tudo acabado!

Fallaram-lhe em abdicar, mas o velho rei teve um assomo de energia:

—Só abdico da corôa abdicando da vida!

Porém, as descargas succediam-se e as tropas debandavam ou confraternisavam com os insurrectos. A rainha e as filhas accusavam de traição todos os que rodeavam o rei, era indescriptivel a desordem e a confusão. Ouvindo dos generaes que era impossivel defender as Tulherias, Luiz Filippe pediu uma penna e escreveu: *Abdico a corôa, que pelos votos da nação fui chamado a cingir, em favor de meu*

neto o conde de Paris. Oxalá que elle desempanhe satisfatoriamente a alta missão que hoje lhe é confiada.

Declarava ás dez horas que jamais consentiria na dissolução da Camara, ás onze horas dizia que só lhe arrancarião a abdicação com a vida, ao meio dia deixava de reinar. Assignada a abdicação, toda a multidão que se atropellava nas salas do paço, generaes, officiaes, deputados, cortezãos e funccionarios foram sahindo, sem querer saber do rei apeado, do seu herdeiro nem da mãe d'essa creança a quem o seu avô legava uma corôa quebrada.

Luiz Filippe sahe das Tulherias

Luiz Filippe vestiu-se á paisana e sahiu das Tulherias por uma porta falsa; rei, rainha e princezas amontoaram-se em tres pequenos carros de praça, que tomaram a galope pela estrada de Saint-Cloud.

Guizot

Guizot, chefe do governo, fugiu para Inglaterra vestido de mulher.

A multidão penetrou nas Tulherias, e um popular assentou-se no throno e saudou gravemente o povo no meio d'um côro de gargalhadas. Este throno foi seguidamente queimado na praça da Bastilha.

Estava feita a republica. Os estabelecimentos publicos eram protegidos pelo povo armado, bandos de andrajosos velaram pelo Banco e pelos seus thesouros, o enthusiasmo esfusiava em todos os rostos. Lamartine e Luiz Blanc fizeram parte do governo provisorio.

Pouco depois, no dia 25 de fevereiro, um operario á frente d'um numeroso bando armado penetra na sala onde deliberava o governo provisorio e exclama:

— Cidadãos, a organisação do trabalho! o direito ao trabalho dentro d'uma hora! tal é a vontade do povo, que está esperando.

Apoz acalorada discussão o governo assentou n'uma formula que o obrigava a dar sempre trabalho a quem lho exigisse, como um direito! Mas, pouco depois, grupos numerosos, levando desfraldada uma bandeira vermelha, irromperam na sala das sessões. Lamartine saiu a defrontar-se com elles, e o alto porte, o gesto largo, a voz sonora, a serenidade do tribuno acovardaram a turba enfurecida.

— O governo prefere a morte, disse Lamartine, a deixar-se deshonrar obedecendo-vos. Pela minha parte hei de repellir até o fim essa bandeira de sangue... A bandeira vermelha nunca deu volta senão ao Campo de Marte,

Lamartine

arrastada no sangue do povo em 91, a bandeira tricolor deu volta ao mundo, com o nome,

a gloria e a liberdade da patria.

O grande poeta alcançou n'esse dia um dos seus grandes triumphos, e a multidão dispersou para voltar repetidas vezes.

A 24 de fevereiro de 1848 foi proclamada a republica, a 27 o povo desmanchou as barricadas. Todas as corporações forenses, administrativas, commerciaes apresentaram-se no palacio municipal. As adhesões choviam copiosamente. Os marechaes, o arcebispo, o clero, os antigos deputados, Odilon Barrot, os proprios legitimistas, tudo adheriu como que se todos tivessem sido toda a vida republicanos.

Tempos depois...

O trabalho nas officinas parou, vivia-se na rua, apparentemente alegres os animos andavam inquietos, o governo aboliu os titulos de nobreza, toda a gente imaginava que o Estado podia fazer tudo e exigiam-lhe que o fizesse e sem demora, todos limitavam as suas despezas contribuindo assim para aggravar o mal, sustava-se o trabalho particular, multiplicavam-se os clubs.

Ao fim de tres mezes um operario dizia: — Temos tres mezes de mizeria ao serviço da republica!

Em 2 de dezembro de 1852, Luiz Napoleão dava o golpe de Estado e acabava a republica.

Mas esta pagina de historia é de hontem ou é de hoje?

A. C.

LISBOA — Um aspecto do parlamento na occasião da leitura da nota governamental pelo presidente do ministerio

(Cliché do nosso corresp. phot. de Lisboa)

GUARDA — Partida dos expedicionarios

O povo, em grande massa, acompanha á estação os soldados que vão seguir para Lisboa

GUARDA—Chegada á estação do caminho de ferro

Na "gare" da estação o povo faz a mais imponente manifestação na despedida dos expedicionarios

(Clichés do phot. snr. Ayres)

FIGURAS DA BEIRA

(SEGUNDA SERIE)

Visconde de Guedes Teixeira

XI

VEM d'ahi a desorientação politica de Lamego e que, morto o Visconde, deu grande vulto a José de Alpoim, convencendo muitos de que o partido regenerador lamecense apenas representava o orgulhoso predominio d'uma casta, entrincheirada no oiro do Banco.

o Visconde deixava o mundo, trocando-o pela eternidade. O finado fôra tão grande, que os successores, seus partidarios, pareciam pequenissimos... além de que os progressistas, decerto na melhor das intenções, não se esqueciam de os darem como verdugos e exploradores astutos do chefe extincto que teria sido mais victima d'elles do que dos mais sangrentos adversarios.

Aquelles progressistas estavam longe de ter a lealdade — diga-se tudo — dos que, mais da escola do dr. Cassiano Neves, depois deram a José de Alpoim uma força respeitavel e devotada, avultando em prestimos e competencias puras como os do dr. Rufino Osorio, hoje valente director da *Restauração*, de Costa Junior,

O Ex.mo e Rev.mo Senhor D. Manuel Vieira de Mattos, venerando Arcebispo eleito de Braga, com alguns condiscipulos do curso theologico concluido em 1882 no Seminario Conciliar de Braga

(Photographia tirada por occasião da reunião do mesmo curso, realizada em 7 de Novembro de 1907 no Bom Jesus do Monte)

Isto passou como verdade positiva, lisongeira das aspirações liberaes, e eu proprio, se, ao receber a nova da morte de Guedes Teixeira, devotei ao grande finado um artigo em que o pezar porfiava com o mais independente espirito de justiça, me afervorei, comtudo, pelos progressistas, defendendo, como podia e sabia, o alpoinismo para o deixar depois, mais sceptico do que indignado, pela mais ingenua das propagandas republicanas.

Mas eu tinha a desculpa da mocidade, da inexperiencia, da ignorancia dos homens e das coisas, e entrava no jornalismo politico quando

do dr. Ayres de Lemos, do dr. Oliveira Castro, do dr. Manuel Quintella, do dr. Arnaldo Vieira e outros.

Eram progressistas á patuleia, aggressivos, ferozes, nada escrupulosos nos meios. Feriam tanto com os olhos como com a lingua e julgariam ignominia terem uma palavra de paz e justiça a proposito do adversario mais digno. Queriam talvez amar e servir Lamego, mas, como os factos escarmentadoramente m'o provaram depois, reconhecendo-se elles depressa impotentes, ou incapazes, para beneficiarem a sua terra, teimaram nos seus pessoalismos, que dis-

farçaram em principios, e assim foram consolidando o pedestal, decerto justo, de José de Alpoim, mas sem que este famoso politico podesse, por singular infelicidade, dar aos seus amigos, em boas realidades, a decima parte das suas promessas gentis. Promessas gentis! Nunca as houve mais carinhosas e estimulantes. Ouvi-as mais tarde, em casa do Deão, quando o partido progressista era, como póde dizer-se, *mais humano*, e nem n'esse tempo, vendo o futuro chefe dissidente que tudo lhe perdoavam — olvidos, delongas, contradições, pesados sacrificios — a promettida terra de Chanaan se revelou, ao menos... na linha ferrea de Lamego á Regoa!

Tristissimo destino o de Lamego ter em José de Alpoim um politico tão desditoso, porque não tenho factos positivos para affirmar, como tantos, que o fogoso politico pensou sempre apenas em si proprio, desde deputado a ministro e par, invencivel com o seu *Janeiro*, com o seu *Douro*, com a sua *Revolução Franceza*, mas muito pouco util aos que se derreavam deante da sua facundia, da sua audacia, da sua energia combativa, um tudo-nada desdenhoso da humildade dos que o contemplavam.

Creio que José de Alpoim foi infeliz, apesar das

VIANNA DO CASTELLO — Benemerita «Delegação Districtal da Cruz Vermelha»

1) O interior do edificio no dia do bando precatorio promovido ultimamente para ajuda das despezas a fazer com as ambulancias que tenham de acompanhar o nosso exercito ao campo da batalha.

2) Sala das sessões da mesma associação.

3) Grupo da commissão installadora da "Delegação Districtal da Cruz Vermelha" da qual foi primeiro presidente o snr. dr. João d'Espregueira da Rocha Paris ╳ e o actual snr. José Caetano de Palhares Vianna, que está sentado á sua esquerda.

suas boas intenções, servidas por meritos muito apreciaveis. Nas suas maiores injustiças e precipitações, nas suas apparentes vanglorias, contradictorios processos, apenas sinceramente vejo infelicidade, se não é antes a consequencia multimoda d'um temperamento escaldado, irreflectido, ao sabor d'uma ingenuidade que ninguem espera em tão genuino politico, mas que nem por isso deixa de caracterisar os frequentes rasgos d'um intenso amor-proprio... aquelle amor-proprio que auto-suggestiona Alpoim até á convicção de que tem de ser polemista camilliano, logo que o contradigam, embora com primor e justiça.

Cahiu, em maio de 1879, o governo regenerador. Subiu ao poder o honrado Braancamp.

A camara dos deputados foi dissolvida. Gaudiaram naturalmente os progresistas de Lamego, preparando-se para a lucta. O Visconde apresentava a sua candidatura.

Havia 12 annos que elle provava a Lamego que era o seu melhor e maior amigo. Em vão. Foi derrotado nas urnas... todos comprehendem como, á custa de tudo, principalmente dos expedientes formidaveis usados nas assembleias de Tarouca — então parte integrante do circulo 66. Não valeu ao Visconde a grande maioria que lhe deram, ainda assim, Lamego e o respectivo concelho. Os progressistas, prepotentes, encarniçados até ao delirio, não recuando deante de todas as manigancias — e algumas, meu Deus! de perfeita prestidigitação — luctaram com selvageria e furia, espancaram, falsificaram, acarneiraram, tumultuaram e opprimiram... e venceram. Lamego teria inutilisado as hordas de Tarouca — se ellas não eram dirigidas por lamecenses — caso tivesse visto quanto se arruinava, não elegendo unanimemente o Visconde. Não o viu, e assim a sua votação, apezar de honrosa para Guedes Teixeira, foi insufficiente.

O melhor amigo de Lamego era derrotado e em peleja tão excessiva e exhaustiva, que o snr. Antonio Albino d'Andrade pôde escrever com tanto brilho como justiça: — *São volvidos 17 annos, e jamais foi disputado pela opposição, qualquer que ella tenha sido, a candidatura official de Lamego. Aquella renhidissima pugna, que a geração actual nunca poderá esquecer, parece ter esgotado as forças dos dois partidos militantes do circulo. Cançou-os.*

Sim, e feriu de morte a nobre alma de Guedes Teixeira, apunhalando-a com um fel que nunca mais se desvaneceu. O Visconde, colhido de surpreza por uma chicotada tão propria de ingratos e de fanaticos, cambaleou, apezar de forte, e póde dizer-se que começou então a longa e pungente agonia de tão alto e luminoso espirito.

José Agostinho.

VIANNA DO CASTELLO — Mais dois aspectos do interior do edificio onde está installada a benemerita "Delegação Districtal da Cruz Vermelha".

(Clichés cedidos gentilmente pelo dist. phot. am. snr. José Maria)

Açôres--Exposição de chrysanthemos no edificio da Camara Municipal de Angra do Heroismo

Vestibulo e escada central do edificio. A' esquerda o distincto medico e floricultor snr. dr. Lino

Um aspecto da escada lateral

Salão de entrada.—Flôres cortadas

Outro aspecto do salão de entrada

Lindos exemplares expostos no salão nobre

Açôres — Uma das escadas lateraes
(Clichés do dist. phot. am. snr. Castro de Canto)

SYMPHONIA DA MANHÃ

II

E da sombra esbatida dos casaes,
Esparsos pela pompa das colinas,
O fumo sobe em rendas manuelinas
E esbranquiçadas, tenues espiraes.

Estaticas, florescentes, aromaes,
Sob as doces alturas azulinas,
Olham o ceu as arvores franzinas,
Como os santos das velhas cathedraes.

Campos lavrados, musicas, fragrancias...
Na tepidez macia da manhã
Esvoaçam leves, brandas resonancias.

Vestem de flôr e aroma as oliveiras,
Abre em bagos vermelhos a romã
E o Senhor abençoa as oliveiras...

JOÃO DE CASTRO.

A Guerra Europeia

Pelotão de hussards francezes fazendo um reconhecimento perto do rio Somme

As trincheiras russas na Polonia

M. Kravchenko, correspondente de guerra, retratando um espião capturado por uma patrulha de cossacos

O cruzador allemão «Emden», levado a pique por um navio inglez

Artilheiros allemães fazendo fogo contra o inimigo

A armada allemã na linha de combate

Um official allemão lendo noticias da guerra a um grupo de marinheiros

Anecdotas historicas

Ditos e pensamentos

Homens e gente

ERA vice-rei de Portugal, por nomeação de Filippe III, D. Christovão de Moura, marquez de Castello Rodrigo.

Um dia que o marquez atravessava as salas do paço, seguido de numerosos fidalgos e pretendentes, dirigiu-se-lhe Francisco de Azevedo Coutinho, soldado honrado e de justa fama na India, a entregar um memorial.

—Peço a V. Senhoria se lembre dos meus papeis, pois ha muito tempo ando pretendendo.

Respondeu o marquez com azedume;

—Ha muita gente a attender e nem a todos posso despachar com brevidade.

Aprumou-se Francisco de Azevedo Coutinho, adeantou um passo e ousou desenvolto:

—Senhor D. Christovão, despache V. Senhoria os homens e deixe para depois a gente.

Olhou-o attento o marquez, acceitou o memorial e despachou como lhe era requerido.

Perder por ser cortez

A' porta d'uma sala do paço, encontraram-se D. João Coutinho, conde de Redondo, e, D. João Pereira, *irmão gemeo e mais novo* de D. Diogo Pereira, conde da Feira. Instando ambos porque o outro entrasse primeiro, e, vencido, o conde de Redondo, disse, sorrindo:

—Se V. Mercê não fosse tão cortez logo ao nascer não tinha perdido o morgado.

O desengano

Um lettrado de Entre-Douro e Minho foi a Lisboa requerer a D. João II um certo emprego. O rei indeferiu:

—O emprego que pedes já está dado.

O pretendente beijou-lhe as mãos agradecido. D. João II estranhou o regozijo e perguntou com aspereza;

—Entendeste-me?

—Muito bem.

—Porque me beijas as mãos?

—Senhor, por cincoenta cruzados que trago commigo para gastar com este requerimento, e como V. Alteza tão breve me desenganou supponho que me fez mercê d'elles.

Gostou o rei da resposta e deu-lhe officio mais rendoso.

Camponez de Bearn

Henrique IV, quando ainda rei de Navarra, era adorado pelos seus subditos, os bearnezes, com quem acamaradava em caçadas e outros folguedos. Sendo já rei de França, viu, entre a multidão que atulhava o Louvre, um dos seus companheiros de caça, que lhe estava fazendo signaes de amizade, em que fingiu não reparar. Acabada, porém, a recepção chamou ao seu gabinete o camponez, abraçou-o alegremente e perguntou-lhe se não estava contente de o ver rei de França.

—Sem duvida que estou, mas o que me desgosta é vêr que vos fizeste algum tanto soberbo!

Ostracismo de Diogenes

Contra o philosopho Diogenes foi dictada a seguinte sentença:

—Os magistrados de Synope ordenam-te que saias d'esta cidade e que nunca mais aqui entres.

Diogenes, arrimado ao seu bordão, respondeu aos magistrados:

—E eu vos condemno a ficardes sempre em Synope.

* * *

Se alguma vez encontrar um homem impeccavel, denuncio-o ao universo.—*Simonides.*

Medem-se as torres pela sombra, e os grandes homens pelo numero dos seus invejosos.—*Proverbio chinez.*

A preguiça caminha tão devagar que a pobreza a alcança logo.—*Franklin.*

Governar não é fallar.—*Littré.*

O homem que vos dá conta da sua vida, sem primeiro vos vêr mais de mil e quinhentas vezes, tende-o na conta de parvo.—*Luiz Pestana de Brito.*

TITO FLAVIO.

Imagem do Crucificado no Convento das Irmãsinhas dos Pobres em Nieuport que ficou intacta apesar de ter sido derruido por um projectil o muro que a defendia

PROPRIETARIO
Joaquim Antonio Pereira Villela.
DIRECTOR
Dr. Francisco de Sousa Gomes Velloso.
EDITOR
Antonio José de Carvalho.
ADMINISTRADOR
Clemente de Campos A. Peixoto.

Illustração Catholica

Revista litteraria semanal de informação graphica

Redacção, administração e typographia
83, R. dos Martyres da Republica, 91
BRAGA

CONDIÇÕES D'ASSIGNATURA
PAGAMENTO ADEANTADO)

Portugal e colonias (1 anno) . .	2$400
» » (6 mezes) .	1$200
» » (3 mezes) .	600

A cobrança feita pelo correio ou pelo cobrador, accresce o importe das despezas.

Estrangeiro (1 anno)	3$000
» (6 mezes)	1$500
Numero avulso	60

Numero 77 Braga, 19 de dezembro de 1914 **Anno II**

ILLUSTRAÇÃO CATHOLICA

Revista litteraria semanal de informação graphica

Proprietario, Joaquim A. Pereira Villela. Director, Dr. F. de Sousa Gomes Velloso

EDITOR
Antonio José de Carvalho.

ADMINISTRADOR
Clemente de Campos A. Peixoto.

Braga, 19 de dezembro de 1914

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E TYPOGRAPHIA
83, R. dos Martyres da Republica, 91
Não se restituem os originaes

Numero 77—Anno II

Um banho de lama—Um projectil de 100 kilos rebenta, sem ferir ninguem, no chão humido d'uma trincheira ingleza

Chronica da Semana

LXXVI

COMO UM LIVRO ABERTO

CAHIU o governo. Regista-se. E' um facto já banal a quéda de um governo. Paiz sem fé, corpo bracejando na immensa escuridão do seu futuro, todas as cabeças lhe servem. Habituou-se a esta indifferença de sceptico desde 34 — n'um tempo em que as cabeças inda pezavam como oiro de lei, na fragil e mal aferida balança da critica. Hoje todos os generos de primeira necessidade subiram de preço menos as cabeças de gente, que cada vez mais decrescem de valor... O alfange moiro da revolução razoirou cerce tudo o que subia da linha das mediocridades.

A preocupação niveladora, que é para cerebros frustes de jacobino um dogma, e para espiritos cultos um preconceito rudimentar de nefastos resultados, dominou o poder. Assim foi que todos nós assistimos á pesca de anuros p'ra ministros, no pantano azul e doentio onde coaxam, fedientos, todos os *arrivistas*, todos os que não teem que perder...

A ideia da *élite* confundiu-se na retorta do pensamento democratico com a ideia da aristocracia; e como os phraseadores de 89 entendiam que os candieiros das praças servem de cabides do feudalismo anachronico, e que o aristocrata era uma excrescencia do medievo tempo vá de repulsar com as pontas sujas dos dedos desnócados a formação *d'élites* que, na sua opinião, não são mais que conventiculos de senhores tyrannos de tragedia de feira, vestidos de sobrecasaca e chapeu alto, como o sr. dr. Bernardino Machado, chefe do gabinete decahido.

Saber quem o substitue, eis outra questão que pouco importa. Sancho ou Martinho, Paulo ou João, qualquer acerta, com tanto que dê de comer aos famintos, e saiba representar de sacerdote supremo e austero na ceremonia grotesca do culto revolucionario a que sóe chamar-se, em linguagem de orgãos officiaes, a descriminação de historicos e adhesivos, puros e impuros, dedicados correligionarios e sanguesugas monarchicos...

Ao sr. ministro dos estrangeiros, além d'estas funcções essenciaes a todas as auctoridades superiores da Revolução redemptora, cabem ainda as de leitor assiduo dos telegrammas da guerra e a obrigação de decorar, lettra por lettra, para saber emmudecer os germanophilos, o immenso livro diplomatico que o governo francez lançou a publico, com o honesto fim de dizer como os meninos espertos: *não fui eu!* quando n'um tribunal futuro se lhe perguntar quem é o responsavel pelo derramamento de sangue n'esta Europa civilisadissima.

Já as demais potencias belligerantes foram alijando de si todas as culpas em livros diplomaticos.

Mas como desconfiassem que amigos e inimigos iriam declarar a mesma coisa e exhumar dos nichos dos archivos a mesma papelada, foram pintando as capas dos volumes a côres diversas, para se differençarem: branca a Allemanha, parda a Belgica, amarella a França, alaranjada a Russia, ignorando nós até hoje que côr escolheu a Inglaterra, se a preta, côr dos alliados africanos, se a vermelha, côr do sangue que faz arrancar lagrimas e lagrimas ao olhar mortiço e triste de *sir* Grey...

Todos esperavam que o livro amarello francez nos trouxesse á curiosidade insaciavel a guloseima de documentos sensacionaes.

Não foi, porém, assim: apenas nos revela alguns detalhes sobre as relações e conversações diplomaticas entre a Allemanha e a França nos dias que precederam o conflicto, e tudo isto é pouco para illuminar o problema.

O depoimento da França demonstra que a Allemanha declarou a guerra. Não mente. N'este facto se baseiam os chronistas de gazeta para lhe atirar por sobre o busto forte o manto negro das culpas. Fraco alicerce este, a nosso ver, se lembrarmos que a guerra era annunciada de ha muito por todos os que n'ella morrem agora com heroismo; querida pelos que em França — como aquella boa e herculea figura de Derouléde — tinham a ralar-lhe as gargantas o grito d'alma da desforra; declarada inevitavel pela Inglaterra que anno por anno se preparava para ella; anciada pela Russia que, fechadas as portas do Oriente, alçava no ar a sua pata de urso por cima da Europa, invocando uma pretensa soberania de raças.

E sendo assim, leitor, vem tu armarte com o broquel dos imparciaes e dos justos, e ponderar comnosco á chusma d'escrevedores.

Trata-se de não morrer. A força é arbitro dos povos. O direito não tem voz (desde ha seculos!) na assembleia ruidosa onde as cubiças internacionaes escabujam ás dentadas, como cães. Façamos abstracção dos ideaes, das theorias e supponhamo-nos tão féros e nús como os collossos em presença.

Se a guerra era inevitavel, nós, na posição internacional da Allemanha, acaso teriamos a prudencia lorpa de esperar que a Russia acabasse de aprestar os seus milhões de soldados, de construir a sua extensa rede de vias ferreas, que lhe permittiriam invadir a Russia e a Silesia em poucos dias? Que a França organisasse o serviço de trez annos já decretado? Que o voluntariado inglez se transformasse em serviço militar obrigatorio? Que se realisasse a destruição da Austria pela Russia? Que se cumprisse o programma traçado pelos alliados para 1916?

O livro amarello francez não nos responde.

... Ah! como a Europa dos seculos transactos se ha-de rir, dentro dos tumulos dos Pantheons, e como a Meia-edade *de treva* ha-de chorar ao ver os escombros das lavrantarias que abriu no azul para sorriso dos anjos!

F. V.

VIDA INTENSA
(PAGINAS D'ALEM FRONTEIRAS)

(Interregno)

DA janella do meu quarto, que olha um jardim descuidado, a monte, onde apenas, como resto de grandezas idas, treme orgulhosa uma palmeira velha, diviso uma nêsga da ponte e mais além, coroando a casaria irregular da beira rio, Gaya e o Candal, perdidas entre a nevoa espessa d'este dia de chuva. Mais longe, a meio da encosta, que trepa semeada de *chalets* e fabricas, céo arriba, até á massa negra do convento, prolonga-se agora a nevoa mais densa, correndo indecisa na esteira de fumo do expresso de Lisboa, que passa rapido, fazendo sentir o arfar possante do vapor, cortado d'ora em vez, pelo silvo rouco da machina.

E', afinal, a unica nota estridula de vida que chega, interrompendo a monotonia da chuva a cantar nas vidraças e nos buxos abandonados, do abandonado jardim.

Algumas vezes, o retinir do electrico, que, apressado, cruza a ponte, a musica de um pregão ou a melodia dolente d'uma cantiga — alma commovida da rua — veem, estertorisadas, longinquas, como um lamento, suspirar mansamente aos nossos ouvidos.

OLIVEIRA DE FRADES — O Exc.mo e Rev.mo Senhor D. Antonio Alves Ferreira, venerando bispo de Vizeu, por occasião da visita pastoral á freguezia de Sejães.

Photographia tirada á porta do Exc.mo Snr. Antonio Falcão onde S. Exc.a Rev.ma esteve hospedado.

(Cliché do dist. phot. am. snr. Tono Eiza, corresp. da «Ill. Cath.»)

De dentro, do sombrio casarão, apenas chega o bater militar das armas, no lagedo frio dos corredores abobadados ou, d'espaço a espaço, algum *álerta* previdente e regulamentar.

Da paysagem, que uma facha de nevoa regularmente cobre, pouco mais se distingue do que a massa escura da bruma, onde avultam, irregulares, fórmas macabras que a phantasia estylisa e regula. Olhando mais para as recordações, coração aberto, que janella fóra, para o horizonte, avolumam tristezas e amarguras, recordações

e saudades, d'essa Gaya laboriosa e honesta, das luctas liberaes, do trabalho e das *grèves*, esse Candal recatado, scenario romantico, onde Camillo matou d'amor algumas das suas enternecidas figuras e onde parece errar a alma soffredora d'aquelle desventurado Guilherme do Amaral, espalhando ainda a sua philosophia amarga e as saudades crueis e remordidas, pela sua desventurada Augusta, figura excepcional de fatalidade e de tragedia da galeria do solitario de S. Miguel de Seide. Talvez que por alli, perdidas entre a bruma, que escurece a paysagem, velada e triste, como uma tela de *Winstler*, o bizarro pintor do Tamisa, revoem ainda as figuras desventuradas de tanta apaixonada novella, que o mestre sonhou, amou, erigiu, na estreiteza da sua cella da Relação.

Quem pudesse prescrutar a immobilidade d'estas pedras lavradas para tão diverso destino, decerto advinharia mil pequeninos dramas, detalhes de tragedia, amarguras e tristezas! Mas as pedras não fallam e nada chega de fóra a este isolamento onde nem d'arribada abordam os successos, os factos que preoccupam o mundo n'este calamitoso momento.

O *Kaiser* póde estar prisioneiro em Arras, senhor de Dunkerque, ameaçando Londres ou sellando a paz no appetecido Ypres, em troca do resgate do *Kronprinz*, que fracassou em Cracovia, que, aqui, nada chega e nada se sabe. E' o isolamento, a morte momentanea quasi, que livre, só o espirito que vôa apressado para junto dos seus, dos amigos e

MONTALEGRE — A ultima missão religiosa

Foi extraordinariamente concorrida a ultima missão religiosa realisada em Montalegre pelos distinctos oradores revs. dr. Clemente Ramos e Silva Gonçalves. A procissão que coroou os trabalhos da missão foi imponentissima como se pode ver dos clichés que a seguir publicamos.

1) A procissão, seguida de milhares de pessoas, chega ao Campo do Toural em frente aos Passos do Conselho.

2) A procissão atravessando o local das antigas muralhas.

3) A procissão entrando na rua Direita.

dos conhecidos, a acompanha-los, fiel e reconhecido, na sua amargura e na sua saudade.

A chronica d'hoje vae, pois, fallando mais do coração que dos successos da semana, mais triste que mordaz, sem uma nota, sem um detalhe, sem uma impressão que não seja a da paysagem triste que o horizonte da minha janella abraça e a nota desoladora, de isolamento, de ignorancia, do que por esse mundo vae, n'esta hora tranquilla e mansa do entardecer...

Paço Episcopal,
6—XII—914.

JOSÉ DE FARIA MACHADO.

Açôres — Varadouro e armazens dos aprestros da pesca da baleia, uma das primeiras industrias das Lagens do Pico

IDANHA-A-NOVA

NOVEMBRO.

Oito horas da manhã; vento frio e forte.

O sol polvilha de ouro as casas da villa e dá aos campos a vida dos canticos.

Manhã fria, mas linda.

Vamos ao castello. O panorama deve ser vasto, um encanto.

Subi, sem hesitar.

Na ascensão, o vento, como que a defender-se de um inimigo, vergasta-me, sibila mysterioso, cortante.

Não importa.

Ganha a altura, cantei victoria, admirando o conjuncto do quadro, primeiro.

O sol é mais aquentador e parece parabenciar-me pela ousadia.

Depois, puz a vista demorada, pesquizante, ávida, nos longes do horizonte... para lá de Castello Branco, a sorrir-nos, a enfeitiçar-nos com a sua casaria alvejante; sim, para lá muito mais longe, na serra de Castello de Vide, a lembrar-nos a da Penha de Portalegre.

Imperio das mancebas. Sahida da corôa da egreja de S. Roque (Pico).

(Clichés do phot. am. sr. A. J. Leite).

Cardeal Angelo di Pietro

Nasceu em Vivaro (diocese de Tivoli) a 22 de maio de 1828. Estudou, primeiro no seminario de Tivoli, e depois em Roma onde obteve os graus academicos *in utroque jure*. Foi secretario e depois vigario geral do bispo de Tivoli, e em 1865 passou a vigario geral do Em.mo Bispo de Velletri sendo no anno seguinte seu suffraganeo com a sé titular de Nyssa. Em 1877, já arcebispo titular de Nazianzo e legado apostolico é enviado extraordinario á republica Argentina, do Paraguay e do Uruguay; em 1879 foi nomeado Internuncio Apostolico ao Brazil, em 1882 Nuncio em Munich da Baviera, e em 1887 para Madrid. S. S. Leão XIII, em 1893 o creou Cardeal com o titulo de S. S. Bonifacio e Aleixo, optando depois pelo de S. Lourenço in Lucina.

Padre Francisco Maria Fernandes de Castro

Orador fluente e de nomeada em Lisboa onde tem empolgado os auditorios mais selectos e numerosos evidenciou-se em Braga, no dia 8 do corrente, prégando com proficiencia na capella do Collegio de Regeneração, e discursando á noite na Juventude Catholica. Em ambas as circumstancias se revelou um mimoso cultor da arte de bem dizer, conquistando os applausos de todos os que o ouviram.

(Cliché da phot. Alliança)

No lado opposto, mais perto, atirando-se para as nuvens, n'um impeto de titan, que, simultaneamente, avassala e ensoberbece, Monsanto.

Aspecto surprehendente!

Aquella altivez dos alcantis desafia-nos a phantasia, a qual, com azas mais potentes que as da aguia, vôa pelos páramos do sonho...

Aquella altivez das penedias, surgindo-nos, quasi, ex-abrupto, no meio de enorme planicie, predica-nos a inquebrantabilidade de caracter...

Faz scismar...

E, scismando, a vista cae-nos, mansa, demoradamente, em Penha Garcia e Ladoeiro e, retrahindo-se, em analyse maior, deixa-nos vêr, muito perto, o Ponsul, correndo, agora, tão suave que mal faz suppor os frémitos de ira nas invernias.

Bello quadro, em verdade!

* * *

Ao voltar, dei com os olhos no Campo Santo, a meio da encosta, limpo e pequeno, mas assaz grande para lá entrarem e ficarem todas as grandezas de Idanha e até do mundo inteiro...

FRANCISCO SEQUEIRA.

RISCOS...

OITO horas da noite. A névoa do rio é um lençol cobrindo o corpo da cidade espreguiçada na encosta. Que

MAFRA—Jury do tribunal militar que julgou os implicados nos acontecimentos de 20 d'Outubro

frio!... Ha um vago tom esfumando a luz flambante nos candieiros das praças, onde boleeiros trauteiam roucamente canções de tédio.

Dos cafés vem rolando a onda sonora de um mar de frivolidades,—gritos e risos, tinidos de campanulas, todo em rumor que tem o quer que é dos jubilos dos loucos descompostos...

Que frio!... Eu ia passeando o aborrecimento dos que, amando o isolamento, foram arrastados para o turbilhão dos grandes centros, pela garra da Vida. Eu ia passeando... colleando por entre vultos ignorados, grupos que eu nunca vi deslizando... Passavam-me ao lado rostos femininos d'uma belleza rara, atufados na roçagante caricia dos velludos. Roçavam por mim as curvas doces dos contornos, esbeltos. Eu passeava a minha indifferença altiva, ellas a sua gloria fátua de abandono... Que frio!

Ia fallar-vos dos chrysanthemos, mas eu sei que vocês não gostam d'elles...

Irrita-vos o desgrenhado das suas cabelleiras revoltas... e que fazem lembrar as d'um estrouvinhado, que regressou da esturdia aos clarões incertos d'alvorada. Mão carinhosa collocou n'um solitario, sobre a minha meza de trabalho, um lindo chrysanthemo ducal, branco e rubro. Quando o sol me invade o aposento, fustiga-o logo e eu vejo então a delicia languida com que elle, o meu chrysanthemo branco se espreguiça, se entreabre, volteando largamente sobre a haste, aos primeiros beijos do sol.

Parece-me que não está na minha frente uma flôr, antes um fino rosto de mulher, flôr de marmore, de côma ondeante em desalinho, por sobre a nivea espalda dos seus hombros, abre para mim uns labios corallinos n'um bocejo largo a que o semi-cerrar das palpebras dá real-

MAFRA—O presidente do tribunal militar sr. general Garção e o promotor

Um aspecto do tribunal militar durante o julgamento. No 1.º plano os cinco surgentos, primeiros reus guljados

(Clichés do nosso corresp. phot. de Lisboa)

LISBOA — A ultima expedição para Angola. Chegada do regimento de infantaria 17

ce... e que dois braços se distendem no ar, como se tentassem segurar a visão de um sonho de amor...

Meu chrysanthemo branco e preguiçoso, como eu tenho vontade de mergulhar os dedos da minha mão nervosa na tua cabelleira desgrenhada!...

Hontem á noite ouvi cahir da bocca de um vagabundo estas palavras:

—Dê-me um auxilio em nome da humanidade...

Falso metal o d'aquella voz. Já o phraseado pôdre das gazètas gotteja como espumea baba das boccas dos pedintes... Foi n'uma rua de grande movimento, d'essas a que os cicerones usam chamar arterias grandes! talvez porque andam com a vida do sangue alimentada a sôro, como os corpos que morrem devagar.

Pedir um auxilio em nome da humanidade! Eis a ultima palavra da civilisação em ruinas...

Como eu lembro a voz apagada da humanidade e a brandura com que pela minha aldeia longinqua, os pobresinhos de tudo, que nunca sentiram o cheiro das machinas do progresso, soluçam:

—Uma esmolinha pelo amor de Deus...

A humanidade! Palavras... palavras, dirias tu, meu irmão Hamlet, olhando a farandula das folhas mortas do derradeiro outomno que vivestes!...

FRANZ.

O regimento de infantaria 17 na parada

LISBOA — Parada e revista em infantaria 16

O major Malheiro á frente da columna expedicionaria a caminho do Arsenal

LISBOA — O embarque no Arsenal

O embarque das forças de infantaria 17

(Clichés do nosso corresp. phot. de Lisboa)

POEMAS PEQUENINOS

Immaculada

«Vede que tal seria esta feitura
Que para Si o seu Feitor guardou!»

Camões.

Toda a belleza, que por mão divina
ás demais creaturas foi doada,
com a tua belleza comparada,
logo perde o fulgor, logo se fina.

Não é tão linda a estrella matutina,
nem a risonha luz da madrugada;
e nem a flôr mimosa e delicada
que lagrimas vertendo a face inclina.

Para que Sua Mãe fosses e Mãe nossa,
cheia de graças mil Deus te formou,
sem a mancha mais leve que haver possa...

A mente humana em seu mais alto vôo
tuas perfeições sublimes mal esboça:
só sabe quem Tu és Quem te creou.

*

Pintores, embebei vossas palhetas
nas côres mais suaves e mimosas,
afinae vossas lyras maviosas,
bemfadados das musas, doces poetas.

Realce o genio em creações perfeitas
Aquella que entre as Virgens mais formosas,
é mais bella que o lirio entre as rosas
e que a lua no ceu entre os planetas.

Não creareis tão prodigiosa tela,
poema tão sublime em que se exprima
quanto Maria é santa, pura e bella!

E' das mãos do Senhor a obra prima:
com tanto amor a fez, com tanta estima,
que todo o seu poder empregou n'Ella!

Minhotães,
8 — XII — 914.

P.e Barbosa Campos.

A Guerra Europeia

Lanternetas usadas pelos allemães para durante a noite descobrir os comboios de abastecimentos do inimigo

Forças de artilharia japoneza crusando um rio para tomar posições em Tsing-Tao

CONSTANTINOPLA — *Vista da cidade tirado do Arsenal*

FRANÇA — O enterro do general Durand fallecido em consequencia das feridas que recebeu na guerra

Officiaes do exercito inglez explicando ás tropas a heroica proeza do artilheiro Derbishire na batalha de Dixmude

A INVASÃO DA GALLICIA — Uma sentinella russa apreciando o bello panorama do paiz a conquistar

CHAURONNE — Habitações destruidas pelos ultimos bombardeamentos

DIXMUDE — A egreja de S. João depois do bombardeamento

Um piquete de infantaria turca com a bandeira

Artilharia japoneza marchando a tomar posições em Tsing-Tao para combater as forças allemãs

Bateria franceza de canhões de 75 m. que foram usados nos combates dos Argonnes contra os allemães

A cathedral de Reims vista de um aeroplano

Anecdotas historicas

Ditos e pensamentos

Sonhos maus

O imperador Carlos V, andando á caça nas abas da Serra Morena, perdeu-se da comitiva e entrou para descançar em um pardieiro que suppoz deshabitado. Sobre umas palhas dormiam, alli, quatro homens. Ao ruido que fez o imperador um dos homens despertou e, levantando-se, apoderou-se do chapeu de plumas que tão bella tornava a fronte de Carlos V, e disse:

—Sonhei que vos devia tirar este chapeu!

Ergueu-se outro, desapertou ao imperador a casaca bordada a prata, dizendo:

—Sonhei que a vossa casaca se ajustava admiravelmente ao meu corpo!

O terceiro despojou-o do capote.

—Sonhei que este capote me havia de tirar o frio!

O quarto, vendo-lhe um apito de ouro, disse contentissimo:

—Sonhei que era meu este apito!

E apitou para festejar o saque. Mas logo acudiu a comitiva, que vagueava perto, e os quatro salteadores foram algemados.

Fallou, então, o imperador:

—Eis aqui quatro homens que sonharam á sua vontade e tudo quanto quizeram. Agora, cabe-me sonhar tambem... Que bello sonho acabo de ter!...

Sonhei que sois todos quatro dignos da forca! E mando que este meu sonho se realize immediatamente.

Foram enforcados nas arvores da floresta.

Amigos e inimigos

O rei Antigono dizia que só temia os seus amigos. Um cortezão observou-lhe que devia antes receiar os inimigos. O rei respondeu:

—Enganaes-vos. Das tramas urdidas pelos meus inimigos me livro eu porque sei quem são; mas das traições dos falsos amigos não sei defender-me porque os não conheço.

Pompeu e Cicero

Pompeu molestado pelas ironias de Cicero, disse um dia:

—Desejo que Cicero se faça meu inimigo para que me tema, já que me não respeita.

Tabolas reaes

N'um serão em Versailles, Luiz XIV jogava com um marquez as tabolas reaes e sobre o resultado d'um jogo suscitaram-se graves duvidas. Os cortezãos ouviam com silencio as razões do rei e do marquez. Luiz XIV, vendo chegar o o conde de Grammont, disse-lhe mordido do despeito:

—Julgae vós, conde.

Grammont respondeu logo:

—Foi Vossa Magestade quem perdeu.

Ora essa! Como o sabes se não vistes ainda o jogo?

—Julguei pelo silencio d'estes senhores. Se Vossa Magestade tivesse um boccado de razão elles davam-lhe a razão toda.

As Termopylas

No campo da batalha das Termopylas levantaram-se tres monumentos. Um, dedicado aos confederados e tinha esta inscripção:

—Quatro mil homens das differentes cidades da Grecia combateram aqui tres milhões de médos.

No segundo, em honra dos spartanos, lia-se:

—Caminhante, annuncia a Sparta que nós morremos n'estas planicies por não desobedecer ás suas santas leis.

O terceiro foi consagrado ao adivinho Magestias, a quem Leonidas, inutilmente, convidou a retirar-se. Tinha estas palavras:

—Este tumulo encerra o adivinho Magestias, que não quiz conservar a vida quando os spartanos se resolveram a perde-la.

* * *

Sempre nos parece mais fertil a seara alheia. —*Ovidio*.

Não é pobre o que não tem nada, mas o que muito cubiça.—*S. João Chrysostomo*.

Não se deve crêr no amigo que louva, nem ao inimigo que mal diz.—*Santo Agostinho*.

TITO FLAVIO.

O Nascimento de Jesus

Quadro de E. Ravel

Reproducção de Rebello Junior

PROPRIETARIO
Joaquim Antonio Pereira Villela.

DIRECTOR
Dr. Francisco de Sousa Gomes Velloso.

EDITOR
Antonio José de Carvalho.

ADMINISTRADOR
Clemente de Campos A. Peixoto.

Illustração Catholica

Revista litteraria semanal de informação graphica

Redacção, administração e typographia
83, R. dos Martyres da Republica, 91
BRAGA

CONDIÇÕES D'ASSIGNATURA
PAGAMENTO ADEANTADO)

Portugal e colonias (1 anno) . . 2$400
» » (6 mezes) . 1$200
» » (3 mezes) . 600
Á cobrança feita pelo correio ou pelo cobrador, accresce o importe das despezas.
Estrangeiro (1 anno) . . . . . . 3$000
» (6 mezes) . . . . . 1$500
Numero avulso 60

Numero 78 Braga, 26 de dezembro de 1914 **Anno II**

ILLUSTRAÇÃO CATHOLICA

Revista litteraria semanal de informação graphica

Proprietario, Joaquim A. Pereira Villela. Director, Dr. F. de Sousa Gomes Velloso

EDITOR
Antonio José de Carvalho.

ADMINISTRADOR
Clemente de Campos A. Peixoto.

Braga, 26 de dezembro de 1914

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E TYPOGRAPHIA
83, R. dos Martyres da Republica, 91
Não se restituem os originaes

Numero 78—Anno II

O Nascimento de Christo

Quadro de Carlos Marrati

(1625—1713)

Chronica da Semana

LXXVII

Natal vermelho

O disco rubro do sol-poente, patena de oiro desbordando sangue, sob o pallio azul-esmaecido do céo, veiu poisar sobre as montanhas, como um lampadario antigo, illuminando a noite santa do Natal que passa...

E os meus labios de moço repetem tristemente: — Natal! Natal vermelho!...

Natal! festa de dôr, este anno celebrada nos campos de batalha, sobre a neve algente do inverno rude, entre os responsos barbaros do vento e o crucito bestial dos corvos!

Para lá, para lá, para as trincheiras, vallas onde, sobre o severo aço das espadas, o *lobo humano* escabuja de colera, partem, como revoada de preces, os olhares de todos nós, luzindo o brilho triste das almas a chorarem pelos que foram morrer — e não tornaram nem tornarão jamais!...

Vêde commigo: — o disco rubro do sol-poente, patena de oiro desbordando sangue, lá continúa, como um lampadario antigo, illuminando a noite santa do Natal que passa!

E assim curvada sobre a propria dôr, cobrindo a face no seu negro véo de grande tragica, a humanidade inteira ficaria condemnada a finar-se abraçada á desesperança das saudades sem fim, — se na treva a que ella chama já a sua bôa confidente, subito não se abrisse para seu conforto um lindo portico florido de corollas de oiro, e ao largo, no pendor suave das collinas, o tanger brando dos campanarios dispersos lhe não contasse, mansamente, que a morte é por excellencia a madrugada suprema, muitas vezes a resurreição das patrias, a aurora e a manhã de tudo, o Natal da eternidade!...

E' n'estas horas de drama que melhor sentimos a doçura sobrenatural e candida que nos vem da pequenina palavra Natal. E' n'estas horas em que a realidade historica nos mostra espectaculos mais tragicos do que a ficção sugere, que nós pensamos bem quanta paz christã encerram, palpitantes como vôos tremulos de pennugens ou flócos de neve cahindo nos braços d'uma cruz, aquellas duas syllabas de crystal!

Não conturbam, encorajam. Fazem esperar, soffrer e recordar.

Quando esta noite tiver desenrolado os seus longos velludos de silencio e de calma, — quantos dos que andam desafiando a morte, entre silvos de balas, não reencontrarão pela estrada branca da saudade um velho retrato de suas mães, do tempo em que ellas, junto dos seus berços, vinham accender-lhes, n'um beijo sobre a fronte, o alto cirio azul dos sonhos lindos!

Quantos não tornarão a ouvir no mysterio das suas remembranças, o sino da sua aldeia, quando a luz já andava ás apalpadellas, tontinha, no immenso palacio da noite!

Quantos não tornarão a vêr as lentas sombras dos fieis sahindo, aqui e além, de suas casas para a missa da meia noite, — e as moças do seu tempo cantando innocentes canticos que, subindo para o céo, pareciam de lá vir descendo pouco a pouco...

E depois, meus amigos, quem saberá descrever a angustia das suas preces A'quella pequenina creança que no presepio sorri, braços abertos, para o immenso desconhecido que rodeia este Natal de dôr, ensinando a paz que os homens engeitaram?!

Paz christã... Outr'ora havia uma moral da guerra e o Vigario de Jesus na terra intervinha como potencia espiritual e desinteressada para arbitrar nas luctas do mundo. Hoje, a força domina o direito e tornou-se regra dos tratados. O fragil concerto europeu substituiu a christandade.

E tudo estremece então de temor, porque tudo recorda que o *Principe da Paz* é tambem o Deus dos exercitos que purifica as nações no cadinho das guerras...

Olhae: — o disco rubro do sol-poente, patena de oiro desbordando sangue sob o pallio azul esmaecido do céo, veio poisar sobre as montanhas, como um lampadario antigo, illuminando a noite santa do Natal que passa.

Natal! Natal vermelho...

F. V.

VIDA INTENSA
(PAGINAS D'ALEM FRONTEIRAS)

(Interregno)

ESCREVER para o mundo quando nada se sabe do mundo, articular um drama, criticar um successo, desvendar um mysterio quando até nós não chega o echo longinquo do successo, o ruido do drama, a impressão do mysterio é impossivel e das duas uma:— ou se cahe no subjectivismo da lamuria pessoal, com que o mundo nada tem ou se abraça a phantasia sempre fertil e acolhedora e por ahi se vae, sonho em fôra, romantisando, sorrindo, a arrancar das recordações o que ellas tenham d'inedito e a cobrir dos sonhos, o que elles tenham de conhecido.

Ha ainda, o eterno recurso da paisagem, a melancholia eterna dos poentes, a aguarella simples e illuminada do amanhecer, a musica commovida das fontes, a voz philosophica das arvores velhas, que o vento espalha e divulga pela campina adormecida. Póde o espirito descer ao coração e ás ruas, para desenterrar um caso, resuscitar um typo, engrena-lo na dramatisação mais ou menos facil d'uma chronica, que ha de sempre faltar a nota palpitante de vida que o anime, aos olhos indifferentes da multidão.

CAMINHA — Grupo infantil de Santa Cecilia que tem executado lindos canticos religiosos na egreja matriz

(Cliché do rev. Domingos dos Anjos Amorim)

Assim, o espirito abandona-se á phantasia e com ella, subindo livre e contente, imagina o termo longinquo d'essa lucta horrorosa, que ha mezes traz a Europa afogada em sangue e o mundo alagado de inquietações, de receios... e nas azas da phantasia, enxerga distante, no horizonte incerto do destino, entre escombros de cathedraes e de cabanas, entre cadaveres e canhões inuteis, a aguia imperial esmagada, ferida, n'uma agonia theatral, mal segurando nas garras enclavinhadas d'odio, o orgulho teutonico humilhado, espesinhado, vencido!

E', afinal, a paz para o mundo ou a tregua disfarçada a açular novos interesses, a estimular nova rapina?

Sobre as ruinas d'essa nação laboriosa, que se engrandeceu, progrediu, á custa do esforço proprio, que teve talvez a velleidade embriagadora, de querer impor ao mundo o seu dominio mas que ao mundo deu, tambem, os beneficios indiscutiveis do seu progresso, as vantagens economicas do seu desenvolvimento commercial e in-

Relello Jor

dustrial, virá, emfim, a tranquillidade que se ambiciona?

Vae lograr-se, afinal, a tregua compensadora do trabalho, do desenvolvimento,— o sonho admiravel dos pacifistas—para que o mundo inteiro, descansado, desarmado, feliz, possa, livre de bellicas visões ameaçadoras, voltar-se decididamente para os seus interesses, invertendo os milhões d'explosivos e de canhões, que a sua ruina porque a morte do imperialismo allemão é o germen do triumpho do imperialismo inglez...

Pura phantasia!... Mas a phantasia ás vezes sempre tem coisas!

Paço Episcopal,
14—XII—914.

José de Faria Machado.

O PRESEPIO—Reproducção de um formoso presepio construido na officina de esculptura de Pereira d'Abreu, Filho, Successor, do Porto

visão negra da guerra absorve, para a terra, para os canaes, para as officinas?

Mas longe, longe, o espirito encantado, seduzido por este sonho admiravel, enxergou ainda, a figura sinistra, horrorosa, da guerra apavorando o futuro, porque infelizmente odienta, feroz, como o tigre traiçoeiro da fabula, ella não acalma, não cede, não desarma:—encolhe simplesmente, manhosamente, as garras.

A Allemanha triumphante, ameaçaria o mundo com o seu dominio, mas o mundo tambem não descançará um instante tranquillo com a

De longe!...

(Conto do Natal)

O pae chegára já de noite a casa. Foi uma alegria! Os dois pequenos suspenderam-se-lhe do pescoço, aos beijos e aos risos, atirando-lhe sobre os olhos, ainda feridos da luz, a revoada dos cabellos loiros.

A um canto, a avósinha, sorria, depondo a costura no largo avental de riscado azul. A esposa veio depois, faces carminadas, reentregar-lhe o beijo que elle lhe déra pela manhã, ao partir para a pesca.

Deixae-me! Deixae-me, meus filhos! que vos molhaes todos. Venho encharcado . . .

E atirando para um canto o chapéu de lona, foi despir camisola, tamancos, tudo, que afinal e com effeito chegára n'uma sôpa . . . a pôr na pequenina paisagem a nota viva das arvores em flôr . . .

E a avósinha lançava-lhes de novo a caricia branda d'aquelles sorrisos que na velhice resumbram saudade de idos tempos de outro lar, e esperanças, muitas esperanças a illuminar-lhe o poente da vida, decrescendo . . .

—Ora foi assim? não foi, avósinha?

O pae tracejou, na lingua rude dos maritimos, com interjeições frequentes a ralar-lhe a garganta irritada do fumo e da aguardente, os lances da pescaria.—Um horror! Horas e horas entre nevoeiro, um vento dos demonios, e o mar rijo. Não, hoje *elle* não anda bom nem sei como os outros lá ficáram... para apanharem tanto como isto . . .

A VESPERA DE NATAL NA BRETANHA—Emquanto a mãe prepara a ceia os pequenos collocam os soccos perto do forno esperando vê-los cheios de abundantes brinquedos

. . . A ceia do Natal findou. Durante ella, os pequenos fizeram a animação, gárrulos como pardaes recontando em gritos as brincadeiras do dia, um presepio feito de conchinhas e areia no quintal, com um boneco tôsco de porcelana a servir de Menino Jesus, e algas em tufo, todas vermelhas como sangue de rosas,

E mostrava a ponta do indicador, n'um gesto de mesquinharia.

E assim passou o tempo. Mas no fim da ceia, quando as cabecitas loiras dos pequenos começavam já de pender sobre a toalha, um grande silencio de recordações veio cahindo, e os olhos de todos perdiam-se ao alto a fitar visões acordadas, ou fechavam-se a revêr na alma as rugas que a vida lá costuma deixar como uma esteira funda, bem lavrada, sobre o longo campo glauco do mar inquieto . . .

Pelas rexas estreitas das janellas a ventania silvava e do negrume do céo e do negrume do oceano vinha um rumor bravo de litanias barbaras, ullulante, em que se distinguiam casquinadas, sussurros, e explosões de coleras gigantescas e gemidos de zimbros a retorcerem-se sobre a areia em fustigadas. Ha noites assim, horrendas, á beira-mar.

Um dos pequenos perguntou:

—Mamã, quem é que está a chorar lá fóra?

—Não é ninguem, meu filho, é o vento e o mar . . .

O vento fazia de novo ringir as vigas do tecto, como o arcaboiço d'um monstro a estalar, e ouviam-se na mysteriosa amplidão da noite funda, gritos lancinantes de gaivotas, fugindo . . .

—Mamã, na noite de Natal, o mar não devia sêr tão máu, ora não? Faz mêdo . . .

—Não tem mal, minha filha, descansa.

E o pequeno:

O vento assim estraga-me o presepio, mamã . . .

De novo o silencio pezou mais. Apenas, um murmurio de orações nos labios da avósinha.

Foi então que o pae, erguendo o busto forte, fez a surpreza.

—Sabem ? . . . Uma carta do nosso Manuel!

—O *Nél* escreveu, papá? Ora diga, ora diga, papá!—clamaram as creanças pondo-se de joelhos nas cadeiras, emquanto sua mãe enxugava uma lagrima.

E o pae começou lendo a carta. Vinha saudosa e maguada, do mar alto, a bordo do *Alcyão*, um velleiro de causar invejas aos melhores vapores. Contava os pesadêlos d'aquella vida errante de marinheiro, os longos dias de tédio quando entre nevoas densissimas, o peixe faltava, as noites de insomnia e de febre acurralado nas quatro taboas do leito no beliche sem luz, passando a noite a ouvir o marulho das vagas galgando a prôa e os brados do commandante.

Depois, vinham as perguntas, aquella cu-

ENTRE O ALMOÇO E O JANTAR—(Quadro de Marques de Oliveira)

riosa e santa impertinencia em que á saudade de quem anda longe se transfunde, inquirindo dos paes, da avósinha e dos irmãos. Que muito se tinha lembrado d'elles, dos seus irmãosinhos, e lhes havia de levar n'um dia de Natal, muitas prendas quando voltasse, já homem feito, a ajudar o seu pae velhinho, para não ter de andar dias inteiros na tortura aborrecida das pescarias . . .

E aqui terminava a carta.

De subito, o vento e a tormenta redobravam.

Por espaço de meia hora o céo pareceu abrir-se e o mar, alli ao pé, desesperava de furias, n'um rugido tremendo de pragas. Lá fóra a escuridão era completa. Apenas de vez em quando, do lado do mar, de norte a sul, desenrolava-se a renda branca das espumas no dorso negro d'uma onda, a rolar para a praia côr de cinza.

Mas dentro em breve, tudo se aquietou como por encanto. Nuvens velocissimas corriam no céo a espairecer.

—Ah! anda vêr, anda vêr, que lindo — dizia o pequeno para a irmã, quasi a cahir com somno, apontando a lua que vinha a surgir sobre o mar, desembuscando-se d'umas nuvens para logo ir contar a outras as nénias dolentes da sua melancholia espectral.

E travando do braço á irmã, levou-a, pé ante pé, ao quintal, banhado de luar.

Pararam ambos em frente do presepio.

—Olha, e se nós rezassemos ao Menino Jesus pelo nosso *Nel*? Queres ?

E muito junctos n'um só abraço, erguidas as mãos, alli começaram uma Ave-Maria áquelle Menino Deus tosco e molhado, deitado na areia, sob os tufos das algas, rubras como os seus labios.

E o mar, perto, rezava baixinho com elles pelas victimas que tragára n'aquella noite, entre quaes o *Alcyão*, aquelle velleiro de causar invejas aos melhores vapores em que Manuel andára penando saudades e acalentando esperanças de n'um dia de Natal—quando ninguem suppuzesse — vir trazer aos seus irmãosinhos lindas prendas, compradas com as primeiras moedas do seu triste labor de marinheiro ! . . .

F. D'ALMEIRIM.

MATERNIDADE—(Quadro de Roll)

RISCOS...

TARDE de inverno. O vento a silvar, a retorcer, gemendo, os zimbros sobre a areia da praia, e na penedia barbara, o mar precipitando-se, n'um arranco de assaltante, a uivar... Longamente, a distancia, pelas rexas do céo plumbeo côam-se fios rubros de sol ensanguentado, e sobre o rumor gigante e surdo das vagas inquietas, rasga

o cinzento plumbeo do céo, a dilacerante angustia dos gritos das gaivotas...

Tarde de inverno. Por aqui, por além desgrenham-se cabelleiras d'algas, como se um corpo de mulher da alvura dos frouxeis d'espuma, estivesse mergulhado n'agua e deixasse seccar as tranças, verde-glauco, no *boudoir* immenso das areias limpas e enxutas!...

Fitei de repente os lendarios castellos da penedia—furias do mar enrijescidas—e vi um vulto sentado. Um velho. Os velhos é que sabem conversar com o mar, e o mar ouve-os tão bem!...

Tinha um rude perfil de nauta invalidado para os combates titanicos das viagens sem fim, e para as interminaveis horas das pescarias. Olhos pequenos de golfinho luzindo um brilho d'escamas ao sol.

Entre a curva do nariz, e o queixo abafado por uma estriga de barbicacho rareado, um traço voluntarioso dominava...

As sombras adensam-se, desenrolam-se tristemente, lugubremente, na abobada baixa do céo... Já das bandas do mar tudo é negrume, riscado apenas de lado a lado, pela fita alvacenta das espumas, aljofrando a praia côr de cinza.

Tangem de terra, na encosta longinqua, badaladas longas como a eternidade. Ouve-se uma voz a cantar maguada, a distancia, a elegiaca saudade pelos que foram e não tornaram mais...

Faz-se um grande silencio... O mar reza recolhido, talvez pelas creanças que morreram afogadas e dormem n'um bercinho de oiro nos esplendidos palacios do seu profundo seio.

O mar é um cemiterio. Quando ha luar as almas das creanças afogadas, vêm á flôr das espumas, rebrilhando de prata, para fitarem as estrellas do céo que as está chamando...

—Que faz além aquelle velho? perguntei a uma rapariguinha que recolhia as rédes...

—Chora, senhor, morreu-lhe hontem um filhinho de seis annos.

FRANZ.

MARGENS DO RIO VIZELLA—(Quadro de Marques d'Oliveira)

A Vida do jornaleiro

(Continuado do n.º 75)

COMO elle, porém, era rapaz de feição, tratavel e sobretudo honesto, os lavradores davam-lhe durante os tres mezes de inverno as cabras a guardar. Mas, que miseravel renda a que elle cobrava por este officio nada convidativo nem agradavel de pegureiro! Dois vintens seccos, com a aggravante de estar todo o santo dia apartado das suas duas creancinhas!

Nos primeiros dias de novembro João sentia-se vencido. Eram estreitos demais seus hombros para similhante carga. Via-se na necessidade de arreiar, de lhe tirar ao pezo, pelo menos. Não havia pão, não havia sequer couves para o caldo. Não o fascinava a ideia de roubar, que o roubar é peccado.

Que fazer, pois?

Velava por elle a amorosa Providencia.

De tão triste que andava, o rosto ia-se-lhe escaveirando, os olhos indicavam soffrer, e lagrimas como punhos lhe rolavam pela face; as barbas por fazer, mal tratado de roupa, e sem meias...

BRAGA—Um aspecto da ornamentação do salão nobre da Juventude Catholica para a festa em honra da Virgem no dia 8 de dezembro

Almas cynicas, que sempre as ha, e por vezes são bom instrumento em mãos de Deus, fizeram correr pelo sitio a ballela de que o João tambem andava com suas traças de abalar para o Brazil, mettendo os filhios na roda, e deixando a tia ao Deus-dará.

BRAGA—O altar da Virgem na festividade realisada no dia 8 do corrente na capella de Santa Thereza

—Pobre do homem! — exclamou uma das linguareiras. Parece que nem come pão nem farinha.

—Não sei, replicava outra, como elle tem coragem de deixar a tia, que tanto o apaparicou e lhe fez bem em pequeno.

—Ora o que a visinha pensa! Isto gente nova, mal se vê servida o que quer é liberdade, e fazer o que elles quizerem.

Se a grammatica d'estes paleios soffria tratos, não menos lesada ficava a caridade. Nunca João sonhara em debandar, atirar com os filhos para a roda, e metter-se de viagem para o Brazil. Não era tão sem coração como o faziam as más linguas.

Mas o falso testemunho, aliás desculpavel, teve seus dares de boa acção, porque echoou por toda a aldeia, e na aldeia ainda reverdecia a mimosa flôr da caridade, e ainda corações palpitavam de santos e pundonorosos sentimentos.

*

—Pois é o que lhe digo, sr. Gervasio. O homem anda que parece tirado d'uma cova. Nem que lhe botassem mau olhado.

—Ora, rapariga, que queres tu que eu lhe faça? Que se arranje.

—Coitado! A uns guarda-os Deus, a outros manda-os guardar.

Pomos a cabeça n'um cepo em como esta é uma parte do dialogo que a velha creada do sr. Gervasio, que elle por piada e gracejo chamava rapariga, abriu e manteve com certo brilho oratorio, diga-se a verdade, com o dito sr. Gervasio.

O que eu não disse, mas o leitor é capaz de advinhar, é que o dialogo reatou-se n'outras occasiões; e tanto a creada bateu na bigorna, que

o João foi um dia chamado ao quarto do sr. Gervasio.

—Dizem-me que te appareceu feitiço?—disse-lhe logo á queima-roupa.

—Oh! senhor Gervasio!—soluçou o infeliz.

Conselheiro Manuel Ignacio d'Amorim Novaes Leite, antigo governador civil de Braga e proprietario da Casa da Quinta, em Barcellos, com sua ex.ma esposa

—Mas dize-me cá: que fazes tu ao que ganhas?

—O que ganho?

—Sim. Mais ou menos, tu fazes todos dias alguma coisa.

Ora a grande coisa! Vou co'as rezes, e ganho um pataco por dia; e isto para quatro boccas não chega a meia missa.

—Pois bem. A Euphrasia tanto me martellou pr'ahi o bicho do ouvido a teu respeito, que estou resolvido a metter-te cá, agora durante o inverno.

— Muito obrigado, sr. Gervasio. Mas será serviço que eu saiba fazer?

— Cortar o bagaço e refinar a aguardente. Depois tambem é preciso *arreloar* umas carvalhas...

—Sim senhor: sim, senhor. Como a senhora minha tia vae ficar contente!

—E tu queres ganhar muito?

—Oh! patrão! Isso é lá o que vossa senhoria me quizer dar.

—Então vae pr'a casa, e vem já ámanhã de madrugada, ouviste?

—Cá me terá, e muito obrigado.

O sr. Gervasio era bom, apezar dos seus repentes e das suas facecias, que por vezes acirravam a *bilis* d'aquelles a quem as endereçava.

João deu-se admiravelmente com o seu novo modo de vida e o patrão dava-lhe licença de ir todas as noites ver os filhinhos, e os dias santos até os passava com elles desde pela manhã até á noite. Era feliz; uma coisa porém tinha, por assim dizer, atrancada no coração: — era não receber carta nem noticia do tio, do Brazil. — Aquillo, dizia comsigo, não fez caso da gente, porque se acha bem e não lhe falta nada. Se elle soubesse o que é ser pobre... não fazia assim, não.—E este pensamento aviva-se mais quando via a tia, quando abraçava os filhos... até houve occasiões em que chorou apertando o mais velho, que era afilhado do ingrato *brazileiro*. Mesmo, porém, n'estas lagrimas era feliz, porque ao menos tinha a certeza de que aos filhos não faltava nada, nem pão, nem roupa, nem feijões nem couves para o caldo de todos os dias.

Um dia deram no sr. Gervasio uns ataques, mais fortes, de figado, doença que trazia desde os trinta annos. Passou-se ao Gerez, mas foi aquella a ultima cura d'aguas que elle fez ao combalido e gangrenado figado. Alli mesmo, em meio d'aquella agreste serrania, lhe entoaram o derradeiro *de profundis*.

(Continúa)

S. Azevedo.

Sala de inverno da Casa da Quinta

BARCELLOS — Escriptorio e Sala de jantar da Casa da Quinta.

(Clichés do dist. phot. snr. A. Soucasaux)

A TUNA ACADEMICA DE COIMBRA em BRAGA

Visitou ha dias esta cidade a excellente Tuna Academica da Universidade de Coimbra que veio dar um espectaculo de caridade em beneficio de estudantes pobres. Teve uma recepção muito affectuosa.

Alberto Cruz

Presidente da Assembleia Geral e delegado da Tuna Academica em Braga

Alberto F. Carreira

Secretario da Direcção

Sebastião Pereira

Um dos delegados da Tuna Academica

A Tuna Academica

POEMAS PEQUENINOS

No dia da Immaculada Conceição

(Anno tragico de 1914)

Como o sol que n'um vidro da janella
Entra e sahe com o mesmo puro brilho,
Assim Deus no teu seio se revella,
E géra um outro sol, géra teu Filho.

E' o pastor que a ovelhinha leva ao trilho!
Nunca apaga a candeia que inda vela!
Nunca pisa a folhinha que amarella!
Jamais quebra canninha que tem milho!

Nem a pisou o humilde e a flor caída!...
Mas no emtanto, ó Mãe doce e enternecida,
Morto viste o teu filho, ó dor cruel...

E agora no *actual massacre*, enxuto
Não fica o rosto teu. Trajas de luto
—Ah, sorri hoje, ó palida Rachel!...

A VIRGEM DO PRESEPIO

Entre as glorias das nuvens triumphaes,
Tu que adoras a Virgem n'um retabulo,
Vê-a agora n'um pobre e velho estabulo,
Entre as aves e humildes animaes.

Não se encontram alli pompas reaes,
Mas só algum cajado, algum venabulo,
A vacca e a jumentinha no seu pabulo,
Brancas pombas noivando nos beiraes.

O' Rainha das valsas *do bom tom*
Que no throno imperaes do *cotillon*
ou do *tango* e que odiaes coisas mesquinhas...

Vinde ver como a Virgem, sorridente,
Compõe um berço perfumado e quente,
Com simples flores, com triviaes palhinhas!

Cascaes, 19-12-1914 *Gomes Leal.*

A "Illustração Catholica„ no Brazil

RIO DE JANEIRO — Um trecho da Avenida Central. Vendo-se os edificios da Bibliotheca Nacional, Supremo Tribunal Federal e o Club Militar

VALENÇA (Estado do Rio) — Praça do Dr. Paulo Frontin

(Clichés do snr. José Carvalho, phot. do «Jornal do Commercio»)

A Guerra Europeia

Fachada principal e torre da Camara Municipal de Ypres, uma das principaes glorias da architectura belga

O edificio da Camara Municipal de Ypres incendiado depois do bombardeamento feito pelos allemães

Anecdotas historicas

Ditos e pensamentos

Violar a lei

A salvação da patria, ameaçada de inimigos fortes e implacaveis, obrigou os lacedemonios a violar a lei fundamental.

O rei Agesilau deu esta satisfação ao povo inquieto:

—Hoje durma a lei e amanhã torne a vigorar.

E, Cicero, accusado no Senado de haver desprezado a lei, respondeu:

—Se offendi a lei foi para salvar a republica.

Soldado covarde

O famoso D. Luiz de Athayde, conde de Athouguia e vice-rei da India, não consentiu que lhe beijasse a mão um soldado que se escondera quando os mais combatiam.

—Tirae-vos lá, ide beijar a vossa mãe.

Testamento novo

Quiz uma senhora de muitos haveres, desenganada dos medicos, confessar-se ao padre Jeronymo Ribeiro, tido na Companhia de Jesus por varão douto.

Ao abeirar-se do leito perguntou o jesuita á moribunda se já tinha feito testamento.

—Sim, meu padre, e deixo todos os meus bens á Companhia.

Sabia o confessor que ella tinha irmãs pobres e persuadiu-a a fazer outro testamento, legando toda a fazenda aos parentes que viviam humildemente. Perguntou alguem ao padre Ribeiro porque dera semelhante conselho, que privou a Companhia de Jesus d'um grande legado, e elle respondeu:

—Porque entendi que aquella mulher se não podia salvar no Testamento velho, mas sim no Testamento novo.

Os grandes

Sancho de Souza dizia dos grandes:

Dae-os ao demo, que são
Agua de São João,
Que tira vinho
E não dá pão.

Lord Palmerston

A proposito d'uns festejos que se realizavam na cidade de Londres, um deputado perguntou a lord Palmerston, se todos os habitantes eram obrigados a pôr luminarias. O ministro respondeu:

—Cada um é senhor de fazer o que lhe dictarem as suas sympathias, ou antipathias, mas é muito provavel que os vidraceiros e vendedores de lanternas excitem a populaça a quebrar as vidraças das casas que não estiverem illuminadas.

Marquez del Carpio

O marquez del Carpio, vice-rei de Napoles, estando um dia n'uma egreja de Madrid, offereceu agua benta a uma dama que em mão muito feia trazia uma rica pulseira de brilhantes. E, como mais galanteador, disse-lhe:

—Antes queria a algema do que a mão.

A dama, pegando n'um colar que o marquez trazia ao pescoço, respondeu promptamente:

—E eu antes queria o cabresto que o dono.

* * *

E' melhor dar sentença entre dois inimigos do que entre dois amigos, porque no primeiro caso ganha-se um amigo e no segundo ganha-se um inimigo.—*Braz*

O varão discreto deve guardar esta regra para si: "O meu segredo só para mim„ — *S. Bernardo.*

A honra da mulher comparo eu á conta de algarismos: tanta erra quem errou em um como quem errou em mil. Façam as honradas boas contas, que acharão esta conta certa. — *D. Francisco Manuel de Mello.*

De quatro mães muito formosas nascem quatro filhas muito feias: da verdade nasce o odio, da prosperidade a soberba, da familiaridade o desprezo, da segurança o perigo. — *Periandro.*

TITO FLAVIO.